UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

Valéria Sabrina Pereira

Orquestrando Ecos do Passado

Walter Kempowski e *Das Echolot*

Versão corrigida

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

Orquestrando Ecos do Passado

Walter Kempowski e *Das Echolot*

Versão corrigida

De acordo:

Valéria Sabrina Pereira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Celeste Henriques Marquês Ribeiro de Souza

São Paulo
2011

Esta tese recebeu auxílio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e do DAAD (Deustcher Akademischer Austausch Dienst).

O texto foi revisado por Ana Cecília Água de Melo.

Agradecimentos:

À Celeste Ribeiro, por estar preparada a ajudar quando foi necessário.

À Simone Neteler, pela entrevista e pelo tratamento atencioso.

À banca de qualificação, Juliana Perez e Jorge de Almeida, que me deu dicas importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Helmut Galle, por todo o auxílio com o trabalho e pelo companheirismo.

À galera dos desabafos, das cervejas e das boas risadas: Claire Parot, Elisandra Pedro, Patricia Dávalos, Sylvia Tamie Anan, Angélica Barros, Dani Gallindo, Lucia Sano, Angela Gennari e Edinéia Fortini.

Resumo

De 1993 a 2004, Walter Kempowski publicou uma série em dez volumes intitulada *Das Echolot. Ein Kollektives Tagebuch*. (A ecossonda. Um diário coletivo) Nessa obra, Kempowski procurou retratar alguns dos episódios principais da Segunda Guerra Mundial através da apresentação de documentos redigidos, em sua grande maioria, na época dos acontecimentos: diários, cartas, memórias, discursos ou programas de rádio. Esses documentos foram ordenados de acordo com o dia no qual foram escritos, compondo um grande "diário coletivo" que retrata os acontecimentos de uma perspectiva abrangente e multiforme. Nesta tese, o volume *Barbarossa '41*, que narra a invasão da URSS em 1941, foi tomado como exemplo para questionar o papel do autor nessa montagem monumental de citações que, à primeira vista, parece reduzir-se à organização formal dos documentos. Para analisar a forma como se estabelece o significado dos elementos organizados no livro observou-se 1) a própria estruturação do livro, 2) as citações de algumas das principais personagens, que podem ser consideradas como exemplares e 3) a sequência interna de dois "dias" completos do diário. As citações das personagens exemplares foram comparadas com os documentos originais de onde foram extraídas, buscando-se identificar as intenções que guiaram o autor na seleção e no recorte dos textos. O resultado dessa pesquisa indica que o papel do autor na constituição do sentido da "narrativa" nascida da conexão dos fragmentos é decisivo. Com uma outra seleção e um outro recorte, as personagens deixariam uma impressão diferente no leitor. Também foi confirmado que a organização específica do material criou um panorama da Segunda Guerra que se deve às intenções do autor, ainda que esse fato permaneça, em grande parte, despercebido pelo leitor.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; montagem; representação literária da história.

Abstract

From 1993 to 2004, Walter Kempowski published a sequence of ten books named *Das Echolot. Ein Kollektives Tagebuch*. (The Echo Sounder. A collective diary.) In these books, Kempowski aims to depict main episodes of the Second World War by presenting documents written mostly while the events took place: diaries, letters, memories, speeches or radio programs. Those documents were sorted according to the day they were written, and so they composed a great "collective diary" which depicts the events in a comprehensive and multifaceted perspective. In this thesis, the volume *Barbarossa '41*, which narrates the invasion of the USSR in 1941, was taken as an example to question the role of the author in this monumental montage of quotations that, at the first sight, seems to be just a formal organization of documents. In order to determinate how the meaning of the elements organized in the book gets established, the following items were observed: 1) the own structure of the book, 2) the quotations of some of the main figures that can be considered as exemplary and 3) the internal sequence in two whole "days" of the diary. The quotations of the exemplary characters were compared with the original documents, in order to identify the intentions that guided the author in the selection of the texts and the excerpts that would be published. The result of this research indicates that the role of the author in the constitution of the sense of the "narrative" which comes from the connection of the fragments is crucial. With another selection of texts and excerpts, the characters would leave a different impression on the reader; it was also confirmed that the specific organization of the material has created a panorama of the Second World War that is due to the intentions of the author, even if this fact remains mostly unnoticed by the reader.

Key-words: Second World War; montage; literary representation of history.

Zusammenfassung

Von 1993 bis 2004 veröffentlichte Walter Kempowski einen Buchzyklus in zehn Bänden, den er *Das Echolot. Ein Kollektives Tagebuch* nannte. In diesen Büchern versuchte Kempowski die wichtigsten Episoden des Zweiten Weltkriegs anhand von Dokumenten aus der Zeit darzustellen: Tagebücher, Briefe, Memoiren und Radiosendungen. Diese Dokumente wurden nach dem Datum sortiert, und bilden so sie ein großes "kollektives Tagebuch", das die Ereignisse in einer breiten und vielseitigen Perspektive darbietet. In dieser Dissertation wurde der Band *Barbarossa '41*, der den Überfall auf die Sowjetunion erzählt, als Beispiel genommen, um die Rolle des Autors in dieser monumentalen Zitatmontage zu verstehen, die sich auf den ersten Blick auf die rein formale Organisation des Dokumentenmaterials zu beschränken scheint. Um die Bedeutung der im Buch organisierten Elemente zu untersuchen, wurden die folgenden Aspekte berücksichtigt: 1) die eigentliche formale Struktur des Buches, 2) die Zitate von einigen der "Hauptfiguren", die als typisch für die gesamte Handlung gelten können und 3) die innere Struktur von zwei kompletten "Tagen". Die Zitate der Beispielfiguren wurden mit den originalen Dokumenten, aus denen sie entnommen wurden, verglichen, und auf diesem Wege versucht, die Absicht des Autors bei der Auswahl und und dem Zuschnitt der Texte zu identifizieren. Das Ergebnis dieser Untersuchung zeigt, dass die Rolle des Autors bei der Konstitution von Bedeutung dieser aus der Verbindung von Fragmenten geborenen "Erzählung" entscheidend ist. Mit einer anderen Auswahl und einem anderen Zuschnitt, würde die Figuren einen anderen Eindruck bei den Lesern hinterlassen. Es wurde auch bestätigt, dass die spezifische Organisation des Materials ein Panorama des Zweiten Weltkrieges erstellt, das den Absichten des Autors entspricht, obwohl der Leser diese Tatsache kaum bemerkt.

Stichwörter: Zweiter Weltkrieg; Montage; literarische Darstellung der Geschichte.

Sumário

Introdução..... 11
Parte I
I.1. Memória coletiva..... 18
I.1.1. A Memória Coletiva..... 18
I.1.2. Memória Coletiva e Literatura..... 20
I.1.3. Sobre a representação de personagens típicas da Segunda Guerra na memória coletiva..... 22
I.1.4. Representações literárias da Segunda Guerra..... 26
I.2. História..... 34
I.2.1. A Operação Barbarossa..... 34
I.2.2. A Narratividade da História..... 38
I.3. Predecessor e Sucessor – Obras que se assemelham a *Das Echolot*..... 42
I.3.1. *Passagens*..... 42
I.3.2. *Human Smoke*..... 45
I.4. Gênero literário..... 49
I.4.1. Os fragmentos..... 49
I.4.2. O "diário coletivo"..... 55
I.5. Montagem e Colagem 61
I.6. Reconstituição da gênese de *Das Echolot*..... 74
Parte II
II.1. Composição e Estrutura..... 80
II.1.1. Fase pré-redacional..... 80
II.1.2. *Das Echolot '43*..... 83
II.1.3. *Das Echolot. Fuga Furiosa*..... 89
II.1.4. *Das Echolot. Barbarossa '41*..... 92
II.1.4.1. O Prefácio..... 93
II.1.4.2. As fotografias..... 95
II.1.4.3. Os "dias"..... 99
II.1.4.4. Zwischentext..... 104
II.1.4.5. Sobre a mobilidade das estruturas dentro de cada dia..... 107
II.1.4.5.1. Vozes de artistas e intelectuais fora da zona de conflito..... 107

II.1.4.5.2. Os asteriscos..... 109
II.1.4.5.3. Vozes do Holocausto..... 111
II.1.4.5.4. Grupo central..... 114
II.1.4.5.5. “Dias” marginais..... 117
II.1.5. *Das Echolot. Abgesang ’45*..... 117
II.1.6. Desenvolvimento de *Das Echolot* e considerações sobre
o possível diálogo com a obra do autor..... 119
II.1.6.1. As quatro fases de *Das Echolot*..... 119
II.1.6.2. *Culpa* e os diários do autor..... 121
II.1.6.3. Ironia e choque em *Das Echolot*..... 123
II.2. Personagens típicas..... 128
II.2.1. Personagens típicas da Segunda Guerra no final do século XX..... 128
II.2.2. Personagens em *Das Echolot. Barbarossa ’41*..... 130
II.2.2.1. Resistência..... 133
II.2.2.1.1. Helmuth James von Moltke..... 134
II.2.2.1.2. Os irmãos Hans e Sophie Scholl…….…. 141
II.2.2.1.3. Ulrich von Hassell…… 145
II.2.2.2. Civis alemães..... 149
II.2.2.2.1. Grete Dölker-Rehder..... 149
II.2.2.2.2. Hilde e Franz Wieschenberg……...…….. 161
II.2.2.2.3. Marianne Sperl..... 169
II.2.2.3. Perpetradores..... 173
II.2.2.3.1. Helmut N. ……..... 174
II.2.2.3.2. Dr. Hermann Türk……..…….. 179
II.2.2.3.3. Dr. Willi Lindenbach……..……... 187
II.2.2.3.4. Reinhold Pabel……..…… 192
II.2.2.3.5. Erich Kuby……..….. 198
II.2.2.3.6. Wolfgang Buff……..……. 202
II.2.2.3.7. Ernst-Günter Merten…….. 297
II.2.2.3.8. Georg Kreuter……...…. 221
II.2.2.3.9. Schöne Zeiten / Felix Landau……...…… 228
II.2.2.4. Vítimas (Leningrado)..... 242
II.2.2.4.1. Jura Rjabinkin..... 243
II.2.2.4.2. Pjotr Samarin..... 247

II.2.2.4.3. Lidija Ochapkina..... 250
II.2.2.5. Vítimas (perseguição aos judeus)..... 255
II.2.2.5.1. Jochen Klepper…….…. 256
II.2.2.5.2. Victor Klemperer……..…. 264
II.2.2.5.3. Adam Czerniaków..... 269
II.2.3. Considerações..... 273
II.3. Orquestração – Análise dos "dias" 21 de junho e 7 de dezembro..... 280
II.3.1. 21 de junho..... 281
II.3.2. 7 de dezembro..... 293
II.3.3. Considerações……..…… 309
II.4. Conclusão..... 311
Anexos
Entrevista com Simone Neteler (original)..... 315
Entrevista com Simone Neteler (tradução)..... 327
Tradução do "dia" 21 de junho..... 339
Tradução do "dia" 7 de dezembro..... 347
Figuras..... 369
Bibliografia..... 380

Introdução

Em 1993, Walter Kempowski lançou a primeira parte de seu ambicioso projeto, *Das Echolot – Ein kollektives Tagebuch* (A Ecossonda – Um diário coletivo). Esse "diário coletivo" da Segunda Guerra Mundial é uma montagem de documentos como cartas, diários, notícias ou discursos escritos na época, os quais foram produzidos por diferentes pessoas, de intelectuais no exílio e políticos até soldados que se encontravam no *front* e civis tanto da Alemanha quanto da União Soviética. No livro, a voz do narrador não se faz presente; o autor só pode ser identificado na estrutura, no recorte que se faz dos documentos e na montagem dos mesmos. A obra não se atém apenas à guerra propriamente dita, mas também apresenta de forma ampla a vida cotidiana daqueles que viveram essa época. Os meses de janeiro e fevereiro de 1943 e a derrota sofrida pela Alemanha nazista em Stalingrado são apresentados nos primeiros quatro volumes.

Nos anos que se seguiram, Kempowski lançou mais três partes de seu projeto, concluindo-o em 2005. Em 1999, foi publicada a segunda parte, *Das Echolot – Fuga furiosa*, que relata, também em quatro tomos, a fuga dos alemães durante os meses de janeiro e fevereiro de 1945, quando os soldados soviéticos tomam a parte oriental da Alemanha. Em 2002, surge *Das Echolot – Barbarossa '41*. O tema desse livro é a operação "Barbarossa", a invasão da União Soviética pela Alemanha em 1941. E a obra chega ao fim com a publicação de *Das Echolot – Abgesang '45* (A Ecossonda – Epílogo '45[1]), que abrange o período de 20 de abril, aniversário de Hitler, ao início de maio de 1945, final da guerra, dando, pela primeira vez, uma ênfase maior aos políticos e principais agentes, e não a soldados desconhecidos.

Por ser uma obra demasiadamente extensa, frequentemente nomeada pela crítica alemã como "*Mammutwerk"* (obra mamute), não vou me ocupar de *Das Echolot* como um todo, mas apenas de um de seus livros, *Das Echolot – Barbarossa '41*. Embora este não seja o primeiro volume da série, ele é o primeiro da cronologia histórica e, sendo o terceiro a ser publicado, pode apresentar um certo amadurecimento no processo de composição desenvolvido por Kempowski. Como veremos mais adiante, esse volume seria considerado pelo próprio autor, a despeito da ordem de lançamento, como o primeiro da série. Cada um dos livros tem características próprias no que diz respeito a determinadas técnicas de estruturação, mas é possível observar o amadurecimento de algumas delas até a chegada de *Barbarossa '41*. O volume final, *Abgesang*, tem características próprias não apenas no que diz respeito a sua estrutura, mas também por se ocupar de um momento mais específico da guerra do que os

[1] Tradução livre. Ver comentário em *II.1.5.* Das Echolot. Abgensang '45.

outros tomos. *Abgesang* não trata tanto de uma progressão da batalha, mas do desenrolar dos últimos dias, o que faz com que o livro adquira ares diferentes dos outros e as "personagens" principais também não sejam as mesmas (nas características que as definem). Estes foram os fatores que determinaram a escolha do nono volume da obra como assunto a ser tratado nesta tese.

A ideia que geraria *Das Echolot* data do ano de 1978, quando o autor começou a ponderar sobre a possibilidade de um arquivo de biografias não publicadas. O projeto foi posto em prática em 1980, quando ele veiculou anúncios em jornais, procurando por fotos, diários e autobiografias não publicados e datados até o ano de 1950. Mais adiante ele limitaria os documentos ao período de 1900 a 1950 e conjuntos de cartas também passaram a ser recebidos pelo autor. Quando os anúncios foram publicados, Kempowski já era conhecido do grande público por causa de sua obra, mas em grande parte também devido aos bem-sucedidos filmes para a TV, *Tadellöser & Wolff*, de 1975, e *Ein Kapitel für sich*, de 1978, baseados em seus livros autobiográficos. Era sabido que Kempowski fazia uso de citações de entrevistas e documentos de familiares para a composição de seus livros e o arquivo logo recebeu doações, muitas de leitores que criam que seu trabalho dependia disso. Mas nem todo o material foi entregue sem custos. As autobiografias praticamente sempre chegavam sem que se reclamasse dinheiro por elas, enquanto pelas fotografias costumava-se pedir altas quantias (cf. KEMPOWSKI, 2005: 58). Em 1985, Kempowski já havia gasto aproximadamente 300.000,00 marcos alemães com o arquivo (cf. *ibidem*: 69).

Em 1988, a ideia de *Das Echolot* toma forma. Inicialmente, ele deveria ser composto apenas pelos documentos que se encontravam no arquivo. Kempowski procurava um meio de dar voz a todos aqueles relatos, mas acabou por decidir que outros documentos já publicados deveriam ser incluídos para que uma noção abrangente da guerra fosse possível (cf. *ibidem*: 128). Em uma primeira leitura, pode-se ter a impressão de que os fragmentos não publicados constituem um grupo menor, mas uma observação mais acurada demonstra que, mesmo que o número de fragmentos do arquivo de Kempowski não chegue à metade do total, os documentos que não são de conhecimento ou fácil acesso para o grande público representam a maioria. Partindo apenas do registro no final de *Das Echolot – Barbarossa '41*, verifica-se que ele conta com 260 fontes, das quais cerca de 140 são de seu arquivo pessoal. Quando observada nos "dias", a proporção de fragmentos do arquivo costuma ser de um terço ou pouco menos de metade do total. Mas esses cálculos não consideram outros fatores relevantes: Os relatos russos de maior impacto também não tinham sido anteriormente publicados, eles fazem parte de diferentes arquivos de São Petersburgo, aos quais Kempowski

só teve acesso graças à ajuda de Anatoli Philippowitsch Platitsyn, que os traduziu e enviou para o autor. São textos aos quais o público alemão dificilmente teria qualquer tipo de acesso. Outro fator é que muitos dos livros publicados são na verdade de tiragem extremamente limitada, lançados de forma independente por familiares que desejavam manter viva a memória do ente morto, como é o caso dos livros de Helmut N. e Wolfgang Buff. Devido ao esforço desses parentes, não se pode incluí-los no grupo de biografias não publicadas, mas a distribuição é tão limitada que estas são memórias que estariam fadadas a ser esquecidas. Com base nesses dados, pode-se afirmar que *Das Echolot* é sim um livro que diz respeito aos "anônimos", mas que vem pontuado por vozes famosas que auxiliam na "narração da guerra" e evitam que haja nela uma proliferação de pontos cegos.

O trabalho com o arquivo de biografias não publicadas continuou por anos a fio, mesmo depois do lançamento de *Das Echolot*. Em 2005, o arquivo foi vendido, juntamente com documentos do processo de criação de Kempowski, para a Akademie der Künste de Berlim, que continuou coletando biografias, já com outro enfoque (a pedido do autor), agora os imigrantes a partir de 1950. Infelizmente, esse trabalho foi interrompido após a morte de Walter Kempowski, em outubro de 2007, mas a sua mulher, Hildegard Kempowski, continua recebendo materiais do tipo em sua casa até hoje.

Com o auxílio do DAAD, pude ter acesso ao arquivo de biografias e ao arquivo do autor na Akademie der Künste em 2010. Também tive a oportunidade de encontrar a ex-assistente de Kempowski, Simone Neteler, que auxiliou na organização do arquivo de biografias e nos primeiros oito volumes de *Das Echolot*. A conversa que tive com ela encontra-se como anexo no final da tese.

Das Echolot foi um dos primeiros livros (que alcançou reconhecimento da crítica literária e atingiu um bom número de leitores) que não apresentou os alemães apenas como perpetradores, mas também como vítimas de diversas consequências da guerra. Ao introduzir soldados e civis alemães também no papel de vítimas, Kempowski não tem por intuito eximir o povo alemão de culpa, chegando a afirmar que "Meine ganze Arbeit zielt darauf ab, unsere Schuld aufzuzeigen."[2] (MICHAELSEN, 2007: sem paginação). Mas ele permite que o leitor faça uma aproximação humana dos envolvidos, afastando-se da forma maniqueísta como os agentes da Segunda Guerra são comumente tratados. Em vez de apresentar o grupo dos bons e o grupo dos maus, ele deixa que os autores se apresentem em sua dubiedade, o que ele

[2] "Todo o meu trabalho tem o objetivo de evidenciar a nossa culpa." (Todas as traduções da tese são de minha autoria, V.S.P.)

explicita no prefácio do primeiro livro da série: "Den Guten, die auch immer ein wenig böse sind, und den Bösen, die auch von einer Mutter geboren wurden, habe ich zugehört, und ich habe ihre Texte zu einem Dialog formiert."[3] (KEMPOWSKI, 1993: 7). Kempowski não se limita a textos do povo alemão, mas deixa que representantes dos principais grupos e nações atingidos tenham seu espaço, apresentando ao leitor um panorama abrangente da guerra.

Kempowski se sentiu pouco compreendido pela crítica ao longo da carreira, mas finalmente alcançou reconhecimento literário (além do reconhecimento que já tinha por um grande número de leitores) após a publicação de *Das Echolot*, o que, contudo, não fez com que a sua obra fosse amplamente analisada. Isso aborreceu o autor, como ele deixou expresso um ano antes de sua morte, em 2007, em resposta a um jornalista que afirmou que ele era um autor de *best-sellers*: "Schön wär's. Diese hermetische Eingeschlossenheit – daß es zum Beispiel nur drei Dissertationen über mein gesamtes Werk gibt. Ich habe fünfunddreißig Bücher geschrieben und das ist das ganze Echo auf mein Werk: in Tasmanien, Kairo und Amerika."[4] (HINTERMEIER, 2006: sem paginação)

Das teses citadas pelo autor, apenas a americana, redigida por Carla Damiano, é referente a *Das Echolot*.[5] Entretanto, a tese está longe de abranger toda a obra, não apenas porque se concentra nos primeiros quatro volumes, mas também porque Damiano, ao examinar trechos de *Das Echolot*, limita-se a analisar o conteúdo do documento em si, separado do contexto no qual foi introduzido, não levando em consideração o livro como um todo. Para que a função de Kempowski como coletor e organizador possa ser compreendida é vital que os textos sejam encarados em seu contexto dentro do livro, até mesmo porque nenhum deles foi escrito pelo próprio Kempowski.

Das Echolot marca uma virada na carreira de Kempowski. À parte as altas cifras de vendas, o autor foi celebrado por sua obra e seu arquivo de autobiografias não publicadas quando a Akademie der Künste de Berlim adquiriu esse material, tornando sua consulta mais fácil, e laureado no ano de sua morte. A coincidência com o momento de transição pelo qual passava (e ainda passa) a memória coletiva sobre a Segunda Guerra pode ser uma explicação para isso. Nesse momento, os alemães e suas experiências, os sentimentos dos soldados que se

[3] "Eu ouvi os bons, que também são um pouco maus, e os maus, que também nasceram de uma mãe, e de seus textos formei um diálogo."
[4] "Seria bom. Esse trancafiamento hermético – que só existem três teses sobre toda a minha obra. Eu escrevi trinta e cinco livros e esse é todo o eco da minha obra: na Tasmânia, no Cairo e na América."
[5] Aos poucos, começam a surgir mais trabalhos sobre a obra de Kempowski. Em 2009 foi realizado o primeiro congresso internacional sobre Walter Kempowski, em Rostock. Os anais do congresso foram organizados por Lutz Hagestedt e publicados em 2010; cinco de seus artigos foram dedicados a *Das Echolot*. Também no ano de 2010, Claire Parot de Souza defendeu na Universidade de São Paulo uma dissertação de mestrado que compara *Das Echolot* com *Wo warst du Adam?* de Heinrich Böll.

confrontam pela primeira vez com a realidade da guerra e o sofrimento das mulheres que tiveram de fugir dos soviéticos em 1945 estão no centro das representações.

Esta tese tem em vista determinar e interpretar o método de composição de Kempowski em *Das Echolot – Barbarossa '41*. Essa análise acontecerá em dois momentos distintos. Na primeira parte, a composição será discutida no que se refere ao seu formato externo, isto é, a técnica utilizada e o modo como esse "diário" é percebido pelo leitor como gênero (*I.5. Montagem e Colagem*). Na segunda parte, será feita a análise sistemática do material selecionado por Kempowski para o livro, no intuito de evidenciar que fatores foram levados em consideração no agrupamento dos textos e composição da obra e tornar latente o efeito que o autor pretendia criar em seus leitores. Deve-se observar qual imagem de perpetrador, vítima e civil é oferecida ao leitor, se há a predominância de determinadas figuras ou se Kempowski se ampara em um estereótipo recorrente. A ordem dos documentos deve ser analisada para que se determine como ela modera a compreensão e o julgamento que o leitor faz dos textos individuais e de seus autores, como Kempowski conduz o leitor a se identificar com as vozes e como provoca contradições emocionais, levando a determinados julgamentos sobre os documentos apresentados.

A tese está dividida em três partes. Na primeira, são levantadas as questões teóricas que envolvem a discussão e a análise da obra e se verifica como as diferentes teorias se relacionam com o ciclo de *Das Echolot*. Primeiramente, são apresentadas as teorias da memória coletiva, que são um importante auxílio para compreender o momento literário no qual a obra se insere e as diferentes perspectivas através das quais a guerra foi descrita em diferentes épocas. Como se trata de uma obra composta por fragmentos de documentos que também podem ser considerados uma importante fonte histórica, o questionamento sobre se ela deve ser designada como literária ou histórica é frequente. Uma breve consideração sobre a narratividade da história ajuda a apontar um caminho de leitura para a obra e a identificar qual é o gênero no qual ela se encaixa. A apreciação da forma narrativa do livro se desenvolve mais nos capítulos seguintes, "Gênero literário" e "Montagem e colagem". O gênero literário de *Das Echolot* deve ser discutido em dois níveis diferentes: o gênero dos fragmentos que compõem o livro e o gênero do próprio livro, que é designado pelo autor como "diário coletivo". Em "Montagem e colagem", são discutidas as técnicas utilizadas por Kempowski na criação de sua obra e seus efeitos típicos. Por fim, na medida em que este trabalho só foi possível graças à pesquisa no acervo disponível na Akademie der Künste de Berlim, a primeira parte é encerrada com ponderações sobre a crítica genética e as possibilidades oferecidas pelo arquivo.

Na segunda parte, é executada a análise mais profunda, começando pela apresentação da estrutura de todos os volumes de *Das Echolot*, de forma que seja possível observar qual foi o processo para que o autor chegasse ao formato de *Barbarossa '41*, e por uma exposição detalhada da estrutura do volume em questão. Em seguida, há uma breve apresentação dos papéis típicos do livro (o judeu e o perpetrador, por exemplo) e um recorte de pessoas que nele figuram para que se possa falar de como essas personagens são representadas. Nesse ponto, é dado mais um passo na compreensão do processo criativo do autor. Depois de analisada a estrutura dos diferentes volumes, são discutidos os resultados de comparações dos textos originais com os recortes apresentados no livro. Uma vez que o tomo é muito abrangente, algumas das personagens mais representativas (seja do livro ou de algum grupo específico) foram selecionadas: Grete Dölker-Rehder, o casal Hilde e Franz Wieschenberg, Marianne Sperl, Helmuth von Moltke, Ulrich von Hassell, os irmãos Hans e Sophie Scholl, o Soldado Helmut N., o Tenente Médico Dr. Hermann Türk, o Primeiro Tenente Médico Dr. Willi Lindenbach, o Cabo Reinhold Pabel, Erich Kuby, o Suboficial Wolfgang Buff, Ernst-Günter Merten, Georg Kreuter, Felix Landau, Pjotr Samarin, Jura Rjabinkin, Lidija Ochapkina, Jochen Klepper, Victor Klemperer e Adam Czerniaków. Nenhum político do alto escalão foi incluído nesse grupo. Muito embora os relatos de Goebbels e Hitler sejam recorrentes no livro e tenham a sua importância para a reconstrução do que foram aqueles dias de guerra, eles são o principal foco do último volume, *Abgesang '45*, e não são incluídos na discussão de *Barbarossa '41*. O terceiro capítulo da segunda parte dá conta da influência que a ordenação dos fragmentos pode ter na leitura do texto. Com esse objetivo, é discutida a ordenação de dois "dias" introdutórios, 21 de junho, que abre o livro, e 7 de dezembro, que introduz a segunda metade. A terceira parte corresponde aos anexos: a entrevista realizada com a ex-assistente Simone Neteler no dia 20 de abril de 2010 (original e tradução) e a tradução dos "dias" 21 de junho e 7 de dezembro. As traduções são parte constituinte da tese, porque a obra de Kempowski não foi traduzida para o português, e devem facilitar a leitura e o entendimento do trabalho aqui exposto. A publicação de uma tradução completa de *Das Echolot - Barbarossa '41* e sua publicação parece, no entanto, não ser possível. Como a própria editora afirmou, os problemas com os direitos autorais de cada fragmento são inúmeros e o trabalho com eles seria por demais extenso, razão pela qual o mesmo projeto fracassou na Itália.

Parte I

I.1. Memória coletiva

I.1.1. A Memória Coletiva

O conceito de memória coletiva foi desenvolvido na primeira metade do século XX por Maurice Halbwachs. Segundo ele, o indivíduo só pode existir como ser racional através da memória, mas essa memória não é formada apenas por experiências individuais, e sim por todo um conjunto de valores, símbolos e rituais compartilhados pela sociedade ou grupo do qual se faz parte:

> There are hence no perceptions without recollections. But, inversely, there are no recollections which can be said to be purely interior, that is, which can be preserved only within individual memory. Indeed, from the moment that a recollection reproduces a collective perception, it can itself only be collective; it would be impossible for the individual to represent to himself anew, using only his forces, that which he could represent to himself previously – unless he has recourse to the thought of this group. (HALBWACHS, 1992:168-169)

Essa rede de informações geradas pelo meio social é o que permite que haja uma percepção de mundo. Os códigos, símbolos e histórias compartilhados, que garantem a unidade e continuidade de uma sociedade, são o que ele denomina de memória coletiva.

Para tratar da memória coletiva, é necessário que se diferenciem os conceitos de história e memória. Para Pierre Nora (1993: 9), estes são conceitos opostos:

> Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética de lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico.

Nora faz menção a um importante problema da diferenciação entre memória e história: o fato de a primeira ser carregada por um grupo vivo, enquanto a outra é uma operação científica. Aleida Assmann chega a chamar a história de "unbewohntes Gedächtnis" (memória não habitada), fazendo referência a essa diferença, e afirma que "sie entwickelte sich durch Emanzipation vom 'Gedächtnis'."[6] (ASSMANN, 1999: 142) A memória da qual tratamos aqui é portanto a memória habitada, que é carregada por indivíduos que se comunicam dentro de um grupo ou sociedade específica. O conceito de identidade coletiva está intimamente ligado ao de memória coletiva, pois a identidade não pode se formar apenas através da lembrança de

[6] "ela se desenvolveu através da emancipação da 'memória'."

experiências pessoais, ela também necessita das informações disponíveis na memória coletiva para definir-se dentro dos diferentes grupos aos quais pertence. Como afirma Erll (2003: III), "Vergangenheitsversionen dienen in sozialen Gruppen und Gesellschaften dazu, Konzepte kollektiver Identität und Alterität – und darüber auch soziale Praktiken, Machtansprüche und Wertesysteme – zu legitimieren und delegitimieren."[7] Enquanto a História acadêmica tem a intenção de, através de métodos científicos, aproximar-se o mais possível do que realmente aconteceu, para a memória o que conta é a versão mais coerente do passado, aquela que é aceita pela sociedade em questão, de forma que pode haver muitas versões concorrentes, variando de grupo para grupo (cf. *ibidem*: 63).

A manutenção das versões do passado e da memória compartilhada depende de símbolos e artefatos concretos que circulem na sociedade. O que torna indivíduos parte de um grupo é o conhecimento compartilhado dos mesmos símbolos. Aleida Assmann separa os espaços onde esses símbolos estão contidos em dois: memória-depósito (*Speichergedächtnis*) e memória funcional (*Funktionsgedächtnis*). A memória-depósito é o arquivo que guarda as lembranças de uma época da qual já se perdeu o contexto vivo, ele é composto por documentos diversos, como livros, filmes ou arquivos não expostos. Já a memória funcional é formada por artefatos eleitos e canonizados, o que garante um lugar não apenas na memória passiva, mas também na memória ativa da sociedade. A memória-depósito é como um reservatório da memória funcional, e a seleção do material a ser canonizado é efetuada por instituições, atitudes políticas e pela mídia (cf. ASSMANN, 1999: 134-141). A obra *Das Echolot* pode ser tomada para explicar esses dois tipos de memória. A memória-depósito é o arquivo montado por Kempowski, onde se encontram diferentes documentos que podem ser resgatados por algum pesquisador; estes estão disponíveis, porém guardados e não costumam ser acionados. Quando Kempowski fez o trabalho de selecionar determinados textos para sua obra, ele elegeu o que seria a "memória funcional", escolhendo os documentos aos quais a sociedade teria um acesso mais facilitado e mais frequente, estes que, potencialmente, poderiam vir a fazer parte da memória ativa da sociedade. Na medida em que *Das Echolot* continuar sendo lido e debatido, essa seleção continuará fazendo parte da memória funcional, contudo, no momento em que sair da recepção ativa da sociedade, o próprio livro passará a integrar a memória-depósito para ser, eventualmente, redescoberto em alguma época posterior.

[7] "Versões do passado em grupos e comunidades sociais servem para legitimar e deslegitimar conceitos de identidade e alteridade coletiva, assim como conceitos de práticas, direito de poder e práticas de valores."

A memória coletiva também possui o que poderia se comparar com a memória de curto prazo: a memória comunicativa (cf. ASSMANN, 2005: 4). Esta é composta pelos relatos que passam de geração para geração e ocorre por um período limitado que é calculado em 80 a 100 anos. O arquivo de biografias não publicadas de Walter Kempowski foi composto nesse período, o que tem grande relevância, pois, mesmo que os diários e cartas tivessem sido escritos havia anos, eles estavam em vias de se perder quando os proprietários destes, e seus filhos, chegavam a idades avançadas e não haveria mais quem tivesse o interesse em guardá-los. Uma relevante quantidade de documentos foi enviada pelos filhos, que, em parte, desejavam manter a memória dos pais, mas já não tinham mais espaço ou interesse em armazenar as cartas e diários dos antepassados. Um projeto como o de Kempowski encontraria, a cada ano que ia aumentando a distância dos fatos narrados, menos doações e material relevante.

O período estimado da memória comunicativa engloba três gerações, que carregam as memórias e histórias dos que vivenciaram os fatos – sendo estes a primeira. Junto com as gerações, mudam as ideias e representações culturais de determinados temas. Essa troca ocorre sempre no período entre 15 e 30 anos, e, como veremos mais adiante, essas mudanças geracionais e culturais se refletem claramente no desenvolvimento do pensamento sobre a Segunda Guerra. Um exemplo da mudança de leitura da memória coletiva é a chamada geração de 68, quando os filhos dos perpetradores se posicionaram contra seus pais e tudo o que foi feito durante o regime nacional socialista.

I.1.2. Memória Coletiva e Literatura

A memória de cada indivíduo é composta por uma seleção de diferentes elementos da experiência individual e de representações simbólicas da memória coletiva do grupo ao qual ele pertence; esses elementos encontram-se em forma fragmentária e não estão presentes a maior parte do tempo; é como se estivessem dormindo, esperando ser acordados. Segundo Aleida Assmann, esses fragmentos estão soltos, não têm antes e depois, apenas adquirem forma e estrutura através da narrativa (cf. ASSMANN, 2005*)*. Pois é justamente nesse ponto, na narrativa, que a literatura, entre os diferentes artefatos da memória, se assemelha à história:

> Das spezifische Leistungsvermögen von Literatur als Medium des kollektiven Gedächtnisses beruht auf dem Zusammenspiel von Ähnlichkeit mit Prozessen kollektiver Gedächtnisbildung einerseits und Differenzen zu Objektivationen anderer Symbolsysteme andererseits. Literatur

> ist eine "Weise der Gedächtniserzeugung" unter anderen. Sie teilt viele Verfahren mit der Alltagserzählung, der Geschichtsschreibung oder dem Denkmal.[8] (ERLL, 2005: 258)

A literatura é um importante elemento na figuração da memória coletiva, pois pode influir em todas as suas funções. Astrid Erll divide as funções da memória coletiva em três, sendo elas: função de armazenamento (*Speicherfunktion*), que é a função de selecionar os artefatos a serem fixados para servir à memória cultural de uma determinada sociedade; a função de circulação (*Zirkulation*), formada principalmente pelas mídias de massa que fazem com que determinada informação ou dado chegue a diferentes indivíduos, e "*Cues*", que vem da expressão americana usada no teatro para designar as "deixas" para as falas dos personagens, mas que vou chamar de âncoras, como faz o estudioso Jan Assmann – nesse grupo estão contidos os elementos que trazem as lembranças adormecidas à memória; importantes representantes são fotos ou a família (cf. *ibidem*: 254-255). Enquanto as fotos podem reavivar a memória através da imagem, os familiares são pessoas presentes em diferentes momentos da vida que podem despertar a memória através do convívio e de conversas. A literatura e o cinema agem em todos esses três campos. Sua simples produção serve para que se tornem armazéns; quando se tornam cânones ou obras altamente consumidas pela população (pois a literatura popular também pode exercer o seu papel na manutenção da memória coletiva) também garantem a circulação de dados, e podem servir para reavivar e reafirmar a memória do leitor acerca de outros fatos que já são conhecidos dele. A literatura é uma mídia que desempenha um papel fundamental na formação da memória individual, mas também reflete, como será discutido mais adiante, as transformações pelas quais as representações de acontecimentos históricos e culturais passam. Além de formadora, quando se comporta de maneira afirmativa, a literatura pode ser considerada uma "reprodução" do estado no qual a memória coletiva se encontra no momento de sua confecção.

A influência da literatura, e principalmente do cinema e da televisão, no que se refere à Segunda Guerra pode ser observada no estudo "*Opa war kein Nazi*" ("Vovô não era nazista"). Em uma pesquisa que opera sobre a memória comunicativa das gerações, famílias alemãs foram questionadas sobre sua relação e a de seus antepassados com a guerra, traçando-se um quadro da autoimagem do povo alemão no que se refere à Segunda Guerra. Ao falar de lembranças da guerra ou da própria história familiar, as pessoas frequentemente citaram

[8] "A capacidade de aproveitamento da literatura como mídia da memória coletiva toca o jogo de semelhanças com processos de formação da memória por um lado, e diferenças de objetivação de sistemas, por outro lado. A literatura é um 'tipo de produtor da memória' entre outros. Ela compartilha muitos procedimentos com a narrativa cotidiana, a escrita da história ou o memorial."

filmes como *A Lista de Schindler*, séries televisivas, ou livros que leram sobre o assunto, e o que mais chama a atenção é que nomeiam fontes de caráter ficcional para falar sobre os fatos como eles "realmente" foram:

> Der Befund, dass gerade Spielfilme und Romane, also ausdrücklich fiktionale Erzeugnisse, als Quellen für historische Wirklichkeit betrachtet werden, ist vielleicht nicht sehr überraschend. Interessant ist dabei aber, dass gerade die fiktionalen Quellen als solche erfahren und gedeutet werden, die Wirklichkeit eins zu eins und scheinbar absichtslos wiedergeben. [...] Während die pädagogischen Geschichtsdarstellungen in den Interviews regelmäßig daraufhin abgeklopft werden, wer die jeweilige Quelle erstellt und welche Absicht er damit verfolgt hat, ob der Bericht tendenziös, langweilig oder eine Zumutung war, bleiben die Film- und Romanerzählungen weitgehend unbewertet und gerade darum als Dokumente dafür im Bewusstsein, wie es wirklich gewesen ist.[9] (WELZER, 2002: 133)

A apropriação afetiva que se faz do material exposto em filmes e romances acaba sendo de maior importância para a memória coletiva e individual, uma vez que ele não passa pelo crivo a que é submetido o material pedagógico.

I.1.3. Sobre a representação de personagens típicas da Segunda Guerra na memória coletiva

A memória ligada aos atores e aos acontecimentos da Segunda Guerra sofreu grandes mudanças com o passar dos anos e das gerações. Se hoje os horrores do Holocausto são muito difundidos, não era atribuída a eles tamanha relevância logo após o fim da guerra. Em um primeiro momento, calou-se sobre o genocídio de judeus, como se fosse um assunto a ser evitado. As representações dos acontecimentos da Segunda Guerra passaram por um desenvolvimento de três fases. Estas são bem definidas e discutidas no livro *Die Zerbrechende Zeit*:

> Man könnte sie durch die Wendezeiten 1968 und 1989 (mit der üblichen Mischung von Willkür und Symbolkraft solcher Zahlen) chronologisch voneinander trennen und *drei Generationen* zuordnen: der Kriegs- und Wiederaufbau-Generation, der Nachkriegsgeneration und ihre Kinder.[10] (RÜSEN, 2001: 284; itálicos do original)

Durante a primeira geração, houve o que Rüsen denomina de *kollektive Beschweigung der Naziverbrechen* (silenciamento coletivo sobre os crimes nazistas), uma estratégia política

[9] "A descoberta de que justamente filmes e romances, ou seja, produtos claramente ficcionais, são encarados como fontes para a realidade histórica talvez não seja tão surpreendente. Interessante é, entretanto, que justamente as fontes ficcionais sejam experimentadas e interpretadas como se reproduzissem a realidade sem intenções, na mesma escala. [...] Enquanto as representações pedagógicas da história são frequentemente refutadas nas entrevistas, sendo mencionado quem erigiu determinada fonte, e qual era sua intenção com isso, se o relatório era tendencioso, entediante ou era uma afronta, as narrativas apresentadas em filmes e romances permanecem todo o tempo sem sofrer julgamento e, justamente por isso, figuram na consciência como documentos de como tudo realmente ocorreu."

[10] "Poder-se-ia separá-las cronologicamente pelas datas de virada de 1968 e 1989 (com a mistura habitual de arbitrariedade e força simbólica de tais números), e associá-las a *três gerações*: a geração da guerra e da reconstrução, a geração do pós-guerra e seus filhos."

bem-sucedida para que a integração fosse viável dentro da RFA. Nesse período, os alemães eram tratados como vítimas do regime da época e os (maiores expoentes) nazistas, demonizados e excluídos da sociedade.

A geração seguinte quebrou esse silêncio, identificou-se com as vítimas do regime nazista e condenou os pais pelos acontecimentos da Segunda Guerra. As discussões sobre o genocídio tornaram-se frequentes e, com a série televisiva americana de 1978, *Holocausto*, o trauma ganhou um nome, deixando de ser chamado apenas pelo nome do campo de concentração mais importante, Auschwitz (cf. ASSMANN, 2006: 154). Nesse momento, as personagens principais da guerra foram fixadas como: a vítima, o perpetrador e o observador (aqui, os alemães que não tomaram parte nos crimes). Essa tríade deu nome ao livro do historiador Raul Hilberg, de 1992, no qual ele procurou apresentar o extermínio de judeus através de personagens típicas, definindo suas funções dentro da guerra em variadas subcategorias, sendo os "curiosos", os aliados, os países neutros e mesmo aqueles que ajudaram judeus todos englobados no mesmo grupo dos observadores. Segundo Rüsen, é a integração do Holocausto na história alemã que permite que a segunda geração seja capaz de se distanciar da geração dos perpetradores, apontando-os como culpados e identificando-os como o "outro" (cf. RÜSEN, 2001: 293).

A terceira fase é a que vai possibilitar para a geração dos netos "eine[n] genealogische[n] Zusammenhang mit den Tätern"[11] (RÜSEN, 2001: 294). A distância é de vital importância para que essa reconciliação seja possível e também para que os netos retomem o seu papel dentro da cadeia genealógica, mas o momento histórico também desempenha o seu papel. Durante a fase anterior, os alemães se proibiram de relembrar sua história como vítimas. Os alemães não deveriam rememorar os bombardeios, os estupros ou o papel dos cidadãos como fugitivos com a aproximação do final da guerra, quando foram expulsos de suas casas que ficavam em território que seria anexado pela União Soviética. O assunto espinhoso era evitado sob acusações de revisionismo. O trauma das vítimas deveria ser lembrado, enquanto o luto dos alemães limitava-se à esfera privada. Robert G. Moeller afirma, em seu artigo de 2005, que o final da Guerra Fria foi decisivo para que esses assuntos pudessem ser discutidos publicamente. A imagem de libertadora da RDA das mãos do regime nazista que a União Soviética desejava passar não era condizente com os estupros e os sofrimentos infringidos aos alemães durante os meses finais da guerra. Ao mesmo tempo em que os EUA e a União Soviética desejavam posar de "mocinhos", um acusava o outro pelos crimes de guerra: os EUA seriam culpados por bombardeios impiedosos e os soviéticos

[11] "uma conexão genealógica com os perpetradores."

deveriam ser vistos como inimigos tanto antes como depois da guerra (cf. MOELLER, 2005:164). O fim da Guerra Fria foi relevante para que essa oposição fosse encerrada e para que, com a abertura das fronteiras, os arquivos de ambos os lados fossem abertos e mais pudesse ser pesquisado e afirmado sobre o que realmente aconteceu. A unificação da Alemanha implicava também negociações com os vencedores da guerra, que resultaram no final da ordem jurídica e política estabelecida por causa da guerra. Em 1990 termina definitivamente a fase "pós-guerra" nas duas Alemanhas. E isso permite um repensar do próprio passado.

Um dos problemas apontados por Moeller é o fato de que as pessoas eram caracterizadas ou como perpetradoras ou como vítimas, o que impossibilitava o diálogo sobre o sofrimento do povo alemão. Estava-se no meio de um momento de transição e soluções definitivas para o tratamento desse assunto ainda não tinham sido encontradas, mas Moeller crê que o método utilizado por Kempowski em *Das Echolot: Fuga Furiosa* é eficiente, já que a justaposição de fatos não oferece uma imagem limitada dos atores da guerra (cf. *ibidem*: 178).

Mais delicada do que a problemática do retrato de cidadãos alemães como integrantes do grupo de vítimas é a tentativa atual de uma leitura mais polivalente dos atos e da psique dos perpetradores da Segunda Guerra. Exemplos emblemáticos dessa questão são os livros *Ordinary Men*, de Christopher R. Browning, e *Hitlers Willing Executioners*, de Daniel Goldhagen, de 1992 e 1996, respectivamente. Ambos têm como base os documentos coletados em Hamburgo entre 1962 e 1972 para o processo contra o Batalhão de Policiamento Reserva 101. Esse *corpus* praticamente não conta com registros da época dos crimes, mas com detalhados relatos oferecidos pelos 125 integrantes da reserva. Como pondera Browning, o material é valioso por ser vasto, mas é todo baseado em memórias de 20 anos depois e inclui mentiras, devido ao medo de como esses dados seriam utilizados no julgamento.

Embora o livro de Goldhagen seja posterior, ele se atém ao ponto de vista típico da segunda geração, apresentando uma imagem absolutamente maniqueísta dos perpetradores e buscando, além disso, comprovar através dos relatos do batalhão e de dados históricos que o antissemitismo eliminatório é uma característica do povo alemão. Ao mesmo tempo em que o livro atingiu um grande público, ele também foi alvo de fortes críticas. A esta tese interessa a crítica feita por Jörn Rüsen, que afirma que esse tipo de leitura histórica não ajuda em nada a entender o que foi o fenômeno do Holocausto, pois ela encerra o "mal" em um grupo de pessoas, no caso os alemães, e a sua demonização não serve para que seja feita a reflexão

sobre como tudo foi possível, já que o Holocausto não pode ser identificado com uma ação "humana" (cf. RÜSEN, 2001: 258).

Já o texto de Browning está bem contextualizado dentro da nova discussão que se inicia com a terceira geração. Com a mesma documentação, o historiador chega a conclusões absolutamente diferentes. Sabendo que poderia receber críticas negativas por isso, ele procura evitar a demonização do perpetrador e vê-lo como "humano" (cf. BROWNING, 2002: 16-17). Os relatos dos homens do Batalhão de Policiamento Reserva 101 datam de um período no qual a "Solução Final" já estava em uma fase mais avançada, mas dividem uma importante característica com os documentos de *Barbarossa '41:* a surpresa ao lidar com as ordens de exterminar judeus através do contato direto. A decisão definitiva de exterminar judeus provavelmente data de junho ou julho de 1941,[12] pouco após a invasão da Rússia. Alguns dos documentos apresentados na obra de Kempowski ainda dão conta de uma certa surpresa dos soldados ao serem confrontados com as ordens de extermínio de judeus dos vilarejos pelos quais eles passavam. No livro, misturam-se estatísticas e narrativas isentas de qualquer sentimento pelo que estava acontecendo e histórias de homens ainda confusos devido à mudança no rumo dos acontecimentos. Aqui alguns exemplos: No dia 6 de julho, um *Standartenführer* perde o controle ao saber que sua unidade deverá matar 3.000 judeus como revanche pelos 2.000 corpos encontrados na cidade de Luzk. Crendo que é uma missão impossível, ele tem um ataque de nervos e ameaça atirar contra seus próprios homens. A carta do Tenente Walter Melchinger, datando de 5 de julho, descreve a guerra como algo cruel, mas ele procura convencer a esposa de que está pouco tocado, ainda é capaz de observar e receber a beleza do mundo. A carta soa mais como uma busca de convencer a si próprio daquilo que ele está fazendo, como quando ele a encerra com: "Der ganze Park steht voll von Pferden, Wagen und Zelten. Es ist ein Teil des grossen Heeres, dem ich gehöre. Ich bin ein notwendiger Soldat."[13] (KEMPOWSKI 2002: 245) Relatos que encontram certa semelhança com estes estão entre os documentos do processo do Batalhão de Policiamento Reserva 101. A razão para que essas reações ainda ocorressem em um período mais avançado é que esse batalhão foi treinado e introduzido tardiamente na guerra. Seus homens foram convocados apenas em julho de 1942, eram pais de família e homens de meia-idade que, na maioria dos

[12] Em seu livro *Die Entfesselung der "Endlösung"*, Christopher Browning (2006: 405) cita uma carta de Göring a Heydrich, na qual o último foi autorizado a "fazer todas as preparações necessárias [...] para uma solução total da questão judaica no território sob influência alemã na Europa". ("Am Ende des Monats war er [Heydrich] von Göring ermächtigt worden, 'alle erforderlichen Vorbereitungen [...] für eine Gesamtlösung der Judenfrage im deutschen Einflussgebiet in Europa' zu treffen.")

[13] "Todo o parque está cheio de cavalos, carros e barracas. É uma parte do grande exército ao qual eu pertenço. Eu sou um soldado necessário."

casos, não tinham qualquer tipo de experiência militar. Essa constelação permitiu que mesmo um ano depois do início das execuções o choque ainda continuasse o mesmo, até porque as ações do exército nesse sentido não eram amplamente divulgadas. Em *Ordinary Men*, fala-se de homens que se recusaram a executar o serviço, ou outros que não entendiam a execução em massa, como o Major Trapp que, encolhido em uma poltrona, chorava desesperadamente, pois achava tudo o que estava acontecendo terrível demais (cf. BROWNING, 2002: 88-90).

A observação dessas primeiras reações propicia uma aproximação mais humana dos perpetradores, porque aqui eles não são retratados como máquinas de extermínio. Eles ainda esboçam dúvidas ou desespero. Com o passar do tempo, esses homens acabaram por habituar-se às funções que lhes foram designadas, ou procuraram outras formas de adaptar-se a suas tarefas. Mesmo que não completamente, é possível se pôr na situação desses homens, procurar entender suas primeiras reações, compreendê-los melhor, o que, como afirma Browning, não é o mesmo que perdoar.

É possível que agora a terceira geração se coloque no lugar dos alemães, admitindo que muitos deles também foram, parcialmente, vítimas e procurando compreender melhor os mecanismos pelos quais passaram muitos dos perpetradores. Esse processo é facilitado quando se tem em consideração como tudo começou. Entretanto, essa não é a única leitura possível dos documentos, como comprova, apesar das diversas críticas, o livro de Goldhagen.

I.1.4. Representações literárias da Segunda Guerra

Os aspectos das três gerações acima descritos são produzidos e se refletem também na literatura. Em um primeiro momento, são lançados livros como *Wo warst du Adam?* (Onde estiveste, Adão?) de Heinrich Böll, em 1951, *Stalingrad* de Theodor Plivier, em 1945, e *Schlachtbeschreibung* (Descrição de Batalha), de Alexander Kluge, lançado pela primeira vez em 1964.[14] As narrativas diferenciam-se fortemente entre si, mas elas coincidem na temática; em todos os casos, há um enfoque evidente nos danos da guerra aos homens que tomaram parte nela. *Stalingrad* e *Schlachtbeschreibung* são focados na derrota sofrida pela Alemanha em território soviético e em todo o sofrimento que caiu sobre aqueles que tomaram parte nas batalhas. Para compor *Stalingrad*, Plivier entrevista homens de um campo de prisioneiros de guerra. Seu livro é baseado nos relatos e impressões que ele coletou dessas entrevistas. Mesmo não sendo um livro documental, ele procura aproximar-se o máximo possível da vivência desses soldados e apresentar uma história que seja coerente com o que aconteceu de

[14] Essa obra foi trabalha para se tornar uma novela em 1983, e depois, mais uma vez para ser integrada como capítulo do livro *Die Lücke, die der Teufel läßt* (A brecha que o diabo deixa), de 2003.

fato. O sofrimento extremo e os acontecimentos grotescos exercem a função de demonstrar que os alemães tiveram o que mereceram por suas ações desmesuradas. *Schlachtbeschreibung* é uma montagem de diversos fragmentos de documentos reais, como relatos, memórias, cartas e fotos, junto com alguns trechos que foram inventados por Kluge. Seu material foi retirado de arquivos, que estão citados como fonte, mas não há uma sinalização que permita rastrear de onde ele tirou cada documento específico, nem algo que permita identificar quais trechos são reais e quais foram inseridos pelo próprio autor. Helmut Galle (2006: sem paginação) afirma que "Lo que el texto tampoco permite son emociones. El lenguaje especializado de los militares, cuyo uso predomina, ya fue creado para estabelecer una distancia para los actores reales. [...] El sufrimiento de los soldados y de la población civil, las intenciones y deseos subjetivos prácticamente desaparecen." O livro de Böll é mais abrangente, mencionando os danos sofridos tanto durante a guerra quanto no final dela, com a chegada dos americanos, de forma que foi possível afastar o olhar do *front* e incluir uma personagem judia, Ilona, que serve como menção ao genocídio. Os judeus e o Holocausto, contudo, não são o teor principal da obra. Ilona é uma professora judia convertida ao catolicismo, por quem a personagem central, o soldado Feinhals, se apaixona. Sua parte na narrativa termina com seu envio para um campo de concentração, mas esse é apenas mais um entre os tantos destinos do livro.

A segunda geração é marcada pela discussão sobre o Holocausto, e com ela vem o *boom* de testemunhos de sobreviventes dos campos de concentração, assim como a chamada *Väter-Literatur* (literatura sobre os pais):

> In Westdeutschland gab es in den siebziger und achtziger Jahren die Welle einer sogenannten "Väter-Literatur", in der sich die zweite Generation mit den Biographien ihrer Eltern in NS-Deutschland auseinandersetzte. Diese Texte sind gegen das Schweigen der ersten Generation angeschrieben; oft sind sie durch den Tod der Eltern ausgelöst und vollziehen stellvertretend einen Dialog, der im Leben gerade nicht zustande kam.[15] (ASSMANN, 2006: 102)

Esse conflito entre pais e filhos também é retratado na literatura ficcional, como em *Deutschstunde* (Aula de alemão), de Siegfried Lenz, publicado em 1968. No romance, a ideia de que os alemães apenas teriam feito a sua "obrigação" é criticada. A história é narrada por Siggi Jepsen, cujo pai foi incumbido de destruir os quadros do pintor expressionista Max Ludwig Nansen (personagem inspirada em Emil Nolde) durante o nazismo. Embora o pintor fosse um antigo amigo de seu pai, ele não apenas aceitou a missão, mas continuou a busca

[15] "Na Alemanha Ocidental houve, nos anos 70 e 80, a corrente da, assim chamada, 'Literatura sobre os pais', na qual a segunda geração ocupava-se com a biografia de seus pais na Alemanha nazista. Esses textos são escritos contra o silêncio da primeira geração; eles são frequentemente desencadeados pela morte dos pais e consumam representativamente um diálogo que não se materializou em vida."

pelos quadros mesmo depois do término do regime nacional socialista. Siggi Jepsen está em confronto com seu pai, pois durante todo o tempo ele procura esconder as obras de Jepsen. O perpetrador aqui não é mais o soldado que sofre as consequências da guerra, ele é o nazista obstinado que não consegue se desvencilhar de suas tarefas do passado. O perpetrador não é mais uma vítima dos horrores da guerra decorrente do regime nazista, mas é, ele mesmo, culpado pelos acontecimentos, e tal percepção se dá através do olhar do filho.

A discussão sobre a ausência de livros que tratem os alemães também como vítimas da guerra seria iniciada em 1999, com o livro de W. G. Sebald *Luftkrieg und Literatur* (Guerra aérea e literatura), o qual apresenta o material de suas preleções sobre o tema em Zurique no ano de 1997. Nesse livro, ele afirma que toda uma geração não foi capaz de descrever e apresentar os horrores vivenciados durante os ataques aéreos na Segunda Guerra (cf. SEBALD, 2002: 8). O escritor afirma que os sofrimentos da nação alemã durante a guerra tornaram-se um assunto tabu sobre o qual os autores alemães haveriam se calado devido à vergonha que resultava do genocídio.

Em 2003, é lançado o livro *Zeugen der Zerstörung – Die Literaten und der Luftkrieg* (Testemunhas da destruição e a guerra aérea), de Volker Hage, que serve como uma resposta à tese de Sebald. Hage aponta para o fato de a lista de obras de literatura apresentada por Sebald ter uma série de lacunas, o que torna sua teoria falha. O jornalista e crítico literário expõe uma gama de textos escritos por alemães no período do pós-guerra que tratam do assunto, mas reconhece que eles caíram no esquecimento. Hage (2003: 115) admite também que "in der deutschen Nachkriegsliteratur […] läßt sich kein Text – weder ein Roman noch eine Erzählung, weder eine Reportage noch ein Gedicht – finden, der als populäres literarisches Zeugnis des Luftkriegs gelten könnte."[16] Uma de suas considerações acerca do tema é que os livros escritos por autores que se encontravam no exílio não poderiam ser incluídos nessa discussão, julgamento que se estende ao livro *Zeit zu leben, Zeit zu sterben* (Tempo de Viver, Tempo de Morrer), de 1954, de Erich Maria Remarque, já que o autor não estava presente na Alemanha no momento do inferno dos bombardeios. Apesar de seu livro ser absolutamente ficcional, sem qualquer base em lembranças próprias, ele é uma prova de que a temática já era tratada no período subsequente à guerra. O romance relata o retorno de um soldado do *front* no Leste e o modo como ele percebe os ataques aéreos em sua terra natal. Devido a uma série de conversas com o editor, Remarque teve que modificar o romance de

[16] "Na literatura pós-guerra alemã, [...] não restou nenhum texto – nem um romance ou um conto, nem uma reportagem ou poema – que pudesse ser considerado como o testemunho literário mais popular da guerra aérea."

forma a torná-lo mais brando e já falava de uma "Liquidation mit dem Rotstift"[17] (*apud* HAGE, 2003: 41). Outro caso apontado por Hage é *Vergeltung* (Revanche), de 1956, de Gert Ledig, cujo tom é descrito como frio e completamente não sentimental (cf. HAGE, 2003: 44). O romance descreve os bombardeios em uma cidade não identificada e narra as mortes de mulheres e crianças de uma maneira que foi considerada excessiva. Essa descrição dura, característica da narração de *Vergeltung*, é apontada como a razão para que o livro caísse no esquecimento. Ainda não era chegado o momento:

> […] die "Badische Zeitung" drückte noch deutlicher aus, worum es bei der Ablehnung des Romans ging: Zehn Jahre nach dem Krieg lehne der Leser Darstellungen ab "die positiv gerichteten metaphysischen Hintergrund und Ausblick vermissen lassen". Mit anderen Worten: Man wollte mit dem Thema in Ruhe gelassen werden.[18] (*ibidem:* 46-17)

O autor acabou por abandonar a vida de escritor e decidiu dedicar-se ao jornalismo. Seus romances, contudo, receberam uma nova chance cerca de 40 anos depois. Em 1999, *Vergeltung* foi relançado e obteve uma boa reação do público e da crítica. Este é um caso exemplar que evidencia que a dificuldade de encontrar uma aceitação do grande público ou o esquecimento no qual esses livros caíram não se devia à qualidade das obras, mas ao que poderia ser chamado de um momento inapropriado. Embora houvesse escritores que estavam preparados para abordar o assunto, os leitores ainda não o estavam.

Cabe aqui citar o diário de Kempowski no dia 23 de março de 1986: "In der Post fand ich einen sehr spannenden, gut geschriebenen Fluchtbericht 1944. Diese Art Erinnerungen stoßen an ein Tabu. Es wird noch lange dauern, bis der Leser solche Berichte als Literatur akzeptieren."[19] (KEMPOWSKI, 2005: 81) Como Sebald, Kempowski também define o tema como tabu, mas não que isso impeça as pessoas de escrever sobre ele; o tabu interfere como bloqueio, impedindo que os leitores aceitem o texto. Apesar desse ponto de vista, *Fuga Furiosa* foi publicado em 1999.

A representação dos alemães como vítimas da guerra só passou a ter grande destaque da mídia em 2002, com o lançamento dos livros *Der Brand* (O incêndio), de Jörg Friedrich, que apresenta dados históricos acerca de como se deram os ataques aéreos na Alemanha, e *Im Krebsgang* (Passo de caranguejo), de Günter Grass, que relata o naufrágio de Wilhelm Gustloff, que levava fugitivos da Prússia Oriental. Ambos foram recebidos como empre-

[17] "Liquidação com a caneta vermelha."
[18] "O *Badische Zeitung* expressou ainda mais claramente do que se tratava a rejeição do romance: Dez anos depois da guerra, o leitor recusa representações 'que deixam escapar todo o pano de fundo e as perspectivas metafísicas e de direcionamento positivo'. Em outras palavras: Deseja-se ser deixado em paz sobre o tema."
[19] "Na caixa de correio, encontrei um relato de fuga de 1944 muito interessante e bem escrito. Esse tipo de lembranças esbarra em um tabu. Ainda vai levar muito tempo até que os leitores aceitem tais relatos como literatura."

endimentos ousados por tratarem a guerra aérea e a fuga dos alemães do Leste. Contudo, o início dessa corrente de livros ocorre antes disso, já no começo dos anos 90, que pode marcar a virada para a terceira geração na memória coletiva, como vimos acima. Mas Hage crê que a mudança na visão histórica não se deve ao período político, mas ao fato de que nesse momento já havia cada vez menos perpetradores vivos e as crianças da época já estavam alcançando uma idade avançada. Um livro sobre os ataques aéreos foi lançado justamente no ano de 1990:

> Ein Historiker aus der DDR, Olaf Groehler, arbeitete an einem übergreifenden Werk; als sein Buch "Bombenkrieg gegen Deutschland" dann 1990 erschien, gab es seinen Staat schon nicht mehr, die fundierte Studie wurde nur wenig zur Kenntnis genommen.[20] (*ibidem*: 99)

As publicações sobre o tema continuariam surgindo com o próprio *Das Echolot* em 1993, *Der Vorleser* (O leitor), de Bernhard Schlink, em 1995, *Sommer vierundvierzig oder Wie lange fährt man von Deutschland nach Ostpreußen* (Verão de quarenta e quatro ou Quanto tempo se viaja da Alemanha até a Prússia Oriental?), de Arno Surminski, em 1997, e *Der Verlorene* (O perdido), de Hans-Ulrich Treichel, em 1998. Schlink retoma o conflito geracional por um outro ponto de vista, a perspectiva não é mais a de pai e filho, mas a do jovem e a amante mais velha. O rapaz se vê diante dos questionamentos que os filhos fizeram sobre seus pais, sobre como eles foram capazes de tais atos, mas, ao tornar a perpetradora em amante, há uma tendência maior a tentar compreender o que ela passou. O analfabetismo da vigia do campo de concentração é utilizado como forma de questionar até que ponto ela estava, de fato, agindo de forma intencional e consciente, e não sendo conduzida apenas pelos acontecimentos, mas não se deseja transformá-la em uma figura totalmente inocente, já que ela ainda é descrita com fortes traços de brutalidade no seu relacionamento com o rapaz. Vital no livro não é a culpa ou inocência da perpetradora, mas a possibilidade de discutir o assunto, e até de sentir empatia para com a perpetradora. Schlink abre essa possibilidade e a introduz na "literatura da terceira geração".[21] Surminski narra a viagem de um homem de 70 anos, junto com um grupo de turistas, à antiga Prússia Oriental. Lá ele relembra os acontecimentos de 1944 – 50 anos antes – época na qual ele havia retornado à região vindo da guerra como soldado de férias. O romance apresenta as divagações do homem, os amigos perdidos durante

[20] "Um historiador da RDA, Olaf Groehler, trabalhou em uma obra abrangente; quando o seu livro 'Guerra Aérea contra a Alemanha' foi então lançado em 1990, seu Estado não existia mais e apenas poucos tomaram conhecimento de seu estudo."

[21] Deve-se notar que não apenas Schlink, mas outros autores de relevantes livros da chamada "terceira" geração não são eles mesmos da geração que representam. Surminski é um autor que pertence à primeira geração, Treichel e Grass são da segunda. A divisão feita entre primeira, segunda e terceira geração não tem a intenção de vincular os autores e suas obras ao período em que nasceram, mas descreve o pensamento de uma época.

a guerra e as transformações da região depois da expulsão dos alemães. Treichel também escreve sobre os fugitivos, mas a narração parte do ponto de vista de uma criança. O narrador é o segundo filho de um casal que se perdeu do primogênito durante a fuga no final da guerra. Ele é como que esquecido pelos pais, que não conseguem superar a perda do menino. O livro não descreve apenas a dor pela perda do primogênito ainda vivo, mas também os longos testes genéticos da época aos quais o segundo filho deve se submeter na busca dos pais pelo primogênito, que já seria então um adolescente.

Já *Das Echolot* tem semelhanças com um dos livros da primeira geração: *Schlacht-beschreibung*, de Alexander Kluge. Ambos os autores utilizam material real, proveniente de arquivos, para relatar a guerra. O uso de material autêntico causa a sensação de uma proximidade maior do que realmente aconteceu, da guerra como ela foi, mas a técnica utilizada em *Schlachtbeschreibung* deixa uma certa dúvida sobre o que pode ser ficcional ou não, e o uso de algumas imagens futuristas inseridas posteriormente (como um desenho datado de 1932 de como poderia ser uma cidade grande dentro de 50 anos) pode causar um certo distanciamento crítico do leitor, que identifica parte do material como sendo puramente imaginado. Contudo, a principal diferença entre as obras não se baseia na percepção do real, e sim na aproximação emocional que se faz da matéria. Mesmo que *Das Echolot* também inclua fragmentos de marcado vocabulário técnico, estes, na medida em que se adaptam aos trechos que os circundam e não interferem no efeito sobretudo emocional que o livro provoca, não causam o mesmo distanciamento observado em *Schlachtbeschreibung*. As cartas escritas por familiares que permaneceram na Alemanha, os diários e memórias das pessoas que morriam de fome em Leningrado e até mesmo os diários e cartas de soldados que descrevem o cotidiano nos campos de batalha através de uma ótica mais pessoal propiciam uma leitura mais afetiva do livro, sendo esta uma forte característica da representação dos alemães na guerra feita na "literatura da terceira geração".

Como as outras obras de grande significância da terceira geração, os dez volumes de *Das Echolot* têm como temáticas relevantes para a representação da Segunda Guerra os bombardeios, os fugitivos da antiga Prússia Oriental e a "humanização" dos perpetradores, como mais uma tentativa de entender o que aconteceu de fato naquele momento e como os participantes viam o que estava acontecendo. Mesmo que a obra seja por vezes esquecida na

discussão que se faz dessa nova vertente,[22] ela é evidentemente uma das pioneiras, abrindo essa nova tendência, tanto que, a princípio, não encontrou apenas críticas elogiosas. A primeira recepção da obra foi bem dividida. Até então, Walter Kempowski não era um dos autores favoritos da crítica jornalística. Nas décadas anteriores, quando o enfoque deveria ser o Holocausto e os horrores cometidos na guerra por alemães, ele lançou um ciclo de livros de teor autobiográfico que relatavam a vida burguesa conduzida nas primeiras décadas do século XX, com poucas menções, como pano de fundo, à guerra que se desenrolava naquele momento. Mesmo que ele tenha encontrado um grande público para seus livros, os quais foram até mesmo adaptados para a televisão em 1975, a falta de crítica política explícita, junto com o fato de ele não fazer menções ao Holocausto, desagradava a crítica, chegando a ser acusado de ser nazista ou revisionista. Era natural que, inicialmente, alguns desses críticos esboçassem uma reação negativa a *Das Echolot*, não apenas devido ao seu formato, mas também pelo que poderia ser julgado, novamente, uma falta de visão política, por, mais uma vez, os olhares estarem voltados não apenas para a guerra, mas evidentemente para a vida burguesa da época; em especial no caso dos primeiros quatro volumes. Reflexos dessas críticas ainda podem ser encontrados mesmo posteriormente, quando a obra de Kempowski já havia obtido renome, como no artigo escrito por Klaus Köhler em 2006, "Die Chronik als Apologie. Walter Kempowski und die Welthöllen der Menschheit." (A crônica como apologia. Walter Kempowski e os infernos da humanidade). Nele, o pesquisador acusa o autor de usar a técnica de montagem para retirar os textos de seu contexto original e oferecer assim um único ponto de vista que serviria que ofuscaria a perspectiva dos perpetradores e sua culpa (cf. KÖHLER, 2006: 78), e também afirma que a sua intenção seria a de afirmar que todos são culpados, que atire a primeira pedra quem não o for, e assim oferecer uma solução simplista, na qual as vítimas devem simplesmente estender suas mãos aos perpetradores e perdoá-los (cf. *ibidem*: 75; 81). Apesar de tantas críticas, a obra pode ser identificada como uma das que pertencia à corrente que estava surgindo, o que acabou sendo de vital importância para a aceitação de Kempowski pela academia, um processo que ainda está em desenvolvimento.

É evidente que, quando se discute as tendências das três gerações, não se pode generalizar e afirmar que toda a literatura da época seguia essas correntes. Como foi visto, livros sobre o bombardeio sempre existiram, e um dos grandes sucessos da literatura recente sobre a Segunda Guerra foi o livro *As Benevolentes*, de 2006, do estadunidense naturalizado francês Jonathan Littell, o qual apresenta o soldado nazista da SS mais uma vez como o

[22] *Das Echolot* não é, por exemplo, citado em *Der lange Schatten der Vergangenheit* de Aleida Assmann, que define 1995 como o ano da virada na temática sobre a Segunda Guerra, dois anos depois da publicação dos primeiros quatro volumes.

homem sádico e sem escrúpulos. Mas, como foi observado no caso de *Vergeltung*, de Gert Ledig, o sucesso e a aceitação de uma obra não se devem apenas a sua qualidade, mas também ao momento de sua publicação, e pode-se afirmar o mesmo sobre a ressonância de *Das Echolot*. O período político e da memória no qual a obra se insere garante um interesse maior do público, que está mais apto a lidar com o tema. Tendo sido lançado ainda no momento que encerra o ciclo da memória comunicativa no que diz respeito à Segunda Guerra, uma vez que as últimas testemunhas estavam por morrer, *Das Echolot* apresenta uma história que pode ter sido semelhante à dos familiares de muitos alemães. Ainda há pais, filhos e netos que podem ter acesso ao livro, que pode exercer a função de fazê-los relembrar as próprias histórias ou ajudá-los a fixar uma ideia de como foi aquela época, e em que contexto se desenrolaram as próprias histórias familiares narradas pelos pais ou avós.

No âmbito da memória coletiva, *Das Echolot* pode servir para que se faça essa transição de perspectivas que é típica da geração dos netos, mas também é um importante recipiente para guardar as narrativas da época que estavam em vias de se perder. Mesmo sendo facilmente lido como um livro de literatura, o que ele é de fato, ele também tem a função de pôr em circulação parte da micro-história da Segunda Guerra, que ainda pode ser consultada com outros fins, pessoais ou acadêmicos, nos arquivos deixados pelo autor.

I.2.História

I.2.1. A Operação Barbarossa

Das Echolot – Barbarossa '41 trata da guerra-relâmpago declarada à União Soviética em 1941. Os fragmentos de textos da época devem contar a história dos principais acontecimentos sem a interferência do autor. Os textos são ricos em informações e cobrem grande parte dos desenvolvimentos da guerra; além disso, a ordenação cronológica auxilia na compreensão do desenrolar dos fatos sem que a consulta a fontes externas seja necessária. Contudo, pressupõe-se, da parte do leitor, algum conhecimento prévio sobre a Segunda Guerra: alguns dados apresentados no livro serão entendidos com uma maior abrangência ou com um olhar mais crítico quanto mais informado for o leitor. Abaixo, apresento um breve resumo do conhecimento atual que se tem da Operação Barbarossa, fundado em grande parte na versão apresentada pelo historiador Rolf-Dieter Müller em *Der letzte Deutsche Krieg 1939-1945* (A última guerra alemã 1939-1945); em seguida, comentarei a representação da guerra no livro de Kempowski.

A guerra contra a URSS teria consequências decisivas para a Segunda Guerra, pois foi nela que a Alemanha nazista mais investiu e perdeu armamentos e homens. Em suma, as derrotas sofridas em território soviético haveriam sido o que definiu, em grande parte, o desfecho da Segunda Guerra. Apesar do Tratado de Não-Agressão assinado em 23 de agosto de 1939, a Alemanha deu início ao ataque à União Soviética no dia 22 de junho de 1941. Foi anunciado, então, que este teria sido um ataque preventivo motivado pela suposta preparação de uma guerra por Stalin, mentira mantida até mesmo nos julgamentos no tribunal de Nuremberg. Apenas em 1961, o estudo de Andreas Hillgruber apresentou dados que comprovavam que a guerra contra a União Soviética já estava planejada havia muito tempo.

> Die wissenschaftliche Forschung hat sich darauf seit langem verständigt, den 31. Juli 1940 als den Tag anzusehen, an dem Hitler seinen "bestimmten Entschluß" mitteilte, die UdSSR zu überfallen und seinen obersten Militärs als Termin für den Abschluß der Vorbereitung den Mai 1941 setzte.[23] (MÜLLER, 2005: 78)

A guerra foi planejada para que fosse uma guerra-relâmpago, como os assaltos à Polônia e à França. Não faltaram avisos a Stalin, que, no entanto, preferiu acreditar na "palavra de honra" da Alemanha nazista:

> Der sowjetische Diktator wollte nicht glauben, was so offenkundig war. Er hatte schon im Dezember 1940 den Text der Weisung Nr.21 "Barbarossa" in Händen gehalten. Sein

[23] "Há muito, a pesquisa científica chegou ao consenso de observar o dia 31 de julho de 1940 como o dia no qual Hitler comunicou sua 'decisão definitiva' de atacar a URSS e determinou aos altos militares o prazo de maio de 1941 para o encerramento dos preparativos."

> Geheimdienst informierte ihn über den deutschen Aufmarsch seit März, sein Agent in Tokio, Richard Sorge, erfuhr sogar den geplanten Angriffstermin der Deutschen. Der Generalstab in Moskau plädierte in einer Studie im Mai 1941 dafür, durch einen Präventivschlag den deutschen Aufmarsch zu kontern und so die Wehrmacht von der Grenzen der UdSSR fernzuhalten. Stalin ließ das alles unbeeindruckt.[24] (*ibidem*: 89)

Hitler parecia acreditar que a guerra contra a União Soviética seria facilmente vencida devido ao fator surpresa e à falta de equipamento e de capacidade dos soviéticos, e, por isso, houve poucos preparativos. Depois do ataque à França, o armamento marítimo e aéreo estava apontado contra a Inglaterra, e assim continuou. Em 1940, a Alemanha dispunha de apenas trinta divisões e deveria ter outras 180 prontas até a primavera seguinte. Como nem a produção de armas, nem o pessoal disponível era suficiente, mais recrutas foram convocados e, para que se tornassem mais numerosas, as divisões foram repartidas e tornaram-se menores. O número de unidades com equipamento moderno e boa formação era pequeno, e, quando a guerra começou em 1941, muita improvisação foi necessária, tanto que os soldados frequentemente tinham que se alimentar com a comida que era apreendida nos locais onde faziam campanha. Grande parte dos soldados marchava a pé, acompanhada de charrete e cavalo, como na época de Napoleão (cf. *ibidem*, 2005: 84).

A invasão da URSS ocorreu devido ao desejo de Hitler de expandir o território do "Grande Império Alemão". Seu interesse era centrado no território, e também nas fontes de petróleo. As ordens eram para que não se tivesse nenhum tipo de cuidado para com a população civil russa, porque também se ambicionava o extermínio de parte do inimigo. O secretário do Ministério para a Alimentação e Agricultura, Herbert Backe, sugeriu que se utilizasse a política da fome como forma de extermínio. Os recursos de mão de obra ou maquinário de Leningrado não deveriam ser aproveitados, com a justificativa de que se tratava do berço do socialismo. A cidade deveria ser aniquilada e, posteriormente, inundada pelo rio Neva. Leningrado não foi invadida, apenas cercada para que as provisões não alcançassem a cidade. O único caminho para enviar alimentos aos que não conseguiram deixar a cidade foi o lago Ladoga, que continuou servindo como meio para que os mantimentos fossem enviados mesmo durante o inverno, quando uma via foi feita sobre o gelo. Para garantir a aniquilação dos habitantes de Leningrado, os soldados alemães receberam a ordem de não aceitar a capitulação do inimigo. A grande fome abateu-se sobre o Norte da

[24] "O ditador soviético não queria acreditar naquilo que era tão evidente. Em dezembro de 1940, ele já havia segurado em suas mãos o texto de diretiva Nr. 21 'Barbarossa'. Seu serviço secreto o informava desde março sobre a concentração de tropas alemãs, seu agente em Tóquio, Richard Sorge, ficou sabendo até mesmo a data planejada para o ataque dos alemães. Em um estudo de maio de 1941, o Estado-Maior em Moscou pôs-se a favor de um ataque preventivo para conter a concentração de tropas alemãs, mantendo assim o exército alemão longe das fronteiras da URSS. Stalin não se perturbou por tudo isso."

Rússia, em especial Leningrado, a partir do outono de 1941, e chegou a seu auge em 1942. No total, cerca de um milhão de pessoas morreram durante o cerco de Leningrado.

Os prisioneiros de guerra feitos pela Alemanha também sofreram com a fome durante o ano de 1941, pois a comida não deveria ser "desperdiçada". Cerca de 3,3 milhões de prisioneiros morreram nesse período devido à fome ou complicações de saúde causadas pela alimentação precária. Enquanto isso, os prisioneiros capturados por soviéticos foram massivamente assassinados no ano da invasão.

Um trabalho de extermínio étnico começou nesse período, quando grande parte dos judeus dos vilarejos invadidos foi exterminada. Os ataques sofridos pelo exército alemão costumavam servir de justificativa para os assassinatos em massa – os alemães estariam convencidos de que o regime socialista e o judaísmo eram intimamente ligados. Isso ajudava a sustentar a ideia de que os judeus e os guerrilheiros tinham um vínculo forte, razão pela qual os guerrilheiros costumavam ser executados imediatamente, em vez de serem mantidos vivos para que deles fossem extraídas mais informações.

O início da campanha foi um grande sucesso militar, mas, ao contrário do que era esperado, Stalin conseguiu mobilizar suas forças e, devido aos temporais de outono, a marcha dos alemães tornou-se lenta e as perdas crescentes. Apesar disso, a liderança continuava confiante, com a crença de que o inimigo não conseguiria se recuperar durante o inverno.

O inverno causou sérios danos às tropas alemãs. Tanto a neve e o frio, quanto o degelo fora de hora atrasaram ainda mais o avanço dos homens. Uma vez que se esperava que a vitória fosse imediata, os soldados alemães não contavam com roupa de inverno ou recursos contra o clima que teriam que enfrentar. Em 5 de dezembro de 1941, as ofensivas soviéticas começaram a ter sucesso com a ajuda do mau tempo, mas, com armamento deficiente e mal preparadas, elas logo voltariam a estagnar.

Enquanto os alemães avançavam sentido leste, os japoneses concentravam-se no futuro ataque a Pearl Harbor, com o qual Hitler havia se comprometido a colaborar:

> [Am 5. Dezember 1941] hatte Hitler gerade die Verlegung seiner stärksten Luftflotte von Moskau in den Mittelmeerraum befohlen und den Japanern uneingeschränkte militärische Hilfe zugesagt, ohne die Lage im Pazifik zu kennen. Zwei Tage später war der Angriff auf Pearl Harbor erfolgt und am 11. Dezember die deutsche Kriegserklärung an die USA. In dieser Situation hatte sich die Ausweichbewegung vor Moskau zu einer dramatischen Krise entwickelt.[25] (*ibidem*: 115)

[25] "[Em 5 de dezembro de 1941], Hitler já havia ordenado que sua frota aérea mais forte fosse realocada de Moscou para a região do Mediterrâneo e prometido auxílio militar ilimitado aos japoneses, sem conhecer a situação no Pacífico. Dois dias depois ocorreu o ataque a Pearl Harbor e, no dia 11 de dezembro, a declaração de guerra alemã aos EUA. Nessa situação, o movimento de evasão das forças armadas que se encontravam diante de Moscou criou uma crise dramática."

Como as tropas não conseguiam mais avançar, Hitler considerou que seus homens não estavam sendo duros o suficiente, e, depois de substituir alguns comandantes, decidiu, em 19 de dezembro de 1941, demitir Walther von Brauchitsch e assumir, ele próprio, o posto de Comandante em Chefe. Outra medida tomada em dezembro foi a campanha pedindo que a população civil doasse agasalhos e aparelhos de esqui para os soldados no *front*.

Os exércitos de ambos os lados sofreram sérias perdas, e, mesmo com o sucesso inicial do empreendimento, as perdas alemãs superaram os avanços. Levaria tempo até a guerra finalmente poder ser considerada como "definida".

Primeiramente, deve-se observar que o recorte feito por Kempowski – 21 de junho a 8 de julho e 7 a 31 de dezembro de 1941 – engloba os fatos mais importantes da guerra-relâm-pago. Começando um dia antes do ataque, ele ainda tem a oportunidade de montar um cenário dos últimos preparativos, reforçando o impacto do momento da invasão. No primeiro bloco, que vai de junho a julho de 1941, podem-se perceber muitos aspectos do ataque à URSS e como alemães e soviéticos receberam a notícia. Lê-se sobre os vilarejos invadidos e a relação dos soldados com a população local e o ambiente que adentram, quando os assassinatos em massa começavam. Mesmo que este tenha sido um período de sucesso para as tropas alemãs, já há muitas mortes no *front* e elas enfraquecem o moral dos soldados. Mesmo os veteranos começam a lidar com uma situação mais difícil, uma vez que a invasão da União Soviética é muito mais complicada do que a da França. O segundo bloco, que se passa em dezembro de 1941, traz acontecimentos pontuais e decisivos para o desenrolar da história: o ataque a Pearl Harbor (que marca o primeiro "dia" do bloco), a declaração de guerra contra os EUA e a demissão de Brauchitsch. Esse segundo recorte também demonstra quais foram os resultados da guerra até então, com a fome devido ao cerco de Leningrado e os soldados alemães exauridos pelas batalhas e pelo inverno.

O primeiro "dia" do livro traz trechos contraditórios, alguns confirmando a surpresa do ataque, outros que deixam claro que a chegada dos alemães era um fato conhecido pelas autoridades. Os três primeiros textos formam uma rede que corrobora a tese de que Stalin foi alertado, mas preferiu ignorar os avisos, ao passo que a citação posterior põe esse fato em dúvida. As importantes viradas políticas, como Pearl Harbor e a demissão de Brauchitsch, são retratadas pelos comentários de civis que receberam a notícia pelos jornais e rádio. Sobre a decisão cruel de aniquilar a população de Leningrado pela fome não há palavra no livro, ou seja, o leitor é exposto apenas ao resultado do cerco e depende de conhecimento externo para

compreender que este era justamente o efeito desejado pelo regime nazista, e não uma mera consequência. Não há menções claras ao fato de o lago Ladoga ser a única via para a chegada de mantimentos à cidade, mas o lago se faz presente através de duas fotos inseridas no mês de dezembro. Na primeira, pode-se ver uma série de cavalos sobre a água congelada carregando trenós com sacos de mantimentos; abaixo, a legenda: "Ladoga-See, Dezember 1941"[26] (Fig. 1). Na segunda, a via sobre o lago se assemelha a uma rua de fato, há uma fila de carros com suprimentos, dois homens a pé acompanhando o procedimento e dois aviões sobrevoando o local; a legenda diz: "Ladoga-See, Dezember 1941. 'Das Wetter: 43 Grad unter Null'."[27] (Fig. 2) Essas fotos desempenham uma função dupla. Caso o leitor já tenha a informação sobre a função do lago durante o cerco, elas reanimam sua memória; a impressão transmitida é de um carregamento escasso para toda uma cidade, as dificuldades são evidentes e os relatos civis acerca da fome em Leningrado se fazem presentes através da observação da foto. Já um leitor que não tem conhecimento do que ocorreu na região pode ter a sua curiosidade aguçada e procurar informar-se sobre o Ladoga e sua relevância para o que está sendo narrado. Um sinal da importância do lago é o fato de essas fotografias fazerem parte do pequeno grupo de imagens com designação precisa do local onde foram feitas. Outro tema sobre o qual há poucos textos no livro são os prisioneiros de guerra, mas eles são bem representados pelas fotografias. O "diário coletivo", pela falta de um narrador que comente os textos, não pode cobrir todo o assunto; em contrapartida, as fotos e determinados comentários feitos nas cartas e diários servem para incitar o leitor a informar-se mais, se o conhecimento prévio lhe faltar.

I.2.2. A Narratividade da História

Antes de tudo, devo deixar claro que esta é uma tese ligada ao campo dos estudos literários e a obra de Kempowski será tratada como texto literário. Embora não haja a intenção de fazer profundas reflexões sobre procedimentos historiográficos, desejo apresentar algumas noções para que ponderações sobre *Das Echolot* sejam possíveis.

Os historiadores estão, atualmente, divididos em dois grupos principais no que diz respeito à escrita da história: os modernos e os pós-modernos. Como se lê em Jörn Rüsen (2003: 20), no início, a história não era uma ciência, mas um gênero literário:

> Das vormoderne Regulativ des historischen Denkens sind Gestaltungs- und Darstellungs-prinzipien. Die Historie ist nicht Wissenschaft, sondern eine bestimmte "Kunst", eine

[26] "Lago Ladoga, dezembro de 1941."
[27] "Lago Ladoga, dezembro de 1941. 'A temperatura: 43 graus abaixo de zero.'"

> Literaturgattung. Sie erhebt daher auch keinen Wissenschaftlichkeitsanspruch, und sie thematisiert sich auch nicht methodologisch oder wissenschaftstheoretisch […], sondern sie behauptet formale Stimmigkeit und thematisiert sich im Rahmen der Rhetorik.[28]

Os passos da modernização da história seriam: o iluminismo, que apresenta uma demanda pela razão e organiza a história através da categoria do progresso, o historicismo, que regulamenta a escrita da história através da pesquisa de fontes, e, no século XX, a modernidade, que introduz os métodos científicos para a interpretação de fontes.

A escrita moderna da história procura encontrar um fio de causa e consequência que ligue o presente com o passado e o futuro. É a "compreensão configuracional" defendida por L.O. Mink:

> [...] but in the configurational comprehension, the end is connected with the promise of the beginning as well as the beginning with the promise of the end, and the necessity of the backward reference cancels out, so to speak, the contingency of the forward reference. To comprehend temporal succession means to think of it in both directions at once, and thus time is no longer the river which bears us along but the river in aerial view, upstream and downstream in a single survey. (*apud* ANKERSMIT, 2003: 66)

As estratégias de narrativa histórica são o que permite que se chegue a esse resultado, à construção do sentido histórico, no qual os aspectos do iluminismo, do historicismo e da modernidade devem estar integrados. "Die Geschichte setzt Schriftkultur voraus"[29], afirma Lutz Niethammer (2003: 33).

Os pressupostos científicos da historiografia moderna deveriam cumprir a função de preservar a busca pelos fatos "reais", mas para conseguir fazer uma representação dos acontecimentos, o historiador escolhe os eventos que julga serem os mais importantes e cria um encadeamento através de uma narrativa.

Os pós-modernos vão contra essa corrente, afirmando que não há tal encadeamento de causa e consequência entre os acontecimentos do passado e os atuais; o encadeamento estaria nas interpretações de historiadores, não nos acontecimentos em si. O sentido não seria estabelecido pelos fatos acontecidos, mas por processos retóricos. De acordo com a estratégia retórica escolhida pelo historiador, os eventos históricos formariam um movimento cíclico – ou linear, como representado pelos modernos – ou estariam isolados em si, podendo ser vistos como fragmentos móveis dentro de um caleidoscópio. O mosaico resultante de uma determinada organização dos eventos seria uma criação de sentido imposta pelo historiador. Na

[28] "Os reguladores pré-modernos do pensamento histórico são princípios de composição e representação. A história não é ciência, mas uma determinada 'arte', um gênero literário. Portanto, ela não possui aspirações científicas, e ela não se tematiza metodológica ou científico-teoricamente [...], mas ela clama por coerência formal e se tematiza dentro das molduras da retórica."
[29] "A história pressupõe cultura escrita."

pós-modernidade, a contextualização narrativa é substituída pela descontextualização, pela busca de devolver o caráter individual a cada acontecimento isolado. O resultado é uma representação estilhaçada do passado, uma soma anárquica dos elementos.

Hayden White, um dos principais representantes da crítica pós-moderna à historiografia, crê que a narratividade através da qual os historiadores organizam os eventos históricos em um encadeamento regular é um instrumento ideológico e que a história deveria ser despida dessa "politização" que se faz de seu conteúdo. Na análise de obras do século XIX, ele conta com quatro tropos como ferramentas: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. A identificação da estrutura tropológica deve servir para que não haja mais uma leitura inocente do material apresentado, e para que haja uma desconstrução das relações instauradas entre os diferentes níveis do texto.

Embora os pós-modernos encarem o trabalho realizado pelos historiadores como "criação de sentido", não se pode colocar a narratividade histórica moderna e a ficção em um mesmo plano, especialmente devido à recepção que se faz desses textos, como argumenta Achim Saupe (2009: 50): "Während die Fiktion voraussetzt, dass der Leser freiwillig seine Ungläubigkeit aufgibt, wendet sich der Historiker an einen misstrauischen Leser, der von ihm erwartet, dass er seine Erzählung glaubt."[30] Assim como um livro de ficção dá sinais de que se trata de ficção, um livro de história dá sinais de ser um livro que segue as práticas científicas de seu tempo, através de prefácio, notas de rodapé, fontes etc.

Das Echolot dá muitos sinais de que é um livro não ficcional, com as numerosas fontes no final do livro, indicações de datas e informações sobre os autores reais da maioria dos fragmentos, de forma que poderia ser considerado como história. Entretanto, outro importante aspecto de *Das Echolot* é a ausência de um narrador. A atividade de Kempowski se reduz à escolha de movimentos históricos e aos documentos que devem representá-los. O encadeamento de causa e consequência deve ser estabelecido pelo próprio leitor,[31] que procura encaixar as peças do mosaico ali oferecido de uma maneira mais harmoniosa e menos estilhaçada. Para que a obra possa ser percebida como uma unidade, é natural que o leitor se sinta impelido a agrupar relatos do mesmo tipo, ou a comparar os relatos de diferentes grupos, de forma a reconstruir o significado histórico, como fazem os historiadores (modernos). Entretanto, uma busca de um significado independente e individual para cada um dos fragmentos também fica facilitada por se tratar de micro-história (voltada mais para vivências particulares do que para o grande quadro de acontecimentos) e pela ausência do narrador. A

[30] "Enquanto a ficção pressupõe que o leitor desista voluntariamente de sua incredulidade, o historiador se dirige a um leitor desconfiado, do qual ele espera que creia em sua narrativa."
[31] Como é típico da técnica de montagem, que será discutida mais adiante no capítulo *I.5. Montagem e Colagem*.

tarefa de encontrar um fio narrativo apropriado e de atribuir valor ao material apresentado é de responsabilidade do leitor apenas.

Os textos selecionados não são ficcionais, contudo, sua exposição não é puramente pautada pela regulamentação científica, pelo contrário, o prefácio do primeiro volume faz mais menções à recepção emocional que se pode ter do conteúdo do que a uma leitura racional do material:

> Diese Arbeit rief in mir die unterschiedlichsten Gefühle wach: Verständnis und Verachtung, Ekel und Trauer. Zum Schluß, als ich den großen Chor beisammen hatte und das Ganze auf mich wirken ließ, stand ich plötzlich unter ihnen, und es überwog das, was wir mit dem Wort "Liebe" nur unzulänglich bezeichnen können.[32] (KEMPOWSKI, 1993: 7)

Cada um dos fragmentos pode ser considerado como um pequeno relato histórico, mas o "organizador" deles não aponta para uma leitura crítica e racional. Ele espera que o leitor, como ele, se deixe envolver, faça uma leitura crítica, mas com envolvimento emocional. Em outras palavras, o livro não deve ser lido como uma obra científica. Outros livros, com formato semelhante, serão tratados a seguir, e, através da comparação, evidenciar-se-á, em *Das Echolot*, a ausência do caráter científico ou de uma estrutura argumentativa clara que indique a conclusão a ser extraída do livro.

[32] "Esse trabalho acordou em mim os sentimentos mais diversos: compreensão e desprezo, nojo e luto. Por fim, quando eu havia juntado todo o coro, e deixei o todo operar sobre mim, prevaleceu aquilo que nós, insatisfatoriamente, só podemos designar com a palavra 'amor'."

I.3.Predecessor e Sucessor – Obras que se assemelham a *Das Echolot*

Aqui serão apresentadas duas obras que têm relevantes semelhanças estruturais com *Das Echolot*, a dizer, *Passagens* de Walter Benjamin, publicado postumamente no ano de 1983, e *Human Smoke*, do estadunidense Nicholson Baker, lançado em 2008. Estas não são, evidentemente, as únicas obras que apresentam algum tipo de relação com *Das Echolot*, elas apenas são tomadas como exemplos para pensar o desenvolvimento de *Das Echolot* em comparação com alguns dos livros que podem ser considerados paralelos. *Passagens* é uma obra inacabada que aponta para os rumos que Kempowski iria tomar anos mais tarde. Ela é relevante para compreender *Das Echolot* por ter sido lida pelo autor, que a cita em suas ponderações sobre o livro, e por abrir o caminho para esse tipo de releitura histórica. *Human Smoke*, por sua vez, foi lançado depois de *Das Echolot*, quando Nicholson Baker já havia lecionado em um curso de verão na *European Graduate School*, o que pode haver proporcionado contato (direto ou indireto) do autor com a obra de Kempowski. Embora não seja possível fazer afirmações concretas sobre esse assunto, *Human Smoke* apresenta uma estrutura semelhante à de *Das Echolot.* O livro conta a história da Segunda Guerra através de episódios que começam já no final do século XIX. Estes são organizados cronologicamente, como os fragmentos de *Das Echolot*. A apresentação da obra serve tanto para uma reflexão sobre diferentes métodos de conduzir uma montagem com material histórico quanto para evidenciar uma tendência na aplicação da técnica, que continua se desenvolvendo mesmo que o contato entre os autores seja improvável.

I.3.1. Passagens

Passagens é frequentemente comparado com *Das Echolot* devido à forma que Benjamin pretendia conferir a seu livro. Através de citações e comentários próprios apresentados em forma fragmentária, Benjamin procura reproduzir o mecanismo do pensamento e da vida de uma época. Já a obra de Kempowski, que usa apenas uma quantidade limitada de citações de intelectuais, apresenta um retrato do que ocorreu na época e das reações individuais aos acontecimentos. Mesmo quando trata das ideias que circulavam então, o livro apresenta a situação geral da época, e não a formação de ideias e suas consequências, como em *Passagens*. Entretanto, o aspecto fragmentário e o método da montagem fazem com que uma obra remeta à outra.

Durante sua vida, Benjamin fez uma coletânea de citações de diferentes fontes com a intenção de escrever um livro que oferecesse um panorama de Paris e suas galerias no final do

século XIX e início do XX. Ele acreditava estar realizando uma representação mais elevada deste momento histórico (cf. BENJAMIN, 1991: N 3,3). Segundo Benjamin, escrever história é o mesmo que citar história (cf. *ibidem*: N 11,3), e se torna mais fácil entender seu propósito ao escrever um livro a partir de fragmentos quando se lê esta sua afirmação: "Geschichte zerfällt in Bilder nicht in Geschichten"[33] (*ibidem*: N 11, 4). Em sua perspectiva da história já estava o gérmen da teoria que seria desenvolvida pelos pós-modernos. Para Benjamin, a história não deve ser narrada, mas pode ser apresentada através de imagens, com seus antagonismos. A representação de Paris ocorre através de blocos temáticos, muitos dos quais causam um efeito imagético ao serem lidos. A obra foi encontrada em excertos, com uma grande riqueza de citações e também muitos comentários deixados por Benjamin. Embora estes já estivessem divididos em seus blocos temáticos, a obra é incompleta e não há como saber qual seria a disposição definitiva que o autor desejava para estes fragmentos. A obra *Passagens* atingiu reconhecimento nos dias de hoje, mas seu editor teve problemas em aceitar o *corpus* que estava disponível. A princípio, ele desejava publicar apenas os comentários de Benjamin, sem nenhuma das citações, o que estava muito longe do desejo do autor, que se expressou da seguinte forma ao comentar a obra que estava compondo: "Methode dieser Arbeit: literarische Montage. Ich habe nichts zu sagen. Nur zu zeigen."[34] (*ibidem*: N I a, 8)

Durante o processo de composição de *Das Echolot*, Kempowski tinha conhecimento das *Passagens* e estava ciente das semelhanças que poderiam ser identificadas entre as duas obras, tecendo comentários a respeito em seu diário pessoal. Ao se ver em complicações para selecionar o material a ser publicado, por exemplo, ele comenta que lhe "consola" saber que Benjamin não conseguiu levar adiante sua ideia de introduzir fotos em *Passagens*, o que teria tornado o livro muito mais efetivo (cf. KEMPOWSKI, 2005: 311). Kempowski também cita um fragmento que serve para a compreensão da leitura que pode vir a ser feita do material apresentado em *Das Echolot*:

> Aus Benjamins "Passagen": "Was uns zur Betrachtung der Vergangenheit treibt, ist die Ähnlichkeit des Gewesenen mit unserem Leben, welche ein Irgendwie-eins-Sein ist. Durch Erfassung dieser Identität können wir uns selbst in die reinste Region, den Tod, versetzen." (Hugo v. Hofmannsthal: "Buch der Freunde", Leipzig 1929, p.111)[35] – (KEMPOWSKI, 2005: 280)

[33] "A história se desfaz em imagens, não em histórias."
[34] "Método desse trabalho: montagem literária. Eu não tenho nada a dizer. Apenas a mostrar."
[35] "De 'Passagens' de Benjamin: 'O que nos impulsiona à observação do passado é a semelhança entre aquilo que foi e nossa vida, o que é um ser-um de alguma forma. Através da aquisição desta identidade, podemos nos transferir para a mais pura região, a morte.' (Hugo v. Hofmannsthal: 'Livro dos Amigos', Leipzig 1929, p.111)"

A citação ilumina também a obra de Kempowski, porque menciona a razão do impulso para que procuremos saber mais do passado, e também porque a aquisição dessa identidade nos remete à morte, que acaba por ser a temática principal de *Das Echolot*.

Os trabalhos de Benjamin e Kempowski se assemelham pela larga utilização de fragmentos e pelo método da montagem, mas se distanciam na medida em que Benjamin fez muitas anotações e comentários relativos ao material apresentado e aos fatos aludidos em sua obra, enquanto Kempowski fez uma montagem, limitando seus comentários a um curto prefácio. Devido ao fato de Kempowski não fazer comentários que direcionem a leitura do livro, a estrutura é muito mais trabalhada e até mesmo linear, pois se trata de um chamado "diário coletivo"; já a obra de Benjamin, como apontado anteriormente, é uma obra incompleta, sua forma não apresenta um trabalho de organização evidente, mas não há como saber qual seria o acabamento concedido a ela quando estivesse terminada. Outro ponto relevante é o tipo de material selecionado para compor os fragmentos: enquanto Kempowski procura fazer uma representação da guerra especialmente através de documentos que dão conta de uma visão pessoal e intimista, Benjamin utiliza citações de literatos e diferentes teóricos, reconstruindo a visão intelectual – e não pessoal – de uma época. O objetivo de *As Passagens* é a compreensão racional do material exposto, enquanto o material selecionado por Kempowski oferece uma visão estética e uma compreensão emocional. Seria possível afirmar que, tendo-se em consideração as diferenças relativas à composição e à intenção das obras, Kempowski não apenas concretizou o método de Benjamin, encontrando uma forma para ordenar os fragmentos, mas também o radicalizou (cf. LAMPERT, 2006), deixando todos os seus comentários pessoais fora da arte final.

Outra diferença relevante entre as duas obras é que a obra *Passagens* compõe um livro teórico, enquanto *Das Echolot* pode ser lido como um romance. Embora não se possa afirmar categoricamente que *Das Echolot* é um romance, ele foi montado de maneira que se assemelhasse a um. É um romance onde os destinos individuais não são o que importa, e sim o desenvolvimento da guerra e sua influência sobre a vida daqueles que estão envolvidos nela direta ou indiretamente. Durante a leitura do livro, observa-se como a situação no *front* vai se tornando mais difícil, como o frio atinge cada vez mais e mais os alemães que se encontram na União Soviética e como a fome cresce entre os habitantes de Leningrado. Embora a presença repetida de relatos de determinadas pessoas ajude a dar unidade ao livro – relatos que o leitor passa a identificar depois de alguns "dias", seguindo também suas histórias particulares –, a história é montada de forma coletiva. O aumento da fome em Leningrado, por exemplo, recebe o dinamismo típico de um romance não tanto devido à cadeia de relatos

de determinados indivíduos, mas justamente devido à pluralidade dos testemunhos. Uma vez que o período apresentado é inferior a um mês, 7 a 31 de dezembro, as histórias individuais não seriam suficientes para dar a ideia de um crescimento da fome, a qual está presente especialmente na seleção de textos paralelos, alguns deles escritos na data, outros procedentes de testemunhos dos horrores da fome. Os textos sobre a situação em Leningrado são introduzidos de forma gradual: primeiramente são apresentadas as famílias que sofrem com a falta de comida em geral e devem subsistir com os cartões que recebem do Estado para receber rações de alimento; com o passar dos dias, outras informações sobre a fome são acrescentadas, começando com o consumo de gatos e cachorros e passando a pessoas que tiveram que se "alimentar" com terra ou cinto de couro cozido. A morte é presente desde o início dos relatos – quando se menciona que os homens costumavam morrer antes das mulheres, que têm uma quantidade maior de gordura no corpo –, mas vai se tornando mais pessoal, passando pela quase morte de uma das figuras devido à ingestão de um bolo de mostarda pura, até chegar a cenas mais cruéis, nas quais encontramos bebês vivos nos colos de mães mortas há dias, um homem pisoteado na fila para o pão ou mães observando o falecimento dos próprios filhos. A gradação nos relatos é semelhante à de um romance, e a montagem faz com que o leitor não observe mais o destino de um ou poucos indivíduos, mas seja guiado pelo destino de todo um povo.

I.3.2. Human Smoke

À primeira vista, temos um livro à imagem de *Das Echolot*. Lançado quatro anos depois do último tomo do livro de Kempowski, *Human Smoke* procura contar a partir de fragmentos a história do como se chegou à Segunda Guerra. No mosaico formado por Nicholson Baker há as duas formas de narração: a vertical, em que boa parte dos acontecimentos é exemplar, mas envolve pessoas que não voltaram a ser mencionadas no livro, e a horizontal, em que há uma série de relatos que envolvem as mesmas pessoas e podem ser acompanhados junto com o desenrolar do livro. A narração horizontal costuma envolver políticos ou homens proeminentes, como Churchill e Gandhi, para que se observe o desenvolvimento de seus pensamentos ou atitudes públicas, mas também há histórias como a do jornalista Mowrer e sua esposa, que podem ser seguidas com o decorrer do livro.

Human Smoke é organizado cronologicamente. Ele inicia com uma conversa que se deu em agosto de 1892 entre o produtor de explosivos Alfred Nobel e a pacifista Baronesa Bertha von Suttner e termina com anotações do diário do judeu romeno Mihail Sebastian no encerramento do ano de 1941. As datas, contudo, não recebem o destaque que têm em *Das*

Echolot. Os fragmentos são apresentados de forma contínua, não havendo sequer uma separação por ano, e as datas vêm no corpo do texto, podendo aparecer no meio ou no fim, ou simplesmente não serem mencionadas, o que faz com que o leitor tenha que se guiar pela datação dos textos anteriores e posteriores.

Apesar das semelhanças com *Das Echolot*, o impacto causado por *Human Smoke* é diferente. A ausência de uma vasta gama de histórias pessoais como as apresentadas por Kempowski faz com que o livro ganhe um caráter mais documental. Assumidamente pacifista, Baker procurou fazer um livro que apontasse as origens da guerra e a parcela de culpa da Inglaterra nos acontecimentos posteriores. A presença constante de Gandhi no livro serve para nos lembrar de que a Inglaterra não atuou apenas como o bom moço na história mundial, mas também desempenhou um importante papel como vilão. Kempowski também montou um livro através do qual desejava mostrar a insensatez da guerra, quando o sofrimento perpassa todas as nações envolvidas, mas a leitura nos conduz por variadas histórias pessoais e o envolvimento com o que é narrado é quase que inevitável. Em *Das Echolot*, é a identificação com a história e as "personagens" que desempenha o papel argumentativo, os fragmentos escritos pelas pessoas daquela época, sem a intermediação do autor da obra, envolvem de tal maneira que não são mais encarados apenas como documentos factuais e há um envolvimento maior com o que é lido. *Human Smoke* também incita diferentes sentimentos no leitor, indignação, compaixão, pena havendo mesmo alguns trechos bem-humorados, como a anedota de Alfred Nobel que abre o livro, mas o envolvimento afetivo é limitado, o leitor tem consciência de que se trata de uma argumentação apresentada como um documentário sobre as origens da guerra. Nicholson Baker não é um historiador, é um escritor como Kempowski, mas não teve o desejo de transformar esses relatos em um grande romance, e sim desvelar detalhes sobre as razões para a guerra que lhe pareceram negligenciados.

Como Kempowski, Baker é um colecionador aficionado, e foi isso que permitiu que ele tivesse material suficiente para compor o livro. Mas, enquanto Kempowski colecionava biografias, Baker é um colecionador de jornais. Ele afirma que, para compor o seu livro, utilizou artigos de jornal, diários, memorandos, memoriais e proclamações públicas e fontes secundárias, porém, declaradamente deu preferência a artigos extraídos do *The New York Times*, com a seguinte justificativa:

> Die *New York Times* ist vermutlich die ergiebigste Quelle für die Geschichte und Vorgeschichte der Kriegsjahre, ergiebiger als die britischen Zeitungen, die stark zensiert wurden. Rundfunkansprachen, amtliche Presseerklärungen, die Texte von abgeworfenen Flugblättern, übersetzte Nachrichten aus dem Ausland und Notizen über Originalaussagen vor dem

> Kongress finden sich alle in der *New York Times* neben guten Reportagen.[36] (BAKER, 2009: 522)

O fato de Baker, em seu posfácio, declarar-se abertamente partidário de um determinado jornal é indicador de outra importante diferença em relação a Kempowski. Baker afirma expressamente que ele crê em uma versão melhor da história original, que aquilo que ele está publicando deve vir de fonte não apenas mais frutífera, mas também mais confiável. Kempowski, pelo contrário, não procura prover uma versão da verdade, mas mostra a história como algo multifacetado. As muitas histórias conflitantes de *Das Echolot* podem, em alguns momentos, ser indicações das mentiras que foram propagadas pelos políticos da época, mas, em vários outros momentos, são histórias contrastivas, que não se anulam, são apenas uma prova de que a história sempre terá diversos pontos de vista. Como Weidermann afirma: "Während Kempowski niemals selbst erzählend eingreift, immer nur die Quellen sprechen und oft gerade auch das Abseitige, Zufällige, Botschaftslose stehen lässt, ist bei Baker von der ersten Seite an klar, dass hier ein Arrangeur mit Wirkungswillen angetreten ist."[37] (WEIDERMANN, 2009: sem paginação) Esse desejo de convencer o leitor de um determinado posicionamento, no caso, o pacifismo, também se reflete na organização dos textos. Mesmo que a ordenação se dê principalmente pelas datas nas quais os eventos ocorreram, há uma tendência evidente de colocar juntas ideias divergentes. Argumentos belicistas costumam estar localizados junto aos pacifistas, o que proporciona um diálogo imediato entre eles. Devido à pluralidade de textos em *Das Echolot*, esses contrastes não ficam tão explícitos e quando ocorrem parecem ser frutos do acaso, não da interferência da mão do autor. O diálogo que surge dos textos de *Das Echolot* não é induzido dessa maneira; na grande maioria dos casos, as vozes ecoam na lembrança do leitor e os textos contraditórios acabam por servir como um gancho que traz de volta os relatos e propicia a reflexão.

A orelha da tradução de *Human Smoke* para o alemão informa que "Der Autor meldet sich nicht zu Wort",[38] o que, entretanto, não condiz com a realidade. O livro é em grande parte redigido pelo autor, a colagem não se faz de recortes secos ou rudimentares de diferentes fontes, cada fragmento é um resumo de uma determinada informação, cena ou acontecimento. Os textos sempre apresentam citações – de costume mais breves do que o

[36] "O *New York Times* é provavelmente a fonte mais fértil para os antecedentes e a história dos anos de guerra, mais fértil do que os jornais britânicos, que foram fortemente censurados. Discursos radiofônicos, declarações oficiais à imprensa, os textos dos panfletos jogados, notícias traduzidas do exterior e notas sobre versões originais diante do Congresso encontram-se todas no *New York Times* junto a boas reportagens."
[37] "Enquanto Kempowski nunca intervém narrando ele próprio, sempre deixa que as fontes falem e com frequência deixa que fique [no livro] também justamente o desviado, o casual e aquele que não carrega mensagens, no caso de Baker é claro desde a primeira página que aqui se apresenta um arranjador com desejo de causar efeito."
[38] "O autor não vem à palavra."

próprio texto – que vêm a conferir uma certa credibilidade ao material apresentado. A impressão de que o autor não "vem à palavra", mesmo que a maior parte do livro tenha sido redigida pelo próprio Baker, ocorre por ele não comentar os fatos. Ele apenas apresenta, ainda que com as próprias palavras, cenas que podem "iluminar" o leitor sobre o que ocorreu de fato naquela época. Mas sua intervenção é mais explícita do que a de Kempowski. Ele frequentemente junta causa e efeito em um mesmo relato e faz uma apresentação dos fatos que evidencia suas intenções.

Por fim, gostaria de notar que as duas obras não apresentam o chamado "final feliz". *Das Echolot* vem nos apresentar o sofrimento da guerra e mesmo, em seu último tomo, o simples término da guerra não pode ser um sinônimo de alívio, pois os sofrimentos da invasão russa, da fuga dos alemães, da reconstrução dos países e das vidas dos envolvidos ainda vão durar muito tempo. *Human Smoke* pretende mostrar como todos os envolvidos têm sua parcela de culpa e levar as descrições até o final da guerra poderia ser o mesmo que coroar os americanos como salvadores, o que não serviria para o propósito pacifista do livro. Assim sendo, o livro termina no final de 1941 (mesma data de *Barbarossa '41*), quando a tragédia do Holocausto começa a se desenrolar com mais nitidez e a Segunda Guerra Mundial já foi instaurada. Nesses dois casos, pode-se afirmar que a falta de um "final" faz com que a reflexão sobre o que foi apresentado se prolongue, de modo que a ausência funciona nessas obras de montagem como um dos melhores argumentos.

I.4.Gênero literário

"Diário coletivo" é a designação dada por Kempowski a *Das Echolot*, obra que conta com diferentes tipos de fragmentos, em sua grande maioria escritos durante o período que representam, organizados cronologicamente. Mas muitas características diferenciam o "diário coletivo" de um diário comum: ele não é apenas escrito por várias pessoas, mas é escrito por pessoas que não têm conexão entre si, e apenas parte dos textos nele apresentados foi escrita como diários íntimos. A multiplicidade de vozes é tão importante quanto a multiplicidade de gêneros para a composição da obra que visa oferecer um panorama amplo de determinados momentos da Segunda Guerra.

A descrição do gênero literário "diário coletivo" será feita em duas etapas: primeiramente, serão apresentados os diferentes subgêneros que compõem a obra, as partes do mosaico; em seguida, será discutido como essas partes interagem e que leitura se faz do livro como um todo. "Como um todo", pois a leitura fragmentada também é possível, mas seu efeito estará potencialmente mais próximo daquele descrito na primeira etapa, quando os textos são considerados individualmente.

I. 4.1. Os fragmentos

O "diário coletivo" é formado por diferentes fragmentos, nem todos literários. Nos tomos de *Das Echolot* encontram-se: diários, cartas, memórias, autobiografias, discursos, notícias radiofônicas, relatórios, estatísticas, panfletos e programações culturais. Também há trechos da Bíblia, canções e poesias que servem como moldura e suporte para a estruturação dos "dias" e do livro. Desses gêneros, destacam-se os diários, as cartas e as memórias por serem representados em maior número – enquanto os outros formam um grupo minoritário –, estando os dois primeiros mais próximos do conceito do diário já que são narrativas subjetivas em primeira pessoa, escritas no dia, quando há o contato imediato com os acontecimentos.

Os diários, cartas e memórias podem ser distinguidos dos documentos restantes por serem *ego-documents*: textos que permitem escutar a voz de um sujeito, fixada mediante certas regras discursivas. Através desse regulamento (o discurso da época, da classe social, do sexo da pessoa, das convenções do gênero epistolar etc.) é possível perceber também a individualidade da pessoa, seu temperamento e sua inteligência, suas atitudes morais, suas esperanças e seus desesperos. Nesse sentido os gêneros dominantes entre os fragmentos são gêneros subjetivos que privilegiam uma leitura emocional e identificadora e que permitem a compreensão dos sujeitos a partir da sua própria situação histórica, seu próprio horizonte.

O diário é gênero utilizado pelo autor para definir *Das Echolot* e é o gênero com maior representação na obra. Ele é caracterizado por ser uma narrativa subjetiva em primeira pessoa, estruturada em ordem cronológica. O diário íntimo geralmente se dirige ao próprio autor, para que ele possa fazer leituras posteriores de suas próprias impressões de acontecimentos externos e internos em dado momento. O diário pode abranger qualquer temática que interfira no dia a dia daquele que o escreve, servindo tanto para relatar e comentar vivências próprias, como para dar opiniões sobre situações ou temas diversos, de forma a compor uma autoimagem do "eu". Diários costumam ser marcados pela espontaneidade do autor na forma de se expressar, entretanto, há casos de diários que são escritos para serem publicados. É comum que aqueles que escrevem diários reflitam sobre o gênero e se comparem com outros que também mantiveram diários (cf. SCHÖNBORN, 2007: 708). Os acontecimentos narrados costumam ter ocorrido no mesmo dia, ou em um passado próximo, o que diferencia o diário das autobiografias ou memórias, gêneros que frequentemente encontram suporte na escritura prévia de diários.

> Während an eine Autobiographie zumeist der Anspruch gestellt wird, dass der Autor in ihr eine Darstellung seiner Persönlichkeit und seiner subjektiven Lebensgeschichte entwirft, sind die Memoiren einer Außenperspektive verpflichtet und zeichnen ein eher zeitgeschichtlich relevantes Bild.[39] (KRAUS, 2007: 22-23)

Em *Das Echolot*, os textos pessoais que têm pouca ou nenhuma conexão com o cenário da guerra costumam ser diários, como o de André Gide. Os textos escritos posteriormente ocupam-se inevitavelmente da relação de seus autores com os acontecimentos da época, e costumam detalhar mais os acontecimentos históricos do que vivências internas pessoais. Essa é uma das principais características a diferenciar um diário e uma memória; as autobiografias e memórias se definem pela "thematische Distanz zwischen der erzählenden und der erlebenden Instanz".[40] (*ibidem*: 23) Essa distância do que foi vivido pode influenciar no que é narrado, porque a memória não é cem por cento confiável. Por outro lado, como aponta Jürgen Kuczynski (1983: 43), o distanciamento permite que se tenha uma visão e compreensão mais abrangente do ocorrido.

Outra característica crucial das memórias e autobiografias é o fato de se dirigirem a um público externo (ao contrário dos diários íntimos e das cartas), ou seja, trata-se de um gênero textual que está fora da esfera privada. As autobiografias e memórias de *Barbarossa*

[39] "Enquanto, na maior parte das vezes, demanda-se da autobiografia que o autor conceba nela a representação de sua personalidade e de sua história de vida subjetiva, as memórias são obrigadas à perspectiva externa e esboçam uma imagem preferencialmente relevante à história de seu tempo."
[40] "distância temática entre a instância que narra e a que vivencia."

'41 podem ser divididas segundo a nacionalidade do autor e seu público-alvo imediato: alemães e russos (em especial, de Leningrado).

Uma pesquisa no arquivo de Kempowski permite definir que as autobiografias não publicadas utilizadas no livro costumam ser, na verdade, memórias da guerra escritas em boa parte com base em diários, com a finalidade de que filhos ou parentes próximos compreendessem o que foi esse momento da guerra. As autobiografias alemãs foram, na maioria das vezes, escritas para um pequeno círculo familiar e, depois, enviadas sem alterações para Kempowski quando seus autores tomaram ciência do arquivo. Dois exemplos representativos são a autobiografia de Klaus E. Bänsch e o diário de Marianne Sperl. Klaus E. Bänsch[41] escreveu dois livros de tiragem de vinte exemplares: *Müssen und Wollen – Ein Rückblick* (Dever e Querer – Uma Retrospectiva), em 1983, e *Es muß durchgestanden werden – Ein weiterer Rückblick* (Deve-se sobreviver – Mais uma Retrospectiva), em 1984. O primeiro volume dá conta da vida de Klaus até fevereiro de 1942 e o segundo, do início de 1942 aos dias nos quais a brochura foi publicada. Os livros são destinados a seus filhos e contam com cartas e diários de Bänsch e de sua futura esposa e com ponderações sobre tudo o que aconteceu. Bänsch utiliza as cartas e diários como subsídio a seus comentários, mas também para afastá-los de uma narrativa que soe ficcional devido ao tempo e ao esquecimento. Já Marianne Sperl fez apenas uma seleção de trechos do diário, também com a intenção de compartilhá-los com seus filhos. O posfácio do diário traz a seguinte reflexão: "Beim Durchstöbern der vielen Tagebuchseiten und Briefe fiel mir auf: Man wußte mehr, als man später wahr haben wollte. Man wußte natürlich nur gerüchteweise und nichts genaues über all die Naziverbrechen. So war es leicht, das Gehörte zu verdrängen."[42] O distanciamento permite que ela tenha um outro olhar sobre os eventos, o que Kuczynski nos lembra que é natural, e ela entrega os diários mais com o intuito de fazer uma confissão do que de ocultar o que realmente havia ocorrido. A versão entregue, porém, não corresponde à íntegra do diário, como se verifica através da correspondência de Sperl com Kempowski – também contida no arquivo –, na qual ela se recusa a enviar os originais do diário, mas envia digitados mais alguns trechos que não haviam sido incluídos no livro:

[41] Seus textos foram excluídos de *Barbarossa '41*, mas ainda constam em grande número da versão pré-editorial do livro. Lendo a correspondência de Kempowski com Bänsch, assim como o material exposto em seus textos, não é possível encontrar a razão pela qual seu testemunho tenha sido completamente excluído, restariam apenas especulações sobre contatos com o autor ou seus familiares que porventura não estejam registrados no arquivo. Contudo, creio que vale mencionar seus livros, já que eles são representativos do que se encontra entre os documentos do arquivo de biografias não publicadas.

[42] "Ao remexer as muitas páginas de diário e cartas, ocorreu-me: Sabia-se muito mais do que depois se gostaria de acreditar. É claro que só se sabia sobre os crimes do nazismo através de boatos e nada muito exato. Assim era fácil suprimir aquilo que havia sido escutado."

> Ich schicke Ihnen Auszüge und nicht das Original. Ich schrieb damals nur für mich selber und möchte auch heute noch nicht die ganzen jugendlichen Emotionen und Gefühle der Öffentlichkeit geben. Sie werden das verstehen. Ich kann Ihnen versichern, daß es originale Texte sind, zu denen nichts hingefügt wurde – wohl aber weggelassen.[43]

Marianne Sperl explica em outro momento que os sentimentos juvenis referem-se a um namorado do qual teve que se separar, porque ele havia se tornado militar. Pela introdução que Sperl faz ao seu diário, fica claro que ela tem a intenção de reconhecer os erros ou momentos sombrios ligados ao Nacional Socialismo, mas essa recusa em deixar que se vejam elocuções amorosas deixa evidente o intuito – provavelmente compartilhado por outros que escreveram memórias para seus filhos – de esconder fatos considerados vergonhosos, relacionados ou não com a guerra. Por outro lado, o recorte feito com a intenção de fazer essas histórias circularem apenas por um número pequeno de pessoas pode ser menos rígido do que um que pretende fazer o material conhecido do grande público.

Enquanto isso, as memórias russas são, desde o princípio, dirigidas a um arquivo. São todas partes integrantes de arquivos de São Petersburgo pesquisados por Anatoli P. Platitsyn. O enfoque aqui tende a ser menos emocional, o autor sabe que aquele que lerá seus relatos não tem qualquer laço afetivo com sua família, e isso também faz com que as relações entre as pessoas citadas costumem ser mais definidas.

Os diários, as autobiografias e as cartas compartilham a característica de serem todos documentos que retratam fatos relacionados à vida daquele que os escreve, mas eles se diferenciam em mais de um aspecto. Os diários e as cartas se distinguem das autobiografias/memórias devido ao distanciamento temporal; nos dois primeiros a proximidade dos acontecimentos se reflete no estilo da escrita, que guarda uma certa perplexidade ao relatar os eventos. Os diários e as cartas também se diferenciam por se relacionarem a uma esfera privada. Enquanto os diários são dirigidos ao próprio autor e as cartas são remetidas a um familiar, amigo ou conhecido do autor, as autobiografias são dirigidas ao público, a qualquer um que se interessar por elas. Nesse sentido, *Das Echolot* "aliena" o diário e a carta de seu círculo funcional original e passam a "dialogar" com os outros textos inseridos no livro, enquanto na memória e na autobiografia o tom e a atitude do narrador estão relativamente de acordo com a estrutura do "diário coletivo", mesmo que não no conjunto com as outras vozes.

Um outro diferencial das cartas é o fato de elas serem a representação de um diálogo entre duas pessoas distantes. Mesmo quando as cartas de resposta não estão disponíveis, o

[43] "Envio-lhe trechos, e não o original. Naquela época, escrevi para mim mesma e ainda hoje não gostaria de expor essas emoções e sentimentos juvenis publicamente. O senhor vai me entender. Posso assegurar-lhe que são textos originais, aos quais nada foi adicionado – mas certamente excluído."

destinatário é sempre presente, muitas vezes também através de antecipações que o remetente faz do que o destinatário poderia responder ou pensar sobre o que está sendo exposto. A presença física do interlocutor também pode ser sugerida (cf. MÜLLER, 2009: 76), como quando o remetente afirma estar imaginando abraçá-lo. Um problema típico da editoração de cartas (e diários) é a falta de referenciais. Pode faltar parte das cartas de resposta, ou todas, e muitas vezes é necessário recorrer a documentação externa para compreender o que está sendo escrito nas cartas. *Das Echolot* não conta com esse trabalho editorial. Muito embora uma visita aos arquivos para ler uma sequência maior de cartas ou uma consulta às correspondências do autor com o doador das cartas seja suficiente para desfazer parte das dúvidas, não há a interferência de um autor ou editor que dê essas explicações no livro. Esse problema, obviamente, também se verifica em parte dos diários; mesmo que não faltem as cartas de um correspondente, faltam os outros dias que muitas vezes formam uma sequência com o que está sendo narrado, assim como conhecimentos do autor que não compartilhamos. Há apenas um caso em *Barbarossa '41* em que se pode contar com as cartas das duas partes, o casal Hilde e Franz Wieschenberg, mas, até mesmo nesse caso, os pares de cartas não se completam. Com a demora para que as cartas da esposa chegassem de Düsseldorf e mais tarde da Floresta Negra até o marido que estava diante de Leningrado – e vice-versa –, a ordenação cronológica pelo dia de escritura das cartas não é suficiente para que elas sejam correspondentes. Além disso, a mesma ordenação cronológica costuma impedir que as cartas apareçam no mesmo dia, o que ocorre apenas uma vez, no "dia" 7 de dezembro de 1941, o que pode ajudar a chamar a atenção do leitor para o fato de haver cartas de um casal no *corpus* do texto, mas não há qualquer correspondência no material apresentado por elas. Essa falta de detalhes sobre o que é relatado e a ausência das cartas de resposta podem, contudo, ter um efeito de anonimidade sobre as narrativas, na medida em que parte delas fica mais embaçada, difícil de identificar com pessoas e situações específicas, o que colabora para a percepção de "coletividade" do livro, porque mesmo trechos de cartas e diários individuais podem apresentar lacunas que impeçam a compreensão de todo o material.

Os principais gêneros que definem o caráter da obra são marcados pela representação subjetiva dos acontecimentos ligados às vidas de seus narradores. Nesses casos, não importa se o autor realmente está em posse da verdade, mas se ele é honesto em seus relatos.[44] Por seu turno, os gêneros que figuram em menor quantidade costumam ter a função de dar credibilidade àquilo que está sendo narrado, por serem textos menos subjetivos, como os

[44] "The question of self-knowledge is thus transformed into a question of sincerity: we are meant to ask merely whether the first-person narrator is honest in revealing himself to us, not whether he is in possession of the truth." (MARTENS, 1985: 43)

relatórios ou estatísticas, ou acrescentar informações que não puderam ser apresentadas através de diários e cartas, mas que são importantes para que se compreenda a guerra como um todo. Por esse recorte, observa-se que *Das Echolot* não se preocupa em dar uma imagem "verdadeira" da guerra, o que importa é como ela atingiu indivíduos particulares, como perpetradores e vítimas reagiram individualmente aos acontecimentos. A subjetividade é a tônica do livro, como em um romance que tem seu foco nos sentimentos (das personagens e dos leitores), enquanto trechos mais fixados no fatual pontuam o livro de forma a relembrar que tudo o que está sendo narrado é baseado em fatos históricos reais.

Os gêneros periféricos que dão esse suporte para as narrativas subjetivas de *Barbarossa '41* são os discursos, as notícias radiofônicas, os relatórios militares, as estatísticas, os panfletos, as citações bíblicas e as canções populares da época. Deslocados de seu contexto original, cada um desses gêneros se adequa com maior ou menor facilidade ao novo contexto. Enquanto os discursos e notícias radiofônicas parecem complementos "naturais", uma vez que evocam textos que foram escutados pelos autores das cartas e dos diários e que tratam dos acontecimentos centrais, as citações bíblicas e as canções populares podem causar aversão ou estranhamento. Em *Das Echolot*, todos os fragmentos são retirados de seu contexto original e inseridos em um novo que muda seus receptores e suas funções. Enquanto a maioria dos textos é funcional, dentro do livro, eles passam a textos literários. As cartas, que têm a intenção de anunciar um acontecimento ou manter o contato com um ente querido, perdem essa função imediata. Os diários deixam de ser anotações íntimas, em que se revela até mesmo os pensamentos mais vergonhosos, por ser um documento pessoal, como ocorre com todas as superstições de Grete Dölker-Rehder ao especular sobre sinais místicos de que seu filho poderia estar vivo ou morto, ou com as confissões do jovem Jura Rjabinkin, que roubou parte da ração da família que sofria com a fome. As notícias radiofônicas deixam de (des)informar os cidadãos sobre os últimos "sucessos" no *front*. Os relatórios militares e as estatísticas secretas de mortos, feridos e prisioneiros não são mais meios de comunicar os últimos desenvolvimentos da guerra para superiores. Os discursos não encontram mais o público que deveria ser convencido das ideias nacional socialistas. Os panfletos falam de injustiças em tempos idos e não se dirigem mais ao público que deveria revoltar-se contra as autoridades e mudar a situação. Até a Bíblia, que pode ser considerada por muitos como um texto atemporal – ao contrário dos casos citados anteriormente –, perde sua função, deixa de ser um texto que aconselha e mostra o caminho de vida a ser seguido por seu leitor para tornar-se mais uma faceta do inferno da guerra evocado pelo livro.

A mudança não é tão drástica apenas quando se trata das memórias disponíveis nos arquivos russos, que desde o princípio se dirigiam a um público desconhecido e já poderiam ser caracterizadas como um tipo textual literário, destinado a guardar a memória do cerco. Já boa parte das autobiografias alemãs serve apenas como uma ponte para uma comunicação mais difícil com os familiares, um meio que possibilita um tratamento mais detalhado de assuntos dolorosos ou que exigem mais que uma simples conversa. Quando esses textos, tipicamente funcionais, adentram a esfera literária, eles não apenas perdem a função inicial e boa parte dos referenciais, mas pedem uma leitura diferente daquela para a qual foram designados. As cartas, diários, autobiografias e memórias unem-se para formar a truncada narrativa desse romance. Textos como relatórios e estatísticas ganham a função de representar a "realidade" de uma maneira mais ampla, mas as notícias e os discursos faziam parte do cotidiano daqueles que escreveram os diários e as cartas. Embora o leitor não seja o público ao qual eles se dirigem, ele deve imaginar como os autores dos fragmentos biográficos recebiam esses textos, qual era o impacto deles. Essa transposição dos textos para a vida dos indivíduos da época também pode ser feita com os textos bíblicos e as canções, que são, como todos os outros, textos da mesma época, seja por estarem presentes nas páginas de um calendário de 1941 ou por tocarem nas rádios de então. A comparação da realidade que eles representam, uma realidade muitas vezes idealizada, com o que de fato estava acontecendo naquele momento é inevitável, mas também se pode questionar como esses textos eram recebidos naquela época, que sentimentos causavam, e obter, assim, uma imagem que não seja mais ampla apenas por um detalhamento histórico mais preciso, mas também por conter mais ângulos dessas histórias pessoais.

I.4.2. O "diário coletivo"

O "diário coletivo" é o que poderia ser definido como um novo desenvolvimento do romance. Como Mikhail Bakhtin (1993: 379) aponta, o romance é um gênero inacabado, que está em desenvolvimento e do qual não se pode "prever todas as suas possibilidades plásticas". Através da técnica da montagem, Kempowski explora as possibilidades do romance dando ênfase à polifonia, havendo uma quantidade tão grande de vozes simultâneas que ocorre o efeito da descontinuidade. Em um romance como este a sensação de incompletude é ainda mais evidente. Bakhtin (1993: 422) ainda afirma sobre o romance:

> Uma outra manifestação da maior importância para a história do romance liga-se à nova orientação temporal e à zona de contato: trata-se das relações particulares do romance para com os gêneros extraliterários [...] Já desde o começo o romance e os seus gêneros precursores apoiavam-se em diversas formas extraliterárias da vida pública e privada [..] E nas épocas

> seguintes de sua evolução, o romance se utilizou larga e substancialmente das cartas, dos diários, das confissões, dos métodos da nova retórica judicial, etc. Construído na zona de contato com um evento da atualidade inacabada o romance freqüentemente ultrapassou as fronteiras da arte literária específica, transformando-se então, ora num sermão moralizador, ora num tratado filosófico, ora em verdadeira diatribe política, ora em algo que se degenera numa obscura confissão íntima, primária, em "grito da alma", etc. Todos esses fenômenos são muito característicos do romance, enquanto gênero, que está por se construir. Pois as fronteiras entre o artístico e o extraliterário, entre a literatura e a não-literatura, etc., não são mais estabelecidas pelos deuses. Toda a especificidade é histórica.

O "diário coletivo" é composto apenas por estas formas extraliterárias, em especial as da camada privada (cartas e diários), e em parte também as da esfera pública (discursos, panfletos e notícias). Nesse tipo de romance, o contato com o real é evidenciado de tal forma que a literatura se confunde com uma obra histórica.

Quando Bakhtin comenta os gêneros extraliterários, ele discorre sobre seu uso ficcional, mas *Das Echolot* apresenta majoritariamente documentos não ficcionais – sendo que os documentos ficcionais são parte do cotidiano vivido naquela época, são textos e elementos que foram vivenciados por aqueles que escreveram os textos que compõe as citações.

Das Echolot é uma nova ramificação do que Volker Neuhaus, autor de um livro sobre a narrativa multiperspectiva intitula de *Archivroman*, ou romance arquivo, gênero composto por livros que têm documentos como sua principal base. Neste grupo, Neuhaus (1971: 76) engloba uma grande quantidade de obras diferentes: "Die Vertreter des Typs 'Archivroman' sind daher von geringerer Familienähnlichkeit als die anderer Typen: gemeinsam ist ihnen aber, daß sie aus angeblichen Dokumenten bestehen oder solche zur alleinigen Basis haben."[45] Obras como *Schlachtbeschreibung* de Alexander Kluge (mencionada anteriormente em *I.1.4. Representações literárias da Segunda Guerra*) ou o romance-documentário *In Cold Blood* de Truman Capote são enumerados como alguns dos principais representantes do romance-arquivo. Essa designação aponta apenas para a composição da obra, que tem documentos e fatos reais como base, e para a intenção do autor, que informa o leitor que ele está diante de documentos reais e que a obra pretende representar a verdade, o que, no entanto, pode fazer com que esse leitor encare a obra com mais suspeitas do que se estivesse diante de um texto declaradamente ficcional, como foi visto no capítulo *I.3.História*.

Das Echolot marca o início do gênero que foi designado pelo próprio autor como "*kollektives Tagebuch*", ou "diário coletivo". Walter Kempowski denominou sua obra de "diário", mas até que ponto seu efeito e sua leitura são coincidentes com o que é considerado típico desse gênero?

[45] "Os representantes do tipo 'romance arquivo' têm, portanto, menos semelhanças familiares do que os de outros tipos: em comum eles têm apenas o fato de serem compostos por supostos documentos ou tê-los como sua única base."

Os trechos de *Das Echolot* são selecionados de acordo com o dia no qual foram escritos, os capítulos são introduzidos pela data que representam. No caso de *Barbarossa '41*, há apenas uma cisão, e a mesma sequência diária é seguida no segundo bloco do livro. Mesmo os diários comuns não têm uma forma extremamente limitada, eles podem conter poemas, desenhos, fotos ou até pequenos objetos que auxiliem na narrativa do dia daquele que o escreve ou que simbolizem um ânimo. Os trechos de canções populares da época e as fotos não afastam *Das Echolot* das características básicas de um diário, tudo colabora para que a percepção daquele tempo esteja bem representada. As fotos e canções expressam muito do que não pode ser descrito com palavras.

Por outro lado, um diário autêntico não pode ser coletivo, ele deve, necessariamente, demonstrar uma perspectiva individual dos acontecimentos. Mesmo que os textos de *Das Echolot* não tenham relação direta entre si, para que sejam compreendidos como uma "unidade", deve-se formar um diálogo entre as partes,[46] mas, com exceção da correspondência de Hilde e Franz Wieschenberg, nenhuma das cartas ou textos presentes em *Das Echolot* se dirige ou se relaciona diretamente com os outros textos. A leitura e interpretação dos fragmentos como um diálogo não é uma característica implícita nos textos em si, mas é imposta pela composição do livro. O leitor percebe os textos como um diálogo à medida que ele os agrupa e separa de acordo com as semelhanças e disparidades. Se certos fragmentos concordam entre si e dão suporte às afirmações uns dos outros, há outros que discordam claramente, formando uma espécie de discussão. As contraposições podem ser por pontos de vista diferentes, como quando os relatos dos exilados são confrontados com os de alemães que permaneceram (cada um dos grupos recebe a mesma notícia por uma fonte e uma perspectiva diferentes), ou por afirmações assimétricas, como os relatos soviéticos do primeiro "dia", entre os quais há aqueles que afirmam a surpresa completa diante do ataque e outros que não manifestam surpresa alguma, ou, por exemplo, quando se compara os relatos dos médicos Hermann Türk e Willi Lindenbach, cada um em um posicionamento diferente, de forma que um descreve cenas cruéis de bombardeios e mutilação, enquanto o outro parece estar em uma excursão de férias. Porém, a discussão que se forma durante a leitura não é incorporada apenas pelos fragmentos discordantes. Os relatos de alemães sobre os assassinatos em massa nos vilarejos invadidos estão de acordo com o que é descrito por outros judeus, mas esses textos também são percebidos como declarações de partes opostas. Se, por um lado, pode-se afirmar que uma característica básica do diário é de ser um documento particular (cf.

[46] No prefácio do primeiro volume, o próprio autor afirma: "ich habe ihre Texte zu einem Dialog formiert" (formei seus textos para ser um diálogo) (KEMPOWSKI, 1993: 7)

MARTENS, 1985: 5), e boa parte dos textos de *Das Echolot* é particular, por outro, a disposição dos fragmentos em uma mesma obra e o cruzamento de diferentes perspectivas causam um atrito entre as narrativas e documentos individuais com toda a coletividade de pontos de vista oferecidos pelo livro, que é o que chamamos aqui de "diálogo".

Como é típico de obras de montagem (que serão discutidas no próximo capítulo), o leitor é um componente importante do "diário coletivo", pois as vozes não têm nenhuma ligação direta entre si. Para que as conexões entre os fragmentos possam ser inteiramente exploradas sem a ajuda do editor que oferece as informações ausentes, o leitor não deve colaborar apenas com a imaginação para preencher as lacunas; o conhecimento prévio ou o interesse em pesquisar mais detalhes da guerra ou saber mais sobre as vozes dos proeminentes também são de suma importância. Um caso exemplar é o grupo de vozes da resistência. A relação entre os irmãos Scholl, Helmuth von Moltke e Ulrich von Hassell e a importância que eles teriam na guerra não ficam claras apenas através da leitura que se faz de seus textos de 1941; para compreender a função que desempenham no livro é importante que se saiba o que eles fariam poucos anos mais tarde, que todos os quatro se envolveriam com algum tipo de resistência ao Nacional Socialismo e que todos seriam executados por isso. Tal esforço não é necessário em um diário normal, mesmo que a leitura possa ser mais proveitosa quando se conhece mais da vida de quem escreveu o diário (não ficcional). A participação do leitor é focada na pesquisa da biografia de uma única pessoa e não de uma gama tão grande de personalidades, e em acontecimentos históricos que não estão encerrados dentro do período de que se ocupa o livro.

Muitas vezes, há uma forte interferência das outras narrativas presentes no livro quando se tenta imaginar uma das vozes não representadas; as famílias e os soldados presentes no livro substituem as vozes às quais não se tem acesso, pois são o referencial mais próximo de como as coisas eram na época. Assim, Grete Dölker-Rehde, por exemplo, passa a representar a mãe de todos os soldados no livro, e Hilde Wieschenberg, a esposa. Assim, cada fragmento também exerce a função de fechar as lacunas deixadas pelo outro.

O "diário coletivo" é escrito principalmente no tempo presente, referindo-se a eventos que "acabaram de acontecer", havendo apenas uma quantidade menor de casos que se tratam dos eventos no tempo passado. As narrativas ganham em impacto devido à consciência de que foram escritas por pessoas que não conheciam o próprio futuro, por indivíduos que ainda estavam imersos nas dúvidas e nos sofrimentos trazidos pela guerra, mas o leitor conhece, desde o princípio, o futuro daquelas pessoas, pelo menos o mais básico de sua existência. Além de saber quanto tempo a guerra ainda irá durar e quais serão as consequências políticas,

o leitor sabe, antes mesmo de começar a leitura do fragmento, através do cabeçalho, se o seu autor irá sobreviver ou não.

No mais, é possível afirmar que o gênero "diário coletivo" já está em um processo de liberação de sua obra original, tornando-se um gênero independente. No ano de 2010, o *Brandenburgisches Literaturbüro* (Escritório de Literatura de Brandemburgo) iniciou uma campanha que pede aos habitantes de Brandemburgo que enviem diários, cartas e fotos – seus ou de familiares – para que se componha um diário coletivo da região. O resultado final deve ser exposto no site www.zeitstimmen.de e terá trechos publicados em jornais regionais, e uma publicação em livro está planejada para o outono de 2011. Em especial, nos conceitos utilizados para descrever o projeto, verifica-se a influência de Kempowski. O projeto, além de visar construir um "diário coletivo", recebe o nome de "Zeitstimmen", algo como "vozes do tempo" (ou "vozes de um tempo", quando se leva em consideração que se deve fazer um recorte de um período específico para a composição do diário). Como se sabe, sempre que Kempowski se referia aos textos e pessoas que estavam presentes em seu arquivo, tanto em notas pessoais quanto em entrevistas, ele falava sobre "vozes".[47] Além desses dois conceitos, os organizadores também se referem ao trabalho final como uma "Chronik Brandenburg" (crônica de Brandemburgo), o que remete à forma como Kempowski denominou sua série de livros de conteúdo autobiográfico: *Deutsche Chronik* (crônica alemã). No que diz respeito à intenção da coleta do material, os organizadores expressam-se no panfleto[48] da seguinte forma: "Die chronologische Zusammenstellung ausgewählter Texte soll das kollektive Tagebuch Brandenburgs ergeben, in dem sich der Wandel der Lebensverhältnisse in den verschiedenen Regionen des Landes nachvollziehen läßt."[49]

Embora o resultado final ainda não esteja disponível, esse esboço já indica quais serão as possíveis diferenças entre as obras. *Das Echolot* se limita a períodos de tempo precisos, que não apenas representam um momento histórico, mas também uma grande tragédia histórica. Os acontecimentos são de uma gravidade intensa e mesmo poucos dias podem apresentar momentos decisivos nas vidas daqueles que escreviam os diários e cartas. Quando se lê os livros compilados por Kempowski, tem-se a impressão de estar acompanhando o destino daquelas pessoas. Em *Zeitstimmen*, busca-se demonstrar mudanças de hábitos; mesmo que as

[47] Um exemplo é a anotação que Simone Neteler faz em seu diário citando o autor: "Walter sagt, er könne manchmal nachts nicht schlafen, weil er all die im Archiv versammelten Stimmen gleichzeitig vor sich hinflüstern höre – ein nicht enden wollendes Gemurmel…" (KEMPOWSKI, 2005: 112) - ("Walter diz que às vezes ele não pode dormir à noite, porque ele ouve todas as vozes sussurrarem concomitantemente diante de si – um murmúrio que não quer encontrar um fim...")

[48] O mesmo texto está disponível no site www.zeitstimmen.de, havendo sido consultado na data de 13.09.2010.

[49] "Do agrupamento cronológico de textos escolhidos deve resultar o diário coletivo de Brandemburgo, no qual a transformação das circunstâncias de vida em diferentes regiões do estado federal se deixe reconstruir."

fontes sejam as mesmas de Kempowski, os lapsos de tempo entre um relato e outro devem ser de meses ou até anos, de modo que a semelhança com o formato do diário deve se perder. Como a tendência é de que as vidas não sejam retratadas como destinos, *Zeitstimmen* poderá ser caracterizado como um livro documental, mas dificilmente como um romance-documento, pois faltar-lhe-á o caráter de romance.

A comparação entre *Das Echolot* e *Zeitstimmen* serve para chamar a atenção para a personagem principal, de fato, em um "diário coletivo". Este não se concentra em um indivíduo em especial; por exemplo, mesmo aquele que é o "favorito" de algum leitor de *Das Echolot* pode passar despercebido para outro leitor. O "diário coletivo" tem um momento histórico como personagem principal, seja ele uma batalha, uma guerra, uma década ou um século; seja a história política ou a história social. Enquanto, em *Das Echolot*, a guerra pode ser considerada como a personagem principal, a pluralidade de vozes pode ser entendida como a pluralidade de pensamentos e sentimentos conflitantes que também ocorrem dentro de qualquer indivíduo e estão presentes em qualquer diário.

I.5.Montagem e Colagem

Na atualidade, as noções sobre colagem e montagem são confusas e podem parecer não chegar a um consenso. Havendo uma evidente dificuldade em classificar *Das Echolot*, Carla Damiano, por exemplo, decide-se por escolher a abordagem teórica que melhor se adequa à obra, sem conseguir encontrar uma definição precisa do que de fato seriam a montagem e a colagem.

Durante a pesquisa, foi encontrada uma larga gama de obras que concernem ao assunto. O trabalho de Hanno Möbius, de 2000, talvez seja a mais significativa das contribuições recentes. Embora o foco do livro seja a montagem até 1933, ele se apresenta como uma das obras mais abrangentes sobre o assunto, ao lado do trabalho de Wolfgang Seibel, de 1988. Já no Brasil, o estudo mais recente sobre o tema é o de Modesto Carone, de 1974, o qual tem uma forte influência dos textos de Eisenstein.

Muitos dos estudiosos lidos não se dedicam à discussão dos métodos de colagem e montagem, mas atêm-se a uma discussão do fenômeno em autores ou obras específicas, como é o caso de Manfred Durzak, que, em seu livro *Zitat und Montage im deutschen Roman der Gegenwart* (Citação e Montagem no Romance Alemão Contemporâneo), apresenta apenas o uso de citações nas obras de Thomas Mann e Alfred Döblin. Outros tantos não apresentam uma contribuição substancial para esta tese, porque se baseiam em conceitos que já estarão representados aqui, como é o caso de Peter Bürger, que apresenta a montagem na vanguarda através da teoria de Adorno. E, por fim, há aqueles que não trazem dados que possam ser considerados relevantes para a presente pesquisa e cuja teoria é tão distinta das outras que um diálogo fica impossibilitado. Para que a discussão sobre o desenvolvimento dos usos da montagem e da colagem após a vanguarda não se torne uma enumeração de teóricos, ou uma problematização pouco frutífera para o entendimento de Walter Kempowski, esses autores não serão citados.

Para discutir o conceito de montagem, deve-se partir das teorias da vanguarda, onde ela começou a desenvolver-se. Muitos teóricos concordam em afirmar que o conceito de "montagem" vem do cinema[50] – enquanto "colagem" procede das artes plásticas –, por isso, apresentarei inicialmente as considerações do cineasta russo Sergei Eisenstein. Para referir-se à montagem, Eisenstein fala sobre a justaposição. Sempre que dois fatos são apresentados

[50] Hanno Möbius – assim como Benjamin – afirma que o termo "montagem" é procedente do dadaísmo e da revolta artística do período que sucede a Primeira Guerra, e não poderia, portanto, proceder do cinema, já que o primeiro filme de Eisenstein é de 1923. Mas ele concorda em afirmar que o uso das palavras "montagem" e "colagem" tornou-se dependente das artes relacionadas, filme e fotografia, respectivamente. (cf. MÖBIUS: 2000, 17-18)

simultaneamente – seja na arte ou em nossa vida cotidiana – estamos acostumados a fazer uma síntese dedutiva destes, uma espécie de interpretação. Assim sendo, o que importa na montagem não são as características dos elementos isolados, pois:

> [...] através de sua união não parece a simples soma de um plano mais outro plano – mas *o produto*. Parece um produto – em vez de uma soma das partes – porque em toda justaposição deste tipo *o resultado é qualitativamente* diferente de cada elemento considerado isoladamente. (EISENSTEIN, 2002b: 16; grifos do autor)

Para ilustrar melhor o que seria este produto, ele cita os ideogramas japoneses. Neles a junção de duas imagens de sentido diverso resulta em um ideograma de aparência e significado novo. Outra figura utilizada por Eisenstein é a união das células:

> O plano não é um *elemento* da montagem. / O plano é uma *célula* da montagem. / Exatamente como as células, em sua divisão, formam um fenômeno de outra ordem, que é o organismo ou embrião, do mesmo modo no outro lado da transição dialética de um plano há a montagem. / A colisão. O conflito de duas peças em oposição entre si. [...] Montagem é conflito. (2002b: 42,43; grifos do autor)

Os elementos são as células, enquanto o organismo formado por elas, ou o produto desta somatória, é o assim chamado "terceiro termo". A montagem só é válida quando ela causa conflito entre suas partes de forma que dele possa irromper algo novo. Esse conflito, entretanto, não é causado simplesmente pela ação do autor, ele depende da interação do espectador no processo de criação. Na montagem, o espectador é obrigado a criar, a trilhar o mesmo caminho que o autor, pois não recebe a obra pronta e digerida. A montagem não oferece apenas a fusão de elementos distintos, mas também há a fusão da intenção do autor com a perspectiva individual do espectador. A arte final só pode ser concebida por um trabalho mútuo do autor e do espectador.

Para Eisenstein, é importante que esse processo sirva para enriquecer também a consciência e a sensibilidade na vida real. É um processo de troca. A montagem estaria mais próxima do real, pois nela o todo é composto por uma série de fragmentos que materializam o tema, e essa proximidade deve servir para que a arte proporcione, com mais facilidade, uma mudança na visão do espectador sobre a vida real. A arte deveria auxiliar no despertar da consciência política do povo.

Quando é incorporada à literatura, durante o movimento de vanguarda, a função principal da montagem é a de causar o efeito de estranhamento ou o "choque". O conceito de estranhamento vem do teatro épico de Brecht, o qual apresenta saltos e introduz elementos que não apenas quebram a continuidade da ação como remetem o espectador à "realidade" ou, melhor dizendo, à ficcionalidade da trama, rompendo com a passividade tão típica do drama e

obrigando o espectador a uma recepção mais ativa. Já o "choque" é a forma como Walter Benjamin designa a ruptura de uma continuidade para que o novo seja introduzido, é o que tira o espectador de sua inércia e lhe dá um impulso para que raciocine criticamente sobre aquilo que está sendo apresentado. Ambos têm a mesma finalidade: acordar o espectador do transe no qual se encontra para que uma participação crítica seja possível. Através do choque ou do estranhamento o espectador é impelido à reflexão (cj. SEIBEL, 1988: 17).

Benjamin afirma que a montagem é uma espécie de luta contra a obra de arte, contudo, seu material não é arbitrário. A utilização de documentos como os versículos da Bíblia, as estatísticas ou os textos citados em *Berlin Alexanderplatz* de Alfred Döblin, por exemplo, serve para conferir autoridade à ação, tornando-a mais próxima do real. O impacto da introdução de citações e documentos servia, durante a vanguarda, para remeter o leitor ao "real", o que podia ter uma função de exercer crítica sobre a própria obra, mas também poderia conferir um ar de veracidade ao que era apresentado, na medida em que o leitor transpunha as situações representadas para a esfera que ele conhecia como "real".[51]

Já Theodor W. Adorno dá mais ênfase à negação do sentido. Ele vê a montagem como uma negatividade da arte que, mesmo a contragosto, acaba por encontrar dentro de sua própria negatividade uma unidade de sentido:

> Os elementos não integrados são comprimidos pela instância superior do todo, de maneira que a totalidade força a coerência inexistente das partes e se transforma assim novamente em aparência de sentido. / Sem dúvida, esta tendência em si mesmo também é derivada da totalidade do material, do espectro, de modo mais sistemático do que verdadeiramente espontâneo. (s.d.: 177)

Para Adorno, o princípio da montagem é a ação, baseada no choque, contra a unidade orgânica da obra de arte. Mas, uma vez que este choque foi suavizado, o teórico crê que a montagem se tornou incapaz de operar a comunicação entre o estético e o extraestético.

Acredita-se que esta tendência à ruptura tenha sido ocasionada pela Era Industrial. E quando o enfoque é este, deve-se entender a montagem como um processo técnico de composição da arte. Enquanto, anteriormente, o autor procurava fechar todas as lacunas e tornar a arte harmoniosa e fluida, procurando dar a impressão de que ela teria surgido espontaneamente, o autor da montagem deixa todas as cesuras expostas para que o leitor seja impelido a pensar no processo de criação. Na montagem, o contraste entre a Natureza e a Técnica é exposto. A montagem é técnica, ela é definida pelo uso de partes "pré-fabricadas", como marca de um fenômeno industrial: "Das Montage-Prinzip war [...] eine Antwort der

[51] Como visto no capítulo anterior, essas características – a luta contra a obra de arte e a busca de representação do real – são compartilhadas com o romance epistolar.

Kunst auf die Erfahrung der industriellen Fertigungswelt, in der fortscheitende Arbeitsteilungen einen Grad an Entfremdung brachte, der dem Arbeiter am Fließband nur noch Teilarbeit an Teilstücken zuwies."[52] (SCHNEIDER, 1987: 731-732) O que define estas partes pré-fabricadas como tais não é o fato de serem citações de fontes externas ao livro, mas a maneira como elas são introduzidas e apresentadas dentro da obra. É necessário que haja buracos e falhas, que as *Nahtstellen* (soldaduras) possam ser percebidas pelo leitor.

Findo o movimento de vanguarda e após o término da Segunda Guerra, o termo "colagem" passa a ser utilizado também para a literatura. Quando se fala de montagem e colagem, a tendência é, como aponta Volker Hage, que se ignore um dos termos ou que sua diferenciação caia em discussões cheias de miudezas e pouco férteis. Hage considera a montagem como o conceito geral, enquanto a colagem seria um caso mais específico, no qual a citação tem o papel principal. "Die literarische Collage ist also eine Form der Textmontage: nämlich die [...] Montage von Zitaten."[53] (HAGE, 1984: 69) Mas Hage acha pouco apropriado que se chame colagem de *Zitatmontage*, porque, mesmo sendo ela uma subcategoria da montagem, ele crê que suas técnicas mereçam um nome que faça uma certa distinção. Hage afirma que a colagem pode ser composta tanto de uma citação apenas como de uma aglomeração, o que importa é que as citações sejam reconhecidas como tais e que não sejam inseridas de forma a se assimilarem ao texto. Os pontos de "soldadura" devem ser reconhecíveis.

Baseado nas classificações que Pudowkin faz para o cinema, Hage classifica a utilização da montagem em cinco grupos: 1. a montagem de contraste, que evidencia as contraposições; 2. a montagem de comentário, que denota a simultaneidade de acontecimentos paralelos; 3. a montagem de paralelismo, que torna evidente o conteúdo simbólico de uma cena; 4. a montagem de mosaico, que marca a simultaneidade, e 5. a montagem de adição, que introduz um *Leitmotiv*.

Franz Mon não faz uma diferenciação entre montagem e colagem e utiliza sempre o conceito "colagem" para falar de ambas. Isto pode ser justificado, em parte, pelo fato de que seu artigo nasceu de um evento intitulado "Prinzip Collage" (Princípio Colagem), o qual tinha importantes contribuições das artes visuais. Ele afirma que a colagem deve facilitar a orientação do homem atual em seu mundo, pois corresponde às demandas da modernidade, tanto em teoria de conhecimento, quanto em prática de vida. Mon separa a colagem nos seguintes grupos:

[52] "O princípio da montagem era [...] uma resposta da arte à experiência do mundo da produção industrial, no qual a progressiva divisão de trabalhos trouxe um grau de estranhamento que atribuía a cada trabalhador apenas parte do trabalho em peças individuais na linha de produção."
[53] "A colagem literária é uma forma de montagem textual: a dizer, a [...] montagem de citações."

1. Há colagens nas quais os elementos do texto aparecem como em um caleidoscópio, sem um tema ou plano pré-concebido. A construção de um contexto que dê sentido ao texto é delegada apenas ao leitor.
2. Outro caso são os textos nos quais os elementos da colagem são introduzidos em um contexto narrativo previamente fixado, como em *Berlin Alexanderplatz*. Os fragmentos trazem parte da realidade urbana para o texto, para um mundo artístico que deve ser construído novamente, através de um determinado conflito que é provocado diante do leitor.
3. Citações que se referem todas a um mesmo tema também podem ser montadas em um texto de forma que elas tenham um novo contexto de sentido. Contudo, isso deve ser diferenciado de colagens que têm um caráter documental.
4. Por fim, há elementos da colagem que figuram em um plano textual como uma camada textual peculiar, trazendo consigo uma realidade outra que oferece padrões e regras que podem ser utilizados apenas momentaneamente.

O artigo de Viktor Zmegac em *Moderne Literatur in Grundbegriffen* (Literatura Moderna em Conceitos Básicos) é um dos mais citados e traz uma descrição simples e concisa de qual seria a diferença entre montagem e colagem. A montagem é apresentada como conceito geral e tem os materiais pré-fabricados como característica principal. A citação pode fazer parte desse grupo de materiais pré-fabricados, mas não é um pré-requisito da montagem. Já a colagem seria um caso extremo:

> C[ollage] wäre [...] ein Extremfall von M[ontage], als der Text (in Analogie zu den Kleb-objekten mit verschiedenen Gebrauchsmaterialien in der bildenden Kunst) *ausschließlich* entlehnte, aus verschiedenen Quellen stammende Elemente enthielte. Der Begriff "Zitat" sollte für die Fälle vorbehalten bleiben, wo der fremde Text als solcher ausdrücklich gekennzeichnet ist, wie etwa in Eliots "The Waste Land".[54] (1994: 286; itálico do original)

Embora o efeito de choque não seja mais possível, como aponta Adorno, a interação do espectador/leitor à qual Eisenstein se refere continua sendo uma das características-chave da técnica de montagem:

> [...] die M[ontage ist] vor allem ein rezeptionstheoretisches Problem. Beide Schwerpunkte der M[ontage], und noch mehr der C[ollage], sind dadurch gekennzeichnet, daß sie text-exzentrisch sind, d.h. daß sie sich auf Kontexte beziehen, die durch das Bewußtsein des Rezipienten hergestellt werden. Der Held der M[ontage] und C[ollage] ist im Grunde der

[54] "C[olagem] seria [...] um caso extremo da m[ontagem], quando o texto (em analogia com os objetos compostos de materiais díspares, nas artes plásticas) contivesse *apenas* elementos emprestados, provenientes de diferentes fontes. O conceito 'citação' deveria ser mantido para os casos nos quais o texto estranho é expressamente designado como tal, como, aproximadamente, em 'The Waste Land' de Eliot."

> Leser/Zuschauer, der die in der M[ontage] enthaltenen Bezüge realisiert.[55] (ZMEGAC, 1994: 288)

Dentro desse contexto, a autoria acaba por se expressar através da escolha do repertório e da ordenação do material, seja ela aleatória ou organizatória, ação na qual o texto pode ser harmonizado com os outros ou ironizado, dependendo do efeito de contraste que cairá sobre ele.

Por fim, gostaria de apresentar algumas das contribuições dos livros de Wolfgang Seibel e Hanno Möbius, que seguem a mesma linha do artigo de Zmegac – o qual é mencionado em ambas as obras – e podem trazer uma nova luz sobre determinados aspectos da montagem (e da colagem).

Wolfgang Seibel, trabalhando com textos de Fassbinder, Heiner Müller e Volker Braun, procura, em seu livro, chamar a atenção para o fato de que a montagem na literatura não é uma exclusividade do movimento de vanguarda do início do século XX. Ele sustenta que o que define a montagem literária é a adição de elementos textuais pré-formados a um produto não homogêneo. Ela é uma atividade prática, não intelectual, e, por isso, expressa um procedimento, não um estado.

Seibel também afirma que é raro que a quantidade de citações ou elementos pré-formados seja tão grande que toda uma obra possa ser considerada como montagem. Quando um texto é inteiramente constituído de elementos textuais pré-formados, o todo toma a forma de um mosaico, e, nesses casos, o efeito de contraste não é mais tão evidente, a ruptura passa a ser menos "incômoda" e a autonomia destes elementos aumenta.

Normalmente, a montagem é apontada como conceito geral, sem que haja uma linha divisória clara entre a montagem e a colagem. Seibel crê que entre elas não há diferenças de categoria, mas sim de gradação. A colagem literária é definida como uma forma experimental da montagem, ou uma montagem extrema, na qual faltam determinados princípios de composição, há uma predominância de materiais extrínsecos e uma intenção evidente do autor de evitar a criação própria. Não é possível encontrar uma unidade de sentido na microestrutura da colagem. Não há mais um contexto narrativo ou um crescer na tensão, mas uma camada linguística, um aglomerado de elementos textuais.

Sobre a interação entre o leitor e o texto, Seibel afirma que a montagem deve ser transformada pelo leitor em um texto "normal", com a sequência de um texto tradicional, para

[55] "[...] a m[ontagem é], acima de tudo, um problema teórico de recepção. Ambos os pontos principais da m[ontagem], e em especial da c[olagem], são identificados por serem externos ao texto, isto é, eles se referem a contextos que são produzidos pela consciência do receptor. O herói da m[ontagem] e da c[olagem] é, no fundo, o leitor/espectador, que realiza as referências contidas no texto."

que sua compreensão seja possível. O conteúdo do texto, mesmo que se apresente como uma montagem, será recebido e lembrado em uma estrutura normal, que terá sido formada pelo leitor através da interpretação que ele fez das partes em seu devido contexto. O mesmo não se dá na colagem. Enquanto, na montagem, o sentido do todo depende da disposição das partes, na colagem os princípios da composição não são mais reconhecíveis, não sendo possível, por exemplo, fazer um resumo mental do assunto da obra, já que não há uma produção dialética. Nesse caso, o leitor consegue no máximo memorizar alguns elementos soltos, sem chegar a um produto, a uma imagem que sintetize sua aglutinação. Quando se trata da colagem, apenas é possível fazer associações de sentido e procurar subordinar os elementos soltos a um tema em comum.

A colagem, segundo Seibel, pode ser interpretada como um método de acumulação e destruição, ela deve aniquilar as expectativas tradicionais de sentido e seu contexto deve ser apenas minimamente coerente. A disfuncionalidade das partes e a decomposição do sentido podem ir tão longe que a colagem passa a ser anárquica.

Embora o livro de Hanno Möbius seja dedicado à montagem no período que vai até 1933 – data que marca a chegada de Adolf Hitler ao poder, quando a montagem passa a ser considerada como "arte degenerada", sendo então interdita na Alemanha até o final da Segunda Guerra –, ele não hesita em afirmar que a história da montagem na segunda metade do século XX é uma história de sucesso, pois se desenvolve e continua a ser largamente utilizada nos mais diferentes tipos de arte e também é inserida especialmente em formas de comunicação do dia a dia, como na propaganda. Assim, ela passa de uma forma de arte dominante a uma forma de comunicação dominante (cj. MÖBIUS, 2000: 27). Esse sucesso da montagem pode ser justificado pela forma como o ser-humano deve se apropriar da simultaneidade da vida: "Das Gleichzeitigkeit im sozialen Leben kann von der visuellen Wahrnehmungskapazität nur fragmentarisch erfahren werden."[56] (2000: 44)

As observações de Möbius sobre a utilização de documentos dentro de montagens serão citadas abaixo, dentro do que elas se mostrem relevantes para esta pesquisa:

> Dokumente werden gemeinhin als Gegensatz zu dem bloß Erfundenen der Literatur gewertet, das dagegen den Status der Fiktion hat. Dokumente gelten als verbürgte Zeugnisse der Wirklichkeit, so daß sich durch deren Einfügung in einen fiktiven, künstlerischen Kontext die Frage nach ihrem dortigen Status stellt. Die Literatur schafft sich zwar eine eigene Wirklichkeitsdimension und steht darin im Gegensatz zur Geschichtsschreibung, deren Personen wirklich existiert haben. Was aber geschieht, wenn es Dokumente im fiktiven Kontext gibt? Was geschieht, wenn sie für echt gehalten werden? [...] Dokumente bean-

[56] "A simultaneidade na vida social só pode ser realizada fragmentariamente pela capacidade de percepção visual."

> spruchen einen engeren Bezug zur Realität außerhalb des Textes als die offensichtlich fiktiven Textpartien. Als Elemente des Realen und zugleich des Fiktiven haben sie einen anderen Status als rein fiktive Passagen eines Textes. Dieser Doppelcharakter wirkt sich entscheidend auf die Rezeption aus. Er fordert von den Lesern die Vermittlung des ursprünglichen Fragmentzusammenhang mit seinem neuen Stellenwerk; in ihr entsteht auch der Wirklichkeitsbezug des Textes für die Leser. Die Werkstruktur ist sein Ausgangspunkt, der sich in der Lektüre mit den individuellen, historischen und sozialen Erfahrungen der Rezipienten vermittelt. Für das Verhältnis von Dokument und fiktiven Text bedeutet das: wenn die Leser den Wirklichkeitscharakter von Dokumenten akzeptieren, beeinflußt das ihre Lektüre und muß in die Analyse der dokumentarischen Schreibweisen und ihrer Rezeption eingehen. Selbst wenn die "Dokumente" gefälscht sein sollten, entfalten diese ihre Wirkung. Sie funktionieren, als wären sie Fremdmaterialien. Jahrzehntelang ist beispielweise die Erstürmung des Petrograder Winterpalais' in der russischen Revolution 1917 überzeugend mit den inszenierten Bildern des Films *Oktober* belegt worden, als seien es dokumentarisch Bilder. Die konkrete Wirkung der Dokumentarliteratur ist nicht nur von der individuellen Einstellung der Rezipienten, sondern auch vom allgemeinen geschichtlichen und sozialen Zusammenhang der Rezeption abhängig, weil dieser die Aufnahmebereitschaft gegenüber Dokumenten mit beeinflußt. Die Überzeugungskraft und der Reiz des Dokumentarischen führen zu unterschiedlichen Ansätze dokumentarischer Schreibweisen. [...] [Es] ist [...] festzuhalten, daß der Konstruktionscharakter von "Wirklichkeit" nicht erst bei der Auswahl und dem Zuschnitt der historischen Dokumente einsetzt, sondern bereits in der Konzeption eines fiktionalen Werkes mit dokumentarischen Bestandteilen.[57] (2000: 227-228; 230)

Como Möbius afirma, os documentos fazem com que o leitor/espectador seja remetido ao "real", mas representações ficcionais cuidadosas de fatos históricos também podem exercer essa função, como é o caso dos filmes *Outubro*, citado pelo próprio Möbius, e do já mencionado *A Lista de Schindler*. Essa relação da obra de arte com o real não é importante apenas para a compreensão da montagem e da colagem como técnicas, mas também para o entendimento de como se dá a relação entre a arte e a memória coletiva, já que o material artístico é consumido como representação do real.

[57] "Documentos normalmente são estimados na literatura como antagônicos ao que é meramente inventado, ao que tem, pelo contrário, o status de ficção. Documentos são estimados como testemunhos garantidos da realidade, de tal forma que, através de sua introdução em um contexto fictício e artístico, se coloca a questão sobre seu status lá. É verdade que a literatura cria para si uma dimensão de realidade própria e se opõe, por isso, à historiografia, cujas pessoas realmente existiram. Mas o que acontece quando há documentos no contexto ficcional? O que acontece quando eles são considerados verdadeiros? [...] Documentos reivindicam uma relação mais próxima com a realidade fora do texto do que os elementos textuais declaradamente ficcionais. Como elementos do real e ao mesmo tempo do ficcional, eles têm um status diferente daquele das passagens puramente ficcionais do texto. Esse caráter duplo tem consequências decisivas na recepção. Ele exige do leitor a intermediação do contexto original do fragmento com a nova obra onde ele se situa; nela também ocorre a relação do texto com a realidade para o leitor. A estrutura da obra é seu ponto de partida, que se comunica com as experiências sociais do receptor durante a leitura. Para o relacionamento do documento com o texto fictício, isso significa: quando o leitor aceita o caráter de verdade do documento, isto influencia a sua leitura e deve entrar na análise da forma de escrever documental e de sua recepção. Mesmo se os "documentos" fossem falsificados, eles desenvolveriam seu efeito. Eles funcionam como se fossem materiais estranhos. Durante décadas, por exemplo, a invasão do Palácio de Inverno de Petrogrado durante a Revolução Russa de 1917 foi documentada convincentemente com as imagens encenadas do filme *Outubro*, como se fossem imagens documentais. O efeito concreto da literatura documental não é dependente apenas da mentalidade individual do receptor, mas também do contexto da recepção geral, histórica e social, porque este também influencia a prontidão de recepção em relação aos documentos. A força de persuasão e o estímulo do documento conduzem a diferentes abordagens das formas de escritura documental. [...] Deve-se notar que o caráter de construção da 'realidade' não ocorre primeiramente pela escolha e pelo recorte de documentos históricos, mas já pela concepção de uma obra ficcional com componentes documentais."

Como as teorias de Adorno, Bürger e Benjamin têm como objeto a vanguarda, elas se demonstram datadas em certos aspectos, pois têm ênfase em um efeito que já se perdeu. Com o tempo, métodos cada vez mais extremos são necessários para que se mantenha o efeito de choque, visto que, à medida que a plateia se habitua com os procedimentos, estes naturalmente perdem força. É o caso das peças de teatro de Brecht, que não causam mais estranhamento, sendo necessário um teatro como o de Heiner Müller para que se resgate o efeito de choque sobre os espectadores na atualidade, como é apontado por Seibel.

Com o passar do tempo, a montagem se torna mais e mais uma técnica de produção artística que visa à estruturação do texto, e não é mais utilizada para causar um efeito por si só. Ela é definida pela utilização de elementos pré-fabricados, os quais produzem uma obra não homogênea e, devido à ausência de uma cosedura entre eles, necessitam de uma interação mais ativa do leitor para que sejam reconstruídos em forma de uma narração contínua.

Embora haja autores, como Volker Hage e Modesto Carone, que afirmem que a simples utilização de citações consiste em colagem, nesta tese, ater-se-á à teoria de que a colagem é um caso extremo da montagem, como afirmam Seibel e Möbius, um texto que é composto exclusivamente por citações, as quais, porém, têm a função de destruir as expectativas de sentido e a coerência do texto. Uma vez que o conceito de "citação" é admitido dentro da técnica de montagem, o conceito de "colagem" será restrito a casos extremos, nos quais as citações destruam a unidade de sentido do texto, não permitindo a interação do leitor com o texto. A colagem, quando contida na montagem, é uma ferramenta, e passa à condição de método quando ocorre uma tentativa de aniquilação do próprio método. Dessa forma, optarei por denominar a colagem enquanto ferramenta como "citação", ao passo que o método de "colagem" manterá seu nome distintivo.

Para discutir a obra de Kempowski, quatro de seus livros serão tomados como exemplo: *Haben Sie Hitler gesehen?*, *Haben Sie davon gewusst?*, *Bloomsday '97* e *Das Echolot*. Em todos eles, a voz do autor encontra-se (quase que) absolutamente ausente, mas os métodos utilizados para a composição dos livros e a organização dos fragmentos, assim como seus efeitos, são distintos, servindo como exemplos para as definições de montagem e colagem empregadas nesta tese.

As duas primeiras obras, *Haben Sie Hitler gesehen?* (Você viu Hitler?) e *Haben Sie davon gewusst?* (Você sabia disso?), são o que se pode chamar de "livros-entrevista" e, embora não sejam montagens propriamente ditas, servem para discutir métodos de estrutu-

ração dos elementos textuais. Cada um destes livros contém as respostas obtidas por Kempowski ao fazer as perguntas que constam nos títulos a pessoas de toda a Alemanha. A voz do autor se encontra apenas na pergunta formulada e as respostas estão separadas de acordo com o ano ao qual se referem; a única informação que se tem dos entrevistados é a profissão e, quando possível, o ano em que nasceram. Não há qualquer sinal de que estes breves testemunhos estejam organizados de acordo com os fatos relatados, seja para agrupar respostas semelhantes ou para que argumentos conflitantes fiquem mais próximos de forma a garantir o pensamento crítico. A simultaneidade do ano ao qual se referem é o único fator levado em conta para a organização do material, não havendo qualquer tipo de estruturação argumentativa ou estética.

Esses livros têm um aspecto documental, não literário, procuram retratar uma época específica através de diferentes relatos de pessoas que tenham vivenciado os fatos. Esses relatos apresentam-se de forma fragmentária por serem respostas curtas e desligadas de um contexto maior, mas não podem ser considerados citações, uma vez que se trata de uma "entrevista". Mesmo que se trate de textos que não são da autoria de Kempowski, o contexto desses relatos desde o princípio é o próprio livro. Mas, se a obra for tomada como um todo, podem-se interpretar os fragmentos de outra forma (cf. HAGE: 198: 46). As entrevistas foram feitas com o intuito de oferecer citações que pudessem ser usadas nas crônicas familiares de Kempowski, e, como o material oferecido por elas demonstrou ser interessante por si só, o autor decidiu transformá-lo em dois livros, sendo que estes são considerados volumes de sua *Deutsche Chronik*.[58] Esses volumes desempenham o papel de representação do Holocausto que falta na *Deutsche Chronik*, e, se a obra é observada como um todo, ambos podem ser considerados como citações colocadas entre os outros tomos da crônica. Assim como em outros casos de citação, uma certa importância deve ser atribuída ao seu lugar no todo, razão pela qual os livros são numerados.

Bloomsday '97 é uma homenagem a *Ulisses* de James Joyce e é o que se pode chamar de uma colagem extrema. O livro é uma compilação de trechos de programas de televisão veiculados no dia 16 de junho de 1997. Os trechos são sempre curtos e foram escolhidos aleatoriamente conforme o autor trocava de canal; em alguns casos, imagens acompanham o texto. Os fragmentos são apresentados na ordem em que foram vistos, havendo um horário no

[58] *Deutsche Chronik* é o nome que Kempowski deu à série de livros que tratam de sua crônica familiar. Eles são numerados de acordo com uma certa ordem cronológica dos acontecimentos, que é independente da ordem de lançamento dos livros. Três livros-entrevista fazem parte da coleção; além dos aqui citados – escolhidos devido ao fato de terem um assunto semelhante ao da tese – também há o volume *Schule – Immer so durchgemögelt* (Escola – Sempre passando com colas; tradução aproximada), no qual ele coleta lembranças alemãs da época escolar.

topo da página que indica qual foi o momento da exibição. É evidente que em uma obra como essa não há um crescendo no decorrer da narrativa (ou uma narrativa sequer) e não é possível fazer qualquer tipo de resumo mental daquilo que é apresentado. *Bloomsday '97* é uma obra absolutamente experimental que tem apenas o dia de sua produção, assim como o veículo de que os fragmentos provêm, como contexto que garante sua unidade, podendo ser interpretada como uma crítica à mídia televisiva, ou também como uma representação de Bloomsday através de um viés tecnológico, havendo uma negação total do que há de natural. A interpretação do livro vai depender de cada leitor mais do que em outros casos, já que aqui se dá uma negação total do sentido.

Das Echolot é um livro inteiramente formado por documentos e oferece uma viva representação da micro-história de sua época, trazendo um coro de vozes. Mas não se trata de um livro composto com base nas práticas da área da história, e sim por um escritor que almeja uma montagem,[59] como afirma o próprio em entrevista concedida a Volker Hage:

> In einer regelrechten Dokumentation könnte man auf statistische, graphische Darstellung und Belehrungen nicht verzichten. Das 'Echolot' ist keine Dokumentation, sondern eine Collage. Ich rekonstruire aus Fotos, Tagebüchern und Briefen einen großen Dialog, der meine "Chronik" wispernd begleitet. Ich schneide meinen Film aus vielen Einzelschicksalen zusammen. Das ist die Arbeit eines Autors, nicht eines Herausgebers.[60] (Hage, 2009: 100)

A montagem feita por Kempowski não se ocupa de fatores como a verificação da verdade empírica, e apresenta as mais diferentes versões dos fatos sem qualquer tipo de apuração, o que pode ser suficiente para demonstrar que esta não é uma obra de história. Mas é importante sublinhar que também não se trata de uma obra de valor documentário, que apresenta os dados sem que se faça um trabalho estético sobre eles. Como Franz Mon aponta, é comum que se confundam as montagens documentais com montagens que agrupam fragmentos sobre o mesmo tema, mas criando um novo sentido. A própria obra de Kempowski pode ser utilizada para esclarecer as diferenças entre *Das Echolot* e uma montagem documental, processo que está na base de seus "livros-entrevista". Enquanto *Haben Sie Hitler gesehen?* e *Haben Sie davon gewusst?* não apresentam preocupação em fazer uma ordenação que transcenda a data à qual se referem os relatos, no "diário coletivo" há um cuidado com a estética, exposto, por exemplo, no diário de Kempowski onde ele expressa estar procurando

[59] O próprio autor sempre usou a designação "colagem" para se referir a sua obra e seu método de trabalho, contudo, para utilizar conceitos coerentes com as teorias apresentadas nesta tese, seguirei me referindo a "montagens".

[60] "Em uma documentação regular, não se poderia evitar representações gráficas e estatísticas e ensinamentos. *Das Echolot* não é uma documentação, mas uma colagem. Eu reconstruo um grande diálogo de fotos, diários e cartas, o qual acompanha minha 'crônica' sussurrando. Eu monto meu filme com muitos destinos individuais. Isto é o trabalho de um autor, não de um editor."

dar uma forma mais "elegante" ao livro (cf. KEMPOWSKI, 2005: 315). Ao contrário do que ocorre em seus "livros-entrevista", há uma ordenação clara dos elementos de *Das Echolot*, a qual se refere tanto à estética quanto à argumentação.

> [Es] gibt verschiedene Möglichkeiten [den Stoff zu organisieren]. Da ist zu einem die Horizontale: Es gibt ja Tagebuchschreiber, deren Leben man im "Echolot" day by day verfolgen kann. Namen also, die immer wieder auftauchen. An diesen Menschen nimmt man besonderen Anteil. Gelegentlich schreiben mir Leser: Was ist eigentlich aus diesem oder jenem geworden? / Dann gibt es die Vertikale, den Dialog. Ich setze Texte so zueinander – die Freiheit habe ich ja als Autor -, daß sie sich bestätigen oder widersprechen oder ergänzen.[61] (DRONSKE, 2005: 18)

Embora *Das Echolot* evidentemente seja uma montagem extrema, por ser formado apenas por citações, ele não pode ser considerado como colagem já que as citações são aglutinadas de tal forma que não há a destruição do sentido. As citações formam com o decorrer dos "dias" uma cadeia de sentido que pode ser considerada como uma narração de um período histórico. Por isso, a despeito de o próprio autor referir-se a sua obra como colagem, aqui ela será denominada como montagem. A escolha da montagem como método para a formação do "diário coletivo" aponta para algumas das características de maior relevância na obra, entre elas a forma de trabalho. A descrição do trabalho efetuado pela assistente Simone Neteler (Vide entrevista em anexo), o qual é definido por ela própria como "braçal", como quando ela fala sobre a seleção prévia dos textos de acordo com o local em que foram escritos ou os testes feitos com os fragmentos e as fotos, remete ao trabalho de linha de montagem que era utilizado para fazer a comparação da técnica utilizada pelos escritores com o trabalho desenvolvido na Era Industrial. Quanto às qualidades específicas da obra, ao escolher a montagem como forma de dar voz a uma parte daqueles que compunham seu arquivo, Kempowski também concede à obra uma qualidade de simultaneidade abrangente, pois inúmeros acontecimentos podem ser apresentados ao mesmo tempo, dispensando um recorte muito limitador e propiciando um retrato de diversas camadas sociais de duas nações. A montagem permite que o trabalho artístico e estético seja inteiramente calcado na vida "real". O método, não oferecendo uma ponte clara entre os elementos textuais, cria um distanciamento aparente do autor e faz com que a leitura do texto tenha de ser crítica, isto é, o leitor, junto com o autor, deve participar do processo criativo do texto. Por outro lado, a ausência de comentários do autor dá a impressão de que o leitor não está sendo

[61] "Há diferentes possibilidades [de organizar o material]. Uma delas é a horizontal: há escritores de diários cuja vida se pode seguir dia a dia em 'Echolot'. Nomes, portanto, que sempre voltam a surgir. Simpatiza-se especialmente com estas pessoas. Ocasionalmente, escrevem-me leitores: Afinal, o que aconteceu com este ou aquele? / Então há a vertical, o diálogo. Eu sobreponho textos uns aos outros – como autor, eu tenho esta liberdade –, de forma que eles se endossem ou se contradigam ou se complementem."

conduzido à crítica subjacente ao texto e de que ele o interpretará apenas de acordo com sua própria individualidade, mas a interpretação dos elementos (em especial os que sofreram a chamada organização vertical) é dependente do contexto no qual foram inseridos. O autor encontra-se presente em cada escolha feita para o contexto dos fragmentos e em cada quebra feita nas estruturas vigentes no livro. Para compreender sua obra, será necessário que se faça o trabalho de contextualizar os fragmentos em seus contrastes ou semelhanças uns com os outros, que se observe como ocorre o desenrolar de uma narrativa a despeito de os textos serem díspares e, na maior parte das vezes, não terem relações que superem o momento histórico e o espaço geopolítico. Assim será possível reconstituir o trabalho de cosedura do texto que poderia ser feito por um leitor ideal. Em uma obra de montagem, o leque de possíveis leituras e interpretações é muito abrangente, o que não impede que se possa discorrer sobre uma provável leitura com base nas pistas que o próprio texto oferece. Da mesma maneira que a sua leitura, a interpretação de uma obra cujo processo de composição se baseia na montagem não seria possível sem esse trabalho de reconstrução do sentido. Para que seja possível chegar ao "terceiro termo", os fragmentos devem ser lidos como aglutinação; as vozes, juntas, formarão o coral que compõe *Das Echolot*.

I.6.Reconstituição da gênese de *Das Echolot*

Em uma obra totalmente composta por citações como *Das Echolot*, a consulta às fontes é de vital importância para seu entendimento. O processo de comparação com os originais, assim como toda a busca por reconstituir alguns dos passos da composição da obra, não serve apenas à compreensão das intenções e escolhas do autor; em *Das Echolot*, isto também se faz necessário para evidenciar a própria autoria da obra. O estudo das fontes e a observação das diferentes possibilidades de arranjo do texto evidenciam a mão do autor, e sua presença em *Das Echolot*.

A área que se ocupa desse tipo de pesquisa é a crítica genética, cujo principal objeto são os manuscritos[62] deixados pelos autores, que constituem um meio de traçar o caminho do processo criativo até o texto definitivo, ou, mais precisamente, o texto editado. Uma vez que praticamente nenhuma linha de *Das Echolot* foi escrita por Kempowski (e ele apresenta suas fontes ao leitor de forma sistemática), boa parte dos trabalhos da área escapa à discussão em que está concentrada esta tese. Mas, como enfatiza Almuth Grésillon (1999: 38), o crítico genético deve levar em consideração todo o tipo de documentação relevante que ele encontrar:

> [...] kann man außer auf die Handschriften des Autors auf weitere Dokumente zurückgreifen? Direkt oder indirekt tun dies alle Textgenetiker. Biographie und Korrespondenz des Autors, Kenntnis des Werks in seiner Gesamtheit, Berichte von Drittpersonen, geschichtliche Ereignisse – all dies gibt Auskunft über die externen Bedingungen, unter denen sich die Textgenese abspielt.[63]

Grésillon (1999: 131) distingue dois tipos de fontes: "interne Textgenese" (gênese do texto interna) e "externe Textgenese" (gênese do texto externa), sendo que os manuscritos pertencem ao primeiro grupo, enquanto comentários de amigos, menções em cartas, diários, autobiografias etc. são parte do segundo grupo.

Cecilia Almeida Salles (2008: 39-41) faz outra divisão desse material, classificando-o segundo as funções de armazenar ou experimentar. Os documentos de armazenamento são os "processuais, que mostram o acompanhamento metalingüístico do processo ou os registros de

[62] "Manuscritos autógrafos" é a maneira como os críticos genéticos se referem aos manuscritos deixados pelos autores. Grésillon (1999) atenta para o fato de que estes não devem ser confundidos com os manuscritos medievais. Quando se fala sobre o resultado alcançado pela crítica genética, que reconstitui e decifra os manuscritos autógrafos, formando um texto único, a designação corrente é "prototexto", ou, em alguns casos, fala-se de "tiposcrito".

[63] "[...] pode-se recorrer a outros documentos que não sejam os manuscritos do autor? Todos os críticos genéticos fazem isso direta ou indiretamente. Biografia e correspondência do autor, conhecimento da obra em sua completude, relatos de terceiros, acontecimentos históricos, tudo isso oferece informação sobre as condições externas, sob as quais a gênese do texto se dá."

reflexões de uma maneira geral" (*ibidem*: 40). Cartas, diários e anotações fazem parte do grupo, ao passo que os comentários de amigos, mencionados por Grésillon, aparentemente não são arrolados. Os documentos de experimentação compreendem desde os próprios manuscritos até croquis, projetos, esboços ou maquetes.

Uma terceira classificação possível é a de Pierre-Marc de Biasi (*apud* SILVA, 2006). Nesse caso, o que deve ser definido é à qual das quatro fases do desenvolvimento da obra cada documento pertence: a pré-redacional, que engloba tentativas de construção do projeto muito anteriores ao nascimento do próprio, sua preparação e sua programação; a redacional, que diz respeito à execução do projeto e passa pelo reagrupamento de manuscritos, textualização e pelo momento de passar o texto a limpo; a pré-editorial, quando se chega ao manuscrito definitivo, e a editorial, quando ainda é possível fazer mais algumas alterações nas provas para a edição.

Quando se considera a gênese de *Das Echolot* é natural que logo se pense no processo de armazenamento, conforme designado por Salles, pois a obra apenas foi possível devido ao longo trabalho de coleta de textos e fotos no arquivo de biografias não publicadas de Kempowski, além da busca por obras já publicadas. Mas a documentação que será utilizada aqui excede as classificações de Salles, de maneira que ela será designada apenas pelos critérios de Grésillon e Biasi.

Graças ao próprio autor, parte da documentação pré-redacional é bem acessível, constando das primeiras páginas de *Culpa – Notizen zum Echolot*.[64] Neste livro, Kempowski faz uma compilação de trechos de seus diários e dos diários de sua então assistente Simone Neteler abrangendo o período de 14/03/1978, data na qual o autor considera pela primeira vez fazer o arquivo de biografias não publicadas, até 09/11/1993, quando recebeu os exemplares dos primeiros quatro volumes de *Das Echolot.* Publicado também em forma de diário, o livro traz anotações dos dois sobre o desenvolvimento do trabalho, o entrosamento entre Kempowski e Neteler e algumas referências a suas vidas pessoais, como é típico do autor. É uma documentação que abrange notas referentes tanto ao período pré-redacional quanto redacional e oferece uma visão cronológica de parte das etapas do trabalho e dos problemas que surgiram durante o desenvolvimento dos primeiros volumes.

Segundo o método de Grésillon, *Culpa* é uma compilação de anotações que dizem respeito ao grupo externo de gênese do texto. A esse grupo devo acrescentar mais duas fontes

[64] Vale mencionar também que o modo de apresentação de *Das Echolot* também deixa bem claro para o leitor e o pesquisador os meios de trabalho do autor. Kempowski explicita quais são as fontes das fotos e fragmentos, além de oferecer os anexos biográficos, o que não costuma ocorrer em outros livros de natureza minimamente equivalente.

que serão levadas em consideração para a discussão sobre a composição do livro, a dizer, a entrevista que realizei com a ex-assistente Simone Neteler (que traz algumas informações novas, além das já disponibilizadas por *Culpa*) e a própria obra do autor, que apresenta exercícios anteriores com o uso de citações, por meio dos quais se pode perceber uma certa evolução no emprego dessa técnica. Mas, como fontes mais preciosas, sua obra oferece os próprios nove volumes restantes de *Das Echolot* e os diários que Kempowski lançou em vida. Nos oito volumes prévios (e também no volume posterior) observa-se uma evolução na organização dos fragmentos e nas temáticas exploradas pelos livros. Já quando se compara *Das Echolot* e os diários do autor, há uma espécie de diálogo no que diz respeito à estruturação de diários, o que não ocorre por acaso, até mesmo porque se trata de textos produzidos quase que concomitantemente. Enquanto o trabalho com *Das Echolot* foi iniciado de fato em 1990 e terminado com o lançamento de *Abgesang* em 2004 (ou mais precisamente com o lançamento de *Culpa* em 2005), o seu primeiro diário, *Sirius*, foi lançado em 1990 e nele já há experimentações com o material de seu arquivo. Em seguida foram publicados *Alkor*,[65] em 2001, *Hamit* (Palavra antiga para *Heimat* = lar – o diário conta a volta do autor para Rostock depois da queda do muro) em 2006, e *Somnia*, postumamente, em 2008.[66]

O arquivo de Kempowski disponível na Akademie der Künste de Berlim foi dividido pelo próprio autor em três partes, como se verifica em suas anotações no diário *Somnia* (2008: 10):

> Neuordnung der Archive, Scheidung in Grün und Blau und Gelb. / **2007**: *Hat sich als sehr praktisch erwiesen. Gelb = Fotoarchiv, Grün = meine Manuskripte und Blau = die Einsendungen, das "Fremdarchiv". Ohne diese Einteilung hätte ich schon sehr bald die Übersicht verloren. Sie wurde auch vom Archiv der Akademie in Berlin übernommen*.[67] (Itálico e negrito do autor)

Todas as três partes do arquivo são de interesse para o estudo de *Das Echolot*, mas, como não pretendo me aprofundar na questão das imagens, não acessei o arquivo de fotos, o que não quer dizer que não tive contato com imagens, já que fotos dos autores das cartas e diários também podem estar presentes em suas pastas ou dentro de seus próprios diários no arquivo. No arquivo azul, tive contato com os autores que haviam sido pré-selecionados. Grande parte dos textos estava datilografada ou digitada em folhas impressas, o que facilitou

[65] Os diários *Sirius* e *Alkor* recebem seus nomes de estrelas da constelação Cão Maior e Ursa Maior, respectivamente.
[66] Embora o diário seja uma publicação póstuma, trata-se de um texto concluído pelo próprio autor.
[67] "Nova ordenação do arquivo, divisão em verde e azul e amarelo. / **2007**: *Demonstrou-se muito prática. Amarelo = arquivo de fotos, verde = meus manuscritos, e azul = os documentos enviados, o "arquivo de estranhos". Sem essa divisão, eu logo teria perdido o controle. Ela também foi adotada pelo arquivo da 'Akademie' em Berlim.*"

em muito a consulta. Eles podiam vir acompanhados do texto em seu formato original (diário ou brochura), fotos das pessoas e correspondência com os organizadores do arquivo, aparato que frequentemente oferecia mais dados biográficos úteis na compreensão do texto. O contato mais próximo com esses documentos providencia uma leitura diversa daquela que ocorre durante a leitura de *Das Echolot*, assunto que será aprofundado em *II.2. Personagens Típicas*. As cartas para o autor oferecem muito mais dados do que a breve biografia disponível no final do livro, e mesmo com o tempo limitado para a pesquisa no arquivo, a tendência é sempre aventurar-se por algumas páginas a mais do que aquelas que concernem ao livro, folhear os anos seguintes e se informar sobre o desfecho daquela história, ou sobre como aquelas pessoas iriam retratar a guerra nos anos seguintes.

O aspecto físico do arquivo – quando disponível – também altera muito a percepção dos diários. No livro, perdeu-se a impressão gerada pelo cuidado com os diários, pela caligrafia ou por fotos, que parecem opor-se à imagem que fazíamos – quando não a confirmam – e até mesmo constroem no imaginário características da personalidade daquele autor que não se pode entrever só pelos textos. Parte dessa problemática foi levantada por Heinz Becker (1977: 13), em seu artigo sobre a edição de cartas. Ele afirma que é necessário saber do que tratavam as cartas e, para que seja feita essa reconstituição do sentido, cabe recorrer a outros documentos possuídos pela família. Isso pode ser feito em partes pelos relatos daqueles que doaram as cartas e os diários que estão anexados ao arquivo, mas eles não constituem uma informação compartilhada com o leitor através do livro. Winfred Woesler (1977: 45), também em um artigo sobre a edição de cartas, comenta a perda da apresentação física da correspondência no ato de sua publicação:

> In der Textdarbietung des Druckes geht das Dokumentarische eines Schreibens verloren, allenfalls die Grobstruktur der Raumaufteilung kann nachgeahmt werden. Aber gerade der optische Eindruck, z.B. das besonders Schnörkelige einiger Widmungszeilen in einem Lyrikbändchen, die Brutalität einer maschinenschriftlichen Rechnung für eine Exekution, die Herzlichkeit von Freundesgrüßen, die in Bierlaune auf eine Postkarte gekritzelt wurden, oder die innige Vertrautheit, die sich in den auf engstem Raum zusammengequetschter Zeilen an die Freundin zeigt, gehören zum Dokumentcharakter eines Briefes, den eigentlich nur das Faksimile annähernd wiedergeben kann und der bei Wiedergabe in einheitlicher Drucktype verloren geht.[68]

[68] "Na apresentação impressa do texto, perde-se o documental da escrita, no máximo, a estrutura rudimentar da divisão espacial pode ser copiada. Mas justamente a impressão ótica, por exemplo, a letra especialmente floreada de algumas linhas de dedicatória em um livrinho de lírica, a brutalidade de uma conta escrita à máquina para uma execução, a cordialidade das saudações de um amigo que foram rabiscadas com o bom humor da cerveja em um cartão postal, ou a profunda confiança que se demonstra a uma amiga nas linhas esmagadas no espaço mais estreito pertencem ao caráter documental de uma carta que apenas um fac-símile pode reproduzir de maneira aproximada e que se perde em uma reprodução unicamente de letras impressas."

Devido à proporção do livro – e a sua intenção – a reprodução em forma de fac-símiles foi evitada, mas não completamente excluída, ocorrendo em casos isolados nos primeiros volumes, com autores que não são representados por outros textos. Essa ação não salvou todo o aspecto visual, mas serve como aparato para relembrar coisas como a caligrafia da época (todos os fac-símiles são de cadernos escolares). Kempowski tinha a intenção de apresentar as fotos dos autores, como voltará a ser discutido em *II. 1. Composição e Estrutura*, mas não pôde fazê-lo por problemas de realização e custo.

Uma vez que a obra é composta somente por citações, a comparação entre o material disponível em suas fontes (o arquivo de biografias não publicadas e os livros publicados) e o material selecionado pelo autor será considerada parte da gênese interna do texto e da fase redacional.

O arquivo verde é rico em material de *Das Echolot*. Há inúmeras versões diferentes dos primeiros quatro volumes do livro – uma fase clara de experimentações – e apenas uma versão pré-editorial de *Barbarossa '41*, a qual contém algumas disparidades com relação à versão editorial, conhecida pelo leitor. Embora esta tese se concentre em *Barbarossa '41*, a primeira versão (dentre várias) dos quatro tomos também foi levada em consideração na pesquisa para que ficassem evidentes quais eram as intenções iniciais, e quais foram os caminhos tomados por Kempowski de fato. Comparações detalhadas sobre o material selecionado, ou excluído e a ordenação não foram feitas no que diz respeito aos primeiros tomos, mas o contato com sua primeira versão trouxe, ainda assim, luz sobre uma série de fatores relativos ao volume aqui analisado.

As conclusões das leituras e a acareação desses documentos encontram-se nos primeiros dois capítulos da segunda parte.

Parte II

II.1. Composição e Estrutura

Neste capítulo, será discutido o trabalho feito por Kempowski para compor *Das Echolot*, assim como a estrutura final dos diferentes volumes do livro. Parte da descrição do trabalho de composição e do desenvolvimento da obra não pode ser separada da descrição prática dos resultados que o autor obteve com seu trabalho nos dez volumes, portanto, apenas a descrição do período pré-redacional será separada do restante, comentários sobre a obra ficcional (e diários) do autor e sobre as versões pré-editoriais serão inseridos na descrição da fase editorial. Os volumes serão apresentados conforme a data de publicação, mas *Barbarossa '41*, o nono volume e assunto desta tese, receberá uma descrição mais rica e detalhada. Algumas características compartilhadas por todos os volumes só serão expostas com mais detalhes na descrição de *Barbarossa '41*.

Todos os livros são divididos em "dias", têm o mesmo formato dos cabeçalhos e contam, ao final, com minibiografias das pessoas citadas. Todos contêm fotos inseridas nos textos, e mais uma abrindo o livro, antes de qualquer informação bibliográfica. Antes de o "diário coletivo" começar, há sempre um poema que inspira um tipo determinado de sentimento, como uma forma de preparar o leitor. Mesmo que as quantidades possam variar em cada tomo, todos incluem tanto textos do arquivo de Kempowski quanto textos anteriormente publicados. As meditações bíblicas diárias retiradas dos calendários da comunidade de Herrnhut são utilizadas como epígrafe no início dos "dias" de todos os dez volumes da série.

II.1.1. Fase pré-redacional

No prefácio do primeiro volume, Kempowski menciona momentos que foram importantes para o seu trabalho como "coletor de vozes". O primeiro impulso foi dado em 1950, quando ele foi conduzido pela primeira vez através do pátio da prisão onde ficou detido na RDA por espionagem, e, ao ouvir um "zunido inarticulado", o policial lhe disse: "Das sind Ihre Kameraden in den Zellen, die erzählen sich was"[69] (KEMPOWSKI, 1993: 7). O segundo aconteceu quando ele estudava em Göttingen e viu, jogadas na rua, as fotos e as cartas que um soldado que se encontrava na Rússia havia enviado para sua noiva. Em seguida, o autor afirma que as vozes do presídio não podem mais ser salvas e que os mortos guardam suas histórias consigo, razão pela qual ele se tornou obcecado por salvar o que ainda podia ser salvo. A verdade é que, mesmo que ele não tenha sido capaz de resgatar todas as vozes

[69] "São os seus camaradas nas celas, eles estão contando algo."

daquele zunido, seu primeiro livro dedicou-se a essa tarefa. Em *Im Block*, de 1969, uma obra com fortes traços autobiográficos, Walter Kempowski procurou retratar como foram os anos que passou na cadeia. Em seguida, escreveu romances, nos quais narrou a vida de sua família e a própria em uma série que foi denominada como *Deutsche Chronik* (Crônica alemã).

A obra de Kempowski é marcada pelo uso da montagem. Para escrever a história familiar, ele fez entrevistas com a mãe e gravou-as em fitas-cassete, também utilizou relatos do irmão (que foi preso com ele) e guardou uma farta documentação familiar que foi citada/montada em seus livros. Para reconstruir a sociedade da época, o autor também procurou fazer perguntas a diversos alemães sobre temas variados – cuja compilação gerou três "livros-entrevista" – e inseriu as respostas em seus romances. Em 1981, Kempowski já realizava em *Schöne Aussicht* (Bela vista/perspectiva) algumas montagens com um efeito semelhante ao obtido em *Das Echolot*. O romance, por exemplo, é introduzido com uma série de relatos breves feitos por alemães que eram crianças no início dos ataques à Alemanha e contam como eles perceberam os bombardeios.

Nas anotações de Kempowski publicadas no diário *Culpa*, verifica-se que a ideia do arquivo de biografias não publicadas data de 1978. Em uma carta de março de 1978, Kempowski (2005: 7) explica para o filho qual é a sua intenção:

> Hier habe ich nun eine neue Idee, die ich irgendwann einmal angehen will. Ein Archiv für ungedruckte Lebenserinnerungen. Ungezählte Leute haben ihre Biographie geschrieben, die liegen in den Schränken herum. Man müßte diese auf Büchsen gezogene Erfahrung speichern und der Gesellschaft nutzbar machen. Ich stelle mir das so vor, daß man hier auf unserm Grundstück ein Extragebäude dafür baut und dort die vielen, wahrscheinlich tausende Biographien archiviert. […] Mit Knaus hab ich das schon durchgesprochen. Finanziert wird die Sache von den Biographieschreibern selbst. Jeder muß 50 Mark bezahlen.[70]

Nesse primeiro momento, o autor achava necessário que os textos estivessem disponíveis para todos, e não pensava diretamente em utilizá-los na própria produção literária. Mas muito mudou desde esse primeiro projeto. O arquivo foi armazenado em sua casa, como ele pretendia desde o início, e sua intenção continuou sendo dispô-lo à comunidade, mas morando em Nartum – uma cidade afastada que sequer possui uma estação de trem – o acesso era difícil e o arquivo não recebia mais do que uma ou duas visitas por ano, como o próprio autor afirmou em uma entrevista que acompanha o DVD da adaptação de seus livros auto-biográficos para a televisão. O propósito do arquivo também foi ampliado. Ele ainda é

[70] "Aqui, tenho agora uma nova ideia, que em algum momento eu desejo iniciar. Um arquivo para lembranças de vida não publicadas. Inúmeras pessoas escreveram suas biografias que estão guardadas em armários por aí. Dever-se-ia arquivar essa experiência conservada em latas e torná-la útil à sociedade. Eu imagino o processo da seguinte forma, que se faça aqui no nosso terreno uma construção extra para isso e lá se arquivem as muitas, talvez milhares de biografias. Já falei sobre isso com a Knaus [editora de Kempowski]. A coisa vai ser financiada pelos próprios escritores das biografias. Cada um deve pagar 50 marcos."

intitulado arquivo de biografias não publicadas, o que se expandiu foi o conceito de "biografia". Ele não coletou apenas as autobiografias, mas diferentes materiais de caráter biográfico: cartas, diários e fotos. O arquivo também não foi financiado pelos colaboradores que enviaram suas contribuições, como Kempowski desejava inicialmente. Ele recebeu muitas doações, mas também teve que pagar por uma grande parte do material adquirido.

Como em uma decisão de Ano Novo, Kempowski declara o arquivo oficialmente inaugurado no dia primeiro de janeiro de 1980 e publica o primeiro anúncio procurando por colaboradores em 3 de janeiro. Desde o início, obtém uma resposta positiva, recebendo muitos envios, em grande parte de seus leitores que entendem que o material poderia ser necessário para as montagens típicas das publicações do próprio Kempowski, como ele relata no dia 6 de março de 1980: "Es kommen täglich mehrere Sendungen, meistens von Lesern, die mir helfen wollen. Sie denken: bloß schnell dem Kempowski Fotos schicken, sonst kann er keine Bücher mehr schreiben."[71] (KEMPOWSKI, 2005: 14)

O primeiro projeto para utilizar os documentos que estavam chegando ao arquivo e que compreendiam um grande número de fotos foi o de fazer um calendário com imagens e citações. A ideia surgiu ainda nos primeiros meses, e, embora a sua editora não demonstrasse muito interesse, Kempowski acreditava que a GEO – uma publicação caracterizada, entre outras coisas, por reportagens ricas em imagens – poderia envolver-se com o projeto. Ao contrário de *Das Echolot*, o calendário não deveria concentrar-se na guerra, mas representar a vida alemã nas décadas anteriores.[72] Os temas seriam: "1. Deutsches Familienleben / 2. Porträts / 3. Ostgebiet / 4. Der Deutsche Bürger und die Kunst / 5. Der Deutsche und sein Auto / 5. Wohnungen".[73] (*ibidem*: 27-28) Em junho de 1980, o arquivo já havia custado um montante superior a 10.000 marcos, e Kempowski pensava em abandoná-lo, caso o calendário não vingasse, uma vez que ele não teria mais fontes para continuar financiando as aquisições. O projeto foi desaconselhado por um amigo, e passou por uma série de oscilações, sendo considerado até mesmo fazer um calendário focado apenas no pós-guerra, antes que a ideia fosse completamente abandonada.

Os problemas financeiros com a manutenção do arquivo eram constantes e levaram Kempowski a tentar vendê-lo para instituições no ano de 1985, sem sucesso. Nos anos

[71] "Diariamente, chegam vários envios de leitores que querem me ajudar. Eles pensam: mandemos logo fotos para o Kempowski, caso contrário ele não poderá mais escrever livros."
[72] Um recorte semelhante àquele ambicionado agora pelo projeto *Zeitstimmen*, mencionado em *I.4. Gênero Literário*.
[73] "1. Vida familiar alemã / 2. Retratos / 3. A região leste / 4. O burguês alemão e a arte / 5. O alemão e seu carro / 6. Moradias"

seguintes, ele ainda lançaria algumas das biografias de seu arquivo, nomeadamente, as de Irene Zacharias, Helmut Fuchs e Ray T. Matheney.

Em 1987, Simone Neteler já fazia parte do trabalho de transcrição do arquivo e, em 1988, surgiam as primeiras menções a *Das Echolot* propriamente dito. No mesmo ano, Kempowski iniciou o trabalho com *Sirius*, seu primeiro diário a ser publicado. Ele recebe o subtítulo de *Eine Art Tagebuch* (Uma Espécie de Diário) por ser a sua primeira experimentação com o gênero. É possível fazer uma série de paralelos entre *Sirius* e *Das Echolot*, como se o autor já buscasse em um a solução para o outro, o que é confirmado pelas anotações em *Culpa*: "Das Projekt 'Sirius' wird zum 'Echolot' in eine dialogische Beziehung treten."[74] (*ibidem*: 139) Mais tarde, ele ainda afirmou que faria um teste e organizaria *Das Echolot* como fez em *Sirius* (cf. KEMPOWSKI, 2005: 155). O segundo subtítulo que o diário recebe, *Mit 245 Abbildungen* (Com 245 Ilustrações), não sugere apenas a possibilidade, para o leitor, de ver fotos familiares do autor – o que poderia ser de grande interesse, pois muitos o conhecem através dos livros autobiográficos –, mas também o trabalho de Kempowski com as fotos adquiridas para o arquivo. Em *Sirius*, até mesmo publicou um texto do arquivo, cuja anotação da autoria conta com a data de nascimento, como é típico em *Das Echolot*. O fragmento ao qual me refiro foi inserido no dia 5 de outubro de 1983 de seu diário e havia sido escrito na mesma data havia 50 anos. Kempowski menciona o texto como sendo um bom exemplo do pensamento nazista da época.

Apenas em 1990, Neteler é oficialmente contratada e o trabalho "árduo" inicia. Como assistente, Neteler ficou responsável por uma boa parte do trabalho braçal, típico da montagem, que envolvia a concretização do livro: entrar em contato com as pessoas que enviavam os documentos, em alguns casos até buscá-los pessoalmente, digitar os textos, encontrar fragmentos de datas correspondentes às tratadas no livro e selecioná-los de acordo com o local onde foram escritos. Contudo, discussões sobre o conteúdo e a realização do livro também foram travadas entre os dois e, ainda hoje, Neteler é a pessoa que tem o maior conhecimento sobre a organização do arquivo de biografias não publicadas.

II.1.2. Das Echolot '43

O livro começa com uma foto de um homem lendo um jornal em uma sala de estar bem arrumada e de ambiente tranquilo, em Stalingrado, seguida de um texto intitulado "Statt eines Vorworts" (Em vez de um prefácio), onde o autor conta como a ideia do livro surgiu. Segue-se o poema de Hermann Broch *Diejenigen, die im kalten Schweiß* (Aqueles que no suor

[74] "O projeto 'Sirius' vai entrar em uma relação dialógica com o 'Echolot'."

frio), escrito aproximadamente no ano de 1940. As palavras de Broch advertem o leitor: o tema é o sofrimento, e não seremos capazes de compreendê-lo totalmente, porque não o compartilhamos, não estamos preparados. E é com essa consciência que se deve embrenhar pela leitura.

Os "dias" têm como epígrafe citações bíblicas tiradas dos calendários da irmandade de Herrnhut e citações do diário de Reinhold Quaatz, jurista e político alemão que era antissemita apesar da mãe judia. Sobre os diários de Quaatz, pode-se ler nos rascunhos da primeira versão de *Das Echolot* o seguinte comentário: "R. Quaatz [...] kommentiert die Zeitereignisse vorwiegend mit Sprüchen, die seine pol. Einstellung verschlüsseln".[75] É frequente que, por sua vez, Quaatz também faça uso de textos bíblicos; a diferença é que, enquanto os textos da comunidade de Herrnhut pretendem oferecer um pensamento para o dia, sem qualquer outra intenção além da catequização, Quaatz faz uma escolha baseada nos fatos atuais. Essas duas fontes são utilizadas todos os "dias", mas podem vir acompanhadas de citações de mais uma ou duas fontes, não raro sendo a terceira uma manchete, como "Wir haben ein Recht an den Sieg zu glauben",[76] no dia 2 de fevereiro.

Conforme o verificado na versão pré-editorial, o "diário coletivo" deveria já no início de cada "dia" providenciar um mínimo de informações históricas para auxiliar o leitor a se orientar em meio aos documentos. Estas informações ficariam entre duas linhas, de uma forma muito semelhante àquela em que as datas se encontrariam na versão editorial. Abaixo, apresento um exemplo:

Sonnabend, 2.1.1943

Versorgung Stalingrads aus der Luft: heute 0t statt der benötigten 300t
Beginn des Rückzugs der Deutschen aus dem Kaukasus
Amerikanische Truppen besetzen Buna (Neu-Guinea)[77]

Evitando essa informação adicional, o autor renuncia, pelo menos aparentemente, a seu papel de editor.

[75] "R. Quaatz [...] comenta os acontecimentos da época predominantemente com provérbios que cifram seu pensamento pol[ítico]."
[76] "Nós temos o direito de acreditar na vitória."
[77] "Abastecimento aéreo de Stalingrado: 0t em vez das necessárias 300t / Início da retirada alemã do Cáucaso / Tropas americanas tomam Buna (Nova Guiné)"

O primeiro fragmento da grande maioria dos dias é um comentário breve do Dr. Theodor Morell sobre o tratamento que havia ministrado a Hitler no dia. Esses textos são sempre breves e muitas vezes repetidos. Vários "dias" são iniciados com "Injektion wie immer",[78] enquanto em alguns outros o leitor deparar-se-á com um simples "Keine Eintragung".[79] Esses fragmentos, que na maioria das vezes não trazem informações novas, apenas repetições, servem como um *Leitmotiv* dentro do coral de vozes, que marcará a imagem de Hitler como um líder fraco e doente. Outro *Leitmotiv* são os dados do cemitério judaico. Os nomes e as datas mudam, mas o leitor já sabe o que esperar: praticamente todas as mortes listadas ocorrem por envenenamento e algumas são claramente declaradas como suicídio, mas sem indicação de qual método foi utilizado. Enquanto o ditador se apresenta como uma figura que procura obsessivamente por ajuda médica, judeus seguem tomando substâncias letais para alcançar a morte que parece, diante do futuro sombrio que se aproxima, ser o único remédio.

Políticos, intelectuais e os outros textos aparecem espalhados pelo dia, sem qualquer tipo de agrupamento. Não há uma demarcação clara de tipos de pessoas ou localidade na ordenação dos fragmentos. Os trechos que tratam do Holocausto, por vezes, estão um pouco mais agrupados, mas essa seleção não concentra todos os representantes, eles podem se repetir ao longo do "dia". As referências ao Holocausto também aparecem espalhadas pelo "dia", com a frequente repetição dos registros de *causa mortis* do cemitério judaico. Apenas as estatísticas e dados diários dos acontecimentos de Auschwitz anotados pela historiadora Danuta Czech irão marcar o final do "dia". A ideia de encerrar todos os períodos com os campos de concentração está registrada no diário *Culpa*: "29.9.1989 – Die KZ-Sachen an den Schluß jeden Tag stellen. Das hatte ich schon vorgehabt, es war mir entfallen."[80] (KEMPOWSKI, 2005: 145) O encadeamento das vozes ocorre de forma um pouco menos ordenada nesses volumes, e mesmo os asteriscos que se tornariam uma marca típica das divisões dentro do "dia" estão ausentes em *Das Echolot '43*.

As informações sobre Auschwitz formam um certo dueto com os diários do comandante da SS, Heinrich Himmler. Sempre que possível, estes precedem o detalhamento do dia em Auschwitz. O contraste aqui não se dá sempre pela informação que eles trazem, mas pelas vozes em si: um dos perpetradores do mais alto escalão e as vítimas do campo de concentração mais cruel. Basta que elas estejam aglutinadas com frequência para que o leitor

[78] "Injeção como sempre."
[79] "Nenhum registro."
[80] "29/9/1989 – Pôr as coisas dos campos de concentração no final de cada dia. Eu já tinha essa intenção, mas esqueci-me dela."

faça diferentes ligações com os fatos representados no livro: interpretações que podem ser confirmadas ou modificar-se conforme o leitor agrega mais conhecimento durante a leitura e se depara com a repetição.

Após cada "dia" é introduzido um *Zwischentext* (entre-texto) que vem apresentar outros dados sobre a guerra que não estão representados nos outros fragmentos. Os textos têm de duas a seis páginas.

Dentro dos livros, encontram-se, de tempos em tempos, algumas fotos daqueles que escreveram os textos citados. Elas são legendadas para que possamos identificar de quem se trata. Essa foi a solução encontrada para apresentar alguns dos autores também através de imagens. Como pôde ser verificado no arquivo verde, e também foi afirmado pela assistente Neteler na entrevista em anexo, na primeira versão, pretendia-se pôr um pequeno retrato ao lado de cada fragmento para que o leitor reconhecesse mais facilmente seus autores. A intenção não era a de apresentar factualmente cada um deles, pois um dos problemas era justamente a ausência de fotos de muitos dos autores citados. Inicialmente, foram experimentadas fotos de estranhos, apenas para que houvesse uma representação visual de cada um. A ideia foi abandonada, devido aos custos que uma publicação com tantas fotos teria. Um dado curioso é o retrato de Hitler que consta da primeira versão: na imagem, Hitler faz praticamente uma careta, o que tira a seriedade de sua figura e o torna praticamente risível.

As fotografias, de forma geral, são mais brandas do que muitos dos relatos do livro. Elas mostram pessoas em seu cotidiano, com suas famílias. São fotos tiradas em casa ou nas férias. Elas são a representação de uma vida burguesa da época. Essa representação da burguesia se expande também para algumas das citações que se referem à vida cultural: as transmissões de rádio do dia, ou programações culturais completas incluindo óperas, concertos, filmes, peças e seminários em grandes cidades como Hamburgo ou Munique. Os esportes, como boxe ou patinação no gelo, também estão representados nas fotos.

Essa exposição mais branda que se faz da guerra pode ser vista como uma tentativa de fazer a aproximação entre *Das Echolot* e a *Deutsche Chronik*, na qual Kempowski narra a vida burguesa que sua própria família levou durante os anos de guerra. Essa relação pode ser confirmada através dos comentários publicados em *Culpa* e através da primeira versão do livro. Em seu diário, ele afirma que "'Echolot' und 'Deutsche Chronik' sind nicht zu trennen."[81] (*ibidem*: 282) e "Ohne das 'Echolot' würde meine 'Chronik' noch sinnloser sein."[82] (*ibidem*: 149) Se, nos livros autobiográficos, o autor não menciona os horrores da

[81] "'Echolot' e 'Crônica Alemã' não devem ser separados."
[82] "Sem o 'Echolot' a minha 'Crônica' seria ainda mais sem sentido."

guerra, como se a família burguesa não houvesse tomado consciência dos acontecimentos, em *Das Echolot* os horrores comparecem massivamente, mas as fotos não deixam que esqueçamos que vidas comuns eram conduzidas com certa naturalidade mesmo naquele momento de dificuldades.

No início do terceiro volume, há uma citação do irmão do autor, Robert Kempowski, e, no meio do quarto volume, o último sobre Stalingrado, há uma foto da família Kempowski durante o casamento da irmã, em maio de 1943. Essa foto insere Walter Kempowski como personagem e remete o leitor que porventura tenha conhecimento de sua obra autobiográfica aos relatos que ele fez sobre a época. Os horrores podem não estar tão presentes na *Deutsche Chronik*, mas sim, tudo ocorreu simultaneamente. Mais uma vez, como é comum nas obras baseadas no princípio da montagem, a leitura e a compreensão do texto vão depender de um conhecimento prévio do leitor.

Todavia, nem todas as imagens são suaves. As fotos de homens fardados – acompanhados ou não de suas famílias – e de paradas nazistas servem para que o leitor seja remetido ao que essas pessoas deveriam fazer em outro contexto, quando voltavam a suas funções militares. Nesse caso, o símbolo do Nazismo é suficiente para conferir peso e seriedade às imagens. E, no quarto tomo, há fotografias de maior brutalidade, como judeus em um gueto polonês com seus corpos enfraquecidos e rostos soturnos, ou, no último dia, a foto de um monte de cadáveres cobertos pela neve.

Kempowski trabalha de maneira mais experimental com as imagens em *Das Echolot '43*. Além de apresentar alguns dos autores, como a si próprio e a sua família, ele também desenvolve algumas outras técnicas que não voltaram a repetir-se nos outros tomos.

As imagens do livro não se limitam às fotos de pessoas ou lugares, já que alguns dos textos são fac-símiles de cadernos escolares. Em 21 de janeiro, estão as anotações de uma aula de geometria na grafia Sütterlin, que era corrente na época. Nesse caso o texto em si não tem tanta relevância; o possível desconhecimento da grafia não impede que se compreenda a menção à vida escolar da época, ainda mais característica pela grafia que se perdeu com o tempo. No último volume, a carta de uma criança para o pai também é introduzida através de um fac-símile. A caligrafia já é a mesma que utilizamos atualmente e podemos, apenas por observá-la, saber que se trata da carta de uma criança. O contato um pouco mais material com a carta aumenta a possibilidade de uma certa aproximação afetiva do leitor com o texto. Um dos fac-símiles de cadernos escolares, presente na versão pré-editorial, mas posteriormente excluído, é uma redação sobre o Marechal-de-Campo Erwin Rommel, indicativa de como as crianças eram educadas para o culto aos "heróis" do Nacional Socialismo desde cedo. Os

textos escolares publicados na versão editorial concedem um tom mais sentimental ao livro e não buscam demonstrar que as crianças já estariam sendo corrompidas desde cedo com a propaganda partidária, como acontece no caso da versão pré-editorial.

Em vários momentos, Kempowski narra histórias através das imagens. Em alguns casos, como as fotos que abrem o segundo e o terceiro volumes, as narrações são breves, realizadas apenas por uma foto e uma curta legenda. No segundo volume, a foto que introduz o livro é a de um homem, sentado diante de uma janela com um garoto de poucos anos no colo, cuja legenda diz "Letzter Urlaub".[83] Já o quarto volume é aberto pela imagem de um casal. A fotografia está focada no rosto do homem, que olha para o chão, melancólico, e atrás dele está a mulher com a mão sobre seus ombros, fitando a câmera. Sob a foto pode-se ler, "W.G. – er erschoß sich, als er zur Deportation nach Auschwitz abgeholt wurde."[84] Estas são narrativas breves que levam ao questionamento sobre tudo mais que estaria por trás das fotos. Como morreu o pai da criança? Haveria ela própria sobrevivido à guerra e à fuga dos últimos meses? E a mulher? Seria ela também judia? Como reagiu à deportação? Como reagiu à morte do companheiro? Esse olhar triste do homem já indicava o conhecimento sobre o que estava por vir? No terceiro volume, há como que uma minibiografia realizada em apenas duas fotos: na primeira, um menino e a legenda "Berthold, geb. 1922",[85] na segunda, um jovem rapaz e os dizeres "Vermißt 1944".[86]

A narrativa através de imagens se estende a tal ponto que o *Zwischentext* do dia 27 de janeiro é formado por fotografias de uma família. A história é intitulada "Die drei Brüder Schneider".[87] A primeira fotografia mostra a mãe, o pai e os três irmãos pequenos em 1924. Em seguida, estão fotos que mostram a infância dos irmãos e como eles cresceram juntos até o momento no qual os três vestem uniformes do Hitler Jungend em 1935. Depois, eles são exibidos com roupas militares e com a legenda "Götz (Mitte) erschoß sich 1942 mit der Pistole seines Bruders";[88] em seguida, Rudolf com um uniforme de alto escalão junto a sua mulher, então mais um retrato de um jovem uniformizado e a legenda "Hans-Jürgen, gefallen 1943 in Stalingrad".[89] E a história é encerrada pela foto de uma mulher de meia-idade, sozinha, bordando, com uma vista para o campo, e os dizeres: "Die Mutter".[90] O sofrimento retratado é compartilhado por tantas outras famílias que se despedaçaram durante a guerra.

[83] "Últimas férias."
[84] "W.G. – ele se matou com um tiro quando foi buscado para a deportação para Auschwitz."
[85] "Berthold, nasc. em 1922."
[86] "Desaparecido em 1944."
[87] "Os três irmãos Schneider."
[88] "Götz (meio) matou-se com um tiro em 1942, com a pistola de seu irmão."
[89] "Hans-Jürgen, morto em 1943 em Stalingrado."
[90] "A mãe."

As fotos também são utilizadas para fazer o *Zeitsprung* (salto temporal). Com uma certa regularidade, são introduzidas uma ou duas páginas com o título de "Zeitsprung in das Jahr...",[91] que apresentam fotos de outros períodos que não os meses de janeiro e fevereiro de 1943. Os saltos vão apresentar imagens de 1933 a 1946 – as últimas serão de prisioneiros, um com roupas rasgadas e abatido, o outro sem uma das mãos, ambas sugestivas de que os efeitos da guerra ainda perdurarão mais do que a própria guerra. Esses saltos têm a função de lembrar que os acontecimentos apresentados no livro não estão hermeticamente fechados. O que está ocorrendo no ano de 1943 é resultado de tantas outras coisas que vinham acontecendo desde 1933 e ainda iriam se desenvolver por anos a fio. Kempowski não pôde fazer um *Das Echolot* de toda a Segunda Guerra como desejava inicialmente, mas ele tem seus artifícios para que ela não seja esquecida como um todo.

Os saltos temporais são uma técnica que se desenvolve através de *Sirius* e, apenas dois anos após a sua publicação, Kempowski acredita conseguir identificar melhor as semelhanças entre os dois livros e observa que a técnica pode ser utilizada em *Das Echolot* (cf. *ibidem*: 246). Em *Sirius*, por exemplo, o autor utiliza fotos de Natal tiradas do arquivo e posiciona-as no dia 25 de dezembro de seu diário. Ele também insere na publicação uma seleção de fotos de crianças que ele fez na data citada no diário.

Um material imagético que foi completamente extirpado do livro, mas estava presente na primeira versão, são caricaturas de nazistas. Embora elas sirvam para mostrar a crítica que estava sendo feita ao Nacional Socialismo no exterior, elas poderiam entrar em confronto com a seriedade do restante dos documentos e o sofrimento de seus autores.

O último capítulo é um epílogo que oferece alguns relatos do mês de março de 1943. Ele tem uma forma semelhante à dos "dias", mas é mais breve e não é encabeçado por uma citação bíblica, e sim pelo trecho de uma canção da época: "Warum hast du mir so weh getan? / Und was fang' ich ohne dich an?"[92]

O livro é encerrado por uma foto pequena que apresenta quatro homens de costas, andando em uma calçada; a impressão que se tem é que eles estão partindo. A legenda diz: "Holland 1945".[93]

II.1.3. Das Echolot. Fuga Furiosa

A segunda parte do projeto conta com quatro volumes, nos quais Kempowski publicou textos de janeiro e fevereiro de 1945, momento no qual alemães abandonaram suas

[91] "Salto temporal para o ano de..."
[92] "Por que você me causou tanta dor? / E o que eu posso fazer sem você?"
[93] "Holanda 1945"

residências no Leste fugindo do avanço dos russos. O título tem base na música, e une a designação do gênero da fuga com o tipo de andamento, que é furioso, ou seja, extremamente rápido. A escolha pode ser explicada, como no poema *Todesfuge* (Fuga da Morte) de Paul Celan, pela repetição do tema por várias e sucessivas vozes, característica da composição musical. Kempowski coordena em *Fuga Furiosa* uma série de vozes que se repetirão, relatando percalços semelhantes. "Furiosa" é uma menção ao andamento da música que deve ser extremamente rápido. Quando os termos musicais "fuga" e "furiosa" se juntam, logo se pensa em uma tradução literal e a imagem da fuga desesperada de alemães no ano de 1945 se faz presente. O título serve tanto para esclarecer qual será o tipo de orquestração que Kempowski fará de suas vozes nesses volumes, como o tema do qual elas tratam.

Esta é a única dentre as quatro partes do projeto que não apresenta qualquer tipo de prefácio. A voz do autor está absolutamente ausente.

O poema que abre a obra é *Um Mitternacht* (À meia-noite) de Eduard Mörike, que fala de uma canção que ecoa da natureza e canta o dia que passou. Esta parece ser uma menção ao fato de que a guerra se aproxima do fim. O dia já é findo, e o terceiro *Reich* não alcançará mais nenhum sucesso. A canção sobre o dia que passou é a fuga dos alemães com a chegada dos soldados russos. A melodia que o coro de vozes entoará para o leitor é de angústia e derrota.

Os "dias" são ricos em epígrafes, as citações bíblicas, sempre no início, seguidas de trechos de diários, nos quais pessoas de diferentes lugares da Alemanha e Europa comentam as condições meteorológicas no mesmo dia, mas em anos diferentes, e no final costumam figurar enaltecimentos à bandeira, gritos de guerra e "frases do dia", com autores como Moltke e Walter von der Vogelweide, por exemplo.

Os dois primeiros "dias" começam com um fragmento de Dr. Theodor Morell, que, contudo, passa a ficar localizado um pouco mais adiante nos capítulos seguintes. É como se, no início do livro, Kempowski desejasse manter uma estrutura que fosse familiar ao leitor, para evidenciar que se trata de uma sequência dos volumes anteriores, antes de modificar os rumos dessa montagem. Aqui já começa a se definir um agrupamento de vozes. O primeiro dia começa com as vozes do *front* e apenas mais tarde apresentam-se os civis. Como afirmou Simone Neteler (Vide entrevista em anexo), a ordenação dos relatos foi feita de acordo com sua localização geográfica, de maneira a desenhar o trajeto de fuga dos alemães. Entretanto, como os estrangeiros não fazem parte desse trajeto, seus relatos foram espalhados pelo texto. Asteriscos para a divisão de grupos de textos são utilizados pela primeira vez em *Fuga Furiosa*. Eles podem separar grupos que podem ter desde três textos até mais de dez páginas e

há uma certa dificuldade em delimitar uma única função para essas divisões. Como tudo na montagem, eles também parecem ter um ar experimental e são utilizados de diferentes formas no decorrer dos livros. A função mais clara é tornar a leitura menos estafante. Como em um livro sem parágrafos, o leitor de *Das Echolot* pode ter uma certa dificuldade de achar o momento de respirar e de fazer breves pausas na sua leitura, e os asteriscos podem sinalizar momentos de descanso, já que os capítulos (ou "dias") podem ter até mais de cem páginas. Os asteriscos costumam, na maior parte das vezes, servir para delimitar as rotas de fuga que estão traçadas dentro de cada capítulo; quase sempre, depois deles, os relatos voltam para a região de conflitos e se amainam aos poucos. Alguns grupos de vozes que não podem ser incluídos nessas rotas passam a ser divididos e caracterizados como grupos, também através dos asteriscos. Aqui, inserem-se judeus junto com anúncios fúnebres, os políticos, os estrangeiros e os exilados. Mas, como foi afirmado acima, esse é um momento experimental. As afirmações são sobre *Fuga Furiosa* como um todo e não podem sempre ser aplicadas a cada detalhe específico da obra. A técnica dos asteriscos para separar assuntos dentro de um único "dia" não provém, entretanto, de *Fuga Furiosa*, pois já havia sido aplicada na edição do primeiro diário, *Sirius.*

O diário de Auschwitz de Danuta Czech não marca mais o final do "dia". Ele e os textos de outros judeus costumam anunciar que o final do capítulo está próximo, mas não são de fato o ponto final. Frequentemente, são os anúncios fúnebres que vão marcar o final do "dia".

Todos os "dias" são abertos por um retrato de uma pessoa; em um dos casos, de um casal. Não há legendas informando o ano das fotos, ou os nomes. É como se eles pudessem ser os donos das vozes que estamos lendo. Aquelas são as pessoas que tomaram parte nessa fuga desesperada, mas delas não saberemos sequer os nomes, ou se conseguiram atingir seu objetivo final. Os rostos formam um grande coletivo e suas histórias também são contadas coletivamente, formando uma rede que não pode mais ser desfeita. Não importam mais os nomes ou a individualidade, seus martírios e seus destinos foram todos compartilhados como representantes de uma mesma nação em ruínas. Praticamente todos os retratos representam essas pessoas em sua vida civil, com roupas comuns, o que causa um certo choque quando, mais próximo do final, encontra-se uma foto de um homem em seu uniforme. Nesse ponto, encontra-se o contraste entre a normalidade civil e a catástrofe descrita nos relatos que se encontram no livro.

Como em *Das Echolot '43*, há um *Zwischentext* no final de cada dia. Mas os saltos temporais não ocorrem mais da mesma forma ou na mesma frequência. Apenas uma ou outra

foto de outros tempos pode ser encontrada no livro, como a de um homem passeando com duas meninas e a legenda "Urlaub 1941, Heidelberg / Werner Spahn † 1941",[94] ou fotos de uma mãe com o bebê, também de 1941, ou de um menino tocando seu acordeão, em 1937. Sabemos que o pai logo morreria, mas não sabemos em que região estão as filhas e pelo que ainda teriam que passar. Quanto aos outros, inseridos no contexto que estão, podemos imaginar a destruição de cada um daqueles idílios, seja nos desdobramentos da guerra no *front*, ou na fuga em 1945.

Há uma tendência clara a utilizar fotos familiares, cada vez mais centradas no indivíduo e não em contextos sociais mais abrangentes.

Cada um dos quatro volumes é encerrado pela planta de uma igreja. Os três primeiros são de igrejas de cidades tomadas pelos russos e que hoje fazem parte da Polônia: Danzig (Gdansk), Allenstein (Olsztyn) e Graudenz (Grudziadz). A menção às igrejas onde os fugitivos outrora rezavam opera o mesmo contraste entre a fé e o desespero que as epígrafes bíblicas, mas parece exercer um novo impacto sobre o leitor quando o livro é encerrado pela planta da Frauenkirche de Dresden. Completamente destruída pelos bombardeios que ocorreram na noite de 13 para 14 de fevereiro, suas ruínas foram conservadas mesmo durante o regime da RDA, devido à esperança de que ainda seria possível reconstruí-la um dia. Sua destruição tornou-se um símbolo das perdas sofridas por civis no final da guerra e um monumento contra a guerra. Quando *Fuga Furiosa* foi lançado, sua reconstrução já estava em um estágio mais avançado. Ela foi realizada entre 1994 e 2005, e custou cerca de 180 milhões de euros. O último dia do livro, 14 de fevereiro, certamente foi definido pelos acontecimentos de Dresden, mas essa é uma história que merece atenção especial: Kempowski lançou dois anos depois outro livro nos mesmos moldes de *Das Echolot*, *Der rote Hahn – Dresden im Februar 1945* (O galo vermelho – Dresden em fevereiro de 1945), dedicado apenas à cidade.[95]

O epílogo do livro são os acordos de Ialta, que datam de dois dias antes do final da própria obra, 12 de fevereiro de 1945, mas constituem um texto que não se refere ao passado, e sim que define o final da guerra e o futuro da Alemanha.

II.1.4. Das Echolot. Barbarossa '41

O título do livro refere-se ao codinome dado pelos alemães à invasão da Rússia, Operação Barbarossa, mas esta não foi a primeira opção do autor. Na versão pré-editorial,

[94] "Férias 1941, Heidelberg / Werner Spahn † 1941"
[95] Muitos dos textos de *Der rote Hahn* já haviam sido previamente publicados em *Fuga Furiosa*.

verifica-se que Kempowski pretendia nomear o livro de *Les Préludes*. Este é o título de uma composição de Franz Liszt que era utilizada para encerrar o *Deutsche Wochenschau* (Noticiário Semanal Alemão), que trazia as informações sobre os desenvolvimentos da guerra. Nesse caso, haveria consonância com os outros dois títulos – *Fuga Furiosa* e *Abgesang* –, também relacionados ao universo musical, além de que ficaria indicado o fato de que esse seria o livro que descreve a campanha que levaria à derrota alemã, em outras palavras, o início do fim.[96] O nome também faz alusão ao noticiário nazista, aos relatos que vinham de longe. Se, por um lado, esse fator é um ponto a mais que justifica a escolha do título, ele certamente também é a razão pela qual ele foi abandonado. Ao intitular o livro com o nome de uma composição apreciada por Goebbels e escolhida por ele para encerrar as notícias, Kempowski poderia ser mal interpretado e *Das Echolot* poderia ser encarado como uma espécie de apologia ao Nacional Socialismo.

II.1.4.1. O Prefácio

O único momento no qual a voz de Kempowski faz-se ouvir no livro é o prefácio. Se no primeiro livro encontra-se uma certa resistência ao prefácio, sugerida no título "Em vez de um prefácio", e se em *Fuga Furiosa* o mesmo está completamente ausente, em *Barbarossa '41*, o primeiro livro da ordem cronológica, o autor pretende fazer um prefácio que sirva para todos os livros. Na versão pré-editorial, encontra-se a seguinte anotação: "Vorwort zum gesamten Echolot."[97] (grifo do autor)

No prefácio, ele procura auxiliar a compreensão da obra através do comentário sobre três quadros: a "Construção da Torre de Babel" de Breughel, a "Batalha de Alexandre" de Albrecht Altdorfer e a "Rendição de Breda" do espanhol Velázquez.

Primeiramente, ele menciona a torre de Babel, onde, segundo o mito bíblico, todos os conflitos humanos haveriam começado. Junto com essa divisão dos povos, começam as guerras, e mesmo no momento em que se veem as mortes e o sofrimento na batalha, não devemos esquecer que todos os envolvidos também têm familiares, mães, mulheres e filhos. A imagem da "Batalha de Alexandre", assim como a memória dos familiares invocada por Kempowski, é uma representação do momento retratado no livro, o conflito e as perdas que atingem a todos, os que estão presentes no momento do confronto ou não. Por fim, há a imagem da "Rendição de Breda", uma representação do que seria o ideal no final de uma

[96] Na segunda página da versão pré-editorial, encontra-se a seguinte anotação: "*Haupttitel Echolot I* (Título Principal Ecossonda I)". Como foi feito em *Deutsche Chronik*, Kempowski reordena os seus livros de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos, e a despeito da ordem de publicação.
[97] "Prefácio para o *Echolot* completo."

guerra, quando o vencedor não humilha o derrotado, mas demonstra-lhe afeição. Como o autor afirma, a mensagem desse quadro não foi honrada até hoje. A última imagem não figura como o desfecho de uma sequência, mas como uma esperança inútil de que um dia as pessoas passem a demonstrar esse tipo de comportamento. Ela seria uma solução ideal para os problemas anteriormente apresentados, pois a guerra não terminaria simplesmente com um vencedor e um ganhador, mas com uma reconciliação entre os povos que não se entendem mais desde Babel.

Após apresentar essas imagens, Kempowski (2002: 5-6) prossegue:

> Das "Echolot" besteht aus mehreren Teilen. Die exemplarischen Stationen, die in ihm vorgeführt werden, heißen Leningrad, Stalingrad, Auschwitz, Dresden und Berlin. Von Mord und Größenwahn ist die Rede, aber auch von Demut und Nächstenliebe. Eine Vergegenwärtigung der Welthöllen, welche die Menschheit sich von Zeit zu Zeit bereitet, der Plagen, von denen schon in der Apokalypse die Rede ist, macht nur wenige einsichtig. So ist es eine vergebliche Hoffnung, zu glauben, daß Menschen die Ereignisse, von denen im "Echolot" die Rede ist, zum Anlaß einer Umkehr nehmen: Einzelne, die es dennoch tun, werden für eine kurze Zeit zu den Maurern des Babylonischen Turms, zu den buntkappigen Kriegsknechten der Alexanderschlacht gehören, und auch zu den Zeugen des humanen Verhaltens eines spanischen Feldherrn vor den Toren einer eroberten Stadt. Sie werden vielleicht zu jenem Verständnis durchdringen, das uns das Kommende bewältigen hilft.[98]

Kempowski apresenta o homem em sua ambiguidade como uma maneira de preparar o leitor para uma apreciação adequada de sua obra, a qual não se apresentará como um monumento à esperança, já que o ser humano repete seus erros, ainda que muitos também sejam capazes de atos humanitários.

Mesmo ao procurar auxiliar o leitor, Kempowski dá poucas dicas exatas de como fazer a leitura de seu livro. Ele menciona as imagens que o guiaram no processo de criação, mas não se estende em sua descrição. O próprio leitor deve procurar compreender essas imagens e tirar suas conclusões para seguir o caminho da "ecossonda". Como veremos a seguir, Kempowski é apegado ao uso de imagens, que muitas vezes pode auxiliar na compreensão do que se deseja demonstrar.

Após o prefácio, uma poesia, de Gottfried Benn, figura no livro:

[98] "A 'Ecossonda' é composta de várias partes. As paradas exemplares que foram apresentadas nela chamam-se Leningrado, Stalingrado, Auschwitz, Dresden e Berlim. O assunto é assassinato e megalomania, mas também humildade e amor ao próximo. Uma contemporaneização dos infernos do mundo, que o ser humano prepara para si mesmo de tempos em tempos, das pragas que são mencionadas no Apocalipse, se faz compreensível apenas para poucos. Portanto, crer que o ser humano volte atrás nos acontecimentos que são narrados na 'Ecossonda' se ele tiver oportunidade é uma esperança inútil: Os poucos que ainda o fazem pertencerão por um curto tempo aos construtores da torre babilônica, aos jovens guerreiros de capa colorida da batalha de Alexandre, e também às testemunhas do comportamento humano de um general espanhol diante dos portões de uma cidade vencida. Eles talvez penetrarão em uma espécie de compreensão que nos auxiliará a vencer o que está por vir."

> Dann gliederten sich die Laute, / erst war nur Chaos und Schrei, / fremde Sprachen, uralte, / vergangene Stimmen dabei. // Die eine sagte: gelitten, / die zweite sagte: geweint, / die dritte: keine Bitten / nützen, der Gott verneint.[99] (KEMPOWSKI, 2003: 7)

Estas são apenas as duas primeiras estrofes do poema, que tem um total de oito estrofes. Ele nos remete mais uma vez à imagem de Babel, e serve como uma reiteração das palavras do autor. Como Gadamer (1993: 368ss.) aponta, Benn apresenta aqui o desenvolvimento da linguagem humana de forma "naturalista", através do caos e do grito. Esses versos representam o início primeiro de toda a comunicação. Enquanto *Um Mitternacht* de Mörike representa o final e equivale, assim, à fuga dos alemães, o poema de Benn incorpora a noção do início e se relaciona com a invasão da URSS, que definirá o começo do cadafalso do Nacional Socialismo, e com o início da Segunda Guerra Mundial, representado na segunda parte de *Barbarossa '41*.

II.1.4.2. As fotografias

Como será apresentado, o livro é formado de um grande número de molduras, ou seja, uma série de estruturas que servem para definir os blocos de "dias", os "dias" e os núcleos. Elas conferem certa simetria ao livro. A primeira de todas as molduras é constituída pelas fotos. O livro, na verdade, não é aberto pelo prefácio, mas sim por uma foto que precederá até mesmo o título. A primeira imagem (Fig. 3) que se vê é a de um periscópio que foca seu alvo em um ponto próximo ao horizonte, um descampado, e, ao menos para os olhos de alguém que não tem familiaridade com o instrumento, não é possível identificar se há alguém ou algo específico sob a mira. A imagem nos remete à ideia da própria ecossonda, pois tanto o periscópio quanto a ecossonda são formas de reconhecer o que ainda está distante. Eles apenas o fazem por vias distintas; enquanto a ecossonda faz a identificação através do som, o periscópio faz a identificação visual. É relevante notar que esses instrumentos não servem apenas para efetuar o reconhecimento de território, mas também são ferramentas de destruição. Ao observar a foto, o leitor segue também o olhar de um soldado que mira ao longe. O alvo pode não ser identificado, mas a destruição é inerente à foto. Quando o observador vê a foto, ele assume necessariamente a perspectiva da pessoa que, na guerra, observava o inimigo através do periscópio. Cria-se um forte efeito de "presença" daquele momento remoto e também uma certa consciência de que o leitor está se colocando na posição daquele que

[99] "Então os sons se articulam, / primeiro só caos e grito, / línguas estrangeiras, / idas vozes imemoriais. / Uma voz dizia: sofrido, / a segunda dizia: chorado, / a terceira: nenhum pedido / adianta porque Deus recusa."

observa e faz a foto. É como um metacomentário sobre a estrutura de recepção de *Das Echolot*. Este é o primeiro passo na incursão através de *Barbarossa*.

A foto que prepara o "espírito" do leitor é a primeira peça da moldura que será fechada com outra fotografia, logo depois do último relato do dia 31 de dezembro (Fig. 4). A última imagem mostra uma porta fechada de uma casa russa com belos entalhes rústicos típicos da região. Da foto podem-se tirar duas mensagens. A primeira é o contraste da beleza do trabalho feito na região com a consciência de que esta também era uma cultura considerada inferior por Hitler, que desejava vê-la destruída. A segunda decorre do fato de a porta fechada estar localizada justamente no final do livro. Ela anuncia ao leitor que sua viagem, assim como o livro, está encerrada.

As fotografias também servirão como moldura para os dois blocos nos quais o livro é dividido. O primeiro bloco, que vai do dia 21 de junho a 8 de julho de 1941, é introduzido por uma foto de um jovem soviético junto a sua mãe antes de ser convocado para a guerra (Fig. 5). É uma imagem tranquila e familiar de pessoas que não imaginam o sofrimento que está por vir, um retrato da vida como ela era antes do irromper da guerra. O mesmo bloco é encerrado pela imagem de um cemitério, com cruzes de madeira sobre um descampado (Fig. 6). Assim como a última foto do livro, esta também indica uma espécie de encerramento, mas aqui é um ponto final na vida dos soldados alemães, a morte que cobre todo o livro.

O segundo bloco é aberto por uma fotografia de dezembro de 1941 (Fig. 7).[100] Ela representa o período no qual o leitor entra agora, que vai de 7 a 31 de dezembro de 1941. Nela, pode-se ver uma imensidão de neve, alguns poucos galhos secos e quatro soldados com vestes pesadas de inverno e binóculos. Enquanto a foto que abre o primeiro bloco apresenta uma imagem de um momento anterior àquele que é representado no livro, uma representação daquilo que foi perdido durante a guerra, a imagem que abre o segundo bloco prepara o espírito do leitor para o que está por vir, o inverno cruel, a impossibilidade de identificar algo na imensidão branca de gelo. A estação mudou e, com ela, a situação dos homens no *front*.

Há mais uma fotografia com a função de moldura no dia primeiro de julho. Aqui, é assinalada a passagem dos meses. A fotografia é mais neutra, não apresenta os horrores da guerra, mas apenas um soldado soviético com seu cachorro (Fig. 8).

Além de servir como molduras, marcando as passagens que o livro faz, as fotos estão espalhadas por toda a obra, ilustrando seus relatos. Henning Hermann afirma que:

> Diese Bilder sind nicht mit Kommentaren versehen, eine Zuordnung zu bestimmten Personen oder zu den zitierten Texten ist dem Leser also nicht möglich. Während die Texte immer eine

[100] Sua foto de encerramento, uma porta fechada, já foi comentada acima.

> gewisse Form der (emotionalen oder auch rationalen) Reaktion auf sie erlauben, stehen die Fotos als Zeugenschaften eigener Art für Opfer (und vielleicht auch Täter) für sich, verbürgen so etwas wie eine eigene historische Wahrheit jenseits aller objektiven "Überprüfbarkeit".[101] (*apud* ERLL, 2005 (a): 88-89)

Como ele aponta, as fotos não têm uma relação direta com as pessoas presentes no livro, pois não foram tiradas por elas, mas Kempowski tinha a intenção de apresentar fotos que pudessem ser relacionadas com os textos desde o início (cf. KEMPOWSKI, 2005: 163). Simone Neteler (Vide entrevista em anexo) afirma que as fotos não estabelecem relação com os textos que se apresentam paralelamente, já que não se referem ao mesmo caso. Elas remetem a outros relatos, trazem à memória textos lidos anteriormente, são repetições de temáticas já mencionadas. Já as imagens de regiões costumam estar acompanhadas de textos procedentes das mesmas cidades, como a foto de Smolensk no dia 17 de dezembro (Fig. 9), que acompanha um relato redigido na mesma cidade ou uma boa parte da série de fotos de Leningrado que acompanham textos da região, como as de 22, 26, 27 e 28 de dezembro. Em poucos momentos, as fotografias servem como ilustração do que é narrado. Um caso exemplar é o de 20 de dezembro, dia em que há duas fotos na página 543. Na primeira há um militar soviético e na outra uma fileira deles marchando (Fig. 10). Nessas fotos, todos os homens estão com roupas grossas de inverno, brancas para a camuflagem no gelo, e esquis. Ao lado encontra-se uma carta de Andrei Livanov para sua mulher, na qual ele pede que ela não se preocupe, porque ele não está passando frio, pelo contrário, ele está bem equipado contra o inverno, com roupas quentes e esquis, que são uma razão de alegria.

Henning Hermann também afirma que as fotografias dão autenticidade ao texto, introduzindo um outro tipo de testemunho ou, como afirma Kempowski (2005: 130): "Die Fotos sind sehr nötig. Sie vermenschlichen alles."[102] As imagens não servem apenas para ilustrar o que é falado, elas dão um caráter mais humano à narrativa, mostrando pessoas e situações de guerra de uma maneira que excede o relato escrito. Como Susan Sontag (2003: 22) afirma, "algo se torna real [...] ao ser fotografado". Observando as fotos, pode-se ter a sensação de estar sendo transportado para a guerra ou para os vilarejos descritos por boa parte dos soldados conforme eles prosseguem sua marcha.

As fotografias também complementam ideias gerais sobre a guerra e os povos que foram invadidos. Uma grande parte das imagens apresentadas não tem nenhum tipo de

[101] "Essas imagens não estão ligadas aos comentários, não é possível para o leitor determinar uma atribuição a determinadas pessoas ou aos textos citados. Enquanto o texto sempre permite uma certa forma de reação (emocional ou também racional), as fotos são uma espécie de testemunho de gênero próprio das vítimas (e talvez também dos perpetradores) para si, elas dão autenticidade a uma verdade histórica própria além de toda a 'verificação' objetiva."
[102] "As fotos são muito necessárias. Elas humanizam tudo."

legenda, o que faz com que elas interajam de forma mais maleável com o material oferecido pelo texto, permitindo que o leitor se aproxime de diferentes maneiras, de acordo com sua visão de mundo e da guerra.

As informações das legendas de *Barbarossa '41* costumam limitar-se à localidade, data e nome das pessoas presentes, mas a maioria das fotos do livro não é legendada. Há também um grupo de fotos cujas legendas não são neutras e funcionam parcialmente como as breves biografias de imagens dos primeiros volumes. Elas mencionam fatos que não fazem parte da realidade daquela fotografia, como as fotos de Iwan Belonossow (Fig. 5) ou de Alexej Repnikow (Fig. 11), que foram tiradas antes que eles fossem convocados, ou a foto de uma mãe se despedindo da filha na estação de trem de Moscou, cuja legenda informa que a filha morreria mais tarde em um bombardeio (Fig. 12). Essas informações superam o momento da foto fazendo menções ao futuro. Nos dois primeiros casos, saber que estes homens ainda não foram convocados é importante para entender o momento no qual a foto foi tirada, mas também nos faz refletir sobre qual viria a ser a sua imagem conforme a guerra avançasse, o quanto os próximos dias, meses e anos ainda não alterariam suas vidas. Já no caso da mãe e da filha, o impacto da própria imagem aumenta quando sabemos que esta é a última vez que se veriam, mas essa informação não acrescenta nada sobre o momento da foto em si, mesmo que a transforme em uma imagem mais dolorosa.

Por fim, há algumas poucas fotos cujas legendas encontram-se entre aspas. Segundo o índice de fontes no final do livro, os dados das legendas são correspondentes ao que estava escrito nas fotos. Assim, pode-se entender que apenas nesses casos específicos temos uma citação literal do que se encontrava junto às fotos. Primeiramente, há uma sequência de fotos no dia 11 de dezembro que apresenta os prisioneiros russos (Fig. 13). Em suas legendas, lê-se: "Transport und Bewachung russischer Gefangener, das war unsere Hauptaufgabe."[103]; "Russische Gefangene in Minsk."[104] e "Nach den großen Kesselschlachten 1941 kamen die gefangenen Russen zu Hunderttausenden."[105] Essa citação literal faz com que as fotos se aproximem mais do relato de diário, uma vez que a voz de quem as tirou está explícita ao lado delas, inclusive delimitando qual era o seu papel dentro daquele contexto: transportar e vigiar os prisioneiros. Além dessas fotos, há apenas mais uma que tem sua legenda entre aspas, a do dia 30 de dezembro, que apresenta soldados dando uma salva de tiros em homenagem aos mortos (Fig. 14). Sob a imagem, lê-se:

[103] "Transporte e vigia de prisioneiros russos, esta era nossa principal tarefa."
[104] "Prisioneiros russos em Minsk."
[105] "Depois do grande cerco de 1941, os prisioneiros russos chegaram a centenas de milhares."

> Täglich krachten die Salven unseres Ehrensaluts an den Gräbern unserer Kameraden, unüberhörbar für die anderen, die in unmittelbarer Nachbarschaft in einem großen, gemeinsamen Lazarettraum in ihren Betten lagen und selbstverständlich merkten, wenn wieder einer von ihnen hinausgetragen wurde.[106] (2002: 678)

Essa legenda mais longa é semelhante ao material encontrado em todo o livro e não seria estranho se figurasse entre os fragmentos textuais, separada da foto, devido ao impacto de sua declaração. Esse tipo de legenda integra a fotografia à parte escrita da obra.

Das Echolot apresenta, de forma literária, a micro-história da Segunda Guerra, e as fotografias e textos colaboram entre si para que melhor se compreendam os eventos retratados. As fotos têm o efeito de tornar mais reais os dados apresentados nos textos, mesmo quando não há uma vinculação direta entre texto e imagem. No que diz respeito a fotos de um alto teor de violência, Susan Sontag (2003: 76) afirma que "Fotos aflitivas [...] não ajudam em grande coisa, se o propósito é compreender. Narrativas podem nos levar a compreender. Fotos fazem outra coisa: nos perseguem". Entretanto, não são apenas as imagens de violência do livro que nos perseguem. Muitas das fotos de pessoas, sejam imagens posadas ou situações mais cotidianas, também causam um grande impacto, pois, mesmo não tendo a violência representada em si, elas estão em um contexto que impregna tudo com esse significado, como se a vida de todas aquelas pessoas estivesse marcada. Os textos que circundam as fotografias têm a função de oferecer informações não sobre as fotos específicas, mas sobre toda a situação que as envolve e interfere no entendimento que fazemos delas. As imagens, contudo, não nos perseguem mais do que muitos outros relatos do livro, relatos que podem ser tão chocantes quanto e marcar com a mesma intensidade através das imagens que formamos a partir dos textos, como o bebê no colo da mãe com o crânio estilhaçado (cf. KEMPOWSKI, 2002: 355), ou a mãe que alimenta o filho com o próprio sangue.(cf. *ibidem*: 457) Tanto no caso das fotos, como no de muitos textos, o que marca são imagens ou ideias imagéticas.

II.1.4.3. Os "dias"

Os capítulos, ou "dias", são ordenados de maneira aparentemente regular, com uma estrutura reconhecível no decorrer do livro, mas essa estrutura não é completamente fixa e imutável. Suas alterações e oscilações garantem a continuidade do efeito de choque, que poderia perder-se devido à extensão do livro, pois o leitor se acostumaria gradualmente às cesuras entres os fragmentos e aos moldes dos capítulos. Primeiro, vou apresentar os "dias"

[106] "Diariamente, ressoavam as salvas de nossa saudação junto aos túmulos de nossos camaradas, as quais não podiam deixar de ser ouvidas pelos outros que estavam nas camas de um grande hospital militar conjunto na vizinhança próxima e certamente notavam quando novamente um deles era levado para fora."

como uma impressão geral do livro e, apenas depois, as alternâncias em casos específicos e suas possíveis leituras.

Os capítulos são introduzidos pelo dia da semana e data ao qual se referem; do lado esquerdo há o número de dias já transcorridos desde o início da guerra e do lado direito os dias que faltam para o final da guerra. Em seguida, do lado direito da página, há uma citação bíblica tirada dos calendários da comunidade de Herrnhut; as citações deveriam servir como inspiração para o dia. Então, iniciam-se os fragmentos. Eles são introduzidos pelo nome (sigla ou pseudônimo em alguns casos) de seu autor, ano de nascimento e de morte (quando disponíveis) e o local onde o documento foi escrito. Por vezes, o nome do local virá entre parênteses como uma forma de indicar que o fragmento não foi escrito naquele dia exato, mas em uma data próxima. É interessante notar que, mesmo com informações tão breves e pontuais, o leitor pode ter aqui um ponto de vista muito mais abrangente do que o daquele que escreveu o fragmento, pois ele sabe a data de sua morte. Ele sabe se aquele sofrimento ainda perdurará por um longo tempo; se a pessoa sobreviverá, ou se a morte se aproxima, seja pela guerra ou pela fome. Essa informação influencia a recepção dos documentos. Os relatos dos diários de Leningrado escritos por Jura Rjabinkin e Pjotr Samarin tornam-se ainda mais tristes, pois o leitor está o tempo todo ciente de que ambos morrerão no ano seguinte, 1942. Rjabinkin nunca encontrará um caminho para a verdadeira reconciliação com a família depois de tantas brigas pelos pequenos furtos de comida. Ele está condenado a morrer pela fome, e a consciência de que sua morte se aproxima pode dividir o leitor entre a compreensão de que uma fome tão terrível pode levar uma pessoa a agir contra todos os valores familiares e uma sensação de vingança pelos atos que ele comete contra a mãe e a irmã, pois nem mesmo essa mesquinharia vai garantir que ele consiga sobreviver. Por outro lado, o relato de Samarin sobre a “fartura” da ceia de Ano Novo e as promessas de um aumento na ração perdem o ar de esperança que deveriam estar envolvendo o autor do diário e ganham uma certa melancolia em vista de seu falecimento próximo. Outro exemplo é o diário do soldado Helmut N., um alemão que acreditava com veemência nos valores do Nacional Socialismo: ele morrerá em 1945, e a sensação é que ele há de morrer junto com suas crenças. Helmut N. não deve sobreviver ao Nazismo, mas perecer junto com ele. Mas esse sentimento de justiça diante de uma morte próxima não se estende necessariamente a todos os perpetradores alemães. O Tenente Médico Dr. Hermann Türk, por exemplo, sobreviverá à guerra e falecerá apenas em 1976, mas esse fato dificilmente causa uma sensação de injustiça. Türk é uma das vozes mais frequentes da primeira frente de batalha na primeira metade do livro e, embora esteja muito interessado e animado com o avanço da guerra, o médico vira noites operando os compa-

nheiros e demonstra verdadeira paixão pelo que faz, além de uma grande saudade de sua antiga divisão, o que pode fazer nascer uma certa simpatia por ele. Türk, mais do que um dos militares nazistas, é um homem que trabalha incansavelmente e é fortemente marcado pelo companheirismo, o que pode suscitar o desejo de que um homem tão dedicado não encontre seu fim nos campos de batalha.

Os fragmentos são divididos em três blocos principais separados por um asterisco. O primeiro grupo apresenta principalmente relatos de pessoas que se encontram fora da Alemanha, artistas e intelectuais; o segundo grupo é iniciado por pessoas que estão na Alemanha, passando para aqueles que se encontram no *front*, alemães e soviéticos, assim como os civis soviéticos, que muitas vezes virão a encerrar o dia. O terceiro grupo fecha o "dia" com relatos relacionados ao Holocausto, frequentemente há nele relatos de nazistas sobre os assassinatos em massa nos vilarejos da URSS. Esse grupo é tipicamente marcado pelo diário de Adam Czerniaków, presidente do conselho judaico do gueto de Varsóvia, e pelo diário de Auschwitz, escrito pela historiadora Danuta Czech. O "dia" é encerrado com trechos de canções que eram populares na época.

Se em *Fuga Furiosa* o movimento que a ordenação dos textos causa é o das rotas de fuga dos alemães, em *Barbarossa '41*, há o movimento contrário. O grupo central representa o deslocamento de ataque; quando há políticos, eles estão quase sempre localizados no início, em seguida vêm os civis alemães, passando pelos soldados que relatam a invasão dos vilarejos soviéticos, chegando às variadas zonas de conflito e a Leningrado, onde a população morre de fome devido ao bloqueio. Todos esses relatos do grupo central estão um pouco misturados, mas a tendência é clara. Junto a isso, o dia começa com o grupo mais afastado de todos e termina com um dos mais afetados, de modo que a sequência dos relatos garante um crescimento gradativo da violência com o decorrer do "dia".

Em 1941, foram praticados, nas regiões invadidas, os primeiros assassinatos em massa, e as atividades de extermínio começaram. O grupo de representantes do Holocausto começa com os textos sobre os ataques a judeus nos vilarejos soviéticos e costuma ser encerrado pelo gueto judaico de Varsóvia e os dados numéricos de Auschwitz.

Na estrutura dos "dias", outras duas molduras se fazem visíveis. A primeira é a formada pelas citações bíblicas no início e as canções no final. Cada um desses elementos costuma ter um impacto diferente. Enquanto as citações bíblicas são vistas como uma forma mais tranquila de iniciar o "dia" e se encontram em uma certa harmonia com os primeiros relatos, as canções causam um certo choque por figurarem após textos com uma incidência maior de sofrimento e violência. Mas se observarmos estes fragmentos não separadamente,

mas como uma moldura, este choque pode ser atenuado. As canções não devem oferecer uma confrontação com o horror, mas fazem parte de uma moldura que representa a busca pela tranquilidade que era feita pelas pessoas de então.

Em *Barbarossa '41* há uma ruptura brusca com a representação da vida burguesa que vinha sendo feita desde os outros livros. As fotos são mais brutais, e a vida cultural e esportiva, os passatempos de forma geral, são substituídos pelas canções. A mensagem bíblica é o fator religioso ao qual as pessoas atêm-se e as canções são uma tentativa de descontração, mesmo nos piores momentos. Como afirmou Elke Niemann,[107] a maior parte das fotos de soldados presentes no arquivo de biografias não publicadas de Kempowski é de soldados durante o tempo livre, tocando instrumentos, rindo ou comendo. Mesmo nas situações mais extremas, as atividades sociais e passatempos ainda são mantidos.

Trechos de canções também são utilizados no romance *Alles umsonst* (Tudo em vão), o último depois da conclusão de *Das Echolot*, lançado em 2006, no qual Kempowski escreve sobre uma família e outros cidadãos de Königsberg que se mantêm em suas casas e procuram levar uma vida normal, ignorando a chegada iminente dos russos. As canções são cantadas por fugitivos que estão de passagem ou são ouvidas pela mãe da família von Globig, Katharina. Há uma tensão constante no livro: quanto mais o tempo passa, mais constantes se tornam as evidências da chegada dos russos. As canções representam, em parte, um pouco dessa busca pelo esquecimento da situação atual, como transparece no seguinte trecho:

> Schon kamen Ärzte in weißen Kitteln, Heil Hitler. Nichts war vorbereitet, nichts organisiert... Im Kino die Stühle rausreißen? – Nein, da wurde eingelegt, das Kino brauchte man noch, die Leute wollten ja auch mal auf andere Gedanken kommen. Mal was Lustiges sehen und mal aus vollem Herzen? // Liebling, was wird nun aus uns beiden, / werden wir glücklich oder traurig sein? / Werden sich uns're Wege scheiden / oder gehn wir ins Land der Liebe ein?[108] (KEMPOWSKI, 2006: 316-317)

A música não cumpre apenas a função de retratar essa busca por pensamentos mais leves, mas também serve para ilustrar os acontecimentos narrados no livro através de sua letra, como uma espécie de "trilha sonora" para aqueles que ainda se lembram das melodias que um dia foram tão famosas e que tocaram por muito tempo mesmo depois do final da guerra. As músicas de *Das Echolot* exercem uma função muito semelhante. São canções que

[107] Comentário feito durante a comunicação "Kempowski sammelt Fotos" (Kempowski coleciona fotos), no colóquio "Archiv werden" (Tornar-se arquivo) realizado na Humboldt Universität de Berlin no dia 16 de abril de 2010.

[108] "Logo chegaram médicos de jalecos brancos, Heil Hitler. Nada estava preparado, nada organizado... Arrancar as cadeiras do cinema? – Não, protestou-se que ainda se precisava do cinema, as pessoas também queriam ter outros pensamentos de vez em quando. Às vezes ver algo divertido e às vezes rir com todo o coração. // Querido, o que vai ser de nós dois agora, / seremos felizes ou infelizes? / Nossos caminhos irão se separar / ou adentraremos a terra do amor?"

já eram tocadas na época da guerra, e cujas letras frequentemente podem ser compreendidas como alusões a muito do que está sendo lido no livro. São frequentes as letras que falam sobre enlaces amorosos e que nos remetem a todos os casais que estão separados devido à guerra e não sabem se voltarão a se encontrar. Em outros casos, a ligação é mais evidente, como no caso de "Abends in der Taverne" (À noite, na taverna), no final do dia 2 de junho, sobre o marinheiro que passa por tantos portos, mas continua sozinho, porque a sua amada está longe. Outros temas são tratados, como a saudade do lar, no final do primeiro capítulo do segundo bloco, "In der Ferne träum' ich vom Heimatland"[109], ou a música sobre o Havaí, quando, no dia 9 de dezembro de 1941, o tema recorrente são os desenvolvimentos da guerra depois do ataque a Pearl Harbor. Há um choque evidente quando os últimos e mais cruéis relatos encontram as letras de canções feitas para relaxar e divertir, mas as canções não se perdem completamente dos recortes do livro no que diz respeito a seu tempo, e a lembrança de sua sonoridade pode ser um impulso a mais para transportar o leitor para outra época.

Muitas dessas canções pertencem à produção cultural da época nazista. Nesse período a UFA (Universum Film AG.) ainda fazia grandes produções que competiam com as de Hollywood.

A ideia de introduzir canções já data de *Das Echolot '43*, pois, além da letra como epígrafe do capítulo final na versão pré-editorial, já havia uma tentativa de inserir "Lili Marleen" entre os textos, como mais uma representação das atividades de tempo livre da época, mas a música não encontrou consonância nos outros textos e teve que esperar até que houvesse esse outro projeto apenas com letras de músicas para que ela pudesse achar o seu lugar. Fazendo uma comparação com a versão pré-editorial de *Barbarossa '41*, é possível concluir que o autor escolheu apenas músicas que tocavam naquela época e que estes são os textos que mais foram realocados ou trocados por textos novos antes da publicação. Uma das razões para as mudanças pode ser a dúvida sobre se a música de fato já tocava naquela época. Músicas marcadas com algum tipo de interrogação – provavelmente questionando a data – foram excluídas. Outra razão era o receio de que alguma letra viesse a ser mal interpretada, como foi o caso da canção que se encontrava no dia 12 de dezembro na versão pré-editorial do livro:

> Good Bye Jonny! Good Bye Jonny! Schön war's mit uns zwei'n; / aber leider, aber leider kann's nicht immer so sein. / Good Bye Jonny! Good Bye Jonny! Mach's mir nicht so schwer,

[109] "De longe, eu sonho com a terra natal."

> / ich muß weiter, immer weiter, / meinem Glück hinterher. / Bricht uns auch heut das Herz entzwei, / In hundert Jahren ist alles vorbei.[110]

Na época da guerra, essa canção de 1939 poderia ser entendida como uma afirmação de que tudo passa, de que o sofrimento vivenciado durante a guerra também será esquecido. Mas a interpretação da canção pode variar de acordo com o ponto no qual ela é posicionada no livro. Primeiramente, ela havia sido selecionada para figurar logo depois da declaração de guerra da Alemanha contra os EUA, e a despedida de Jonny poderia causar uma certa ironia, parecendo que se tratava de um adeus aos soldados americanos mortos em Pearl Harbor. Na versão final do livro, a música foi deslocada para um dos primeiros "dias", 23 de junho. Aqui ela ainda guarda esse desejo de que se esqueçam os sofrimentos após o final da guerra, mas, nesse primeiro momento, como a guerra ainda está em seu início, ela não parece tão ofensiva como poderia vir a ser quando posicionada mais adiante.

II.1.4.4. Zwischentext

A cadência que a ordenação dos textos dá aos "dias" faz com que a leitura ocorra de forma mais fluida. A informação vinda de fontes diversas é abundante, e é necessário que haja um diálogo entre os textos para que o leitor não se perca, o que exige um grande esforço deste, que deve mudar de ponto de vista constantemente. Assim, pode-se compreender que o *Zwischentext* (Entre-texto) tem, entre outras, a função de servir como uma pausa. Em *Barbarossa '41*, o *Zwischentext* é um texto de catorze páginas, no qual Albin Eisenstein relata a viagem que fez em vagões de gado até os campos de concentração stalinistas. Assim como as outras histórias narradas no livro, esta é mais uma história de horror, mas da qual não há relatos semelhantes em outros pontos do livro. Ela se apresenta como um momento de digressão porque oferece um ponto de vista novo, afastando-se da temática apresentada até então, mas também devido a sua duração. Em vista da variedade de textos cuja extensão não excede uma página, ele é praticamente um momento de descanso para o leitor (cf. Damiano, 2005: 161), que pode manter-se fiel a uma narrativa apenas, sem o movimento constante através de tantas e tão diversas vidas. Entretanto, ao mesmo tempo em que o leitor se afasta um pouco do tema, a nova história traz mais reflexões sobre tudo o que se encontra exposto no livro, e sobre um aspecto que ainda não havia sido abordado.

[110] "Good Bye Jonny! Good Bye Jonny! Foi lindo o que houve entre nós dois; / mas infelizmente, infelizmente as coisas não podem ser sempre assim. / Good Bye Jonny! Good Bye Jonny! Não torne as coisas tão difíceis para mim / eu tenho que continuar, continuar sempre, / ir atrás da minha felicidade / Mesmo que isto parta o nosso coração hoje, / Em cem anos, tudo vai ser passado."

Em *Barbarossa ’41* há apenas um *Zwischentext*, o qual é utilizado para fazer a passagem do grupo de relatos do início da guerra que termina na data de 8 de julho para os relatos que representam o inverno de 41, o qual é iniciado com o ataque de Pearl Harbor em 7 de dezembro. Nesse volume, o *Zwischentext* serve como ponte e intervalo ao mesmo tempo.

Originalmente, *Barbarossa ’41* não teria um *Zwischentext*, já que este foi o nome dado a textos que eram utilizados para fazer a transição de um “dia” para o outro nos primeiros oito volumes. A versão pré-editorial conta com uma seleção de textos que fariam a transição entre os meses, chamada de “Mittelteil” (Parte Intermediária). Essa seleção deveria contar com seis textos, dos quais apenas o primeiro foi preservado, tornando-se o *Zwischentext* do livro. A maior parte dos textos que haviam sido selecionados provém do livro *Schöne Zeiten. Judenmord aus der Sicht der Mörder und Gaffer* (Bons tempos. Assassinato de judeus do ponto de vista de assassinos e voyeurs) e deveria enriquecer *Barbarossa ‘41* com informações sobre a atitude de alemães diante da “Solução Final”. Entre esses textos, também havia um fragmento de um dos livros de Gerald Reitling, historiador britânico que foi um dos pioneiros em lançar livros com a temática do Holocausto, já no ano de 1953. A versão pré-editorial é rica em citações de Reitling, contudo, sua participação no livro foi completamente excluída. Enquanto as citações de *Schöne Zeiten* devem ter sido excluídas por já haver muitas outras “contribuições” dentro do livro, não foi possível encontrar uma justificativa para a exclusão dos textos de Reitling.

Não é mais possível definir qual foi a intenção real do autor, mas pode-se observar qual foi o efeito que essa mudança teve. Quando se pensa na obra como um todo, o impacto dessas exclusões não foi tão grande. Mesmo que judeus não sejam figuras constantes no livro, há uma série de representações desse primeiro momento do genocídio através dos relatos dos próprios soldados alemães. Além disso, o próprio texto de Albin serve para trazer à memória do leitor os muitos relatos de deportações de judeus que ele deve ter em sua memória. Durante toda a leitura do *Zwischentext*, há uma tendência a comparar a descrição dada pelo autor com aquilo que se sabe sobre os judeus e para que haja tal contraste não é seque necessário que um texto semelhante escrito por um judeu seja colocado lado a lado com essa citação. O retrato que Albin oferece de sua longa e extenuante deportação dentro de território soviético também remete à extenção da URSS, que foi um dos fatores definitivos para sua vitória, aliado à grande quantidade de homens, e até mesmo mulheres, que eles tinham a disposição para enviar para a guerra.

O texto que foi escolhido como Z*wischentext* ganhou muito mais destaque ao se tornar o único fragmento que realizaria essa transição. Dentre os fragmentos da primeira seleção, o

de Albin Eisenstein parece mais indicado não só por ser um texto longo, enquanto todos os outros eram breves, mas também por tratar de um tema que não está presente em outros pontos do livro, ao contrário dos outros, que poderiam ser entendidos como uma repetição de uma temática anteriormente citada. Algumas mudanças foram feitas no recorte do texto quando ele foi escolhido para figurar sozinho como *Zwischentext*. Enquanto era apenas uma entre várias outras, a citação de Albin tinha apenas seis páginas; já na versão editorial ela ocupa um total de catorze páginas, sendo todas as páginas extras anteriores ao início previamente planejado. Essas páginas relatam os primeiros dias da viagem nos vagões de gado e dão mais detalhes sobre as dificuldades. Como o texto é estendido, as informações do cabeçalho são alteradas: a localização não é mais a Sibéria, já que o texto não trata mais apenas do final da viagem. Agora ele é identificado como proveniente de Chernivtsi – Isovka. A informação de que se trata de um russo-alemão também é excluída, provavelmente porque isso ficaria subentendido pelo nome do autor. Contudo, se por um lado o texto ganhou oito páginas a mais, por outro, ele perdeu o último parágrafo. Um corte que alterou parte da percepção do texto. Abaixo, os dois últimos parágrafos, o publicado e o excluído.

O último parágrafo da versão editorial é: "Prokopief sagte: 'Die meisten von uns kamen um, aber die wenigen, die überlebten, waren von Gott auserkoren, den Glauben an Gott und seine zehn Gebote weiterzutragen. Dies tun wir und werden auch unsere Nachkommen tun.'"[111] (KEMPOWSKI, 2005: 317)

Por sua vez, o final da versão pré-editorial é:

> Beeindruckt von dieser Gesinnung, die in tiefempfundener Religiosität ihren Ausdruck fand, noch betont durch den Kontrast zur tristen sowjetischen Wirklichkeit, erlebte jeder von uns, wie einem Schiffbrüchigen zumute war, der eine rettende Insel entdeckt. Viel trug Prokopief dazu bei. Er zeigte uns, daß im Herzen vieler russischer Menschen trotz stalinistischer Gewaltherrschaft, einem System der gesellschaftlichen Lüge und Doppelzüngigkeit, Begriffe wie Ehrlichkeit, Anständigkeit und Menschenliebe erhalten geblieben waren. Prokopief war, dem Aussehen und seinem Habitus nach, eine Tolstoi-Figur. Dabei wußte Prokopief doch gar nichts von der Existenz russischer Humanisten wie Leo Tolstoi, von Tschernyschewski und Turgenjew, auch nicht von Nekrassow, der die menschliche Größe des russischen Bauernvolkes so liebevoll geschildert hatte. All das, was große russische Literaten, dem gottgläubigen, an die Scholle gebundenen russischen Literaten, Bauern zudachten, sahen wir in Prokopief verkörpert.[112]

[111] "Prokopief disse: 'A maior parte de nós morreu, mas os poucos que sobreviveram foram eleitos por Deus para espalhar a crença em Deus e em seus dez mandamentos. Isso é o que nós fazemos e o que nossos descendentes farão'."

[112] "Impressionados por essa mentalidade, que encontrava sua expressão em uma religiosidade profunda, ainda mais acentuada através do sombrio contraste com a realidade soviética, cada um de nós experimentou como provavelmente se sente um náufrago que encontra uma ilha salvadora. Prokopief contribuiu muito para isso. Ele nos mostrou que no coração de muitos russos mantiveram-se conceitos como honestidade, retidão e amor ao próximo, apesar da ditadura stalinista, um sistema de mentiras sociais e duplicidade. Prokopief era, segundo a aparência e o comportamento, um personagem de Tolstói. E Prokopief sequer sabia da existência de humanistas russos como Liev Tolstói, de Tchernitchevski e de Turgenyev, também não sabia de Nekrassov, que descreveu a

No recorte feito na versão editorial, há um apelo cristão. A fé em Deus não pode acabar mesmo em uma situação dessas: trata-se de uma palavra de esperança em meio à morte. A descrição oferecida pelo parágrafo seguinte é de uma grande beleza, ela não apenas faz uma conexão entre os lavradores e o humanismo russo, mas também transforma a compreensão de que muitos russos mantiveram seus corações puros em esperança e salvação para aqueles que sobrevivessem aos maus-tratos. Kempowski era um homem de forte religiosidade cristã e o desejo de que, mesmo depois de toda a miséria e todo o sofrimento, se continuasse pregando a palavra do Senhor deveria servir para demonstrar o desejo de que todos se portassem como esse lavrador, mesmo que uma descrição mais detalhada de sua personalidade falte.

II.1.4.5. Sobre a mobilidade das estruturas dentro de cada dia

II.1.4.5.1. Vozes de artistas e intelectuais fora da zona de conflito

Tendo uma noção geral do livro, podemos passar agora a pontos mais específicos. Como já foi mencionado, os "dias" costumam ser iniciados fora da zona de conflito, com as vozes de intelectuais, dos quais muitos se encontravam em exílio. O grupo de intelectuais só não é mais abrangente em sua esfera de profissões e atividades porque o autor teve dificuldades em encontrar uma gama maior de relatos. Havia uma preocupação em solucionar esse problema, tal como expresso no diário em 1981, mas algumas das lacunas que ele menciona permaneceram sem uma solução.

> Je umfangreicher die Sammlung wird, desto deutlicher klaffen die Lücken. [...] Wenn so viele Schriftsteller ins "Echolot" aufgenommen werden, wo bleiben dann die Musiker und Maler? Wirtschaftler habe ich so gut wie gar keine und Mariner auch nicht. Die Wirtschaftsmenschen haben naturgemäß kein Tagebuch geschrieben. Aber ich denke, daß sich diese Lücken noch im nächsten Jahr schließen lassen.[113] (Kempowski, 2005: 171)

A principal profissão do grupo é evidentemente a de escritor, mas há ainda alguns artistas plásticos, um pedagogo e um maestro, e também alguns médicos e políticos. Os políticos diretamente envolvidos nos conflitos costumam figurar no início do grupo seguinte,

---

grandiosidade humana da população camponesa russa tão amorosamente. Tudo aquilo que os grandes literatos russos planejaram para os lavradores russos crentes em Deus e ligados à terra, nós víamos incorporado em Prokopief."

[113] "Quanto mais abrangente a coleta se torna, mais evidentemente se abrem as lacunas. [...] Se tantos escritores são acolhidos em 'Echolot', onde estão os músicos e pintores? Não tenho absolutamente nenhum economista, e marinheiros também não. Naturalmente, os economistas não escreveram diários. Mas eu acho que estas lacunas ainda irão se fechar nos próximos anos."

para simular o movimento de ataque, enquanto os políticos britânicos comparecem no primeiro grupo. John Colville, que trabalhava no escritório pessoal do Primeiro Ministro britânico desde 1939, é o único que irá figurar nos dois grupos. Sua primeira aparição se faz em 22 de junho, o primeiro dia da guerra contra a URSS e o "dia" mais extenso do livro. Há uma grande quantidade de relatos de políticos neste "dia", e Colville figura logo depois de um fragmento do General Gueorgui Jukov. Os políticos russos têm sua voz expressa apenas nesses primeiros dias, permanecendo, após isso, apenas as vozes dos políticos alemães. É como se Colville ainda encontrasse uma certa mobilidade neste primeiro momento, mas depois devesse ficar entre os testemunhos do primeiro grupo, junto aos outros britânicos. É importante notar que os textos de Colville, ao contrário dos de Harold Nicolson e Duff Cooper, têm um forte cunho político.

Esse grupo deveria ser marcado pelo distanciamento em relação ao conflito e acabou por ser composto pelas vozes "de fora" de artistas e intelectuais que se mostraram relevantes, mas uma série de relatos escritos na própria Alemanha também foi inserida no recorte. Seus autores são: Emil Barth, F.P. Reck-Malleczewen, Ewald Mataré, Hans Carossa, Wilhelm Furtwängler, Karl Hofer e Josef Weinheber. A grande maioria escreve sobre a guerra sempre de forma distanciada, tece comentários sobre sua vida cotidiana ou suas obras e dirige sempre fortes críticas ao Nazismo, o que é uma razão para que seja afastada de um grupo que encena o ataque. O distanciamento não se dá pela região, pelo contrário, ele é um distanciamento político. Mas a maior ruptura com essa característica ocorre com os relatos de Gottfried Benn, que, ao lado de John Colville, é o único que encontra uma certa mobilidade, figurando fora e dentro do grupo. Quando surge pela primeira vez, no dia 4 de julho, Benn está em um hospital militar a serviço, confessando que não aguenta mais a vida militar. Por estar em serviço militar, sua citação deveria figurar no grupo seguinte, em um ponto mais adiantado, entre os homens que estão envolvidos com a batalha, mesmo que sua carta a F.W. Oelze não entre em detalhes sobre os acontecimentos locais. Há quatro citações de Benn em *Barbarossa '41*, mas apenas a primeira foi escrita em um hospital militar. Apesar de a carta seguinte, de 14 de dezembro, já haver sido escrita em sua moradia em Berlim, ela foi deslocada para o segundo grupo, logo após o fragmento de uma civil alemã, Marianne Sperl. Esse é o único momento no qual Benn não figura entre os intelectuais, e é de se questionar a razão para tal, já que o fato de ele escrever de um hospital militar não foi suficiente para realocar o fragmento. A razão para o deslocamento de um grupo para outro não há de ser o conteúdo da carta, que não se distingue das outras, mas sua extensão. A carta de Benn tem aproximadamente duas páginas e não poderia estar no primeiro grupo, já que este deve se manter como uma introdução

breve para o dia. Esse fato aponta para o cuidado com a estética do livro, que, em determinados momentos, pode ser mais relevante para a disposição dos textos do que o próprio conteúdo.

O conteúdo dos textos e a região de onde procedem costumam ser mais relevantes do que a profissão ou a atividade daqueles que os escreveram. Isso fica claro quando observamos os fragmentos russos. Entre seus autores encontram-se escritores, jornalistas e fotógrafos, mas, mesmo que seus olhares sobre a guerra sejam de um cunho diferenciado, seus relatos são os de alguém que está sendo diretamente afetado pela guerra.

Em 7 de dezembro, há uma evidente realocação das peças da montagem. O "dia" começa de forma abrupta, já com os civis alemães, queimando as etapas às quais o leitor está habituado, contudo, o grupo de intelectuais não está ausente, apenas deslocado. Os fragmentos de Werner Vordtriede (Evaston - EUA), Thomas Mann (Pacific Palisades) e Harold Nicolson (Londres) encontram-se localizados no final do dia, antes apenas dos costumeiros relatos do Holocausto por Adam Czerniaków e Danuta Czech. A razão para o deslocamento são os acontecimentos do dia em questão. 7 de dezembro é a data do ataque a Pearl Harbor, mas alemães e soviéticos apenas viriam a ter notícias da entrada do Japão na guerra no dia seguinte, de forma que, se os textos vindos dos Estados Unidos e Inglaterra estivessem localizados no início, haveria uma quebra na continuidade narrativa, pois eles anunciariam e comentariam um fato que não teria nenhuma repercussão no decorrer do dia. No final do "dia", eles atuam como um prenúncio do material que vem em seguida.

II.1.4.5.2. Os asteriscos

Os asteriscos são utilizados para dividir os diferentes grupos de vozes do livro. Como visto acima, eles costumam separar os intelectuais e artistas do grupo central – o qual apresenta vozes de políticos alemães (ocasionalmente), civis alemães, homens no *front* e civis russos – das vozes do Holocausto. Mas nem todos os "dias" têm a mesma divisão.

O primeiro "dia", 21 de junho, véspera da invasão da União Soviética, é curto e apresenta o molde que deverá ser seguido no livro. Nele não há grandes exceções, mesmo porque estas não poderiam ser identificadas como tais pelo leitor. A organização "modelo" do primeiro capítulo dá pistas da maneira como a montagem deve ser lida.

O "dia" seguinte é 22 de junho, o dia no qual a guerra foi declarada. Este é também o capítulo mais longo de todo o livro. Ele é rico em relatos de todos os grupos. Mesmo os soviéticos – que só virão a ser presença constante na segunda metade do livro – se apresentam em grande número neste momento. Aqui há uma representação abrangente de como a guerra

foi recebida por todos, e também há uma quantidade grande de relatos civis, especialmente russos, sobre a maneira como a notícia foi recebida.

A seguir, 23 de junho tem uma divisão que destoa de todas as outras, apresentando mais subdivisões do que o comum. Este "dia" introduz dois grupos a mais, ambos divididos por um asterisco. O primeiro localiza-se logo após o dos intelectuais e artistas e nele estão contidas as vozes de políticos nazistas, enquanto o outro é o penúltimo – precedendo os relatos do Holocausto – e apresenta as vozes dos soviéticos. As citações nazistas são de Goebbels, que não consegue dormir devido às tarefas relativas ao início da guerra, do Gabinete de Imprensa do NSDAP, do Serviço de Segurança da SS e do diário de Himmler. Os três primeiros fragmentos referem-se especialmente aos preparativos da invasão, comentando também as reações de outros países ou a captura dos primeiros prisioneiros, mas o diário de Himmler traz apenas a seguinte informação: "15.45 – 17.15 Tennis" (KEMPOWSKI, 2002: 52). Este é o único fragmento da agenda de Himmler que consta de *Barbarossa '41* (ao contrário de *Das Echolot '43*, onde ele é amplamente citado), e seu recorte[114] e posicionamento na montagem parecem fazer uma crítica à leviandade dos nazistas diante da vida dos povos de outras nações. O grupo central é heterogêneo e traz um soviético, civis, um político e um militar. É como se esse "dia" apresentasse uma moldura a mais em volta do grupo dos conflitos da guerra. Essa moldura não apenas separa as duas nações que logo estariam inevitavelmente unidas em seu sofrimento, mas apresenta os políticos alemães em sua avidez pela guerra, procurando apontar também para sua leviandade, e como os soviéticos recebem o impacto.

[114] Na versão pré-editorial, as informações da agenda de Himmler estão em forma integral e contam, também, com compromissos relacionados ao andamento da guerra:

"10.45	Gr. F. Heydrich u. Wolff	Einsatz Ost Rosenberg
		Auswärtiges Amt
11.30	SS-Obergruppenführer Jeckeln	Persönl. Angelegenh.
12.30	SS-Gruppenführer Berger	Vortrag
13.30 – 14	Herr Kersten	√
14.15	Mittagessen	√
15.45-17.15	Tennis"	
(10.45	Gr. F. Heydrich e Wolff	Missão Rosenberg Leste
		Ministério das Relações Exteriores
11.30	*SS-Obergruppenführer* Jeckeln	Assuntos pessoais
12.30	*SS-Gruppenführer* Berger	Palestra
13.30 – 14	Sr. Kersten	√
14.15	Almoço	√
15.45-17.15	Tênis)	

Na versão editorial, além de estarem excluídas as informações ligadas à guerra, não ocorre a dúvida que se tem ao visualizar as informações completas: não há como saber com certeza se ele realmente jogou tênis nesse dia ou não.

A moldura também serviria para definir os perpetradores e o alvo. Aqui, eles estão separados em etapas; primeiro os políticos que desencadeiam a guerra, depois os civis alemães e os soldados que executam e dão suporte à guerra e, por fim, como ela é recebida pelas vítimas soviéticas.

O recorte de políticos nazistas volta a figurar como grupo apenas em mais um "dia" especial, o último do primeiro bloco: dia 8 de julho. Aqui eles não estão no início após as vozes dos intelectuais e artistas, mas no final, antecedendo apenas a canção. É uma quebra evidente e tem uma função em vista dos dias que não constam no livro. As anotações de Goebbels e do General Franz Halder tratam das decisões que estavam sendo tomadas naquele momento e permitem um vislumbre do que estaria por acontecer nos próximos dias.

O grupo de intelectuais sempre virá separado do restante pelo asterisco, mas este é o único caso, como será observado a seguir.

II.1.4.5.3. Vozes do Holocausto

Cabe a este grupo representar, na estrutura do livro, os horrores do Holocausto, mas ele não pode ser confundido com um grupo de vozes judaicas, pois há outros judeus que figuram no livro, sendo Victor Klemperer o mais presente, embora ele não se encontre em momento nenhum no final do "dia". Por mais que tenha sido obrigado a morar em uma *Judenhaus* ("casa judia", conforme a terminologia nazista) em Dresden, ele não chegou a ser deportado, devido a seu casamento com a "ariana" Eva Schlemmer, razão pela qual ele costuma figurar entre os civis alemães, independentemente do teor de seus relatos, que descrevem a problemática vida que judeus levavam dentro da Alemanha.

Do coro de vozes que representam o extermínio judaico fazem parte judeus de campos de concentração ou dos guetos poloneses, pessoas que morreram devido à "Solução Final", relatos de nazistas sobre maus-tratos e repetidas cenas de assassinato em massa nas vilas soviéticas que vinham sendo invadidas por alemães.

Esse grupo não é tão "rígido" como o primeiro. Nele há uma grande variação de vozes e a extensão dos relatos não é limitada, eles podem ser curtos ou se estender por páginas. Esses textos nem sempre vêm separados do restante por um asterisco.

Dois documentos-chave estão quase sempre presentes: o diário de Czerniaków, do gueto de Varsóvia, e os diários de Auschwitz da historiadora Czech. O líder do conselho judaico do gueto de Varsóvia oferece em seu diário variadas informações sobre o desenvolvimento das decisões tomadas no gueto; é um homem que viria a cometer suicídio no ano seguinte devido ao tipo de afazeres que lhe eram conferidos. Czech viu a necessidade de

registrar os acontecimentos de Auschwitz e fez uma larga pesquisa, formando um diário com os dados coletados. Suas anotações mostram Auschwitz a cada dia e oferecem uma visão de como as coisas foram se desenvolvendo no campo de concentração. Czech e Czerniaków são algumas vezes os únicos relatos do "dia", e figuram praticamente em todos os capítulos: na ausência de um, o outro sempre está presente.

Kempowski temia críticas a *Das Echolot* quanto à questão dos judeus, caso ela não fosse suficientemente objetiva:

> Im "Spiegel" lese ich von Judenerschießungen durch deutsche Ordnungspolizisten. Plötzlich kommt mir die Angst, im "Echolot" nicht objektiv gewesen zu sein. Es fehlen bis auf zwei Ausnahmen Bilder von Juden. In den Texten allerdings werde ich der Sachlage gerecht, ein Teil jedes Tages, in der Regel der Schluß, ist nur den Morden vorbehalten. Es ist ja eben gerade die Absicht, durch die vielen "normalen" Aussagen von Normalen das Schreckliche desto deutlicher hervortreten zu lassen. [...] Die Auschwitz-Statistik am Schluß eines jeden Tages behält das jeweils letzte Wort.[115] (KEMPOWSKI, 2005: 333)

Ao optar por deixar o diário de Auschwitz no final de cada dia, ele encontra uma boa saída para ser mais objetivo em relação aos fatos. Os relatos apresentados causam impacto devido a um certo laconismo que apresentam, mas as estatísticas estarão sempre lá para se contrapor a eles. Entretanto, em alguns pontos, como será visto adiante, Czech não encerrará o "dia".

O primeiro "dia" do livro, que aparenta ser um caso exemplar, tem apenas os relatos de Czerniaków e Czech. No segundo, há uma expansão com o acréscimo das vozes de mais três judeus. Estes oferecem uma imagem geral de sua situação no início do ataque à URSS, quando os judeus já eram tratados como selvagens na Polônia e muitos já fugiam de suas cidades, o que é representado pela fuga de judeus de Odessa.

Com o decorrer do livro, o último grupo se transforma diversas vezes. Podem-se apontar as seguintes estruturas:

- Apenas Czerniaków e Czech (ou um dos dois) representam todas as vozes do Holocausto. É um caso frequente no livro, ocorrendo em 21/06, 26/06, 28/06, 29/06, 01/07, 02/07, 07/12, 08/12, 12/12, 13/12, 14/12, 17/12, 19/12, 20/12, 21/12, 22/12, 25/12, 26/12, 27/12 e 28/12.

[115] "Na 'Spiegel', eu estou lendo sobre fuzilamentos de judeus por alemães da *Ordnungspolizei* [força policial do período nazista]. De repente me vem o medo de não ter sido objetivo no 'Echolot'. Fora duas exceções, me faltam fotos de judeus. Nos textos, entretanto, serei justo com base nos fatos, uma parte de todos os dias, por regra no final, será reservada aos assassinatos. É justamente a intenção deixar que a normalidade do horror seja evidenciada mais claramente através dos inúmeros depoimentos 'normais' sobre o horror feitos por pessoas normais. [...] A estatística de Auschwitz no final de cada um dos dias tem sempre a última palavra."

- Czerniaków e Czech funcionam como uma espécie de moldura para os relatos judaicos do "dia". Esta estrutura se apresenta apenas nos "dias" 24/06, 30/06, 16/12 e 24/12. Nestes casos, assim como no caso em que ambos aparecem no final, Czerniaków é sempre a primeira voz. Como líder no gueto, ele não sofreu da mesma forma que os outros. É como se tivesse duas funções: a de anunciar o grupo e a de encerrar o "dia". Ele introduz os relatos de uma forma mais branda, garantindo o movimento crescente no que diz respeito à violência.

- Em alguns casos, esses relatos não encerram o "dia". Em 7 de julho, o diário de Czerniaków se encontra entre dois textos de nazistas, o último dos quais é um relato do Comandante da Sipo (Polícia de Segurança) e do SD (Serviço de Segurança), que oferece o número de judeus executados em Marjiampole, um tipo de informação semelhante à apresentada pelos diários de Danuta Czech. A mesma estrutura se repete em 8 de julho. Em 7 de julho, não há o relato de Danuta Czech, e a ordem pode ser encarada como uma espécie de substituição. Em 8 de julho, apesar da presença dos relatos de Czech, a alteração da ordem vigente permanece. Este, que é o último "dia" do primeiro bloco, é encerrado por políticos nazistas. Aqui essa alteração na ordem poderia ser entendida como uma maneira de afastar a historiadora Danuta Czech desses documentos, por meio de uma introdução feita com a narrativa do Comandante.

- Os relatos de Czerniaków e de Czech encontram-se logo no começo da divisão do Holocausto de 15 de dezembro. A razão para tal pode estar na dinâmica dos textos que se seguem. O fragmento seguinte é uma descrição longa e detalhada do Oficial de Polícia Paul Salitter sobre os procedimentos do transporte de judeus. O texto tem informações chocantes e se estende por quase sete páginas. Apenas o cunho de suas informações seria o suficiente para justificar este deslocamento, pois as notas de Czech poderiam perder o impacto após tal texto. Contudo, o texto de Salitter não encerra o "dia". Logo em seguida está o relato do prisioneiro Maurice Legros sobre mulheres e crianças que ele vê chegar ao campo de Cottbus. Esta é uma prisão temporária, não um campo de concentração, como Riga, de onde escreve Salitter. A narrativa de Legros tem um efeito duplo: ao mesmo tempo em que causa um certo alívio, pois seu conteúdo e a própria prisão na qual ele escreve são mais brandos, tais elementos podem igualmente fazer com que o leitor rememore o texto anterior, imaginando quais teriam sido as condições enfrentadas pelos recém-chegados durante a viagem.

É frequente que o grupo do Holocausto seja aberto por um perpetrador. Muitos desses textos foram escritos durante a estada nos vilarejos soviéticos e falam sobre os assassinatos em massa, ou sobre algum judeu da vila. Alguns poucos mencionam apenas o número de mortos ou procedimentos a serem tomados. Poucas vezes, a relação entre os textos do grupo

não está claramente definida, o que causa um certo choque, já que o leitor já criou uma certa expectativa. Exemplos são: o panfleto que encerra 25 de junho, onde há um texto a favor do "rote Wehrmacht" (exército vermelho), mas não há menção a judeus, e o comentário do Oficial de Finanças Feodossj Awdejewsky sobre a destruição alemã em Lviv. Nesses dois casos, é como se o destino dos judeus estivesse misturado com o de outros que foram afetados pela guerra. O leitor é chamado a se questionar até que ponto um texto que estivesse a favor da oposição também poderia estar a favor dos judeus, e sobre como a destruição de uma cidade polonesa poderia representar a destruição do povo judeu da mesma área.

Em uma série de momentos, o grupo referente ao Holocausto não vem separado por asterisco. No primeiro bloco, esses "dias" formam como que um recorte que é amparado por uma moldura. Há um caso introdutório, em 02/07, depois um "dia" com asterisco, então um grupo de três, 04/07, 05/07 e 06/07, mais uma pausa, e o caso final, em 08/07. Nos momentos em que o asterisco não aparece no texto, é como se o sofrimento dos soviéticos que tiveram seus vilarejos invadidos por alemães se misturasse ao dos judeus, e, portanto, uma divisão das vozes não seria possível. No segundo bloco, isto só ocorre em mais dois momentos, nos "dias" 11 e 19 de dezembro. Aqui é a fome em Leningrado que se mistura ao sofrimento de judeus. Essa falta de demarcação pode chamar a atenção para o fato de serem todos vítimas da mesma brutalidade da guerra provocada por alemães. No primeiro caso, soviéticos fogem de seus lares e testemunham a destruição e os saques durante as invasões que precedem os primeiros assassinatos em massa; os judeus das mesmas vilas serão completamente aniquilados. No segundo caso, é possível fazer um paralelo entre o cerco de Leningrado e o tratamento conferido aos prisioneiros do campo de concentração, uma vez que em ambos os casos a intenção era dizimar pela fome. Esses paralelismos fazem dos judeus vítimas como os outros.

II.1.4.5.4. Grupo central

O grupo central é o mais extenso e mais flexível de todos. Quando não há documentos de políticos nazistas de alto escalão, o grupo costuma ser aberto pelos civis alemães, mas estes podem ser inseridos também em outras partes do grupo. Alguns, como os irmãos Scholl, que representam a resistência, estão sempre no início. Os civis que costumam ter seus textos deslocados dentro do grupo são as mulheres Hilde Wieschenberg e Grete Dölker-Rehder. Hilde Wieschenberg escreve cartas de conteúdo suave, mas dirigidas a seu marido que está na frente de batalha – cujas cartas também fazem parte da obra. Mesmo que sejam cartas de amor, elas demonstram a preocupação com o marido, e fazem parte da realidade do *front*, uma

vez que seu destinatário encontra-se nele. Assim, embora o conteúdo das cartas de Hilde Wieschenberg tenha pouca similaridade com o conteúdo dos documentos do *front*, suas palavras, em alguns momentos, têm a função de apresentar essa realidade de forma mais abrangente. Além dos horrores da guerra, o cotidiano desses soldados envolvia a correspondência com familiares. Dölker-Rehder, por sua vez, tem dois filhos em campanha, um dos quais está desaparecido desde o naufrágio do Bismarck. Além da preocupação com o filho, ela tece longos comentários sobre as notícias que recebe do desenvolvimento da guerra e é uma forte defensora do Nacional Socialismo. Seus textos se adequam bem tanto aos relatos civis, quanto aos do *front*, devido aos comentários sobre os filhos ou a fragmentos de forte cunho nazista.

O grupo central apresenta muitas vezes uma ordenação das vozes que parece sinalizar o andamento do texto. Em certos casos, a transição de um grupo de vozes para outro é feita através da utilização de relatos-chave. Os textos de Helmuth James von Moltke, de Franz Halder, do Serviço de Segurança da SS, e as notícias diárias do Gabinete de Imprensa do NSDAP são frequentemente utilizados para fazer a transição dos civis alemães para os homens na frente de batalha, e de alemães na campanha para soviéticos.

Moltke é um jurista que logo depois do início da guerra foi nomeado como *expert* em Direito da Guerra, mas também é um líder do grupo de resistência Círculo de Kreisau; foi preso e executado pela SS em janeiro de 1945. Ele tem uma série de características que o tornam adequado para mediar a transição de vozes. Embora Moltke ainda viesse a cair como vítima da guerra por ser membro de um grupo de oposição ao Nazismo, ele trabalha em uma repartição nazista e tem informação privilegiada sobre os acontecimentos sem se encontrar no campo de batalha. As informações que ele tem da guerra podem ajudar a esclarecer aquilo que logo será comentado pelos homens do *front*. Dessa forma, ele se encaixa nos textos de três formas diferentes. Quando faz a transição dos civis alemães para o campo de batalha, ele é um homem que ainda está em Berlim, como os civis, mas apresenta dados que podem ser relevantes para a compreensão da guerra. Quando faz a transição entre alemães e russos, ele pode dar informações sobre o desenrolar da guerra do ponto de vista alemão e sobre como os soviéticos estavam sendo afetados. Seus textos também podem ser encontrados entre os de alemães na frente de batalha, como que dialogando com eles.

Franz Halder é um caso que se assemelha ao de Moltke. Chefe do Estado-Maior do Exército em 1941, ele viria a ser preso e mandado para um campo de concentração junto com sua família, como consequência das medidas de segurança tomadas após o atentado contra Hitler em julho de 1944. Halder é apresentado muitas vezes ao lado de Moltke e, além de

servir para fazer a transição entre os grupos de vozes, ele é extremamente móvel dentro das vozes do *front* devido ao tipo de informação que oferece. Halder pode figurar abrindo o grupo de homens em batalha, inserido nele ou até mesmo encerrando-o com um grande peso quando apresenta o número de mortos e feridos.

A informação apresentada pelo então Chefe do Estado-Maior do Exército é do mesmo tipo das oferecidas pelo Serviço de Segurança da SS; dessa forma, é, como estas, utilizada para transições e tem o mesmo tipo de mobilidade dentro do grupo de vozes do campo de batalha.

Por fim, as notícias diárias do Gabinete de Imprensa do NSDAP são muito utilizadas na passagem dos civis alemães para os alemães no *front*, ou entre os relatos provenientes do *front*. Elas podem fazer a ponte entre os diferentes grupos de vozes por serem a única informação concreta que os civis tinham do que estava acontecendo, assim como podem dialogar com as vozes do *front*.

Muito embora uma montagem composta apenas por citações deixe, inevitavelmente, todos os pontos de soldadura expostos, o uso marcado de vozes na transição de um grupo para o outro não deixa de ser uma espécie de cosedura do texto. Esses pontos de transição facilitados por vozes que aparentam fazer parte dos dois grupos são como pontes para uma leitura menos quebrada e um pouco mais contínua.

Civis soviéticos costumam formar um conjunto de vozes no final do grupo central, mas, assim como ocorre com alemães, alguns deles figuram entre os relatos do *front*. Os fragmentos que aparecem junto aos relatos dos campos de batalha retratam cenas relacionadas ao avanço das tropas alemãs, como, por exemplo, aquele em que uma mulher russa se vê obrigada a fugir para a Finlândia no início da guerra, ou aquele em que outra se despede de seu marido que parte para a batalha, além de muitos outros textos que relatam a chegada de alemães a diferentes vilas soviéticas.

Em 3 de julho e 27 de dezembro, o grupo central não é encerrado pelos civis soviéticos, mas por soldados que se encontram nas proximidades de Leningrado. Em ambos os casos, há poucos textos de civis e eles têm pouco impacto.

A estrutura dentro da qual Leningrado deve encerrar o "dia" sofre variações, havendo mais alguns capítulos nos quais alemães no campo de batalhas encerram o grupo central, como ocorria no início do livro. É importante notar que esse grupo apenas se encerra com os civis soviéticos quando há o asterisco que separa os relatos do Holocausto do núcleo, pois este não é um sofrimento partilhado.

II.1.4.5.5. "Dias" marginais

Por fim, gostaria de apontar para o fato de os "dias" marginais (aqueles que iniciam ou fecham os blocos do livro) terem uma tendência a apresentar relevantes rupturas que não se apresentam em nenhum outro momento.

Enquanto o primeiro "dia" do livro parece ser exemplar, como se tivesse a função de servir de guia para o leitor, todos os outros apresentam alterações quando se aproximam dos limites do grande bloco de "dias". O último do primeiro bloco, 8 de julho, termina de forma excepcional; este é o único caso no qual as vozes do Holocausto antecedem outras, isto é, os textos do alto escalão de políticos nazistas. Já 7 de dezembro começa de forma inesperada, pois as vozes dos artistas e intelectuais foram deslocadas para o final do "dia". Por fim, o segundo bloco é encerrado em 31 de dezembro, que é o único capítulo que não apresenta as vozes do Holocausto, ou a canção popular em seu final. 31 de dezembro é encerrado pelo relato de Soja Reschentkina, habitante de Leningrado, que discorre sobre a fome e sobre as mortes em sua família: primeiro seu pai, seguido de seu irmão na semana seguinte e, dias depois, sua mãe. O livro não termina com palavras de esperança, mas com a certeza de que toda aquela dor ainda persistiria. Ao subtrair os relatos do Holocausto e a canção, Kempowski garante que o livro termine com um impacto maior e mais individual do que seria possível com as estatísticas anônimas.

Todas estas alterações têm justificativas quando o livro é entendido como uma grande narrativa e, do mesmo modo, o fato de elas encontrarem-se nesses dias específicos não deve ser entendido como coincidência, mas como uma evidente preocupação com a estética e um aproveitamento das diferentes possibilidades que a técnica da montagem oferece para tornar a obra mais dinâmica e menos previsível apesar da repetição de ideias nos relatos de pessoas que passaram por traumas e vivências semelhantes.

II.1.5. Das Echolot. Abgesang '45

O título *Abgesang* tem várias traduções possíveis. A primeira vem da lírica alemã do século XII. A poesia de *Minnesang* (lírica cavalheiresca da Idade Média) costumava ser composta em três estrofes, as duas primeiras denominadas individualmente de *Stollen* e coletivamente de *Aufgesang*, enquanto a última estrofe era o *Abgesang*, que poderia ser traduzido literalmente como um canto que conduz ao fim. Outras traduções possíveis são desfecho ou despedida, e a expressão também pode ser utilizada para designar a última obra de um escritor ou compositor. Ao escolher esse título, Kempowski mantém a referência musical e alude ao encerramento de *Das Echolot*, assim como ao da guerra e do "*Reich* de mil

anos". Todas as acepções da palavra são cabíveis nessa interpretação. O livro não marca apenas a etapa final de um longo projeto, mas também o final do Nazismo e os desfechos da guerra, e as vozes não perdem sua função lírico-musical. Aqui, o autor e "regente" também se despede das vozes que o acompanharam por tantos anos.

Abgesang '45 dedica-se aos últimos dias da guerra e tem um enfoque marcado sobre os políticos. Ele é o mais curto de todos os volumes, com 496 páginas – os outros variam entre setecentas e oitocentas páginas, aproximadamente. E, apesar de também ser um diário coletivo, sua montagem apresenta uma estruturação consideravelmente diferenciada.

No prefácio, Kempowski volta a citar as mesmas obras que cita em *Barbarossa '41*, e afirma que, ao pensar no final da guerra, são outras imagens que lhe vêm à memória: Varsóvia destruída, as montanhas de corpos do campo de concentração Bergen-Belsen, os muros de prisões destruídos e Hiroshima. Imagens que remetem aos horrores cometidos durante a guerra, e em nome dela.

Em seguida, o livro é aberto pelo poema *Frühlingsglaube* (Crença de primavera), de Ludwig Uhland, com uma tônica positiva – a qual só se fizera presente, até então, com *Um Mitternacht*, de Mörike, que também serve para anunciar o final da guerra – e inaugura tempos melhores. Essas expectativas são confirmadas no final do livro, antes do epílogo, pelo poema *Der Frühling* (A primavera), de Friedrich Hölderlin, que indica a chegada do novo tempo.

A sequência de dias não é mais contínua, há apenas alguns "dias" exemplares: 20 de abril, aniversário de Hitler, 25 de abril, 30 de abril e 8 e 9 de maio condensados em um mesmo dia, sendo o dia 8 de maio a data da capitulação em Berlim. Uma vez que a sequência de dias é truncada, não há *Zwischentexte*. As epígrafes são sempre duas: as citações bíblicas de Herrnhut e as lições de alemão de um livro para soldados americanos, sempre em uma sequência composta de uma oração simples em alemão, sua pronúncia e a respectiva tradução. As lições marcam a chegada dos americanos bem como sua atitude frente aos alemães: entre as citações só há palavras de ordem.

Em *Abgesang '45*, os asteriscos foram substituídos por estrelas, que demarcam divisões cada vez mais densas, de grupos de uma a seis vozes. Aqui a divisão não é mais feita por regiões ou similaridades nos tipos de pessoas apresentadas, mas simplesmente pela temática dos textos. Tudo é, de alguma forma, mais reduzido nesse volume: a quantidade de dias, de fotos ou o tamanho dos grupos. Ele é o "breve" ponto final em uma longa obra.

Todas as imagens apresentam os principais políticos nazistas e indicam o final que eles teriam após a guerra. As fotografias encarregam-se de narrar o que aconteceria com eles

depois da capitulação. Algumas das fotos são: Hermann Göring tirando as condecorações e entregando-as para os americanos, Alfred Rosenberg após a execução, Albert Speer no jardim da prisão para condenados de guerra, e, fechando o livro, uma radiografia do crânio de Hitler como representação de sua morte, da qual não há outros registros visuais.

II.1.6. Desenvolvimento de Das Echolot *e considerações sobre o possível diálogo com a obra do autor*

II.1.6.1. As quatro fases de Das Echolot

Como afirmado por Neteler (Vide entrevista em anexo), o trabalho intenso nos primeiros quatro volumes foi o que deu base para os livros subsequentes, em sua forma e método. Nele se acertou um ritmo de trabalho, divisões de funções entre as pessoas envolvidas, métodos de busca e arquivamento dos textos e fotos e procedimento de escolha das temáticas principais, além da parte estrutural que pode ser reconhecida em todos os volumes: os poemas introdutórios, os cabeçalhos dos "dias" dos textos citados, a contagem de dias transcorridos desde o início da guerra e os dias que faltam até o final, a utilização de epígrafes para introduzir cada "dia" novo e o registro dos autores com breves biografias no final de cada parte da obra. Todavia, cada publicação tem características específicas e há uma certa evolução ao longo da série, como indicado abaixo:

a. Divisão por localização: Enquanto *Das Echolot '43* traz seus textos soltos, sem uma divisão temática muito clara, *Fuga Furiosa* e *Barbarossa '41* são ordenados segundo o princípio da localização, representando a fuga e o ataque, respectivamente. Essa mesma representação aprimora-se de uma publicação para a outra; em *Fuga Furiosa*, os intelectuais e exilados ainda não conseguem encontrar seu espaço e aparecem soltos no texto, já em *Barbarossa '41*, eles estão localizados antes dos alemães e fora do ataque, como que em uma zona neutra.
b. Divisão por asteriscos: Essa técnica nasce, na verdade, em 1990, com a publicação do diário *Sirius*. Nesse primeiro momento, os asteriscos são utilizados para marcar uma mudança de assunto dentro de um "dia" que apresente muitas anotações. A técnica não foi transferida para *Das Echolot '43*, mas foi adotada nas partes seguintes. Em *Fuga Furiosa*, são os asteriscos que garantem a unidade dos fluxos de fuga e os separam dos outros temas em "dias" com até cem páginas. Essa função é mantida (com exceção de

algumas experimentações) em *Barbarossa ’41*. Aqui, os asteriscos separam os intelectuais e judeus do fluxo de ataque, mas, como os primeiros assassinatos em massa ocorreram nos vilarejos soviéticos invadidos durante esse período e uma divisão clara entre o genocídio e o fluxo de ataque não seria possível, essa marca divisória desaparece em vários “dias”. Por fim, *Abgesang ’45* retoma os asteriscos com a finalidade que tinham em *Sirius*, ou seja, eles voltam a dividir os fragmentos por temas.

c. *Zwischentexte*: Os “entre-textos” mantiveram a sua função nos primeiros oito volumes da série; eles serviam para adicionar informações relevantes que não tiveram o seu espaço no final de cada capítulo. Com a busca de tornar os livros mais concisos, os *Zwischentexte* acabam por diminuir drasticamente de número em *Barbarossa ’41*, e desaparecer completamente em *Abgensang ’45*.
d. Duração e divisão dos “dias”: *Das Echolot ’43* e *Fuga Furiosa* têm cada um quatro volumes com “dias” de duração de até cem páginas. Nos dois casos, os “dias” correm em uma cadência fluente, sem pausas. Já *Barbarossa ’41* e *Abgesang ’45* contam com apenas um volume cada, e, quanto mais curto é cada volume, mais truncada é a continuidade de “dias”. O primeiro é dividido em dois blocos com uma pausa de meses entre um e outro, e o segundo quase não apresenta dias contínuos.
e. Epígrafes: A cada publicação, as epígrafes ficam mais breves e mais sistematizadas. Os primeiros oito tomos apresentam uma grande profusão de epígrafes no início de cada “dia”. Em *Das Echolot ’43*, apenas as citações bíblicas e as citações dos diários de Quaatz são constantes, e, em *Fuga Furiosa*, as citações bíblicas e as informações meteorológicas. Nos volumes seguintes há uma “economia” e apenas as epígrafes que serão repetidas todos os “dias” são mantidas, o que cria uma atmosfera estática mais “limpa” e ordenada. Em *Barbarossa ’41*, apenas as citações bíblicas permanecem, de certa forma, dividindo espaço – na percepção da obra – com as canções citadas no final de cada “dia”. E no último volume, encontrar-se-ão apenas duas epígrafes: as citações bíblicas e os trechos do livro para aprendizado de alemão dos soldados americanos.
f. Fotos: No quesito das imagens, pode-se afirmar que cada publicação tem um caráter próprio. Nos primeiros quatro volumes, há a experimentação com narrativa através de imagens e a busca das raízes do que era narrado nos textos através do uso do passado. Nos quatro volumes seguintes, ocorre a busca de uma apresentação dos indivíduos

daquela época, chegando-se a imagens mais impactantes de violência nos dois últimos livros.

g. Personalidades: A despeito do que era desejado pelo autor nos primeiros volumes, a obra não foi encerrada com um livro que focasse principalmente nos anônimos, mas fez justamente o movimento contrário e terminou com um livro sobre o cadafalso da alta cúpula do Nacional Socialismo.

II.1.6.2. Culpa *e os diários do autor*

A série de *Das Echolot* não é concluída com o lançamento de *Abgesang '45* em 2004, mas apenas em 2005 com o lançamento de *Culpa – Notizen zum 'Echolot'.* Com essa publicação, Kempowski concretiza uma ideia que já havia surgido durante a montagem dos primeiros volumes do livro: dar acesso à história do surgimento da própria obra. Na primeira versão pré-editorial de *Das Echolot '43*, encontra-se, junto aos documentos para a publicação, em página numerada, uma carta da tradutora dos textos em língua francesa, que fala sobre as traduções de Laval, mas, principalmente, demonstra preocupação com o ataque cardíaco sofrido por Kempowski em janeiro de 1992. Muito embora a carta seja interessante por mostrar como foi parte do processo de composição do livro e indicar o quanto o autor se envolveu com o projeto, sofrendo até mesmo um ataque cardíaco durante a sua concretização, esse tipo de documentação não poderia encontrar espaço dentro do próprio livro, por não ser um documento que trata da guerra, muito menos proveniente do ano de 1943. A carta da tradutora parece ter sido esquecida, mas as anotações pessoais e de Simone Neteler publicadas em *Culpa* dão ricas informações sobre a primeira etapa de confecção da série de livros e reintroduzem o autor dentro da obra.

Culpa abrange um período muito maior do que qualquer um de seus diários, cerca de 15 anos, e não é um "diário coletivo", mas é o diário de uma "dupla". Por essas razões, ele tem uma estruturação própria: os capítulos não são divididos em dias, mas em anos, e as "interferências" de Neteler são introduzidas sempre com um espaçamento diferente e sem demarcação exata de quando foram escritas. O leitor só pode orientar-se pelas datas do próprio Kempowski. *Culpa* conta com fotos que servem para apresentar algumas das situações de trabalho ou as pessoas que se envolveram nele, mas essas são muito mais escassas do que nos outros diários ou no próprio *Das Echolot*. *Culpa* não se limita à narração do trabalho com o livro, ele também oferece relances da vida do próprio autor e de seu entrosamento com sua assistente, Neteler. Esse efeito recupera *Das Echolot* como uma parte da biografia do próprio autor, situando-o junto à *Deutsche Chronik* e aos diários.

Nas estruturas que Kempowski conferiu às publicações de seus diários, há um diálogo evidente com *Das Echolot*. *Sirius*, tendo sido o primeiro dos volumes do diário a ser publicado, em 1990, foi a primeira experimentação com imagens em larga escala, com o material do arquivo e com um diário propriamente dito. Dele saíram as experimentações com fotos de outrora e com os asteriscos. Seus outros diários foram lançados em um momento em que *Das Echolot* já estava em um estágio mais avançado, contando com oito volumes (*Alkor*, em 2001), ou completo (*Hamit*, em 2006, e *Somnia*, em 2008), e receberam sua influência, tendo sido aproveitadas a utilização das fotos e a disposição fragmentária de textos e epígrafes em *Alkor* e *Hamit* (formadas por notícias jornalísticas do dia em questão e ditados populares em dialetos alemães, respectivamente).

Mas há um detalhe compartilhado por todos os diários, em maior ou menor grau, que continuou ausente em todos os volumes de *Das Echolot*: o comentário e a editoração visível do texto. Em todos os diários há, inseridos no texto e introduzidos pelo ano no qual foram adicionados, comentários em itálico que dão uma informação extra, seja explicando melhor o assunto ao qual o autor se refere ou informando o que aconteceu posteriormente. O mais próximo que se tem desse tipo de editoração em *Das Echolot* são as datas de nascimento e morte dos autores, ou suas curtas biografias no final do livro, pois elas informam sobre um tempo posterior àquele de que se ocupa a obra.

A única interferência pretendida pelo autor foram as informações históricas inseridas nos manuscritos de *Das Echolot '43*, mas estas foram abandonadas em sua versão final. Além de renunciar à própria voz, Kempowski intencionava posicionar os textos de forma a ocultar seu trabalho: "Die verschiedenen Texte im 'Echo' sind so vieldeutig, daß der Leser auch bei krassester Fehlplazierung immer noch meine sortierende Hand vermuten wird."[116] (KEMPOWSKI, 2005: 296) Ao contrário dos próprios diários, o "diário coletivo" deveria dar uma impressão de contar a história por si só, de ser uma narrativa independente do autor/organizador. Como um regente, Kempowski teve todo o cuidado para que as vozes encontrassem uma harmonia tal, que o seu próprio trabalho não pudesse ser percebido. E, talvez, o questionamento que alguns se fazem sobre a autoria do livro seja um sinal de um bom trabalho.

[116] "Os diferentes textos em 'Eco' são tão ambíguos que, mesmo na mais grosseira falha de ordenação, o leitor ainda irá presumir a minha mão seletora."

II.1.6.3. Ironia e choque em Das Echolot

A ironia e a comicidade são pontos fortes da obra de Walter Kempowski, como foi bem observado no primeiro Simpósio Internacional sobre Kempowski realizado em Rostock em 2009. Houve não apenas mais de um artigo sobre o assunto, como também uma ironia acidental na escolha desse tema. Além de um artigo sobre o satírico escrito por Helmut Arntzen, os estudiosos Klaus Jaeger e Tom Kindt dedicaram-se a responder a um apelo da viúva Kempowski. Em uma entrevista concedida a Stuckrad-Barre um ano após a morte do marido, Hildegard Kempowski afirmou que gostaria de ver publicada uma tese que respondesse à pergunta "Wo steckt der Witz in Kempowskis Büchern?"[117] (*apud* KINDT, 2009: 277) Contudo, cada um interpretou o pedido de uma maneira diferente. Enquanto Jaeger procurou explicar onde estava o encanto do trabalho de Kempowski, a razão pela qual sua obra deveria ser considerada como algo de qualidade, Kindt procurou dar uma resposta tomando a pergunta no sentido literal e escreveu um artigo sobre o cômico. Kindt comenta que, desde a queda do muro, Kempowski vem sendo muito celebrado justamente pela comicidade:

> Seit den Wendejahre jedenfalls findet sich eine lobende Erwähnung oder gar begeisterte Huldigung der Kempowski'schen Komik in fast jedem Beitrag zu seinen Werken, die *Echolot*-Bände einmal ausgenommen; seit jener Zeit wird Kempowski allenthalben für den 'unnachahmlichen Humor' seiner Bücher gefeiert, für ihren 'ungemeinen Witz' und ihre "unberechenbare Ironie", vor allem aber für ihre 'rasende', "erschütternde". "umwerfende" oder gar "unübertreffliche Komik".[118] (*ibidem*: 276)

É evidente que *Das Echolot* não é uma obra de caráter cômico, mas ironia e sarcasmo podem ser encontrados até mesmo em seus manuscritos pré-editoriais. Nos manuscritos de *Das Echolot '43*, havia, por exemplo, uma charge inglesa que fazia chacota do Nacional Socialismo, diante da derrota iminente em Stalingrado. Outra exemplo estava nas fotos selecionadas em um primeiro momento, quando ainda se pretendia apresentar um retrato dos respectivos autores junto a cada texto; a foto de Adolf Hitler mostrava o *Führer* fazendo uma careta e tornava-o, portanto, uma figura ridícula.

O que mais chamou a atenção, entretanto, foi a legenda de uma foto específica de *Barbarossa '41*. Com o manuscrito pré-editorial em mãos, pode-se verificar que a maioria das fotografias que receberam legendas no livro teve a informação reduzida ao mínimo necessário. Antes de comentar a fotografia em questão, cito três casos exemplares de

[117] "Onde se esconde a graça nos livros de Kempowski?"

[118] "Desde os anos da virada [a reunificação alemã], encontra-se em quase todo artigo sobre sua obra, à exceção dos volumes de *Echolot*, uma menção elogiosa ou até uma homenagem entusiasmada à comicidade kempowskiana; desde essa época, Kempowski é celebrado em toda a parte pelo 'humor inimitável' de seus livros, pela 'graça extraordinária' e sua 'ironia imprevisível', acima de tudo pela comicidade 'furiosa', 'comovente', 'estupenda' e até 'insuperável'."

abreviação da legenda de fotografias. Em 22 de dezembro, há uma foto onde se veem mulheres que pegam água em uma espécie de aquecedor (Fig. 15), cuja legenda original "Bei der Ausgabe vom Kochwasser in Leningrad. Am 20.12.41 in Sagorodnyi Prospekt. Aus dem Archiv von Frau Uschakowa"[119] tornou-se "Leningrad, Sagorodnyi Prospekt"[120] (KEMPOWSKI, 2002: 574). A tocante imagem de 14 de dezembro, que mostra uma mulher chorando e abraçando uma criança (Fig. 12), tinha a seguinte legenda "Die Mutter darf nicht weg. Sie muss in einem Leningrader Werk die beschädigten Panzer wieder instandsetzen helfen. Der letzte Abschied von ihrer Tochter, die in einem Transport durch den deutschen Bombenangriff ums Leben kommt. Moskauer Bahnhof am 29. August 1941",[121] que foi reduzida a "Moskauer Hauptbahnhof, Abschied von der Tochter, die später bei einem deutschen Bombenangriff ums Leben kam."[122] (*ibidem*: 454) E, por fim, há a foto de 25 de dezembro, que mostra uma mulher rodeada de crianças e segurando uma delas nos braços (Fig. 16). Eles estão junto a cestos e embrulhos que dão a impressão de que estão em fuga. Da legenda original "Die Kinder müssen weg, und sie wollen essen. Eine Babuschka tröstet ihre kleine Enkeltochter. Aus dem privaten Archiv von Frau Tatiana Schmackowa"[123] restaram apenas as informações "Leningrad. Dezember 1941."[124] (*ibidem*: 616)

Através desses exemplos, verifica-se que as legendas iniciais costumavam ter mais informações do que as que foram deixadas na versão final. É provável que, em um primeiro momento, uma quantidade maior de informações estivesse sendo "arquivada" junto às fotos, para que houvesse, antes da versão editorial, mais uma seleção do que seria publicado, hipótese que levanto devido ao fato de essas legendas informarem de que arquivos provêm as fotos, assim como a data (que em nenhum dos casos coincide com o "dia" no qual foram incluídas), e essas são informações que não figuram em nenhum dos volumes. A redução de informações atingiu três propósitos diferentes nos casos apresentados acima. No primeiro, a legenda original descrevia algo que poderia ser verificado através da própria foto, no segundo, a razão pela qual a mãe não pode acompanhar a filha não é relevante, o que importa é que as duas não se veriam mais depois da despedida. E, na terceira foto, como na primeira, boa parte da descrição poderia ser intuída pela própria fotografia. Não se sabe até que ponto a descrição

[119] "Na entrega de água quente em Leningrado. Em 20/12/41, na rua Sagorodnyi. Do arquivo da senhora Uschakowa."
[120] "Leningrado, rua Sagorodnyi."
[121] "A mãe não pode ir embora. Ela deve ajudar a reparar tanques danificados em uma fábrica em Leningrado. A última despedida de sua filha, que mais tarde morreu em um bombardeio alemão."
[122] "Estação central de Moscou, despedida da filha que mais tarde morreria em um bombardeio alemão."
[123] "As crianças devem ir embora, e elas querem comer. Uma *babusca* [vovó em russo] consola sua netinha. Do arquivo particular da senhora Tatiana Schmackowa."
[124] "Leningrado. Dezembro de 1941."

original seria uma interpretação do próprio autor, razão pela qual ele teria deixado apenas os dados de localização e de data aproximada. Em todos os casos, houve um trabalho no sentido de deixar as legendas mais enxutas e o mínimo de informação necessária foi mantido. Note-se o tom informal da terceira legenda original, na qual Kempowski chama a senhora de "Babuschka". Esse pode ser mais um indício de que as legendas eram provisórias e era previsto que ainda seriam trabalhadas.

Mas o caso específico de ironia encontra-se na legenda original de uma das fotos de 27 de dezembro. Trata-se de uma foto externa, em uma rua movimentada, onde um oficial observa corpos na calçada (Fig. 17). A legenda original era "Ein NKWD-Offizier prüft die Leichen der Leningrader (Opfer eines Volltreffers einer deutschen Artilleriegranate) am Newski-Prospekt im Oktober 1941. Ob sie mal nicht besoffen da liegen? Links an der Säule die Werbung von einem Lieblingsfilm von Walter Kempowski 'Anton Iwanowitsch ärgert sich.' (Auf russisch 'Anton Iwanowitsch serditsa')",[125] e foi substituída por "Leningrad, Opfer eines Volltreffers".[126] É evidente que a legenda original não fora feita para ser mantida tal e qual na publicação. Ela demonstra uma certa "descontração" do autor, que até mesmo comenta a placa de seu filme favorito, mas também é notório o humor negro no comentário "Será que eles não estão deitados lá bêbados?". Sabendo-se que ele não deve ter sido pensado para a versão editorial, o comentário ainda é importante para que se perceba que a ironia, apesar da seriedade do material tratado não estava ausente durante os trabalhos em *Das Echolot*.

Pode-se pensar na ironia como resultado do choque ao se deparar com informações contrárias às que são esperadas. O choque é um efeito constante em *Das Echolot*, seja devido à paz transmitida pelas citações bíblicas, pela alegria das canções ou pelo confronto entre os diferentes pontos de vista oferecidos pelas diferentes vozes. Este impacto que é oferecido pela montagem do livro não costuma ter um efeito cômico, até mesmo porque a densidade do assunto tratado não o permite, mas deve-se observar que o choque está em muitos pontos em uma situação limítrofe, beirando à ironia.

Em *Abgesang '45*, as epígrafes oferecem as frases de um livro de aprendizado rápido de alemão para os soldados americanos que se dirigiam ao país derrotado. Abaixo a epígrafe do primeiro "dia" do livro:

Diesen hof ausfegen

[125] "Um oficial da NKDW verifica os cadáveres de leningradenses (vítimas de um ataque certeiro de uma granada de artilharia) na rua Nevsky em outubro de 1941. Será que eles não estão deitados lá bêbados? À esquerda, no poste, a propaganda de um filme favorito de Kempowski 'Anton Ivanovitch irrita-se.' (Em russo, 'Anton Ivanovitch serditsa')"
[126] "Leningrado, vítimas de um ataque certeiro."

Deezen hoaf ous faygen
Sweep this Yard
stars and stripes,
daily german lessons (KEMPOWSKI, 2004: 9)

Embora as epígrafes sirvam para demonstrar a tomada de poder pelos americanos e sejam um forte sinalizador do final da guerra, que é a temática do livro, elas beiram à ironia. As frases trôpegas e as transcrições fonéticas descuidadas feitas para um leigo já trazem uma certa graça para o falante, que deve perceber a própria língua de um outro ponto de vista, o de uma pessoa que não tem nenhum conhecimento dela, mas precisa apropriar-se de um mínimo em um tempo muito limitado. Contudo, o choque reside no fato de que os alemães, que até então se consideravam tão soberanos e superiores a outros povos, teriam que se submeter às ordens de militares de baixas patentes que sequer tinham domínio da língua. A altiva língua alemã seria utilizada apenas erroneamente, com pronúncia duvidosa (e provavelmente de difícil compreensão), para que ordens como a de limpar o pátio pudessem ser dadas, sem nenhuma intenção de comunicação intelectual de qualquer tipo.

Um choque inevitável ocorre em *Barbarossa '41*, quando o leitor se depara com as canções no final de cada "dia", mas, como já foi discutido anteriormente, elas parecem ser uma versão reduzida dos planos do autor de fazer a vida cultural e os passatempos da época presentes na obra. Contudo, a redução é tão brusca que acaba por ocorrer uma certa sensação de estranheza devido ao isolamento desse tipo de representação, agora restrito às canções. Os textos em si não criam nenhum tipo de ironia, algumas letras que clamam pela pessoa amada que está distante podem até mesmo causar uma certa melancolia, mas cito um caso no qual a letra contrasta com a temática predominante no "dia", causando o efeito de choque. Em 9 de dezembro, foi inserida a seguinte letra: "Eine Insel aus Träumen geboren ist Hawai, / wer sie sieht, ist für alle Zeiten verloren an Hawai. / Übers Meer, übers Meer klingt ein Lied und das ruft ihn zurück, / nach der Insel aus Träumen geboren, nach Hawai im Glück…"[127] (KEMPOWSKI, 2002: 379) Nove de dezembro é o segundo dia após o ataque a Pearl Harbor. Na estrutura do livro, o assunto é introduzido pelas vozes de pessoas que moram no exterior, no final do dia 7, e torna-se um tema constante nos "dias" seguintes. Se, por um lado, a letra demonstra qual é a imagem que um alemão comum deveria fazer do Havaí, uma ilha de sonhos, onde se é feliz, ela contrasta fortemente com as informações sobre os acontecimentos ocorridos na região durante os últimos dias. Há uma certa ironia em imaginar o Havaí como

[127] "O Havaí é uma ilha nascida de sonhos, / quem a vê está para sempre perdido no Havaí. / Pelo mar, pelo mar soa uma canção e ela o chama de volta / para a ilha nascida de sonhos, para o Havaí na felicidade."

um ambiente paradisíaco quando o assunto recorrente são os ataques que o Japão está desferindo na região.

Essas considerações abrem a possibilidade de uma nova interpretação para a única citação de Heinrich Himmler, "15.45-17.15 – Tennis". Como mencionei anteriormente, o posicionamento deste fragmento e as informações sobre o desenvolvimento da guerra que o circundam fazem com que ele seja entendido como uma crítica à leviandade dos nazistas diante dos acontecimentos. Mas a comparação com os primeiros volumes da obra pode oferecer um novo ponto de vista. Himmler é uma presença constante que serve até mesmo para marcar a estrutura de *Das Echolot '43*, e continua figurando com alguma frequência em *Fuga Furiosa*. Enquanto no início era conferida uma certa importância à sua imagem, ele agora foi reduzido a uma mera partida de tênis no início de *Barbarossa '41*. Como ocorreria com a foto da careta de Hitler (caso tivesse sido publicada), esse dado serve para desmerecer o militar e ridicularizá-lo diante dos desenvolvimentos da guerra. E, mais do que isso, a citação também é executada como uma pequena "travessura" do autor: O leitor de *Barbarossa '41* tem como única informação sobre Himmler que ele jogou tênis no dia 23 de junho, enquanto os primeiros avanços alemães eram feitos sobre terras soviéticas. No entanto, Kempowski e outros que tenham a informação completa do referido dia na agenda sabem que não é certo se ele de fato jogou tênis no dia, como já foi apresentado anteriormente.

É muito provável que o autor tenha montado esses trechos do livro se valendo de uma certa ironia, contudo, apenas os contrastes que ficavam no limiar entre o choque e a ironia, sem representar alguma forma de humor aberta (como as charges do manuscrito) foram mantidos, fazendo que esses trechos causassem acima de tudo um certo desconforto, porque o humor não seria permitido em um contexto como esse.

II.2. Personagens típicas

II.2.1. Personagens típicas da Segunda Guerra no final do século XX

Como visto anteriormente, *Das Echolot* foi lançado em um período de transição da memória coletiva, no qual o distanciamento da terceira geração influencia a representação que se faz da Segunda Guerra e oferece a possibilidade de tratar temas que até então eram vistos como tabu. A chegada dessa terceira fase (ou a terceira geração) não faz com que o número de personagens típicas diminua;[128] nesse primeiro momento, ela apenas soma mais algumas àquelas que já haviam sido difundidas até então. Além do perpetrador nazista, das vítimas do Holocausto e dos observadores (HILBERG), surgem os fugitivos alemães, as vítimas dos bombardeios e uma imagem mais humanizada do perpetrador. Contudo, pelo menos inicialmente, nenhuma dessas personagens substituiu a outra. No imaginário, o nazista fanático passa a dividir espaço com o cidadão alemão que é vítima da guerra; o perpetrador cruel e sádico coexiste com a representação do soldado confuso que apenas segue ordens, apesar de não concordar com elas. É possível até mesmo que algumas dessas figuras convirjam em uma só, como ocorre no caso de Grete Dölker-Rehder, que é uma nazista convicta, mas também uma vítima, uma mãe que sofre pela perda do filho devido à guerra.

Ainda há outras personagens. Calcula-se que cerca de meio milhão de pessoas exilou-se da Alemanha após o início da ditadura nacional socialista, dos quais 2.000 seriam escritores e homens públicos (cf. FISCHER, 2009:100). Muitos engajaram-se ativamente escrevendo ensaios e posicionando-se contra as atividades do partido hitlerista, outros deixaram esse descontentamento mais claro através de seus escritos autobiográficos em diários ou documentos da mesma natureza. São vozes que encontraram a liberdade de expressão para opor-se às decisões que estavam sendo tomadas na Alemanha, mas tiveram que pagar com o abandono da terra natal. Como aponta Wilhelm Haefs (2009: 36), muitos faziam essa crítica até mesmo como forma de lidar com a frustração do exílio, onde, ao mesmo tempo em que ganhavam em experiência com a nova cultura, temiam a perda do domínio da própria língua e de suas tradições:

> Manche konnten dies mit dem Schreiben kompensieren. Dabei ließen viele ihrem Haß auf die Nationalsozialisten freien Lauf, auf die Politik der Vernichtung der Traditionen der (bürgerlichen) Aufklärung, auf die nationalsozialistische Mobilisierung und Militarisierung

[128] Mais sobre esse assunto encontra-se em *I.1.3. Sobre a representação de personagens típicas da Segunda Guerra na memória coletiva.*

> alles Zivilen zu Kriegszwecken. So wurden gerade in den ersten Jahren des Exils zahlreiche politische Pamphlete und Sachbücher gegen die Nationalsozialisten verfaßt.[129]

Segundo Haefs, além do exílio, ainda houve o que foi definido como a "emigração interna", que é composta por todos aqueles que não emigraram, mas manifestaram sua oposição ao regime nazista de alguma maneira. O grupo, entretanto, é demasiado extenso e difícil de demarcar:

> "Innere Emigration", das ist mittlerweile ein Sammelbegriff für inhaltlich und kategorial völlig Disparates, nicht Kompatibles; alle Versuche, zu Homogenisierungen zu gelangen, konnten nicht überzeugen. Begriffe, die teils als Unterbegriffe zu "Innere Emigration" teils als Synonyme verwendet werden, sind zum Beispiel: Inneres Reich, Rückzug, Resistenz, Dissens, Regimenkritik, Opposition, Widerstand, Innerlichkeit, das heimliche Deutschland, das andere Deutschland, Zwischenreich(e), verdeckte Schreibweise.[130] (*ibidem*: 48)

Cito a "emigração interna" com a finalidade de designar os artistas que se mantiveram contra o nazismo, mas apenas de maneira velada, sem envolver-se em grupos de resistência ou com a oposição. Além de abarcar um grupo demasiadamente extenso, o termo traz complicações em sua utilização devido à forma como surgiu. Após a chegada dos americanos, muitos dos que procuraram justificar não haverem se levantado contra o regime nacional socialista afirmavam que, embora tenham permanecido no país, viveram em uma espécie de "emigração interna". Contudo, tal argumento era utilizado por pessoas que pouco se preocuparam com os acontecimentos políticos da época como forma de justificar a falta de ação. Com o tempo, o termo passou a ser utilizado para agrupar um grande número de pessoas que não encontraram lugar nas classificações pré-concebidas.

Embora o número de envolvidos seja muito limitado, a resistência também é um "papel" importante no que diz respeito à Segunda Guerra. Alguns dos movimentos que obtiveram maior repercussão foram a Rosa Branca, o Círculo de Kreisau e aqueles que se uniram ao Conde de Stauffenberg para a realização do golpe de Estado em 20 de julho de 1944.[131]

Os civis que sofreram com a fome durante o cerco de Leningrado formaram, assim como as vítimas dos bombardeios na Alemanha, um assunto-tabu que foi muito pouco

[129] "Alguns podiam compensar isso com a escrita. Nisso, muitos davam asas a seu ódio contra os nacional socialistas, a política de destruição da tradição do Iluminismo (burguês), a mobilização e militarização nacional socialista de todo civil para fins de guerra. Assim, foram redigidos, exatamente nos primeiros anos de exílio, inúmeros panfletos políticos e livros especializados contra os nacionalistas."

[130] "'Emigração interna' é, por enquanto, um conceito coletivo para coisas totalmente díspares e não compatíveis quanto a conteúdo e categoria; todas as tentativas de se chegar à homogeneização não foram capazes de convencer. Conceitos que são em parte utilizados como subcategorias da 'emigração interna', e em parte como sinônimos, são, por exemplo: Império interno, retirada, resistência, dissenso, crítica ao regime, oposição, resistência, interioridade, a Alemanha secreta, a outra Alemanha, entre-império(s), forma de escrita encoberta."

[131] Pessoas pertencentes a cada um desses grupos estão presentes em *Barbarossa '41*, por isso, serão apresentadas apenas adiante.

discutido até que houvesse o distanciamento temporal necessário. A guerra travada entre os dois países, por exemplo, é amplamente apresentada no Museum Berlin-Karlshorst, que foi inaugurado em 1995. Nele, o bloqueio de Leningrado é frequentemente mencionado e o assunto recebeu uma exposição especial no ano de 2004. As fotos dos civis em estágio avançado de fome remetem quase que imediatamente aos campos de extermínio.

Por fim, gostaria de salientar um último grupo de vozes que podem contribuir para um novo olhar, os estrangeiros que relataram sua passagem pela Alemanha nazista. Em 2004, Oliver Lubrich lançou o livro *Reisen ins Reich – 1933 bis 1945* (Viagens ao Império – 1933 a 1945), uma compilação de textos escritos por estrangeiros com suas impressões da Alemanha de então. Os documentos estão organizados cronologicamente, e a publicação é rica em comentários que explicam quem são os autores ou dão mais detalhes sobre sua passagem pelo país. Lubrich procura preencher essa lacuna e disponibilizar documentos desse grupo. Como esse trabalho somente foi lançado após a conclusão de *Das Echolot* e os textos encontravam-se em fontes pouco conhecidas, é de se supor que Kempowski não tenha tido acesso a esse material.

II.2.2. Personagens em Das Echolot – Barbarossa ’41

Nos primeiros quatro volumes de *Das Echolot*, as vozes não encontraram uma ordenação tão sistemática quanto aquela que ainda estava por vir, e, por essa razão, o reconhecimento dos papéis que eram representados por cada uma das vozes devia ser feito exclusivamente pelo leitor. Já em *Fuga Furiosa* e *Barbarossa ’41*, ocorre uma ordenação por localização geográfica que pode auxiliar na definição e no reconhecimento das vozes de acordo com a “personagem típica” que elas representam, mas ela não delimita completamente suas funções. Dois exemplos disso, em *Barbarossa ’41*, são Jochen Klepper, que é uma vítima do Nazismo e figura entre os perpetradores na primeira metade do livro,[132] e Victor Klemperer, que sofre com a perseguição aos judeus, mas cuja voz está sempre entre as dos civis alemães, e nunca entre aqueles que representam o Holocausto. Essa ordenação de vozes pode parecer dissonante no início, mas deve-se admitir que as vidas dessas pessoas foram inevitavelmente condicionadas por seu posicionamento geográfico. Klepper foi para a guerra e acreditava poder proteger sua mulher e enteada judias enquanto servisse nos campos de batalha, e Klemperer teve, sem dúvidas, um destino muito menos duro do que o de tantos outros judeus por ter conseguido evitar a deportação.

[132] Vide PAROT, 2010: 96.

Apesar das exceções, as personagens típicas costumam estar claramente divididas entre as partes estruturais de *Barbarossa '41*. O primeiro grupo, separado por asterisco, como foi discutido anteriormente, costuma apresentar artistas e intelectuais da Alemanha, que, na maior parte dos casos encontram-se em terras estrangeiras. Nesse grupo há algumas poucas exceções de estrangeiros (britânicos) que também comentam a situação na Alemanha ou da guerra diretamente em seus países,[133] mas pode-se afirmar que, mais do que um grupo de intelectuais, aqui encontram-se os representantes do exílio e do chamado "exílio interno" – o que explica que também haja nesse grupo relatos de pessoas que permaneceram em terras alemãs. Em seguida, estão os observadores, os perpetradores e as vítimas, como denominadas por Hilberg, contudo, esses grupos também têm suas próprias subdivisões. Os "observadores" são representados pelos civis alemães e pelos participantes de grupos de resistência. Já os perpetradores podem ser divididos em políticos de alta patente, militares de forte convicção nazista e militares cujos relatos podem ser entendidos como neutros ou críticos ao nacional socialismo. Por fim, as vítimas excedem o grupo de vozes do Holocausto e dos campos de concentração, abrangendo os civis de Leningrado, os habitantes das cidades soviéticas invadidas e as próprias famílias alemãs que estavam sendo lentamente desestruturadas pela guerra.

Para esta tese, procurei fazer um recorte que abarcasse algumas das principais personagens do livro. Em um primeiro momento, *Das Echolot* deveria narrar apenas a história de pessoas desconhecidas cujos documentos encontravam-se no arquivo de Kempowski. Mesmo não tendo me focado apenas nos desconhecidos – algumas das pessoas citadas tornaram-se proeminentes, mas quase sempre como resultado de suas atuações durante a guerra – decidi-me por fazer um recorte que enfatizasse essas vozes, desconhecidas pelo menos durante o momento em que a guerra se desenvolveu, e não analisar os textos de políticos e intelectuais (exílio). Os textos de políticos já foram exaustivamente discutidos por historiadores e servem, principalmente, para dar forma ao livro. A discussão de quais dos textos disponíveis de Goebbels ou Hitler foram selecionados traria um tipo de questionamento completamente diferente do que é trazido pelas pessoas que eram desconhecidas naquele momento. Nos textos selecionados será discutida a percepção da guerra, e a perspectiva de políticos de alto escalão não pode ser comparada com a daqueles que foram manipulados por eles. Os intelectuais também formam um grupo à parte, pois a guerra não os afeta no mesmo

[133] O livro de Lubrich só foi lançado quando *Das Echolot* já havia sido completamente concluído e não haveria a possibilidade de ter "atualizado" suas fontes nesse sentido.

grau e, quando afeta, eles já escrevem do exílio, um lugar de onde eles têm uma perspectiva diferente daquela dos que estão no olho do furacão.

Abaixo, algumas pessoas serão apresentadas de acordo com o grupo de vozes ao qual pertencem – resistência, civis, perpetradores e vítimas (Leningrado e perseguição aos judeus). Em primeiro lugar, o material publicado em *Barbarossa '41* será analisado de forma a definir que contribuição essas pessoas trazem para o livro e que imagem obtém-se delas. Em seguida, será feita a comparação com os textos originais de onde foram tiradas as citações de *Barbarossa '41*, de forma a traçar quais foram os critérios para a seleção dos textos e se a imagem dessas pessoas é a mesma em ambas as fontes.

Muitos dos textos citados em *Barbarossa '41* mereceriam longas análises por si sós, mas o que será analisado aqui, mais do que textos individuais, é o tipo de função que essas pessoas exerceram na guerra e exercem agora no livro. Mesmo nesse momento em que algumas vozes serão analisadas isoladamente, o foco permanece sendo a montagem.

Também devo mencionar que o contato com os originais, as fotos, as correspondências entre o autor e aqueles que enviaram os documentos, e até mesmo a possibilidade de folhear mais páginas do arquivo e obter um ponto de vista um pouco mais amplo que o oferecido pelo livro causaram um forte impacto na imagem que eu fazia de cada autor citado, e essa experiência algumas vezes intensificou sentimentos causados pelo livro, em outras mudou minha percepção dos donos das vozes (alguns deles agora com rostos). Considero a descrição da relação que se tem com o arquivo e daquilo que se perde com a transcrição e publicação do texto relevante para o entendimento da obra, mas, infelizmente, o impacto do acesso aos originais é deveras subjetivo e só poderá ser descrito de um ponto de vista muito pessoal. Creio, entretanto, que esse tipo de descrição apenas enriquecerá a comparação entre *Barbarossa '41* e os documentos originais, e servirá para compreender melhor o projeto *Das Echolot*.

Por fim, antes de iniciar a comparação com os textos originais, gostaria de comentar as modificações que foram feitas nos textos citados. Sobre esse assunto, Kempowski se expressa da seguinte maneira nas notas editoriais:

> Die Texte, die ich für DAS ECHOLOT auswählte, wurden in den meisten Fällen nicht gekürzt, Auslassungen am Anfang oder am Ende eines in sich geschlossenen Textes habe ich in der Regel nicht angezeigt. Hingegen habe ich Streichungen innerhalb eines Textes durch […] kenntlich gemacht. Eigenheiten in Stil, Orthographie und Zeichensetzung der Archivtexte wurden beibehalten, um die Authentizität der Dokumente zu wahren. Offensichtliche

> Verschreibungen wurden korrigiert. Ergänzungen und Erläuterungen, die ich an manchen Stellen für nötig hielt, stehen in eckigen Klammern.[134] (KEMPOWSKI, 2002: 705)

Contudo, a comparação com os originais não comprova suas afirmações. Pequenas mudanças foram feitas em quase todos os textos provenientes do arquivo, como exclusão ou adição da paragrafação, transformação de abreviações em palavras por extenso, ou pequenas alterações de ordem de palavras e exclusões de trechos breves, acréscimo de substantivos ou pronomes para conceder uma certa fluência ou estilo ao texto. Cito dois exemplos do texto de Grete Dölker-Rehder de 7 de julho. No primeiro a informação supérflua sobre a data é omitida, de "Am 7.7. telefoniert Otto",[135] o texto passa a ser "Otto telefonierte"[136]; no segundo, ele volta a omitir uma palavra por questão de estilo: "aller Schmerz wird scharf"[137] foi publicado como "der Schmerz wird scharf".[138] Além disso, a grande maioria – quase a totalidade – das exclusões feitas em textos do arquivo não foi sinalizada. Aparentemente, Kempowski considerava que havia dois tipos de texto e dois tipos de modificações, e as regras que valiam para cada um dos grupos eram diversas. Os textos anteriormente publicados (por grandes editoras, não as publicações independentes ou de tiragem muito limitada) não sofreram qualquer tipo de alteração e todos os cortes foram devidamente sinalizados. Os textos do arquivo, por outro lado, pareciam ser mais "maleáveis", sofrendo essas pequenas modificações com uma certa frequência, sem que Kempowski achasse necessário sinalizá-las. De forma geral, apenas explicações inseridas no texto foram sinalizadas. As modificações foram mais ou menos frequentes de acordo com o autor de cada texto, mas, entre os documentos alemães, não ultrapassam duas a três ocorrências por página impressa. Essas intervenções são de baixo impacto e não alteram o entendimento do texto, por isso, não voltarão a ser comentadas, exceto no caso dos textos provenientes da Rússia.

II.2.2.1. Resistência

Na obra, há cinco pessoas que são relacionadas com o movimento de resistência: os irmãos Hans e Sophie Scholl, Helmuth James von Moltke, Ulrich von Hassell e Franz Halder. Os irmãos Scholl, que escreviam e divulgavam panfletos contra o nazismo, foram descobertos e executados em fevereiro de 1943, enquanto todos os outros foram presos devido aos

[134] "Os textos que eu escolhi para DAS ECHOLOT, na maior parte dos casos, não foram encurtados; como regra, eu não indiquei cortes no início ou no final de um texto fechado em si. Por outro lado, eu identifiquei supressões dentro de um texto com [...]. Particularidades de estilo, ortografia e pontuação dos textos do arquivo foram mantidas para preservar a autenticidade do documento. Erros óbvios foram corrigidos. Complementos e explicações que eu achei necessários em alguns pontos estão entre colchetes."
[135] "Em 07/07, Otto telefonou."
[136] "Otto telefonou."
[137] "Toda a dor fica mais aguda."
[138] "A dor fica mais aguda."

processos e procedimentos de segurança que ocorreram em consequência do atentado de julho de 1944, conhecido como "Operação Valquíria". Embora apenas von Hassell estivesse de fato envolvido com o atentado, houve na época tal temor de que Hitler pudesse sofrer uma ameaça tão grave novamente que todo e qualquer um que estivesse envolvido com a oposição na época foi caçado. Franz Halder, contudo, foi julgado por atos passados e não tinha mais qualquer tipo de relação com a resistência. Abalado com o escândalo Blomberg-Fritsch[139], ele havia apoiado Ludwig Beck na tentativa de derrubar Hitler em 1938, mas, conforme Hilter alcançava maiores sucessos militares, Halder voltou a atuar do lado do partido nazista e na invasão da Rússia. Em 1942, foi afastado e a Gestapo manteve vigilância sobre ele, até que foi preso em 1944 (cf. STEINBACH, 1998: 81). Como a atuação de Halder na resistência não foi tão relevante e o tipo de texto que se apresenta dele em *Barbarossa '41* diz respeito apenas aos planejamentos e ao andamento da guerra, ele não pode ser considerado aqui como uma das vozes da resistência, e, por esta razão, ele não foi selecionado para a análise.

Há alguns fatores que ligaram esses representantes em vida, um deles é o fato de que todos (excetuando-se Halder) foram julgados e condenados à morte pelo então chefe do "Volksgericht" (tribunal do povo), o nacional socialista fanático Roland Freisler. Outro elo é o próprio Helmuth James von Moltke, que teve contato direto ou indireto com cada um deles na busca de suporte para seu grupo, o Círculo de Kreisau. No final de 1941, ele entrou em contato com Franz Halder, mas não obteve frutos. Em janeiro de 1943, os participantes do Círculo de Kreisau fizeram uma reunião com o chamado grupo "Goerdeler-Beck-von Hassell", contudo o esquerdista Moltke não conseguiu entender-se com a resistência conservadora e não houve outros encontros. Por fim, Moltke nunca encontrou os representantes da Rosa Branca pessoalmente, mas teve um papel fundamental na divulgação de seus panfletos após o julgamento dos principais participantes. Em fevereiro de 1943, ele voltou de Munique com o último panfleto produzido pela Rosa Branca, e em março do mesmo ano levou-o para Oslo, onde providenciou uma tradução que seria publicada em jornais noruegueses. Moltke também traduziu o panfleto para o inglês e fez um relato sobre os acontecimentos ligados à Rosa Branca, cuidando para que estes chegassem, através da Escandinávia, à Inglaterra. Essa tradução chegou a Thomas Mann, que fez um comentário sobre os jovens na BBC em junho de 1943, e pouco depois aviões americanos espalhariam seus panfletos em diferentes pontos da Alemanha.

II.2.2.1.1. Helmuth James von Moltke

[139] Escândalos ocorridos no início de 1938 que resultaram na subjugação total do exército alemão a Hitler.

Moltke ficou conhecido por ser o principal líder do grupo de resistência Círculo de Kreisau, que foi batizado com o nome de sua mansão, onde o grupo encontrou-se diversas vezes. Católico fervoroso e de orientação esquerdista, Moltke preocupou-se com os desenvolvimentos que o Nacional Socialismo iria tomar desde que Hitler tomou o poder em 1933. Durante muito tempo, ele ficou dividido entre deixar a Alemanha e ir para a Inglaterra e a obrigação moral de trabalhar ativamente para mudar a situação de seu país. Com o início da Segunda Guerra, viu-se obrigado a ficar e a servir ao Nacional Socialismo como perito em Direito da Guerra e Direito Internacional, cargo que utilizou para obter informações privilegiadas. Foi apenas em 1940, depois de dois anos procurando por pessoas que também fizessem oposição ao regime nazista, que Moltke encontrou Peter Yorck von Wartenburg[140] e o Círculo de Kreisau teve seu início. Embora o grupo também procurasse fazer contatos com militares para que o processo da queda de Hitler fosse acelerado, sua principal atividade não era essa, mas sim definir quais seriam as diretrizes a ser seguidas quando a guerra acabasse para que se alcançasse uma Nova Ordem da Alemanha. Foram discutidos temas como a reconstrução da Alemanha e sua nova constituição e economia, mas sempre tendo em vista um fundamento cristão para essa nova sociedade que pretendiam formar.

Já no final de 1941, o grupo tinha certeza de que a guerra seria perdida, a tal ponto que, em cartas enviadas para a esposa em 1942, Moltke chegou a dar um nome fictício ao russo que ocuparia Kreisau e pediu em 1943 que se fizesse um quadro da mansão para que ele pudesse ter uma lembrança de como ela foi (cf. ULLRICH, 2008: 80). Ao mesmo tempo, o líder do grupo sempre se manteve ciente do risco que corria fazendo parte da resistência e discutiu com sua esposa, já em 1942, quais providências deveriam tomar para que o filho deles fosse criado por alguém de confiança caso algo acontecesse com eles.

Em janeiro de 1944, Moltke foi preso em seu escritório porque alertou o colega Otto Carl Kiep – membro de um grupo de discussões crítico ao governo – de que ele estava sendo observado pela Gestapo. O Círculo de Kreisau ainda não havia sido descoberto. Enquanto ele ainda estava preso, no dia 20 de julho, foi realizada a tentativa de assassinar Hitler e operar o golpe de Estado; integrantes do Círculo de Kreisau, incluindo Yorck, tomaram parte na Operação Valquíria. Embora não estivesse envolvido no golpe, Moltke foi condenado, e, como resposta, afirmou em seu julgamento: "Wir sind nach dieser Verhandlung aus dem

[140] A liderança de Moltke no grupo é indiscutível, mas há pesquisadores que chamam a atenção para o fato de que Yorck deveria desempenhar um papel da mesma importância. Todavia, como poucos documentos com suas anotações foram preservados, a sua memória teria sido relegada a uma posição secundária. (Vide ULLRICH, 2008: 27).

Goerdeler-Mist raus, wir sind aus jeder praktischen Handlung heraus, wir werden gehenkt, weil wir zusammen gedacht haben."[141] (*apud* ULLRICH, 2008: 129)

A correspondência entre Moltke e sua mulher Freya, publicada pela primeira vez em 1988, é considerada como uma das principais fontes para se compreender o pensamento de Moltke e os desenvolvimentos do Círculo de Kreisau. Essa é a mesma fonte que foi utilizada por Kempowski em *Das Echolot*.

Moltke é uma presença constante em *Barbarossa '41*, e seus fragmentos podem aparecer tanto no início do grupo central, como um pouco mais adiante, fazendo transições entre as vozes de civis e dos perpetradores. Nos textos presentes no livro, encontram-se principalmente os relatos de Moltke sobre o desenvolvimento da guerra na União Soviética, mas também alguns comentários sobre encontros com Yorck e outras pessoas com algum grau de envolvimento com o Círculo de Kreisau. A simples menção do nome de Moltke deveria ser suficiente para que o leitor (alemão bem informado) fizesse a conexão com o Círculo e compreendesse que ali estava um homem que já atuava em alguma forma de resistência, mas os textos de Moltke, por si sós, não são suficientemente claros nesse aspecto. Nos muitos relatos do desenvolvimento das atividades na União Soviética, Moltke demonstra preocupação com o agravamento da situação que o exército alemão está enfrentando, podendo parecer que ele torce pela vitória alemã. Em apenas um ponto, em *Barbarossa '41*, sua preocupação humanista com o desenvolvimento da guerra fica mais evidente, no "dia" 7 de julho:

> Der russische Krieg gefällt mir noch immer nicht, d. h. nicht ein Mal (sic) vom rein technischen Standpunkt. Die Berichte lauten von allen Seiten gleichmässig: zäher Widerstand, schwere Kämpfe, langsames Vorrücken. Das bedeutet Verluste für uns und Vernichtung wirtschaftlicher Werte aller Art: Dörfer, Ernte, Fabriken, Verkehrswege.[142] (KEMPOWSKI, 2002: 267)

Aqui pode-se vislumbrar que a preocupação de Moltke não diz respeito apenas ao exército alemão: a destruição da qual ele fala está ocorrendo em terras soviéticas. Por tratar-se da correspondência do casal, mesmo que as reuniões com os participantes do Círculo de Kreisau sejam constantes, Moltke não pode ser explícito em suas opiniões negativas acerca do Nazismo e faz as críticas apenas parcialmente.

[141] "Depois dessa discussão [o encontro em janeiro de 1943], nós saímos da porcaria de Goerdeler, estamos fora de qualquer atividade prática, estamos sendo executados porque pensamos juntos."
[142] "A guerra russa continua não me agradando, quer dizer, nem mesmo do ponto de vista puramente técnico. Os relatos de todos os lados soam semelhantes: árdua resistência, batalhas difíceis, avanço demorado. Isso significa perdas para nós e destruição de valores econômicos de todo o tipo: vilarejos, colheita, fábricas, caminhos de tráfego."

As cartas de Moltke a sua esposa não foram publicadas integralmente, e muitas delas estão marcadas com reticências, mas, mesmo assim, elas formam um conjunto mais vasto do que o apresentado por Kempowski. Durante os períodos em que estava separado, devido ao trabalho de Moltke em Berlim, o casal trocou cartas diárias. A quantidade de detalhes que Moltke dá sobre o decorrer de seus dias é tão grande que em alguns pontos as cartas – que, pela frequência, já chegam a ter um aspecto de diário – assemelham-se a uma espécie de agenda, com horários de todos os encontros que ele teve no dia, como no trecho abaixo, excluído por Kempowski:

> Heute mittag ass ich mit einem Freund von Lukaschek, abends gehe ich zu Yorcks und nachts nach Nikolassee. Freitag mittag essen Yorck & Haeften in der Derfflingstr., um 3.30 trinken Yorck & Einsiedel bei mir Thee und um 6 kommt Mierendorff. Also ein typischer Grosskampftag. Sonnabend mittag esse ich bei Trotts, Sonntag mittags bei Üx, nachmittags bei Kieps – ich habe dort bereits 10 X abgesagt und das ging nun nicht mehr –, die beiden Abende hoffe ich im Frieden und mit Timessen zu verbringen. Da hast Du mein Wochen-programm.[143] (MOLTKE, 1988: 260)

Esse planejamento do dia (que acabou sub-representado em *Barbarossa '41*) acaba servindo para que se tenha uma ideia de como eram os encontros do Círculo de Kreisau, que costumava fazer reuniões em pequenos números, duplas ou trios, para não chamar a atenção como uma organização. Os encontros ou conversas com Yorck são uma atividade quase que diária e costumam ser acompanhados de mais um ou dois encontros com outros membros do círculo ainda no mesmo dia. Tais encontros não são representados nos "dias" de junho/julho, nos quais só restaram os comentários sobre a guerra, mas ganham mais enfoque em dezembro, conforme a guerra se intensifica e as temáticas dos encontros do grupo passam a ser citadas nas cartas. A primeira menção aos encontros com o grupo no livro figura no "dia" 10 de dezembro, e vem apresentada da seguinte maneira:

> Dann begann das Hauptthema des Dienstages, nämlich die Frage, ob und wie man eine deutsche Kriegserklärung an U.S.A. verhindern könnte. Diese Sache bot m. E. eine ganz einzigartige Gelegenheit, unter Änderung der Besatzung zu einem Kompromiss mit der Angelsachsen zu gelangen, indem wir die Japaner ihrem Schicksal überliessen und dadurch den Angelsachsen die Hand zu einem Kompromiss boten. Leider haben all die Leute, die eigentlich automatisch in dieser Frage hätten funktionieren müssen, nicht funktioniert und als ich mich in die Sache mischte, war es schon zu spät. Heute wird die Kriegserklärung verkündet. [...] / Heute um ½ 2 essen Haushofer und Yorck bei mir, um 3 sind Yorck & ich bei

[143] "Hoje ao meio-dia, eu comi com um amigo de Lukaschek, à noite eu vou para a casa dos Yorcks e de madrugada para Nikolassee [bairro de Berlim]. Sexta-feira, almoço com Yorck & Haeften na rua Derffling, às 3:30; Yorck & Einsiedel bebem um chá na minha casa e às 6:00 vem Mierendorff. Ou seja, um dia de grandes batalhas. Sábado ao meio-dia, eu vou comer na casa dos Trotts; domingo ao meio-dia, na casa de Üx, e à tarde na casa dos Kieps – eu já recusei 10 X e agora não era mais possível –, pretendo passar ambas as noites em paz e com Timessen. Aí você tem o meu programa da semana."

> Haeften, am Nachmittag kommt Einsiedel und am Abend Guttenberg mit einem österreichischen Mann.[144] (KEMPOWSKI: 2002, 381)

O trecho apresentado não cumpre apenas a função de dar informações sobre o desenvolvimento da guerra – Moltke sabe, com antecedência, que a guerra será declarada –, mas também introduz as reuniões do Círculo de Kreisau, abordando excepcionalmente um assunto mais prático e oferecendo, em seguida, um esboço de como os encontros eram planejados em vários grupos pequenos. Contudo, o dia 10 de dezembro tem praticamente duas páginas de extensão no original. Foram cortadas as anotações sobre o decorrer da viagem de volta para Berlim, inúmeras informações detalhadas (seguindo o formato de agenda) sobre seus encontros desde então e uma introdução aos encontros que estão descritos no final do trecho, como mais tentativas de resolver a situação política que estava se desenvolvendo no momento: "Aus dem Versagen des Apparates in der Frage der Kriegserklärung will ich nun versuchen Konsequenzen zu ziehen und andere Verbindungsdrähte zu spannen. Damit wird jetzt und in den nächsten Tagen viel Zeit vergehen."[145] (MOLTKE, 1988: 334) Cortes como este talvez tenham ocorrido porque Kempowski cria que ficava subentendido que as reuniões subsequentes tratariam da entrada da Alemanha na guerra. O assunto já estaria suficientemente representado com o trecho anterior e não haveria necessidade desse tipo de repetição.

De forma geral, o conteúdo publicado é rico em relatos das últimas notícias do *front* e encontros com o Círculo de Kreisau e contém também alguns poucos comentários sobre a saudade que Moltke sente de Kreisau, a propriedade onde morava com a esposa Freya von Moltke, e sobre os cuidados com as plantações na região. Os textos de Moltke foram utilizados por Kempowski especialmente para dar conta de informações internas sobre a guerra na URSS, mas o recorte feito não foi infiel à imagem que se adquire do autor através de sua correspondência. Embora o livro esteja concentrado na guerra (que é sua temática principal), Kempowski também selecionou trechos relevantes sobre dias preenchidos com trabalho e encontros com outros membros do círculo e deixou algumas de suas menções a Kreisau, sendo que 8 de julho foi totalmente centrado no assunto.

---

[144] "Então começou o principal tema da terça-feira, a dizer, a questão sobre como se poderia evitar uma declaração de guerra alemã contra os E.U.A. Na minha opinião, essa coisa ofereceu uma oportunidade única de, sob a modificação das ocupações, chegar a um acordo com os anglo-saxões, pelo qual nós deixaríamos os japoneses a seu próprio destino e, dessa forma, ofereceríamos aos anglo-saxões a mão para um acordo. Infelizmente, todas as pessoas que deveriam ter funcionado automaticamente nessa questão não funcionaram, e quando eu me envolvi na coisa, já era tarde demais. Hoje, a declaração de guerra será proclamada. [...] / Hoje, às duas e meia, Haushofer e Yorck comerão aqui em casa, e às 3:00 Yorck & eu estaremos na casa de Haeften, à tarde, vem o Einsiedel e à noite Guttenberg com um homem austríaco."

[145] "Eu desejo agora procurar verificar as consequências do fracasso do aparelho na questão da declaração de guerra e estender outros elos de ligação. Com isso, será gasto muito tempo nos próximos dias."

> Heute ist hier schönes Wetter: ein heisser Sommertag. Hoffentlich ist es bei Euch auch schön, damit es unter Deiner Herrschaft in Kreisau auch schön vorwärts geht. Das Heu wird wohl gestern und heute reinkommen, nehme ich an. […] Das Verunkrauten der Rüben ist zu dieser Jahreszeit noch keine Katastrophe. Wenn Ihr jetzt eine Woche gutes Wetter habt, dann sieht das alles gleich anders aus und sie werden vor der Getreideernte noch sauber. Maschinen und Leute müssen jetzt nur hintereinander drin bleiben.[146] (KEMPOWSKI, 2002: 286)

Nesse recorte do "dia", transparece o lado mais pessoal de Moltke, o homem que estava insatisfeito com a vida em Berlim[147] e ansiava por voltar para a vida no campo e cuidar das plantações. Aqui também fica em evidência o contato com a esposa, e a carta perde o aspecto de "diário/agenda" que é tão comum a vários outros trechos. Mas, ao mesmo tempo em que uma luz é lançada sobre a individualidade de Moltke, a temática da guerra não desvanece completamente. Sua morada é chamada pelo nome "Kreisau". Sendo esse um local onde o grupo se encontrou muitas vezes e que deu nome ao círculo, não seria exagerado pensar na mansão como um dos integrantes, e a própria menção de seu nome serve para que o leitor pense no grupo e possa observar esses cuidados com o campo também como um cuidado com um dos principais pontos de encontro da resistência.

Em *Barbarossa '41*, são identificadas, portanto, três temáticas: guerra contra a URSS e E.U.A., encontros com o Círculo de Kreisau e a propriedade de Kreisau. Muito embora estes sejam também os principais temas das cartas de Moltke e seja absolutamente compreensível que descrições como a viagem de volta para Berlim sejam cortadas dos textos, entre os relatos que ficaram de fora da seleção final muitos também são relevantes para a compreensão daquele momento da guerra. Cito três deles:

1. O problema com o abastecimento de alimentos dentro da própria Alemanha:

"Abends war ich bei Ulla. Im ganzen war sie wohl aber verhungert nach Fett. Ich habe ihr ¼ lb Butter versprochen von der, die Du mir mitgegeben hast. Kannst Du ihr noch ein Mal ¼ schicken statt mir."[148] (MOLTKE, 1988: 260)

2. A situação na Grécia:

[146] "Hoje, está fazendo um bom tempo por aqui: um dia quente de verão. Tomara que também esteja bom por aí para que as coisas progridam bem em Kreisau sob o seu comando. O feno deve chegar hoje e amanhã, suponho eu. [...] As ervas daninhas nos nabos não são nenhuma catástrofe nessa época do ano. Se vocês tiverem uma semana de bom tempo agora, então tudo logo vai ter um aspecto diferente e eles ainda vão ficar limpos antes da colheita de grãos. Agora, máquinas e pessoas devem ficar lá, continuamente."

[147] Em muitos dos trechos que foram cortados, Moltke fala sobre a saudade de casa "denn nur da sind meine Würzelchen" (MOLTKE, 1988: 335) ("pois apenas aí estão minhas pequenas raízes"), e comenta que está cansado da vida na cidade: "Wie gerne wäre ich zu Hause und wie unangenehm ist die Stadt. Ich habe sie satt." (*ibidem*: 337) ("Como eu gostaria de estar em casa agora e como é desagradável a cidade. Estou farto dela.")

[148] "À noite, eu estive na casa de Ulla. Mas, de forma geral, ela estava certamente com muita necessidade de comer gordura. Eu prometi a ela ¼ libra daquela manteiga que você havia me dado. Você pode mandar mais ¼ para ela, em vez de mandar para mim."

> Gestern früh habe ich gearbeitet, wie ich schon schrieb und mittags war ich bei Üxens, wo Connie Üx, der Fliegermajor, war. Er hatte die Leitung der Operationen des ersten Tages in Kreta, weil der General doch sofort gefallen war. Seine Beschreibung des ersten Tages waren erstaunlich und es erscheint danach unverständlich, warum die Neuseeländer nicht angriffen. Sie hatten weder Munition noch Lebensmittel [,] dafür aber viele Verwundete und Tote. – Leider waren seine Berichte über das Benehmen der eigenen Truppen nach der Eroberung sehr betrüblich, beängstigend beinahe. Er berichtete über die Lust am gemeinen Mord und an der Plünderung. So habe ich es nie für möglich gehalten. Wenn sich seine Berichte auch nur annähernd verallgemeinen lassen, dann steht es sehr schlimm um uns.[149] (*ibidem*: 262)

3. Comentário sobre pessoas que se mantêm alheias à guerra:

> C.V.'s [Brief] ist ein solcher wirrer Unsinn, daß man sich wundert, wie ein an sich intelligenter Mann in einen solchen Zustand der Geistesverwirrung geraten kann. Es ist ein Zeichen seiner Bequemlichkeit: […] er malt ein Bild der Welt, in dem dieses Schicksal hineinpasst. In diesem Bild ist aber alles verquer. Die Überschätzung der Materie und der Macht, die Überbewertung des Krieges im Verhältnis zu allen anderen Faktoren der Politik, die Missachtung des Individuums, die Unkenntnis der ersten Grundlagen aller europäischen Kultur, daß nämlich jeder Mensch ein selbständiger Schöpfungsgedanke Gottes ist, dieser Rückschritt in das Alte Testament und in asiatische Vorstellungen. – Nun, die kommende Zeit wird seine Vorstellungen wohl wandeln.[150] (*ibidem*: 335)

Essas três passagens, além de informar sobre a situação vivida na época, não deixam de ser de grande importância para compreender quem foi Moltke. A primeira dá sinais de quanto ele era prestativo, quando ele pretende entregar parte da própria manteiga para a amiga que está passando por dificuldades, e a terceira delineia melhor a religiosidade de Moltke. Embora boa parte de sua motivação para participar da resistência contra o Nacional Socialismo tenha sido o Cristianismo, ele não utiliza a religião como forma de se cegar sobre o que está acontecendo e censura quem não tenha um posicionamento mais crítico e progressista no seu modo de lidar com a fé. O relato de Creta dá indícios de como ele ainda iria reagir ao saber do que estava ocorrendo nas frentes de batalha na URSS e aponta para o fato de que ele, nesse primeiro momento da guerra (7 de julho), ainda não tinha consciência dos

[149] "Ontem cedo, eu trabalhei, como eu já havia escrito, e à tarde eu estive na casa dos Üx, onde estava Connie Üx, o Major-Brigadeiro-do-Ar. Ele teve a direção da operação do primeiro dia em Creta, porque o General lá caiu imediatamente [o Tenente General Süßmann morreu na decolagem no dia 20/05]. Suas descrições do primeiro dia foram impressionantes e, depois disso, parece incompreensível que os neozelandeses não tenham atacado. Eles não tinham nem munição, nem mantimentos [,] mas, por outro lado, muitos feridos e mortos. – Infelizmente, seus relatos sobre o comportamento das próprias tropas depois da conquista foram muito terríveis, praticamente aterrorizadores. Ele relatou o prazer no assassinato cruel e no saqueamento. Eu nunca pensei que isso fosse possível. Se seus relatos se deixarem generalizar apenas aproximadamente, então a situação está muito ruim em torno de nós."

[150] "[A carta de] C.V. [Carl Viggo von Moltke, irmão mais novo do pai de Moltke] é de uma tal loucura desnorteada que é de se espantar como um homem inteligente pode ter acabando em um tal estado de confusão intelectual. É um sinal de sua acomodação: [...] ele pinta uma imagem do mundo, na qual esse destino se encaixa. Mas tudo nessa imagem é estranho. Essa supervalorização da matéria e do poder, a sobrevaloração da guerra em relação a todos os outros valores da política, a falta de consideração pelo indivíduo, o desconhecimento das primeiras bases de toda a cultura europeia, que, na verdade, cada ser humano é um pensamento criador independente de Deus, esse regresso ao Velho Testamento e às ideias asiáticas. – Agora, os tempos vindouros certamente irão mudar suas ideias."

massacres que já estavam sendo preparados em solo soviético. As justificativas para esses cortes podem ser variadas. Falar sobre a falta de gordura na Alemanha ainda nos primeiros dias da invasão à URSS (2 de julho) poderia soar desrespeitoso diante do que ainda seria retratado pelos civis de Leningrado em dezembro do mesmo ano. Os pontos centrais do livro são o ataque à União Soviética e a Pearl Harbor em dezembro, o que não incluiria a Grécia – por outro lado, há comentários sobre a situação na África em alguns pontos de *Barbarossa '41*. E a imagem de uma pessoa que se mantém alheia à guerra já é incorporada por parte dos textos de André Gide. Mas, em uma obra de montagem das proporções de *Das Echolot*, e, levando-se em consideração o fato de que *Barbarossa '41* é o primeiro livro com "dias" consideravelmente mais curtos, a resposta mais provável estaria na escolha das três temáticas representativas de Moltke. Mantendo-se fiel aos três temas principais da correspondência de Moltke – ora centrando-se mais em um, ora em outro – Kempowski reproduz, mesmo que em menor escala, uma imagem de Moltke que possa ser considerada fiel àquela que é apresentada pelas cartas originais. Se, por um lado, pode-se afirmar que Kempowski peca por excluir trechos que poderiam ser reveladores sobre quem foi o indivíduo Helmuth James von Moltke, por outro, também é um fato que o recorte de dias que ele faz nunca poderia possibilitar uma imagem completa e não fragmentária de qualquer um de seus autores. Dessa forma, o leitor que se interessar pelos textos apresentados pode recorrer aos originais.

II.2.2.1.2. Os irmãos Hans e Sophie Scholl

Os irmãos Scholl são dois dos integrantes mais conhecidos do grupo de resistência universitário intitulado "Rosa Branca". O grupo foi iniciado pelos estudantes de Medicina Hans Scholl, Christoph Probst, Alexander Schmorell e Willi Graf. Como estudantes da área de saúde, todos tiveram de trabalhar em campos de batalha. A experiência que tiveram no *front*, associada à informação sobre os assassinatos em massa na Polônia e na URSS, fez com que os jovens decidissem produzir panfletos contra a ditadura nacional socialista. Em julho de 1942, eles redigiram e distribuíram quatro diferentes panfletos criticando a política vigente e incitando o povo a fazer parte da resistência. Os panfletos eram distribuídos clandestinamente e pediam a seus leitores que os divulgassem. O apelo teve um saldo positivo: os panfletos chegaram a diferentes pontos da Alemanha. Uma grande parte dos colaboradores do grupo que foram encontrados pela Gestapo e julgados jamais teve qualquer tipo de contato com os fundadores em Munique. Após prestar serviço obrigatório para o *Reich* em 1941, a irmã de Hans, Sophie Scholl, havia se mudado para Munique em maio de 1942 para estudar Biologia e Filosofia. A princípio, o irmão procurou protegê-la, mas Sophie inteirou-se do grupo e

decidiu integrar-se a ele. Houve uma longa pausa na distribuição de panfletos quando os rapazes foram mandados em uma missão na URSS, retornando apenas em janeiro de 1943. Durante esse período, a situação em Stalingrado se complicou e o professor de Filosofia Kurt Huber, que havia sido uma influência para o grupo e com o qual eles tiveram discussões sobre política, tomou parte na redação do quinto e último panfleto. Este foi distribuído pelos irmãos Scholl e por Christoph Probst na universidade de Munique no dia 18 de fevereiro de 1943, ocasião na qual foram descobertos e presos. Todos os aqui citados foram condenados à morte.

A Rosa Branca tornou-se um dos grupos de resistência da Segunda Guerra mais emblemáticos. O grupo tinha como base intelectual a religião católica. Como a correspondência dos irmãos deixa transparecer muito dessa espiritualidade, comenta-se que ela é de grande importância para a compreensão do movimento.[151] Em 1941, Sophie Scholl ainda tinha que prestar serviços junto a BDM (Bund Deutscher Mädchen – Liga das Moças Alemãs) e seu irmão ainda não havia iniciado a Rosa Branca com seus amigos. Embora o gérmen da Rosa Branca ainda não estivesse plantado nesse momento, as anotações dos irmãos podem demonstrar o descontentamento com a situação política – em especial as de Sophie Scholl, que estava insatisfeita com o serviço militar – e a religiosidade dos jovens.

A primeira carta dos irmãos que foi incluída em *Barbarossa '41* parece não trazer qualquer tipo de informação especial:

> Gestern abend spielte man hier. Im Brunnenhof die Haydn-Serenade und noch einige andere wunderbare Streichquartette. Ich freue mich darauf, bis Du dies alles miterleben kannst. Sollte ich im nächsten Semester nicht studieren dürfen, so habe ich für Dich ein nettes Zimmer schon beschlagnahmt.[152] (KEMPOWSKI, 2002: 168)

Mas, se o texto for observado com mais cautela, ele oferece indicação para dois fatos futuros que serão de extrema importância para a Rosa Branca: a mudança de Sophie para Munique e a necessidade de Hans (e seus colegas de faculdade) prestar serviço militar, o que faria com que eles tomassem uma consciência política maior e decidissem assumir uma posição.

A oposição dos irmãos ao Nacional Socialismo é representada, nesse momento, pelo desgosto que eles sentem em relação ao serviço militar. Como na carta que Hans Scholl escreve para a mãe:

---

[151] Vide HARALD, 1992: 59.

[152] "Ontem à noite, tocaram a Serenata de Haydn e mais alguns maravilhosos quartetos de corda aqui no Brunnenhof. Alegro-me com o dia que você poderá vivenciar isto comigo. Se eu não puder estudar no semestre que vem, já requeri um quarto simpático para você."

> Ich habe nun den Kommiß 4 Jahre lang mehr oder minder gleichmütig ertragen im Hinblick auf sein kommendes Ende. Aber gegenwärtig bin ich in dem Zustande, daß er mich krank macht. Jede Kleinigkeit nimmt mir viel zu viel Energie weg. Ich verliere die ganze Freude am Studium.[153] (KEMPOWSKI, 2002: 322)

Nesse ponto, Hans Scholl estava perdendo a alegria no estudo de Medicina, porque o relacionava com o trabalho em campanha e, provavelmente, ele já estava começando a perceber que o final desse serviço militar não devia estar tão próximo quanto imaginava. Já Sophie Scholl, que conhecidamente teve problemas de adaptação durante o serviço obrigatório por não conseguir lidar com as outras meninas, que ela considerava fúteis, faz a crítica através de um elogio às poucas com quem conseguiu se entender: "Welch ein Glück, daß es Menschen gibt. Die auch im Kommiß, so viel er sie leiden läßt, unabhängig sind im innersten, da sie nicht an den Dingen hängen, die Menschen entziehen können, und daß man solche Menschen zu seinen Freunden zählen darf."[154] (*ibidem*: 415) O elogio àqueles que conseguem se manter independentes em seu íntimo vem como uma crítica àqueles que aceitam todas as ideias do Nacional Socialismo sem discutir.

A fé é um dos pontos mais presentes nas citações dos irmãos em *Barbarossa '41*. De maneiras diferentes, ambos estão se aprofundando mais na religiosidade nesse momento. Hans Scholl comenta que está, pela primeira vez, vivenciando o Natal na verdadeira fé cristã, e, em 22 de dezembro de 1941, escreve uma carta a Carl Muth que o auxiliou a encontrar esse caminho:

> Einige Worte des Dankes möchte ich an Sie richten, die sich leichter schreiben als sagen lassen. Ich bin erfüllt von der Freude, zum ersten Mal in meinem Leben Weihnachten eigentlich und in klarer Überzeugung christlich zu feiern. / […] Zwei tiefe Erlebnisse, von denen ich Ihnen noch erzählen muß, und schließlich der grauenhafte Krieg, dieser Moloch, der von unten herauf in die Seelen aller Männer schlich und sie zu töten versuchte, machten mich noch einsamer. / Eines Tages ist dann von irgendwoher die Lösung gefallen. Ich hörte den Namen des Herrn und vernahm ihn. In diese Zeit fällt meine erste Begegnung mit Ihnen. Dann ist es von Tag zu Tag heller geworden. Dann ist es wie Schuppen von meinen Augen gefallen. Ich bete. Ich spüre einen sicheren Hintergrund und ich sehe ein sicheres Ziel. Mir ist in diesem Jahre Christus neu geboren.[155] (*ibidem*: 567-568)

---

[153] "Agora, eu aguentei 4 anos de serviço militar mais ou menos indiferente, tendo em vista o seu final que se aproxima. Mas, atualmente, eu estou em um estado que me deixa doente. Cada detalhe me tira energia demais. Eu estou perdendo toda a alegria no estudo."

[154] "Que sorte que também haja pessoas que, mesmo no serviço militar, mesmo com o tanto que ele as faz sofrer, são independentes em seu interior, pois elas não se atêm a coisas que podem privar as pessoas, e que se possa contar com essas pessoas como amigos."

[155] "Eu gostaria de dirigir-lhe algumas palavras de agradecimento, elas se deixam escrever mais facilmente do que dizer. Estou repleto de alegria de comemorar, pela primeira vez em minha vida, o Natal numa clara convicção cristã. / [...] Duas vivências profundas, sobre as quais ainda devo lhe contar, e, por fim, a terrível guerra, este poder devorador, que rasteja de baixo para a alma do homem e tenta matá-la, o que me tornou mais solitário. / Um dia, a solução caiu de algum lugar. Eu ouvi o nome do Senhor e o entendi. Meu encontro com o Senhor ocorreu neste período. Então ficou mais claro de dia para dia. Como se meus olhos houvessem se aberto

Sophie Scholl expressa essa fase de descobrimento da religião em uma carta à irmã Inge, na qual admite não saber como lidar com Deus:

> [...] wenn ich beten will und überlege mir, zu wem ich bete, da könnte ich ganz verrückt werden, da werde ich dann so winzig klein, ich fürchte mich direkt, so daß kein anderes Gefühl als das der Furcht aufkommen kann. Überhaupt fühle ich mich so ohnmächtig, und ich bin es wohl auch. Ich kann um nichts anderes beten, als um das Betenkönnen. Weißt Du, wenn ich Gott denke, da stehe ich da wie ganz mit Blindheit geschlagen, ich kann gar nichts tun. Ich habe keine, keine Ahnung von Gott, kein Verhältnis zu ihm. Nur eben, daß ich das weiß. Und da hilft wohl nichts anderes als Beten. / Beten.[156] (*ibidem*: 365)

E, aparentemente, assim como no caso do irmão, essa fase de sofrimento que a guerra está trazendo para Sophie Scholl faz com que ela tenha ainda mais fé e que note que outros deverão descobrir a fé ao perder o que tinham, como ela expressa para a amiga Lisa Rempis:

> Ich finde das Leben trotz allem noch so reich und gut, nur mögen es die Menschen nicht im Guten gebrauchen. Vielleicht ist es gut, wenn wir ganz arm werden, um für einen weniger vergänglichen Reichtum bereiter zu werden. Denn sucht man nicht, da einem soviel genommen wird, noch Ersatz? Und merkt dann, daß man sich durch zuviel zerstreuen ließ und sein Herz an unwürdige Dinge hängte. Vielleicht muß man erst entdecken, daß man ein Herz hat. Das ist seltsam.[157] (*ibidem*: 415)

No que diz respeito aos sentimentos e pensamentos mais profundos, praticamente todo o material deixado por Hans e Sophie Scholl foi incluído em *Barbarossa '41*. As maiores preocupações expressas por esses jovens em suas cartas eram, de fato, o serviço militar e a religião. Mas essas correspondências foram enviadas para amigos e familiares que estavam distantes e elas contêm uma série de assuntos que só dizem respeito à manutenção de contato entre essas pessoas, como quando Sophie Scholl expressa sua alegria ao receber as fotos enviadas pelo irmão, ou os questionamentos sobre quando será o próximo encontro, ou ainda as preocupações de Hans Scholl com a compra dos presentes de Natal:

> "Meine" Weihnachtsgeschenke habe ich fast vollzählig beisammen. Nur für Inge fehlt mir noch etwas. Und ich möchte ihr nichts Geringes schenken. Es reicht mir aber mein Geld nicht

---

de repente. Eu rezo. Eu sinto um segundo plano seguro e vejo um objetivo seguro. Para mim, Cristo renasceu neste ano."

[156] "[...] quando quero rezar e me questiono para quem estou rezando, eu poderia ficar completamente louca, eu fico tão minúscula, temo por mim tão diretamente que nenhum outro sentimento além do temor pode surgir. Sinto-me absolutamente impotente, e certamente também o sou. Não posso rezar por nada além de poder rezar. Você sabia que, quando eu penso em Deus, então eu fico como que completamente abatida pela cegueira, que eu nada posso fazer. Eu não tenho nenhuma, nenhuma ideia do que é Deus, nenhuma relação com ele. Apenas que eu sei isso. E nessa situação não há nada que me ajude além de rezar. / Rezar."

[157] "Apesar de tudo, acho a vida tão rica e boa, as pessoas apenas não querem usar todo esse bem. Talvez seria bom se nós ficássemos bem pobres para nos tornarmos mais prontos para uma riqueza menos efêmera. Pois não se procura substituição onde tanto foi tirado? E nota-se então que nos deixamos distrair por tantas coisas e que o coração estava preso a coisas sem valor. Talvez se deva descobrir primeiro que se tem um coração. Isso é raro."

> aus. Könntest Du mir nicht mit 20.- aushelfen, ich gebe sie selbstverständlich am 1. Jan. zurück. Ich verdiene ja genügend.[158] (JENS, 2005: 92)

Esse trecho da carta para a mãe demonstra o carinho que os irmãos nutriam uns pelos outros, mas não é uma informação vital para que se compreenda quem foram esses membros da resistência e o que os levou às ações por eles executadas. Por essa razão, esse trecho foi subtraído dos fragmentos.

Em 1941, Sophie Scholl tinha 20 anos e um espírito adolescente ainda está presente em algumas de suas cartas: "Als sichtbares (nicht allzu sichtbares) Zeichen meiner dauernden Opposition, werde ich noch heute abend eine von Annelieses guten Zigaretten rauchen (ich erhielt gestern ein Päckchen von ihr, das ist doch nett, gell?), denn auch das ist verboten."[159] (*ibidem*: 228) Esse trecho, por exemplo, demonstra a insatisfação de Sophie Scholl com o serviço obrigatório, mas sua oposição é juvenil e em pouco (ou nada) se compara ao ato de 1943. Entretanto, nessa crítica mais descontraída, transparece a menina que ela ainda era, o que se perde com o corte desse fragmento e das informações mais triviais das cartas.

Os irmãos Scholl e as bases para o movimento de resistência Rosa Branca são representados no recorte de *Barbarossa '41*, entretanto uma apresentação da personalidade individual de Sophie Scholl acaba se tornando incompleta devido ao enfoque centrado apenas na religiosidade e em uma oposição mais madura ao regime nazista.

II.2.2.1.3. Ulrich von Hassell

Ulrich von Hassell era ativo em cargos diplomáticos desde 1909, e, quando Hitler chegou ao poder, ele era responsável pela embaixada de Roma. Desde o início, o diplomata não via a política externa nazista com bons olhos, já que acreditava que tais ações acabariam por levar à guerra. Após a crise Blomberg-Fritsch, em fevereiro de 1938, Hassell foi suspenso de seu cargo como embaixador. Com o início da guerra em 1939, Hassell tornou-se atuante na oposição e entrou em contato repetidas vezes com representantes da Inglaterra e dos EUA. Infelizmente, ele era considerado pelos ingleses apenas como "mais um alemão" e seu esforço foi infrutífero (cf. SCHÖLLGEN, 1990: 123). Nesse período, Hassell uniu-se a Carl Goerdeler e Ludwig Beck para formar um grupo de oposição. Em contraste com o Círculo de Kreisau, esse era um grupo formado por pessoas mais velhas e conservadoras que temiam o bolchevismo. Logo Hassell ainda retomaria seu trabalho no partido, o qual, embora não lhe

[158] "Eu comprei quase todos os 'meus' presentes de Natal. Só me falta algo para Inge [irmã]. E eu não gostaria de presentear-lhe com algo menor. Mas meu dinheiro não é suficiente. Você não poderia me ajudar com 20,00, eu devolvo com certeza no dia primeiro de jan. Eu recebo suficientemente."

[159] "Como símbolo visível (não tão visível) de minha oposição permanente, vou fumar hoje à noite um dos bons cigarros de Annelies (eu recebi um pequeno maço dela ontem, legal, não?), pois isso também é proibido."

desse o menor prazer, ele considerava necessário como base para sua atuação na oposição (cf. *ibidem*: 110). Ele tomou parte nos planejamentos do golpe de Estado de julho de 1944, quando ficou decidido que, se a operação fosse bem-sucedida, ele teria o cargo de Ministro das Relações Exteriores. Quando o golpe falhou, Hassell não fugiu e decidiu esperar por seu destino, sendo preso quatro dias depois. Ele foi condenado e executado no mesmo dia, em 8 de setembro de 1944.

Em *Barbarossa '41*, assim como em seu diário de forma geral, Ulrich von Hassell faz longos e duros comentários sobre o desenvolvimento da política de então. Embora seus textos possam ser extremamente longos, Hassell não escrevia com tanta frequência, razão pela qual há poucas citações dele no livro.[160] Contudo, a situação criada pelo afastamento de Brauchitsch de seu cargo parece dar um certo ímpeto para as anotações de Hassell, que são muito mais frequentes no final de dezembro de 1941.

O primeiro fragmento de Hassell pode impressionar pela extensão de três páginas, entretanto, o texto original tem mais de cinco. Há uma grande profusão de informações no texto original, que é aberto com o seguinte comentário (excluído por Kempowski): "Weihnachten und das Jahresende nähern sich; seit den letzten Notizen hat sich die Lage bedeutend verschoben. Die Aussicht, im Innern und international zu einem Ende des verbrecherischen Wahnsinns zu kommen, wird immer geringer."[161] (HASSELL, 1988: 286) O texto que segue e que não foi incluído no livro discorre sobre as mudanças nos últimos tempos: a escassez de matéria-prima e mantimentos, a saída de Brauchitsch, o ataque do Japão aos EUA, preocupações com a tropa de tanques e a exposição da França e dos Balcãs. Vendo *Barbarossa '41* como um todo, mesmo que parte dessas informações não se refira ao período apresentado no "dia", elas não deixam de ser de interesse para a representação da história, uma vez que não estão presentes em outros pontos do livro. Assim como foi cortada a informação sobre a falta de gordura na alimentação da amiga alemã de Moltke, aqui é excluída a informação sobre "Verschlechterung der Ernährungslage (vor allem Kartoffeln!) nebst zunehmendem Rohstoffmangel (vor allem Petroleum)".[162] Mais uma vez, a exclusão desse assunto pode ser justificada pela gravidade do problema de abastecimento causado pelo cerco de Leningrado. Sobre Brauchitsch obtém-se aqui a informação nova de que ele já estava ciente do que poderia acontecer e já procurava, no dia 2 de dezembro, estabelecer contato com Hassell para discutir o assunto. Essas anotações não são excluídas de *Barbarossa '41*

[160] Apenas um dia, 29 de dezembro, no qual Hassell também escreveu, foi completamente excluído.
[161] "Natal e final do ano aproximam-se; desde as últimas anotações, a situação modificou-se significativamente. A perspectiva interna e internacional de chegar ao final da loucura criminosa é cada vez menor."
[162] "Piora na situação da alimentação (sobretudo batata!) junto à escassez crescente de matéria-prima (sobretudo petróleo)."

simplesmente devido ao fato de que o afastamento já era fato concreto no dia 21 de dezembro, mas também porque esse é um assunto caro a Hassell e seria tratado também em outras notas que foram preservadas no livro, a dizer, as dos "dias" 23 e 28 de dezembro. As afirmações da última constituem uma forte crítica aos veículos de notícia mentirosos da época:

> Die Lügerei ist bereits im vollen Gang. Die Partei verbreitet überall, und bei den Dummen mit Erfolg, die Generäle hätten unsinnig vorwärts stürmen wollen, aber der geniale, gute Führer habe Halt geboten, Blut gespart und vielen Heimaturlaub ermöglicht. Dabei ist das grade Gegenteil wahr: Hitler hat vorwärts gedrängt, gegen das Votum der militärischen Führung die Offensive im Süden *und* in der Mitte erzwungen, bei erstem Zurückgehen Kleists gefaucht und Unsinniges gefordert. Brauchitsch erkannte richtig, daß man auf das Petroleum nicht losgehen konnte, ehe man mit Moskau fertig war.[163] (KEMPOWSKI, 2002: 652; itálico do original)

Ainda no dia 21 de dezembro, Hassell critica o ataque do Japão aos EUA, que naquele momento todos estavam vendo de maneira positiva, mas que Hassell via apenas como uma razão para que a guerra durasse ainda mais. Ele afirma:

> Außerdem sind die ersten japanischen Siege in ihrer Bedeutung noch problematisch, wie sie überwiegend auf Überraschung unter Ausnutzung der näheren Operationsbasis erzielt worden sind. […] Angesichts der physischen Schwäche Japans muß es auf die Dauer unterliegen.[164] (HASSEL, 1988: 287)

Como o texto é demasiadamente longo, apenas uma frase é mantida, a qual resume todo o descontentamento de Hassell com os acontecimentos dos últimos dias: "Die Leichtfertigkeit, mit der unsere politische Führung in diesen Krieg gegangen ist und ihn immer mehr erweitert, ist wohl ohnegleichen in der Geschichte."[165] (KEMPOWSKI, 2002: 552) O texto do "dia" 21 de dezembro seguirá com críticas a Ribbentrop, um comentário sobre uma discussão com Goerdeler, Beck e Popitz sobre a questão de uma mudança de sistema político na Alemanha e um longo trecho no qual ele relata seu encontro com os integrantes do Círculo de Kreisau – todos representados por codinomes, como é comum em seu diário. O tema é introduzido pelas seguintes frases: "Ich hatte immer etwas das Bedenken, daß wir zu wenig Kontakt mit jüngeren Kreisen hätten. Dieser Wunsch ist jetzt erfüllt worden; grade

[163] "A mentiralhada já está a toda. O partido espalha por toda a parte, e tem sucesso com os tolos, que os generais haveriam desejado seguir atacando como loucos, mas que o bom e genial *Führer* ofereceu uma pausa, poupando sangue e possibilitando férias em casa para muitos. E justamente o contrário é a verdade: Hitler forçou o avanço, obrigou a ofensiva no sul *e* no centro contra o voto da direção militar, bufou na primeira retirada de Kleist e exigiu loucuras. Brauchitsch reconheceu, com razão, que não se pode ir ao petróleo antes de ter acabado com Moscou."

[164] "Além disso, as primeiras vitórias japonesas ainda são problemáticas em sua significância, já que elas foram obtidas predominantemente graças ao foco no efeito-surpresa sob a exploração da base de operações próxima. [...] Em vista da fraqueza física do Japão, ele deve sucumbir com o tempo."

[165] "A leviandade com a qual nossa liderança política tem lidado com essa guerra e a expandido cada vez mais certamente não encontra equivalente na História."

dabei haben sich nun neue große Schwierigkeiten gezeigt."[166] (*ibidem*: 553) Entre os problemas citados por ele estavam desde os integrantes do Círculo de Kreisau não desejarem o retorno da Monarquia – mesmo havendo monarquistas entre eles – e a antipatia de Goerdeler pelo grupo (que, como vimos anteriormente, foi recíproca). Embora esse encontro não tenha dado frutos, ele é de grande importância tanto para mostrar que houve contato entre os diferentes grupos de resistência alemã quanto para demonstrar que o diálogo entre eles foi na maior parte das vezes difícil, o que fez com que a resistência permanecesse dividida e por isso nunca tenha sido suficientemente forte para enfrentar o Nacional Socialismo (cf. SCHÖLLGEN, 1990: 101). Provavelmente por essa razão, Kempowski mantém o texto integral no que diz respeito ao Círculo de Kreisau, mesmo sendo este um trecho longo – mais de duas páginas.

Além das ponderações sobre Brauchitsch, ainda se encontra no livro um relato de Hassell sobre a insolência de uma jovem do BDM,[167] que disse em voz alta ao entrar em um metrô: "Die Zukunft des deutschen Volkes steht, das Friedhofgemüse sitzt!".[168] Ela logo recebeu como resposta um tabefe de um idoso. Essa nota diz respeito à educação dos jovens na época e é a única um pouco menos entranhada em profundas questões políticas.

Foram cortados os comentários sobre a possível demissão de Franz Halder, primeiro um falso alarme em 22 de dezembro, e depois, no dia 29, uma espécie de "errata", pois Halder continua ocupando seu cargo, embora Hassell tenha certeza de que é tudo uma questão de tempo: "Nach neuerer Nachricht soll Halder gar nicht ab sein, einem Kameraden allerdings gesagt haben, ob es noch lange dauere, sei eine andere Frage."[169] (HASSELL, 1988: 292) Embora essa anotação lide com um fato que não pode ser englobado pelos "dias" de *Barbarossa '41* e a sua inclusão poderia ter um efeito positivo, apontando as consequências que a política de Hitler ainda teria, ela se baseia em um boato que havia se provado falso, o que pode ser uma justificativa para que ela não tenha sido incluída.

Os cortes que o texto de Hassell recebe não alteram em nada a imagem que um leitor de seu diário recebe. Em ambos os livros há a representação de um homem sério e extremamente ocupado com assuntos políticos, não apenas devido a sua ocupação profissional, mas também nas coisas pequenas do dia a dia, como quando ele comenta o caso da menina do BDM. Seus comentários contra as decisões políticas de Hitler são tão enfáticos que a imagem da resistência se faz presente em todos os seus textos.

---

[166] "Eu sempre considerei, de alguma maneira, que nós tínhamos muito pouco contato com os círculos mais jovens. Esse desejo foi agora satisfeito, e justamente ao fazê-lo, agora, novas dificuldades se mostraram."
[167] Bund Deutscher Mädel (Liga das Meninas Alemãs), grupo feminino equivalente à Juventude Hitlerista.
[168] "O futuro do povo alemão está de pé, e os legumes de cemitério estão sentados!"
[169] "Segundo novas notícias, Halder ainda não está fora, certamente, dizer aos camaradas se isso ainda vai levar tempo é uma outra questão."

II.2.2.2. Civis alemães

Devido ao andamento da guerra, há um número limitado de civis alemães no livro e este é basicamente composto por vozes femininas, pois os homens deveriam estar em campo de batalha, ou preparando-se para ele. Embora haja poucas vozes nesse grupo, não há a sensação de que ele esteja subrepresentado, uma vez que duas de suas vozes são presença constante no livro – Grete Dölker-Rehder e Hilde Wieschenberg – e não seria um exagero afirmar que Dölker-Rehder é uma das figuras mais marcantes do livro.

Mesmo com poucas civis alemãs, Kempowski foi bem-sucedido em fazer um recorte representativo. Em *Barbarossa '41*, estão presentes as três gerações. Grete Dölker-Rehder é mãe de dois rapazes que estão servindo o exército, um dos quais está desaparecido, e ainda durante o ano de 1941 ela tornar-se-ia avó. Hilde Wieschenberg é mãe de duas meninas pequenas e espera pelo marido que está servindo no cerco a Leningrando. Marianne Sperl é uma jovem de 17 anos, e, nesse momento, ainda não tem nenhum contato mais direto com a guerra.

Aqui, vou referir-me a civis, porque o foco dos fragmentos é mais a relação dos familiares com os soldados distantes, e como os civis receberam a guerra. Muito embora Dölker-Rehder fosse uma simpatizante convicta do Nacional Socialismo, não há, nem mesmo dela, qualquer tipo de comentário sobre o tratamento que os judeus estavam recebendo nesse período, e é por esta razão que não definirei o grupo como "observadores". Não porque essas mulheres não o tenham sido, mas porque os fragmentos escritos por elas nesse período não abrangem o tema da perseguição aos judeus.

II.2.2.2.1. Grete Dölker-Rehder

Grete Dölker-Rehder foi, na minha experiência pessoal com o livro, a primeira voz que passei a reconhecer ao longo dos "dias". Seu filho Sigfrid estava no couraçado alemão Bismarck quando ele naufragou durante uma batalha contra os ingleses em maio de 1941, e a dúvida sobre a morte do filho perpassa a grande maioria dos textos de Dölker-Rehder. É a repetição temática que faz com que ela se torne de fácil reconhecimento e também uma das vozes marcantes no livro.[170] A primeira menção que ela faz ao filho ocorre, entretanto, apenas no "dia" 23 de junho, em seu terceiro fragmento e no terceiro "dia" do livro:

[170] A repetição temática não marca apenas Dölker-Rehder, mas também outras vozes anônimas que serão tratadas mais adiante: Jura Rjabinkin, que sente culpa por roubar frações dos alimentos da família, e Pjotr Samarin, que tem a grandeza de espírito de se dedicar à leitura de *Guerra e Paz* de Liev Tolstói durante o cerco.

> Der siebte Krieg in 1 ½ Jahren: Polen, Norwegen, Holland-Belgien, Frankreich, Afrika, Jugoslawien-Griechenland. Nun, unser Volk ist so geduldig und so stark. Es nimmt auch den gegen Russland noch auf sich. Daß wir auch dort siegen, bezweifelt niemand. Aber Tote und Verwundete wird es wieder geben. Unsere Jugend blutet! Die jungen Männer fallen, die Mädchen kriegen keine Männer, die Enkel bleiben ungeboren, immer die gleiche schreckliche Rechnung der Kriege! – Von Sigfrid natürlich noch nichts. Meine Trauer läßt nicht nach, aber meine Festigkeit nimmt zu. – Er lebt, und ich bete für ihn, das wird ihn schon erreichen.[171] (KEMPOWSKI, 2002: 53)

Dölker-Rehder não demonstra apenas a preocupação com o filho, do qual ainda não recebeu notícias, esperando que ainda esteja vivo. Ela também sente pela alta mortalidade em tempos de guerra, que destrói tantas famílias. Todavia, seu texto não é apenas o da mãe que sofre pela perda do filho e se comisera de outras tantas famílias, ele ainda é marcado por traços de nacionalismo, como quando ela se refere à "nossa juventude" que sangra, ou quando fala das mulheres que não terão maridos e os netos que não nasceram. Em suas palavras misturam-se a dor de mãe que perdeu o filho (mas ainda tem esperanças de que ele tenha sobrevivido) e o discurso nacionalista que clama por famílias saudáveis e ricas em filhos.

O discurso nacional socialista é muito forte nas citações de Dölker-Rehder e persiste até mesmo diante da revolta pelo filho desaparecido, como no comentário que ela faz sobre uma carta que recebeu da Marinha:

> Unser Sohn werde wohl mit unter "den Opfern für Deutschlands Größe und Zukunft" gewesen sein. (Ach, was hat das mit Deutschlands Größe und Zukunft zu tun? Ich habe meinen Sohn für Deutschlands Größe und Zukunft geboren, und Deutschland hat ihn – wenn es so ist – fahrlässig sterben lassen! Wüssten wir wenigsten, daß er im Kampf gefallen wäre! Aber nicht so ertrinken lassen zu Hunderten und Tausenden, nein, das geht nicht!)[172] (*ibidem*: 117)

Dölker-Rehder é tão convencida do Nacional Socialismo que, mesmo diante da possibilidade da morte do filho, não consegue se virar completamente contra o sistema. Ela tem certeza de que a Alemanha terá um futuro brilhante e ainda acredita que as guerras que estão sendo conduzidas por Hitler são justificáveis, e quando tem de confrontar esses valores com a morte do filho, ela acaba em um impasse. O erro da nação alemã não estaria no fato de expor seus homens a situações de risco e causar tantas mortes, mas sim no fato de não

[171] "A sétima guerra em um ano e meio: Polônia, Noruega, Holanda-Bélgica, França, África, Iugoslávia-Grécia. Ora, nosso povo é tão paciente e tão forte. Agora também assume a guerra contra a Rússia. Ninguém duvida que nós também venceremos lá. Mas, mais uma vez, haverá mortos e feridos. Nossa juventude sangra! Os jovens homens caem em batalha, as meninas ficam sem maridos, os netos não nascerão, sempre o mesmo cálculo terrível da guerra! – Claro que ainda não há notícias de Sigfrid. Minha tristeza não me deixa, mas minha perseverança aumenta. – Ele vive, e eu oro por ele, isso já irá alcançá-lo."

[172] "Nosso filho certamente estaria entre 'as vítimas a favor da grandiosidade e do futuro da Alemanha'. (Ah, o que isso tem a ver com a grandiosidade e o futuro da Alemanha? Eu pari meu filho para a grandiosidade e o futuro da Alemanha, e a Alemanha – se assim o for – deixou-o morrer negligentemente! Se nós ao menos soubéssemos que ele morreu em batalha! Mas não permitir que morra afogado com centenas e milhares, não, isso não é possível!)"

permitir que seu filho tenha caído de forma digna, como um herói. Se ele houvesse morrido em batalha, a mãe poderia se consolar com a ilusão de que tudo aconteceu em uma batalha feroz, de que seu filho é um dos mártires sacrificados pelo grande futuro da nação. O que lhe dói é a impossibilidade de enaltecer a morte do filho. Ele morreu afogado, entre vários outros, e a morte de seus companheiros não atormenta essa mulher, ao contrário do pensamento de que Sigfrid não ocupou o lugar de destaque que merecia.

Os devaneios que misturam a dor do luto e o nacionalismo voltam a ocorrer na ocasião do naufrágio do couraçado que confrontou o Bismarck no dia do desastre:

> Gott ist doch gerecht. "Prince of Wales" ist, wie jetzt bekannt wird, auf genau dieselbe Art zu Grunde gegangen, wie "Bismarck". […] Was mögen die Engländer empfunden haben, wie mögen sie an "Bismarck" gedacht haben! Auch anderen (als mir) hat sich der Vergleich aufgedrängt, im engl. Unterhaus fragte einer, wie es möglich gewesen sei, dass "Pr. Of W." und "Repulse" so schnell untergegangen seien, während "Bismarck" sich lange gehalten habe. Und auch in Japan wurde bewundernd der "Bismarck" gedacht. – Nach so langer Zeit liest man nun wenigsten den Namen mal wieder. Inzwischen schwiegen die Blätter ihn tot.[173] (*ibidem*: 445-446)

Dölker-Rehder acredita em uma espécie de justiça divina que está ao lado dos alemães. Que o couraçado Prince of Wales tenha supostamente sucumbido da mesma forma que o Bismarck[174] parece-lhe um acerto de contas, como se todos aqueles que fossem contra a Alemanha merecessem esse destino. O ocorrido também lhe agrada, pois ele traz de volta à mídia e à memória das pessoas o Bismarck e assim seu filho parece ter tido uma morte mais digna. O enaltecimento do couraçado equivale ao enaltecimento do filho desaparecido, que deve ser lembrado como um herói.

Muitas das ponderações de Dölker-Rehder sobre a guerra e sobre o seu filho são baseadas em uma rede de fatos supersticiosa. Ela faz afirmações até mesmo sobre um céu que parece interferir voluntariamente na guerra, como quando ela comenta, mais uma vez, o naufrágio do Bismarck:

> Er hat gesagt, "es war ja ganz ausgeschlossen, ihn oder die englischen Schiffe zu finden, es war ja alles ein dicker Nebel." Also, kein Versäumnis, kein menschliches Verschulden? Der Himmel hatte sich gegen uns verschworen! Im ganzen Krieg stand er uns bei, immer u.

[173] "Deus é justo, sim. 'Prince of Wales' afundou, como agora é sabido, exatamente da mesma forma que o 'Bismarck'. [...] O que os ingleses devem ter sentido, como devem ter pensado no 'Bismarck'! A comparação também ocorreu a outros (além de mim), na Câmara dos Comuns inglesa, alguém perguntou, como é possível que 'Pr. Of W.' e 'Repulse' tenham naufragado tão rápido, enquanto o 'Bismarck' tenha se mantido por tanto tempo. E também no Japão lembraram-se do 'Bismarck' espantados. – Depois de tanto tempo, ao menos lê-se os nomes novamente. No meio-tempo, os jornais haviam silenciado sobre ele."

[174] Há muitas contradições sobre o naufrágio do couraçado Bismarck. Atualmente acredita-se que ele teria naufragado antes de ser atingido por qualquer torpedo britânico. Contudo, ele estava encurralado, sendo atacado tanto por via marítima quanto aérea, e seu naufrágio é indiscutivelmente resultado desse embate.

überall, jetzt wieder den Japanern. Nur dies eine Mal wollte er unsern Untergang, dies eine mal, – wo unser Sohn dabei war!![175] (*ibidem*: 400)

Essa inclinação para a mística está presente já desde seu primeiro fragmento, nas primeiras páginas do "dia" 21 de junho, quando ela comenta que é solstício, mas que a data está passando despercebida para tantas pessoas. Dölker-Rehder está envolvida com a mística germânica enaltecida pelos nazistas e espera que toda a nação também aja dessa forma. Mas, enquanto espera por notícias do filho, ela passa a interpretar os menores sinais como indicativos de sua sobrevivência ou de sua morte. A repetição temática e o excesso de interpretações supersticiosas sobre fatos do dia a dia apontam para a relação obsessiva dessa mãe com o desaparecimento do filho. Acontecimentos como, no "dia" 20 de dezembro, o nascimento de uma azaleia que ela recebeu do filho são interpretados como sinais de que ele sobreviveu, diferentes tipos de sonho podem apontar tanto para sua vida quanto para sua morte, e, por vezes, Dölker-Rehder chega a fazer raciocínios deveras complicados para conseguir conectar sonhos com fatos reais e comprovar que Sigfrid está vivo. Muito embora ela se agarre a esses sinais como última esperança, há momentos nos quais também expressa uma certa vergonha por esses pensamentos. Cito abaixo dois exemplos.

Escrito no dia 26 de junho de 1941:

Ich hatte einen Ring. Er war nur aus Silber mit einem Bernstein darin, aber sehr gut kunstgewerblich gearbeitet. Ich hatte ihn sehr gern, trug ihn stets und pflegte ihn als meinen Glücksring zu bezeichnen. Wie konnte ich, ach, wie konnte ich nur! Aber ging es uns nicht gut, solange ich ihn trug? Es konnte uns ja nicht besser gehen, ja, es ging uns so gut, daß ich den Ring zu verachten begann. Ich zog ihn von meinem Finger, weil er zu schlecht für mich war, und sah mich nach einem besseren um. Doch als das Unglück mit Sigfrid über uns gekommen war, erinnerte ich mich meines alten Glückringes, und obwohl ich mich meines "Aberglaubens" schämte, steckte ich ihn wieder an. Doch der Stein im Ring zerbrach bei der Hausarbeit. Gestern fiel der Stein heraus.[176] (*ibidem*: 106)

E o longo e complicado raciocínio do dia 13 de dezembro:

Ich meinte zu wissen, dass Sigfrid nicht in Kanada sei, sondern auf einem englischen Kriegsschiffe mitfahren müsse. Damit stimmte auch überein, dass mir vor einigen Monaten plötzlich so war, als sei er an der Elfenbeinküste. Jetzt ist in Ostasien die "Prince of Wales"

[175] "Ele disse que 'era impossível encontrá-lo, ou aos barcos ingleses, tudo estava envolto em uma névoa espessa'. Ou seja, nenhuma omissão, nenhum erro humano? O céu fechou-se contra nós! Durante toda a guerra, ele esteve de nosso lado, sempre e em toda a parte, e agora novamente ao lado dos japoneses. Apenas desta vez ele desejou nosso ocaso, nesta única vez, – quando nosso filho estava presente!!"

[176] "Eu tinha um anel. Ele era só de prata com um âmbar, mas muito bem trabalhado artesanalmente. Eu gostava muito dele, cuidava dele e dizia que era meu anel da sorte. Como eu pude, ah, como eu pude! Mas não estávamos bem enquanto eu o utilizava? Não poderíamos estar melhor, sim, nós estávamos tão bem que eu comecei a desprezar o anel. Tirei-o do meu dedo, porque ele era muito ruim para mim, e procurei por um melhor. Mas quando o infortúnio com Sigfrid caiu sobre nós, lembrei-me de meu antigo anel da sorte, e, apesar de envergonhar-me de minha 'superstição', o pus de novo. Mas a pedra do anel quebrou com os afazeres domésticos. Ontem, a pedra caiu."

> untergangen, der Schlachtkreuzer, der beim Untergang von "Bismarck" dabei und hauptbeteiligt war. Nun frage ich mich, sollte Sigfrid mit dorthin gefahren sein, sollte er dort ein zweites Mal untergegangen u. gerettet sein? Denn wieder gerettet, das ist mir ohne Zweifel. Obwohl ich mir Sorgen machte – jetzt ist es wieder ruhig in mir u. voller Zuversicht. Plötzlich gedenke ich der seltsamen, etwas verworrenen Erzählung, die meine sonst sehr unmystische Mutter uns vor einigen Monaten machte u. der wir wenig Beachtung schenkten, weil sie nicht zu verstehen war, von der damaligen Situation aus. Sie sagte – am 16.8.41 –: "Ich sah einen Mann, wahrscheinlich Sigfrid, ruhig an kleinen Wellen schwimmen und sich immer mehr von einem weiterfahrenden Schiff entfernen. Seine Kräfte erlahmten u. er liess sich von dunkelhäutigen Männern in ihr Boot aufnehmen. Er wurde von ihnen zu ihrem Häuptling geführt, dem er in der Zeichensprache sein Schicksal erzählen musste. […] Dann führte man ihn zu den Japs. Zu den Japs…" Was sind dies nur für seltsame Sachen!! Wir sind doch sonst ganz normale Leute u. uns ist früher so etwas nie geschehen. Besonders Oma war fern von allem Mystischen, so fern, dass wir es fast als einen Mangel betrachteten. […] Und nun miteins erlebt sie solche Geschichte! Wodurch es uns damals besonders als nicht ernst zu nehmen erschien, das war der Schluss mit den Japs. Denn damals gingen uns die Japaner gar nicht an u. es war geradezu absurd, zu denken, Sigfrid, dessen Schiff 400 Seemeilen westlich von Brest untergegangen war, könne bei den Japanern an Land kommen. Und jetzt ist gerade das der Punkt, der mich plötzlich wieder an diese damals kaum beachtete Sache denken liess. Das englische Schlachtschiff "Prince of Wales", das beim Untergang von "Bismarck" dabei war, also wohl Leute davon aufgenommen haben kann, ist bei Japan oder bei Hawai durch die Japanern untergegangen. Ist da ein Zusammenhang mit Sigfrid?? / Ich schreibe diese Dinge alle etwas zaghaft auf. Wenn Sigfrid lebte u. wiederkehrte, erführen sie ihre erstaunliche Rechtfertigung. Kehrte er uns nie wieder, sind sie ungesunder "Tünkram" [Gerede], u. eine Flucht in Aberglauben, eine Feigheit, eine Schwäche, Lächerlichkeit – und ich möchte alles vernichten, was ich schrieb.[177] (*ibidem* 430-431)

Essas duas passagens são bem representativas da relação que Dölker-Rehder mantinha com o desaparecimento de seu filho. Ela oscila entre o apego à superstição como única forma de esperança e momentos de sobriedade nos quais ela condena a própria atitude. Quando escreve sobre seu anel, Dölker-Rehder se culpa ativamente pelo desaparecimento do filho,

[177] "Eu acreditava saber que Sigfrid não está no Canadá, mas que devia estar viajando em um navio de guerra inglês. Isso também estava de acordo com a sensação que eu, de repente, tive há alguns meses, como se ele estivesse na Costa do Marfim. Agora, o 'Prince of Wales' naufragou no Leste da Ásia, o cruzador de batalha que mais esteve envolvido no naufrágio do 'Bismarck'. Agora eu me pergunto, será que Sigfrid estaria viajando com eles, ele teria sofrido um segundo naufrágio e sido salvo? Pois eu não tenho dúvidas de que ele foi salvo mais uma vez. Apesar de eu ter me preocupado – agora há tranquilidade em mim e estou cheia de confiança. De repente, eu me lembro da história estranha, um pouco confusa que minha mãe, em outras ocasiões nada mística, contou-me há uns meses e à qual demos pouca atenção, pois não era possível entendê-la naquela situação. Ela disse – em 16/08/41 –: 'eu vi um homem, provavelmente Sigfrid, nadar tranquilo sobre pequenas ondas e afastar-se sempre mais e mais de um barco que continuava viajando. Ele perdeu suas forças, e se deixou ser levado a um barco por homens de pele escura. Ele foi conduzido a seu chefe, para quem teve que contar seu destino em linguagem de sinais. [...] Então ele foi levado aos japas. Aos japas ...' Que coisas mais estranhas!! Somos pessoas bem normais, e isso nunca havia nos acontecido. Especialmente a vovó era tão distante dessas coisas místicas, que nós quase vimos uma falta nela. [...] E agora, de repente, ela vivencia essas histórias! Naquela época, a história nos pareceu como algo que não deveria ser levado a sério em especial por causa do final com os japas. Pois naquela época os japoneses não nos interessavam e era absurdo pensar que Sigfrid, cujo barco naufragou a 400 milhas marítimas de Brest, poderia ter chegado aos japoneses em terra firme. E hoje é justamente o momento que, repentinamente, me fez pensar nestas coisas que mal observamos naquela época. O couraçado 'Prince of Wales' que estava presente no naufrágio do 'Bismarck', ou seja, que certamente pegou pessoas lá, naufragou pelas mãos de japoneses perto do Japão ou do Havaí. Está aí uma conexão com meu Sigfrid?? / Eu escrevo todas estas coisas meio receosa. Se Sigfrid estivesse vivo e voltasse, elas experimentariam sua impressionante justeza. Se ele nunca mais voltar para nós, elas são um falatório que não é saudável, e uma fuga na superstição, uma covardia, uma fraqueza, risíveis – e eu gostaria de destruir tudo que escrevi."

como se o simples uso do anel fosse o suficiente para garantir seu bem-estar. Ela assume a vergonha pela atitude supersticiosa, mas descreve a deterioração do anel como um símbolo factual de que aquele amuleto era realmente efetivo, e que a sua sorte estaria para sempre perdida. No segundo relato, ela faz longas voltas com a intenção de convencer a si mesma de que o filho ainda está vivo, apesar da grande improbabilidade após tanto tempo sem notícias dele. A negação da morte de Sigfrid é tão forte que ela cria percursos completamente inverossímeis para justificar a falta de notícias do filho "sobrevivente" mesmo quase sete meses depois do naufrágio do Bismarck. A recusa é tão pronunciada que ela prefere acreditar que o filho sobreviveu a dois naufrágios a aceitar que todas as probabilidades apontam para o seu desaparecimento. Mas a dor da perda do membro familiar não afeta apenas a mãe, mesmo a avó, uma pessoa mais cética, passa a importar-se mais com sinais supersticiosos.

Em *Barbarossa '41*, há poucas menções sobre outros filhos de Dölker-Rehder. O filho Hartwig, que também está em missão na guerra, aparece como fonte de preocupação no "dia" 6 de julho: "Auch um Hartwig muss ich in Angst leben. Die entsetzliche Sorge, sollte Sigfrid denn doch tot sein u. Hartwig als unser nunmehr einziger, nun womöglich auch fallen, weicht keinen Augenblick des Tages u. der Nacht von mir."[178] (*ibidem*: 252) As palavras de Dölker-Rehder podem confundir o leitor e causar a impressão de que Hartwig agora era filho único, mas ele era, na verdade, apenas o único filho homem que sobrou. Dölker-Rehder tinha mais uma menina que aparece "camuflada" em *Barbarossa '41*, ela é apenas mais um dos nomes na mesa da segunda noite de Natal, 26 de dezembro.

O contato com os textos integrais e os documentos originais de Grete Dölker-Rehder na Akademie der Künste de Berlim ofereceu-me perspectivas novas que não podiam ser encontradas na publicação. Em primeiro lugar, devo mencionar que o arquivo de Dölker-Rehder foi um dos poucos com o qual eu tive contato que oferecia, além da transcrição, os diários originais. Isso ocorreu porque, em alguns casos, as famílias não doaram seus originais, que apenas ficaram disponíveis para as transcrições, tendo sido devolvidos mais tarde.

A primeira sensação que se tem ao ver os inúmeros diários de guerra de Grete Dölker-Rehder é a de uma concreta e assustadora dimensão temporal da guerra. Seus diários, a princípio, seguem um padrão, são todos escritos em cadernos de anotações com linhas quadriculadas e espiral, e, depois de 1941, passam a ser escritos nos mais variados tipos de caderno. Apenas essa observação parece ser suficiente para visualizar os problemas de abastecimento

[178] "Também por Hartwig, eu devo viver com medo. As preocupações pavorosas não diminuem em nenhum momento do dia e da noite, Sigfrid deve estar morto ou não, e Hartwig, agora cada vez mais nosso único, poderia cair em batalha agora."

que a guerra foi trazendo consigo: a partir de um determinado momento, Dölker-Rehder não podia mais sequer comprar cadernos padronizados para seus diários. Essa impressão pode ser comprovada pela caligrafia nos cadernos. Dölker-Rehder escrevia em letras espaçadas, e passa a escrever em letras miúdas e apertadas no meio de um caderno no ano de 1944, deixando ainda mais evidente a escassez de papel na Alemanha nazista no período que antecede o final da guerra. Todos esses diários foram nomeados pela própria autora como "Kriegstagebücher" ou "Tagebücher des Krieges" (duas formas diferentes de dizer "diários de guerra" em alemão), demonstrando que a intenção, mais do que escrever diários, era manter a recordação do período da guerra. O primeiro diário é aberto no dia 19/10/1939, cerca de um mês e meio após a invasão da Polônia. Na primeira página encontra-se um texto com o título de "Unser Kriegsdienst" ("Nosso Serviço Militar"), no qual Dölker-Rehder apresenta sua família – ela, o marido e os filhos – dentro das funções exercidas por cada um (profissão, estudos etc). Esse é um indicativo de que Dölker-Rehder desejava embarcar na guerra com todo o orgulho patriótico e acreditava que, mesmo de sua casa, todos de sua família estariam atuando para o avanço das conquistas alemãs. Folheando os diários, encontrei, também no primeiro caderno, uma trágica ironia. Logo nas primeiras anotações, no dia 31/10/1939, Dölker-Rehder fez o seguinte comentário: "Der Krieg ist immer noch unheimlich inaktiv. Nur Schiffe werden versenkt."[179] Aqui, Dölker-Rehder ainda está ansiosa pelos grandes acontecimentos da guerra, ela parece acreditar que grandes destruições seriam como o sinônimo da glória alemã, e trata o naufrágio de barcos como assunto desimportante, como se nenhuma dessas vidas contasse. Infelizmente, ela ainda perderia o filho em uma situação semelhante pouco mais de um ano depois.

Os diários foram enviados para Kempowski pela filha de Dölker-Rehder, Gude Sch. (nome de nascença: Gude Dölker). No arquivo, encontram-se, além dos diários, fotos de Grete e de Gude, algumas imagens de pinturas feitas por Gude (sua ocupação atual) e cartas de Gude para Kempowski. Nas cartas, Gude Sch. escreve, em resposta a um pedido de Kempowski, um texto apresentando as pessoas da família. Ela também afirma que a morte de Sigfrid acabou com sua mãe, que morreu em 1946 ainda muito deprimida pela falta que sentia do filho. O retrato de Grete Dölker-Rehder apresenta uma mulher de meia-idade, tronco largo e que passa uma imagem autoconfiante e forte,[180] um pouco distante da fragilidade que ela transmite ao escrever sobre seu filho Sigfrid, mas condizente com a mulher determinada que se apresenta nos textos em que ela comenta os avanços do Alemanha nazista. Em *Barbarossa*

[179] "A guerra ainda está demasiadamente inativa. Apenas navios estão sendo afundados."
[180] Infelizmente, não obtive permissão para fazer cópias do material do arquivo de biografias não publicadas.

'41, a única informação biográfica que se obtém de Dölker-Rehder é "veröffentlichte Novellen, Erzählungen, Märchen und Romane",[181] ou seja, que ela era uma escritora. Um de seus livros, *Elredefleth*, de 1939, também faz parte do arquivo; as ilustrações são de Gude Dölker. Uma busca na internet sobre Dölker-Rehder traz a informação de que justamente este livro faz parte da *Liste der auszusondernden Literatur* (Lista da literatura que deve ser excluída), uma lista pública dos livros que foram proibidos na RDA. *Elredefleth* é um romance sobre o valor da pátria, e deve ter sido designado como um romance *Blut und Boden* (Terra e Sangue), com valores tipicamente nazistas. Fica evidente em seu diário que Dölker-Rehder é nazista, mas apenas um de seus livros foi proibido, deste modo, parece que a razão para Kempowski não ter mencionado esse fato se deve à economia de caracteres nas biografias e ao fato de nem todos os seus livros serem tão claramente dedicados ao Nacional Socialismo.

Antes de iniciar o comentário sobre os textos originais, gostaria de comentar ainda o cuidado de Gude Sch. para com os diários da mãe. Gude Sch. encapou alguns dos diários, e em muitos deles fez anotações na capa sobre o conteúdo, como, por exemplo, o diário que abrange o período de 18 de abril a 17 de junho de 1941, onde se lê: "Heft N. VII verschollen – grade das vom Untergang der 'Bismarck'! – erst 3 Jahre nach dem Tod meiner Mutter wiedergefunden!"[182] A primeira carta de Gude Sch. para Kempowski data de 1989, do que se supõe que ela doou os diários em uma data próxima. Na época Gude Sch. tinha 74 anos. A doação dos diários deveria garantir que eles seriam preservados mesmo quando Sch. já estivesse em uma idade avançada[183]. Os descendentes, que sequer chegaram a conhecer Grete Dölker-Rehder, provavelmente teriam pouco interesse em preservar esse material. O interessante é que a publicação desses diários garante a sobrevivência da memória dessa mulher também para a própria família, como se verifica na carta que Sch. escreveu em 10 de fevereiro de 2003:

> Inzwischen bekam ich durch Vermittlung eines Bekannten ein Beleg-exemplar von "Echolot 4 (sic) – Barbarossa" geschickt und bin hoch erfreut, wie viele Teile aus dem "Tagebuch vom Kriege" darin abgedruckt sind. Und überhaupt, was für ein wertvolles Dokument das Buch geworden ist, mit Beiträgen von so viel bekannten und unbekannten Namen. Dafür danke ich Ihnen von Herzen. / Meine [...] Enkel haben viel Interesse an dem Buch.[184]

[181] "Publicou novelas, contos, contos de fada e romances."
[182] "Caderno Nr. VII desaparecido – justamente o caderno sobre o naufrágio do 'Bismarck'! – reencontrado apenas 3 anos após a morte de minha mãe!"
[183] Gude Sch. ainda viveria (viverá?) muitos anos. Ela comemorou seu 95º aniversário com uma exposição de seus quadros em uma biblioteca municipal alemã em novembro de 2010.
[184] "No meio-tempo, eu recebi enviado pela intermediação de um conhecido um exemplar de 'Echolot 4 (sic) – Barbarossa' e estou extremante feliz com a quantidade de trechos do 'diário da guerra' que estão impressos nele.

É a publicação que faz com que os netos passem a ter interesse pelos diários da bisavó, agora em um novo contexto. Eles tornaram-se atuais ao serem inseridos na obra de Kempowski.

Grete Dölker-Rehder tinha o hábito de escrever longamente em seu diário, assim, mesmo que ela seja citada com grande frequência, trechos igualmente longos foram excluídos de *Barbarossa '41*. Os cortes, mesmo quando ocorrem no meio dos textos, não são sinalizados.

Parte dos textos excluídos refere-se a assuntos que já são extensivamente tratados no restante do livro, como é o caso de 27 de junho. Neste "dia", no livro, encontram-se os pesares da mãe pelo filho não ter morrido em um campo de batalha (como já foi mencionado acima), mas um longo período no qual Dölker-Rehder faz contas sobre as possibilidades de seu filho ter sido salvo foi retirado do texto:

> Es sei "ein kleiner Teil der Besatzung in engl. Gefangenschaft geraten, einige Soldaten von deutscher Seite gerettet, aber, dass von dritter Seite noch welche gerettet seien, sei nicht anzunehmen." Mein Didibus, mein Didibus, das soll ich als Deine Mutter lesen müssen u. nicht verzweifeln? Wo bleibt denn da noch Hoffnung? Unter den engl. Gefangenen seist Du nicht, schrieb das rote Kreuz mit dem "einigen Soldaten" meinen sie wohl auch keinen Seeoffizier, also – wo bist Du? Wenn ich nur das alles in Einklang bringen könnte? Zuerst hiess es doch 800 seien von den Engländer gerettet, die Engl. selber sollen es gesagt haben. "Das war eben falsch", sagen die Nüchternen. Aber ob es nicht doch wahr war? Ob nicht die Engländer die meisten von ihnen nach Kanada abgeschoben haben u. aus Perfide nicht nennen?[185] (grifos do original)

O texto ainda prossegue com mais contas que procuram comprovar que Sigfrid vive, e segue com mais uma longa descrição de um sonho que ela entende como um bom presságio. O livro é repleto de fragmentos de Dölker-Rehder, de maneira que Kempowski deve ter decidido que seria suficiente deixar apenas um trecho no qual ela menciona o filho, sem publicar cada detalhe para que o texto não se tornasse cansativo.

Como Moltke e Hassell, Dölker-Rehder comenta problemas com o abastecimento no período de guerra, e seu relato também foi excluído: "Auch, dass wir seit einem Monat nur

---

E, absolutamente, que documento valoroso o livro tornou-se, com contribuições de tantos nomes conhecidos e desconhecidos. Eu lhe agradeço de coração por isso. / Meus [...] netos têm muito interesse no livro."

[185] "'Uma pequena parte da tripulação teria sido aprisionada pelos ingleses, alguns soldados do lado alemão teriam sido salvos, mas, ninguém teria sido salvo por um terceiro partido, não se deveria supor isso.' Meu Didibus [apelido carinhoso], meu Didibus, sua mãe deveria ler isso e não se desesperar? Onde fica a esperança? Você não estaria entre os prisioneiros ingleses, escreveu a Cruz Vermelha, com os 'alguns soldados' eles certamente também querem dizer nenhum oficial da marinha, portanto – onde está você? Se eu pudesse compatibilizar tudo isso? Primeiro, se dizia que 800 haveriam sido salvos pelos ingleses, os próprios ingleses teriam dito isso. 'Mas estava errado', dizem os racionais. Mas e se isso não fosse mesmo verdade? Se os ingleses não houvessem deportado a maioria para o Canadá e não mencionado isso por perfídia?"

mehr 400 gr. Fleisch pro Woche u. Person bekommen, muss ich noch verzeichnen. Die meisten Menschen sollen sich sehr darüber erregt haben, wir nicht."[186]

A seleção que foi feita dos textos que tratam dos outros filhos de Dölker-Rehder chama a atenção. Hartwig é mencionado pela primeira vez apenas no "dia" 6 de julho, no qual a mãe demonstra preocupação também com ele. E mais algumas vezes em dezembro, quando ela comenta as férias do filho e seu retorno para a Rússia, como em 18 de dezembro: "Sehr schön war Hartwigs Urlaub. Er ist männlicher, freier, sicherer geworden u. er schliesst sich mehr an uns an. Ich habe wieder richtig lachen gelernt in diesen Tagen. Wir waren auch einmal alle im Theater."[187] (KEMPOWSKI, 2002: 515) Mas o diário de Grete Dölker-Rehder é muito mais rico em menções a Hartwig. Ela já comenta a correspondência desse filho em 21 de junho, aquele que seria o primeiro "dia" do livro, no qual ela não chega a comentar o desaparecido Sigfrid:

> Von Hartwig kam ein grosses Paket, d.h. es war ein Munitionsblechkasten voll interessanter Dinge. Wir wunderten uns, dass er so etwas schicken darf, es ist doch Heeresgut. Aber vielleicht wirft man die leeren fort, vielleicht lag er am Wegesrand. […] Dieses Leben von einer Post zur andern, diese anwachsende Spannung, diese Enttäuschung jedesmal, wenn nichts Entscheidendes kommt u. doch diese Erleichterung![188]

A princípio, poder-se-ia defender que a razão para esse corte foi estética. É de Dölker-Rehder o primeiro fragmento depois do asterisco, e, este sendo o primeiro "dia" do livro, seria melhor que os textos fossem crescendo gradualmente. Mas há uma quantidade relevante de trechos que se referem a Hartwig que não foram incluídos no livro. Ao saber da declaração de guerra, em 22 de junho, a mãe logo se preocupa com o filho vivo, se questionando se ele será enviado para a Rússia, "Und für uns ist Hartwig in Ostpreussen! Muss er nun auch wieder mit nach Russland?"[189] Dölker-Rehder volta a comentar as correspondências do filho em 23 de junho, quando ela recebe uma carta de Hartwig afirmando que não recebeu da família as últimas correspondências e pacotes, e que eles deveriam estar enviando as coisas para o endereço antigo. Esta é a terceira vez seguida que Hartwig é mencionado, e é o primeiro dia no qual a ausência de Sigfrid é mencionada. Em 29 de junho, após expressar suas dúvidas sobre Sigfrid estar morto ou não, ela volta seus pensamentos para Hartwig:

[186] "Eu também devo registrar que há um mês nós só recebemos mais 400 g de carne por semana e por pessoa. A maioria das pessoas deve ter se irritado com isso, nós não."
[187] "As férias de Hartwig foram muito boas. Ele ficou mais másculo, mais livre, mais seguro e está mais ligado a nós. Eu aprendi a rir de novo nesses dias. Um dia, também fomos todos ao teatro."
[188] "Recebemos um grande pacote de Hartwig, isso quer dizer, era uma caixa de lata de munição cheia de coisas interessantes. Nos surpreendemos que ele possa mandar essas coisas, são bens do exército. Mas talvez as vazias sejam jogadas fora, ou ela estava à margem do caminho. [...] Essa vida de uma correspondência para a outra, essa tensão crescente cada vez que nada decisivo chega e, ao mesmo tempo, esse alívio."
[189] "E para nós, Hartwig está na Prússia Oriental! E agora ele deve ser enviado com eles para a Rússia novamente?"

> --- Wie aber geht es unserm Hartwig? Er ist in der russischen Hölle mit. […] Entweder ist alles ohne Sinn u. das ist es nicht, oder alles ist sinnvoll bis ins Kleinste. Ich bin davon ganz durchdrungen, nur der jähe Schlag, der uns traf, brachte mich ins Wanken. Es war ja unsre Torheit, unsre Naivität, dass wir alle so verhältnismässig sorglos in den Tag hinein lebten, als könne unsern Söhnen nichts geschehen. Nun erst haben wir richtig begriffen, dass es Krieg ist![190]

A soma dos pensamentos desse trecho está presente em *Barbarossa '41*, mesmo assim é interessante que, em algum ponto, Dölker-Rehder admita que foi inocente ao não compreender que a guerra ameaçava seus filhos. Por outro lado, aqui ela coloca os dois filhos no mesmo patamar: Sigfrid o desaparecido, que ela espera que ainda retorne ao lar, e Hartwig, que por enquanto está ileso, mas não se sabe que tipo de notícias a guerra com a Rússia poderá trazer.

Hartwig só é introduzido em *Barbarossa '41* no "dia" 6 de junho, quando ela também coloca o filho no centro de suas preocupações, como visto acima. Em 6 de dezembro, um dia antes do início da segunda metade do livro, Dölker-Rehder escreve um texto sobre a felicidade de receber seu filho de volta em casa. A data seria uma boa razão para que o texto não tenha sido inserido, mas, como veremos mais adiante – em Pabel e Buff –, outros textos que estavam apenas um dia fora da moldura selecionada pelo autor foram incluídos na obra. A alegria pela chegada do filho também é citada no dia 7 de dezembro, após ela ponderar sobre a possibilidade de o filho estar entre os supostos sobreviventes casados do Bismarck,[191] "Ja, ja, so denkt u. denkt man daran herum. Doch bin ich nicht nur froh, sondern auch fröhlich, denn Hartwig ist ja da!"[192] Mesmo que essa alegria pela presença do filho esteja expressa em uma outra parte do livro, ela nunca compete com a imagem de Sigfrid, ao contrário do que evidentemente ocorre aqui. Hartwig aparece simultaneamente com Sigfrid apenas como fonte de preocupação, e não como algo que pudesse aliviar a mãe de tanta dor.

A filha Gude, que no livro é apenas brevemente mencionada no Natal, é motivo de grande alegria devido ao relacionamento fixo que ela está desenvolvendo com o namorado. Isto é comentado em 4 de julho, "dia" no qual Dölker-Rehder não consta do livro. Abaixo a transcrição integral das anotações do dia:

---

[190] "--- Mas como está o nosso Hartwig? Ele também está no inferno russo. [...] Ou tudo não faz sentido, e as coisas não são assim, ou tudo faz sentido até o mais ínfimo detalhe. Eu estou bem convencida disso, apenas o golpe abrupto que nos acertou me balançou. Foi em nossa tolice, nossa ingenuidade que nós todos vivemos relativamente despreocupados até hoje, como se nada pudesse acontecer a nossos filhos. Apenas agora nós realmente entendemos que é guerra!"

[191] Dölker-Rehder e alguns outros acham intrigante o fato de só haverem solteiros entre os sobreviventes e acham que os casados estão sendo mantidos prisioneiros por maldade. Sigfrid é solteiro, mas sua mãe crê que ele possa ter se declarado casado porque sua namorada estava grávida naquele momento.

[192] "Pois, pois, assim se pensa e se pensa por aí. Mas eu não estou apenas contente, mas também alegre porque Hartwig está aqui!"

> Sollte wieder ein hellerer Stern aufgegangen sein über unserm Leben? Gude ist glücklich, da sie sich mit ihrem Freund Eugen Sch. einig ist. Auch uns freut es natürlich sehr, wenn es auch schade u. einschränkend ist, dass er immer noch an diesen nervösen Kopfschmerzen leidet, die ihn vorm allerletzten Entschluss zu heiraten zurückhalten. Als Mensch soll er uns wie ein Sohn willkommen sein. Wenn Gude, die so kritisch ist u. die so ablehnend gegen alles Schwäbische war, u. so durchaus mal nur in Nord leben wollte, ihn will trotz allem, dann muss er schon recht sein. Wir kennen ihn ja noch wenig, einmal war er ganz kurz, einmal in unsrer Abwesenheit, zweimal richtig bei uns, er ist bestimmt ein sehr ernster, gediegener tiefgründiger Mensch. Ein grosser Trost in unserm Kummer ist uns die Entwicklung dieser Angelengenheit, hoffen wir doch, dass sie Gudes Glück sein wird. Eine weitere kleine Freude erlebten wir gestern hier durch Post. Dr. v. Hase schrieb an Gude, dass er ihren Schutz-umschlag zu "Mensch am Meer" annehme u. gut fände. Dann liess er mir noch ausrichten, dass "Elredefleth" jetzt auf holländisch übersetzt würde u. in Holland neu verlegt würde. / Es wäre nur ein kleiner Verlag u. die Verhältnisse dort seien jetzt schwierig, aber der Verleger u. seine Frau seien so begeistert von "Elredefleth". Die Frau wird es übersetzen. Schön, nicht?[193]

Ao contrário dos outros textos de Dölker-Rehder, neste ela apenas se expressa sobre coisas boas. Mesmo no Natal, quando ela está feliz pela chegada da neta e se ocupa das comemorações, a imagem do filho desaparecido continua presente e a alegria pela visita recente de Hartwig ainda espelha as preocupações que sua partida voltaria a trazer. O texto acima citado demonstra a mãe que também se ocupa da filha que ficou em casa e que ainda é capaz de ter alegrias genuínas com aqueles que a circundam. Uma vez que os textos mais neutros sobre Hartwig e a alegria que ela sente com o relacionamento de Gude são excluídos, Dölker-Rehder fica marcada como a mãe dos filhos ausentes. Mais do que apenas uma mulher partidária do Nacional Socialismo, ela é a mãe que sofre pelo filho desaparecido – assunto mais do que recorrente em seus textos – e quando escreve sobre o outro filho, o faz também para expressar a sua preocupação com as condições enfrentadas por ele na guerra. Essa imagem não é totalmente destoante da que se obtém através dos documentos originais, até mesmo porque, como sua filha afirmou, o desaparecimento de Sigfrid marcou sua vida e ela deixou-se levar pela depressão e morreu ainda lamentando essa perda. Contudo, o recorte que é feito pelo autor de *Barbarossa '41* evidencia apenas uma faceta dessa mulher. A imagem da mãe que ainda encontra alegria nos filhos vivos é apagada e negada ao leitor. Dölker-Rehder

[193] "Teria uma estrela mais clara nascido novamente sobre nossa vida? Gude está feliz porque ela está unida com seu namorado Eugen Sch. Isso também nos alegra muito, mesmo que seja uma pena e limitador que ele ainda sofra dessas dores de cabeça nervosas que o impedem de tomar a decisão final de se casar. Como pessoa, ele deve ser bem-vindo como um filho. Se Gude, que era tão crítica e avessa a tudo que é suábio, e que absolutamente queria morar só no Norte, deseja-o apesar de tudo, então ele deve ser em ordem. Nós ainda o conhecemos pouco, uma vez ele veio por pouco tempo, outra vez em nossa ausência, duas vezes esteve realmente conosco, ele é certamente uma pessoa muito séria, sólida e profunda. O desenvolvimento desse assunto é um grande consolo para nossa preocupação, nós esperamos que essa será a felicidade de Gude. Nós vivenciamos mais uma pequena alegria ontem pelo correio. Dr. v. Hase escreveu para Gude que ele haveria aprovado sua sobrecapa para 'Homem junto ao Mar' e a achado boa. Então ele ainda me transmitiu o recado de que 'Elredefleth' seria traduzido agora para o holandês e seria editado novamente na Holanda. / Seria uma editora pequena e as condições lá seriam difíceis, mas o editor e sua mulher estariam tão animados com 'Elredefleth'. A mulher irá traduzi-lo. Bom, né?"

desempenha o papel da mãe do soldado desaparecido. Ela não representa a mãe ocupada com os filhos em casa, até porque outra mulher já exerce essa função: Hilde Wieschenberg.

II.2.2.2.2. Hilde e Franz Wieschenberg

Hilde e Franz Wieschenberg são casados e formam o único par de correspondentes que tem as cartas de ambos publicadas no livro. Embora as cartas não tenham sido escritas em resposta umas às outras – devido ao tempo que elas demoravam para fazer o percurso, seria difícil que duas cartas correspondentes houvessem sido escritas em um período inferior a um mês –, elas auxiliam o leitor a fazer uma imagem mais abrangente da relação do casal. O livro apresenta um grande número de cartas de Hilde para Franz, mas apenas três escritas pelo marido.

Hilde Wieschenberg escreve cartas amorosas e carinhosas para seu marido que está em campanha. Nelas, ela demonstra preocupação com a situação dele, fala sobre as duas filhas pequenas e a rotina que está vivendo. Sua primeira carta figura no "dia" 23 de junho, e nela, Hilde Wieschenberg demonstra sua preocupação com o marido devido à invasão da Rússia:

> Mein lieber Franz, unser guter Papi, / Heute am Sonntag kam diese furchtbare Nachricht, daß Rußland mit Deutschland im Krieg steht. / Liebes, wohl tausendmal haben Dich immer meine Gedanken gesucht. Die Kinder habe ich unter Tränen in meine Arme genommen und die kleinen Geschöpfe gefragt: wo ist unser Vater, bekommen wir wohl morgen die heißersehnte Post? / Was nützt der strahlende Sonnenschein draußen, ich muß doch wissen, wie es unsrem Besten und Liebsten, was wir in der Welt besitzen, geht, ob er in Gefahr ist. / Unsere Gebete steigen noch inniger zum Himmel. / Gott beschütze Dich! Mehr kann ich Dir im Augenblick nicht sagen. / Immer Deine Hilde, Annemi und Hildchen.[194] (KEMPOWSKI, 2002: 53)

A esposa não se rejubila com a chegada da guerra, acima de tudo ela teme pelo bem-estar do marido e pai de suas filhas. O que ela deseja é que a guerra acabe logo e que o marido volte a salvo para casa. Ela está consciente de que, com o regime nazista, as guerras prosseguirão, mas acredita que logo acabarão, e que Hitler faz o que faz almejando a paz, como se verifica no "dia" 30 de junho:

> Und dann kommt nach des Führers Proklamation der Hauptfeind an die Reihe, England. Du darfst nicht noch einen Winter wegbleiben. Ich bin ja so mutig nach Deinen Zeilen geworden.

[194] "Meu querido Franz, nosso caro papai. / Hoje, no domingo, chegou essa terrível notícia de que a Rússia está em guerra com a Alemanha. / Querido, meus pensamentos devem ter lhe procurado umas mil vezes. Eu abracei as crianças sob lágrimas e perguntei às pequenas criaturas: Onde está o papai, devemos receber amanhã a tão esperada correspondência? / De que serve o sol brilhando lá fora, eu tenho que saber como está o melhor e o mais amado que nós temos no mundo, se ele está em perigo. / Nossas preces sobem ainda mais fervorosas aos céus. / Deus te proteja! Não posso lhe dizer mais nesse momento. / Sempre suas Hilde, Annemie e Hildezinha."

> Da steht wörtlich: "Es geht mit Siebenmeilenstiefeln dem Frieden entgegen." Was mein Junge schreibt, stimmt schon.[195] (*ibidem*: 158)

A impressão que se tem é que Hilde Wieschenberg não se ocupa da política. Independentemente de quais são as informações que ela recebe sobre a guerra, ela acredita mais nas palavras do marido. Hilde Wieschenberg tapa os olhos para o que está a sua frente e deseja apenas a volta da paz e do pai de suas filhas. Em 22 de dezembro, ela chega a comentar que necessita do marido para entender a situação:

> Wenn der Aufruf des Führers Erfüllung fände, daß nicht wieder nach 20 oder 30 Jahren ein solch widriges Volksringen vor sich geht, dann wären Eure Opfer und Entsagungen nicht umsonst gewesen. War Dein Vater, der vier Jahre kämpfte und dann fiel, nicht vom gleichen Wunsch beseelt? / Liebes, ich möchte mal wieder mit Dir sprechen. Deine weitsichtige Meinung hören. Das unruhige Herz sieht wieder alles mit kritischen Augen an.[196] (*ibidem*: 572)

Hilde Wieschenberg continua desejando o final dos conflitos. Para ela, a guerra só fará sentido se a ela se seguir um longo período de paz e mais vidas não precisarem ser desperdiçadas novamente. Mas ela não consegue ver as coisas com bons olhos. Provavelmente, Hilde Wieschenberg não estava sendo negativa, mas tinha, de fato, uma visão mais crítica e mais realista dos fatos. Ela precisava do apoio do marido para se tranquilizar e voltar a crer que tudo ficaria bem após algum tempo.

A esposa também comenta sobre a dificuldade que tem em compreender o que é a vida na guerra:

> Liebes, gestern vor dem Schlafengehen habe ich mir die Landkarte zur Hand genommen und nochmal gesucht und vermutet, wo ich Dich wohl finden kann. Ich taste im Dunkeln. Ich weiß nur, daß Du den Wolschwo überquert hast. Und weiter? Welch schrecklich langer Weg liegt zwischen uns. Ich schätze 3000 km. Von meiner neuen Zimmernachbarin der Mann, liegt auch in Petersburg. Gestern erhielt sie die Nachricht, daß er das EK II bekommen hat. Diese liegen z. Zt. in einem Bunker und führen ein einigermaßen gutes Leben. Und Du mein Junge, mußt immer weiter, kämpfen und marschieren und so grausam hart den russischen Winter spüren. Warum nimmt es kein Ende? Dieses Petersburg muß eine wahre Hölle auf Erden sein. Seit mindestens 8 Wochen eingeschlossen. Weiter kann ich nicht denken. Wir spüren nichts vom Krieg, deshalb sind all die furchtbaren Berichte über diese Stadt für uns nicht vorstellbar.[197] (*ibidem*: 384)

---

[195] "E então é a vez da proclamação do *Führer*, o principal inimigo da Inglaterra. Você não deve passar mais um inverno longe daqui. Eu fiquei tão corajosa depois de ler suas linhas. Lá está literalmente: 'Vamos com botas de sete léguas em direção à paz'. O que o meu rapaz escreve já está certo."

[196] "Se o apelo do *Führer* se realizar, que uma batalha de povos desfavorável como esta não ocorra daqui a 20 ou 30 anos, senão suas vítimas e renúncias teriam sido em vão. Seu pai que lutou por quatro anos e então caiu em batalha não era inspirado pelo mesmo desejo? / Querido, eu gostaria de falar com você mais uma vez. Ouvir sua opinião de uma visão mais ampla. O coração inquieto, mais uma vez, vê tudo com olhos críticos."

[197] "Querido, ontem, antes de ir dormir, mais uma vez, eu peguei o mapa e procurei e tentei adivinhar onde você deveria se encontrar. Eu tateio no escuro. Eu só sei que você atravessou o Volkhov. E depois? Que caminho terrivelmente longo está entre nós. Eu calculo uns 3.000 km. O marido da minha vizinha de quarto também está em Petersburgo. Ontem, ela recebeu a notícia de que ele recebeu a cruz de ferro de 2ª classe. Por enquanto, eles

Através desse texto, é possível vislumbrar as dificuldades que outras pessoas também tinham em compreender a situação pela qual passavam seus familiares que estavam servindo na guerra. O interesse em procurar em um mapa o lugar onde os familiares estavam, a dificuldade de imaginar a distância ou toda a situação que se vivia em um lugar como aqueles, sofrendo ataques há tanto tempo. Mas, de forma geral, as cartas de Hilde Wieschenberg não se centravam na guerra, e sim no cotidiano, falando das compras de Natal, doenças das crianças ou atividades com as outras mulheres que moravam na mesma casa que ela. A correspondência enviada pela esposa pode ser entendida como uma pausa que ele e outros tantos soldados tinham no inferno da guerra, durante a qual recebiam notícias sobre os familiares, seu carinho e liam sobre um cotidiano deixado para trás. Hilde Wieschenberg é sempre extremamente carinhosa em suas cartas, como em 28 de junho, "Liebes, wann darf ich Deinen Kopf in meinen Arm nehmen? Und Deine lieben guten Augen ganz leise küssen, um Dir 'gute Nacht' zu sagen??"[198] (*ibidem*: 136), ou como quando ela recorda toda a sua história com o marido, o que torna o leitor mais "íntimo" desse par, por ser um dos poucos documentos que permite que o leitor tenha acesso a uma história anterior à guerra. Em 14 de dezembro, Hilde Wieschenberg relembra que eles haviam noivado 7 anos antes, na época do Natal, e narra a sequência do casamento, o desejo de ter filhos e a vinda das duas meninas.

A primeira coisa que se nota ao ler os textos do marido é o ano de sua morte, 1909-1945, Franz Wieschenberg não sobreviveria à guerra. Suas três cartas estão na segunda metade do livro e têm um tom mais sério. Apesar de também versarem sobre coisas positivas, como a ida a uma sauna com os colegas, as cartas se voltam mais para os problemas que ele está enfrentando com a guerra, como as dificuldades com os piolhos e o frio. O dia a dia de Franz Wieschenberg na campanha é duro, o que se reflete na forma como ele procura passar carinho para sua esposa, como na carta de 9 de dezembro:

> Wenn Euch diese Zeilen erreichen, weihnachtet es schon arg oder auch das Fest ist schon da. Meine folgende Post wird euch nicht mehr zeitig genug erreichen, und so bitte ich Euch, nehmt meine besten Wünsche zur "Heiligen Nacht" entgegen. Mein Herz und meine Gedanken überbrücken die 3000 km, die zwischen uns liegen, und sind um Euch. Nimm es nicht zu tragisch und tröste Dich mit den Millionen anderen deutschen Frauen und Müttern. / Auch das sei Dir ein Trost und Freude zugleich, daß ich noch heil und gesund bin. Viele junge Frauen meiner Kameraden, die wir unterwegs lassen mußten, verleben eine traurige und

estão em um bunker e levam uma vida consideravelmente boa. E você, meu rapaz, sempre tem que prosseguir, lutar e marchar, e sentir o inverno russo de forma tão terrivelmente dura. Por que isso não termina? Esse Petersburgo deve ser um verdadeiro inferno na Terra. Cercado há pelo menos 8 semanas. Não posso pensar mais do que isso. Aqui não sentimos nada da guerra, por isso, os terríveis relatos sobre essa cidade são inimagináveis para nós."

[198] "Querido, quando poderei tomar sua cabeça em meus braços? E beijar seus queridos e bons olhos silenciosamente para dizer-lhe 'Boa noite'??"

> hoffungslose Weihnacht. Wir stehen nun einmal drin im großen Zeitgeschehen und dürfen dabei nicht links noch rechts schauen. Nur immer das große Ziel vor Augen, die Freiheit unserer Nation. Ich habe viel in Rußland gesehen und bin der festen Überzeugung, der Russe wäre über kurz oder lang zu uns gekommen. Ein Halten wäre dann unmöglich gewesen. Wenn diese Masse an Menschen und Material unser deutsches Straßennetz gefaßt hätte – wir hätten uns überwalzen lassen müssen. So mußte also auch dieser Schritt unseres Führers getan werden. Hadere also nicht und bleib stark und treu…[199] (*ibidem*: 372)

Mesmo no momento de desejar um feliz Natal, Franz Wieschenberg não consegue se esquecer do sofrimento da guerra e menciona os outros soldados que foram deixados para trás. Ele também demonstra estar convencido do que pregava a propaganda nazista da época, de que os russos ainda desejariam invadir a Alemanha. Franz Wieschenberg acredita que a guerra é necessária, mas também aponta para as dificuldades sofridas naquele momento, porque ele está consciente do poder que a massa de homens russos representa e consequentemente sabe que os alemães não seriam capazes de combatê-los em seu próprio solo. Como a esposa, ele acredita que a guerra está sendo levada adiante com o intuito de "preservar" a paz.

Em uma das cartas de Hilde Wieschenberg, encontra-se mais um sinal de afeto do marido, quando ele envia alimentos para casa:

> Mit gleicher Post erreichte mich Dein Päckchen mit Seife und Ölsardinen. / Liebes, das darfst du nie wieder tun. Gerade diese ölhaltigen Sachen geben dem Körper sehr viel Wärme. Und in Deinem Brief kündest Du auch noch 2 Tafeln Schokolade an. / Junge, unsere Kinder wollen sie gar nicht haben, weil ich ihnen gesagt habe, daß unser Papa gewiß manchmal Hunger hat. Du hast es ja so gut gemeint, aber freuen tue ich mehr, wenn ich weiß, daß es Dir gut geht.[200] (*ibidem*: 657)

Este é o único momento no qual Hilde Wieschenberg demonstra que pode ser mais austera. O abastecimento de alimentos também já começava a apresentar problemas na Alemanha, o que justifica que ele mandasse esse tipo de presente para a família, mas, sem sombra de dúvidas, ainda não era tão complicado como haveria de estar sendo no inverno russo. Com razão, a mulher demonstra preocupação com o ato de desprendimento do marido.

[199] "Quando estas linhas lhe alcançarem, já vai estar terrivelmente próximo do Natal ou a festa já vai ter chegado. Minha próxima correspondência já não vai mais chegar a tempo e por isso peço que você receba os meus melhores desejos de 'Feliz Natal'. Meu coração e meus pensamentos atravessam os 3.000 km que há entre nós e estão com vocês. Não leve isso de forma trágica demais, e se console com os milhões de outras esposas e mães alemãs. / Que também lhe seja um consolo e uma alegria, ao mesmo tempo, que eu ainda estou a salvo e saudável. Muitas jovens esposas de meus camaradas que tivemos que deixar para trás vão passar por um Natal triste e sem esperanças. Nós estamos bem no meio do grande acontecimento do período e não devemos olhar para a esquerda ou direita. Sempre, apenas o grande objetivo diante dos olhos, a liberdade de nossa nação. Eu vi muito na Rússia e estou seguramente convencido de que os russos viriam até nós mais cedo ou mais tarde. Seria impossível pará-los então. Se essa massa de pessoas e material tivesse tomado nossa rede de ruas alemãs – nós teríamos que nos render. Por isso, esse passo do *Führer* teve de ser dado. Não reclame e continue forte e fiel..."

[200] "Com esta mesma entrega do correio, também chegou a mim seu pacotinho com sabonete e sardinhas em óleo. / Querido, você não deve nunca mais fazer isso. Justamente essas coisas que contêm óleo dão muito calor ao corpo. E em sua carta você também notifica sobre mais duas barras de chocolate. / Rapaz, nossas filhas não as querem de forma alguma, porque eu lhes disse que nosso papai às vezes passa fome. Você teve boas intenções, mas eu me alegro mais quando eu sei que você está bem."

No arquivo de biografias não publicadas da Akademie der Künste de Berlim, encontram-se fichários com a transcrição das cartas de Hilde Wieschenberg. Infelizmente, as cartas de Franz Wieschenberg estão, momentaneamente, perdidas; dele havia só a transcrição das cartas dos dias condizentes a *Das Echolot '43*. Por esta razão, não poderei comentar o recorte de cartas do marido. A primeira página das transcrições apresenta aqueles que possivelmente são citados nas cartas, a começar por Hilde e Franz. Nela, encontram-se informações sobre data de nascimento, atividades, parentescos e nomes, fatos ou traços marcantes, depois são descritos alguns amigos, em especial do casal, seguidos dos nomes das duas filhas junto aos apelidos e, por fim, uma breve lista de quem são as famílias que dividiram a casa com Hilde Wieschenberg e as filhas no período da guerra. Mais uma vez fica claro que, embora a estrutura do livro e a ausência de um "editor" que se faça presente evitem que o leitor tenha esse tipo de informação, o autor, Kempowski, estava ciente do material com o qual ele trabalhava em um grau maior, o que pode ter-lhe permitido fazer escolhas mais precisas sobre o que seria publicado, assim como entender melhor as alusões feitas pelo casal em suas cartas. No final das transcrições, encontram-se duas poesias de Annette von Droste-Hülshoff (escritora alemã do séc. XIX) oferecidas por Hildchen, a filha mais nova, para a mãe. Tudo leva a entender que ela foi a pessoa que ofereceu as cartas para o arquivo, já que seu endereço também está disponível. A provável troca de correspondência entre ela e o autor não pode ser encontrada. Há também uma anotação informando que todas as cartas de 1945 foram perdidas.

No final, há a transcrição de pouco menos de dez cartas enviadas para Hilde Wieschenberg. São cartas de camaradas de Franz. Na primeira, de 8 de dezembro de 1945, um deles comunica a morte do marido, pois reconhece na carta que recebeu de Hilde Wieschenberg que ela ainda não havia sido informada sobre o fato. Ele morreu, ferido por uma granada, em 13 de março de 1945. O colega informa que pedirá a ajuda de amigos para que indiquem o local exato onde o corpo se encontra. Outros informam o local. Becker, o primeiro, informa em outra carta que não puderam tirar a aliança do dedo, devido a ele ter ficado torto e ter se enrijecido rapidamente.[201] Becker também sabe que ela provavelmente terá dificuldades para sacar o dinheiro que o marido ainda teria deixado, e oferece ajuda financeira. É ele que assina a declaração de que viu Franz Wieschenberg morto e enterrado.

[201] Outra carta desmente o fato, o que dá a sensação de que, em dias como aqueles, as memórias se embaralham e não se pode mais dizer ao certo o que aconteceu.

Os bens particulares de Franz ficaram com um homem que foi ferido e preso, por isso, ele acredita que tudo foi perdido.

Quando encontrei as cartas dos colegas de Franz Wieschenberg, tive muita curiosidade em lê-las. A mesma curiosidade que se tem quando se procura, no final dos livros, saber um pouco mais sobre algum dos autores que chamou mais a nossa atenção, ou quando se deseja tomar conhecimento do "final da história". Há o desejo de informar-se sobre como Franz Wieschenberg morreu, ou como a amorosa Hilde Wieschenberg recebeu a notícia. A leitura dessas cartas não diz respeito ao material apresentado em *Das Echolot*, elas não se referem a nenhuma das datas que o livro abrange, mas dizem respeito a Hilde Wieschenberg e à afeição que se toma por essa esposa apaixonada. Durante a leitura das cartas, ocorre uma sensação que não acontece em momento algum da leitura de *Barbarossa '41*: a sensação de que a história, o ciclo, se fecha. Não é possível saber como Hilde Wieschenberg reagiu, ou o que se passou com ela, mas, por fim, se tem a informação de como seu marido morreu e como a esposa foi informada. As cartas são especialmente tocantes, não simplesmente por contar de uma morte, mas porque após a leitura de *Barbarossa '41* cria-se um certo apreço por esta mulher.

A princípio, os cortes feitos por Kempowski nas cartas de Hilde Wieschenberg não são tão relevantes. Após a primeira citação, que é encerrada com "Immer Deine Hilde, Annemi und Hildchen",[202] nenhum outro fragmento é publicado com a despedida, o que talvez tenha ocorrido porque, embora haja pequenas variações na forma como a esposa costuma encerrar as cartas, isso não traz uma informação adicional ao texto. Enquanto isso, todas as cartas do primeiro bloco do livro permanecem com as saudações, que servem para indicar para o leitor a quem as cartas se dirigem – uma vez que ela sempre se dirige a ele pelo nome próprio e como "papai" –, mas, no segundo bloco, essas saudações são substituídas pela informação "An ihren Mann vor Leningrad".[203] Devido à estrutura e à temática do livro, nesse momento, passa a ser mais importante identificar esse homem como um dos perpetradores que estão diante do cerco de Leningrado. Se por um lado ele é uma vítima das condições da guerra e do inverno russo, o marido adorado de uma mãe de duas meninas que se preocupa com ele e deseja que ele possa retornar logo, por outro lado, ele está envolvido no sofrimento e na fome dos leningradenses, muitos dos quais estão representados na mesma obra. A simples localização de Franz Wieschenberg serve para lhe conceder um caráter outro dentro da constituição da guerra.

[202] "Sempre suas Hilde, Annemie e Hildezinha"
[203] "Para seu marido diante de Leningrado"

Muitos trechos ou até cartas inteiras de Hilde Wieschenberg foram excluídos, mas é difícil definir uma razão para que eles não tenham sido escolhidos para fazer parte do livro. De forma geral, o material deixado de fora é semelhante ao que foi publicado. Nele, a esposa escreve sobre as notícias da guerra que ela ouve no rádio e a preocupação com o marido, o cotidiano com as crianças, mais notícias sobre a doença da filha, mencionada em julho, e conta sobre o contato com outros conhecidos. Suas cartas costumam referir-se a assuntos diretamente relacionados com a guerra, o que, por si só, seria uma razão para que nem todos os seus textos façam parte da edição final. Hilde Wieschenberg também mandou uma carta para o marido com dois poemas, um de Hermann Stehr, "Das Vaterland liegt kalt und weiß" (A pátria está fria e branca), e outro de Alfons Petzold, "Einmal werden sich die Tagen ändern" (Os dias ainda mudarão). Os poemas têm intenção de enaltecer a função do marido como soldado que defende a pátria, mas também de lembrá-lo que ele deve apreciar a vida, porque tudo ainda vai mudar. Embora ambos os poemas se adequem à temática do livro, há duas possíveis razões para que não tenham sido incluídos, mesmo enquanto expressão dos sentimentos da esposa de um soldado. A primeira é o caráter nacionalista do primeiro poema, que não se adequa ao ânimo que é conferido ao livro, e a segunda é a própria estrutura do livro, que foi aberto por um poema apenas. A presença de outros dois poemas tão longos no corpo do texto poderia competir com a abertura de Gottfried Benn.

O contato com o arquivo não ajudou a esclarecer os cortes feitos nos textos, mas serviu para jogar uma nova luz sobre alguns dos textos selecionados. O texto incluído no "dia" 10 de dezembro apresenta a marca de que a citação foi escrita em outra data – o nome da cidade de onde o texto provém está entre parênteses. No arquivo, constatou-se que a carta data, na verdade, de 2 de dezembro. Um dos trechos desta carta está citado acima. Hilde comenta que procurou encontrar no mapa o local provável onde o marido estava e que falou com uma vizinha sobre o marido que estava em Petersburgo (Leningrado). Na carta, ela também escreve sobre os preparativos para o Natal, diz que já comprou presentes para as crianças e que o dia seguinte seria o dia do nome de Franz. A seleção da carta deve ter se dado pelo fato de ela apresentar um material importante, esses comentários sobre a guerra e a dificuldade de se colocar no lugar do marido, mas outros escritos mais carinhosos e familiares, que são típicos de Hilde Wieschenberg, também são mantidos, assim o documento não é descaracterizado. Também é interessante notar o posicionamento da carta na estrutura do livro. Apesar de ela ter sido escrita no dia 2 de dezembro, ela não é incluída no "dia" mais próximo, que seria o 7 de dezembro. Há cartas que foram escritas por Hilde Wieschenberg nos dias 7 e 8 de dezembro, de fato, e no dia 9, está incluída uma carta de Franz

Wieschenberg. Assim sendo, para não deixar uma grande lacuna, a citação de Hilde Wieschenberg não é inserida no dia 9, junto ao marido, mas no dia 10, já que ela só voltaria no "dia" 12 de dezembro. Através desse artifício, a frequência nas aparições do casal é mantida.

Por fim, devo comentar um descuido na seleção dos textos. As cartas dos "dias" 2, 6 e 7 de julho foram escritas, na verdade, nos dias 2, 3 (não há sinalização de que a carta foi deslocada) e 7 de julho do ano de 1940. O erro não foi proposital, mas se deve à falta de atenção na hora de escolher os documentos transcritos para a seleção final.[204] Esse descuido afeta a obra em diferentes níveis. Primeiramente, um leitor que acompanhe a história do casal com mais atenção há de notar uma certa descontinuidade, já que no início Hilde Wieschenberg demonstra preocupação por não saber onde está o marido no momento da invasão da URSS e as cartas informam que ele já está em campanha, e depois, no dia 7 de julho, ela se diz aliviada, pois o marido só está no curso de formação, "Lieber, Ich bin já soo dankbar, daß Du noch in der Ausbildung bist. Wenn dieselbe vorbei ist, dann ist hoffentlich England erledigt."[205] (KEMPOWSKI, 2002: 266) Além da descontinuidade, é estranho que a preocupação da esposa nesse momento seja a Inglaterra e não a URSS. O mesmo estranhamento pode ocorrer no dia 2, quando ela escreve sobre um conhecido que morreu na França, "Du kennst doch sicher Heinz Nowack, 28 Jahre verh., ist auch in Frankreich gefallen."[206] (*ibidem*: 182) O deslocamento dos documentos em um ano também pode, involuntariamente, oferecer informações falsas, pois Hilde Wieschenberg fala de uma situação financeira tranquila, que talvez ainda fosse possível nesse momento da guerra, mas não é um dado certo: "Heute war ich auf dem Rathaus und hab für einen ganzen Monat 185.70 RM erhalten. Ich hab dort gleichzeitig 50 RM auf der Sparkasse eingezahlt. Ich komme so gut aus. Warum soll ich so viel Geld hier liegen haben."[207] (*ibidem*: 252) A morte do amigo e todos os outros fatos descritos são reais, mas o deslocamento deles em um ano e a introdução no "diário coletivo" não tornam apenas a narrativa horizontal desse casal confusa, mas associam fatos duvidosos a um determinado período histórico.

[204] Este não foi o único descuido detectado durante a análise dos originais. Uma das frases do diário de Hermann Türk acabou sendo modificada porque uma linha foi pulada durante a cópia. A frase original do dia 3 de julho seria "In 2 Stunden wird der schwere Zug nachgezogen. Um 17 Uhr soll angegriffen werden" (Em duas horas, a comitiva pesada deve ser traçada. Às 17 horas, deve ser atacada) , mas acabou tornando-se "In 2 Stunden soll angegriffen werden." (Em 2 horas, deve-se atacar.)

[205] "Querido, eu sou tãão grata que você está no curso de formação. Quando este tiver acabado, a Inglaterra estará, espero, acabada."

[206] "Você certamente conhece o Heinz Nowack, 28 anos casado, também caiu em batalha na França."

[207] "Hoje, eu estive na prefeitura e recebi 185,70 marcos para todo o mês. Lá, eu logo depositei 50 marcos na poupança. Estou bem assim. Por que eu devo ter tanto dinheiro aqui parado?"

II.2.2.2.3. Marianne Sperl

Há poucas citações de Marianne Sperl em *Barbarossa '41*, mais precisamente, apenas seis, todas na segunda metade do livro. Em 1941, Sperl tinha 17 anos. Ela escreve sobre a escola, os colegas, encontros para discutir religião, e a celebração do Natal. A única informação que consta de seus dados biográficos no final da obra é que ela atuou como "Flakhelferin" na guerra. Essa expressão serve para designar jovens que foram convocados a partir de 1943 para auxiliar na defesa antiaérea. Em 1941, Sperl ainda não tinha experiências com a guerra, mas escreve com frequência sobre o assunto.

Seu diário é um dos que abrem a primeira página do segundo grande bloco do livro. Nele, Sperl cita um bilhete que critica, através de um comentário irônico, a guerra:

> Neulich wurde uns ein Zettel in den Briefkasten geworfen, auf dem stand, daß heuer kein Weihnachten gefeiert werden könne. Joseph sei zur Baukompanie eingezogen, Maria als besonders tugendsame Jungfrau, zur Pflege der Russen, das Jesuskind wegen Luftgefahr evakuiert.[208] (KEMPOWSKI, 2002: 319)

Sempre que Sperl escreve sobre o assunto, demonstra-se insatisfeita com a guerra, como ao saber sobre o ataque a Pearl Harbor:

> Gestern begann der Krieg zwischen Japan und Amerika. Der Weltkrieg ist da. Wir erwarten jetzt täglich die amerikanische Kriegserklärung an Deutschland. Soll der Krieg denn ohne Ende sein? Wo man hinschaut, ist Not, Hunger, Schmerz, Verfolgung.[209] (*ibidem*, 2002: 347)

Em seu breve texto, estão presentes a ansiedade quando os civis compreendem que estão às vésperas de uma segunda Guerra Mundial e a esperança de um final próximo que se esvai. Ainda que ela esteja longe dos campos de batalha, ela já fala sobre "miséria, fome, dor e perseguição" a sua volta. Mesmo ao citar o poeta alemão Walter Flex, que serviu na Primeira Guerra e cuja obra tinha forte caráter nacionalista, Sperl escolhe um texto que é cheio de compaixão:

> Ein Wort von Walter Flex fiel mir neulich auf: "Nur wer beherzt und bescheiden die ganze Not und Armseligkeit der Vielen, ihre Freuden und Gefahren mitträgt, Hunger und Durst, Frost und Schlaflosigkeit, Schmutz und Ungeziefer, Gefahr und Krankheit leidet, dem erschließt das Volk seine heimlichen Kammern, seine Rumpelkammern und seine Schatzkammern."[210] (*ibidem*: 443)

[208] "Recentemente, jogaram para a gente um bilhete na caixa de correio, no qual estava escrito que hoje não se pode comemorar o Natal. José foi convocado para a companhia de construção, Maria, uma virgem muito virtuosa, para tratar dos russos, e o menino Jesus foi evacuado devido ao perigo de ataques aéreos."
[209] "Ontem, começou a guerra entre o Japão e a América. A Guerra Mundial está aí. Agora, esperamos diariamente a declaração de guerra americana contra a Alemanha. A guerra não deverá ter um fim? Para onde se olha, se vê miséria, fome, dor e perseguição."
[210] "As palavras de Walter Flex chamaram-me a atenção recentemente: 'Apenas quem carrega, de coração e humildemente, toda a miséria e a desgraça de muitos, suas alegrias e perigos, sofre com a fome e a sede, o frio e

A jovem Marianne Sperl também dá valor a tradições nacionais, mas sempre muito mais preocupada com o que é humano e cristão, como se observa no texto de 15 de dezembro:

> Montag. Heut war ich wieder in der Schule. Nachmittags hatten wir zwei Stunden frei. Wir lachten, schwatzten, dann wollten wir auf einmal Weihnachtslieder singen. […] Dann wurden "Weihnachtslieder" gesungen, d.h. unsere Jungmädelführerinnen sangen sie. Lieder vom Tannenbaum, die gar keinen Zusammenhang mit Weihnachten haben, Wiegenlieder, solche von Müttern usw. Was haben wir doch für schöne Weihnachtslieder dagegen! Wir müssen sie hüten, daß sie unserm Volk nicht verloren gehn. In dieser Zeit, in der Zeit des Verfalls, gibt es manches, was wir hüten müssen. Wir waren heut wieder in der Bibelstunde bei Julius. Mutter ließ mich nicht gern gehn. Sie ist überhaupt dagegen, wenn Buben und Mädel zusammen sind. Aber nichts von alledem. Es war so schön heute. Das hat mich gepackt und wir sind alle begeistert.[211] (*ibidem*: 463)

Sperl escreve com um certo desprezo sobre as líderes da Liga das Moças Alemãs, o que se deve tanto ao fato de elas não serem boas o suficiente para cumprir o seu papel (os nazistas deveriam preservar tradições nacionais), mas também porque elas ignoram tradições cristãs. Os encontros para a discussão da Bíblia são sempre descritos como uma fonte de prazer, até mesmo maior do que aquele experimentado num momento que deveria ser de "descontração", enquanto ela cantava músicas com suas colegas. Também é importante notar que ela não se refere à guerra como uma fonte de glória ou grandes conquistas para o povo alemão. Para Sperl, este é muito mais um "tempo da decadência". Mas, exceto na passagem em que ela reclama das líderes do grupo, suas críticas nunca se dirigem diretamente ao Nacional Socialismo, e sim à guerra.

Como já foi mencionado em *I.4. Gênero Literário*, o que se encontra no arquivo da Akademie der Künste de Berlim é um livro com trechos do diário, publicado pela própria Marianne Sperl para que seus filhos pudessem ver sua perspectiva da guerra e até mesmo notar que se sabia muito mais naquela época do que se acreditava ter compreendido quando todos os horrores foram apresentados no final dela. No livreto não consta a data de publicação, mas o posfácio foi escrito em 1984. Junto ao livreto estão duas cartas que Sperl enviou

---

a insônia, a sujeira e a as pragas, o perigo e a doença, para este o povo abre suas salas secretas, sua dispensa e sua sala de tesouros.' "

[211] "Segunda. Hoje, eu estive de novo na escola. À tarde, tivemos duas horas livres. Nós rimos, batemos papo, então quisemos cantar músicas de Natal. [...] Então cantamos "canções de Natal", isso quer dizer, nossas líderes da Liga das Moças Alemãs cantaram-nas. Canções sobre o pinheiro, que não têm nenhuma ligação com o Natal, canções de ninar, tais como as das mães etc. Nós temos canções de Natal tão mais belas comparadas a isso! Devemos protegê-las para que nosso povo não as perca. Nesse tempo, no tempo da decadência, há determinadas coisas que devemos proteger. Hoje, estivemos no estudo da Bíblia na casa de Julius. A mãe não gostou de deixar-me ir lá. Ela é completamente contra quando meninos e meninas estão juntos. Mas nada disso. Foi tão bonito hoje. Isso me envolveu e nós todos estamos entusiasmados."

para Kempowski. Na primeira, ela explica que o viu em um programa de televisão e, junto a um *mea culpa*, ela esclarece que faz um trabalho semelhante ao de Kempowski:

> Krieg, Judenverfolgung und all diese Dinge werden unsere Generation – besser, einen Teil unserer Generation – umtreiben und bewegen so lange wir leben. Daraus folgte für mich die Mitarbeit bei Amnesty International und vielerlei Versuche, Asylsuchenden zu helfen – und Schreiben. Ich bin grad dabei, die "Kriegsalltage" noch etwas auszubauen und zu erweitern und sammle dazu Erfahrungen und Erlebnisse anderer Zeitzeugen. / Ich grüße Sie herzlich / Marianne Sperl / auch nur Hausfrau![212]

Sperl entrou em contato com Kempowski por ter um projeto semelhante ao dele, devido, em parte, à culpa que carregava por pertencer à geração que viveu o Nacional Socialismo. Para expurgar essa culpa, engajou-se na Anistia Internacional e em outros tipos de auxílio a vítimas de ditaduras. E, para Sperl, assim como para Kempowski, manter a memória da época também é parte desse trabalho.

Na segunda carta enviada, ela se recusa a entregar os originais para Kempowski, já que eles continham informações que ela considerava íntimas. De qualquer modo, ela digitou mais trechos de seus diários para enviar para o autor, de maneira que a colaboração com o arquivo de biografias não publicadas fosse mais abrangente. Entretanto, tudo leva a crer que parte do material enviado por Sperl se perdeu. Não foi possível localizar a citação do dia 7 de dezembro, onde ela menciona o bilhete irônico que fala sobre a impossibilidade de um Natal em tempos de guerra.

Apesar de Marianne Sperl só figurar na segunda metade do livro, seu diário conta com dois textos escritos em dias que constam da primeira metade. O primeiro de 23 de junho:

> Von Finnland bis zum Schwarzen Meer eine Front. Front gegen Rußland. Der gewaltigste Aufmarsch, den die Welt je gesehn hat. Von Finnland bis zum Schwarzen Meer deutsche Soldaten mit Finnen und Rumänen vereint. Jetzt, Rußland, setz dich zu Wehr! Es geht um die europäische Kultur, ja es ist ein Kampf für Europa. Von Finnland bis zum Schwarzen Meer – eine Front. Wie uns diese Nachricht durchfuhr. Ja, wir warteten ja schon darauf. Auch dort werden wir siegen, dem Kommunismus ein Ende bereiten, Europa vor ihm retten, das Russenvolk, die geknechteten Bauern, versklavten Arbeiter befreien. Wir haben eine große, schwere Aufgabe.[213]

[212] "Guerra, perseguição aos judeus e todas essas coisas vão preocupar e mover nossa geração – melhor, uma parte de nossa geração – por quanto tempo vivermos. Como consequência, veio para mim o trabalho com a Anistia Internacional e diversas tentativas de ajudar aqueles que procuram por asilo – e a escrita. Agora eu estou completando e expandindo ainda mais um pouco os 'Cotidianos de Guerra' e estou juntando experiências e vivências de outras testemunhas da época. / Eu o saúdo cordialmente / Marianne Sperl / também apenas dona de casa!"

[213] "Um front da Finlândia ao Mar Negro. Front contra a Rússia. A maior concentração de tropas que o mundo já viu. Soldados alemães unidos com os finlandeses e os romenos da Finlândia ao Mar Negro. Agora, Rússia, prepare-se para defender-se! Trata-se da cultura europeia, sim, é uma batalha pela Europa. Da Finlândia ao Mar Negro – um front. Como essa notícia repercutiu por nós. Sim, nós já esperávamos por isso. Nós também venceremos lá, prepararemos um final para o comunismo, salvaremos a Europa dele, libertaremos o povo russo, os camponeses oprimidos, trabalhadores escravizados. Nós temos uma grande e difícil tarefa."

E o segundo texto é do dia 7 de julho:

> Sieg über Sieg im Osten! Wilna, Dünaburg, Libau, Riga besetzt! Grodnow, Lemberg, Brest, Bialistock, Minsk, Düna in breiter Front überschritten, Beresina erreicht! Tausende von Flugzeugen abgeschossen. Tausende von Panzerwagen zerstört oder erbeutet, hunderte von Geschützen, hunderttausende von Gefangenen, Munition und Waffen! Ganz Europa steht gegen Moskau, Deutschland, Finnland, Ungarn, Rumänien, Italien, Slowakei! Schweden läßt deutsche Truppen durchmarschieren. Spanier melden sich zum Kampf gegen Rußland. Ich lerne jetzt etwas Kroatisch. Eine kleine Nachbarin war 2 Jahre in Agram. Sie bringt mir einiges bei. Ich möchte Einblick in eine slawische Sprache gewinnen. Doch jetzt: "Ja idem u krevet". (= Kroatisch: Ich gehe ins Bett.)[214]

Nos dois textos acima, Sperl demonstra-se entusiasmada com os avanços da guerra. Ela ainda fantasia muito sobre as intenções do exército alemão e parece acreditar que o exército compartilha com ela os ideais humanistas. Sperl tem uma visão confusa da guerra, não vê o povo eslavo como inimigo, mas como um povo oprimido que deve ser libertado do "mal" do Comunismo. Ela dissocia a guerra da destruição a tal nível que o ataque parece para ela uma razão para se aproximar dos povos invadidos, tanto que ela deseja ter noções da língua eslava. É como se ela entendesse a invasão da URSS como uma anexação benéfica, com os eslavos se tornando mais uma parte da Alemanha, o que a motivaria a desenvolver o conhecimento sobre eles. Sperl parece ignorar a questão racial como ela havia sido exposta pelo Nazismo nos últimos anos.

Exceto uma breve sentença, só houve mais um corte no texto de Marianne Sperl, e ele é do mesmo caráter que os cortes acima. No final do dia 8 de dezembro, o texto completo seria como apresentado abaixo – a parte excluída encontra-se entre colchetes:

> Soll der Krieg ohne Ende sein? [Seit Wochen tobt in Nordafrika ein schwerer wechselvoller Kampf. Auch in Rußland steht der Kampf nicht still. Vor Moskau, Petersburg toben härteste Kämpfe. Die Italiener haben ganz Ostafrika verloren. In China ist Kampf im Stillen Ozean, Seeschlachten zwischen Japan und Amerika, in allen Meeren kämpfen Engländer und Deutsche.] Wo man hinschaut ist Not, Hunger, Schmerz, Verfolgung.[215]

[214] "Vitória sobre vitória no Leste! Vilna, Dalgavpils, Liepaja, Riga ocupadas! Hroda, Lviv, Brest, Bialystock, Minsk, Duina ultrapassadas com grandes fronts, Beresina foi alcançada! Milhares de aviões foram derrubados. Milhares de tanques destruídos ou capturados, centenas de canhões, centenas de milhares de prisioneiros, munição e armas! Toda a Europa está contra a Rússia [;] Alemanha, Finlândia, Hungria, Romênia, Itália, Eslováquia! A Suécia deixa que as tropas alemãs marchem por ela. Espanhóis se alistam para a batalha contra a Rússia. Agora, eu estou aprendendo um pouco de croata. Uma pequena vizinha esteve em Zagreb por 2 anos. Eu gostaria de ter uma ideia da língua eslava. Mas agora: 'Ja idem u krevet'. (= croata: eu vou para a cama.)"

[215] "A guerra não terá um fim? [Há semanas, uma batalha difícil e cheia de alternâncias brama no norte da África. Na Rússia, a batalha também não tem trégua. Diante de Moscou, Petersburgo bramam as batalhas mais duras. Os italianos perderam o leste da África. Na China, está a guerra no Oceano Pacífico, batalhas navais entre o Japão e a América, em todos os mares lutam os ingleses e os alemães.] Para onde se olha, vê-se miséria, fome, dor e perseguição."

Quando esse trecho é excluído, fica incerto se Sperl está falando sobre a situação da guerra que se alastra por toda a parte, ou se ela já consegue perceber efeitos da guerra perto de si. A preocupação que ela tem com a dor e a perseguição é mais marcada por um pensamento cristão, quando não se tem o ponto de referência para saber a que exatamente a moça se refere. Quando ela enumera as guerras, e entre elas está a derrota da Itália, sua compaixão parece se dirigir apenas àqueles que estão ligados à Alemanha. Sperl é uma moça cristã que não consegue enxergar exatamente o que está em jogo na guerra, o que o Nacional Socialismo realmente deseja. A exclusão desses trechos atenua essa incoerência, que foi típica de muitos que viveram essa época, e acentua o aspecto do pacifismo. A mulher Marianne Sperl carrega a culpa por sua época, por ter ignorado tantos sinais que demonstravam o que realmente estava acontecendo, mas ao leitor só é cedida a imagem da menina cristã, que deseja a paz, mas ainda cita heróis nacionais.

II.2.2.3. Perpetradores

A grande maioria dos relatos de *Barbarossa '41* se passa nos campos de batalha, e, como consequência disso, a maior parte das pessoas representadas no livro está envolvida em atividades militares. Para selecionar um grupo representativo entre tantas vozes, foram levados em consideração dois fatores: em primeiro lugar, a quantidade de citações presentes no livro, em segundo, o tipo de depoimento que estas traziam, para garantir que relatos de naturezas distintas fossem estudados; isso fez com que pessoas que eram menos representativas em número de citações tenham sido incluídas no estudo. Helmut N., por exemplo, tem um número pequeno de citações, mas é um dos poucos militares que se expressam como um nazista fanático.[216] O Tenente Médico Dr. Herrmann Türk apresenta os horrores da guerra a partir do ponto de vista de um médico que está muito próximo da primeira frente de batalha. Já o Primeiro Tenente Médico Willi Lindenbach encontra-se em um ponto mais afastado e tem uma visão, no princípio, muito mais tranquila da guerra; ele foi selecionado para análise porque ele e o Dr. Türk são os dois únicos médicos atuantes na guerra que figuram com frequência em *Barbarossa '41* e a comparação entre eles só pode se mostrar produtiva. Reinhold Pabel e Erich Kuby são cabos, e Wolfgang Buff é suboficial e canhoneiro. Os três escrevem sobre as dificuldades cotidianas da guerra de diferentes pontos de vista. Pabel é um soldado que parece convencido do que está fazendo e costuma escrever

[216] No livro, há muitos relatos de pessoas que presenciaram ou fizeram parte dos massacres de judeus nos vilarejos invadidos em 1941. Esses textos têm um impacto muito maior do que as afirmações partidárias de Helmut N., mas costumam ser textos soltos e não ofereciam boas possibilidades de análise das pessoas e dos textos originais.

com uma certa tônica de bom humor; Kuby vê, desde o início, a ideologia nazista com um forte tom crítico e Buff ocupa-se mais do Natal e de uma convivência amigável com seus camaradas.

Quando a análise desses documentos estava completa, o recorte ainda não era fiel à representação que se faz dos horrores da guerra em *Barbarossa '41*. Por essa razão foram selecionadas mais três pessoas cujos textos podem causar desconforto: Ernst-Günter Merten, Georg Kreuter e Felix Landau.

II.2.2.3.1. Helmut N.

No início da leitura dos textos de Helmut N., não há a informação sobre seu sobrenome, ou sua data de nascimento. O leitor não sabe com quantos anos o soldado estava quando escrevia seus textos, mas sabe que faleceu no último ano da guerra. Os fragmentos são retirados de cartas que o soldado escreveu para sua esposa. Ele sempre se demonstra convencido das decisões do *Führer* e escreve sobre ele quase como que sobre um santo, chegando a comparar Hitler com Jesus Cristo ao comentar a declaração da guerra à URSS, em 22 de julho:

> Der Führer hat wieder einmal alle Last der Verantwortung, all die Qual der Entscheidung, all das Wissen, Gefahr und Größe des Einsatzes, hat weltanschauliche und politische Demütigungen allein für uns alle getragen. / Dies letzte hat ihn gewaltiger und unerreichbarer gemacht als je eine Tat zuvor. Die Tat der Millionen, die heute ausgelöst ist, wiegt im einzelnen weniger, weil das Volk sie trägt. Die Qual der Entscheidung aber spielte sich wieder einmal in der Seele des einzelnen ab. Christus ist am Kreuze gestorben, die Sünden der Menschheit auf sich ladend. Der Führer aber geht unablässig seinen Kreuzweg, beladen mit den Schmerzen, den Unklarheiten eines großen Volkes und der gewaltigen Verantwortung für einen Weltteil, ja für die gesamte Kultur der Welt.[217] (KEMPOWSKI, 2002: 47)

Helmut N. tem convicção de que o *Führer* está em uma empreitada para salvar o mundo, salvar "toda a cultura do mundo". Ele não consegue diferenciar o propósito de Cristo do de Hitler, pois acredita que ambos são mártires e que Hitler é um incompreendido. Suas cartas, de forma geral, só clamam os avanços do exército alemão, e comemoram as novas vitórias. Na primeira parte do livro, em 25 de junho, ele ainda afirma que "Ich gebe mich heute keinen Prophezeiungen hin, diesmal wissen wir Soldaten schon Genaueres als die

[217] "O *Führer* carregou mais uma vez sozinho toda a carga da responsabilidade, todo o tormento da decisão, todo o conhecimento, o perigo, a grandiosidade da missão, suportou sozinho por nós a humilhação política e de repercussão mundial. / Este último tornou-o maior e mais inalcançável do que qualquer outro ato. O ato de milhões que se desencadeou hoje pesa menos sobre cada indivíduo porque o povo o suporta. Mas a dor da escolha, mais uma vez, sucedeu apenas na alma de um. Cristo morreu na cruz com os pecados da humanidade pesando sobre si. Mas o *Führer* segue sua via-crúcis incessantemente, sobrecarregado com as dores, as incertezas de um grande povo e a enorme responsabilidade por uma parte do mundo, sim, por toda a cultura do mundo."

Öffentlichkeit"[218] (*ibidem*: 94), mas, ao contrário do que possa parecer, isso não quer dizer que ele deixou de acreditar completamente em profecias, e sim que ele acredita ter informações mais apuradas nesse momento – as quais confirmam as "profecias" –, pois, mesmo quando ele tem dúvidas sobre como a guerra prosseguirá, ele se esforça por acreditar na vitória e no poder de Hitler:

> Und dann taucht ein Gedanke auf, der mich in den letzten Tagen oft erschreckt und quält. Unsere Kriegslage. Vielleicht gehört das aber zu den Worten, die man verschließen muß in sich. Es hat keinen Zweck, ihnen Raum zu geben. / Wir wissen nur eins: Der Führer ist der Kühnste und der Größte von allen, er wird einen Weg finden zum Siegen, er sieht seine Soldaten und handelt vielleicht doch menschlicher und fruchtbarer als die Nur-Militärs. Daß Brauchitsch gehen mußte, ist bitter, trotzdem. Aber auch der Abschied Blombergs ist damals überwunden worden.[219] (*ibidem*: 614)

Helmut N. envergonha-se de duvidar da vitória alemã, e acha que esse tipo de dúvida deveria ser calada. Por essa razão, ele logo se ocupa de procurar argumentos para se convencer de que está errado. Em suas seis cartas publicadas no livro, esse é o único momento em que ele demonstra uma leve dúvida sobre as decisões do partido nazista, mas não questiona Hitler, que continua sendo tratado como um homem que deve ser glorificado. Mesmo antes desse momento, nos comentários que ele tece sobre o ataque do Japão aos EUA, entre seus júbilos, ele sinaliza saber que as atitudes tomadas naquele momento não são as mais previdentes, como quando ele afirma que "Ich muß gestehen, daß mich diese Nachricht geradezu glücklich gemacht hat. Ich habe immer irgendwie gefürchtet, daß Japan zu schwach sei oder zu weise – als Alterserscheinung –, um den Kampf gegen die USA aufzunehmen. Aber nun haben sie es gewagt, auch sie stehen zu dem Pakt, den der Führer geschaffen hat."[220] (*ibidem*: 347) Helmut N. compreende que os EUA são um inimigo muito potente e que a recusa em atacá-los poderia ser entendida como um sinal de que o Japão é "sábio", mas sua confiança nas escolhas de Hitler é tão grande que ele parece preferir acreditar no improvável a se manter racional.

[218] "Eu não me abandono a profecias, dessa vez, nós soldados já sabemos mais do que o público."
[219] "E então surge um pensamento que tem me assustado e atormentado nos últimos dias. Nossa situação na guerra. Talvez isso pertença às palavras que se deve trancar dentro de si. Não há por que dar-lhes espaço. / Sabemos apenas de uma coisa: o *Führer* é o mais destemido e o maior de todos, ele vai achar um caminho para a vitória, ele vê seus soldados e age de forma mais humana e mais fértil do que os que são somente militares. Entretanto, é amargo que Brauchitsch tenha tido que partir. Mas, naquela época, a despedida de Blomberg também foi superada."
[220] "Eu tenho que reconhecer que essa notícia praticamente deixou-me feliz. Sempre temi que o Japão fosse, de alguma forma, fraco demais ou sábio demais – como sinal da idade –, para iniciar a batalha contra os EUA. Mas agora eles ousaram, eles também são fiéis ao pacto que Hitler criou."

Em apenas um momento, em 13 de dezembro, as palavras de Helmut N. não se concentram nos avanços da guerra. Nesta data, ele escreve para celebrar o nascimento de seu segundo filho:

> Himmel, ich könnte es hinausrufen in alle Welt, möchte es ihnen sagen – allen, die ich ein wenig lieb habe: Hört, wir sind wieder mit einem Kindlein gesegnet worden, mit einem zweiten Kindlein, jetzt, nach kaum zwei Jahren Ehe, und es ist so unfaßbar, daß wieder ein Mensch sein wird aus unserer Liebe, ein Mensch, der unser Blut trägt, der unser liebes Vaterland sehen wird und die schöne Welt und der leben wird für unser liebes, großes Volk und seine Zukunft. Ich bin so übermäßig stolz in dieser Stunde, Dein Mann.[221] (*ibidem*: 441)

Mesmo quando ele comemora o nascimento do filho, um evento familiar, ele ainda inclui o orgulho nazista em seu discurso. A criança não apenas carrega o sangue do pai e da mãe, como ainda vai poder desfrutar do futuro glorioso da nação. Esse discurso, comum aos pais alemães, evidentemente justifica todos os sacrifícios pelos quais eles têm que passar agora. Ele também foi proferido por Grete Dölker-Rehder, que, entretanto, lamentava que seu filho não viveria o futuro glorioso da nação. A imagem é condizente com a de muitos outros perpetradores da época: pessoas que confiavam cegamente no Nacional Socialismo e foram capazes de crueldades durante a guerra, mas eram maridos e pais amorosos em suas casas.

As citações de Helmut N. foram retiradas de um livro chamado *Briefe des Soldaten Helmut N.* (Cartas do Soldado Helmut N.). O autor das cartas não tem seu sobrenome revelado na publicação, entretanto, a capa do livro apresenta uma foto sua. O semianonimato ocorre apenas para preservar a família de críticas, e não tem, de maneira alguma, a função de proteger a figura da própria pessoa que escreveu as cartas (e que já está morta há muito no momento da publicação).[222]

Briefe des Soldaten Helmut N. encontra-se disponível para pesquisa no arquivo de Kempowski. Dentro da edição que pertenceu a Kempowski, encontra-se um recorte de jornal com uma apresentação do livro através de uma conversa entre a especialista em literatura Lore Reimann e Kurt Pätzold, especializado em História.[223] No artigo eles fazem a seguinte afirmação:

---

[221] "Céus, se eu pudesse clamar para todo o mundo, gostaria de dizer a eles – a todos de quem eu gosto ao menos um pouco: Ouçam, fomos abençoados com uma criancinha, com uma segunda criancinha, agora, depois de quase dois anos de casamento, um ser humano, que carrega nosso sangue, que verá nossa pátria amada e o belo mundo e que viverá para o nosso grande e querido povo e seu futuro. Eu estou muito orgulhoso nesse momento, Seu marido."

[222] Considero importante chamar a atenção para esse dado, pois, como é sabido, algumas das pessoas citadas em *Das Echolot* tiveram que ter seus nomes trocados por pseudônimos.

[223] Não há qualquer anotação sobre a fonte ou data do artigo.

> Lore Reimann: Andererseits kam Helmut N. weniger als der durchschnittliche Soldat direkt mit dem Krieg in Berührung. Als schließlich auch er mit dem Barbarischen der Realität konfrontiert wird, bricht er zusammen. / Kurt Pätzold: Dieses Ende, sein seelischer Zusammenbruch, der seinen Tod wenn nicht verursacht, so doch mit herbeigeführt hat, war für die Masse der fanatisierten Nazis genauso untypisch. Die meisten von ihnen sorgten sich ums Überleben, um die Tarnung ihrer verbrecherischen Identität. Helmut N. fragte: 'Was haben wir getan?' Ihm stürzte wirklich eine – bis dahin seine – Welt zusammen. Sie begrub ihn unter sich.[224]

Helmut N. é um nazista fanático, mas difere dos outros por reconhecer seu erro e arrepender-se voluntariamente, sem que seja necessário que ele sofra pressão externa. As últimas palavras (linhas) desse soldado moribundo coincidem com seu arrependimento ao tomar conhecimento do que realmente acontecia nos campos de concentração nazistas.

> Nur, daß ich Dir Lebewohl sage. Oh, meine Frau, ich liebe Dich sehr. Aber nun muß ich Dich allein lassen. Ich sollte Dich um Verzeihung bitten. Es ist aber doch wohl so, daß jeder Mensch ganz zuletzt seinen eigenen Weg hat und die Verantwortung für sein Leben. Ich habe es Dir oft gesagt: Man braucht nur aufzuhören, am Leben bleiben zu wollen. Es ist, weil ich nicht weiß wie wir nach dem noch leben sollen. / Sie haben Flugblätter abgeworfen, mit Fotos. Wie ist es möglich, daß all das geschehen konnte? Aber es paßt mit vielem zusammen und ergibt ein vollständiges Bild. Ich kann es Dir nicht begründen, warum ich es glaube. Ich kann es mit Zweifeln nicht wegwischen. / Was haben wir getan? / Hüte Dich und die Kinder. / Helmut.[225] (N., 1988: 249)

Os panfletos que ele menciona foram jogados por aviões de aliados e continham fotos de Auschwitz. Quando teve acesso a esse material, em março de 1945, Helmut N. já estava internado em um hospital militar havia um certo tempo, mas esse foi um evento definidor para que ele desistisse de lutar por sua própria vida. Helmut N. prefere morrer, porque sua consciência não é capaz de lidar com tal revelação. Essa reviravolta no final da vida é o que define o homem Helmut N. na publicação de seu diário, mas isso não diz respeito ao ano de 1941.

Na publicação original das cartas de Helmut N., verifica-se que ele já questionava as decisões do partido desde antes do afastamento de Brauchitsch, mas o fazia em plena convicção nazista:

---

[224] "Lore Reimann: Por outro lado, Helmut N. teve menos contato direto com a guerra do que o soldado comum. Quando ele é, finalmente, confrontado com a barbaridade da realidade, ele entra em colapso. / Kurt Pätzold: Esse final, seu colapso espiritual, que, se não causou a sua morte, então também o conduziu a ela, foi atípico para a massa dos nazistas fanáticos. A maioria deles se preocupava com a sobrevivência, com o disfarce de sua identidade criminosa. Helmut N. perguntou: 'O que fizemos?' Para ele, realmente desabou um – até então o seu – mundo. Ele enterrou-o sob si."

[225] "Apenas, que eu lhe diga adeus. Oh, minha esposa, eu te amo muito. Mas agora eu tenho que deixar você sozinha. Eu deveria pedir-lhe perdão. Mas é justamente assim que, no final, cada ser humano tem seu próprio caminho e a responsabilidade por sua vida. Frequentemente, eu lhe disse: é necessário apenas que se desista de querer continuar vivendo. É porque eu não sei como nós deveremos continuar vivendo após isso. / Eles jogaram panfletos, com fotos. Como é possível que tudo isso possa ter acontecido? Mas isso encaixa com muitas coisas e oferece uma imagem completa. Eu não posso justificar para você por que eu acredito nisso. Eu não posso apagar isso com dúvidas. / O que nós fizemos? / Cuide de você e das crianças. / Helmut"

> Wenn ich gestern noch zweifelte und Dir vorgestern einen Brief voller Befürchtungen schrieb, heute darf ich sagen, die Stimmung bei uns ist prächtig. Ich habe wohl eines übersehen: unsere kämpferische Haltung gegen Rußland und den Bolschewisten hat lange Jahre gedauert, die Propaganda und Polemik gegen die Komintern hatten Zeit genug, sich tief in die Herzen aller Deutschen einzugraben. Die kurze Pause der Neutralität gegen Rußland war zu kurz, um als feststehende Tatsache in das Bewußtsein der Deutschen zu dringen, überdies war die kühle Haltung unserer Propaganda seit dem September 39 keineswegs dazu angetan, in den Deutschen Gefühle ewiger Freundschaft mit dem Bolshewismus zu wecken.[226] (N., 1988: 119)

Helmut N. tem consciência de que o povo alemão está sendo manipulado pela propaganda nazista, mas, como partidário das ideias do Nacional Socialismo, ele não consegue ver que também está sendo manipulado pelo mesmo artifício. Ele enxerga as contradições na atitude do partido em relação à URSS, contudo, fica satisfeito quando compreende que se tratava apenas de uma estratégia e que seu partido permanece coerente com aquilo que divulgava no início. Ele não consegue perceber esse tipo de jogo como falta de caráter, a consciência de que as propagandas foram "frias" durante o período em que os nazistas sustentaram a aliança com a URSS basta como justificativa.

Além de mais comentários sobre a situação da guerra que foram excluídos (condizentes com o que é apresentado em *Barbarossa '41*), Helmut N. também escreveu linhas carinhosas para sua esposa, entretanto, mesmo nas declarações de amor, o tom do soldado nazista permanecia presente, como quando, em 22 de junho, ele afirma "Ich weiß nur, daß Du tapfer sein wirst, ich glaube an unser Leben und die große Gerechtigkeit"[227] (*ibidem*: 121), ou quando, mais tarde, ele agradece um conselho da esposa e acrescenta, "Bist mir ein so guter Kamerad".[228] (*ibidem*: 122) Quando comenta as dificuldades da guerra, ele demonstra convicção de que está do lado dos justos e que por isso nada de mais grave deveria atingi-los, e seu cotidiano está tão permeado pela vida militar que, quando a mulher lhe dá um bom conselho (aparentemente, relativo a problemas com um dos colegas do exército), ele não encontra forma melhor de expressar seu agradecimento do que a qualificando como "camarada". Além de ser uma boa esposa, ela também parece entender de sua vida no exército

[226] "Se ontem eu ainda duvidava e lhe escrevi anteontem uma carta cheia de temores, hoje, eu posso dizer que o ânimo entre nós é maravilhoso. Eu certamente ignorei uma coisa: nossa postura de batalha contra a Rússia e o Bolchevismo durou longos anos, a propaganda e a polêmica contra o comunismo internacional tiveram tempo suficiente para se entranhar no coração de todos os alemães. A curta pausa de neutralidade contra a Rússia foi curta demais para que penetrasse como um fato irrevogável na consciência dos alemães, além disso, a postura fria de nossa propaganda desde setembro de 39 não era apta a criar nos alemães uma amizade eterna com o Bolchevismo."
[227] "Eu só sei que você será corajosa, eu acredito em nossa vida e em uma grande justiça."
[228] "Você é um camarada tão bom para mim."

e, quando Helmut a chama de "camarada", é como se ela fosse promovida a uma função mais alta.

Em *Barbarossa '41*, há um único relato marcante desse amor, e é a celebração que ele faz do nascimento do segundo filho. Como seus fragmentos não são muitos, uma carta que se refira apenas à família parece suficiente para exercer o papel de oferecer uma visão minimamente abrangente e fiel à apresentação que se faz Helmut N. no ano de 1941 em seu diário – já seu arrependimento não faz parte do recorte temporal proposto.

II.2.2.3.2. Dr. Hermann Türk

Hermann Türk faz parte de uma comitiva que está em um posicionamento avançado na frente de ataque. Ao contrário de muitos outros soldados representados no livro, ele não foi pego de surpresa pela invasão da Rússia. Türk já estava próximo ao Bug em 21 de junho e comentava animado os preparativos:

> Die Spannung wächst auf den Höhepunkt. Im Radio immer noch nichts. Diese Nacht soll es losgehen! Das Wetter ist prima. Hitlerwetter, sagen wir. […] Der Wald hier wimmelt von Panzern, Artillerie und Pferden. Unserem Korps ist nämlich auch die I.K.D. unterstellt. / Abends kommt der I B der Division. Um 3.15 Uhr soll der erste Schuß fallen. Brest-Litowsk soll mit Brandöl, mit 330 000 kg beschossen werden. Da können unsere Nebelwerfer ihren ersten Einsatz zeigen. / Ein leichter Zug unserer Kompanie wird vorgezogen. Stolz zieht Unterarzt Doringer mit seinem Zuge los. – Ich platze bald, daß ich auch diesmal wieder still sein muß. Aber der Chef beruhigt mich und sagt mir, daß der Zug höchstwahrscheinlich nicht zum Einsatz kommen würde.[229] (KEMPOWSKI, 2002: 10)

Apesar de Türk chamar o bom tempo de "tempo de Hitler", não costuma haver muitas menções ao Nacional Socialismo em seus textos. Quando ele escreve sobre Goebbels ou Ribbentrop, o faz apenas porque estes são os meios de receber novas missões. Türk, mais do que um nazista, é um entusiasta da guerra. Ele descreve o movimento que antecipa a guerra com prazer: os armamentos, o pessoal disponível e os procedimentos tomados. O médico não se preocupa com os infortúnios que a guerra pode trazer, pelo contrário, ele se entristece porque sua comitiva não fará parte do ataque já no primeiro dia. Türk deseja ação.

[229] "A tensão chega a seu ponto máximo. No rádio, nada ainda. Nessa noite deve começar! O tempo está ótimo. Tempo [clima] de Hitler, nós dizemos. [...] / A floresta aqui está fervilhando de tanques, artilharia e cavalos. Ao nosso corpo é subordinada também a 1ª Divisão de Cavalaria. / À noite, chega o 1º Batalhão da Divisão. Às 3:15 deve ser dado o primeiro tiro. Brest deve ser atingida com óleo incendiário, com 330.000 kg. Então nossos lança-foguetes múltiplos poderão mostrar-se em ação. / Uma pequena comitiva de nossa companhia será mandada adiante. Ela deve preparar uma área de primeiros socorros do outro lado do Bug. O sargento médico Doringer parte orgulhoso com a sua comitiva. – Eu logo devo explodir, pois desta vez também devo ficar quieto. Mas o chefe me tranquiliza e me diz que a comitiva muito provavelmente não deverá entrar em ação."

O diário de Hermann Türk dá descrições detalhadas dos avanços dos ataques e pode apresentar uma ironia latente mesmo quando comenta situações de um certo horror, como quando Türk encontra os russos feridos, em 23 de junho:

> Im Bahnhof Koden liegen schwerverwundete Russen. Keiner kümmert sich um sie. Einer hat seine ganzen Eingeweide zwischen den Knien und – raucht. Das scheint wirklich ein tolles Volk zu sein. Das kann ja gut werden. […] Plötzlich wird Jenter, mein Fahrer, gelb und dann weiß. Dicker Schweiß tritt ihm auf die Stirne. Er fällt nach vorne. Ich lege ihn in den Graben. – Er hatte den ersten zerfetzten russischen Toten am Straßenrand liegen sehen. Daran muß er sich eben auch erst gewöhnen. – Ich fahre dann meine Maschine selbst.[230] (*ibidem*: 58)

Ao mencionar o soldado russo que fuma, Türk, além de um certo cinismo, demonstra um nível de abstração, porque por alguns instantes ele parece esquecer que os russos são o inimigo e os trata como se fossem apenas o oponente em um jogo. Para Türk, a destruição, morte e ferimentos já fazem parte de uma certa normalidade, e ele espera que Jenter também se acostume com isso. Como médico, Türk também observa que não há pessoas responsáveis por cuidar dos russos feridos e se impressiona com essa ausência.

A escrita é cativante, o que pode influenciar a forma como seus textos são recebidos. Cito abaixo um longo trecho sobre o sério acidente sofrido em 24 de junho como exemplo da habilidade narrativa de Türk:

> Ich stelle mich vorne auf den offenen Krupp-K.W., und weiter geht es. Es ist dunkel. Jetzt wird die Straße frei, da hinter uns eine Übersetzstelle liegt, auf der die Fahrzeuge nur langsam eins nach dem andern übergesetzt werden können. Überall auf der Straße zerschossene Wagen und Panzer, die wie Gespenster an uns vorbeifliegen. Das Fahren ist hierdurch sehr beschwerlich. Ich gebe Fahrbefehl, da ich stehend mehr sehen kann als der Fahrer. Es soll ja schnell gehen. – Plötzlich dicht vor mir mitten auf der Straße ein riesiges Loch, ein Granattrichter: "Halt! Rechts!!!" Zu spät. Mit einem gewaltigen Schwung saust der Wagen auf die rechte Kraterwand, überschlägt sich hier und bleibt am Grunde des Trichters liegen. Unten im Trichter Wasser und Schlamm. Ich liege vollständig unter Wasser und Schlamm – bewegungsunfähig –, festgepreßt durch den Rahmen der Windschutzscheibe. Ich kann nicht vorwärts und nicht rückwärts. Der Rahmen drückt entsetzlich auf meine Brust. Noch kann ich denken. – Hier muß ich also sterben. Das ist ja so klar. Einen Ausweg gibt es nicht. Ich denke an Elisabeth, an Bübchen, an die Eltern. Alles steht ganz klar, ja so klar vor mir. Wenn nur dieser Schlamm nicht wäre. Noch kann ich den Atem anhalten. Das habe ich ja früher als Sport lange geübt. Nur noch einmal Luft atmen können. Nur einmal noch. Wie sinnlos dies alles. Noch einmal reiße ich alle Kräfte zusammen. Noch einmal regt sich der Lebenswille mit ganzer Kraft. – Wie drückt das Eisen auf meiner Brust. – Verdammt noch mal. Wäre nur dies Eisen nicht. Ich wühle den Sand unter mir fort. Mit den Händen grabe ich Stück für Stück beiseite. Langsam, zentimeterweise rutsche ich fort. Es ist eine wahnsinnige Arbeit. Der Schlamm steht mir schon im Munde. Ich stoße und wühle mit den Füßen wie ein Wahnsinniger. Stoße dabei an etwas Weiches, was dann nachgibt. Es muß ein Kamerad sein.

[230] "Na estação ferroviária de Koden estão russos com ferimentos graves. Ninguém cuida deles. Um tem todas suas entranhas entre os joelhos e... fuma. Este parece realmente ser um povo legal. Isto pode ficar interessante. [...] De repente, Jenter, meu motorista, fica amarelo e então branco. Sua testa se enche de suor. Ele cai para frente. Eu o deito na trincheira. – Ele havia visto os primeiros cadáveres russos dilacerados na beira da rua. Ele ainda deve se acostumar a isso. – Então, eu próprio dirijo a máquina."

> Schon wollen die Sinne schwinden. – dann hört den Druck auf. Ein unbeschreiblicher Siegeswille, ein Rausch befällt mir. Der Druck ist fort. Ich weiß nicht mehr, wo oben und unten ist. Ich wühle und taste mich im Schlamm bis zum Kraterrand vor. Immer wieder werde ich hinabgezogen durch den schweren Kradmantel, die Stiefel ziehen entsetzlich hinab. – Da, Luft!! Ich halte den Kopf über Wasser und Schlamm. Ein Atemzug!! Und dann falle ich wieder zurück und weiß nichts mehr. Nun bin ich eigentlich gestorben. / Aber meine Leute, die eifrig mit der Bergung beschäftigt waren, hatten mich in dem Augenblick erblickt, als ich mit dem Kopf hochkomme. Unter eigener Lebensgefahr haben sie mich dann herausgezogen. Ich habe dann noch lange Zeit Sand und Schlamm erbrochen.[231] (*ibidem*: 79-80)

A narrativa de Türk é rica em detalhes e eficiente tanto em transportar para a atmosfera do local, como quando ele menciona que carros abandonados e cobertos de tiros passavam por eles como "fantasmas", quanto em prender o fôlego do leitor, enquanto ele descreve longamente uma batalha pela sobrevivência que não pode ter durado mais do que poucos minutos. Türk também transporta o leitor para o momento do acontecimento. O perigo é relatado no tempo presente, e os acontecimentos desenvolvem-se dramaticamente diante dos olhos do leitor. Toda a luta pela vida é descrita no presente até o momento no qual o protagonista perde a esperança e afirma que "agora, eu realmente morri." Então há um relaxamento e a narrativa volta a ser conduzida no pretérito perfeito.

Aqui também surge um tema importante, que é a união desses homens em tempos de guerra. Para salvar Türk, eles "põem a própria vida em risco". Hermann Türk não é menos empenhado quando trata de seus camaradas. No acidente na noite de 24, ele quebrou a costela, mas, já em 27 de junho, opera por cerca de 28 horas seguidas. Suas descrições podem tanto emocionar, quanto causar um certo horror:

---

[231] "Eu me ponho à frente do automóvel Krupp aberto, e seguimos. Está escuro. Agora a via está livre, atrás de nós está um local para travessia sobre o qual os automóveis só podem passar lentamente, um depois do outro. Por toda a parte pelo caminho estão carros e tanques cobertos de tiros como fantasmas que voam por nós. Conduzir por aqui é bem difícil. Eu dou ordem de prosseguir a viagem, pois consigo ver melhor do que o motorista. Deve-se prosseguir rápido. – De repente, bem próximo de mim, um enorme buraco na via, uma cratera formada por uma granada: "Parem! À direita!!!" Tarde demais. No fundo da cratera água e lama. Eu me encontro completamente submerso sob a água e a lama – incapaz de me mover –, pressionado pelos cantos do para-brisa. Eu não consigo ir para a frente ou para trás. O para-brisa pressiona meu peito terrivelmente. Ainda posso pensar. – Aqui eu devo morrer. Isso é claro. Não há saída. Eu penso em Elisabeth, no garotinho e nos pais. Tudo está tão claro, sim, tão claro diante de mim. Ah, se não fosse essa lama. Eu ainda consigo segurar a respiração. Antigamente, treinei isso por muito tempo nos esportes. Poder respirar o ar apenas mais uma vez. Subir apenas mais uma vez. Como isso tudo é sem sentido. Mais uma vez junto todas as minhas forças. Mais uma vez, a vontade de viver vem com toda sua força. – Como o ferro se imprime sobre meu peito. – Maldito mais uma vez. Se não fosse o ferro. Eu escavo a areia abaixo de mim para o lado. Com as mãos, eu a elimino pouco a pouco. Vagarosamente escorrego, centímetro por centímetro, pra fora dali. É um trabalho de louco. A lama já está na minha boca. Eu empurro e escavo com os pés como um louco. Eu bato em alguma coisa mole que cede. Deve ser um camarada. Os sentidos estão por se perder. – Então a pressão cessa. Um desejo de vitória indescritível, um frenesi me arrebata. A pressão acabou, eu não sei mais onde é em cima e onde é em baixo. Eu escavo e tateio na lama até chegar à margem da cratera. Mais uma vez sou puxado pra baixo pelo pesado manto da motocicleta, as botas puxam terrivelmente pra baixo. – Então, ar!! Eu mantenho a cabeça sobre a água e a lama. Uma tomada de fôlego!! E então, caio pra trás e não sei de mais nada. Agora, eu realmente morri. / Mas meus homens, que estavam fervorosamente ocupados com o resgate, me viram no momento em que eu pus minha cabeça pra fora. Pondo a própria vida em risco, eles me puxaram pra fora. Então vomitei terra e lama por um longo tempo."

> Hauptmann Orts liegt da, er ist schwer verwundet. Beide Beine durchschossen. Er kommt gleich als erster auf den Operationstisch. Dr. Schmidt und ich operieren. Ich glaube, daß wir wenigstens ein Bein amputieren müssen. Ich verspreche Herrn Hauptmann, unser Möglichstes zu tun, und wenn es möglich ist, ihm beide Beine zu erhalten. – Es gelingt! Der linke Oberschenkel ist zertrümmert, aber da die Femoralis erhalten ist, brauchen wir den Oberschenkel nicht abzusetzen. Beim rechten Oberschenkel fast die gleichen Verhältnisse. Das reichlich zerfetzte Gewebe wird entfernt und später alles im Beckengips fixiert. Als er aus der Narkose erwacht, kann er alles bewegen, sämtliche Zehen sind beweglich, so daß auch keine erhebliche Nervenschädigung vorliegen kann. – Er ist sehr dankbar. [...] Nach 28 Stunden haben wir es geschafft. Der Tag dämmert. Da kommt plötzlich der Korpsarzt, Oberstabarzt Dr. Müntsch, in den Op. "Türk, alle Achtung. Ich spreche Ihnen meine Hochachtung aus. Ich hörte, daß sie erst vor einigen Tagen einen Unfall hatten und 2 Rippen gebrochen haben und heute am Op-Tisch stehn." Ich war sprachlos und wurde knallrot. Es ist doch klar, daß man, solange man noch stehen kann, auch helfen muß. – Ich merkte wohl meine verdammten Rippen. Aber nun ging es natürlich erst recht weiter.[232] (*ibidem*: 126-127)

As citações do médico são importantes por oferecer uma imagem de como estavam sendo os embates nas regiões da primeira frente de batalha. Embora o avanço esteja sendo feito rapidamente e com sucesso, o número de mortos e feridos nessa área é muito alto. Türk compreende que, apesar de seu ferimento, ele não tem condições de deixar o trabalho em um momento como esse. Mesmo depois dos elogios e continuando o trabalho pesado, Türk não perde a humildade. Em 6 de julho, ele relata que trabalhou 12 horas seguidas, tendo ido dormir apenas por ordens de superiores. Ao retornar ao trabalho após apenas uma hora de sono, ele é repreendido por um Primeiro Tenente ferido:

> Es ist Oblt. Fischer. Nur schwer erkennt er mich, Schuß ins linke Auge, welches erblindet ist. Sonst noch Granatsplitter im Arm. Grauenhaft. Er macht mir Vorwürfe, daß ich nicht gleich zur Stelle war. Ja, ja. – Aber ich nehme es ihm nicht übel. Er bekommt eine Zigarette, macht ein paar Züge und versinkt dann in Schlaf. Ich nehme seine Zigarette, drücke sie aus, bette ihn, so gut das auf dem Fußboden geht – und schleiche ins Zelt. Mir ist zum Kotzen elend.[233] (*ibidem*: 273)

[232] "O Capitão Orts está lá, ele está seriamente ferido. Ambas as pernas foram trespassadas por tiros. Logo ele virá como primeiro à mesa de operações. Dr. Schmidt e eu operamos. Eu creio que nós precisaremos amputar pelo menos uma perna. Eu prometo ao capitão que faremos o possível, e que, se for possível, manteremos as duas pernas. – Conseguimos! A coxa esquerda está destroçada, mas, uma vez que o nervo femoral está intacto, nós não precisamos amputar a coxa. É praticamente a mesma situação com a coxa direita. Os tecidos completamente dilacerados são retirados e depois a bacia é engessada. Quando acorda da narcose, ele consegue movimentar tudo, todos os dedos do pé, de forma que não pode haver danos aos nervos. – Ele fica muito grato. [...] Depois de 28 horas nós conseguimos. O dia está nascendo. Então, de repente, o médico do corpo de exército, o Primeiro Tenente Médico Dr. Müntsch, vem à sala de operações. 'Türk, bravo. Eu lhe expresso toda a minha admiração. Eu ouvi que você teve um acidente há poucos dias e que quebrou duas costelas e hoje estava na mesa de operações'. Eu fiquei sem palavras e logo fiquei vermelho como uma pimenta. É claro que se deve ajudar enquanto for possível se manter em pé. – Certamente, eu sentia minhas malditas costelas. Mas, agora, é claro que eu tinha que continuar."

[233] "É o Primeiro Tenente Fischer. Ele tem dificuldades em me reconhecer. Tiro no olho esquerdo, que ficou cego. Fora isso mais fragmentos de granada no braço. Terrível. Ele me faz acusações, pois eu não estava no meu cargo naquele momento. Sim, sim. – Mas eu não o levo a mal. Ele recebe um cigarro, dá algumas tragadas e cai no sono. Eu pego seu cigarro, apago, e faço uma cama pra ele, tão bem quanto é possível no chão – e rastejo pra barraca. Eu estou miserável pra danar."

O estado de cansaço e estresse aumenta rapidamente. Em menos de um mês, o médico já acumula noites mal dormidas, excesso de trabalho e tem que lidar com as costelas quebradas. Mesmo nessa condição, ele ainda compreende os acessos de fúria dos feridos. O que impressiona, além da crueza com a qual ele descreve o cotidiano médico em pleno campo de batalha, é que Türk não expressa desejo de se afastar daquele inferno, pelo contrário, ele menciona mais de uma vez que quer voltar a trabalhar com o mesmo batalhão que serviu com ele na França, um batalhão que está em uma posição mais avançada e em constante estado de alerta:

> Nachmittags suche ich das Bataillon. Ich fahre allein mit meinem Krad los. Das Bataillon liegt ganz vorne am Dnjepr. Es ist als Sicherung eingesetzt. Die Artillerie ballert mächtig hinein. Jeder hat sein Erdloch. Hört man die Granaten typisch heranpfeifen, so wirft man sich schnell hinein. Viele denken, ich sei nun wieder beim Bataillon, und begrüßen mich herzlich. Leider geht das nicht zu machen. Wie gerne möchte ich hierbleiben.[234] (*ibidem*: 273)

A visita ocorre sob fogo cerrado, mas Türk parece ignorar ou até mesmo aprovar essa circunstância, pois os seus companheiros de longa data estão em um lugar onde a ação está acontecendo. Em 8 de julho, o desejo de Türk, que parecia impossível, é realizado. Um novo médico deseja se juntar ao batalhão do qual ele agora faz parte. Após uma negociação insistente, Türk consegue a transferência para seu antigo batalhão, acompanhada de uma promoção. Seu primeiro dia de volta com seus homens é marcado pelo ataque da artilharia inimiga:

> Dann geht es los. Mein Wagen, mein Kübel! Truppenarzt!! Nach vorne. Es ist mir so leicht. Ich bin glücklich. – Und so werde ich dann auch gleich von einem wahren Hagel von Artillerieeinschlägen empfangen. Überall Freude. Ich fühle, daß man mich herzlich empfängt. Ich kenne sie ja auch alle. Dort gehöre ich hin. – Werner Möller lag schon in seinem Loch. Herzliche Begrüßung. Zuerst muß ich mal erzählen, wie es mir gelungen ist, zurückzu-kommen. / Die ganze Nacht Arifeuer.[235] (*ibidem*: 291)

Hermann Türk demonstra pouca preocupação com a própria segurança, para ele, é muito mais importante estar em seu antigo batalhão do que levar uma existência mais tranquila durante a guerra. Na primeira metade do livro, seu diário é citado todos os "dias". A frequência de seus textos e o desenvolvimento acelerado dos acontecimentos nessa região de

[234] "À tarde, eu procuro o batalhão. Vou sozinho com minha motocicleta. O batalhão está bem à frente, perto de Dniepre. Está colocado como salvaguarda. A artilharia atira alto neles. Cada um tem seu buraco na terra. Quando se ouve o zunir típico de uma granada sendo arremessada, todos se atiram rapidamente pra dentro. Muitos acham que voltei a fazer parte do batalhão e me cumprimentam alegres. Infelizmente, isso não é possível. Como eu gostaria de ficar aqui."

[235] "Agora vamos. Meu carro, minha cuba! Médico de tropa!! Adiante. Estou tão leve. Tão feliz. – E logo sou recebido por uma verdadeira chuva dos ataques da artilharia. Alegria em toda a parte. Sinto que sou recebido de coração. Eu também conheço todos eles. É a este lugar que eu pertenço. – Werner Möller já estava em seu buraco. Cumprimentos cordiais. Primeiro, eu tenho que contar como eu consegui voltar. / Fogo de artilharia por toda a noite."

ataque concedem ao diário de Türk uma narrativa mais movimentada na qual os relatos perdem um pouco desse tom cotidiano que marca os outros fragmentos. O desenvolvimento constante dos fatos serve como um fio que liga a narrativa através dos dias:[236] a guerra tem início e intensifica-se rapidamente; Türk sofre um acidente e, nos dias subsequentes, relata as complicações de trabalhar com a costela quebrada; a dificuldade de Jenter, o motorista, em acostumar-se aos cadáveres e sua transferência para um hospital militar, poucos dias depois, quando é atingido por uma granada no quadril.[237] Türk relata ainda o seu desejo de retornar a seu batalhão, que parece surgir como uma "recompensa" por todo o trabalho duro na conclusão da primeira parte.

Mas a história de Türk não é concluída aqui, ele é citado mais uma única vez na segunda metade do livro, no "dia" 9 de dezembro, quando está retornando para a Alemanha em uma comitiva hospitalar. Não se sabe qual é sua condição médica, mas ele se refere à febre e a seis semanas sem banho. O trem no qual ele está sofreu várias paradas por problemas técnicos e sabotagens de guerrilheiros, mas, ao contrário de tantos outros soldados que escrevem nesse período, Türk está indo para casa, para longe do inverno russo, onde ele deve receber cuidados apropriados.

No arquivo de biografias não publicadas há pouca informação sobre Hermann Türk. Apenas uma pasta com um xerox da transcrição de seu diário estava disponível. Os textos cobrem o período de 6 de junho de 1941 a novembro de 1942 (nesse ano, há escassas entradas em seu diário), num total de 160 páginas. O original parece ser antigo, as últimas páginas estão danificadas nas bordas, sendo que nas duas últimas a leitura de linhas completas não é mais possível.

Apesar de os textos de Hermann Türk comumente serem longos, eles receberam poucos cortes e a grande maioria apresenta-se de forma integral, o que pode ser justificado tanto por ele ser um dos poucos médicos presentes na obra, quanto pela qualidade literária de seus escritos. As exclusões costumam apresentar um material muito semelhante ao que já está sendo tratado no livro e, em um "dia" como 24 de junho – o dia do acidente –, podem ter tido apenas a função de encurtar o texto.[238]

[236] Embora pareça evidente que diários escritos por uma só pessoa devam ter esse fio condutor, ele não é tão claro no caso de civis, como Hilde Wieschenberg ou Marianne Sperl, cujas cartas e diários são marcados pela rotina e podem facilmente ser retirados do contexto ou até mesmo embaralhados sem que isso altere muito a compreensão que se tem deles.
[237] Vide KEMPOWSKI, 2002: 100.
[238] A citação em *Barbarossa '41* conta com praticamente duas páginas de extensão, mas três parágrafos foram excluídos. Nestes Türk se queixa por não receber permissão para prosseguir a viagem ainda na mesma noite devido ao ferimento na costela.

Duas exclusões, contudo, demonstram ser relevantes, porque envolvem textos que tratam de um lado pouco explorado de Hermann Türk, o lado familiar. A primeira ocorre em 4 de julho:

> Eben kommt Albrecht. Er hat Post mitgebracht. Nun aber schnell hin! – 8 Briefe! Welch ein Glück. Unbeschreiblich ist dies Gefühl Post bekommen zu haben. Es ist wie Weihnachten. – Ich werde beneidet an meiner vielen Briefe. 5 Briefe von Elisabeth mit einem Bild von Bübchen. Das Bild muss natürlich gleich die Runde machen. Was ist er doch für ein allerliebster Kerl![239]

Em *Barbarossa '41*, a única menção que existe à família de Türk é quando ele está ameaçado de morrer e se lembra da esposa, do filho e de seus pais. No texto acima, ele volta a se referir à família com grande alegria. Türk não é amado e apreciado apenas por seus camaradas. Ele recebe oito cartas de uma vez, algo incomum para seus colegas. Sua mulher escreve em grande quantidade, mas ele também recebe três outras cartas de outras pessoas. Esse lado do médico fica apagado, mas não deixa de ser representado por outros soldados do livro, como Buff, que se ocupam principalmente de suas correspondências e de assuntos familiares.

A outra exclusão é do último texto de 1941, no qual Türk retoma parte da viagem que está apresentada em 9 de dezembro, e prossegue até sua chegada à Alemanha. Embora o texto não seja datado, as anotações de janeiro de 1942 são iniciadas com a informação de que ele já se encontra há um mês no hospital militar, do que se compreende que ele chegou à Alemanha em meados de dezembro. Abaixo a transcrição integral do relato da volta de Hermann Türk, redigido em um hospital militar de Hamburgo:

> Ja, so ging die Fahrt durch Russland. Ich fuhr vorbei an Orten, die wir im Kampfe nahmen. Wann war das? O, wie lange ist das her? Was ist inzwischen alles geschehen. Bahnhof Unetscha. Am Bahndamm liegen sie, die toten Kameraden. Hptm. Schmidt. Arzt Holler. Ja damals. Dort in den Schuten lagen meine Verwundeten, wir waren abgeschnitten. Dort das Krankenhaus in dem ich die Nacht operierte. Vorbei. / An Schlaf ist nicht zu denken. Nachts siegt das Fieber. Ich wälze mich im Bett umher. Der Zug rückt vorwärts. – rückwärts. Stöhnen, Stöhnen. Es ist kein Vergnügen diese Fahrt. Die Wunde ist vereitert. Im Op. Wagen muss sie erweitert werden. Dann wird es wärmer. 15 Gr. Wärme. Vor drei Tagen noch 39 Grad Kälte. 54 Grad Unterschied. Der Lazarettzug soll nach Frankfurt Marburg fahren. Dahin will ich nicht. Morgens um 4 Uhr kamen wir in die Nähe von Warschau. Der Zug hält nicht in Warschau Ost. Schnell fertigmachen und raus. Denn Zwischenausladungen waren strengstens verboten. Eine Lokomotive mit einem Personenwagen für die Streckenarbeiter steht 400 Meter weiter vor. Über die Gleise nach vorn. Polen unterstützen mich und tragen das Gepäck. Und schon setzt sich die Lokomotive in Bewegung. Ja so kamen wir glücklich nach Bahnhof Warschau. Nach Berlin. Hier gelingt es mir endlich etwas warmes Wasser zu bekommen, um

[239] "Albrecht acabou de chegar. Ele trouxe a correspondência. Mas agora rápido até ele! – 8 cartas! Que alegria. Essa sensação de receber correspondência é indescritível. É como Natal. – Eu sou invejado por minhas muitas cartas. 5 cartas de Elizabeth com uma foto do garotinho. É claro que a foto logo deve dar uma volta pelo pessoal. Que rapaz mais bonitinho ele é!"

> den furchtbaren Bart abzunehmen und mich spärlich zu waschen. Im Wartesaal: Deutsche Menschen. Frauen, die deutsch sprechen. / Ist das Traum? Wie hatten wir uns das gewünscht. Dann gibt es Bier! Um 22 Uhr darf der Ober nichts mehr ausgeben. Er muss uns deshalb noch jedem 3 Halbe bringen. Ist egal – Wer das nicht versteht soll es sein lassen. / Die Taxe hält. Morgens 6 Uhr. Was würde jetzt Elisabeth sagen? Warum darf das nicht sein? – Nur einmal noch. – Das Herz will zerbrechen. – Mutti öffnet. Erstaunen. – Angst! Dann schallt von oben eine helle Kinderstimme: "Papa!" Ich drücke ihn so ganz fest an mich. Alle Schmerzen der Wunde sind vergessen. Dicke Tränen stehen in meinen Augen. / Daheim und doch nicht![240]

As dúvidas em relação ao reencontro com a família, assim como a última frase, "Em casa e ainda não!!", se deve ao fato de que Türk ainda apresentava ferimentos sérios e deveria dirigir-se a um hospital militar, onde ele ainda passaria mais do que um ano internado, conforme foi verificado em suas anotações de 1942. A visita que ele faz à família antes de chegar a seu destino final parece ser um desvio de percurso. A narrativa do retorno de um dos militares para casa, sem menções claras à necessidade de partir de novo em breve (para a batalha ou o hospital militar, como seria o caso), não dá apenas a sensação de uma conclusão da história, mas também de um "final feliz". Se, na primeira metade do livro, em 8 de julho, há uma sensação de conclusão quando ele realiza seu desejo de voltar para o antigo batalhão, esse retorno ocorre sob forte ataque de artilharia. A guerra continua presente. No texto apresentado acima, a guerra se distancia de Türk e ele retorna ao seio da família. Nem mesmo as datas de nascimento e morte de Türk poderiam deixar uma sombra sobre esse desenlace feliz, já que é sabido que Türk morreria apenas em 1976.

Com as duas exclusões mencionadas acima, a imagem familiar e uma conclusão feliz da história de Hermann Türk são evitadas. Ao médico fica restrita a imagem de um entusiasta da guerra que sempre teve muito zelo por seus homens. Os relatos de Türk, em *Barbarossa '41*, pertencem apenas à esfera do combate.

---

[240] "Sim, assim foi a viagem pela Rússia. Eu passei por lugares que nós tomamos em batalha. Quando foi isso? Oh, há quanto tempo atrás foi isso? Tudo que aconteceu no meio-tempo. Estação de trem de Unecha. Ao lado do trilho jazem eles, os camaradas mortos. Capitão Schmidt. Médico Holler. Sim, naquela época. Lá nos barcos estavam os meus feridos, nós fomos separados. Lá, o hospital onde eu operei a noite inteira. Passou. / Não se deve pensar em dormir. De madrugada, a febre vence. Eu não fico me mexendo na cama. O trem se locomove para a frente. – para trás. Gemidos, gemidos. Essa viagem não é nenhum prazer. A ferida está supurada. Na comitiva de operação, ela deve ser alargada. Então fica mais quente. 15 graus de calor. Há três dias, ainda 39 graus de frio. 54 graus de diferença. A comitiva hospitalar deve viajar até Frankfurt Marburg. Eu não quero ir para lá. De manhã, às 4 horas, chegamos nas proximidades de Varsóvia. O trem não para em Varsóvia Leste. Aprontar-se rápido e para fora. Pois os desembarques entre paradas eram estritamente proibidos. Uma locomotiva com um vagão para os trabalhadores que reparam os trilhos está 400 metros adiante. Para a frente, pelas plataformas. Poloneses me apoiam e carregam a bagagem. E a locomotiva já se coloca em movimentação. Sim, assim chegamos felizmente à estação de trem de Varsóvia. Para Berlim. Aqui, eu finalmente consigo arrumar água quente para tirar a barba horrível e lavar-me parcamente. Na sala de espera: pessoas alemãs. Mulheres que falam alemão. / É um sonho? Como nós desejamos isso. Então tem cerveja! Às 22 Uhr, o garçom não pode mais distribuir nada. Por isso, ele deve trazer 3 médias para cada um de nós. Tanto faz – quem não entender isso, deve deixar pra lá. / O táxi para. 6 horas da manhã. O que diria a Elisabeth agora? Por que não pode ser? – Só mais uma vez. – O coração quer se despedaçar. – Mamãe abre. Surpresa. – Medo! Então ressoa de cima uma voz aguda de criança: 'Papai!' Eu o aperto tão forte junto a mim. Todas as dores da ferida são esquecidas. Lágrimas grossas estão nos meus olhos. / Em casa e ainda não!!"

II.2.2.3.3. Dr. Willi Lindenbach

Willi Lindenbach é o único outro médico alemão presente em *Barbarossa '41*. Ao contrário de Türk, ele está em sua casa quando recebe notícias sobre a guerra e tem alguns dias com a família antes de se despedir e partir rumo à campanha. A notícia da guerra não o agrada de forma alguma, ele se expressa sobre isso chamando Hitler de louco, e depois concordando com antigas afirmações do partido oponente, ao queixar-se por ter que deixar a família mais uma vez: "Schon wieder bricht ein Abschiedstag für uns beide an. Das ist nun schon das 4. Mal. Zuerst Sudetenland, dann Polen, Frankreich und jetzt gegen Rußland. 'Hitler bringt den Krieg', sagten die Sozialdemokraten immer, und man sieht, wie recht sie behalten haben."[241] (KEMPOWSKI, 2002: 70)

Nos primeiros dias de guerra, Lindenbach ainda está em sua casa, vive um clima de férias, e escreve sobre o sol, ou sobre atividades esportivas. Um dia antes de partir, em 24 de junho, ele declara seu amor à esposa e se preocupa com o destino que os aguarda:

> Mein gutes, gutes Herze war heute so hold und mild und sah so süß aus, daß ich mich direkt wieder in sie verliebt habe. Dazu war das Wetter wieder so herrlich, daß wir den ganzen Spätnachmittag und abend auf dem Balkon sitzen konnten. – Jesus Christus hält unser Glück in seinen starken Händen.[242] (*ibidem*: 70)

Contudo, quando ele segue em direção aos campos de combate, seu grupo está muito atrás dos outros, e, por isso, pouco muda no tom de seus relatos, que parecem ainda falar de um longo período de férias.

> So richtig gemütlich ist es heute. Wir, d.h. Zahnarzt Krug und ich, wohnen bei dem Großbauern Brachmer in … Wir bewohnen ein großes luftiges Zimmer und unsere beiden Radios spielen abwechselnd, meiner auf kurzer, Krug seiner auf langer Welle. […] Gegen abend, nachdem wir nachmittags auf der Veranda mit Herrn Brachmer zusammengegessen hatten, fuhren wir zu dritt nach … wo wir einen wunderbaren Sportplatz mit herrlicher Sprunggrube ausmachten. Auch ein Freibad war ganz dicht dabei. Leider konnten wir nicht mehr springen, da ein starker Gewitterregen einsetzte. Bei Brachmer gab es am Abend ein wunderbares Abendessen: Rührei, Schinken, Leberwurst. Und wunderbar schlief es sich dann in den Betten.[243] (*ibidem*: 150-151)

[241] "Mais uma vez é chegado o dia da despedida para nós. Já é a quarta vez. Primeiro Sudetenland, então Polônia, França e agora contra a Rússia. 'Hitler traz a guerra', os social-democratas diziam sempre, e se vê como tinham razão."

[242] "O meu bom, bom amor estava hoje tão afeiçoada e amena e tinha uma aparência tão doce que logo me apaixonei novamente por ela. Além disso, o tempo estava tão esplêndido que pudemos ficar sentados na varanda por toda a tardinha e a noite. – Jesus Cristo guarda nossa felicidade em suas mãos fortes."

[243] "Hoje está tão agradável. Nós, isso quer dizer, o dentista Krug e eu, estamos hospedados na casa do grande lavrador Brachmer em ... Nós estamos em um quarto grande e arejado e nossos rádios tocam alternadamente, o meu toca ondas curtas e o do Krug longas. [...] Por volta da noite, depois de termos comido na varanda junto com o Sr Brachmer, fomos os três para ..., onde avistamos uma maravilhosa quadra de esportes com um esplêndido local para saltos. Também havia um local para banhos ao ar livre bem perto dali. Infelizmente, não

O clima tanto é de férias que eles retornam à quadra de esportes no dia seguinte para praticar salto, e Lindenbach ainda aproveitaria os próximos dias para atividades como mergulhar ou tomar sol. O próprio médico se impressiona com tanta calmaria, como ele comenta em 3 de julho:

> So einen ruhigen Krieg habe ich noch nicht mitgemacht. Es ist so: die Infanterie marschiert den ganzen Tag, und wir machen dann meist gegen Abend einen Sprung um 30 – 40 km. […] Morgens waren wir in einem herrlichen See schwimmen. Der Sport macht mir wirklich jetzt Spaß. Abends Abmarsch.[244] (*ibidem*: 214)

Na primeira metade do livro, não há qualquer menção a confrontos ou complicações. Em alguns poucos momentos, seus textos estão localizados junto dos de Türk, o que evidencia as diferenças no cotidiano dos dois médicos. Enquanto Türk já presencia mortes desde o início e faz complicadas operações nos homens de seu batalhão, Lindenbach pratica esportes e aproveita o verão. Essas disparidades parecem revelar quanto a guerra não estava "igualmente distribuída" e como as condições variavam muito de lugar para lugar. A situação muda na segunda parte do livro, quando Türk escreve apenas uma vez contando que está voltando para casa e Lindenbach continua uma figura presente no livro, escrevendo sobre o que ele define como "der furchtbarste Lebensabschnitt für mich, den ich bis jetzt erlebte".[245] (*ibidem*: 691)

No início da segunda metade do livro, Lindenbach se queixa por causa da improbabilidade de férias nas condições atuais:

> Das Weihnachtsfest naht mit Riesenschritten. Ich hätte ja wirklich nicht geglaubt, daß wir so gar keinen Urlaub bekommen würden. Aber was will man machen? – War heute in Wolokolansk, hier konnte man einige aufgehängte Partisanen – als abschreckendes Beispiel – betrachten.[246] (*ibidem*: 330)

Até o último momento, Lindenbach acreditou que teria folga para poder passar as festas de final de ano junto com sua família, mas, decepcionado, finalmente compreende que não será possível. A visão dos guerrilheiros enforcados não está diretamente ligada a essa constatação, mas é o tipo de experiência que deixa clara para o médico a seriedade da situação. Não apenas ele não receberá férias, mas as complicações na região são tão graves

---

pudemos saltar, pois um temporal se aproximava. À noite, na casa de Brachmer, tivemos um maravilhoso jantar: ovos mexidos, presunto e patê de fígado. E dorme-se maravilhosamente nas camas."

[244] "Eu nunca fiz parte de uma guerra tão tranquila. É assim: a infantaria marcha o dia todo e, à noite, temos dado um salto [percorremos uma distância de] de cerca de 30 - 40 km. [...] De manhã nadamos em um lago esplêndido. O esporte me diverte muito. À noite, partimos em marcha."

[245] "[...] para mim, a pior parte de minha vida que eu vivenciei até agora"

[246] "As festividades de Natal aproximam-se a largos passos. Eu realmente não teria acreditado que não teríamos férias algumas. Mas o que se pode fazer? – Estive hoje em Volokolansk, pude observar alguns guerrilheiros enforcados – como exemplo intimidador."

que, no dia seguinte, seu exército iniciaria a fuga. Agora, introduzido dentro do universo das batalhas, Lindenbach, que no princípio era completamente contra a guerra, se declara positivamente sobre o ataque japonês contra os EUA. "Deutschland nimmt Moskau ein, zu gleicher Zeit erklärt Japan England und Amerika den Krieg. Die Japaner haben fast die gesamte Pazifikflotte der Amerikaner versenkt. Das ist sehr günstig für uns."[247] (*ibidem*) Uma vez que a guerra já está instalada, Lindenbach deseja a vitória da própria nação, até mesmo porque, nesse momento, a derrota da Alemanha pode implicar para ele uma questão de vida ou morte.

As citações de Lindenbach são sempre breves, sem dar muitos detalhes sobre o que está ocorrendo – ao contrário das de Türk –, mas a simples menção da quantidade de feridos que eles têm de transportar durante a fuga impressiona: "Rege Tätigkeit der russischen Luftwaffe, Bomber und Ratas! Wir haben gegen 250 Verwundete hier, keinen Kranken-kostwagen, keine Möglichkeit zum Abtransport. Was soll werden? Der Russe drängt. Gott allein kann helfen!"[248] (*ibidem*: 436) Em 17 de dezembro, Lindenbach demonstra sentir-se responsável por seus feridos, quando afirma: "Wenn es uns nicht gelungen wäre, die Verwundeten fortzubekommen, was hätte ich gemacht. Ich wäre meines Lebens nicht wieder froh geworden."[249] (*ibidem*: 503) Esses são alguns dos poucos momentos nos quais o médico escreve sobre seus pacientes. Embora ele seja muito econômico em suas palavras, essa última observação mostra sua preocupação com o bem-estar de seus homens. Nesse trecho, ele também volta a escrever sobre Deus. Quando ele menciona Deus, costuma ser para pedir que continue cuidando de sua felicidade marital ou para agradecer pelas dádivas, mesmo quando ele se encontra na miséria da guerra, como no último dia do ano:

> Der Herr hat uns ein große Prüfung auferlegt. – Und doch sind wir ihm alle von Herzen dankbar, daß er uns so gnädiglich behütet hat. / Als heute nacht die Glocken des Kölner Doms ertönten, gab ich im Geiste meinem guten Herze einen innigen Kuß. Gott schütze uns und unser Glück![250] (*ibidem*: 691)

A característica mais marcante do diário de Lindenbach é a virada de sua fortuna da primeira para a segunda parte do livro. Enquanto no início, mesmo indo em direção à guerra,

[247] "A Alemanha ocupa Moscou ao mesmo tempo em que o Japão declara guerra à Inglaterra e à América. Os japoneses afundaram quase toda a frota do Pacífico dos americanos. Isso é muito vantajoso para nós."
[248] "Atividade intensa da força aérea, aviões de bombardeamento e ratas (aviões Polikarpov I-16) russos! Temos cerca de 250 feridos aqui, nenhum carro de alimentos leves para doentes, nenhuma possibilidade de transportá-los para fora daqui. O que será que vai acontecer? A Rússia avança. Apenas Deus pode ajudar."
[249] "Se não tivéssemos conseguido retirar os feridos, o que eu teria feito? Eu não teria voltado a ficar satisfeito com minha vida."
[250] "Deus colocou-nos sob uma grande prova. – Mesmo assim, nós todos Lhe somos gratos de coração por Ele ter nos protegido tão misericordiosamente. / Quando, hoje à noite, os sinos da catedral de Colônia soaram, eu dei em espírito um beijo fervoroso em meu amor. Deus nos protege e à nossa felicidade!"

Lindenbach bronzeia-se, banha-se em lagos, pratica esportes e come muito bem, na segunda parte, ele é um dos responsáveis por um número alto de feridos, está em fuga com seu batalhão e, durante o período das festas, é atormentado por piolhos, pulgas e uma séria diarreia. Sua narrativa dá a sensação de que é apenas uma questão de tempo até que mesmo os afortunados também tenham que experimentar o sofrimento da guerra.

No arquivo de biografias não publicadas, há várias caixas com os diários de Willi Lindenbach (pseudônimo). Ele era um apaixonado escritor de diários. Todos foram escritos em cadernos de capa dura e preta, assemelhando-se a um livro. Em boa parte dos diários, as anotações eram feitas deixando uma margem para que ele pudesse registrar ao lado, em caneta vermelha, o local de onde escreveu. As partes que ele considerava mais importantes também estavam sempre grifadas em vermelho. Os diários são ricos em fotos familiares (Lindenbach, a esposa e a filha que era um bebê em 1941) e também há cartas e notícias coladas em suas páginas. Apenas há informações sobre como os diários foram adquiridos em uma carta breve que está anexada a uma ficha do catálogo com dados sobre cada autor do arquivo. Na carta, a informação de que se trata de um conjunto de 75 cadernos que percorrem o período de 1922 a 1974. Quando a filha recebeu a herança dos pais, ela se desfez das coisas. O conjunto de diários foi abandonado na garagem da casa. O comerciante de antiguidades que pegou o conjunto de diários em 1986 vendeu-os em 1999 pela quantia de 1600 DM. Kempowski não teve qualquer tipo de contato com a filha ou outros parentes, razão pela qual o nome foi alterado para a publicação.

As fotos familiares mostram um homem sempre bem arrumado – frequentemente com uma gravata borboleta –, sua esposa muito bela e elegante, e a bebê. O esmero com os diários e as fotos guardadas com tanto cuidado fizeram com que eu rapidamente passasse a nutrir um certo carinho pela pessoa Willi Lindenbach, o que não ocorreu durante a leitura do livro, devido à sua vida fácil no início da guerra, que causa um grande contraste quando ele finalmente é colocado junto a outros relatos da época, e por causa de sua escrita, que é eficiente para notas pessoais, mas não tem a qualidade literária apresentada por outros presentes no livro. Seus diários não têm qualquer tipo de transcrição junto com eles, e, apesar de Lindenbach escrever com muito capricho, sua letra é de difícil compreensão (não apenas por ele usar a antiga escrita alemã).

Dentro do diário da segunda metade de 1941, há recortes com desenhos feitos à mão que culpam Hitler por tantas mortes. Um no final de agosto, com o título de “Hitlers Kreuzzug” (A cruzada de Hitler), no qual o ditador faz pose diante de um alto e longo

amontoado de soldados nazistas mortos, e suas mãos e joelhos estão manchados de sangue; e o outro em 3 de setembro (a assinatura é ilegível, mas a autoria não é de "Lindenbach"), no qual uma cruz de ferro com a suástica no centro e a data de 1941 está ao fundo de um cemitério com a inscrição "Für Gossdeutschland" (sic) (Para a grande Alemanha – o "r" está faltando no texto original). Também há um recorte de um *flyer* com o título de "Wer braucht diesen Krieg?" (Quem precisa dessa guerra?). A mensagem é dirigida a soldados e oficiais, e clama que eles se voltem contra Hitler e compreendam que os trabalhadores e lavradores russos não são seus inimigos. Na página seguinte, há um desenho do rosto de Stalin ocupando quase toda a página.

Um fato curioso é que Willi Lindenbach tinha por hábito manter mais do que dois diários ao mesmo tempo. Há vários casos em que se encontram dois diários com as mesmas datas, inclusive no ano de 1941. Uma hipótese para isso é que os diários tinham destinatários diferentes, o que se pode concluir de uma das frases que foi excluída, no dia 22 de dezembro, marcado como aniversário de noivado: "Den ganzen Tag habe ich heute an euch zwei gedacht".[251] Este é o diário citado em *Barbarossa '41* – o outro não foi utilizado –, e, pela quantidade de declarações de amor que há para a mulher, além dessa frase na qual ele se dirige a um interlocutor, pode-se supor que o diário foi escrito com a intenção de presentear a esposa.

Willi Lindenbach fazia anotações diariamente e está citado em praticamente todos os "dias" de *Barbarossa '41*. Ele está ausente apenas em quatro: 21 de junho, e 14, 15 e 16 de dezembro. Em 21 de julho, ele conta sobre um belo sábado de sol, piquenique e uma viagem à Polônia com sua esposa. É um texto mais do que típico de Lindenbach, mas tem uma tônica que irá se repetir durante todos os dias do primeiro grande bloco. Como a descrição de um dia idílico às vésperas da guerra não apresenta nenhuma contradição com o que ele continua relatando mais tarde, esse texto pode ter sido cortado para manter o primeiro "dia" curto e conciso, e deixar que a contradição desse tipo de descrição aconteça quando seus textos estão em contato direto com os de outros combatentes ou os do médico Türk. Já a exclusão dos dias 14, 15 e 16 parece ter sido causada não pelo conteúdo das anotações, mas, mais uma vez, por um descuido. Os dias se concentram em um conjunto de uma página esquerda e uma direita que podem facilmente ter sido viradas sem que se percebesse que duas páginas foram puladas. Em um momento no qual o médico Lindenbach passava por tantos problemas, seria natural que ele não conseguisse escrever por alguns dias, assim, essa descontinuidade não chamaria a

[251] "O dia todo hoje, eu pensei em vocês duas" (Não há diferença de gênero para o numeral "dois" em alemão, suponho que tenha sido "duas", pois o contexto dá a entender que ele está se referindo à esposa e à filha.)

atenção. Mais uma razão para acreditar que a exclusão dos textos foi um descuido é o assunto do qual eles tratam. Os textos dos dias excluídos narram a locomoção dos feridos realizada durante a fuga – a qual ele celebra no dia 17 de dezembro, como visto acima, afirmando que não encontraria satisfação de novo se não tivesse conseguido. O transporte dos feridos não foi feito sem dificuldades, e, nas anotações de 14 de dezembro, há uma das poucas – a única no período abordado pelo livro – menções que ele faz ao contato direto com os feridos, quando, durante a viagem, um deles lhe informa: "'Ich spüre meinen Fuß nicht mehr, helft mir doch', es war ganz furchtbar".[252] Aqui, mais do que em outros pontos de seu diário, fica impressa a sensação de impotência que ele tem diante de seus pacientes nesse momento da guerra.

Como Lindenbach fazia anotações breves, poucos dias sofreram exclusões, e sempre de algumas frases apenas. Além dos casos anteriormente citados, a maior parte das exclusões é de declarações à esposa, justificáveis na hipótese de o diário ter de fato sido direcionado para ela, mas que podem dar um tom repetitivo e estranho quando continuam aparecendo com tanta frequência em meio a relatos de dificuldades e angústia. A exclusão de algumas das frases de carinho para a esposa não muda em nada a imagem que se faz de Willi Lindenbach.

II.2.2.3.4. Reinhold Pabel

Reinhold Pabel é um cabo que já estava na região leste quando os ataques começaram. Além de relatar o cotidiano de batalhas, Pabel oferece o ponto de vista de um soldado raso, que passa por dificuldades de que as outras patentes são poupadas. Enquanto o médico Hermann Türk, por exemplo, escreve sobre seu motorista particular, o cabo Pabel comenta que outros fazem chacota sobre o fato de ele ter que carregar seu equipamento a pé: "Nur der arme Infanterist schleppt sich mit seiner Last, die andern lachen, wenn sie uns sehen, die Schufte."[253] (KEMPOWSKI, 2002: 163) As dificuldades de seu trabalho como cabo incluem até mesmo tarefas que o obrigam a retornar quando a marcha já está em um ponto mais avançado, como informado em 24 de junho:

> 2 Tote haben wir schon und das Ende ist noch nicht da. Als das Feuer endlich schweigt, rücken wir vor, völlig ermattet, 3 Tage ohne Schlaf, ohne ausreichende Verpflegung. Keine Führung ordnet. […] Die Hitze macht mich kaputt. Tatsächlich nahe am Umfallen. In N. Rast zum Abendessen. Ich falle sofort im Schlaf. Der Spieß weckt mich: "Zurück nach B., die Gräber unserer beiden Gefallenen photographieren!" Die Sonne war schon untergegangen, als ich ankam. Im ersten besten Haus übernachte ich. […] Morgens ging ich an die Gräber mit den groben Holzkreuzen. […] Kein Mensch weiß, wo unser Haufen liegt. Glücklicherweise

[252] "'Eu não sinto mais meu pé, ajudem-me', foi bem horrível."
[253] "Apenas o pobre soldado de infantaria se arrasta com seu fardo, os outros riem quando nos veem, os canalhas."

> renne ich dem Spieß gerade in die Arme, als er mit dem Küchenbullen ein Kalb fürs Mittagessen herumzerrt.[254] (*ibidem*: 75-76)

No relato de Pabel ressalta a falta de organização em seu batalhão. Ele tem que voltar para fazer um trabalho que deveria ter sido feito imediatamente após os corpos serem enterrados, ou seja, ele sofre as consequências de um descuido de seus superiores. Como soldado de infantaria, ele não tinha meio de transporte e teve que fazer todo o percurso a pé. O descaso com o cabo pode ser notado até no momento de seu retorno, quando não há sequer a preocupação em deixar os outros informados para que ele consiga reencontrar seu batalhão.

Conforme os vilarejos eram invadidos, os soldados se instalavam nas casas. Pabel, além de descrever as casas que encontrou pelo caminho, em 7 de dezembro, narra o contato com uma família cujos hábitos não causam uma boa impressão e que ele toma como exemplo das pessoas que habitavam a região:

> Und dafür nun heute Ruhetag. Unser Quartier ist relativ sauber und ordentlich. Sogar Kohlen haben sie zum Heizen. Und im Ikonenwinkel (ein Lämpchen brennt davor) steht ein älteres Evangeliar mit reichem Metallschmuck auf dem Deckel. Die Alte fragt mich, ob ich russisch könne, dann möchte ich ihr doch daraus vorlesen, sie wolle sich hinsetzen und zuhören. Das Buch habe sie an sich genommen, als die Bolschewisten die Kirche entweiht hätten. Ein Bündel Papierblumen hängt vor dem Winkel und als Verzierung eine Borte aus gezacktem Papier, das aus einem Mathematikheft entnommen ist und Gleichungen mit mehreren Unbekannten enthält. Die Leute sind guten Willens, aber impotent. Drüben im Quartier der Fahrer habe ich heute auch wieder bezeichnende Bilder gesehen. Die ganze Bude eine Wolke von Mißgeruch. Die Bewohner: die Mutter, eine halbwüchsige Tochter mit blödem Gesicht und sehr alten Zügen, zwei kleine Kinder. Das eine, körperlich entsetzlich mißgestaltet am Unterleib, wäscht sich, indem es einem Schluck voll Wasser in den Mund nimmt, dasselbe nach kräftigem Spülen in die Hände prustet und sich damit übers Gesicht fährt. Das war noch primitiver als die sonst übliche Methode, das Wasser durch einen Helfer aus der Tasse über die Hände laufen zu lassen. Da sitzen nun diese armseligen Menschen und dösen vor sich hin, kochen sich Zuckerrüben oder Kartoffeln, schlafen viel und lange. Das ist so der Tageslauf. Das Gottesgeschenk des Geistes leuchtet ganz selten einmal in diesen Gesichtern, sonst sieht man nur stumpfe Gleichgültigkeit oder plattes Lächeln in ihren Zügen, wie in jenen, die als Photos zahlreich die Wände zieren und Tante Katharina oder den Bruder oder Mann als Rotarmisten darstellen. Nein, von solchem Volk ist keine Konterrevolution zu erwarten![255] (*ibidem*: 332)

---

[254] "Já temos dois mortos e o fim não está próximo. Quando o fogo finalmente calou-se, avançamos, completamente exaustos, 3 dias sem dormir, sem cuidados suficientes. Nenhuma liderança põe as coisas em ordem. [...] O calor acaba comigo. De fato, perto de desmaiar. Em N., fazemos uma pausa para jantar. Caí direto no sono. O sargento me acordou: 'De volta para B. para fotografar as covas dos dois mortos!' O sol já havia se posto quando eu cheguei. Pernoitei na primeira casa razoável. [...] De manhã, fui às covas com os dois grossos crucifixos de madeira. [...] Ninguém sabe onde está nosso destacamento. Por sorte, eu dou de cara com o sargento quando ele destrinchava junto com o cozinheiro um novilho para o almoço."

[255] "E, por isso, hoje dia-de-descanso. Nossa acomodação é relativamente limpa e arrumada. Eles têm até carvão para aquecer. E no oratório de ícones (uma pequena lamparina queima diante dele), há um antigo evangeliário com um rico enfeite de metal sobre a capa. A velha me perguntou se eu sabia russo, então eu deveria ler um pouco dele para ela e ela gostaria de sentar-se e ouvir. Ela haveria guardado o livro quando os bolcheviques profanaram a igreja. Um feixe de flores de papel pende na frente do oratório e, como adorno, um cordão de papel trançado que foi retirado de um caderno de matemática e tem equações com várias incógnitas. As pessoas têm boa vontade, mas são impotentes. Lá do outro lado, no acampamento dos motoristas, vi novamente imagens

A descrição que o cabo faz dessas pessoas mistura preconceito e conflitos culturais. O fato de ela ter salvado o evangeliário é entendido como "boa intenção", mas ele está convencido de que, na prática, essas pessoas são "impotentes". Essa inaptidão também é detectada nos hábitos de higiene dessas pessoas, mas se estende a descrições físicas, quando o cabo os descreve como pessoas com cara de idiotas ou tolos, afirmando que lhes falta a "dádiva de espírito". Para Pabel, essas características valem para todos que ele tem visto por aquela região, porque ele reconhece aquela expressão de tantos outros retratos das casas por onde passou. Esse povo que ele descreve parece não ser apenas inapto para a "contrarrevolução" como ele afirma, mas para a própria vida. Contudo, já que ele não faz nenhuma menção à ideologia racista, é difícil definir até que ponto seu discurso é definido pelos valores do Nacional Socialismo ou se ele se deve a conflitos culturais. Também chama a atenção o fato de que a velha senhora pergunta se ele sabe ler russo. A resposta não foi anotada, pois se trata de um diário pessoal, mas não é completamente improvável. Ainda no início da guerra, quando ele passa por Sokal, na Ucrânia, ele relata que faz uma visita à família de um amigo, e, em dezembro, quando está em Sasnoie – norte da Prússia, atual região de Kaliningrado – ele vai ao encontro de velhos conhecidos que moram na região, e se entretém com seus filhos, um toca músicas folclóricas na balalaica, e o outro dança (cf. KEMPOWSKI, 2002: 583). Mesmo que Sasnoie fosse parte do território alemão naquela época, as tradições mantidas pelos conhecidos são russas. É provável que o preconceito de Pabel não se estendesse a todo o povo, mas fosse especificamente dirigido aos camponeses dessa região.

Desde o início, Pabel observa a guerra como algo assustador. A morte dos colegas lhe aflige, e ele reconhece que o que eles próprios fazem também não é certo, como registrado em 27 de junho:

> Ja, wir warten alle. Aufeinander und auf das Ende dieses Krieges … Der Krieg ist anders als in jedem Buch, in jedem realistischen nicht ausgenommen. Als wir vorgestern Feldw. v. Koppelow zu Grabe trugen, merkte ich besonders, wie grausam dies alles ist, was an uns getan wird. Und was wir tun. Das Leben begann für ihn und endete … Jetzt weiß ich, was Leben ist. […] Sobald die Gefahr vorüber ist, schließt sich der eben noch betende Mund. […] Immer muß die Not sein Lehrer sein, er kann das vegetative Glück nicht vertragen. So stark seine

características. O muquifo inteiro, uma nuvem de mau cheiro. Os moradores: a mãe, uma filha meio crescida com uma cara idiota e feições muito velhas, duas crianças pequenas. Uma, com uma deformação física horrível no abdômen, lava-se enchendo a boca de água e cuspindo a mesma nas mãos depois de bochechá-la bem, e então deixa que ela escorra pelo rosto. Isso foi ainda mais primitivo do que os outros métodos comuns de deixar a água de uma caneca correr pelas mãos com o auxílio de outra pessoa. Lá estão essas miseráveis pessoas e sonham acordadas, cozinham beterrabas ou batatas para si, dormem muito e longamente. Assim é o correr do dia. A dádiva de espírito brilha muito raramente nesses rostos, comumente vê-se apenas indiferença apática ou sorrisos planos em suas feições, como aquelas que, como fotos, enfeitam tantas paredes e que representam a tia Katharina, ou o irmão ou o marido como sendo do exército vermelho. Não, desse povo não se deve esperar a contrarrevolução."

> Neigung in ihm aufzugehen und nach seiner Steigerung zu lechzen. So sind wir alle, die Frommen vielleicht nicht weniger als die … Ich bitte und bete darum, daß für mich und die ich liebe die Not dieses Krieges, dem Tat-Gedächtnis innewohnen bleibt, auch wenn die Not vorüber ist. Wenn sie mir noch Zeit läßt, ein "noch" zu erleben ---[256] (*ibidem*: 123)

É a proximidade da morte que faz com que Pabel consiga compreender o que é a vida. Ele sofre pela própria situação, mas reconhece que não é melhor do que os outros, que sua atuação na guerra é igualmente cruel. E é nesse contexto que ele reencontra seu caminho para Deus – como é informado no final do livro, Pabel foi um estudante de Teologia. Seus clamores procuram o caminho de Deus através da humildade, reconhecendo que também é culpado, e que não procurou por Deus tanto quanto seria necessário. Ele tenta assimilar esse sofrimento como um momento de aprendizado, e ora para que nem ele, nem os outros esqueçam o que lhes aconteceu, de forma que também não se esqueçam de se dirigir a Deus também nos bons momentos.

Na segunda metade do livro, a seriedade de seus relatos aumenta significativamente. Em um inverno rigoroso, ele menciona que os soldados nem mesmo têm luvas, e estão tão enfraquecidos que acabam deixando de prestar ajuda aos outros, "Dauernd kippten die Kerle um, der Länge nach ohne Halt, weil die Hände in den Taschen vergraben waren, was schmerzhaft ist, zumal es keinen Kameraden einfällt, dem Gefallenen behilflich zu sein, weil er selbst froh ist, daß er noch steht."[257] (*ibidem*: 331-332) A seriedade da situação que ele e seus camaradas vivem é refletida na descrição de uma cena grotesca. Quando Pabel é atingido na perna esse tom sério abre espaço para uma dose de bom humor. O ferimento pouco importa em contraste à possibilidade de voltar para casa, tanto que as anotações do dia são iniciadas com a seguinte frase: "Glück im Unglück war das."[258] (*ibidem*: 583) No momento do tiro, Pabel mal sente o ferimento, e se questiona "Mußte ich um Hilfe schreien?"[259] (*ibidem*: 583). Quando é atendido por um médico, ainda sem sentir dores, entende que seria apropriado gemer um pouquinho. Mais tarde, ainda se alegra com a preocupação de seus camaradas, "Unterwegs traf ich noch Harry Schröder und meine Quartiersleute, die mich ob des

[256] "Sim, nós esperamos por todos. Um pelo outro e pelo final dessa guerra... A guerra é diferente de qualquer livro, não se excetuando os realistas. Quando carregamos o Sarg. v. Koppelow para a cova, eu notei em especial o quanto tudo isso que é feito contra nós é cruel. E o que nós fazemos. A vida começou para ele e terminou... Agora eu sei o que é a vida. [...] Assim que o perigo passou, a boca que orava se fecha. [...] A necessidade sempre deve ser seu professor, ela não pode suportar a felicidade vegetativa. Tão forte é sua inclinação de perder-se Nele e almejar Sua elevação. Assim, nós todos, os devotos talvez não menos do que eles... Eu peço e rezo para que as necessidades fiquem na memória dos atos para mim e para aqueles que eu amo, também quando a necessidade tiver passado. Se ela ainda me der tempo para vivenciar um 'ainda'---"

[257] "Frequentemente, os caras tombavam duros, porque as mãos estavam enterradas nos bolsos, o que é doloroso, pois não ocorre aos camaradas serem prestativos ao homem caído, porque eles mesmos estão felizes por ainda estar de pé."

[258] "Isso foi sorte no azar."

[259] "Eu deveria gritar por socorro?"

kläglichen Anblicks heftigst bedauerten und in Tränen ausbrachen, was ich mit einer bemerkenswerten Genugtuung kassierte."[260] (*ibidem*: 584) Mais do que para a satisfação de se saber amado pelos colegas, essa atitude aponta para o alívio que o cabo estava sentindo com a perspectiva de deixar aquele lugar. A consciência de que ele logo estaria longe dali faz com que ele veja tudo com outros olhos.

A biografia de Reinhold Pabel está entre as mais completas apresentadas em *Barbarossa '41*:

> Studierte Theologie und Philosophie, 1940 zu einer Infanterieeinheit eingezogen, bis Ende 1942 in Rußland, Unteroffizier, 1943 mit dem Afrikakorps in Sizilien, in Salerno verwundet, amerikan. Kriegsgefangenschaft in Nordafrika, später in Illinois, im September 1945 geflohen, arbeitete illegal 7 Jahre als Buchhändler und Antiquar in Chicago, nach Ausweisung und legaler Einreise erneut bis 1965, danach Antiquar in Hamburg, heute schriftstellerisch tätig.[261] (*ibidem*: 717)

No arquivo, a quantidade de detalhes biográficos sobre Pabel é a mesma verificada no caso de pessoas que receberam uma biografia muito mais modesta no livro, o que pode apontar para algum tipo de preferência do escritor Kempowski. Como Hermann Türk, Reinhold Pabel escreve textos com uma descrição rica e de valor literário, o que também justifica haver poucos cortes no material oferecido por ele.

Ao saber sobre o projeto do arquivo de biografias não publicadas, Pabel enviou para Kempowski uma cópia da edição americana de seu diário.[262] Aparentemente, seu caso teve repercussão na mídia quando ele foi encontrado pelo FBI em 1953, o que facilitou o caminho para a publicação de suas memórias, que deram aos estadunidenses acesso ao ponto de vista de um alemão durante a guerra. Kempowski pediu por seus diários e recebeu uma cópia dos mesmos. Apenas seus diários foram utilizados em *Barbarossa '41*.

Reinhold Pabel fez anotações em 21 de junho, mas a quantidade de palavras que não foram identificadas durante a transcrição é suficientemente grande para comprometer o entendimento do texto, o que justifica sua exclusão.

---

[260] "No caminho, ainda encontrei Harry Schröder e o pessoal do meu alojamento que se inquietaram terrivelmente devido a minha aparência preocupante e romperam em lágrimas, o que eu recebi com uma satisfação notável."

[261] "Estudou Teologia e Filosofia, em 1940 convocado para uma unidade de infantaria, até o final de 1942 na Rússia, Primeiro Sargento, 1943 com o *Afrikakorps* na Sicília, ferido em Salerno, prisão de guerra americana no Norte da África, mais tarde em Illinois, fugiu em setembro de 1945, trabalhou de forma ilegal 7 anos como vendedor de livros e antiguidades, depois de deportação e entrada legal mais uma vez até 1965, então vendedor de antiguidades em Hamburgo, hoje trabalha escrevendo."

[262] PABEL, Reinhold. *Enimies are Human.* Philadelphia, Toronto: The John C. Winston Company, 1955.

Mais de um texto de Pabel foi realocado sem que houvesse qualquer tipo de indicação para isso. O texto de 7 de dezembro foi escrito na verdade em 6 de dezembro, assim como o de 31 de dezembro foi escrito no dia primeiro de janeiro, e o texto de 13 de dezembro é citado no "dia" 15. Enquanto as anotações de 6 de dezembro e primeiro de janeiro evidentemente foram deslocadas para garantir que fizessem parte do livro, não é possível definir uma razão clara para a transferência de "dia" do texto de 13 de dezembro.

As anotações que foram feitas de fato em 7 de dezembro foram excluídas do livro. No lugar da breve lamentação porque seu batalhão teria que voltar a se pôr em marcha no terrível inverno russo, entrou o texto amplamente citado acima, no qual Pabel fala sobre as impressões que teve da família de camponeses e também sobre as dificuldades do inverno, quando ele via os rostos dos soldados ficando brancos como sinal de congelamento, e nem sequer luvas para se aquecer eles tinham. A citação acrescentada ao "dia" 31 de dezembro não menciona o Ano Novo – apenas no original, mas, por ser um indício da data original, esse trecho foi excluído. Pabel narra as dificuldades preparadas pelo exército e o inverno russo, as preocupações do cabo com o bem-estar de seus colegas, e termina mencionando as boas perspectivas de um possível retorno para a Alemanha, devido a seu ferimento. É um texto que se encaixa perfeitamente nos moldes do "dia" 31 de dezembro. Ele tem uma visão que aponta para o futuro, mas é inteiramente trespassada pelas preocupações com os desenvolvimentos da guerra.

A única outra exclusão – além das feitas no "dia" 31 de dezembro para adaptar o texto – é de um trecho de 27 de dezembro, ocupado pela narração de um sonho no qual um anjo acompanha Pabel, mas o abandona quando ele passa por uma padaria e a vendedora lhe diz "Ele quer pão". Nesse momento, um bando de pedintes o prende e o leva consigo. O sonho denota uma certa culpa que Pabel deve estar sentindo nesse período de guerra, quando ele, em sua função de soldado, entra nas casas para tomar alimentos. É como se Deus fosse abandoná-lo por seus atos. Seu relato é relevante devido a todos os comentários que ele faz sobre o seu contato com as pessoas dos vilarejos que estão invadindo, mas Kempowski pode ter considerado menos importante por se tratar apenas de um sonho. O que não quer dizer que os sonhos não fossem considerados material para *Barbarossa '41*. Muitos – mas não todos – sonhos de Dölker-Rehder e sua família são mantidos, mas eles têm uma função clara de reforçar a angústia da mãe, e, mais do que isso, sua superstição quando se tratava do filho desaparecido.

A imagem de Reinhold Pabel obtida em *Barbarossa '41* é a mais completa possível, pelo recorte que é feito pelo livro, pelas informações autobiográficas e pela inclusão de textos que estão fora das datas pré-selecionadas.

II.2.2.3.5. Erich Kuby

Erich Kuby é um nome conhecido do leitor alemão. Após a Segunda Guerra, Kuby seguiu a carreira de jornalista e trabalhou em importantes veículos como *Süddeutsche Zeitung*, *Stern* e *Spiegel*. Seu posicionamento era liberal e ele sempre foi um forte crítico da própria nação, sendo considerado um de seus mais importantes cronistas. Em 1975, Kuby lançou o livro *Mein Krieg* (Minha Guerra), no qual expõe suas memórias sobre a Segunda Guerra através de cartas e anotações pessoais que escreveu na época. Trata-se de um livro que sofreu uma certa rejeição e não obteve sucesso. As citações utilizadas em *Barbarossa '41* são procedentes de *Mein Krieg*.

Em 1941, o cabo Erich Kuby narra o cotidiano cansativo das marchas durante a invasão da URSS, e alguns ataques e bombardeios. A primeira descrição que ele faz de uma cidade na URSS ao atravessar o rio Memel é positiva. O exército é recebido por belas moças que fazem festa carregando a bandeira nacional, a visão geral da cidade causa-lhe uma boa impressão, "Die Häuser einstöckig, aus Holz, grün oder dunkelrot angestrichen, oder rohes Holz, silbergrau. Hohe, schön gefügte Dächer, manchmal aus Stroh. Brunnen mit hochragenden Schwenkbalken – sehr malbar!"[263] (KEMPOWSKI, 2002: 84) Todavia, ele está ciente de que o que ele verá a maior parte do tempo será uma paisagem rural, a qual em nada agrada um de seus colegas:

> [...] hörte ich den Unteroffizier H. sagen: schon wieder so eine Saukirche! Rechts auf der Höhe war der Schattenriß zwei Türme zu erkennen. Den Unteroffizier ärgern nämlich Kirchen, er weist auf den Gegensatz zwischen den einfachen Hütten und den stattlichen Gotteshäusern hin und sieht darin "den Betrug der Pfaffen am Volk".[264] (*ibidem*: 84)

O suboficial desrespeita a Igreja devido ao que ele considera uma enganação. Seu comentário demonstra que a situação dos vilarejos não é a mesma que foi descrita por Kuby, enquanto eles passavam por uma cidade. Kuby não faz comentários depreciativos sobre o povo que encontram durante a viagem – como Pabel –, mas o faz sobre as condições nas quais

[263] "As casas térreas, de madeira, pintadas de verde ou vermelho-escuro, ou de madeira crua, cinza-prateado. Tetos altos e belamente construídos, às vezes de palha. Fontes com vigas giratórias para cima – digno de uma pintura!"

[264] "[...] ouvi o Suboficial H. dizer: De novo uma igreja de merda! À direita, acima, era possível reconhecer a sombra de duas torres. As igrejas irritam o suboficial, ele chama a atenção para a contradição entre as cabanas simples e as imponentes casas de Deus e lá ele vê 'a enganação dos padres contra o povo'."

vivem. Quando se aproxima da então capital da Lituânia, Kaunas, escreve sobre as casas sujas na margem onde mora o povo judeu (cf. KEMPOWSKI, 2002: 85), e mais adiante descreve como suja e miserável uma lavoura na qual fizeram parada, acrescentando: "Meine These, daß diese Bauern im Gegensatz zu einem Arbeiter in Berlin N nicht zu bedauern seien, findet keinerlei Anklang. Wir wissen nichts über die allgemeine Lage."[265] (*ibidem*: 86) Kuby reconhece que não tem informação suficiente sobre a URSS e se impressiona com a situação na qual os lavradores daquela região vivem, que é ainda pior do que aquilo que ele conhecia de seu próprio país. É possível que essa afirmação oculte uma certa simpatia para com o Comunismo, porque ele acredita que a situação na Alemanha seria pior do que a situação na União Soviética, mas não há informações suficientes para comprovar essa hipótese.

Contudo, o mais marcante nos textos de Kuby são as constantes críticas à atitude alemã e ao Nacional Socialismo. O exemplo mais emblemático ocorre quando ele descreve seu suboficial, que ele afirma ser um "alemão típico de 1941", em outras palavras, um típico nazista:

> Bei passender Gelegenheit werde ich Sprüche und Redesarten unseres Unteroffiziers aufschreiben. Daraus wird das Bild eines typischen Deutschen von 1941 entstehen. Er stammt aus kleinen Verhältnissen und hat in Berlin irgendeinen Posten bei Rentenbank. Als alter SA-Mann betont er sein Rowdytum, seine proletarische Gesinnung und blickt mit Mißgunst auf die gebildeten Stände. […] Bis vorgestern betonte er, der genialen deutschen Außenpolitik werde es gelingen, die Spannungen mit Rußland beizulegen. Jetzt schreit er herum: ganz fabelhaft, ganz raffiniert, der Mohr hat seine Schuldigkeit getan, jetzt bekommt er Prügel, usw. […] Er hat keine Ahnung, was ein Mensch ist. In seinem Charakter ist er, glaube ich, keine Verbrechernatur, und er wäre erstaunt, wer wäre es nicht, wenn man ihm sagte, daß er sich in seinen Handlungen und in seiner Denkweise von einem Verbrecher nicht unterscheidet. Die Methoden, mit denen sich seine SA auf der Straße durchgesetzt hat, glaubt er allgemein auf den zwischenmenschlichen Verkehr anwenden zu dürfen. Dabei ist er ängstlich – sogar vor Hunden – und sentimental. Ehrgeizig, ich möchte sagen: schandgeizig, streberhaft, Lakai gegenüber jedem Wachtmeister. In seiner Unnatürlichkeit ist er untypisch, ja einzigartig. Er würde in der Einsamkeit nicht natürlich sein und noch vor einem Eichhörnchen posieren. […] Alles Gute auf der Welt ist ganz umsonst für ihn da, und das Merkwürdigste ist, daß er trotz allem nicht ohne Idealismus ist – aber wie irregeleitet ist der! Du wirst verstehen, daß es mir mißfällt, mit so einem Kerl in dieses fremde Land zu fahren. Die Stillen, Bertram, v. Almsick, kommen nicht gegen ihn auf.[266] (*ibidem*: 85 – reticências do livro)

[265] "Minha tese de que, ao contrário de um trabalhador do norte de Berlim, não se deve ter pena desses lavradores não encontra ressonância em lugar nenhum. Não sabemos nada sobre a situação geral."

[266] "Em uma situação oportuna, irei anotar as falas e os ditados de nosso suboficial. Daí surgirá a imagem de um alemão típico de 1941. Ele é de procedência humilde e tem em Berlim algum posto no *Rentenbank* [banco alemão que financia a agricultura]. Como antigo homem da SA, ele dá ênfase a seu comportamento malcriado, seu pensamento proletário e vê desfavoravelmente as faixas sociais cultas. [...] Até ontem, ele frisava que a genial política externa alemã será suficiente para resolver todas as tensões com a Rússia. Agora ele grita por aí: bem fabuloso, bem fantástico, o mouro fez sua traquinagem, agora ele vai apanhar [citação de Otelo], etc. [...] Ele não faz a menor ideia do que é um ser humano. Em seu caráter, ele não é, creio eu, de natureza criminosa, e ele ficaria surpreso, quem não ficaria, se lhe dissessem que ele não se diferencia de um criminoso em suas ações e sua forma de pensar. Ele crê que pode usar os métodos, com os quais a sua SA se impôs nas ruas, no trato humano em geral. Ao mesmo tempo, ele é medroso – até tem medo de cães – e sentimental. Ambicioso, eu gostaria de dizer: ambicioso por vergonha [aqui ele faz um trocadilho com a palavra 'ehrgeizig' – ambicioso –

O "alemão típico" é, para Kuby, um homem prepotente, preconceituoso e medroso, cheio de contradições. Sua atitude criminosa e desumana é completamente inconsciente e impensada, e sua ideologia é utópica apesar da completa incapacidade de satisfazer-se com qualquer coisa. O suboficial é uma figura irritante e de difícil convívio, mas ninguém se impõe a esse homem, afinal de contas, o que ele representa não é uma exceção, mas a regra de como muitos se portavam e pensavam na época.

As críticas feitas por Erich Kuby impressionam não apenas pela clareza que ele tinha dos acontecimentos ainda enquanto eles estavam em desenvolvimento, mas também pela coragem de anotá-las sob uma ditadura tão rígida e violenta. Ele também demonstra desprezo pelos alemães devido à forma como conduzem a guerra: "So einen Krieg, den Krieg so können nur Deutsche führen, verdammt, die Sprache ...: nur Deutsche können diesen Krieg so führen – wie Postangestellte Schalterdienst machen."[267] (*ibidem*: 251) A comparação feita por Kuby remete à teoria desenvolvida anos depois por Hannah Arendt, sobre a banalidade do mal. Segundo ela, muitos nazistas conduziram a guerra e os assassinatos em massa como uma burocracia qualquer.

A maior parte das afirmações acima é retirada do mesmo texto, publicado no "dia" 24 de junho. Esta é a segunda citação de Erich Kuby em *Barbarossa '41* e funciona como uma boa introdução a quem ele deve ter sido durante esse período. As citações seguintes são condizentes com a figura que se pinta nessa longa carta à esposa.

Kuby é uma figura frequente na primeira parte do livro, mas só aparece na segunda uma única vez, no "dia" 27 de dezembro, quando menciona brevemente as festas de Natal que passou com sua família em Berlim.

Em *Mein Krieg* (alusão paródica ao livro de Hitler, *Mein Kampf*), alguns dias específicos podem ter uma grande profusão de textos, já que o livro conta com cartas que o autor escreveu para diferentes remetentes e as respostas que foram enviadas por sua esposa na época, as quais, todavia, não foram publicadas em *Barbarosssa '41* – ao contrário do que ocorreu com o casal Wieschenberg.

---

que literalmente significa 'ambicioso por honra'], egoísta, lacaio diante de todos os sargentos. Em sua não naturalidade, ele é atípico, até mesmo único. Ele não seria natural na solidão e ainda faria pose diante de um esquilo. [...] Tudo de bom no mundo está lá em vão pra ele e o mais peculiar é que, apesar de tudo, ele não é sem idealismo – mas como ele está sendo enganado! Você vai entender que eu não gosto de viajar para esta terra estrangeira com um cara desses. Os silenciosos, o Bertram e o v. Almsick não podem contra ele."

[267] "Uma guerra assim, só os alemães podem conduzir uma guerra como essas, maldição, a língua... : apenas os alemães podem conduzir essa guerra – como os funcionários do correio fazem o serviço no balcão."

No dia 21 de junho, Kuby escreveu uma carta para sua esposa desculpando-se por não ter contado antes o que estava por acontecer. Embora ele já antecipasse a invasão da URSS cerca de dois meses antes de ela ter acontecido de fato e tenha falado sobre isso com seus camaradas, Kuby sabia que escrever uma carta contando isso para sua mulher antes da hora seria ir longe demais. O dia 22 de junho é o primeiro que é citado em *Barbarossa '41*, e é, originalmente, um dia cheio de anotações pessoais e cartas devido ao início da guerra. Desse material muito pouco é aproveitado. Boa parte dos textos escritos faz especulações, sobre como sua esposa vai receber a notícia, como a marcha vai prosseguir, ou o que se deve esperar da Lituânia. A outra parte anuncia a guerra, constituindo um material que pode ser facilmente dispensado, até mesmo porque muitos outros se ocupam do mesmo tópico no dia.[268] De quase duas páginas sobraram apenas um comentário breve sobre o quanto os tanques já haviam se locomovido, especulações sobre a reação atual dos russos e a intenção de ler um livro quando estivesse cansado. Os fragmentos são de documentos distintos no livro, mas são apresentados sem qualquer sinalização de que tenha havido cortes. Contudo, todas as outras exclusões que ocorreram no corpo do texto estão marcadas. Assume-se que se trata de mais um descuido na composição do livro.

Na carta de 26 de junho, é excluída uma menção a um convite para a casa de amigos, sobre o qual ele lamenta não poder estar presente, mais pela saudade da esposa e dos amigos do que pela festa em si, o que ele não consegue observar sem um certo desalento. O que resta da carta são descrições do cotidiano em campanha. Alguns outros trechos que poderiam parecer "desnecessários" porque falam de assuntos que ele comentou em outros dias, ou porque parecem ter pouca relevância, como quando ele comenta um problema leve de saúde, foram excluídos. Entre esses cortes há, porém, uma situação na qual ele demonstra sua humanidade (que ele próprio considera inútil) com os lavradores locais:

> Nach dem Bad im See zogen wir uns in den Bauernhof zurück zu den fünf gelben und den drei grünen Kücken und redeten noch lange mit dem Bauern – das ging zäh. Immerhin wurde klar, daß unsere Pioniere zur Reparatur einer Brücke einen Stapel Bretter von seinem Hof weggeholt haben, ohne ihm einen Quittungsschein dafür auszustellen, so daß ihm niemand den Schaden ersetzen werde. Darüber war er sehr traurig, und ich gab ihm zum Trost, im vollen Bewußtsein der Lächerlichkeit solchen Tuns, 100 Rubel (10,- Mark). Die Familie so nett, der Hof so friedlich, die Kücken nicht zu vergessen, die Art, uns ein Nachtlager zu bereiten, und ein solider Tisch, auf den man 100 Rubel legen kann, Kriegsgeld, Erobergeld, wo gedruckt? Soll ich sagen: die Stimmung war so? 100 m weiter war die Stimmung nicht so, da suchten die

[268] Um dado interessante que acabou por ser excluído é o comentário que Kuby faz sobre o clima no dia 22: "Es ist richtiges Hitler-Kriegswetter" (KUBY, 2000: 107) ("Está um verdadeiro clima de guerra de Hitler"), que remete ao comentário feito por Hermann Türk um dia antes. Aqui fica claro que a expressão era corrente no exército – independentemente do posicionamento político daquele que a utilizava – e, mais do que isso, que a menção a Hitler não se devia ao simples fato de ser um bom tempo, mas de ser um tempo bom para a guerra.

> Frauen in der Asche ihres Hauses nach Resten und fanden nur noch ein paar Töpfe.[269] (KUBY, 2000: 115)

Esse fragmento revela a busca de Kuby por uma convivência justa e pacífica com os lavradores das regiões invadidas e a falta de consideração que a maioria dos homens tinha para com eles, mas também revela sua completa impotência. Em uma situação de guerra, os invasores certamente não pagariam pelo material apreendido, mas isso não era o pior. Outras famílias haviam perdido tudo devido aos incêndios provocados por alemães quando eles deixavam as cidades. A tranquilidade vivida naquela lavoura não era a regra, apenas uma exceção em meio à destruição.

Embora este seja um texto relevante para demonstrar que Kuby tomava em conta também as famílias de lavradores, trata-se de algo que se pode depreender das outras citações; sua reação não é inesperada ou surpreendente. As exclusões feitas por Kempowski não visam lapidar a imagem desse homem, apenas tornam os textos mais concisos. Mantém-se a presença de Kuby em praticamente todos os dias nos quais ele escreveu, sem que o livro fique excessivamente extenso.

Por fim, é importante notar que essas declarações são provenientes do livro publicado pelo próprio Erich Kuby. As cartas e o diário original não foram analisados de forma a comprovar a veracidade dos documentos. É no mínimo curioso que Kuby tenha uma percepção tão clara de todos os acontecimentos e que ele chegue até mesmo a fazer uma observação que remete à teoria sobre a banalidade do mal. Não se deve descartar a possibilidade de que Kuby tenha reescrito ou rearranjado trechos de seu diário antes da publicação para garantir que a visão que ele tinha dos acontecimentos no momento em que o livro foi publicado estivesse impressa em seu diário.

II.2.2.3.6. Wolfgang Buff

Durante a guerra, Wolfgang Buff serviu como suboficial e canhoneiro. No momento em que ele escreve as cartas, está diante de Leningrado, enfrentando o inverno russo em um bunker subterrâneo e procurando cuidar de uma frieira no pé em estado avançado que o impede de se locomover. Devido a sua acomodação, à penumbra do inverno e ao hábito de

[269] "Depois do banho no lago voltamos para a lavoura, para os cinco franguinhos amarelos e os três verdes, e falamos ainda um bom tempo com o lavrador – foi difícil. De qualquer forma, ficou claro que nossos engenheiros levaram uma pilha de tábuas de sua lavoura para consertar uma ponte, sem expedir-lhe um recibo por isso, de forma que ninguém poderia lhe compensar pelos danos. Ele estava muito triste com isso, e eu lhe dei como consolo, em plena consciência do ridículo de tal ato, 100 rublos (10,- marcos). A família tão simpática, a lavoura tão tranquila, sem esquecer dos franguinhos, a maneira de preparar o acampamento noturno para nós, e uma mesa sólida, onde pode-se pôr 100 rublos, dinheiro de guerra, dinheiro de conquistador, impresso onde? Posso dizer: o ânimo era esse? A 100 metros dali, o ânimo não era esse, lá, as mulheres procuravam por restos nas cinzas de sua casa e encontraram apenas algumas panelas."

escrever frequentemente para a família, a preocupação com a iluminação é uma temática que se faz presente e se desenvolve ao longo dos dias. Em 7 de dezembro, Buff descreve a iluminação de seu bunker da seguinte maneira: "Heute abend ist Festbeleuchtung bei mir im Bunker. Denn außer den beiden Benzinfunzeln, die ich mir am ersten Advents-Sonntag aus Handgranaten der Infanterie konstriert hatte, brennt noch eine Kerze von euch."[270] (KEMPOWSKI, 2002: 335) Nesse momento, às vésperas do Natal, as luzes são mais comemorativas do que funcionais; Buff reclama de dor nos olhos e irritação devido à falta de luminosidade e à fuligem no bunker. Em poucos dias, ele receberia da família um pacote cheio de velas, o que o alegra muito, porque elas oferecem uma luz mais limpa e tranquila e não emitem os gases nocivos de suas lamparinas improvisadas. Próximo ao final do ano, ele ainda receberia mais uma lamparina da família, pela qual ele agradece na carta de 30 de dezembro, aproveitando para relatar uma situação nova no bunker:

> Kerzen bekam ich in den Weihnachtstagen von vielen Seiten, besonders auch aus Hannover. Ölfunzeln und sonstige Behelfslichter konnte ich einige Tage mal ganz beiseite lassen, und meine Augen haben sich dabei ordentlich erholt. Für jedes Lichtlein bin ich weiterhin dankbar. Mein Bunker, der so ziemlich der einzige ist, wo es nun gutes Licht gibt, ist zum reinsten Wallfahrtsort geworden. Wer keine Streichhölzer hat, kommt stets hier Licht des Morgens abholen, und verschiedene Freunde kommen stets hierher, um Briefe zu schreiben und zum Lesen. So ist es hier oft gerammelt voll.[271] (*ibidem*: 680)

A luz não é agradável apenas para Buff – que, com as complicações no pé, tem de passar muito tempo em seu bunker –, ela também atrai os outros homens de seu batalhão. Buff justifica a visita dos camaradas com propósitos funcionais bem definidos, mas não é exagero afirmar que sua acomodação virou um lugar de "romaria". Ao dirigirem-se para o bunker de Buff, esses homens são recompensados com luz e tranquilidade oferecidas por uma iluminação que não exala toxinas e, por que não dizer, pela própria presença do suboficial Wolfgang Buff. Em suas cartas, ele deixa transparecer ser um homem calmo, generoso, dedicado a Deus e à família e sempre muito grato, mesmo nas situações mais difíceis.

A chegada das correspondências é sempre motivo de alegria para Buff e para seus colegas. Em suas constantes trocas de cartas com a família, ele frequentemente pede por agasalhos para ajudá-lo a suportar o severo inverno russo, e se declara absolutamente

[270] "Hoje à noite, há uma iluminação festiva aqui no bunker. Porque além das duas lamparinas a gasolina que fiz com granadas de mão da infantaria no primeiro advento, também está acesa uma das velas que vocês me mandaram."

[271] "Eu recebi velas de muitos locais nos dias de Natal, especialmente de Hanôver. Pude deixar as lamparinas a óleo e outros iluminadores auxiliares totalmente de lado por alguns dias, e meus olhos se recuperaram bem. Sou grato por cada luzinha. Meu bunker, que é o único onde há uma boa iluminação, tornou-se um verdadeiro local de romaria. Quem não tem fósforos vem buscar luz aqui de manhã e diversos amigos vêm aqui constantemente para escrever cartas ou para ler. Por isso, aqui costuma estar abarrotado."

satisfeito ao receber um pulôver de lã de carneiro, "Ich trage sie immer und kann mich mit ihr selbst bei den jetzt üblichen Temperaturen (-20º bis -26º) im Freien ohne Mantel bewegen."[272] (*ibidem*: 453) Mas Buff também oferece toda a ajuda possível para a família. Primeiramente, ele pede que o banco faça transferências mensais de dinheiro enquanto o pai aguarda uma operação no olho, depois, sem ter certeza de quanto realmente será necessário, dispõe livremente de sua conta:

> Inzwischen habe ich Vater ja Vollmacht zur Verfügung über mein Bankkonto erteilt. Ich brauche darüber ja nicht viel zu schreiben. Ich habe das Geld ja jetzt nicht nötig, bin auch zu weit entfernt von euch, um jedes Mal, wenn notwendig, darüber selbst zu verfügen. Darum soll es euch in meinem Sinne dienen, d. h. in dieser Zeit, wo alle Welt und auch ihr in so vielem Mangel und Entbehrung leidet, soll es euch zu jeder nur möglichen Erleichterung und Verbesserung eurer Lage dienen und euch dadurch helfen, diese schwere Zeit zu überstehen. Für mich ist jetzt hier beim Militär gesorgt, und was bei dem ersehnten Danach werden wird, das überlasse ich dem morgigen Tag, für den man nicht ängstlich sorgen soll.[273] (*ibidem*: 510)

Buff põe a sua família acima de tudo, até mesmo por não ter certeza do futuro. O dinheiro deve ser utilizado pela família para o que for necessário, já que ele próprio tem sua subsistência garantida pelo exército.

Às vésperas do Natal, as menções a Deus e às festividades são constantes. Os domingos de advento são comemorados com encontros com amigos no bunker, velas e transparências com imagens sacras. E, apesar das dificuldades preparadas pelo inverno russo e de todos se encontrarem muito abalados com os recentes ataques e a morte de colegas, a ceia de Natal foi celebrada com grande fartura e alegria:

> Man ging mit Munitionskisten an dem Verteiler vorbei und dann strömte der Segen hinein: für jeden I Flasche Rotwein, I Flasche Cognac, 1/3 Flasche Sekt, I Dose eingemachte Früchte, 2 Äpfel, 60 Zigaretten, davon 40 deutsche, Tabak, Zigarren, eine Packung Rasierklingen, 27 Tafeln Schokolade, Trüller-Keks, 4 Beutel Bonbons und fast I ganzes Pfund wohlschmeckendes Weihnachtsgebäck. Und außerdem waren zwei große Säcke Post angekommen, es hagelte nur so Paketchen und Briefe von den Lieben daheim. Da sah man dann bald einen jeden mit seinen Schätzen zum Bunker laufen, ans Auspacken gehen und dann überlegen, ob man nicht doch ein wenig Weihnachten feiern könne. Und so geschah es. Im Wald wurde ein kleines Bäumchen gesucht, und bald fand sich auch im engen Bunker noch ein Plätzchen dafür. Eine Weihnachtskerze und etwas Schmuck fand sich in einem Paket, vielleicht auch ein kleines Transparent. Dann breitete man seine Gaben ringsumher aus und schon war die

[272] "Eu o uso sempre e posso me movimentar ao ar livre sem casaco, mesmo nas temperaturas usuais (-20° a -26°)."
[273] "No meio-tempo, eu dei para o pai procuração para minha conta bancária. Não preciso escrever muito sobre isso. Eu não preciso do dinheiro e estou distante de vocês e não posso pô-lo à disposição sempre que precisarem. Por isso, desejo que esse dinheiro sirva, isso quer dizer, durante esse período, no qual todo o mundo, e também vocês, estão sofrendo com tanta escassez e privação, que ele sirva para qualquer facilitação e melhora da situação de vocês e para ajudá-los a suportar esses tempos difíceis. Aqui no exército as providências já foram tomadas para mim, mas o que vai ser do esperado período posterior a isso eu deixo ao amanhã, pelo qual não se devem tomar providências temerosamente."

> Weihnachtsfeier der Bunkerbesatzung – meistens drei Mann – im schönsten Gang.[274] (*ibidem*: 601)

De forma geral, em *Barbarossa '41*, nota-se que os soldados abrem o seu coração para as festividades, procuram esquecer as dificuldades e tornar o ambiente no qual estão o mais familiar possível. Contudo, Buff tem uma religiosidade destacada que se reflete em duas características: gratidão e amor ao próximo. Apesar de estar passando por sérias dificuldades, o suboficial não se queixa. Em 7 de dezembro, ele agradece até mesmo por seu sombrio abrigo subterrâneo. Mais adiante, em 26 de dezembro, ele reconhece o quão funesta é sua acomodação, mas não reclama:

> Es ist mir, als läge ich im Grabe und die tiefen Worte des Psalmisten in ähnlicher Lage gehen mit oft durch den Sinn: "Du hast mich in die unterste Grube gelegt, in die Finsternis und in die Tiefe. Ich liege im Grabe wie die Erschlagenen, deren du nicht mehr gedenkst und die von deiner Hand abgesondert sind. Aus der Tiefe rufe ich, Herr, zu dir", es sind Worte aus den Bußpsalmen. Der Herr führt hinab in die tiefste Tiefe, ja bis in die Grabesnacht. / Und doch, wie friedlich und geborgen fühle ich mich in meinem Grabkämmerlein. Wie nah fühle ich seine Hand, die mich bewacht, verbirgt und beschützt hier unten in der Erde. Wie köstlich und tröstlich sind mir seine Verheißungen, nach denen er mich auch herausführen wird, wenn seine Stunde kommt. "Der Herr tötet und macht lebendig, er führt in die Hölle und wieder heraus". Dann werde ich ihn loben und ihm danken, wie es der Psalmist nach seiner Errettung mit einem neuen Liede tat: "Ich harrte des Herrn, und er neigte sich zu mit und hörte mein Flehen und zog mich aus der grausamen Grube." (Psalm 40)[275] (*ibidem*: 631)

Em seu bunker, Buff sente-se como que enterrado, mas ele não se deixa cair em desespero. Na fé em Deus, Buff encontra conforto e a certeza de que, se o momento é difícil, no futuro ele apenas poderá agradecer a grandeza do Senhor. Em 14 de dezembro, Buff também agradece pelo inverno intenso que fez com que os ataques russos cessassem por algum tempo. Quando o suboficial escreve sobre os russos, também expressa interesse na

[274] "Passaram com a caixa de munições pelo distribuidor e então a bênção fluiu para dentro: para cada um 1 garrafa de vinho tinto, 1 garrafa de conhaque, 1/3 garrafa de champanhe, 1 lata de frutas em conserva, 2 maçãs, 60 cigarros, dos quais 40 eram alemães, tabaco, charutos, um pacote de lâminas de barbear, 27 barras de chocolate, biscoitos Trüller, 4 pacotes de balas e quase meio quilo de deliciosos biscoitos de Natal. E, além disso, chegaram dois grandes sacos de correspondência, assim choveram pacotinhos e cartas dos nossos caros. Então, via-se cada um correr com seu pequeno tesouro para o bunker, ir desembrulhá-los e ponderar se ainda não podia festejar mais um pouco o Natal. E assim foi. Procuraram uma pequenina árvore na floresta e logo acharam um local para ela no bunker apertado. Uma vela de Natal e alguns enfeites se encontravam em um pacote, talvez também uma pequena transparência. Então todos espalharam seus presentes e logo a festa de Natal da equipe do bunker – na maioria dos casos, três homens – já estava a toda."

[275] "Para mim, é como se eu estivesse em um túmulo e penso frequentemente nas palavras profundas do salmista em uma situação semelhante: 'Puseste-me na cova mais profunda, em trevas e nas profundezas. Eu estou no túmulo como os assassinados nos quais tu não pensas mais e que foram isolados pela tua mão. Das profundezas, eu clamo por ti, Senhor', são palavras dos salmos de penitência. O Senhor conduz às profundezas mais profundas, sim, até a noite sepulcral. / Entretanto, como me sinto sereno e protegido em minha câmara sepulcral. Quão próxima eu sinto sua mão, que me vigia, oculta e protege aqui embaixo da terra. Quão agradáveis e consoladoras são, para mim, suas profecias, segundo as quais ele me conduzirá quando chegar a hora. 'O Senhor mata e dá vida, ele conduz ao inferno e novamente para fora dele'. Então eu O prezarei e O agradecerei depois de minha salvação, como o salmista o fez com uma nova canção: 'Eu aguardei o Senhor e Ele curvou-se até mim e ouviu minhas súplicas e me retirou da terrível cova'. (Salmo 40)"

situação pela qual eles passam em Leningrado, como estão sobrevivendo ao inverno e aos ataques. Se nesse ponto é difícil discernir se a preocupação dele se refere às pessoas ou à duração do cerco, isso fica mais claro quando, mais adiante no mesmo dia, ele procura explicar para a família sua atuação nas batalhas:

> Und noch eine Sache möchte ich euch gegenüber klarstellen: Wenn es in der vergangenen Zeit in Briefen des öfteren hieß, dass schwere Artillerie Ziele in Leningrad unter Feuer nahm, so wart ihr vielleicht der Ansicht, dass wir daran beteiligt waren. Das ist nicht der Fall. Wohl haben wir wochenlang an der Abwehr der sich immer wiederholenden Durchbruchsversuche der Russen in der Umgebung von Leningrad mit unseren Geschützen mitgewirkt.[276] (*ibidem*: 509)

Embora não tenha sido questionado, Buff faz questão de explicar que não estava envolvido nos ataques a Leningrado, apenas na defesa. Essa declaração não tem qualquer função de tranquilizar a família, antes, é como se ele quisesse se desculpar por sua participação na guerra, alegando que ele não estava no ataque, mas apenas defendendo a própria vida e a de seus camaradas. Aparentemente, Buff tenta enganar a si mesmo com essas afirmações (cf. SOUZA, 2010: 93-94). Atuando na defesa, ele é tão pernicioso quanto se estivesse no ataque; enquanto os alemães não se movimentam do ponto que estão ocupando, o cerco a Leningrado é mantido e a fome dos que estão na cidade se agrava. Buff faz parte dessa engrenagem de destruição da guerra, mesmo que ele use diferentes artifícios para se convencer do contrário. Entretanto, a preocupação humanitária marcaria a sua morte. Como é informado na curta biografia disponível em *Barbarossa '41*, Wolfgang Buff faleceu no dia primeiro de setembro de 1942, atingido enquanto procurava ajudar um soldado russo gravemente ferido.

As citações de Wolfgang Buff provêm do livro *Vor Leningrad* (Diante de Leningrado), que apresenta anotações de diários e cartas escritas por Buff no período que vai de 29 de setembro de 1941 a primeiro de setembro de 1942, dia de sua morte. Esta é uma publicação comemorativa da inauguração do maior cemitério de soldados alemães em São Petersburgo, ocorrida em setembro do ano 2000. Buff e outros 80.000 soldados foram removidos para esse cemitério, que pretende ser um símbolo da reconciliação. Devido à celebração, o diário de Buff também foi lançado em uma tradução russa.

[276] "E há mais uma coisa que eu gostaria de esclarecer-lhes: quando nas cartas dos últimos tempos dizia-se que a artilharia pesada teve como alvo Leningrado, vocês talvez tenham imaginado que nós participamos disso. Não é o caso. Certamente atuamos por semanas com nossa artilharia na resistência às repetidas tentativas dos russos de romper nossas barreiras nos arredores de Leningrado."

Uma breve biografia de Buff encontra-se nas primeiras páginas do livro. Nela está confirmada a vocação religiosa do jovem que desejava estudar teologia, mas não o fez pois considerava mais importante ter uma profissão que lhe permitisse ajudar a família, que era muito numerosa em filhos. No livro, o leitor tem acesso a fotos de Buff em diferentes contextos: o familiar, o escolar, o militar, e na morte – através de uma foto do cemitério onde ele se encontra e outra da cruz com seu nome. O retrato que ilustra a capa do livro mostra um homem jovem, belo e de ar tranquilo e sereno, e vem como uma confirmação da impressão que se tem ao ler suas anotações.

Praticamente todos os textos de Wolfgang Buff estão citados integralmente. Há uma exclusão no "dia" 19 de dezembro, em que o assunto são os homens que estão voltando para casa e os que estão chegando; como o leitor não conhece todas as pessoas que ele cita, a enumeração de nomes poderia tornar-se cansativa. Outra ocorre em 23 de dezembro, cujo texto se limita a duas frases sobre seus pés e a esperança de alguns dias de paz. Uma razão aparente para que o texto não tenha sido inserido na montagem é a extensão breve. As anotações de 29 de dezembro são um pouco mais longas, mas mencionam apenas que houve "serviço de domingo" (Sonntagsdienst) nos dois dias de feriado de Natal e que Buff se alegrava porque um tenente "nervoso" estava sendo substituído por outro. Embora o texto não seja demasiado breve, ele não é explicativo o suficiente para que colabore com o desenho que se faz da guerra. Por fim, a citação apresentada no "dia" 31 de dezembro não foi escrita integralmente na data, metade dela foi redigida no dia primeiro de janeiro. No primeiro dia do ano, Buff recorda parte das celebrações da virada de ano e comenta o que comeram no dia seguinte, além de fazer cálculos sobre a continuidade da guerra, acreditando que ela não poderia passar do outono de 1943. Kempowski reaproveita apenas o que se refere ao dia 31 de dezembro. Não importa a data na qual o texto foi escrito, desde que este se refira à data que o "dia" representa.

II.2.2.3.7. Ernst-Günter Merten

Ernst-Günter Merten era um rapaz de 20 anos que trabalhava em uma tropa de rádio. Seus textos estão presentes apenas na primeira metade do livro e descrevem os avanços de um batalhão que estava na Galícia no início da guerra. Um dos fatores que mais chama a atenção em sua narrativa é que Merten conta sobre morte e destruição de uma maneira muito impessoal, sem emitir comentários que deixem transparecer sua opinião ou sentimentos, e, quando o faz, seu discurso costuma ser marcado por um certo preconceito.

Quando os ataques começam, ele comenta o incêndio nas casas locais apenas de um ponto de vista técnico. Elas queimam facilmente: "In der Ferne Rauchwolken. Diese leichten Holzhäuser brennen ja ohne weiteres."[277] (KEMPOWSKI, 2002: 58) Em seu comentário não há nenhum tipo de interesse pelos moradores dessas casas. Poucos dias depois, em 25 de junho, Merten expressa o desejo de que todo o vilarejo fosse incendiado.

> Gestern nachmittag haben wir eine neue Art des Kriegführens kennengelernt: Baum- und Heckenschützen. Leider gab es dadurch im Btl. einige Tote. Dafür setzten wir eine Leuchtspurgabe in ein Gehöft, das sofort in Flammen aufging. Leider tat das nicht das ganze Dorf![278] (*ibidem*: 98)

Quando o batalhão de Merten sofre algumas das primeiras perdas, ele não apenas acha justificado que a propriedade dos locais seja queimada como forma de retaliação, mas deseja a destruição de todo o vilarejo, sem fazer distinção entre os habitantes e os soldados que estão no contra-ataque. Entretanto, apesar de Merten considerar a vingança justa, ele não se expressa sobre a perda dos camaradas. A descrição que ele faz da morte de outros homens do batalhão também é muito objetiva e não demonstra qualquer tipo de envolvimento:

> Der Führer des Rgt. Radfahrzeug fiel schwerverwundet in russische Hände. Daß die Russen keine Gefangenen machen, ist ja bekannt. Jung, der Melder d. 9. Kp. fiel, 19 Jahre… Wir haben ihn nachher aus der Schlucht rausgeholt und bestattet. 6 Russen jagten ihm eine MG-Garbe in den Bauch und stachen dann noch mit dem Bajonett zu. Plünderten ihn aus. Brieftasche, Kamm, Spiegel, alles lag wüst umher. Vom Stab selbst fiel "Pizel" Neumann, der Pferdebursche des Majors. Heckenschützen![279] (*ibidem*: 113)

Apesar de ser possível imaginar que ele enumere os conhecidos mortos por estar sofrendo de alguma forma com as perdas ou com a guerra, ele não tece nenhum comentário que evidencie sua recepção pessoal dos fatos. Há apenas a enumeração dos mortos. Ironicamente, ele aparenta demonstrar o mesmo nível de envolvimento quando fala das calças do médico assistente: "Unser Assistenzarzt hat sich seine Hose aufgerissen. Und er hatte so 'ne schöne Hose! Eine Reithose mit zwei großen Breeches. 'Obsterntehose' sagten wir immer dazu."[280] (*ibidem*: 83) Uma vez que seus relatos são tão frios, chama a atenção que ele se

[277] "À distância, nuvens de fumaça. Essas casas leves de madeira queimam sem mais."
[278] "Ontem à noite, fomos apresentados a um novo jeito de conduzir a guerra: Franco-atiradores camuflados sobre as árvores e na moita. Infelizmente, tivemos alguns mortos no batalhão por conta disso. Por isso, soltamos uma rajada com o rastreador luminoso em um sítio que imediatamente queimou em chamas. Infelizmente, não foi todo o vilarejo!"
[279] "O líder do Regimento de bicicletas caiu, fortemente ferido, nas mãos dos russos. Que os russos não fazem prisioneiros é sabido. Jung, o mensageiro da 9ª Companhia, caiu, 19 anos... Depois, nós o buscamos do despenhadeiro e o enterramos. 6 russos caçaram-no, uma rajada de metralhadora na barriga, e depois ainda o furaram com uma baioneta. Saquearam-no. Carteira, pente, espelho, tudo estava bagunçado em volta. Do próprio Estado-Maior caiu o 'Pizel' Neumann, o palafreneiro do major. Franco-atiradores!"
[280] "Nosso médico assistente rasgou a sua calça. E ele tinha uma calça tão bonita! Uma calça de equitação com duas largas pernas até o joelho. 'Calça de colher frutas' nós dizíamos sempre dela."

preocupe com a bela calça do colega, um tema de importância reduzida quando comparado aos combates e mortes por ele descritos.

Já sua descrição sobre os russos varia, vai do impessoal e desinteressado ao desprezo, acompanhado de comentários sarcásticos. Em 23 de junho, Merten tem o primeiro contato com os russos, quando cerca de sessenta a setenta prisioneiros são feitos. Sobre eles Merten escreve apenas: "Die Gefangenen hatten erdbraune Uniformen mit roten Kragenstreifen. Sonst nichts. Keinen Sowjetstern oder so."[281] (*ibidem*: 58) Qual é a percepção que Merten tem desse uniforme também não está expresso. Não é possível saber se ele acha que seu despojamento é descuido, ou demonstra algum tipo de fraqueza do exército inimigo, ou o que lhe chamou a atenção nesse fato. Mais adiante, em 2 de julho, ele volta a comentar os prisioneiros, agora mais detalhadamente.

> Eben ist wieder eine lange Kolonne Gefangener durchgekommen. "So richtig Kommune", meinte Max S., "wie in Magdeburg, Jakobstraße." Es sind aber auch dolle Gesichter, viel Mongolentypen. Vorhin sahen wie ein großes Gefangenenlager – Holzbaracken, Stacheldraht, Beobachtungstürme –, für uns gedacht; jetzt sitzen sie selbst drin.[282] (*ibidem*: 193)

Seu camarada reconhece nos prisioneiros os proletários de Jakobstraße, que provavelmente eram o exemplo que ele trazia de casa de como deveriam ser os comunistas. Embora Merten deva concordar, razão pela qual transcreve as palavras de Max S., ele também observa que muitos tinham rostos que lhe eram estranhos e em nada se assemelhavam ao que ele conhecia de casa. A descrição de Merten não é rica em detalhes, os preconceitos da Alemanha deveriam ser suficientes para que a imagem daqueles prisioneiros ficasse completa. Merten registra apenas que a fisionomia deles poderia diferir do que já era conhecido. Além disso, ele parece acreditar em uma certa justiça quando afirma que o campo construído por soviéticos agora estava sendo usado para aprisionar a eles mesmos.[283]

Seus comentários são mais rudes quando ele trata dos combatentes. Além de reparar que o número de russos aumentou ou que eles não sabem atirar, Merten se refere a eles de forma depreciativa ao escrever sobre o andamento dos ataques.

> Zermürbend ist der Heckenschützenkrieg. Stundenlang in glühender Sonne im Korn liegen und wenn man nur den Kopf hebt, huuih, da pfeift es von vorne aus den Bäumen. Mit einer

[281] "Os prisioneiros vestiam uniformes marrom cor de terra com um lenço vermelho no colarinho. Fora isso nada. Nenhuma estrela soviética ou coisa assim."
[282] "Uma longa coluna de prisioneiros acabou de passar por aqui. 'Uma verdadeira comuna', disse Max S., 'como em Magdeburgo, Jakobstraße.' Mas às vezes também há rostos incomuns, muitos tipos mongóis. Há pouco, vimos um grande campo para prisioneiros – barracas de madeira, arame farpado, torres de observação –, pensado para nós; agora eles próprios estão dentro."
[283] Fato que contradiz o que ele havia escrito dias antes, quando afirmou que os russos não faziam prisioneiros, dando a entender que qualquer um que caísse em suas mãos seria morto.

> MG-Garbe die Halunken aus dem Baum jagen, geht auch nicht, weil dahinter dt. Truppen sind. Na, schließlich sind wir doch in den Hof gekommen und haben uns die Burschen nacheinander gekrallt. Und wo sie nicht freiwillig kamen, haben wir sie ausgeräuchert. Einfach die Gehöfte angesteckt. Der Troß hat es nachher dauernd so gemacht. Mit dem Kolben zusammengeschlagen haben sie die Bengels, wenn sie sie bekamen. Geschah ihnen ganz recht! Es gibt nichts Gemeineres als diese Schüsse hinter der kämpfenden Truppe![284] (*ibidem*: 120)

Merten descreve a ação como se os russos fossem de fato os "vilões" da história. Para ele, o ataque dos franco-atiradores russos é desleal e merece ser castigado. Ele descreve os combatentes russos como vis, mas não consegue avaliar a atitude da própria tropa. Para Merten, toda a ação alemã é justificada, ele não consegue ter empatia o suficiente para compreender que também os soviéticos estão lutando pela própria vida. Seu posicionamento é totalmente unilateral e não permite sequer que ele enxergue que a ação de matar homens incendiados ou feri-los com severas coronhadas pode ser mais cruel do que os tiros vindo de trás da tropa.

Merten também parece sentir prazer na batalha, como quando ele comemora o ataque da tropa, "Prima, wenn ringsum die weißen Leuchtkugeln steigen: 'Hier sind wir'."[285] (*ibidem*: 82) Mas seus relatos também deixam transparecer a desinformação da qual os soldados sofriam durante a campanha. Em 29 de junho, ele visualiza como seria agradável ouvir as notícias no rádio, bebendo café, e acha uma pena que ele próprio não possa ouvi-las, porque tem pouca ideia de quais são as operações que estão sendo desenvolvidas. Em um determinado momento, ele e seus colegas também não sabem ao certo por onde estão passando, "Wir sind nun wieder an die Berge gekommen, zwar weiß keiner, wie sie heißen und in unserm geographischen Gedächtnis lassen sie sich auch nicht finden".[286] (*ibidem*: 225) As florestas também criam uma certa confusão dentro do próprio exército, fazendo com que homens do mesmo grupo ataquem uns aos outros por pura desorientação. Em 26 de junho, Merten relata "Diese blöden russischen Wälder! Man verliert einfach die Übersicht, wo Freund, wo Feind. So schossen unsere auf uns."[287] (*ibidem*: 113) E no dia seguinte, a situação ficaria ainda mais tensa, "Schließlich wurde die Truppe mählich nervös. Auf alles, was kein

[284] "A guerra de franco-atiradores é fatigante. Horas sob o sol escaldante, deitado nos grãos, e quando apenas se levanta a cabeça, huiih, apita lá da frente, vindo das árvores. Caçar os patifes para fora das árvores com uma rajada de metralhadora também não dá, porque as tropas alemãs estão atrás. Bem, por fim chegamos à roça e arrebatamos os garotos para nós, um depois do outro. E quando eles não vinham espontaneamente, nós os colocávamos em chamas. Simplesmente, incendiávamos a roça. Depois, a comitiva fez assim o tempo todo. Eles arrebentavam os rapazes a coronhadas quando os recebiam. Bem-feito para eles! Não há nada mais maldoso do que esses tiros por trás da tropa combatente!"

[285] "Ótimo, quando as brancas esferas luminosas sobem: 'Aqui estamos nós'."

[286] "Agora, chegamos de novo nas montanhas, mas ninguém sabe como elas se chamam, e elas não se encontram em nossa memória geográfica."

[287] "Essas florestas russas idiotas! Simplesmente se perde a orientação, onde amigo, onde inimigo. Assim os nossos atiraram em nós."

Uniformstück trug, wurde zuletzt geschossen. Man durfte sogar nicht mehr ohne Stahlhelm scheißen gehen, sonst wurde man als Spion und Heckenschützer beschossen."[288] (*ibidem*: 120)

Ao chegar à Ucrânia, Merten continua fazendo descrições aparentemente neutras, mas afirma que "Die Dörfer sehen schon etwas freundlicher aus."[289] (*ibidem*: 172) Após esse comentário há apenas a descrição das casas e das igrejas. Merten conclui o texto afirmando que os alemães são bem-vindos por lá, o que poderia ser, em parte, a razão pela qual ele acha o lugar mais amigável, "Die Ukrainer haben voller Freude über ihre Befreiung Ehrenpforten errichtet, ihre blau-gelben Fahnen und Hakenkreuzfahnen drangesteckt und standen die Straße lang, unserm Einmarsch zuzusehen. Und durch die Felder kamen sie gelaufen, um Milch zu bringen."[290] (*ibidem*: 172) Além de os ucranianos receberem bem os alemães e se mostrarem simpáticos ao Nacional Socialismo, eles também vão até os soldados para trazer leite, e leite e comida são, notadamente, um dos assuntos recorrentes nas citações de Merten, muito embora ainda seja verão e sua tropa não esteja passando por problemas sérios de abastecimento. Ele comemora o fato de poder comer bem nessa região, e alega que isso acontece graças à boa comunicação com os locais:

> Die Dorfbewohner sprachen zum großen Teil Deutsch, so hatten wir am Morgen nach der Wache ein lang entbehrtes Frühstück: heiße Milch, eine Art Weißbrot, Butter, Eier, Speck. Nur die Barzahlung macht etwas Schwierigkeiten, weil wir nicht genügend Kleingeld haben, die Leute aber nicht wechseln können.[291] (*ibidem*: 226)

A fartura ainda persistiria com um largo consumo de ovos no dia 8 de julho:

> Allerlei erlebt in den letzten Tagen! Zunächst eine tolle Eierfresserei. Irgendwer brachte Kisten über Kisten mit Beuteeiern. Wir mochten nachher gar keine mehr sehen. An der Feldküche gab es eine Milchgriessuppe mit 250 Eiern, von der mehr als zwei Schlag zu essen, keiner schaffte.[292] (*ibidem*: 296)

Ele descreve o desperdício que o exército faz dos ovos roubados. Não lhe ocorre que esses ovos poderiam ser importantes para os mesmos aldeões que os recebiam de braços

[288] "Por fim, a tropa foi ficando gradualmente nervosa. Em todos que não usassem uniforme se atirava no final. Não se devia sequer sair para cagar sem capacete, caso contrário tomava-se tiro como espião ou franco-atirador."
[289] "Os vilarejos já têm uma aparência mais simpática."
[290] "Os ucranianos levantaram portais da honra cheios de alegria por sua libertação, enfiaram suas bandeiras azul-amarelas e bandeiras com a suástica nelas e ficaram de pé ao longo da rua para ver nossa chegada. E eles vieram correndo através dos campos para nos trazer leite."
[291] "Os aldeões falavam em grande parte alemão, assim nós tomamos, de manhã depois da vigia, o há tanto tempo esperado café da manhã: leite quente, um tipo de pão branco, ovos, bacon. Apenas o pagamento em dinheiro causa alguma dificuldade, porque nós não temos trocado suficiente, e as pessoas não podem trocar."
[292] "Vivenciei várias coisas nos últimos dias! Primeiramente, uma grande comilança de ovos. Alguém trouxe cestas e mais cestas com ovos pilhados. Depois disso, nós não queríamos ver mais nenhum. Na cozinha de campanha, houve uma sopa de semolina e leite com 250 ovos, da qual ninguém conseguiu comer mais do que duas porções."

abertos, que, em épocas de guerra, fazer esse uso da comida seria, no mínimo, imprudente. Isso, apesar de ele já ter sido apresentado, em outro dia, à situação de escassez sofrida pelos locais devido à chegada dos exércitos alemães: "Es hat zwar etwas Milch gegeben, aber nicht viel. Der Bauer erklärte, er hätte seine Kuh schon zum Umfallen gemolken. Jetzt käme nix mehr raus. Es kämen zuviel dt. Truppen vorbei."[293] (*ibidem*: 194) Além de não tecer nenhum outro comentário sobre a situação desse lavrador, ele demonstra não ter aprendido nada sobre essa situação, achando uma certa graça em como os ovos foram esbanjados por seus camaradas.

Merten é uma boa representação do homem comum que acaba se envolvendo na guerra sem fazer maiores ponderações sobre o que está acontecendo, fica satisfeito quando se alimenta bem e é bem acolhido, mas é incapaz de pensar nos povos que estão sofrendo com a invasão alemã, de se pôr no lugar do inimigo e sequer consegue passar por uma fase de luto quando seus camaradas morrem. É como se, dentro do campo de batalha, ele agisse automaticamente, sem nenhum espaço para qualquer tipo de ponderação.

No arquivo de biografias não publicadas, encontram-se os dois cadernos que serviram como diário para Ernst-Günter Merten, uma carta de seu amigo que fez a doação e um retrato do soldado fardado. A transcrição dos textos não está presente, embora os post-its marcando partes das páginas a serem transcritas ainda estejam colados no primeiro diário. O diário foi escrito para ser enviado a um amigo do qual ainda se encontra um sinal na publicação de *Barbarossa '41*, na citação de Merten do "dia" 25 de junho: "Wohin ich an Dich denken soll, weiß ich nicht. Auf der Penne wirst Du ja wohl nicht mehr sein. Aber wo? Bei Heer oder Marine, Luftwaffe oder Waffen-SS?"[294] (*ibidem*: 99) No livro, pode-se apenas constatar que o diário deve estar sendo dirigido a um interlocutor que também é homem, razão pela qual Merten sabe que ele também deve ter sido escalado para a guerra, mas não consegue imaginar para que função ele foi designado, nem em que local ele poderia encontrar-se agora. Mais informações sobre essa amizade e o surgimento dos diários de Merten são encontradas na carta do amigo para Kempowski e na dedicatória do diário. O amigo, G.N., escreveu em janeiro de 1996 as seguintes linhas:

> Sehr verehrter Herr Kempowski! / Ich lese das "Echolot" und bin fasciniert (sic), wie gegenwärtig die dramatischen Wochen des Jahres 1943 sind. Seit 1942 liegen bei mir die

[293] "É verdade que havia um pouco de leite, mas não muito. O lavrador explicou que ele já havia ordenhado sua vaca até desmaiar. Agora não saía mais nada. Demasiadas tropas alemãs passaram por aqui."
[294] "Em que direção eu deveria pensar quando penso em você, eu não sei. Você certamente não está mais no Penne. Mas onde? No exército ou na marinha, na força aérea ou na SS?"

> Kriegstagebücher eines Freundes – Ernst-Günter Merten geb. 1921 gefallen im Osten 1942, Sohn eines Pastoren aus Hildesheim – ich habe auch sie jetzt noch einmal gelesen und glaube es wäre gut, wenn Sie die beiden Bücher in Ihr Archiv übernehmen. Wir haben uns als Kinder am Ostseestrand in Timmendorf kennengelernt, er war gewiß ein schwieriger Mensch und die Beziehung war etwas einseitig von ihm auf mich gerichtet. Auch das Tagebuch ist als Brief an mich geschrieben und wurde mir von der Mutter übersandt nachdem er gefallen war. In ihm war ein starker Widerspruch seiner sehr christlichen Grundeinstellung und seiner Verehrung für das Völkische auch für den Führer. Seinen Stil finde ich beachtlich, er hat schon als Jugendlicher zahlreiche Aufsätze in Zeitschriften unterbringen können und aus den Tagebüchern geht hervor, wie er sich bemüht in die Kriegsberichtspresse hineinzukommen.[295]

Em um primeiro momento, as afirmações sobre a amizade ser unilateral aparentam esconder uma certa vergonha que G.N. teria pelo amigo estar tão envolvido com o Nacional Socialismo em seu diário, mas a dedicatória e a carta inclusas no diário confirmam sua versão da história e justificam seu comentário, que provavelmente visava explicar a razão do rompimento entre os dois. O diário é aberto com as seguintes palavras:

> Vieux-Rouen, am 26. März 1941 / Lieber G.! / Ein solches Heft! Ich bin 'mal gespannt, wie es sich auf dem Vormarsch machen wird. In seinem Großformat paßt es grade in eine der unteren Feldblusentaschen. Aber es war in der Umgebung eben nichts Besseres zu bekommen. Wir sind halt auf dem Lande – und dazu in Frankreich. / In den letzten Tagen, wann ich so abends dasaß und meine Post beantwortete, kam mir wohl der Gedanken an die Zeit als wir uns noch schrieben. Als jeden Mittwoch von Hildesheim die Briefe kamen und dann am nächsten Sonntag die Antwort von Bergedorf. / Dies werden diesmal Briefe ohne Antwort. Vielleicht schicke ich sie dir nach Beendigung des Krieges, vielleicht erreichen Sie dich, nachdem ich gefallen bin, zusammen mit dem Brief, der für dich in meinem Tagebuch liegt. / Im Gedenken an unseren einstigen Briefwechsel, aus der Hoffnung heraus, so irgendwie zu dir sprechen zu können, entstehen diese Briefe.[296]

A carta que ele menciona é a seguinte:

> Neujahr 1941 / Mein lieber Spatzi! / Das neue Jahr hat begonnen. Es ist 1.25 Uhr. Schnell will ich dir noch ein paar Zeilen schreiben. An und für sich habe ich im vorletzten Urlaub die

[295] "Prezado Sr. Kempowski! / Estou lendo *Das Echolot* e estou fascinado com quão presentes são as semanas do ano de 1943. Desde 1942, estão comigo dois diários de guerra de um amigo – Ernst-Günter Merten, nascido em 1921, tombou em batalha no Leste em 1942, filho de um pastor de Hildesheim – eu também li-os agora mais uma vez e creio que seria bom se o Senhor recebesse ambos em seu arquivo. Nós nos conhecemos quando crianças na praia do Mar Báltico em Timmendorf, ele certamente era uma pessoa difícil e o relacionamento era meio unilateral, direcionado dele para mim. Também o diário foi escrito como carta para mim e foi-me enviado por sua mãe depois que ele tombou em batalha. Nele havia uma forte contradição entre sua atitude básica cristã e sua adoração pelo *Völkische* [nacionalismo exagerado surgido no início do século XX] e também pelo *Führer*. Eu acho seu estilo notável, como adolescente ele já podia postar muitos artigos em periódicos e nos diários surge como ele se esforça para entrar na imprensa de correspondência de guerra."

[296] "Vieux-Rouen, 26 de março de 1941 / Querido G.! / Um caderno como esse! Estou ansioso para ver como as coisas vão ser durante o avanço. Em seu tamanho grande, ele cabe exatamente em um dos bolsos inferiores das camisas de campanha. Mas nas redondezas não foi possível arrumar nada melhor. Nós estamos no campo, fazer o quê? – e além disso na França. / Nos últimos dias, quando eu estava sentado lá e respondia às minhas correspondências, vieram-me ao pensamento o tempo em que nós ainda nos escrevíamos. Quando as cartas vinham de Hildesheim toda a quarta e então, no próximo domingo, a resposta de Bergedorf. / Desta vez, estas serão cartas sem resposta. Talvez eu as envie depois do final da guerra, talvez elas lhe alcancem depois que eu tenha caído, junto com a carta para você que está em meu diário. / Em memória de nossa antiga correspondência, com a esperança de assim poder falar com você de alguma forma, surgem essas cartas."

> sogenannten “inneren Tagebücher” verbrannt. Ich schrieb sie einst in der Meinung “die Welt solle später einmal sehen wie kümmerlich manchmal auch große Menschen seien.” Ich habe während dieses Feldzuges eingesehen, daß mir zu diesem “großen Menschen” vieles, wenn nicht alles, fehlt. / Wenn ich heute trotzdem etwas Ähnliches anfange, so tue ich das in dem Bewußtsein, dir als meinem immer noch liebsten Freunde – ein Standpunkt, den du ja wohl leider nicht mehr teilst – auch jetzt noch alles sagen zu können. / In dieser Gewißheit fange ich heute die Briefe an. Du wirst sie später ja doch einmal lesen, so oder so. / Für heute sollst du wissen, daß ich 1941 begonnen habe im Gedanken an dich! Unsere Freundschaft ist dahin. Was mich anbetrifft, so war ich ihrer nicht wert. Eine neue soll kommen. Drum heißt die Arbeit im neuen Jahr für mich: / Deiner, der neuen Freundschaft würdig zu werden![297]

Merten deixa claro que a amizade foi interrompida por algum atrito, e que com os diários ele pretendia, se não reatar de fato essa amizade com G.N., pelo menos manter o hábito de escrever sobre sua vida, como fez por muitos anos enquanto trocava correspondências com o amigo. A escrita poderia, mesmo tão impessoal, ter algo de terapêutico para ele, uma vez que ele acreditava que podia contar tudo para o amigo. Como o próprio G.N. informa, o ato de escrever trazia um certo prazer para Merten, que com os diários buscaria, injustificadamente, enaltecer o próprio “eu”. No contexto da guerra, Merten resolve escrever diários com uma função mais nobre, que seria reconquistar a amizade que ele próprio teria destruído (já que ele afirma que não foi digno dela). Por outro lado, o fato de ele ter queimado os “diários íntimos” pode ser um indicador da razão por que ele não expõe tanto seus pensamentos nesses novos diários. Merten procura encontrar uma maneira mais humilde de se expressar e reconhece a iminência da morte, agora que ele está em uma guerra.

Parte de minha percepção de Merten foi modificada pelo contato com esses documentos. Enquanto apenas as citações de *Barbarossa ’41* dão uma sensação desagradável, devido à impessoalidade e à maneira como ele se refere aos russos, essas cartas causam um sentimento bom. É gratificante saber que, apesar de os dois não terem reatado a amizade,[298] esses diários fizeram seu caminho até G.N., e que este auxiliou Merten na concretização de um de seus sonhos – o de ser escritor –, ao viabilizar a publicação de seus textos em *Das Echolot*. É como se G.N. pudesse retribuir o carinho e o tempo que Merten dedicou-lhe, mesmo que 60 anos depois de sua morte.

---

[297] “Ano novo de 1941 / Meu querido pardalzinho! [tratamento carinhoso comum na Alemanha] / O Ano Novo começou. É 1h25. Desejo escrever-lhe rapidamente mais algumas linhas. Em princípio, eu queimei os assim chamados ‘diários íntimos’ nas férias retrasadas. Eu os escrevi com a opinião de que ‘mais tarde o mundo deveria ver como os grandes homens às vezes também são miseráveis.’ Durante essa campanha, compreendi que me falta muito, senão tudo, para ser esse ‘grande homem’. / Se, apesar disso, eu começo algo semelhante hoje, o faço na consciência de poder dizer tudo para você como o meu ainda melhor amigo – uma posição que você infelizmente não compartilha mais. / Nessa certeza, eu começo as cartas hoje. Mais tarde, você irá lê-las, de uma forma ou de outra. / Por hoje, você deveria saber que eu comecei em 1941 com pensamentos em você! Nossa amizade passou. No que me diz respeito, eu não fui digno dela. Que uma nova venha. Por isso, minha tarefa no Ano Novo é: / Tornar-me digno da nova amizade!”

[298] No diário, ele comenta uma carta que recebeu do amigo no dia 22 de janeiro, pela qual ele afirma ter esperado dois anos. Esse foi o único contato entre ambos durante o período em que os diários foram escritos.

Antes de prosseguir com a descrição dos diários, gostaria de apontar para mais um possível erro na publicação de *Barbarossa '41*. Segundo o livro, Ernst Günter-Merten teria nascido em 1921, informação que confere com o que foi apresentado na carta de G.N., mas não com os dizeres atrás do retrato do soldado, "Ernst-Günter Merten / 25. Oktober 1920 - 28 Juni 1942 / Seinem besten Freund!"[299] Esse retrato deve ter sido enviado pela mãe junto com os diários, [300] e assim certamente contém informações mais precisas do que as concedidas pelo amigo, contudo, não é certo que eles já tivessem a foto durante o período de composição do livro. O envelope onde os documentos estão guardados informa que ela só foi requerida em 30/02/2002.

Os diários são dois cadernos de capa preta, praticamente do mesmo tamanho, sendo que o segundo pode ser identificado como russo devido ao carimbo no interior da capa e tem papel de pior qualidade, o que se reflete na caligrafia de Merten. Os cadernos devem ter ficado guardados por muito tempo, pois a capa do segundo grudou-se à do primeiro e teve de ser arrancada para descolar os cadernos. Os diários foram escritos entre março de 1941 e 13 de maio de 1942. É provável que Merten tenha sido atingido nessa data, ou poucos dias depois, e tenha falecido em um hospital militar. Os diários foram escritos a lápis e passados a limpo posteriormente, e as palavras que ele pretendia excluir foram riscadas e puladas na hora de passar a limpo com a caneta. Apenas alguns dias do segundo diário foram escritos diretamente com a caneta.

O primeiro diário apresenta desenhos, sempre com a intenção de ilustrar alguma descrição ou pensamento: uma casa por onde passou, ou como os homens se camuflavam atrás dos troncos. Nas últimas duas páginas há desenhos de uma praia, um farol, um prédio que aparenta estar situado à beira-mar e três barcos, acompanhados da frase "An was ich oft denke:"[301] Como os dois se conheceram em uma praia, isso pode, além de representar o desejo de uma outra realidade diferente da que ele estava vivendo naquele momento, ser uma menção a um local no qual os dois passaram parte de seu tempo juntos. Dentro deste caderno também se encontram dois cartões postais, um da França, para que o amigo tenha uma ideia de por onde ele passou, e outro com a imagem de Cristo crucificado.

O segundo caderno tem um desenho colado na capa que lembra a foto que abre *Barbarossa '41*. Ele imita a imagem de um periscópio, com as distâncias e a mira. O desenho apresenta a imagem do Vale de Vorana, que é coberto de macieiras, como informa a legenda.

[299] "Ernst-Günter Merten / 25 de outubro de 1920 – 28 de junho de 1942 / Para seu melhor amigo!"
[300] O retrato não foi enviado juntamente com o diário, mas um pedido por alguma imagem de Merten foi feito em 2002, provavelmente devido ao uso do material em *Barbarossa '41*.
[301] "No que eu frequentemente penso:"

Nesse caderno, os desenhos adquirem uma nova função. Agora, eles ilustram as datas especiais, sendo localizados no início do texto, junto à data. O primeiro vem junto ao *Totensonntag* [domingo de finados] e apresenta um crucifixo à frente e duas covas de soldados ao fundo. Os outros desenhos celebram o advento, sempre com a quantidade de velas referente ao advento que estiver sendo celebrado no dia, um outro apresenta a comida da ceia no dia 24 de dezembro e, no dia 25, há uma árvore de Natal. Embora Merten continue demonstrando destreza nos desenhos, há uma certa infantilização de seu uso nesse segundo caderno, em especial na chegada de 1942. O Ano Novo é aberto por um desenho de uma grande suástica sobre o sol nascente, como que prevendo um futuro brilhante com o Nacional Socialismo. Na Páscoa, há, feito com lápis preto, vermelho e uma caneta azul, um desenho de um casal de coelhinhos tomando café do lado de fora de sua casa em formato de ovo. Conforme a guerra fica mais intensa, Merten encontra sua válvula de escape no caderno e os desenhos tendem a se tornar mais infantis, como uma busca de afastar-se da realidade. Nesse caderno, também há um pequeno poema no dia do aniversário de Hitler, em 1942.

Merten escrevia abundantemente para seu amigo, razão pela qual praticamente todos seus textos sofreram exclusões. Em um caso especial, no "dia" 23 de junho, além das exclusões, ele foi dividido em duas partes, que, todavia, foram mantidas no mesmo "dia", com uma pausa de pouco mais de uma página entre as partes. Como seus textos são basicamente descritivos, muito do que foi excluído, mesmo podendo trazer um ponto de vista um pouco diferente do que é relatado em outras citações do livro, pode ser considerado como repetitivo, seja pelo tom que ele dá aos relatos, ou pelo próprio conteúdo – ele descreve a alimentação com uma frequência muito maior do que a que aparece no livro, ou há, por exemplo, um momento no qual ele menciona que as fontes deveriam estar envenenadas pelos russos, preocupação que está retratada em outras citações de *Barbarossa '41*. Nos dias 30 de junho e primeiro de julho, há dois textos breves com uma descrição maçante dos acontecimentos do dia. Como o texto de 30 de junho relata um dia sem ataques, ele não foi citado, já o texto de primeiro de julho, quando a marcha é iniciada, foi mantido em forma integral, o que garante um certo equilíbrio.

As lembranças de outra época, quaisquer que fossem, também foram retiradas das citações de Merten, como quando ele relembra suas primeiras experiências em campo de batalha, nas anotações de 26 de junho:

> Noch einmal erinnern wir uns der letzten Tagen, in denen wir unsere Feuertaufe erlebten, denken zurück an Kampf und Sieg und an unsere Toten. / Da ist der erste Tag, der Sonntag, an den wir noch Reserve waren und den erste Kampfeindruck lediglich der Umgehen [?] der Bunker war. Dann am 2. Tag das Auf und Ab im bergigen Gelände – das zum Glück später

> aufhörte – und dann mit "Gerät frei!", die ersten Artillerieeinschläge, das unheimliche Pfeifen der Granaten […][302]

Também são excluídos comentários sobre a praia (que podem ser lidos como mera lembrança ou nostalgia), ou, quando ele menciona um conhecido em comum, a explicação que ele faz para G.N. de quem ele era. Todas essas informações não dizem respeito às intenções do livro. As lembranças informam sobre seu estado de ânimo, elas não se referem àquele momento específico – e podem causar uma certa simpatia por identificação –, os detalhes sobre o amigo só servem para que G.N. compreenda de quem se trata e não são de maior utilidade para o leitor. As recordações da praia, por outro lado, podem levar a uma certa empatia com Merten, e trechos que possam causar esse sentimento foram cortados.

Merten comenta os mortos de seu grupo mais vezes do que foi publicado. Essas passagens, junto a outras a que vou me referir adiante, poderiam causar um breve efeito de empatia com o soldado (efeito que tiveram em mim durante a leitura dos textos), o qual é claramente evitado nos textos de Merten em *Barbarossa '41*. Um dos cortes do texto de 24 de junho provoca uma certa mudança na interpretação que se pode fazer da leitura do texto. Nesse "dia", permaneceu a alegria que ele sentiu por ver esferas de luz branca no céu, que dizem "aqui estamos nós". Dentro do contexto de *Barbarossa '41*, há a impressão de que ele está comemorando a guerra em si e a conquista de mais territórios pelos alemães, mas parte do texto que precede essa frase é a seguinte:

> Stukas ließen ihre Bomben fallen. Das klingt jedes Mal dumpf, als ob man eine Erdscholle wirft. Nur viel lauter. Dann sollen die Russen Tanks eingesetzt haben. […] (Ich unterbreche: Jetzt erst laufen die Granaten unserer Ari über uns hinweg. Endlich! Es ist immer ein beruhigendes Gefühl, wenn man weiß unsere Ari ist da. […])[303]

Apesar de ser declaradamente nazista (fato que não fica claro em *Barbarossa '41*, até mesmo porque isso se evidencia mais pelos desenhos e pela comemoração do aniversário de Hitler), Merten não está comemorando a guerra pela guerra em si. O que ele sente é alívio por saber que os homens da artilharia também estão lutando, o que aumenta suas chances de sobrevivência.

---

[302] "Mais uma vez lembramo-nos dos últimos dias, nos quais vivemos nosso batismo de fogo, rememoramos luta e vitória e nossos mortos. / Lá está o primeiro dia, um domingo, no qual ainda éramos reservas e a primeira impressão da batalha era simplesmente lidar com o bunker [?]. Então, no segundo dia o subir e descer no terreno montanhoso – que, por sorte, acabou mais tarde – depois com o "Fogo!", os primeiros impactos da artilharia, o zunido terrível das granadas."

[303] "Stukas [Junkers Ju 87] deixaram suas bombas cair. Isso soa abafado toda a vez, como se um torrão de terra fosse jogado. Apenas muito mais alto. Então os russos devem ter empregado tanques. [...] (Faço uma interrupção: Só agora estão voando as granadas de nossa artilharia por cima de nós. Finalmente! É sempre um sentimento tranquilizador quando se sabe que nossa artilharia está lá. [...])"

Segundo o diário, sua tropa já sofre com o cansaço nas primeiras semanas. Ele descreve a si mesmo e seus camaradas como "Ein Haufen müder Krieger!",[304] e mais tarde ele comentaria, "Allmählich verblödeten wir alle. Gustav M. L., der Bursche vom Major, fing mitten in der Nacht auf einmal ganz fürchterlich zu schimpfen an, man hätte noch nicht einmal Zeit zum Strümpfewaschen."[305] O cansaço e o esforço que é exigido dele e de seus camaradas fazem com que eles passem a agir de maneira pouco racional, como no rompante de fúria esboçado por esse rapaz, que não deve ser um caso isolado, porque Merten crê que essa imbecilização é generalizada. Dentro desse contexto, Merten esboça dúvidas sobre a vitória já no início da invasão, como nas anotações após um combate no dia 4 de julho:

> Wenn wir das sehen, dann wissen wir eins: wir können uns höchstens noch totlaufen, noch einmal an den Feind zu kommen, das schaffen wir nie. Es ist die Frage, ob wir überhaupt noch die altrussische Grenze erreichen, es ist möglich, daß wir "Mütterchen" Rußland selbst nie zu Gesicht bekommen.[306]

É verdade que a guerra mal começou e Merten acredita que eles nunca vão chegar até a fronteira da antiga Rússia, mas, mesmo sabendo das fraquezas de sua tropa, ele ainda escreve sobre a Rússia fazendo pouco caso, ironizando a forma russa de se referir à pátria (o conceito de pátria está associado à imagem da "mãe"). Apesar de esse trecho não causar nenhum tipo de empatia ou simpatia por Merten, ele deveria ser excluído, porque essa falta de convicção não é condizente com o momento histórico. Mesmo pessoas que estão próximas da primeira frente de batalha, como Hermann Türk, ainda estão convencidas da vitória. A Alemanha está fazendo grandes progressos e é provável que o ponto de vista de Merten não seja condizente sequer com a verdadeira situação de sua tropa.

Por fim, do primeiro diário, também foram excluídos dois textos com uma certa dose de humor. O primeiro é a transcrição de uma conversa entre seus colegas:

> Rudi K. meinte: "Wenn wir erst 'mal nach Hause kommen… Die von der Eisenbahn werden sich wundern, wenn soviel Leute neben dem Zug her gehen. Da läuft doch alles nur noch zu Fuß." / "Wenn wir erst 'mal nach Hause kommen, dann ziehen wir uns abends nie mehr aus. Dann legen wir uns mit Stiefeln und Hut ins Bett." "Nee", meinte Robert R. "Dann legen wir uns vors Bett!" / Es ist aber auch wahr, wie unbequem man auch immer schläft, man gewöhnt sich daran.[307]

[304] "Um monte de guerreiros cansados!"
[305] "Gradualmente, nós todos nos imbecilizamos [verbo no Pretérito Passado]. Gustav M.L., o rapaz do major, começou a xingar terrivelmente no meio da noite, que não se teria sequer tempo para lavar as meias."
[306] "Quando vemos isso, então sabemos de uma coisa: nós ainda podemos, no máximo, andar até morrer, chegar mais uma vez até o inimigo, isso não vamos conseguir nunca. A questão é se ainda vamos alcançar a fronteira da antiga Rússia, é possível que nunca vejamos a 'mamãezinha' Rússia."
[307] "Rudi K. disse: 'Quando voltarmos para casa... O pessoal do trem de ferro vai se impressionar quando tantas pessoas andarem do lado do trem. Mesmo então, todo mundo ainda vai andar só a pé'. / 'Quando voltarmos pra casa, a gente nunca mas vai se despir à noite. Então vamos nos deitar na cama com bota e chapéu.' 'Nem', disse

Nesse diálogo, estão presentes o desconforto cotidiano, mas também uma certa familiaridade entre os soldados no tempo livre, o ambiente é descontraído. A segunda exclusão apresenta uma experiência a princípio angustiante, que se converteu em uma situação engraçada:

> 5 Uhr: Der erste Gasalarm. Er war aber nur blind. Irgendjemand hatte "Marsch" gerufen und irgendso ein Blödmann hatte: "Gaaas!" verstanden. Aber wie schnell man auf einmal fieberhafte Hände an der Gasmaskenbüchse sah und begasmaskete Gesichter! R. vermeinte einen süßlichen Geruch zu verspüren. Es war aber nur Herz. Der eine hatte fahren lassen.[308]

A ironia da situação é excessiva, razão pela qual esse texto deve ter sido deixado de fora das citações publicadas em *Barbarossa '41*.

Apesar de Merten ter escrito com frequência em dezembro, nenhum desses textos foi utilizado na publicação do livro. Merten escreve com muita frequência e longamente sobre o Natal. Como G.N. mencionou em sua carta, Merten era filho de um pastor em Hildesheim. Essa, que é a única informação que se obtém em sua minibiografia, é também a única menção que se encontra à sua religiosidade em *Barbarossa '41*, mas, em dezembro, o jovem soldado frequentemente comenta a graça do Natal, e chega até a escrever com tom de pregação. Além disso, por medo de não poder celebrar o Natal na data certa, sua tropa dividiu a ceia em frações menores e iniciou as comemorações já no dia 22 de dezembro – continuando as celebrações até o Natal de fato.

Essa segunda metade do diário, além de mostrar o cristão que Merten era, mantém o mesmo tipo de descrição que ele fazia em junho e julho e a mesma inaptidão para a empatia, mesmo em relação aos camaradas, como quando ele descreve uma situação de fuga:

> Die IG war nicht das einzige, was wir in Woroschilowka lassen mußten. Es war kaum Zeit mehr, unsere Toten zu begraben. Mit zurückgelassener Munition wurden sie in die Luft gejagt. […] Oberfeld Voß, dem Waffenmeister, stand bald das Wasser in den Augen. Was hatte er nicht alles in diesem unwirtlichen Land getan, um Material zu bekommen.[309]

Robert R. 'Vamos nos deitar na frente da cama!' / Mas também é verdade, por mais desconfortavelmente que se durma, acostuma-se com isso."

[308] "5 horas: O primeiro alarme de gás. Mas ele era um engano. Alguém gritou 'Marche' e algum idiota entendeu: 'Gááás!'. Mas quão rapidamente se viram mãos febris nas latas de máscara de gás e rostos com a máscara de gás! R. acreditou ter sentido um cheiro adocicado. Mas era só o Herz. Ele tinha soltado um."

[309] "O IG [canhão leve de suporte à infantaria] não foi a única coisa que tivemos que deixar em Vorochilovka. Mal havia tempo para enterrar nossos mortos. Eles foram explodidos. […] Os olhos do Sargento Major Voß, o *Waffenmeister* [mestre das armas], logo estavam cheios de lágrimas. Depois de tudo o que ele fez nessa terra inóspita para conseguir material."

Merten sequer imagina que o Sargento Major possa estar comovido por algo mais que a perda das armas que ele coletou. A imagem dos corpos de seus próprios camaradas sendo explodidos não lhe causa qualquer tipo de comoção.

A tropa de Merten tem complicações durante dezembro, como a descrita acima, quando eles têm que deixar a cidade às pressas, mas suas reclamações são excessivas, como quando ele tem que dividir um quarto, com apenas uma cama, com doze pessoas, e faz o seguinte comentário:

> Kinder, was haben wir es gut gehabt als wir noch in Frankreich waren, und vor allem zu Hause in Deutschland. Die in dem Himmel können nicht dankbar genug sein, daß ihnen das alles erspart geblieben. (sic) Selbst die Barackensiedlungen vor 1933 können nicht so schlimm sein wie diese Löcher.[310]

Nesse trecho estão impressos a fé cristã de Merten, que crê em uma vida melhor após a morte, a crença de que os mortos vão para o "céu", a crença na eficiência do Nacional Socialismo, porque as péssimas condições de moradia na Alemanha são datadas até 1933, e o exagero. As citações da segunda metade de *Barbarossa '41* demonstram situações mais drásticas – ao menos o detalhamento das condições de vida que eles tinham passa essa impressão – e acreditar que a morte seria melhor do que ter que dividir um quarto com doze pessoas soa como comentário de pessoa mimada. Dentro desta constelação, é compreensível que Kempowski não tenha aproveitado seus textos para a segunda metade do livro. Eles são destoantes dos relatos de outros militares e quebram com a uniformidade que há no início do fracasso alemão durante o rígido inverno russo. Além disso, o livro já é abundante em textos natalinos e não é possível saber se a contradição entre seu cristianismo e a adoração pelo *Führer* era desejada por Kempowski, uma vez que lhe faltavam pessoas que representassem o "perpetrador" no livro, e já que os louvores de Merten a Deus não eram condizentes com suas ações ou com a forma de encarar os acontecimentos que ele presenciou na guerra.

Merten é, de fato, um dos "perpetradores" presentes em *Barbarossa '41*, mas informações mais pessoais que sejam capazes de causar comoção ou identificação – mesmo que sejam breves esboços de um lado mais humano de seu cotidiano – são cortadas das citações de forma que não restem dúvidas sobre como seus textos devem ser lidos e compreendidos.

[310] "Crianças, como estávamos bem quando ainda estávamos na França, e acima de tudo em casa na Alemanha. Os que estão no céu não podem ser suficientemente gratos que tudo tenha lhes sido poupado. Mesmo os alojamentos de barracos antes de 1933 não podem ter sido tão ruins como esses buracos."

II.2.2.3.8. Georg Kreuter

O Tenente Georg Kreuter está entre as pessoas mais citadas em *Barbarossa '41*. Ele figura pela primeira vez no segundo "dia" do livro, em 22 de junho, comentando o início dos ataques: "Um 3.15 Uhr Angriffsbeginn auf die 'Rote Armee'. In dem ungeheuren Feuer aller Waffen habe ich meine Einschläge nicht beobachten können. Ein Stuka wird von eigener Artillerie getroffen und stürzt ab. Wir kommen ohne den geringsten Widerstand über den Bug."[311] (KEMPOWSKI, 2002: 24) Nessa breve apresentação, Kreuter expressa um certo prazer na guerra e deixa evidente que ele sabe que também é um vetor importante da destruição causada nela. Kreuter não tenta se esconder atrás do trabalho em equipe, pelo contrário, lamenta que ele não possa identificar quais foram os danos que ele próprio causou. Seus textos ocupam-se dos desenvolvimentos da guerra e dos ataques dos quais ele fez parte. O "dia" 3 de julho apresenta um exemplo claro da narrativa típica desse tenente:

> Das Regiment soll bis 30 km vor Borissow als Vorausabteilung einen Vorstoß führen. Bleiben jedoch nach 10 km in starkem Schtz.-Feuer liegen. – Ich ziehe die Einschläge bis 100 m vor mich. Die Kerle sind nicht aus ihren Löchern zu kriegen! 10m vor mir steckt auch einer. Es werden Handgranaten in die Nähe geworfen, aber als einer von uns rankommt, schießt er ihn ab! […] Die 8. Kompanie, bei der ich vorn liege, hat 5 Tote und 24 Verwundete! Erst die Panzer schaffen uns Luft. Unter ihrem Schutz kommen wir an die Löcher heran. Jetzt laufen sie wie die Hasen. […] Eine Zielfernrohrbüchse nehme ich den Bolschewisten fort. Um 17.00 tritt das Regiment erneut an. 5 km weiter flüchtet der Feind in rauhen Mengen. Pikas (das Geschwader von Mölders) schießt über uns 15 Bomber ab! Fabelhaft!! Alles innerhalb weniger Minuten! Das war sehr gut für uns![312] (*ibidem*: 201)

Além de comemorar o lançamento de bombas e a destruição obtida com o ataque, Kreuter acha uma certa graça na forma como os inimigos fogem para salvar suas vidas. Quando eles devem deixar os buracos onde estão se protegendo, Kreuter os compara a coelhos, desejando apontar a sua "covardia", sem demonstrar qualquer esboço de empatia por aquelas pessoas que estavam correndo para salvar suas vidas. Aparentemente, tudo se tratava de um jogo para o tenente. O mesmo tipo de descrição leviana ocorre no "dia" 29 de junho, "Eigene Feindpanzer säubern noch das Vorfeld. Wenn sie ein Bolschewisten 'anleuchten',

[311] "Às 3:15 horas, início do ataque ao 'exército vermelho'. No enorme fogo de todas as armas, eu não consegui observar onde meus tiros acertaram. Um Stuka é atingido pela própria artilharia e cai. Nós atravessamos o Bug sem a menor resistência."

[312] "O regimento deve, como força tática, conduzir um avanço até 30 km antes de Borisov. Mas, depois de 10 km, ficam deitados sob forte fogo de tiros. – Meus tiros acertam até 100 m diante de mim. Não se consegue tirar os caras dos buracos! Um está enfiado 10 m a minha frente. Granadas de mão são jogadas nas proximidades, mas quando um de nós chega até lá, ele a atira! [...] A 8ª Companhia, diante da qual eu estou, tem 5 mortos e 24 feridos! Só os tanques que nos dão uma folga para respirar. Sob sua proteção, chegamos até os buracos. Agora eles correm como coelhos. [...] Eu tiro uma mira telescópica dos bolcheviques. Às 17:00, o Regimento alinha-se novamente. 5 km adiante, o inimigo foge em grandes quantidades. Pikas (o esquadrão de Mölders) atira 15 bombardeiros acima de nós! Fabuloso!! Tudo em poucos minutos! Foi muito bom para nós!"

sieht man eine gespenstige Fackel weglaufen."[313] (*ibidem*: 152-154) Como aponta Claire Parot de Souza (2010: 108), o jogo de palavras que ele faz com a morte dolorosa do inimigo demonstra uma certa satisfação com essa ação:

> Se "limpeza" ainda pode ser entendida como jargão militar, adaptado das ordens dos seus superiores, as expressões "tocha" e "iluminar" parecem criações, nesse contexto, do autor ou dos seus camaradas. Esse jogo metafórico expõe o estado de ânimo dos soldados, que se abstraem completamente da situação das suas vítimas (mesmo que sejam combatentes inimigos) e parecem até sentir prazer na transformação de seres humanos em combustível.

Tais jogos de palavras celebrando a morte e a destruição não são incomuns. Outro exemplo está em 15 de dezembro, quando uma cidade toda é incendiada durante o ataque, a tal ponto que ele perde o sentido de orientação, e ele escreve no final do das anotações do dia: "Das war ein heißer Tag!"[314] (KEMPOWSKI, 2002: 466)

A falta de capacidade de se colocar no lugar do outro está expressa no "dia" 25 de junho, quando ele comenta uma mulher que está entre os prisioneiros:

> Das Weib, das in der Nacht so wahnsinnig gebrüllt hat, ist jetzt ruhiger geworden. Sie hat einen Säugling dabei. Ihr Gebrüll hatte die ganze Nacht alle nervös gemacht, sie muß irrsinnig sein, denn sie trommelt und hält anscheinend große Reden. – Etwa 20 der schlimmsten Vagabunden und solche, die sich als deutsche Soldaten ausgegeben haben, werden erschossen. Auch das Weib ist dabei! – Ich bin froh, als dieses Kapitel abgeschlossen ist.[315] (*ibidem*: 100)

É impossível julgar qual seria o verdadeiro estado mental da mulher, mas a simples menção de que ela carregava um bebê deveria ser suficiente para compreender sua situação e seu desespero. Apesar de ter notado a criança, Kreuter não se incomoda com o bem-estar do bebê e não pondera a possibilidade de que, mesmo que aqueles possam ter sido surtos neuróticos, eles tenham sido causados pela situação extrema que a invasão representava e por ela estar entre os prisioneiros carregando aquele que provavelmente era seu filho. A mulher apenas causa incômodo, e Kreuter declara-se alegre quando ela é assassinada, junto com alguns dos "piores vagabundos" – forma que ele considera adequada para descrever qualquer um que estivesse contra o exército alemão. Kreuter acredita que todos que se ponham no caminho dele e de seus homens, mesmo que seja apenas incomodando com gritos e barulho, merecem a morte. Um julgamento, no mínimo, desequilibrado.

---

[313] "Os nossos tanques inimigos estão limpando a frente de batalha. Quando eles 'iluminam' um bolchevique, vê-se fugir uma tocha fantasmagórica."
[314] "Foi um dia quente!"
[315] "A mulher que gritou como uma louca durante a noite agora está mais calma. Ele tem um bebê com ela. Sua gritaria deixou-nos tensos a noite toda, ela deve ser louca, porque fica batucando e, aparentemente, faz longos discursos. – Cerca de 20 dos piores vagabundos e aqueles que se fizeram passar por soldados alemães são fuzilados. Também a mulher está lá! – Estou contente que esse capítulo esteja encerrado."

Mesmo quando menciona uma mulher russa com a qual teve uma relação amigável, Kreuter ainda o faz de forma preconceituosa: "Wir rücken ab. Schade, es war ein ganz nettes Quartier. Sogar eine junge, saubere Frau aus Moskau mit ihrem kleinen Jungen darin. Man konnte sich mit ihr ganz gut unterhalten."[316] (*ibidem*: 330) O tenente acha uma pena que perderá a companhia que tinha para conversas no acampamento, mas a forma como escreve dá a entender que uma conversa profunda, ou de verdadeira qualidade, não deveria ser esperada de russos. Além disso, ele ainda menciona que a mulher era "limpa", adjetivo que transmite a impressão de que ele não considera essa uma característica geral dos russos. Mais tarde, quando escreve sobre as evacuações, Kreuter menciona uma professora, "Die Frauen werden zum Feind evakuiert. Auch unsere Lehrerin verläßt uns."[317] (*ibidem*: 408) Apesar de não haver mais considerações sobre essa mulher, pode-se imaginar que ela está sendo chamada de "nossa" porque havia uma relação minimamente boa entre ela e os alemães. O contato com essas mulheres talvez possa ser a razão do único esboço de uma ponderação que Kreuter faz sobre essas pessoas em todo o livro.

> Das Brandstifterkommando tritt heute in Tätigkeit. Uffz. Böhme führt es an. Die Männer der Orte werden mit zu uns genommen, die Frauen und Kinder werden zum Feind geschickt. Anschließend gehen die Häuser in Flammen auf. Es ist nicht gerade ein menschenfreundliches Werk, was wir hier tun, aber es ist unbedingt notwendig. Wir nehmen damit dem Feind Unterziehmöglichkeiten, die gerade jetzt im Winter von ausschlaggebender Bedeutung sind.[318] (*ibidem*: 436)

Como Souza (2010: 110) afirma em sua dissertação, Kreuter demonstra ter consciência da imoralidade de seus atos, mas age com convicção de que o que está fazendo é o correto. Destruir a vida de pessoas que não tinham nenhuma relação com a guerra era necessário para vencê-la, e, para Kreuter, a máquina da guerra está acima de qualquer preocupação que ele possa ter com o bem-estar de outros. Kreuter não esboça qualquer sentimento de culpa em nenhum momento do livro. Aliás, a vida humana parece ter pouco valor para ele quando se trata da guerra, pois, quando um camarada é confundido com um russo e é morto pelos seus próprios homens, Kreuter denomina isso apenas de "ein blöder Unglücksfall"[319] (KEMPOWSKI, 2002: 112) A morte do inimigo é celebrada e a morte de amigos sequer recebe uma lamentação digna nas linhas de seu diário.

---

[316] "Partimos. Pena, era um alojamento bem legal. Havia até mesmo uma mulher de Moscou, jovem e limpa, com seu menino pequeno lá dentro. Podia-se conversar relativamente bem com ela."
[317] "As mulheres estão sendo evacuadas para o inimigo. Nossa professora também está nos deixando."
[318] "O comando incendiário entra hoje em ação. Suboficial Böhme o conduz. Os homens do local são trazidos para nós, as mulheres e crianças são enviadas para o inimigo. Por fim, as casas elevam-se em chamas. Não é exatamente um trabalho humanitário o que nós fazemos aqui, mas é absolutamente necessário. Com isso, tiramos as possibilidades de subsistência do inimigo, justamente agora no inverno quando elas são de valor decisivo."
[319] "Um tolo incidente de azar"

Em 17 de dezembro, encontra-se a citação mais longa de Kreuter. Em duas páginas e meia ele narra uma difícil batalha durante a qual foi atingido por uma granada. Esta é sua narrativa mais tensa. Quando a granada é jogada no local onde ele se encontra, todos os cavalos que lá estavam caem mortos. Kreuter passa algum tempo ensurdecido; a seu redor há casas em chamas e gritos de horror. Após conseguir sair vivo, os próximos dias de Kreuter seriam de mais tranquilidade. Ele chega a um hospital militar com enfermeiras alemãs, que ele chama de "um novo mundo". Sua última citação figura no "dia" 21 de dezembro, quando ele pega um trem, junto com outros feridos, e espera chegar até a Alemanha.

Nos textos de Kreuter não há praticamente nenhuma menção à vida que ele levava na Alemanha ou aos laços familiares. Há apenas o comentário sobre uma foto que ele levava consigo, provavelmente uma foto de sua esposa: "Das Bild, das ich im Brustbeutel trage ist von Schweiß fast ganz aufgelöst. Von der grünen Unterschrift ist der Name überhaupt nicht mehr zu lesen. Heini fragt höflicherweise, ob das symbolisch sein solle."[320] (*ibidem*: 163) Heini poderia estar se referindo tanto à rotina pesada da guerra que estaria apagando as memórias de entes queridos ou até mesmo enfraquecendo os laços que ele tinha com a família. O comentário não deveria estar tão longe da realidade, uma vez que Kreuter considerou-o digno de ser anotado em seu diário, o qual contém escassas reproduções de conversas.

Os diários de Georg Kreuter foram enviados ao arquivo de Kempowski por um de seus filhos.[321] Pela forma como o filho de Kreuter escreve a carta, verifica-se que, apesar de ele negar a legitimidade das guerras conduzidas pelo Nacional Socialismo – ele se refere a "Überfall auf Polen" e "Überfall auf Russland",[322] o que caracteriza seu discurso como o de uma pessoa que considera esses atos como criminosos –, ele considera o pai uma vítima da guerra, o que fica claro quando ele afirma na breve biografia que oferece de seu pai que "er starb 31.10.1974 an den Spätfolgen der Gefangenschaft. Er litt schon in der Gefangenschaft und später an extremem Bluthochdruck."[323] Georg Kreuter foi prisioneiro de guerra até 1955, de modo que parece um certo exagero que seu filho chame uma morte em decorrência de hipertensão, ocorrida cerca de 18 anos após o encarceramento, de uma morte por "efeitos

[320] "A imagem que carrego no peito está quase que completamente apagada pelo suor. Da assinatura verde não se pode absolutamente ler o nome. Heini [diminutivo para Heinrich] pergunta polidamente se isso não deveria ser simbólico."
[321] Não se sabe quantos filhos Kreuter teve, mas, através do diário, pode-se identificar que ele já tinha um filho na época, o qual não tem o mesmo nome do remetente dos diários.
[322] "Assalto à Polônia" e "assalto à Rússia".
[323] "Ele morreu em 31/10/1974 de efeitos tardios da prisão. Já na prisão, e depois, ele sofria de pressão arterial extremamente alta."

tardios". Ao voltar da prisão, Kreuter não tinha qualquer outro tipo de formação profissional e logo passou a trabalhar para o *Bundeswehr* [exército da RFA], função que exerceu de 1958 a 1969, quando se transferiu para uma biblioteca universitária. Kreuter entrou com processos para conseguir a aposentaria de vítimas da guerra, mas seu pedido primeiramente foi negado e acabou sendo deferido apenas um ano após sua morte. O filho de Kreuter também enviou ao arquivo cópias das cartas referentes ao pedido de anistia que seu pai fez junto aos órgãos russos. O militar alemão havia recebido a sentença de morte devido aos crimes de guerra, e depois sua sentença foi amenizada para prisão perpétua. Não há informações sobre como ele retornou à Alemanha. É possível que seu filho tenha acompanhado todos esses procedimentos desde a infância, sofrendo com a ausência do pai e, mais tarde, vindo a compreender o exercício militar simplesmente como a carreira do pai. Na fé de que Georg Kreuter não estaria fazendo mais do que cumprir ordens, seu filho não questiona o envolvimento do pai com a guerra, a sua falta de empatia com as vítimas ou até mesmo o orgulho que ostentava por ser um oficial militar. Os três diários – cujas cópias estão presentes no arquivo – foram cautelosamente datilografados por Kreuter, que adicionou uma grande quantidade de fotos tiradas na época, além de muitos documentos referentes àqueles acontecimentos: ordens do dia, relatórios ou condecorações. Uma foto em especial exprime todo seu orgulho. Nela, Kreuter está sentado conversando com mais dois colegas e a legenda diz: "Seit einer Stunde Leutnant".[324] Junto aos diários, há a cópia de um quarto "livro", escrito por Georg Kreuter, mas organizado postumamente, em 1983, por seu filho: as memórias da prisão de guerra. É verdade que a brutalidade da guerra e a falta de empatia de Kreuter podem chocar o leitor, mas elas não causam nenhum tipo de vergonha nesse filho que oferece os diários do pai para um arquivo público e, evidentemente, dedicou parte de seu tempo a preservar essas memórias.

Embora Kreuter tenha sido completamente excluído do primeiro "dia", seu texto sofreu poucos cortes e frequentemente foi publicado de maneira integral. No primeiro "dia" de *Barbarossa '41*, 21 de junho, há poucos textos e estes devem apresentar, de uma forma concentrada, a tensão crescente do dia que antecedeu o ataque. As anotações feitas por Kreuter no dia são pouco indicadas, porque misturam um certo humor com brincadeiras levianas sobre a invasão:

> Gegen Abend gibt der Chef die Führerproklamation bekannt!!! – Auch der kath. Div.-Pfarrer sprach. Da wir auf diese "heilige Handlung" nicht vorbereitet waren, stand mein Zug in Badehosen da. Wir wollten nämlich schnell noch ins Wasser. Der Chef war natürlich empört. – Von

[324] "Tenente há uma hora."

> Grießbach bekam ich nun auch meine 5.-, denn wir hatten noch in Milowitz gewettet, daß es gegen Rußland, bzw. nicht gegen R. ging. Diese Wette hatte ich nun gewonnen.[325]

O clima ainda é descontraído entre os homens, a tal ponto que seu pelotão traja calções de banho durante o discurso do padre. Contudo, a ironia ainda se estende à aposta feita pelos militares, o que é chocante quando se tem em vista os níveis de destruição e sofrimento que serão atingidos nos próximos meses. Esse trecho não é apropriado para a constelação do primeiro "dia" do livro, nem para o propósito ao qual *Das Echolot* se apresenta.

A próxima exclusão, o final do texto do dia 23 de junho, é justificada pela qualidade da cópia. Além de a página original aparentemente estar um pouco danificada, ela saiu dobrada na cópia. É possível identificar o assunto, mas uma transcrição integral das frases é impossível.

O texto de 15 de dezembro é consideravelmente longo. Como Kreuter não escreveu nenhum texto no dia 16, Kempowski fez uma cisão na altura em que se escreve sobre a noite e dividiu o texto entre os dois "dias" do livro.

Além de algumas poucas e breves exclusões, há duas temáticas que são claramente evitadas – as mesmas evitadas no caso do médico Hermann Türk: a relação familiar e a chegada à Alemanha.

Em *Barbarossa '41*, parte dos comentários sobre a correspondência é mantida, como "Auch ein Brief vom 14. von H.!"[326] (KEMPOWSKI, 2002: 152) ou "Schreibe an H. einen Geburtstagsbrief."[327] (*ibidem*: 292) Não há como identificar H. Certamente é uma pessoa importante, mas pode ser tanto a esposa, quanto um parente ou um amigo. Há, entretanto, duas frases que tratam de correspondência que foram excluídas de textos que, com exceção das mesmas, foram utilizados integralmente. Em 24 de junho, ficou a frase "Bei einem Halt kommt die erste Post nach vorn!"[328] (*ibidem*: 77) – o ponto de exclamação expressa uma certa alegria pelo envio da remessa de cartas –, mas a frase seguinte foi cortada, "Auch mein Brief mit den Bildern ist dabei!!!"[329] Esse trecho pode ter sido excluído para evitar que as fotos apresentadas no livro sejam relacionadas com as fotos de Kreuter. Outra possível razão seria o intuito de amenizar a sensação de euforia e ansiedade que se tem com o conjunto das duas frases. A próxima exclusão referente a cartas ocorreu no dia 11 de dezembro, "Endlich kommt

[325] "Por volta da noite, o chefe informa sobre a proclamação do *Führer*!!! – O padre católico da Divisão também falou. Como não estávamos preparados para essa 'ação sacra', meu pelotão ficou lá de calções de banho. É que nós ainda queríamos dar um mergulho. É claro que o chefe ficou indignado. – Agora eu também recebi meus 5,00 de Grießbach, pois nós havíamos apostado ainda em Milovitz se seria contra a Rússia, ou não. Agora eu ganhei essa aposta."
[326] "Também uma carta do dia 14, de H.!"
[327] "Escrevo para H. uma carta de aniversário."
[328] "Em uma parada, a primeira correspondência é entregue!"
[329] "A minha carta com as fotos também está lá!!!"

mal wieder Post von zuhause. Auch ein Bild ist mit dabei! – Peter staunt ganz ordentlich!!"[330] Nesse ponto fica claro que as cartas devem, de fato, ser da esposa. Aqui, Kreuter alegra-se com a expressão de espanto de seu filho – provavelmente um bebê, pois, em um currículo escrito em 1940, ele afirma ainda não ter filhos. A alegria do pai pelas notícias de casa e pela foto do filho é cortada, de modo que Kreuter fique limitado ao espaço militar e que sua relação familiar (ou a destruição dela através da guerra) seja representada apenas por uma foto que já está quase que completamente apagada.

Apesar de a última citação de Kreuter ocorrer no "dia" 21 de dezembro, quando ele pega o trem, desejando chegar até a Alemanha, o tenente continua escrevendo seu diário com frequência. Quatro dias posteriores não foram incluídos no livro. A história de Kreuter só interessa enquanto ele ainda está nos locais de conflito – mesmo que dentro de um hospital militar com condições mais tranquilas do que a média. Seus relatos não são mais utilizados a partir do momento em que ele chega a Varsóvia, onde ele faz uma baldeação para pegar um trem que esteja se dirigindo à Alemanha. Dois fatos relevantes são excluídos, além da sua chegada à Alemanha. O primeiro é o reencontro com a família, que ocorre no dia de Natal e o qual ele apenas menciona furtivamente. "Um 10.15 kommen wir an. Werden in das Laz. aufgenommen. Nach einem nützlichen Bad erhalten wir Besuch. Peter kommt mit seiner Mutti!"[331] Da alegria do reencontro há apenas os pontos de exclamação, mas não seria difícil imaginar a emoção do tenente, o que poderia suscitar empatia, ou até mesmo simpatia, com Kreuter, e é, portanto, evitado. O outro fato diz respeito à gravidade de seu ferimento e o desejo de Kreuter de retornar à guerra, e foi registrado no dia 27 de dezembro: "Heute ist der Splitter entfernt worden. Es war ein ganz kleines Ding und ich überlege mir mehr als einmal, ob ich nicht besser draußen geblieben wäre; aber der Arzt muß es ja besser wissen."[332] Apesar de estar tendo uma folga de todo o estresse da guerra, de estar em condições muito melhores enquanto se encontra em um hospital alemão e de ter tido a possibilidade de rever sua família, Kreuter ainda se questiona se não teria sido melhor ter continuado em combate. Ele está convencido da necessidade da guerra e, mesmo nos momentos mais difíceis, ainda gostaria de estar envolvido nela. Segundo seu diário, ele voltaria para o *front* em fevereiro de 1942.

[330] "Finalmente, chegou mais uma vez correspondência de casa. Também tem uma foto junto! – Peter está com uma cara bem espantada!!" [Fora de contexto, a frase original em alemão pode dar a impressão de que ele está falando da reação de algum amigo à foto, mas em outros trechos do diário verifica-se que Peter é seu filho.]
[331] "Às 10:15, nós chegamos. Somos recebidos no hospital militar. Depois de um banho útil, recebemos visita. Peter vem com sua mamãe!!"
[332] "Hoje, o estilhaço foi removido. Era uma coisa bem pequena e eu me questiono mais de uma vez se não teria sido melhor eu ter ficado lá fora; mas o médico deve saber melhor."

Após a comparação, conclui-se que Kreuter é apresentado em *Barbarossa '41* com textos em forma praticamente integral, os cortes incidiram principalmente em trechos referentes à vida familiar ou a momentos de descontração. Qualquer possibilidade de simpatia com o militar é evitada.

II.2.2.3.9. Schöne Zeiten */ Felix Landau*

Conforme a pesquisa avançou, foi constatado que os textos mais impactantes são sempre de autores que estão pouco presentes no livro. Tanto os diários que estão no arquivo, como parte daqueles que foram anteriormente publicados – como os de Helmut N. e Wolfgang Buff – foram fornecidos pelas famílias porque ainda havia algo de digno e humano na forma como os soldados se apresentam. Mesmo que talvez se envergonhassem pelo que aconteceu na guerra, os familiares ainda tinham apreço pelos autores desses diários a ponto de achar que suas memórias deveriam ser guardadas, o que faz com que a maior parte dos relatos de pessoas que figuram com uma frequência mínima no livro apresente um lado mais humano dos perpetradores. Se esse lado não está muito explícito em *Barbarossa '41*, ele tende a ficar mais nítido quando se tem contato com os originais. Essa escassez de textos mais cruéis já é notada por Walter Kempowski em março de 1989, antes que os primeiros volumes de *Das Echolot* houvessem sido publicados. "Wir brauchen noch ein paar richtige Nazis."[333] (KEMPOWSKI, 2005: 132) A sensação de Kempowski em relação a seu arquivo foi a mesma que experimentei quando a análise das pessoas selecionadas foi concluída. Mesmo com algumas adições de pessoas em quem a crueldade podia ser mais facilmente identificada, a seleção não se aproximava do que está apresentado em muitos outros dos textos de *Barbarossa '41* e parecia não refletir a exposição que Kempowski fez desse primeiro momento da guerra contra a URSS. Na procura de textos que preenchessem essa lacuna, decidi analisar o material extraído do livro *Schöne Zeiten* (Bons Tempos). A busca pela completude mencionada pela ex-assistente Simone Neteler na entrevista em anexo também pode ser observada nesse processo, no qual o material oferecido pelo arquivo e até mesmo por publicações completas de diários não é suficiente para cobrir o conhecimento que se tem da guerra e publicações com temática mais específica devem ser incluídas para que a representação seja mais abrangente, não limitada pelo "acaso" de qual material estava disponível no momento em que o livro foi composto.

Schöne Zeiten é uma compilação de textos e fotos que relatam as ações contra judeus do ponto de vista de perpetradores ou de espectadores. O nome do livro é inspirado em uma

[333] "Nós ainda precisamos de uns verdadeiros nazistas."

legenda que se encontra dentro do álbum de fotos do último comandante de Treblinka. A legenda "Bons Tempos" está sobre fotos do campo de concentração onde pelo menos 700.000 pessoas foram mortas nas câmaras de gás. Do livro *Schöne Zeiten* foram tirados os relatos de oito pessoas diferentes, os quais se encontram sempre no final dos "dias" e servem para retratar o início dos assassinatos em massa de judeus tal como eles ocorreram durante a invasão da Rússia. Como o trabalho de comparar todos os textos de *Schöne Zeiten* com o que foi utilizado de fato em *Barbarossa '41* seria demasiado extenso, apresentarei os textos que foram publicados em *Barbarossa '41* e farei a comparação entre o que foi publicado e o original apenas com os textos de uma pessoa, que é a mais presente no livro e cujos textos também causam maior repulsa: Felix Landau.

Para compreender o caráter das citações de *Schöne Zeiten* também é relevante informar que a grande maioria dos textos do livro provém de depoimentos posteriores à guerra, feitos durante processos judiciais. Isso explica parte da empatia que alguns dos alemães afirmam sentir em relação às vítimas judias, mas não é possível afirmar se eles realmente se sentiram impelidos a reagir ao que acontecia naquele momento. Como um julgamento sobre isso não cabe nesta tese, a análise será centrada nas afirmações que são feitas no texto e não na probabilidade de que elas sejam, em partes, falsas, do que resulta o questionamento sobre a suposta indignação dos autores das citações em contraposição com sua falta de ação nas situações descritas. Os textos de Landau diferenciam-se por serem provenientes de um diário escrito na época, no qual não há uma tentativa de velar sua parcela de culpa nos massacres que estavam ocorrendo.

Muitos dos textos selecionados apresentam algum tipo de indignação com o que estava acontecendo. São textos que demonstram as primeiras reações de soldados alemães ao serem confrontados com a nova realidade dos assassinatos em massa. A experiência para esses homens costuma ser chocante, mas não são tomadas atitudes práticas contra o que é presenciado.

O primeiro texto de *Schöne Zeiten* a figurar entre as citações de *Barbarossa '41* foi escrito pelo Cabo Röder em Kaunas, Lituânia. Pouco após chegarem à cidade, Röder presenciou uma grande multidão e teve certa dificuldade em aproximar-se para verificar o que estava acontecendo. Para isso, ele subiu sobre seu carro e viu que civis estavam sendo surrados com diferentes tipos de material até que não dessem mais qualquer sinal de vida. Röder perguntou a um enfermeiro do exército o que estava acontecendo e foi informado que eram judeus.

> Ich konnte mir damals auch keine eigenen Gedanken über Judenverfolgungen machen, weil ich davon noch nichts gehört habe. Bei den zuschauenden Personen handelte es sich fast ausschließlich um deutschen Soldaten, welche aus Neugierde dem grausamen Geschehen zuschauten.[334] (KEMPOWSKI, 2002: 66)

Röder afirmou que não havia ouvido falar sobre a perseguição aos judeus, isso apesar de todas as ações preparatórias do Holocausto que estavam ocorrendo na Alemanha. É verdade que estes foram os primeiros passos do Holocausto propriamente dito, mas há muito os judeus já estavam sofrendo todo o tipo de privações na Alemanha e a Noite dos Cristais não foi um fato que pudesse ter passado facilmente despercebido. É apenas nesse momento em que as ações chegam a um ponto de brutalidade máxima que Röder passa a "perceber" a perseguição aos judeus. Apesar de parecer estar fazendo uma crítica aos soldados alemães que assistiam ao ato cruel, sua ação não foi mais nobre: "Da ich Fotoamateur war, habe ich von diesem einmaligen Ereignis, auf meinem Fahrzeug stehend, 2 Aufnahmen gemacht."[335] (*ibidem*: 66) Röder compreende que o que está sendo feito naquele momento é cruel, mas lhe falta a compaixão quando ele prioriza tirar fotos de um momento que lhe parece "único". Ele não rejeita e abomina o ato, mas tira fotos para guardar na memória. Um oficial foi até ele e retirou sua câmera, mas o rapaz havia acabado de trocar o filme, por isso, pôde salvar as fotos. O fato de ele ser fotógrafo amador não serve como desculpa para que ele tenha ficado ali, assistindo ao que acontecia, pois ele continuou mesmo depois de ter sua câmera confiscada, observando a dura morte daqueles que não faleceram com os primeiros golpes:

> Die auf dem Boden liegenden Juden waren nicht alle gleich tot. Sie wurden, nachdem sie zum Platz geführt waren, ganz wahllos auf den Kopf oder ins Gesicht geschlagen, so daß sie zunächst benommen waren und zu Boden stürzten. Dann wurde von den Zuchthäuslern solange auf sie eingeschlagen, bis sie kein Lebenszeichen mehr von sich gaben. […] Ich hielt mich insgesamt etwa 10 Minuten am Ort des grausamen Geschehens auf und ging dann weiter bzw. setzte meine Fahrt fort. Solange ich mich an dem Platz aufhielt, war ich Zeuge, wie etwa 10 bis 15 Juden erschlagen wurden. […] [reticências do original] Bevor sie erschlagen wurden haben die Juden gebetet und vor sich gemurmelt. Auch die schon auf dem Boden liegenden schwerverletzten Juden haben teilweise vor sich hingebetet.[336] (*ibidem*: 66-67)

[334] "Naquela época, eu não podia fazer reflexões próprias sobre a perseguição aos judeus, porque eu ainda não tinha ouvido falar nada sobre isso. Entre as pessoas assistindo, tratava-se quase que exclusivamente de soldados alemães que assistiam ao acontecimento cruel por curiosidade."
[335] "Como eu era fotógrafo amador, tirei duas fotos desse acontecimento único, em pé em cima de meu carro."
[336] "Os judeus deitados no chão não estavam todos imediatamente mortos. Eles eram, depois de haver sido conduzidos para a praça, golpeados indiscriminadamente na cabeça ou no rosto, de forma que eles primeiramente ficassem zonzos e caíssem no chão. Então os penitenciários batiam neles até que não demonstrassem mais sinal de vida. [...] Permaneci no total cerca de 10 minutos no local do acontecimento cruel e então continuei andando ou, melhor dizendo, continuei minha viagem. Durante o tempo em que estive na praça fui testemunha de como 10 a 15 judeus foram mortos a golpes. [...] Antes de eles serem mortos a golpes, os judeus rezavam e murmuravam. Também os judeus seriamente feridos que já jaziam no chão, em parte, rezaram."

Röder fica cerca de dez minutos no local, observando um número crescente de judeus ser executado, a morte deles é dolorosa, e o cabo não se cansa de denominar o acontecimento como "cruel", mas nada o impele a tomar uma atitude em ralação a isso. A ação é apenas descrita e "contemplada". Nesse momento da morte certa, os judeus rezam, mas, mesmo diante dessa imagem, Röder não faz questionamentos morais sobre o que presencia.

O Coronel von Bischoffshausen também presenciou um assassinato em massa na cidade de Kaunas. Von Bischoffshausen conta com um certo espanto sobre o dia 27 de junho, quando aproximou-se de uma multidão de pessoas que gritava "Bravo!", batia palmas e dava risadas. Ele acreditou que se tratava de uma competição esportiva, mas acabou por se deparar com o assassinato brutal de judeus:

> Nähertretend aber wurde ich Augenzeuge wohl des furchtbarsten Geschehens, das ich im Verlaufe von zwei Weltkriegen gesehen habe. / Auf dem betonierten Vorplatz dieser Tankstelle stand ein mittelgroßer, blonder und etwa 25jähriger Mann, der sich gerade ausruhend auf einen armdicken Holzprügel stützte, der ihm bis zur Brust reichte. Zu seinen Füßen lagen etwa 15 bis 20 Tote oder Sterbende. Aus einem Wasserschlauch floß ständig Wasser und spülte das vergossene Blut in ein Abflußgully. / Nur wenige Schritte hinter diesem Manne standen etwa zwanzig Männer, die – von einigen bewaffneten Zivilisten bewacht – in stummer Ergebenheit auf ihre grausame Hinrichtung warteten. Auf einen kurzen Wink trat dann jeweils der Nächste schweigend vor und wurde auf die bestialischste Weise mit dem Holzknüppel zu Tode geprügelt, wobei jeder Schlag von begeisterten Zurufen seitens der Zuschauer begleitet wurde.[337] (KEMPOWSKI, 2002: 130)

Ao contrário de Röder, von Bischoffshausen foi impelido a fazer algo contra o que viu, e dirigiu-se ao Comando do Exército, onde foi informado de que alemães não deveriam interferir. Mais tarde ele presenciaria civis retirando mulheres e crianças de suas residências, e teria sido instruído, novamente, a não interferir, porque essa era uma tarefa para a SD (serviço de inteligência da SS). Contudo, a SD já estava ativa em Kaunas desde o dia 24.

Apesar de os acontecimentos haverem chocado von Bischoffshausen, ele não tomou nenhuma atitude imediata, não interferiu no que estava ocorrendo naquele exato momento, mas procurou seus superiores para anunciar o fato. A cena que vivenciou é definida como "a mais terrível de duas guerras mundiais", mas ele continuou esperando por ordens e viu-se incapaz de agir contra o que estava acontecendo. Nesse primeiro momento, ele não sabia que

[337] "Mas chegando mais perto, fui testemunha do acontecimento que foi certamente o mais terrível que eu vi no decorrer de duas guerras mundiais. / Sobre o patamar cimentado desse posto de gasolina estava um homem de altura mediana, loiro e de cerca de 25 anos que se apoiava, descansando, sobre um pau da grossura de um braço que chegava até a altura de seu peito. A seus pés jaziam 15 a 20 mortos ou moribundos. De uma mangueira fluía água constantemente e lavava o sangue em direção ao bueiro. / Apenas alguns passos atrás desse homem, cerca de vinte homens estavam em pé, os quais – vigiados por alguns civis armados – esperavam por sua execução cruel em uma obediência muda. Em resposta a um breve aceno, o próximo deu um passo para a frente calado e foi espancado até a morte com o pedaço de pau, ao que cada golpe era acompanhado de animadas aclamações do lado dos espectadores."

as ações estavam, na verdade, sendo encobertas e aceitas pelo exército alemão. Como Röder, apesar da situação na Alemanha, von Bischoffshausen não esperava ver tamanha brutalidade e preferia acreditar que isso dizia respeito apenas aos civis lituanos. Como os judeus que ele presenciou na fila da morte, o Coronel von Bischoffshausen permaneceu calado.

O Soldado Hamann também presenciou assassinatos em massa na Lituânia, onde judeus deveriam postar-se diante de uma cova para serem fuzilados. Como von Bischoffs-hausen, Hamann indigna-se com o que vê e procura informar-se sobre a situação:

> Der Anführer der Litauer sprach gut deutsch, und wir gingen zu ihm hin und fragten ihn, was denn hier los sei, das sei doch eine Sauerei. Er erklärte uns nun, er sei einmal Lehrer an einer deutschen Schule bei Königsberg gewesen, weshalb ihm die "Bolschewiken" die Fingernägel herausgerissen hätten. Weiterhin seien z.T. die Eltern und Geschwister dieser jungen Litauer, welche die Erschießung durchführten von Bolschewisten vor dem Einmarsch der deutschen Truppen auf dem Bahnhof in Wilna zum Abtransport nach Sibirien eingesperrt worden. Durch den Vormarsch der deutschen Truppen hätte der Transport nicht durchgeführt werden können, so daß alle eingesperrten Leute in dem Waggon verhungert seien. Weshalb man nun, falls diese Schilderung des Litauers tatsächlich der Wahrheit entsprach, was ich allerdings nicht glaubte, diese Juden erschieße oder ob von dieser Aktion welche dabei waren, hat uns dieser Litauer nicht erklärt.[338] (*ibidem*: 229-230)

Hamann acha absurdo o que ele está presenciando e vai falar com o líder do grupo, cuja explicação não o convence. O soldado não acredita na história contada pelo lituano provavelmente por considerá-la um pretexto fantasioso, e se faz o questionamento que faltou a muitos dos relatos daqueles que presenciaram essas execuções e ouviram o mesmo tipo de explicação: se, por acaso, os judeus que estavam sendo executados naquele momento foram os responsáveis pelos males que eles descreviam. Ele sabe que nada poderia justificar aquela execução. Contudo, Hamann, como os outros, não fez mais do que breves questionamentos sem interferir de fato. Alguns dias depois, já na Polônia, o soldado constataria que a SS estava envolvida com essas execuções. Ele presenciou quando dois judeus elegantemente vestidos foram conduzidos por homens da SS a uma cova, onde receberiam um tiro na cabeça, presenciou como eles tremiam, provavelmente cientes de seu destino. O soldado tinha plena consciência da gravidade do que estava acontecendo, e sabia também que a possibilidade de julgamento por essas ações pendia sobre suas cabeças: "Erwähnen möchte ich noch, daß wir uns alle gesagt haben, was denn wohl werde, falls wir den Krieg verlieren und dies alles

[338] "O líder dos lituanos falava bem alemão, e nós fomos até ele e perguntamos o que estava acontecendo aqui, que isso era uma 'filha-da-putice'. Então, ele nos explicou que ele havia sido professor em uma escola alemã próxima a Königsberg, por isso, os 'bolcheviques' teriam arrancado suas unhas. Além disso, parte dos pais e irmãos desses jovens lituanos que conduziam a execução haveria sido presa por bolcheviques na estação de trem em Vilna para a deportação para a Sibéria antes da invasão das tropas alemãs. Por causa da ofensiva alemã o transporte não pôde ser realizado, de forma que as pessoas presas no vagão haviam morrido de fome. Agora, por que - caso essa descrição do lituano efetivamente correspondesse à realidade, o que eu contudo não acreditava- esses judeus estavam sendo fuzilados e se havia alguém dessa ação entre eles, o lituano não nos explicou."

einmal büßen müßten."[339] (*ibidem*: 230) Hamann sente-se impotente e não faz maiores esforços para conter esse ato brutal. Quando ele menciona que observou como os judeus tremiam, pode-se imaginar que ele tenha tido compaixão, mas esse sentimento não se traduziu em nenhum tipo de ação, apenas em uma preocupação com o próprio futuro.

Em outra citação tirada do livro *Schöne Zeiten*, o *Obersturmführer* August Häfner deixa claro que mesmo os diretamente envolvidos no extermínio sofriam algum tipo de choque. É verdade que pouco se pensava na vida dos judeus, mas o desgaste causado pelos assassinatos era considerável.

> Irgendeiner sagte mir, [Standartenführer] Blobel würde in seinem Zimmer liegen und einen Nervenzusammenbruch haben. Ich ging in das Zimmer. Blobel war dort. Er redete wirres Zeug. Er sprach davon, daß man so viele Juden nicht erschießen könne, man bräuchte einen Pflug, um sie unterzupflügen. Er war vollständig weg. Er drohte, Wehrmachtsoffiziere mit seiner Pistole zu erschießen. Ich sah, daß er durchgedreht war, und fragte [Obersturmführer] Janßen, was vorgefallen sei. Janßen sagte mir, es sei ein Befehl da von Reichenau, nach dem 3000 Juden als Vergeltung dafür erschossen werden sollten, daß auf dem Burghof in Luzk 2000 Leichen gefunden worden wären. Zu dieser Zeit war noch keine Vorbereitung zur Durchführung dieses Befehl getroffen. Wenigstens ist mir davon nichts bekannt. Ich habe veranlaßt, daß ein Arzt geholt würde. […] Dieser Arzt gab, als er den Zustand Blobels sah, Blobel eine Spritze und die Anweisung, ihn nach Lublin in ein Lazarett zu schaffen. Blobel griff bei dieser Untersuchung laufend zur Pistole. Meinem guten Zureden gelang es, ihn zu beruhigen, so daß er nicht schoß.[340] (*ibidem*: 262)

Segundo o relato acima, o desespero de Blobel não haveria ocorrido por consideração pelas vidas que serão desperdiçadas, mas, antes de tudo, devido a uma questão prática, o fuzilamento de 3.000 judeus não poderia ser conduzido com facilidade. Blobel tem um ataque de nervos porque foi incumbido de uma tarefa aparentemente impossível. Apesar de a culpa não se fazer presente no discurso que ele conduz durante o surto, Blobel reage com agressividade contra os oficiais ameaçando atirar contra eles. Em um surto longe de ser pacífico, Blobel faz menção de se pôr contra aqueles que pretendem matar judeus. Embora Blobel não esteja declaradamente a favor dos judeus, em um ataque de nervos ele fica mais

[339] "Eu só gostaria de mencionar que nós todos dissemos uns aos outros o que aconteceria caso nós perdêssemos a guerra e tivéssemos que pagar por isso."

[340] "Alguém me disse que o [*Standartenführer*] Blobel estaria deitado em seu quarto e com um ataque de nervos. Eu fui para o seu quarto. Blobel estava lá. Ele falava coisas sem sentido. Ele dizia que não se pode fuzilar tantos judeus, que se precisaria de uma charrua para enterrá-los. Ele estava completamente fora de si. Ele ameaçava atirar em oficiais do exército com sua pistola. Eu vi que ele estava fora de controle e perguntei ao [Primeiro Tenente] Janßen se algo havia ocorrido. Janßen me disse que era uma ordem de Reichenau segundo a qual 3000 judeus deveriam ser fuzilados como vingança porque 2000 corpos haveriam sido encontrados no pátio do burgo em Luzk. Nesse momento, nenhuma preparação para a execução dessa ordem havia sido encontrada. Pelo menos, nada disso me era conhecido. Eu providenciei que um médico fosse buscado. [...] Esse médico deu para Blobel, quando ele viu a situação deste, uma injeção e a instrução de dar um jeito para que ele fosse para o hospital militar em Lublin. Durante o exame, Blobel pegava constantemente a pistola. Minha persuasão conseguiu acalmá-lo para que ele não atirasse."

próximo de uma ação de resistência do que todos os homens citados anteriormente, que reconheciam o erro daquela ação.

Devido à dificuldade que até mesmo homens que eram a favor do genocídio sentiam em relação à execução direta de judeus, o extermínio passou a ser feito através do sufocamento com gás ainda em dezembro de 1941. O médico Dr. Augst Becker relata essa mudança, quando ele deixou de trabalhar com a eutanásia em hospitais psiquiátricos e passou a verificar as execuções nos carros com gás letal:

> [Ich war] bis etwa 1941 in dem Euthanasieprogramm miteingeschaltet. Ich fungierte als Fachmann in Vergasungsfragen bei der Vernichtung von Geisteskranken in den Heil- und Pflegeanstalten. Da diese Aktion kurz vorher eingestellt worden ist, den Grund hierzu kann ich nicht sagen [die Vergasungen wurden eingestellt, die Morde gingen mit Medikamenten weiter], wurde ich aufgrund einer persönlich Aussprache zwischen dem Reichsführer SS Himmler und Oberdienstleister Brack dem Reichssicherheitshauptamt (RSHA) in Berlin überstellt. Himmler wollte die bei der Euthanasie freiwerdenden Leute, die Fachleute in der Vergasung waren wie ich, für die groß anlaufende Vergasungsaktion im Osten einsetzen. Der Grund hierzu war folgender: Die führenden Männer der Einsatzgruppen im Osten beklagten sich in zunehmendem Maße, daß die Erschießungen auf die Dauer nicht gewachsen seien. Ich weiß davon, daß Leute dieser Kommandos selbst in die Irrenanstalten kamen, und daß man daher ein (sic) neue und bessere Tötungsart finden mußte. Daher kam ich auch im Dezember 1941 zum RSHA, Amt II in die Dienststelle Rauff.[341] (*ibidem*: 495)

Enquanto todos os outros textos de *Schöne Zeiten* estão concentrados na primeira parte de *Barbarossa '41*, essa citação – e mais uma – aparece na metade do segundo bloco do livro, como que relembrando os assassinatos em massa e apontando para o caminho que eles estavam tomando nesse momento. Na segunda metade do livro, os relatos de Leningrado tornam-se muito mais presentes e as menções aos assassinatos em massa um pouco mais escassas, espalhadas pelos "dias" de dezembro. O texto de Becker trata dos assassinatos que ocorreram ainda em vilarejos, mas a lembrança dos campos de concentração está sempre presente quando se lê sobre o uso de gás. A implementação do uso de gás pode ter sido um alívio para os soldados que estavam envolvidos nos fuzilamentos, mas ela era mais dolorosa do que a morte por tiros certeiros, e, no livro, ela relembra que esses assassinatos só aumentariam, chegando ao que poderia ser chamado de uma escala industrial. O relato vem

[341] "Eu estava ligado ao programa de eutanásia até mais ou menos 1941. Eu agia como especialista em questões do uso de gás no extermínio de doentes mentais nos hospícios e sanatórios. Como essa ação havia sido cessada pouco antes, a razão eu não posso mencionar aqui [os extermínios com gás foram cessados, os assassinatos continuaram com medicamentos], fui transferido para o *Reichssicherheitshauptamt* (RSHA) [Escritório Central de Segurança do Reich] em Berlim em consequência de uma conversa pessoal entre o Comandante da SS Himmler e o *Oberdienstleiter* [Coordenador Supremo do Serviço] Brack. Himmler queria empregar as pessoas que foram liberadas da eutanásia, que eram especialistas em extermínio com gás como eu, em uma ação de extermínio no Leste que estava começando. A razão para isso era a seguinte: Os homens que lideravam os *Einsatzgruppen* no Leste queixavam-se em número crescente que, com o tempo, eles não conseguiam suportar os fuzilamentos. Eu sei que pessoas desses comandos foram elas próprias para hospícios e que, por isso, dever-se-ia encontrar uma forma de matar nova e melhor. Por isso, eu cheguei em dezembro de 1941 a RSHA, Repartição II no escritório de Rauff."

seguido da citação do *SS-Standartenführer* Walter Rauff, mencionado por Becker e que serve como uma espécie de comprovação de seu texto, reafirmando que o único interesse nesse momento era poupar os próprios soldados alemães:

> Ob ich damals Bedenken gegen den Einsatz der Gaswagen hatte, kann ich nicht sagen. Für mich stand damals im Vordergrund, daß die Erschießungen für die Männer, die damit befaßt waren, eine erhebliche Belastung darstellten und daß diese Belastung durch den Einsatz der Gaswagen entfiel.[342] (*ibidem*: 496)

Rauff e muitos outros homens do exército alemão eram incapazes de se compadecer de judeus, como se não fossem humanos ou não merecessem esse tipo de preocupação. Apenas a condição dos homens que estavam envolvidos em seus assassinatos é considerada.

Ainda da região de Kaunas, Lituânia, há três citações do Comandante da *Sicherheits-polizei* (Polícia de Segurança) e da SD. Elas certificam o altíssimo número de judeus que foram assassinados na região. Em 6 de julho, há apontamentos sobre a execução de 2.514 judeus pelos lituanos. Suas anotações são breves, têm um caráter de estatísticas e assemelham-se às feitas pela historiadora Danuta Czech: "Vom Einsatzkommando 3 wurden nachfolgende Aktionen durchgeführt: / 7.7.41 Mariampole Jude: 32"[343] (*ibidem*: 284) A semelhança que há entre o formato e as informações contidas nos textos desse comandante é definidora da função/posição que suas citações encontram no livro. Em 7 de junho, ele chega a substituir a citação de Czech, ficando na última posição que encerra o "dia".

De todos os textos de *Schöne Zeiten* que foram utilizados em *Barbarossa '41*, os do agente da SS Felix Landau se destacam. Landau participa dos assassinatos em massa e descreve cenas ainda mais chocantes do que as apresentadas acima, e, mesmo quando faz críticas a algum fato que esteja relacionado ao extermínio, o faz com grande frieza. Suas anotações começam no dia em que ele parte da Polônia para trabalhar em um *Einsatzgruppe*:

> Der Abschied fiel mir nicht leicht, denn plötzlich hatte sich alles in mir geändert. Schon meinte ich, über etwas Bestimmtes nicht mehr hinwegzukommen zu können, da fühlte ich, wie sehr man an einem Menschen hängen kann. / Die Abfahrt wurde, wie gewöhnlich, einige Mal verschoben, aber um 17 Uhr ging es nun tatsächlich ab. Noch einmal halten wir, und ich sehe noch einmal einen mir so lieb gewordenen Menschen. Es geht weiter! Um 22 Uhr 30 kamen wir dann endlich in Krakau an. Die Unterbringung war gut. Die ganzen Bequemlichkeiten

[342] "Se eu tinha, naquela época, objeções contra o uso dos vagões de gás, isso eu não posso dizer. Para mim, o fato de que o fuzilamento representava um desgaste considerável para os homens que se ocuparam com isso e que esse desgaste era anulado com a utilização de vagões de gás estava em primeiro plano."
[343] "As seguintes ações foram conduzidas pela *Einsatzgruppe* 3: / 7/7/41 Mariampol Judeus: 32"

> fallen weg. Man kann, wenn man will, tatsächlich in wenigen Stunden Soldat werden.[344] (*ibidem*: 215)

No início, Landau parece um homem amável que descreve a tristeza que sente ao se despedir de uma pessoa especial. Suas primeiras linhas podem ser facilmente confundidas com as dos outros soldados que reclamam da saudade da família ou do lar, mas a afirmação de que é possível tornar-se um soldado em poucas horas é muito mais reveladora sobre que tipo de relato pode-se esperar dele. É verdade que ele se referia apenas à facilidade com a qual ele se acostumou à falta de mordomias de sua nova vida, mas o que seus textos trazem é uma rápida familiarização com altos níveis de violência. Os assassinatos começam logo após a chegada do exército: "Am 2.7.1941 um 16 Uhr kamen wir in Lemberg an. […] Kurz nach der Ankunft wurden von uns die ersten Juden erschossen. "[345] (*ibidem*: 216-217) Landau menciona que quinhentos judeus estavam à espera de serem fuzilados. Mais adiante, ele encerra as anotações do dia com as seguintes palavras: "Es liegt mir wenig, wehrlose Menschen – wenn es auch nur Juden sind – zu erschießen. Lieber ist mir der ehrliche offene Kampf. Nun gute Nacht, mein liebes Hasi."[346] (*ibidem*: 216) Mesmo que em um grau muito baixo, Landau incomoda-se com a tarefa de que foi incumbido, mas isso não tem nenhuma relação com valores morais. Apesar de ele mencionar que preferiria uma luta "honesta", judeus são para ele como animais. Landau, assim como Kreuter, é um soldado que tem prazer no combate e na adrenalina que é gerada por ele, razão pela qual ele escreveria, no dia seguinte, que estava desapontado com a missão, "Ich bin jedenfalls – wie auch viele andere Kameraden – von diesem Einsatz enttäuscht. Meiner Ansicht nach zu wenig Kampf, daher diese miese Stimmung."[347] (*ibidem*: 245) Landau não acredita que os extermínios sejam a razão dessa alteração no ânimo de seus camaradas, para ele, o que falta são mais lutas. Também é impressionante que Landau troque de assunto com tanta naturalidade. Em um momento ele fala sobre assassinatos que não ocorreram de forma "honesta", em seguida, manda recados para a mulher amada, chamando-a por apelidos carinhosos.

---

[344] "A despedida não foi fácil para mim, porque, de repente, tudo mudou em mim. Eu já achava que não conseguiria me afastar de algo específico, então eu senti como se pode ser ligado a uma pessoa. / A partida foi, como é costumeiro, adiada algumas vezes, mas às 17 horas realmente saiu. Paramos mais uma vez, e eu vejo mais uma vez uma pessoa que se tornou tão cara para mim. Continua! Às 22 horas e 30 chegamos então finalmente na Cracóvia. A acomodação era boa. Todas as conveniências desaparecem. Pode-se, quando se quer, realmente tornar-se um soldado em algumas horas."

[345] "Em 2/7/1941, chegamos em Lemberg [Lviv]. […] Pouco depois da chegada, os primeiros judeus foram mortos por nós."

[346] "Eu não tenho jeito para matar pessoas desarmadas – mesmo que sejam apenas judeus. Eu prefiro a honesta luta aberta. Agora boa noite, minha querida coelhinha."

[347] "Eu estou, em todo o caso, – como muitos camaradas – desapontado com essa missão. Na minha opinião, muito pouca luta, por isso, essa atmosfera ruim."

Essa alternância entre assuntos de marcada brutalidade e declarações à mulher que ele deixou na Polônia caracteriza todas as citações de Landau. Em seu próximo texto, ele declara que teria se voluntariado por causa dessa mulher, mas não explica em que o relacionamento dos dois ganharia com isso:

> 11 Uhr vormittags. Wunderbare Musik, "hörst Du mein heimliches Rufen". Wie weich kann da nur ein Herz werden! Stark sind meine Gedanken bei einem Menschen, um derentwillen ich freiwillig nach hier gefahren bin. Was gäbe ich dafür, wenn ich sie, auch nur 10 Minuten, sehen könnte.[348] (*ibidem*: 243)

Essa declaração de Landau só serve para causar desconforto. Ele afirma que uma canção pode amolecer corações e em seguida descreve a continuação dos assassinatos em massa como se não estivesse cometendo qualquer tipo de contradição. O tom dócil e as declarações de amor causam desgosto quando se tem em vista quem foi Landau, ou quando o que se segue a eles são relatos de alto nível de brutalidade e cinismo, como o que foi escrito ainda no mesmo dia:

> 800 Juden hatte man dort zusammengetrieben. Auch diese sollten morgen von uns erschossen werden. Diese hatte man nun frei gelassen. / Wir fuhren weiter die Straße entlang. Hunderte von Juden mit blutüberströmten Gesichtern, Löchern in den Köpfen, gebrochenen Händen und heraushängenden Augen laufen die Straße entlang. Einige blutüberströmte Juden tragen andere, die zusammengebrochen sind. Wir fuhren zur Zitadelle; dort sahen wir Dinge, die bestimmt noch selten jemand gesehen hat. Am Eingang der Zitadelle stehen Soldaten mit faustdicken Knüppeln und schlagen hin, wo sie treffen. Am Eingang drängen die Juden heraus, daher liegen Reihen von Juden übereinander wie Schweine und wimmern sondergleichen, und immer wieder traben die hochkommenden Juden blutüberströmt davon. Wir bleiben noch stehen und sehen, wer das Kommando führt. "Niemand". Irgendjemand hat die Juden freigelassen. Aus Wut und Haßgefühl werden nun die Juden getroffen. / Nichts dagegen, nur sollten sie die Juden in diesem Zustand nicht herumlaufen lassen. Anschließend erfahren wir von den dort stehenden Soldaten, daß sie eben Kameraden, und zwar Flieger, in einem Lazarett hier in Lemberg besucht hatten und gesehen haben, wie man diese bestialisch zugerichtet hatte. Man hatte ihnen von den Fingern Nägel heruntergerissen, Ohren abgeschnitten und auch Augen ausgestochen. Das war der Grund ihrer Handlungsweise, durchaus verständlich.[349] (*ibidem*: 244)

[348] "11 horas da manhã. Música maravilhosa, 'você ouve meu chamado furtivo?'. Quão mole pode ficar um coração com isso! Meus pensamentos estão fortemente junto à pessoa pela qual eu vim para cá voluntariamente. O que eu não daria, se eu pudesse vê-la mesmo que por apenas 10 minutos."

[349] "800 judeus foram recolhidos. Esses também deveriam ser fuzilados por nós amanhã. Agora eles haviam sido deixado soltos. / Nós andamos de carro pela rua. Centenas de judeus com rostos cobertos de sangue, buracos na cabeça, mãos quebradas e olhos pendurados para fora andam pela rua. Alguns judeus cobertos de sangue carregam outros que sucumbiram. Nós seguimos para a fortaleza; lá vimos coisas que é certo que alguém raramente deve ter visto. Na entrada da fortaleza, estão soldados com bastões da grossura de punhos e batem onde eles acertam. Na entrada, os judeus estão se empurrando para fora, por isso, fileiras de judeus estão uns sobre os outros como porcos e gemem de forma inigualável, e os judeus que chegam até em cima trotam ensanguentados dali. Nós ainda ficamos um tempo ali e vemos quem conduz o Comando. 'Ninguém'. Alguém soltou os judeus. Por ira e ódio, agora eles são golpeados. / Nada contra, apenas não deveriam deixar os judeus andar por aí nesse estado. Por fim, ficamos sabendo pelos soldados que estão lá que eles haviam acabado de visitar camaradas, a dizer pilotos, em um hospital militar aqui em Lemberg, e viram como os haviam tratado de

Essa é uma das cenas de maior brutalidade do livro, mas a Landau só incomodou que essas pessoas estivessem andando livremente na rua, pois a visão não era prazerosa. Ao ver soldados alemães tratando judeus dessa maneira, Landau não teve a mesma reação que von Bischoffshausen ou Hamann, ele não se pôs contra a ação devido a sua crueldade. Sobre o tratamento que estava sendo dado a judeus, ele escreve apenas "nada contra". O que Landau quer é encontrar um líder que se responsabilize por manter esses judeus presos, já que sua aparência causa desconforto. Ao ouvir a explicação dos soldados, que falam de um ato cometido contra pilotos alemães na região, Landau não questiona – como Hamann o faz – qual é a ligação desses judeus com a agressão sofrida pelos pilotos, pelo contrário, ele declara que a ação era "completamente compreensível". Além disso, quando descreve o que os soldados alemães fazem, ele fala sobre algo que raramente foi visto, mas apenas o tratamento dado aos pilotos alemães é descrito como "bestial". O julgamento negativo cai apenas sobre as ações daqueles que não pertencem a seu grupo. Não há qualquer tipo de reflexão sobre o que os próprios alemães fazem, apenas sobre o que os outros fazem, e, nesse caso, Landau se expressa sobre as atitudes dos outros de maneira que seria apropriada para julgar seus próprios atos. Após ignorar a gravidade do que os alemães estão fazendo e classificar apenas a agressão que eles sofreram como "bestial", Landau escreve sobre "fanatismo":

> Ein kleiner Zwischenfall zeigte mir den ganzen Fanatismus dieser Menschen. Ein Pole leistete Widerstand. Er will bei dieser Gelegenheit einem Kameraden den Karabiner aus der Hand reißen, was ihm aber nicht ganz gelungen ist. Wenige Sekunden später, das Krachen von einigen Schüssen, und es war einmal.[350] (*ibidem*: 243)

Enfrentar um homem armado como forma de resistência pode ser classificado como um ato impensado ou desesperado, mas é difícil classificá-lo como fanatismo, uma vez que não se sabe quais são as razões que movem esse homem. Por outro lado, a atitude dos soldados alemães, que não se questionam sobre as missões nas quais foram empregados, é definitivamente o que se pode classificar como "fanático". A forma como Landau escreveu expressa sua perplexidade ao presenciar alguma forma de resistência e seu descaso com mais uma morte, quando ele conclui que esse homem foi morto com a conhecida frase dos contos de fada "era uma vez": agora o polonês havia deixado de existir, havia virado "história". Se a

---

forma bestial. Haviam arrancado suas unhas, cortado as orelhas fora e também arrancado os olhos para fora. Essa era a razão para sua maneira de agir, completamente compreensível."

[350] "Um pequeno incidente mostrou-me todo o fanatismo dessa gente. Um polonês ofereceu resistência. Ele quer arrancar a carabina da mão de um camarada nessa oportunidade, o que ele não conseguiu muito bem. Poucos minutos depois, o barulho de alguns tiros e era uma vez."

resistência ainda causa algum impacto na percepção de Landau, as mortes já estão completamente banalizadas.

Mais adiante, Landau se questiona sobre "O que é o ser humano?", uma pergunta pertinente quando se pensa nos massacres que foram cometidos, mas, mais uma vez, ele não está se referindo ao Nacional Socialismo, e sim a um dos membros da resistência polonesa:

> Eine Stunde später, um 5 Uhr morgens, werden weitere 32 Polen der Intelligenz- und Widerstandsbewegung, nachdem sie ihr Grab geschaufelt haben, ungefähr 200 Meter von unserem Wohngebäude, erschossen. Einer wollte nicht und nicht sterben, schon lag die erste Sandschicht auf dem ersten Erschossenen, da hebt sich aus dem Sandhaufen eine Hand, winkt, und zeigt nach einer Stelle, vermutlich seinem Herzen. Noch ein paar Schuß knallen, da ruft jemand, und zwar der Pole selbst, schießt schneller! Was ist der Mensch?[351] (*ibidem*: 243)

O que chama a atenção não é a decisão desse homem pela morte, mas como ele age. Dentro de uma cova, esperando para ser enterrado (vivo), esse homem não tem mais nada a perder, razão pela qual age de maneira tão impertinente. Ele desafia os soldados, pede para que atirem mais rápido de forma a indicar que eles não sabem fazer seu trabalho. Essa é a maneira que o polonês encontra de enfrentar a sua morte, de mostrar que os alemães não são tão eficientes quanto imaginam. Landau critica e questiona homens que reagem ao exército alemão. Não é apenas a atitude deles, que certamente resultará em suas mortes, que é questionada – o segundo homem já está condenado à morte desde o princípio –, mas também sua impertinência diante dos alemães. Nos textos de Landau só há espaço para o questionamento daquilo que vá contra suas crenças e contra as ações nacional socialistas.

Há poucos textos de Felix Landau em *Barbarossa '41*. Apesar de ele ter mantido um longo diário, *Schöne Zeiten* apresenta apenas suas anotações até agosto de 1941. Além das breves citações, há mais informações sobre Landau na minibiografia disponibilizada no final de *Barbarossa '41*:

> Aufgewachsen in Österreich, Lehre als Kunstmöbeltischler; aktive Beteiligung an der Dollfuß-Affäre 1934, bis 1937 inhaftiert, Einbürgerung im Deutschen Reich, Kriminalassistent, 1938 in der Gestapo-Leitstelle Wien, 1940 beim Kommandeur der Sicherheitspolizei und des SD in Radom, Juni 1941 Meldung zu einem Einsatzkommando, ab Juli 1941 in Drohobycz, Bezirk Lemberg, Leiter Arbeitseinsatz der Juden bis Mai 1943, zuletzt SS-Hauptscharführer; lebte bis 1958 unter falschen Namen im Kreis Nördlingen, 1963 zu lebenslanger Haft verurteilt.[352] (*ibidem*: 714)

[351] "Uma hora mais tarde, às 5 horas da manhã, mais 32 poloneses da Inteligência e do movimento de resistência são fuzilados depois de eles cavarem sua cova, a cerca de 200 metros de nossa moradia. Um não queria morrer de jeito nenhum, já na primeira camada de areia sobre o primeiro fuzilado, lá se levanta uma mão do monte de areia, acena, e mostra um lugar, provavelmente seu coração. Mais alguns tiros ressoam, então alguém clama, e com efeito o próprio polonês, atirem mais rápido! O que é o ser humano?"

[352] "Criado na Áustria, formação como marceneiro de móveis artesanais; participação ativa no incidente Dollfuß em 1934, preso até 1937, naturalização na Alemanha, assistente criminal, escritório central da Gestapo em Viena em 1938, no comando da SiPo e da SD em Radom em 1940, alistamento em um *Einsatzgruppe* em junho de

Landau esteve envolvido com assuntos do Nacional Socialismo desde cedo e fez carreira nesse meio. A sentença de prisão perpétua apenas confirma que ele esteve ligado a ações brutais, ligação que já fica evidente em seus poucos relatos e na descrição de sua carreira. Essa minibiografia é um resumo da biografia apresentada em *Schöne Zeiten*. Entre as informações que foram excluídas, estão maiores detalhes sobre quem é a mulher à qual ele frequentemente se dirige: Gertrude, chamada por Landau de Trude ou Trudchen. Na introdução de seu diário há a seguinte explicação:

> Auf der Dienststelle Radom lernt er die 20jährige Stenotypistin Gertrude kennen. Sie ist mit einem Soldaten aus Wien verlobt, will aber die Verlobung lösen. Landau erfährt, daß sich Gertrude – entgegen ihrem Versprechen – weiterhin mit ihrem Verlobten trifft. Deshalb entschließt er sich, das Verhältnis abzubrechen. Er meldet sich am 30. Juni 1941 – der Rußlandfeldzug hat gerade begonnen – zu einem Einsatzkommando (EK). An dieser Stelle beginnt das Tagebuch.[353] (KLEE, 1988: 88)

Landau escreve todo o tempo de forma carinhosa sobre Gertrude, desejando o reencontro; sem essa informação adicional, o texto apresentado em *Barbarossa '41* dá a impressão de que ele pretendia conseguir uma situação mais sólida em sua carreira e teria se alistado para garantir a continuidade dessa relação, e não que desejava afastar-se de Gertrude. Todo o diário é dirigido a Gertrude, o que faz imaginar que ele tinha a intenção de presenteá-la com essas anotações mais tarde. Landau já era casado quando conheceu Gertrude, mas divorciou-se um ano depois para casar-se com ela, de quem, por sua vez, separou-se em 1946, conforme informa a biografia oferecida em *Schöne Zeiten*.

Embora esse fato não esteja mencionado em nenhum dos dois livros, Landau é conhecido por sua relação com o escritor e ilustrador judeu-polonês Bruno Schulz. Landau apreciava o trabalho de Schulz e tomou-o como "protegido" para que ele pintasse um mural com passagens dos contos de Grimm no quarto de seu filho. Nessa época, Landau costumava sair com seus homens e escolher judeus aleatoriamente nas ruas e matá-los. Em novembro de 1942, Landau matou o dentista do oficial Karl Günther, que, como vingança, matou Bruno Schulz. Afirma-se que, após fazê-lo, Günther justificou o ato atroz dizendo "Você matou o

---

1941, em Drohobycz, região de Lemberg a partir de julho de 1941, Chefe do Comando de Trabalho dos judeus até maio de 1943, por fim, *SS-Hauptscharführer*; viveu até 1958 sob nome falso em Kreis Nördlingen, foi condenado à prisão perpétua em 1963."

[353] "No escritório em Radom ele conhece a estenotipista Gertrude, de 20 anos. Ela está noiva de um soldado de Viena, mas quer acabar com o noivado. Landau descobre que Gertrude – ao contrário do que prometeu – continua se encontrando com o noivo. Por isso, ele decide romper o relacionamento. Alista-se em 30 de junho de 1941 – a campanha militar na Rússia acabou de começar – numa *Einsatzgruppe* (EK). Nesse ponto, começa o diário."

meu judeu, eu matei o seu", o que deixa claro que para eles essas pessoas não eram mais do que bens particulares.

Os textos de Landau sofreram poucas exclusões, apenas duas no início dos registros de 06 e 08 de julho. As reticências do "dia" 3 de julho são do original de *Schöne Zeiten.* O trecho excluído do dia 8 é sobre problemas de comunicação entre os homens do exército que causaram um certo vaivém. A informação não traz detalhes novos sobre a guerra e demonstra ser pouco relevante mesmo como crítica à organização do exército alemão. Já o trecho do dia 6 trata de Gertrude:

> Ich habe eine furchtbare Nacht hinter mir. […] Ich bin seelisch zerbrochen, wie damals. Ich fühle, daß ich etwas nie mehr zustande bringen werde. Über etwas hinwegsehen und vergessen, was ich erleben mußte. Wenn ich mit T. nicht allernächster Zeit zusammentreffe, werde ich das machen und ausführen, was ich wollte. Kein Mensch wird mich daran hindern. Meine Stimmung ist verheerend. Ich muß nach Radom kommen, so oder so.[354] (*ibidem*: 91)

O trecho que foi excluído é longo e termina com Landau afirmando que irá alistar-se para tarefas perigosas e que, caso ele permanecer no local da próxima parada, ele pretende trazer Gertrude para si. Todos esses dados são condizentes com a imagem que se apresenta de Landau em *Barbarossa '41*, eles ainda reafirmam o tipo de homem vil que ele é. Landau não se preocupa com a situação de crescente violência nas cidades invadidas e acredita que está num lugar propício para viver com a "mulher amada". Além disso, quando ele afirma que voltará a Radom para vê-la, mesmo escrevendo sobre a saudade que sente de Gertrude, Landau emprega um tom ameaçador. As razões para que esse trecho tenha sido excluído podem ser tanto o fato de já haver comentários suficientes sobre o relacionamento dele com Gertrude quanto o fato de ele se mostrar mais frágil no início do texto. Quando Landau afirma que a música pode amolecer um coração, o absurdo é latente, pois um homem capaz de suas ações não tem um coração "mole". Mas quando ele escreve sobre uma noite difícil e que sua alma está despedaçada é possível que essas palavras não surtam um efeito imediato de contradição e que algum tipo de compaixão para com o perpetrador surja, mesmo que furtivamente.

Landau tem o perfil que se desenhou de muitos dos nazistas que tiveram uma posição influente durante a Segunda Guerra e se destacaram por atos cruéis. Ele não se gaba dessas ações, descreve-as até com uma certa naturalidade, como se fossem parte de um cotidiano comum. Suas queixas em relação ao assassinato massivo de judeus não nascem de questões

[354] "Tenho uma noite terrível atrás de mim. [...] Minha alma está despedaçada como naquela época. Sinto que nunca mais vou realizar algo. Ignorar e esquecer algo que eu devia vivenciar. Se eu não me encontrar com T. muito em breve, vou fazer o que eu pretendia. Ninguém pode me impedir. Meu ânimo é devastador. Tenho que ir para Radom de uma forma ou de outra."

morais ou compaixão, é apenas a forma da execução que não lhe agrada. Apesar de sua atitude cruel e nefasta para com judeus, ele demonstra carinho por pessoas próximas, como Gertrude e seu filho, mas a exposição desse tipo de contradição apenas causa um choque maior e nenhum tipo de empatia.

II.2.2.4. Vítimas (Leningrado)

Anatoli Philippowitsch Platitsyn atuou na Segunda Guerra e entrou em contato com Kempowski ao saber de seu arquivo, enviando-lhe anotações de guerra, assim como alguns poemas de sua autoria. Seus escritos não foram aproveitados pelo autor, mas ele foi de importância vital para que a versão russa da história pudesse ser contada com mais detalhes. Professor de alemão, Platitsyn foi responsável pela tradução dos textos russos aos quais Kempowski teve acesso. As traduções foram limitadas aos dias que seriam utilizados, e o próprio autor não teve acesso a um conjunto mais amplo desses testemunhos, de modo que não pôde obter uma imagem mais detalhada de cada uma das pessoas envolvidas. As traduções apresentam alguns erros gramaticais e frequentes falhas no estilo, as correções de Kempowski, contudo, superaram a mera verificação de detalhes e oferecem textos de estilo evidentemente mais elaborado do que o original. Enquanto os textos alemães apresentam todo tipo de escrita, desde a literária até a menos elaborada, como a do Dr. Lindenbach, ou a telegráfica do cabo Feldmann, os textos russos apresentam, apesar do material distinto, invariavelmente um estilo semelhante ao de Kempowski. Como não voltarei a mencionar essa problemática ao comentar o material encontrado no arquivo, apresentarei aqui alguns exemplos das alterações feitas pelo autor. Um dos casos nos quais a alteração foi compreensível ocorreu no texto de Jura Rjabinkin, no qual a frase "Die Schlange schlängelte sich ziemlich weit"[355] passou a ser "Die Schlange wurde immer länger." (KEMPOWSKI, 2002: 41)[356] Provavelmente, esta é uma tradução literal que, contudo, tem um efeito estranho no alemão e que deve ser evitada. Neste trecho do texto de Lidija Ochapkina há erros na sequência da frase, mas isso não foi tudo o que foi alterado no texto: "Mit Quicken huschten durch die Wohnung hungrige Ratten. Sie nagten Tapete, die früher mit dem Mehlkleister angeklebt wurden. In meiner Zimmer keine Einrichtungen. Nur zwei schmale Eisenbetten",[357] tornou-se "Hungrige Ratten huschten quiekend durch unsere Wohnung. Sie nagten die Tapeten an, wegen des Mehlkleisters. In meinem Zimmer standen zwei schmale Eisenbetten."

[355] A tradução literal, considerando que "Schlange" (cobra ou serpente) pode ser usado como sinônimo para "fila" em alemão, seria: "A serpente serpenteava até bem longe".
[356] "A fila tornava-se cada vez maior."
[357] "Com chiados, ratos famintos deslizavam pelo apartamento. Eles roíam o papel de parede que anteriormente tinha sido colado com cola de farinha. No meu quarto, nenhum móvel. Apenas duas estreitas camas de metal."

(*ibidem*: 457)[358] Estas alterações não afetam o significado geral do texto, mas pequenas mudanças de sentido ocorrem inevitavelmente – como acima, em que não fica mais tão claro que as camas eram os únicos móveis do quarto. Enquanto as citações de livros anteriormente publicados têm todas as exclusões ricamente marcadas, e as do arquivo costumam dispensar essa marcação, os textos russos parecem ser, sem sombra de dúvida, o material mais "maleável" dentro do livro, sofrendo a maior quantidade de interferências por parte de Kempowski.

Para esta parte da análise foram selecionadas três pessoas: Jura Rjabinkin, Pjotr Samarin e Lidija Ochapkina. Samarin e Rjabinkin são duas das figuras mais presentes entre os relatos do cerco de Leningrado, Ochapkina figura apenas em alguns "dias" do livro, mas parte de seu texto é de caráter de testemunho e, por isso, apresenta o desenrolar dos problemas na época com abrangência. Embora os relatos de maior impacto sobre a fome e a guerra sejam feitos por pessoas que têm pouca participação no livro, procurei montar um grupo que fosse representativo dos diferentes tipos de vozes encontradas em *Barbarossa '41*. Jura Rjabinkin é um jovem de 16 anos, Pjotr Samarin um homem de 54 anos casado e empregado no Centro de processamento de Dados de Leningrado e Lidija Ochapkina é uma mulher de 29 anos, mãe de duas crianças pequenas, cujo marido foi enviado para a guerra. Com esse recorte, obtém-se também no caso dos civis leningradenses uma amostra de três diferentes gerações e suas perspectivas da guerra.

II.2.2.4.1. Jura Rjabinkin

Jura Rjabinkin é um rapaz de 16 anos que começou a escrever um diário pouco tempo antes do início da guerra, no início do verão. Ele morreria no ano seguinte, em 1942. O relato de Rjabinkin impressiona porque poucos oferecem como ele tanta clareza sobre a gravidade da guerra já no primeiro dia. Enquanto a maior parte das pessoas menciona apenas ter ouvido Molotov no rádio, Rjabinkin descreve um verdadeiro cenário de pânico já em 22 de junho. Ele inicia suas anotações contando que teve dificuldade para dormir devido a um barulho incomum e porque holofotes estariam vasculhando o céu. O que ele encontraria após o amanhecer seria ainda mais preocupante:

> Vor unserer Haustür stand der Hausmeister mit einer Gasmaske und einer roten Armbinde. Bei anderen Torwegen sah ich gleich ausgerüstete Hausmeister. Die Milizleute trugen auch Gasmasken, an allen Straßenkreuzungen ging das Radio. Etwas brachte mich auf den Gedan-

[358] "Ratos famintos deslizavam por nosso apartamento. Eles roíam o papel de parede por causa da cola de farinha. Em meu quarto havia duas estreitas camas de metal."

> ken, daß in der Stadt der Ausnahmezustand verhängt worden sein könnte.[359] (KEMPOWSKI, 2002: 41)

Essa movimentação de soldados está presente em poucos textos do livro, e quando ocorre refere-se a acontecimentos do dia 23 de junho, como na citação de Hildegard Plivier (cf. KEMPOWSKI, 2002: 27), alemã que, morando em região próxima a Moscou, se preocupa com sua segurança após a guerra ter sido declarada e afirma que no dia seguinte ao início da guerra já não era possível banhar-se porque a floresta estava cheia de soldados; ou de Olga Freudenberg (cf. *ibidem*: 64), que ouviu alarme antiaéreo já na noite de 22 para 23 de junho. O jovem leningradense também tem a certeza de estar vivenciando um momento histórico, muito provavelmente influenciado pela propaganda soviética (cf. SOUZA, 2010: 145): "Ein entschlossener und harter Kampf zeichnet sich ab, zwei antagonistische Gesellschafts-ordnungen stoßen aufeinander: der Sozialismus und der Faschismus. Und vom Ausgang dieses großen historischen Kampfes hängt das Wohlergehen der ganzen Menschheit ab."[360] (*ibidem*: 42) Embora essa antecipação da guerra chame a atenção, os outros relatos de Rjabinkin são condizentes com o que está apresentado no livro. Logo o rapaz passaria boa parte de seus dias trabalhando na construção de abrigos antiaéreos, atividade compartilhada por muitos outros jovens da região, os quais, em grande parte, tiveram que abandonar os estudos para dedicar-se a essa atividade. Rjabinkin também comenta que uma mulher veio até sua casa para registrar as crianças para uma possível evacuação. E, mais adiante, é informado de que todos os colegas de trabalho de sua mãe haveriam decidido alistar-se no serviço militar, ao que ela aderiu e resolveu que o filho também deveria fazer parte do programa.

Na primeira metade do livro, Rjabinkin é um rapaz com um discurso fortemente marcado pela busca de autoafirmação, como quando ele comenta seu desejo de conseguir uma classificação como enxadrista, pois frequentemente ganhou de jogadores das três categorias. Ele ainda afirma, após ser informado sobre a declaração de guerra: "In meinem Kopf ging alles durcheinander. Ich wollte nichts mehr begreifen. Drei Partien spielte ich noch, die ich alle gewann."[361] (*ibidem*: 41) Mesmo quando a mãe informa sobre a decisão de que ambos deveriam alistar-se voluntariamente no exército, seus sentimentos ainda são marcados por essa autoafirmação, "Zuerst empfand ich einen gewissen Stolz, dann Angst. Endlich gewann

[359] "Diante da porta de nossa casa estava o síndico com uma máscara de gás e uma braçadeira vermelha. No outro portão, logo vi zeladores igualmente equipados. Os soldados de milícia também usavam máscaras de gás e o rádio tocava em todos os cruzamentos. Algo me trouxe o pensamento de que o estado de exceção poderia ter sido decretado na cidade."

[360] "Uma batalha dura e decidida se anuncia, duas ordens sociais antagônicas batem uma contra a outra: o socialismo e o fascismo. E o bem-estar de toda a humanidade depende do desfecho desta grande batalha histórica."

[361] "Na minha cabeça, tudo ficou confuso. Eu não conseguia compreender mais nada. Ainda joguei mais três partidas, as quais eu venci todas."

doch der Stolz die Oberhand."[362] (*ibidem*: 155) O desejo de participar não surge nele como algo natural, mas é imposto pela mãe, por outro lado, o que conta nessa decisão, para Rjabinkin, é o orgulho, como se esta fosse mais uma etapa que certifica sua maturidade. Mas sua idade e condição de saúde não permitiram que ele participasse ativamente da guerra, "Dann ging ich zum Fonds. Dort eine andere Neuigkeit, man wird mich kaum einberufen: ich bin zu jung und noch Pleuritis dazu."[363] (*ibidem*: 164)

Na segunda metade do livro, os escritos de Rjabinkin dividem-se em dois temas principais: a fome e a espera pela evacuação. A fome traz à tona um lado egoísta e autocentrado do jovem. Ele frequentemente rouba parte dos alimentos que busca para sua família, em quantidades que vão de um quarto à metade daquilo que ele tem em mãos, e ele chega a usar de sua astúcia para conseguir porções maiores.

> Ich habe meine Ehre, den Glauben an sie verloren, so ist mein Geschick. Vor zwei Tagen hat man mich geschickt, Bonbons zu holen. Ich habe anstatt Bonbons Kakao mit Zucker gekauft (ich wußte, daß Ira es nicht essen würde, dann wäre mein Teil größer), so habe ich mir noch die Hälfte (für die ganze Dekade standen uns 600 Gramm zu) angeeignet. Ich habe mir eine Geschichte ausgedacht, daß man mir drei Tafeln Kakao aus der Hand gerissen hätte, habe zu Hause eine Komödie unter Tränen vorgetragen, habe der Mutter mein Ehrenwort als Pionier gegeben, daß ich keine Tafel genommen hätte … Und dann, mit meinem harten Herzen die Tränen der Mutter und ihren Kummer ansehend, weil sie ohne Süßigkeiten blieb, aß ich heimlich Kakao. Heute aus der Bäckerei nach Hause kommend, habe ich ein Stück Brot von etwa 25 Gramm von Mutters und Iras Portion genommen und habe es heimlich verdrückt. Jetzt habe ich in der Kantine einen Teller Krebssuppe, Klopse mit Beilage und anderthalb Portionen Kissel verzehrt. Und für Mutter und Ira habe ich nur anderthalb Portionen Kissel mitgebracht, davon habe ich mir dann zu Hause noch etwas genommen.[364] (*ibidem*: 468-469)

Rjabinkin sente culpa pelo mal que está fazendo à família, sua mãe está doente, e ele promete várias vezes que vai mudar de comportamento, mas apenas uma vez durante todo o mês de dezembro ele consegue se controlar e levar a ração completa para casa, mas admite que voltou a roubar parte do alimento da família no dia seguinte. Em um dos poucos momentos em que a mãe descobre seus furtos, ela fica emocionalmente abalada a tal ponto que chega a desejar que seu filho morra engasgado com os 15 gramas de pão que ele roubou. A culpa atormenta Rjabinkin tanto que ele deseja que sua mãe tome consciência de seus atos (apenas

[362] "Primeiro, senti um certo orgulho, então senti medo. No final, o orgulho prevaleceu."
[363] "Lá mais uma novidade, eu dificilmente serei convocado: sou novo demais e ainda por cima tenho pleurite."
[364] "Perdi minha honra, a crença nela, assim é meu destino. Há dois dias, mandaram-me buscar balas. Comprei cacau com açúcar no lugar de balas (eu sabia que Ira não comeria, assim minha parte seria maior), e ainda me apoderei de metade (para todos os dez dias tínhamos 600 gramas). Bolei uma história de que teriam me arrancado três barras de cacau da mão, em casa encenei uma comédia sob lágrimas, dei à mãe minha palavra de pioneiro de que eu não havia roubado nenhuma barra ... E então, com meu coração duro vendo as lágrimas da mãe e sua preocupação, porque ela ficou sem doce, eu peguei um pedaço de pão de cerca de 25 gramas da porção da mãe e de Ira e o engoli de uma vez em segredo. Agora, eu consumi na cantina um prato de sopa de caranguejo, almôndegas com acompanhamentos e uma porção e meia de doce de grãos. E para a mãe e a Ira, eu só trouxe uma porção e meia de doce, da qual eu ainda peguei algo em casa."

depois de sua morte) e o amaldiçoe, o que serviria como uma espécie de expiação: "Ich will nur zwei Dinge: Ich will selbst sterben, und meine Mutter soll dieses Tagebuch nach meinem Tod lesen. Sie möge mich verfluchen, ein schmutziges, gefühlloses und heuchlerisches Tier, sie möge mich verstoßen, so tief bin ich gefallen, so tief…"[365] (*ibidem*: 469) Porém, até mesmo o discurso de Rjabinkin desejando a morte é marcado por uma preocupação maior com seu próprio bem-estar. O jovem não deseja simplesmente morrer, mas sim uma morte rápida e suave, diferente da que se aproxima. Talvez essa tenha sido uma das razões que o impediram de cometer o suicídio com o qual flerta cada vez mais a partir do momento que começa a tornar-se evidente que a evacuação não será possível para sua família.

Apesar de Rjabinkin defender que sua atitude egoísta se deve à fome, no relato de 7 de dezembro, há exemplos de que ela não diz respeito apenas ao alimento propriamente dito. Nesse dia, ele se recusa a buscar uma bota para a mãe doente porque está muito cansado, e ainda revela que, apesar de todas as dificuldades da família, ele está guardando dinheiro escondido.

> Ich spare Geld. Jetzt habe ich schon 56 Rubel in bar, von denen nur ich selbst weiß. Der Ofen ist ausgegangen, und in der Küche fängt es an, kalt zu werden. Man muß den Mantel anziehen, um nicht zu erfrieren. Und ich will nach Sibirien fahren! Doch ich fühle, wenn man mir etwas zum Essen geben würde, dann gingen die Melancholie und die Niederschlagenheit weg, die Müdigkeit wäre vorbei, die Zunge würde sich lösen und ich würde ein Mensch sein und nicht bloß etwas Ähnliches.[366] (*ibidem*: 339)

Ao guardar dinheiro escondido, Rjabinkin não inclui sua família nos planos de deixar a cidade, em busca da sobrevivência. Mas seus planos também estão longe de ser realistas. Sem meios para suportar o inverno em Leningrado, Rjabinkin planeja ir para a Sibéria, onde ele supostamente encontraria comida farta e reencontraria assim, sua dignidade.

Os textos de Jura Rjabinkin foram reproduzidos na íntegra, sem exclusões além daquelas que serviam para conceder gramaticalidade ao texto. A única modificação digna de nota foi a realocação do texto de 24 de dezembro para o "dia" 23 de dezembro. É um texto longo e pesado, que trata da fome, do tumor da mãe que está avançando e das mudanças que sua vida sofreu, quando nada mais se parece com o cotidiano alegre que ele já viveu um dia. É

[365] "Eu só quero duas coisas. Eu próprio quero morrer e que minha mãe leia esse diário depois de minha morte. Que ela me amaldiçoe, um animal maldito, sem sentimento e hipócrita, eu caí tão fundo, tão fundo..."
[366] "Estou economizando dinheiro. Agora eu já tenho 56 rubros em dinheiro dos quais só eu sei. O forno foi desligado e a cozinha está começando a ficar fria. É preciso vestir o casaco para não congelar. E eu quero ir para a Sibéria! Mas eu sinto que se me dessem algo para comer, a melancolia e o abatimento se dissipariam, o cansaço acabaria, a língua se soltaria e eu seria um ser humano e não somente algo semelhante a isso."

uma citação que poderia adquirir um caráter dominante dentro de um "dia" curto como 24 de dezembro e que em nada remete ao Natal, que é um tema central do "dia".[367]

II.2.2.4.2. Pjotr Samarin

Os textos de Pjotr Samarin estão todos concentrados na segunda parte do livro, de maneira que o leitor não tem acesso a informações sobre seu cotidiano antes de Leningrado haver sido sitiada. Samarin mantém uma rotina apesar da fome e da situação pela qual a cidade passa. Ele vai diariamente ao trabalho e procura informar-se por diferentes meios, rádio, o jornal leningradense etc. e até mesmo frequenta algumas preleções que comentam a guerra. Contudo, ele tem dificuldades para manter até mesmo esse nível de informação, já que o rádio chega a passar alguns dias mudo e o jornal, provavelmente por escassez de papel, passa a ser publicado em uma única página. Ele não pode sequer renovar a assinatura do jornal, pois assinaturas para o ano de 1942 não estão sendo oferecidas. A falta de luz também afeta um de seus grandes prazeres, que parece ser a leitura, e Samarin logo pode ser reconhecido dentro da estrutura do livro pela frequência com que diz estar lendo *Guerra e Paz*. Suas anotações são informativas sobre os desenvolvimentos da guerra e sobre a situação em Leningrado. Através de suas citações, o leitor é informado de que as rações de pão são de 125 gramas para funcionários do Estado e 250 para trabalhadores braçais, que há um aumento nessa ração para 200 gramas em 25 de dezembro, que o Estado passou a distribuir água quente no início do mês, que os bondes não funcionam por vários dias seguidos, que os funcionários estão sendo convocados para remover a neve e que os salários estão sofrendo atrasos. Samarin é um homem interessado em política e sente falta de poder ser útil durante a guerra. Como ele não é mais jovem e não poderia lutar no *front*, ele deseja filiar-se ao partido:

> Ein Gedanke läßt mir keine Ruhe. Ich denke über den Eintritt in die bolschewistische Partei WKP(b) nach. Schade, daß ich schon über 50 bin. Ich habe Angst, daß ich nicht mehr das geben kann, was ich in jüngeren Jahren hätte geben können. […] Trotzdem werde ich meine Kollegen um Rat bitten.[368] (KEMPOWSKI, 2002: 495)

[367] Há textos que tratam apenas de outros assuntos, como os pensamentos de Hitler sobre o judaísmo, anotados por Heinrich Heim, os textos relativos ao Holocausto no final do "dia" e o curto texto de Marija Dmitrijewa sobre uma criança de um ano e meio que é encontrada tentando mamar nos seios da mãe morta. Não sendo demasiado longos, eles não transformam o caráter geral do "dia" e, assim, causam um certo choque devido a sua proximidade com os textos de teor natalino.

[368] "Um pensamento não me dá paz. Estou pensando em entrar no partido bolchevique WKP(b). Pena que já tenho mais do que 50. Tenho medo de que não possa mais dar aquilo que eu podia dar nos meus anos de juventude. [...] Apesar disso, vou pedir conselho a meus colegas."

Não apenas as convicções políticas, como a situação alarmante que a cidade de Leningrado vive e os crimes contra a cultura exercidos pelos homens de Hitler fazem com que Samarin tenha um profundo desprezo pelos nazistas, desejando sua morte:

> Im Radio gab es einen Bericht über die Zerstörungen in den Anwesen von Leo Tolstoi und Pjotr Tchaikowskij. Die Deutschen haben dort sämtliche Kunstschätze zerstört, verbrannt und vernichtet. Solche Banditen! Und diese Hitlerbande will eine neue Ordnung in Europa einführen. Alle Banditen bis auf den letzten Mann, die in unser Land eingedrungen sind, sind erbarmungslos zu vernichten.[369] (*ibidem*: 494)

Todas as anotações de Samarin estão permeadas de comentários sobre a fome. Em apenas três momentos ele menciona que obteve uma quantidade suficiente de comida: quando a mãe de sua esposa fez uma visita em 9 de dezembro trazendo carne de cavalo, aveia, 2 quilos de batata, repolho, cenouras e um pedaço de pão; em 15 de dezembro, quando a comida trazida pela esposa foi suficiente, o que foi razão para ele afirmar que naquele dia eles eram "burgueses", e na virada do ano, quando visitou um conhecido do partido bolchevique que ofereceu uma festa com muita fartura. Samarin também teve a boa fortuna de conseguir um fogão à lenha que mantinha sua casa quente. A situação que ele descreve é bem mais confortável do que a de outros leningradenses que estão no livro, mas é sabido que ele falecerá no ano seguinte. Ele menciona algumas vezes a sua fraqueza, como em 21 de dezembro, quando ele tem a sensação de que logo irá desmaiar de fome, ou em 22 de dezembro, quando fala que suas pernas estão tremendo e que ele tem dificuldade de se mexer.

Como no caso de Rjabinkin, a fome acaba afetando suas relações pessoais. Sua esposa briga com ele por causa da divisão da comida:

> Während des Abendessens kam es zu einem heftigen Streit wegen des Zuckers und der Bonbons. Dann mußten wir alles für die sämtliche Tage der Dekade teilen und uns mit dem Vorhandenen begnügen. Liducha ärgert sich über alles und kann die Lage nicht begreifen. Sie hält mich für geizig und knauserig, doch es geht ja nicht um gutes Benehmen und ritterliche Haltung, sondern um die richtige Verteilung der Nahrungsmittel zur Selbsterhaltung.[370] (*ibidem*: 337)

Apesar de todas as dificuldades, o casal ainda procura demonstrar algum carinho e preocupação um com o outro:

---

[369] "No rádio, houve um relato sobre as destruições nas casas de Liev Tolstói e Piotr Tchaikovsky. Os alemães destruíram, incendiaram e aniquilaram todo o tesouro artístico que havia lá. Que criminosos! E esse bando do Hitler quer introduzir uma nova ordem na Europa. Todos os criminosos, até o último homem, que penetraram nosso país devem ser destruídos sem piedade."

[370] "Durante o jantar, ocorreu uma briga feia devido ao açúcar e às balas. Então tivemos que dividir o total para os dez dias e nos contentar com o que estava disponível. Liducha se irrita com tudo e não consegue compreender a situação. Ela me considera avarento e mesquinho, mas não se trata de bons modos e postura nobre, mas da divisão correta de alimentos para a autopreservação."

> Lidussja schenkte mir das Buch "Rot und Schwarz". Ich bin von ihrer Aufmerksamkeit gerührt. Obwohl wir beide sehr nervös geworden sind. Werden wir bessere Zeiten erleben? Schade! [...] Ich liebe sie. Es gibt keinen Menschen, der mir so teuer, lieb und nah wäre wie sie, doch es tut mir wirklich leid, daß wir so psychotisch geworden sind und aufeinander schimpfen wegen jeder Kleinigkeit. […] Dieser verfluchte Hunger …[371] (*ibidem*: 563)

Samarin consegue compreender que o problema não é apenas a mulher, mas a fome que assola os dois, que altera seu humor e faz com que eles não se tratem mais tão bem quanto antes. Ele acha uma pena que as coisas estejam acontecendo dessa forma, mas está impotente diante da fome.

A maior parte dos textos de Pjotr Samarin não recebeu cortes. As poucas exclusões tocam assuntos como a decisão de deslocar o feriado do dia primeiro de janeiro para o dia 4 – uma informação relativa ao ano seguinte e não ao período retratado por *Barbarossa '41* –, a morte da irmã da secretária e um artigo de jornal sobre Churchill e Roosevelt. Apenas dois textos foram completamente excluídos, os dos dias 24 e 30 de dezembro. No caso do dia 24, há um texto não muito longo que menciona a usual falta de água e luz e a fome. Sendo essa uma temática muito explorada no diário de Samarin e não havendo nenhuma menção à comemoração de Natal, esta passa a ser uma citação pouco indicada para a montagem do dia 24 – como mencionado na análise de Rjabinkin, os textos do "dia" deveriam fazer algum tipo de referência às festividades ou oferecer um material que garantisse o choque devido ao contraste. No caso do "dia" 30 de dezembro, havia dois textos disponíveis, um marcado com a data e outro que se encontrava entre os dias 30 e 31, mas que foi designado como "sem datação". O texto escolhido para a publicação foi o texto "sem datação", que relata mais uma briga com a esposa, a piora no estado de saúde da "velha" – não há informações que deixem identificar quem é a senhora de idade a quem ele frequentemente se refere – e o desejo de continuar vivo. O texto excluído narra um dia costumeiro, no qual ele conta aos colegas o que ouviu na preleção no dia anterior, comenta as notícias do jornal sobre negociações entre Stalin e a Grã-Bretanha e sobre os problemas com a alimentação. Embora a localização dos textos no diário dê a entender que se trata do mesmo dia, ambos começam com uma menção ao sono, de modo que é possível perceber que Samarin dormiu em locais diferentes (na casa da tia de sua esposa e em sua própria casa). Portanto, trata-se de dias diversos. Kempowski decidiu-se por apenas um dos textos, no caso, aquele que oferecia informações de maior

[371] "Lidussja me presenteou o livro *O vermelho e o negro*. Estou tocado pela gentileza dela. Apesar de nós dois estarmos muito tensos. Viveremos tempos melhores? Pena! [...] Eu a amo. Não há pessoa que me seja tão cara, querida e próxima como ela, mas eu realmente sinto muito que nós dois tenhamos nos tornado tão psicóticos e nos xinguemos por qualquer coisinha. Eu não posso mais me reconhecer. Nunca fui tão tenso. [...] Essa maldita fome..."

impacto emocional, o que favorece a representação de Samarin, uma vez que suas anotações são, de costume, muito semelhantes ao texto que foi excluído, enquanto o receio da morte que se aproxima só é expresso em um único momento.

II.2.2.4.3. Lidija Ochapkina

Lidija Ochapkina está presente nas duas partes do livro. Na primeira, ela conta com cinco citações breves que por vezes podem lembram um diário, mas certamente trata-se de memórias, porque fazem referência a um tempo passado, com comentários como "Darüber wußten damals weder er noch ich."[372] (KEMPOWSKI, 2002: 161). Na segunda, há dois textos longos em que o caráter de testemunho fica muito mais evidente. No "dia" 9 de dezembro, o fragmento dá conta de dois dias consecutivos, e as descrições que remetem ao passado já não tratam de fatos pontuais, mas de hábitos que foram adquiridos por toda uma época, "Unser Brot teilte ich immer in drei Teile: Frühstück, Mittagessen und Abendbrot. Nach jedem Essen legte ich das restliche Brot in eine Ledertasche, die ich an einem Nagel hoch an der Wand aufhängte. Sonst hätten es die Ratten gefunden und sofort aufgefressen."[373] (*ibidem*: 374)

Ochapkina é informada sobre a guerra através do discurso de Molotov na rádio. Naquele momento, ela fazia planos de uma viagem para a casa de verão da família no subúrbio de Leningrado. Apesar de haver decidido imediatamente que deveria cancelar a viagem, ela não acreditava no pior, porque a guerra contra a Finlândia não lhe trazia recordações tão graves. Em pouco tempo, porém, surgiriam indícios da seriedade da guerra, como se observa no "dia" 26 de junho:

> Mein Mann ist zurückgekehrt. Aus Leningrad werden die Ausrüstungen der wichtigsten Betriebe und die Menschen evakuiert. Es ist schon ein Problem, einen Fahrschein für eine Zugfahrt zu bekommen. Alle Kinder, Schüler und im Vorschulalter, müssen in andere Städte evakuiert werden, da Leningrad Gefahr drohe.[374] (*ibidem*: 114)

Nesse momento, o casal toma a decisão de enviar apenas o filho de cinco anos para a evacuação, a menina ainda é um bebê de colo. A descrição da separação é comovente.

> So haben wir unseren Sohn evakuiert. Mein Junge, er ist nur fünf Jahre alt. Ich gab ihm Kleidung mit. Auf sämtliche Kleidungsstücke habe ich seinem Namen und Vornamen gestickt. Als ich ihn an diesem Morgen angezogen hatte, dachte ich daran, wann und ob ich

[372] "Naquela época, nem ele nem eu sabíamos disso."
[373] "Sempre dividi nosso pão em três partes: café da manhã, almoço e janta. Depois de cada refeição, eu punha o pão restante em uma bolsa de couro que eu pendurava em um prego no alto da parede. Caso contrário, os ratos tê-lo-iam encontrado e comido imediatamente."
[374] "Meu marido voltou. Os equipamentos das mais importantes firmas e as pessoas estão sendo evacuados de Leningrado. Já é um problema conseguir uma passagem de trem. Todas as crianças, estudantes e aqueles em idade pré-escolar devem ser evacuados para outras cidades, já que Leningrado está em perigo."

> ihn wieder anziehen werde. Und da wurde ich von einer Unruhe ergriffen, einer Angst, ob ich ihn überhaupt wiedersehen werde. Er könnte doch irgendwie verlorengehen, ich war sehr aufgeregt und offenbarte meinem Mann die Gedanken. Er blieb stumm. Dann sah ich mich um, die Tränen liefen über seine Wangen.[375] (*ibidem*: 142)

A última citação de Ochapkina na primeira parte do livro está localizada no "dia" 30 de junho, e ela é marcada por mais uma despedida: seu marido, um engenheiro, parte em missão militar. Não havia muitas informações sobre seu destino na época, mas, mais tarde, ela saberia que ele foi enviado para Smolensk, a uma região na qual ele ficou sob um cerco, junto com sua tropa.

Na segunda metade do livro, ao contrário dos homens Rjabinkin e Samarin, Ochapkina não se ocupa apenas da própria fome, mas também tem de dar conta do sustento e da alimentação dos dois filhos pequenos. Em algum momento entre julho e dezembro, o filho de Lidija Ochapkina, Tolik, volta ao lar, mas não há qualquer menção de como isso possa ter ocorrido. Durante o cerco, Ochapkina tem de lidar com a fome e o frio e disputa a comida com ratos que comem até mesmo a cola de farinha de seus papéis de parede. Para aquecer-se, a mãe de família destrói e queima cadeiras valiosas, mas, mais tarde, quando não havia mais o que queimar, ela afirma ter medo de buscar o carvão, "Ohne Holz hatte ich keine Möglichkeit etwas zu kochen oder einfach Wasser zu wärmen. Rosa sagte mir, daß ein bißchen Kohle in ihrem Keller liege, aber ich fürchtete mich hinunterzugehen, weil die Toten dort gelagert waren. Es gab auch keinen Strom."[376] (*ibidem*: 457)

Após ter seus cartões de alimentação roubados, e estar já há cinco dias sem pão, Ochapkina, uma mulher ímpia, reza, pedindo ajuda divina como último recurso para acabar com o sofrimento:

> Ich stand auf, warf mich auf die Knie und betete leidenschaftlich und schluchzend. Es gab keine Ikone in meinem Zimmer, ich kannte auch kein Gebet. Meine Kinder waren ungetauft, und ich selbst war gottlos. Obwohl ich bei den Bombenangriffen immer geflüstert hatte: "Oh, Herrgott, laß uns nicht zugrunde gehen, beschütze uns." Aber diesmal bat ich Gott um etwas anderes: "Mein Gott, du siehst doch, wie ich leide, wie ich und meine kleinen Kinder verhungern. Ich habe keine Kraft mehr. Mein Gott, ich bitte dich, schicke uns den Tod, mach

[375] "Então nós evacuamos nosso filho. Meu pequeno rapaz, ele só tem cinco anos. Eu lhe dei roupa para levar. Bordei seu sobrenome e primeiro nome em todas as peças de roupa. Enquanto eu o vestia hoje de manhã, fiquei pensando em quando e se eu voltaria a vesti-lo. E então eu fui tomada por uma inquietação, um medo, será que eu voltarei, em absoluto, a vê-lo algum dia. Ele poderia se perder. Eu fiquei muito irrequieta e expus meus pensamentos a meu marido. Ele ficou calado. Então eu virei e olhei para ele, as lágrimas corriam por suas bochechas."

[376] "Sem madeira eu não tinha a possibilidade de cozinhar ou simplesmente aquecer a água. Rosa me disse que havia um pouco de carvão no porão, mas eu tive medo de descer porque os mortos estavam estocados lá. Também não havia energia."

> es so, daß wir alle auf einmal sterben. Nur alle auf einmal. Ich kann nicht mehr leben. [...] Schone doch die schuldlosen Kinder."[377] (*ibidem*: 374)

O desespero após tantos dias sem comida é tamanho que Ochapkina já não acredita mais na própria sobrevivência e deixa de rezar pela vida, e deseja apenas que seus filhos a acompanhem em uma morte rápida, porque ela não crê que eles sejam capazes de sobreviver sem ela. No dia seguinte, Ochapkina recebe o que ela entende como uma resposta a suas preces. Um mensageiro enviado por seu marido traz uma carta e um quilo de farinha de trigo, um quilo de arroz e duas caixas de biscoitos. Esse depoimento está localizado no "dia" 9 de dezembro e irá entrar em contradição com a citação localizada cinco dias depois, em 14 de dezembro: "Ich hatte schon längst keine Nachrichten mehr von meinem Mann. Und er kannte auch unsere neue Adresse nicht. Ich dachte schon daran, daß wir uns nie mehr wiedersehen würden. Und ich war sicher, daß wir sowieso bald vor Hunger sterben müßten."[378] (*ibidem*: 457) Além de deixar claro que as duas citações não podem referir-se a um período de tempo tão próximo, esse trecho pode causar um certo alívio. Uma minibiografia de Lidija Ochapkina não se faz disponível no final do livro, mas a citação indica um reencontro com o marido e a sobrevivência das crianças, junto com a mãe. Contudo, as descrições da fome ainda são demasiadamente dolorosas. Ochapkina chegou a alimentar a filha com o próprio sangue:

> Meine Ninotschka weinte unaufhörlich, sie weinte dauernd und konnte nicht einschlafen. Ihr Weinen machte mich beinahe verrückt. Damit sie einschlafen konnte, gab ich ihr mein Blut zu saugen. Ich hatte schon keine Muttermilch, ich hatte gar keine Brüste mehr, alles war verschwunden. Deshalb stach ich mit einer Nadel in meinen Oberarm und legte ihren Mund daran. Sie saugte langsam daran und schlief ein.[379] (*ibidem*: 457)

Mais adiante, ainda na citação do "dia" 14 de dezembro, a fome seria a culpada por desavenças na família de Ochapkina, como também ocorreu no caso dos outros leningradenses:

---

[377] "Levantei-me, joguei-me de joelhos e rezei fervorosamente e soluçando. Não havia nenhum ícone em meu quarto, eu também não conhecia nenhuma oração. Meus filhos não eram batizados e eu mesma era ímpia. Apesar de, durante os ataques a bomba, eu sempre ter murmurado: 'Oh, meu Deus, não permita que nós pereçamos, nos proteja.' Mas desta vez eu pedi outra coisa a Deus: 'Meu Deus, você está vendo como eu sofro, como eu e meus filhos estamos morrendo de fome. Eu não tenho mais forças. Meu Deus, eu peço, envie-nos a morte, faça de forma que todos morramos de uma só vez. Apenas todos de uma vez. Eu não posso mais viver. [...] Poupe as crianças inocentes'."

[378] "Há muito eu já não tinha mais notícias de meu marido. E ele também não conhecia nosso endereço novo. Eu já tinha pensado que nós nunca mais nos veríamos de novo. Eu estava certa de que nós morreríamos de fome de qualquer forma."

[379] "Minha Ninotschka chorava sem parar, ela chorava o tempo todo e eu não conseguia dormir. Seu choro quase me deixou louca. Para que ela pudesse dormir, dei-lhe meu sangue para mamar. Eu já não tinha mais leite materno, quase já não tinha mais seios, tudo havia desaparecido. Por isso, espetei um prego em meu braço e pus sua boca ali. Ela mamou lentamente e dormiu."

> Wenn ich wegging, weinte meine Tochter immer. Damit sie nicht weinte, gab ich ihr ein kleines Stück trocknes Roggenbrot, und sie saugte lange daran. Einmal hörte ich sie schon beim Abschließen der Türe weinen. Das war Tolik, der ihr das trockene Stück weggenommen hatte, da es kein anderes mehr gab. Ich habe ihn zum ersten Mal verprügelt. Er weinte laut, und es tat mir sehr leid. Ich sagte ihm, daß ich ihn rausschmeiße, wenn er Ninotschka noch einmal etwas wegnimmt. Das sagte er: "Mach das nicht, Mutti, ich tu so was nicht mehr." Ich küßte ihn wickelte ihn in eine Decke und ging.[380] (*ibidem*: 457-458)

Mesmo sentindo dó do menino, Ochapkina deve ser severa para assegurar que ele não voltará a roubar a comida da filha mais nova. Ela deve ser justa para garantir a sobrevivência de ambos. A mãe é dura na ameaça, mas, mesmo depois de bater no filho, ela ainda o trata com cuidado e carinho, procurando aquecê-lo com um cobertor antes de sair de casa.

A tradução das memórias de Lidija Ochapkina no arquivo de biografias não publicadas está dividida em duas partes. Na primeira, há uma série de textos curtos apresentados com datação – todos incluídos em *Barbarossa '41*, poucas exclusões foram feitas –, na segunda há um único e longo texto que é aberto com a seguinte informação: "Aus den Erinnerungen von Frau Lidija (Georgijewna) Ochapkina, *1912, die Blockade von Leningrad 1941-Januar 1944 überlebt."[381] Apenas metade desse longo texto foi aproveitado e dividido entre os "dias" de 9 e 14 de dezembro. Embora a localização do texto em dezembro, dividido em "dias" aleatórios, seja justificável, uma vez que não há qualquer tipo de datação, além de uma breve menção ao inverno de 1941-1942, a montagem que foi feita com esse material apresenta alguns problemas, como a contradição apontada acima (em um dia ela recebe mantimentos enviados pelo marido e cinco dias depois afirma não ter informações dele há muito tempo) ou os recortes longos que costumam dar conta dos acontecimentos de mais de um dia. Fica-se sem saber por que o texto não foi dividido em mais "dias", tornando Lidija Ochapkina uma presença mais constante no livro, como o são Rjabinkin e Samarin.

Uma das exclusões que Kempowski fez no corpo do texto causou uma impressão errada sobre os acontecimentos. Ela se encontra logo após Ochapkina relatar o medo de buscar o carvão que está junto aos mortos.

> Und doch haben wir beschlossen, in den Keller zu gehen. Wir haben mit Rosa leere Eimer genommen und sind runtergegangen. Tatsächlich lagen dort ein paar Leichen. Wir bemühten

[380] "Quando eu saí, minha filha ainda chorava. Para que ela não chorasse, dei um pequeno pedaço de pão de centeio seco e ela sugou por um longo tempo nele. Conforme eu fechava a porta, eu a ouvi chorar mais uma vez. Foi Tolik que tirou o pedaço seco dela, porque não havia outro. Eu bati nele pela primeira vez. Ele chorou alto, e me deu muito dó. Eu disse para ele que eu o poria para fora se ele tirasse algo de Ninotchka mais uma vez. Ele disse então: 'Não faça isso, mamãe, eu não faço mais isso.' Eu o beijei, enrolei um cobertor nele e fui."
[381] "Das lembranças da Senhora Lidija (Georgijewna) Ochapkina, *1912, que sobreviveu ao cerco de Leningrado, de 1941 a janeiro de 1944."

> uns sie nicht anzugucken. Schnell haben wir unsere Eimer mit der Hand gefüllt und hastig den Raum verlassen.[382]

Devido a essa exclusão, há a impressão de que Ochapkina recusou-se a buscar o carvão porque ficou com medo. Chega a impressionar que, em uma situação tão extrema, ela preferisse o frio a ter de encarar os corpos mortos no porão. Os relatos do "dia" 14 de dezembro também podem causar um certo estranhamento devido ao acúmulo de fatos que evidentemente não aconteceram no mesmo dia – muito embora isso já fique claro durante a própria leitura. Primeiro, Ochapkina relata uma cena de desespero, quando ela alimenta a filha com o próprio sangue e, logo mais, a briga com o filho porque ele tirou um pedaço de pão seco da irmã. Não haveria razão para utilizar o próprio sangue enquanto ainda houvesse algum tipo de alimento na casa.

No primeiro caso, não se trata de um descuido, a percepção alterada sobre o fato é proposital. O receio de Ochapkina de buscar o carvão e a dúvida sobre se ela ainda viria a fazer isso causam uma tensão a mais na narrativa. Já no segundo caso, é possível que o autor acreditasse que, tratando-se de um testemunho, seria perdoável que mais do que um dia estivesse sendo narrado sob a divisão de 14 de dezembro e que o leitor fosse capaz de compreender essa nuance.

Entre as lembranças de Ochapkina que não foram incluídas no livro, ainda há muitas outras de forte impacto, como quando ela comprou serragem para preparar comida para ela e para o menino, mas não pôde dar continuidade a esse tipo de alimentação porque causava uma forte prisão de ventre, a noite na qual raspou a gordura grudada na parede ao lado do fogão para ter o que comer ou o momento no qual ela afirma ter ficado indiferente aos alarmes e ficou praticamente sem reação sob o fogo da artilharia.

O menino Tolik também apronta para conseguir um tanto a mais de comida, como ela narra, após ter notado que a panela na qual ela fazia uma sopa estava sem tampa:

> Da sagte ich Tolik: "Du warst schon drinne gewesen?" / "Nur ein Löffelchen, Mutti, nur ein Löffelchen, ich habe nur gekostet." / "Na gut," sagte ich, "wollen wir gleich essen." / Da habe ich einen Löffel geschöpft und ein Läppchen geangelt, mit dem bei ihm die Hände verbunden waren. Der Skorbut war bei ihm schon vorbei und die Hautwunden waren schon abgegangen. Trotzdem habe ich ihm die Hände verbunden, damit er weder mich noch Ninotschka ansteckt. Und das Läppchen hat er aus Versehen in die Suppe fallen lassen. Was tun? Er begann sofort zu jammern: "Mutti, das wollte ich nicht, es war selbst abgerutscht." Was tun? Es war Schade, die Suppe zu verschleppen. So haben wir sie ausgelöffelt...[383]

[382] "E, ainda assim, resolvemos ir para o porão. Junto à Rosa, pegamos baldes vazios e fomos lá para baixo. De fato, havia alguns cadáveres lá. Esforçamo-nos para não olhar para eles. Enchemos nossos baldes rapidamente com as mãos e deixamos o local apressadamente."

[383] "Então eu disse para Tolik: 'Você já esteve lá dentro?' / 'Só uma colherzinha, eu só experimentei.' / 'Está bem,' disse eu, 'então vamos comer logo.' / Então, eu peguei uma colher e pesquei um paninho, com o qual as

Essa cena poderia facilmente relembrar as atitudes de Rjabinkin – cerca de 10 anos mais velho – e pode ter sido excluída justamente por não ser necessária uma repetição dessas, mas isto, infelizmente, limitou um pouco o diálogo entre essas pessoas. Outra exclusão de um trecho que poderia ter intensificado o diálogo entre os relatos foi a do texto no qual Ochapkina cita *Guerra e Paz* – livro que está sendo lido por Samarin.

> Und ich konnte stundenlang nicht einschlafen, ich habe gezählt, war verwirrt, fing erneut an. Mir fiel es ein, daß ich bei Leo Tolstoi in seinem "Krieg und Frieden" gelesen hätte, wie Pierre Besuchow auch bis Tausend zählte, um einzuschlafen. Ich konnte es nicht, weil meine Gedanken immer wieder zum Thema abrutschten, wo es nur ganz wenig vom Essen aufzutreiben wäre.[384]

Se, por um lado, essa citação poderia ser de interesse por remeter a Samarin, por outro, ela não oferece informações mais relevantes do que as que foram deixadas no livro, ou do que muitas outras que foram excluídas. Mas, ainda é de um certo interesse que Samarin não seja o único russo a citar *Guerra e Paz* nesse momento difícil.

II.2.2.5. Vítimas (perseguição aos judeus)

As pessoas aqui analisadas serão tratadas como vítimas da "perseguição aos judeus" porque nenhuma delas foi vítima direta do Holocausto. Em 1941, o extermínio teve início com as ações dos *Einsatzgruppen* alemães. Como essas ações ocorreram de forma abrupta não restaram muitos documentos que sirvam para retratar o acontecimento do ponto de vista das vítimas. Os textos escritos sobre o assunto foram redigidos, em grande parte, pelos próprios alemães, como foi visto na análise do material oferecido pelo livro *Schöne Zeiten*. Além disso, a maioria dos sobreviventes não estava em campos de concentração nessa época, três anos antes da liberação. As vozes de judeus que morreram já naquele ano acabaram sendo representadas pelos dados do diário de Auschwitz de Danuta Czech. Enquanto a maioria das vozes do livro apresenta sua percepção da guerra de um ângulo altamente subjetivo, os "dias" são encerrados pelos crescentes números de recém-chegados a Auschwitz e pela contagem de mortos do dia. Esses dados crus, oferecidos por uma historiadora, causam impacto devido a sua forma mais fria e dura. Aqui não há espaço para nuances e subjetividades.

---

mãos dele estavam enfaixadas. O escorbuto já tinha passado nele e as feridas já tinham sumido. Apesar disso, eu enfaixei as suas mãos para que ele não contaminasse nem a mim, nem a Ninotschka. E ele deixou o paninho cair sem querer na sopa. Fazer o quê? Ele logo começou a resmungar: 'Mamãe, eu não queria, ele caiu sozinho.' Fazer o quê? Era uma pena jogar fora a sopa. Então, nós a comemos toda..."

[384] "E eu não pude dormir por horas, e contava, estava confusa, e começava de novo. Lembrei que eu havia lido em 'Guerra e Paz' de Liev Tolstói sobre como Pierre Bezukhov também contava até mil para adormecer. Eu não conseguia, porque meus pensamentos sempre acabavam sendo desviados para o tema: de onde se poderia tirar ao menos um pouco de comida."

As vozes que serão analisadas aqui figuram em diferentes pontos da estrutura dos "dias" do livro e foram atingidas pela perseguição de maneiras diversas. Jochen Klepper é um "ariano" casado com uma mulher judia. No primeiro grande bloco do livro, ele ainda está a serviço do exército e, apenas no segundo, figurará entre os civis. As preocupações com o destino dos judeus e a dificuldade em conseguir que sua enteada (judia) deixe o país levarão ele e a família a cometer suicídio no ano de 1942. Victor Klemperer é um judeu convertido que consegue continuar na Alemanha devido a seu casamento com uma mulher "ariana". Longe dos campos de extermínio, Klemperer sobreviveria à guerra. Adam Czerniaków era representante do Conselho de Operários de Varsóvia e acaba por tornar-se o líder do *Judenrat* (Conselho judeu) do gueto de Varsóvia. Suicidou-se em julho de 1942 por não querer cooperar com a seleção de homens a serem enviados para os campos de extermínio.

Todas as três figuras tornaram-se representativas da perseguição no período nazista. Klepper, um homem pio, ficou conhecido entre os religiosos por seu trabalho jornalístico e seus livros; Klemperer, devido ao seu livro *LTI – Lingua Tertii Imperii*,[385] lançado em 1947, no qual analisa, com auxílio de anotações feitas em seu diário durante a Segunda Guerra, a linguagem utilizada pelo regime nazista, e Czerniaków por ter sido o líder do gueto de Varsóvia e pela publicação de seu diário, em 1968, no original em polonês, e, em 1979, na tradução para o inglês.

II.2.2.5.1. Jochen Klepper

Jochen Klepper era jornalista, escritor de romances e de poesias de temática religiosa. Protestante fervoroso, Klepper casou-se com Johanna Stein, uma mulher judia e 13 anos mais velha que trouxe consigo a filha Renate. A família de Klepper nunca aceitou bem o casamento, mas para Klepper esta foi uma decisão acertada também por razões religiosas, como comenta uma amiga da família, Eva-Juliane Meschke: "Sie war für Jochen Klepper eine bewußte Entscheidung auf religiösem Gebiet. Er sah in seiner Frau die Angehörige des erwählten Volkes […] Die Verbindung mit Hanni Stein band ihn von Stund an selber an das Schicksal – Erhöhung und Leiden – dieses Volkes."[386] (*apud* MÖHLER, 2003: 23). Sua mulher chegou a considerar a separação após três anos de casada, em 1934, porque entendia que a união entre eles poderia prejudicar a carreira de Klepper como escritor, mas ele recusou a proposta terminantemente. Em 1937, Jochen Klepper atingiu um certo sucesso literário, o que

[385] A obra também se encontra disponível em tradução para o português: KLEMPERER, Victor. *LTI – A Linguagem do Terceiro Reich.* Trad.: Miriam Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
[386] "Para Jochen Klepper, ela era uma decisão consciente no quesito religioso. Ele via em sua mulher a pertencente do povo escolhido. [...] A união com Hanni o ligou a partir daquele momento ao mesmo destino desse povo – glorificação e sofrimento."

foi uma de suas razões para não deixar a Alemanha. No final de 1940, Klepper foi convocado para prestar serviços no exército. Ele acreditava que isso poderia ajudá-lo a oferecer alguma proteção à família, mas ele não serviria o exército por um período maior do que um ano devido a seu "casamento misto". Após tentativas fracassadas de enviar a enteada Renate para o exterior, Klepper suicida-se junto à mulher e à enteada para evitar a deportação.

Jochen Klepper é uma figura conhecida no meio protestante, tanto por seus poemas quanto por sua vida. Os livros com os quais tive contato para informar-me mais sobre sua biografia – *In seinem Wort mein Glück* (Em sua palavra, minha felicidade), escrito por Helmuth Reske em 2008, ou *Ein Leben auf der Grenze* (Uma vida no limite), de Hans Möhler, datado de 2003 – foram publicados por editoras religiosas.

Em *Barbarossa '41*, Klepper ocupa posições distintas em cada metade do livro. Na primeira, ele está entre os perpetradores, no campo de batalha. Já na segunda, seus textos localizam-se no início do "dia", entre os civis, porque o escritor já voltou para o lar. A temática de seus textos nesses dois momentos também é deveras distinta. No início, ele relata o dia a dia na campanha, mais adiante, sua ocupação principal são os preparativos de Natal e a questão da perseguição aos judeus se torna cada vez mais presente.

Klepper está presente em todos os "dias" da primeira parte do livro e em quase todos da segunda.

Quando a guerra contra a URSS estourou, suas anotações, feitas na Romênia, revelam que ele também estava convencido da necessidade desse acontecimento:

> Nachts und in den frühen Morgenstunden hörte ich das unaufhörliche summen großer Flugzeuge, und so war man nicht überrascht, als erst das Gerücht, dann mit Rundfunknachrichten die Bestätigung kam, die deutschen Truppen seien in den Krieg mit Rußland eingetreten. Die erste Gedanke ist bei allen die Dauer des Krieges, sodann aber die Überzeugung von der Notwendigkeit einer Auseinandersetzung mit Rußland früher oder später.[387] (KEMPOWSKI, 2002: 30-31)

Apesar de sua família estar sendo prejudicada pela perseguição aos judeus, o temor do Bolchevismo na época era tão grande que é justificável que ele não compreendesse que esta era mais uma trama do Nacional Socialismo. Suas experiências com os russos durante a invasão não foram boas, e através delas poder-se-ia concluir que se trata de um povo traiçoeiro, pois, desde o início, eles usavam aviões com insígnia alemã e atraíam os alemães com bandeiras brancas para atirar quando eles estivessem mais próximos.

[387] "À noite e nas primeiras horas da manhã, ouvi uma quantidade interminável de aviões grandes, assim não ficamos surpresos quando houve primeiro o boato, e, depois, nas notícias do rádio, a confirmação de que as tropas alemãs estão em guerra contra a Rússia. Para todos, o primeiro pensamento é a duração da guerra, mas depois vem o convencimento da necessidade de um confronto com a Rússia, mais cedo ou mais tarde."

Sua relação com os habitantes dos vilarejos invadidos também não é das mais cordiais:

> Die Bevölkerung auch hier. sehr stur und ohne Begreifen für die Situation der deutschen Soldaten in Rumänien. Nur mit Mühe und Geschenken, Geld und Bitten und Vermittlung erreichen wir, daß eine Frau mit unserer Seife für uns wäscht. "Dominike" – des morgigen Sonntags wegen wollen sie schon heute nicht für uns arbeiten. Aber unserer Wirtin mache ich klar, daß, wenn die Russen kämen, kein "Dominike" mehr wäre. Da wäscht sie von jetzt ab für uns auf, wir können bei ihr Eier braten, sie nimmt nicht mehr bezahlt und schenkt uns sogar Eier.[388] (*ibidem*: 136-137)

Klepper estava convencido de que os romenos tinham a obrigação de ajudar os soldados alemães. Como os soldados ainda estavam pedindo e não usando a força bruta, Klepper acreditava que os romenos deveriam ser gratos: a situação com os russos haveria de ser muito pior. Ele não aceitava que os habitantes desejassem qualquer tipo de recompensa pelos serviços prestados. A atitude que a anfitriã passa a ter após a conversa é a que ele considera desejável: ela não cobra pelos serviços e ainda presenteia os soldados com alimentos.

Klepper faz parte de uma tropa de reforço e tem um cotidiano mais tranquilo por isso. Parte de seus relatos lembra os textos do Dr. Lindenbach na primeira parte do livro. Neles, Klepper escreve sobre as paisagens e sobre atividades de tempo livre, como cantar, ler poesias ou banhar-se no lago. Um exemplo é a citação do "dia" 24 de junho:

> Im Omnibus abends feiern wir, nachdem wir mittags baden waren, bei bescheidenem Trinken und alten Wandervogelliedern, das Autobusverdeck offen, unter dem Sternenhimmel Johannisnacht. Bis zum Dunkelwerden hatte ich trotz der Glut und Schwüle mit großer Freude geschrieben.[389] (*ibidem*: 73)

Apesar desses trechos mais idílicos, Klepper, nesse primeiro momento, já tem um contato maior com a guerra do que o de Lindenbach. Tiroteios e bombardeios não ocorrem muito longe de onde ele está localizado, e as batalhas também podem ser percebidas pelos vilarejos pelos quais ele passa devido a tudo que foi destruído, como as igrejas e pontes, ou ruas esburacadas pelos bombardeios.

Klepper aparenta ter um bom relacionamento com seus colegas, e recebe um bom tratamento em troca: "Bei Heimkehr, gerade zum Mittagbrot im Autobus, wurde ich so

[388] "Também aqui, o povoado é teimoso e não tem compreensão com a situação dos soldados alemães na Romênia. Apenas com esforço e presentes, dinheiro e pedidos e intermediação, conseguimos que uma mulher lavasse para nós com nosso sabão. 'Dominike' – devido ao domingo de amanhã, eles já não querem trabalhar para nós hoje. Mas eu esclareci a nossa anfitriã de que se os russos viessem não haveria mais 'Dominike'. Então, agora ela está lavando para nós, nós podemos fritar ovos em sua casa, ela não recebe mais pagamentos e, até mesmo, nos presenteia com ovos."

[389] "À noite, nós festejamos no ônibus, depois de nos banharmos ao meio-dia, bebendo modestamente e cantando antigas canções de *Wandervogel* [literalmente 'pássaro migratório', nome dado a um movimento de jovens alemães existente desde 1896], o teto do ônibus aberto, sob o céu de estrelas da noite de São João. Escrevi com grande alegria até escurecer, apesar do fervor e de estar abafado."

freundlich bedient, ‘da ich ja immer so für alle sorge’.”[390] (*ibidem*: 259) Ele também se esforça para conseguir uma colocação como homem da Companhia de Propaganda e escreve peças que pretende mandar para o Ministério da Propaganda. Além das peças, ele se ocupa, por exemplo, de criar textos que acompanhem as fotos que foram tiradas nos campos de batalha: “Für die Feldzuggeschichte ist neben viel Fehlanzeigen der Einheiten einiges gute Bildmaterial eingegangen, textliches jedoch gar nicht, dies bleibt anscheinend ganz mir vorbehalten.”[391] (*ibidem*: 161) Seus esforços são reconhecidos e há a intenção de promovê-lo a cabo antes do tempo previsto.

> Dabei sagt er mir, daß er mich zum Gefreiten machen möchte und es trotz der bestehenden Schwierigkeiten versuchen will. Ich nehme an, daß er dabei weniger an die Mischehe dachte, als an den auch bekannten Umstand, daß nach den neuen Verfügungen man erst nach bestimmter Zeit Obersoldat werden kann, es eine bestimmte Weile bleiben muß. Denn die Auszeichnung vor dem Feinde, die die Regel durchbrechen könnte, kommt ja für mich nicht in Frage.[392] (*ibidem*: 288)

Klepper evita pensar no pior. Entre amigos, ele acredita que o comandante não deve estar considerando seu casamento com uma mulher judia como um impedimento, e prefere pensar que sua pouca experiência no exército há de ser a mencionada “dificuldade”. Todavia, Klepper já tem alguma noção do que está acorrendo nos vilarejos invadidos. No mesmo dia, 8 de julho, ele ainda escreveria “In Stefanesti soll in den bewegtesten Stunden ein Pogrom stattgefunden haben.”[393] (*ibidem*: 288) Ele tem consciência de que os pogroms estão ocorrendo conforme a URSS vai sendo invadida, mas, nesse momento, ele ainda aparenta não saber que não se trata da expulsão dos judeus, mas sim de assassinatos em massa. Esse é o último “dia” do primeiro bloco, o único no qual ele faz menções claras à perseguição aos judeus e o “dia” que marcará sua transição para o segundo grande bloco, no qual a preocupação com o futuro que teriam em meio a toda a perseguição torna-se um dos temas principais.

As citações do segundo grande bloco são abertas por Jochen Klepper: “Ein vorweihnachtlicher Sonntag in seiner ganzen Stille und Würde, von einer sanften Gebor-

[390] “Na volta para casa, justamente para o almoço, eu fui servido tão amigavelmente, ‘pois eu sempre cuido tanto de todos’.”
[391] “Para a história da campanha, chegou, junto com muitas negativas [notificação de que não há fatos novos] das unidades, algum bom material fotográfico, mas nenhum material textual, aparentemente isso vai ficar completamente nas minhas mãos.”
[392] “Enquanto isso, ele me diz que gostaria de tornar-me cabo e que quer tentar, apesar das dificuldades existentes. Eu suponho que ele pensou menos no casamento misto do que na minha conhecida situação, pois, depois da nova ação, só se pode tornar *Obersoldat* [Distinção para soldados depois de seis meses em serviço militar] depois de um tempo determinado, e é necessário permanecer nesta condição por um certo tempo. Pois a condecoração diante do inimigo, a qual poderia quebrar a regra, certamente não está em questão para mim.”
[393] “Em Stefanesti, um pogrom deve ter ocorrido nos momentos mais agitados.”

genheit. – Meine Lieder sind in den Gemeinden."[394] (*ibidem*: 320) As contradições entre os preparativos de Natal sobre os quais Klepper escreve e o que é apresentado na foto que abre este bloco (soldados camuflados de branco em um vasto campo coberto pela neve) são o que vai dar a tônica de todo o mês de dezembro. Nesse momento, Klepper já foi dispensado do serviço militar devido a seu casamento e quase não há mais vestígios da vida militar. Apenas no último dia do ano, Klepper menciona que, naquele momento, ele estava abandonando todas as suas senhas como soldado e os registros dos países aos quais a guerra o levou.

Klepper está mais consciente do que nunca de que o cerco está se fechando de forma crucial contra os judeus e os pensamentos suicidas já estão claramente presentes.

> Auch dieser Tag geht ganz in Dämmerung hin. Die Nachricht vom Kriege zwischen Japan und Amerika. / "Roosevelt und Judas Werk", "Getreu den Befehlen des Weltjudentums", "England, dieses dem Kontinent vorgelagerte Protektorat", "Der höchstbezahlte Knecht des Judentums", "Satanische Hirne des Judentums" – alles nimmt nur noch diese eine Wendung und verdichtet sich für uns zu dem Gedanken, daß wir über den Anfang des kommenden Jahres hinaus kaum am Leben bleiben können.[395] (*ibidem*: 347)

Alguns dias mais tarde, ele seria notificado de que a ida de sua enteada para a Suécia tinha sido definitivamente negada. Em seguida, ele recebe informações sucessivas sobre deportações: três amigas de sua filha, judias convertidas, foram selecionadas para a deportação de 6 de janeiro e "arianos" envolvidos em "casamentos mistos" que estivessem distantes de sua família por consideração ao cônjuge – esse era o seu caso – também passariam a ser deportados. Em 20 de dezembro, ele afirma haver ouvido sobre "mais um" fuzilamento em massa dos judeus no oriente. Klepper está consciente do que pode acontecer a ele e sua família. Não lhe restam ilusões sobre isso.

Mesmo diante de uma resolução tão dura como o suicídio, o religioso Klepper não consegue deixar de admirar toda a beleza do Natal e descreve cada detalhe da decoração com alegria. As festividades trazem alegria e harmonia para toda a família e, na ceia de Natal, Klepper afirma que sua esposa hesitou mais uma vez diante da decisão de tirarem as suas vidas. Como é sabido, Klepper e sua família só levariam esse plano a cabo um ano depois. As tentativas de deixar o país em direção à Suécia persistiriam até 10 de dezembro de 1942, quando a negativa definitiva seria dada por Eichmann.

---

[394] "Um domingo pré-natalino em todo seu silêncio e grandiosidade, de um suave acolhimento. – Minhas canções estão nas comunidades."

[395] "Também este dia prossegue todo no crepúsculo. A notícia da guerra entre Japão e América. / 'Roosevelt e a obra de Judas', 'Fiel às ordens do judaísmo mundial', 'Inglaterra, esse protetorado diante do continente', 'O mais bem pago servo do judaísmo', 'Cérebros satânicos do judaísmo' – tudo toma apenas esta locução e para nós isso se condensa no pensamento de que mal poderemos continuar vivos além do início do ano que vem."

Em *Barbarossa '41*, foram utilizadas citações de dois livros nos quais os diários de Jochen Klepper foram publicados: *Unter dem Schatten deiner Flügel* (Sob a Sombra de suas Asas), que dá conta de seus diários de 1932 a 1942, e *Überwindung – Tagebücher und Aufzeichnungen aus dem Kriege* (Superação – diários e notas da guerra), que se ocupa do período no qual ele esteve em campanha. O conteúdo dos diários é tão destoante que se considerou adequado que fossem publicados em livros diferentes. Essa divisão foi mantida em *Barbarossa '41* através da localização dos textos de Klepper, primeiramente entre os perpetradores, depois entre os civis.[396] A divisão pode ser justificada pela localização geográfica, pela temática e, principalmente, pela atuação de Klepper durante a guerra. Não há dúvidas sobre sua fé e sobre o fato de que ele é, sim, uma das vítimas da Segunda Guerra, mas, enquanto participou da guerra, Klepper também foi um dos perpetradores. No que diz respeito ao trato com seus camaradas, o protestante agiu de forma coerente com sua crença e seus princípios, mas ele não expressa o mesmo senso de fraternidade ao escrever sobre sua relação com os habitantes dos vilarejos invadidos. Klepper não procurou entender a situação deles e acreditava que sua função era servir bem ao exército alemão. Há uma divisão hierárquica clara na forma como ele se relaciona com camaradas e com os habitantes locais e essa divisão define Klepper como um perpetrador nesse primeiro momento do livro. Apesar de estar, desde o começo, ciente de ser uma vítima do Nazismo, Klepper deixou-se envolver pela engrenagem da guerra.

Na primeira metade do livro, há poucas exclusões, praticamente todas estão sinalizadas pelas reticências, exceto os casos nos quais elas ocorrem no começo ou no final do "dia", além de um descuido no "dia" 3 de julho. Muitas das exclusões são de temáticas que Klepper já tratou em outros pontos de seu diário, como o clima, sua prova de fogo ou atividades com os camaradas. Outros assuntos que não estão presentes em *Barbarossa '41* são, por exemplo, a passagem pelo túmulo de um comandante alemão, seguido pelos primeiros túmulos de soldados alemães, ou a conversa com o veterinário que não tinha mais material disponível, o que impediu o exercício de um trabalho que era altamente necessário naquele momento.

Considero, contudo, que apenas alguns dos cortes sofridos na primeira parte devem ser evidenciados. Um deles pode ser considerado como uma repetição do tema da boa aceitação de que Klepper usufruía em seu batalhão, mas apresenta o assunto de uma maneira muito mais específica: "Sehr freute ich mich, als ich gestern hörte, Feldwebel Ninas habe zum

[396] Klepper é o único homem que é apresentado tanto no *front* como de volta ao lar. Türk e Kreuter chegam a retornar à Alemanha durante a guerra, mas os textos que os apresentam em terras alemãs ou junto com os familiares foram omitidos.

Adjutant gesagt, seit Klepper da sei, wären die Abende so hübsch, und es werde nicht mehr nur gesoffen und geschweinigelt."[397] (KLEPPER, 1958, 52) Klepper não é apenas um homem que cuida de todos, como pode ser lido em *Barbarossa '41*. Sua postura (religiosa) garante que a atitude de seus camaradas seja mais regrada e equilibrada. Sua presença inspira os outros homens a serem mais comedidos.

As outras exclusões que merecem uma certa atenção são as referentes às correspondências. Em *Barbarossa '41*, ainda há algumas menções às cartas recebidas por Klepper, mas muitos outros escritos sobre o assunto foram subtraídos do texto. São menções às cartas que ele recebeu de sua esposa, sua enteada ou de uma amiga, e o relato sobre problemas com o envio de cartas (toda uma remessa teria retornado ao batalhão). Klepper chega até mesmo a comentar que estava ansioso, esperando saber qual foi a reação da esposa à declaração de guerra: "Post. Zwei Briefe von Hanni nach der Pause. Darunter der besonders erwartete Brief vom Tage der russischen Kriegserklärung."[398] (*ibidem*: 65) Nesse primeiro momento, a esposa, Hanni, esteve muito mais presente no diário do que o leitor pode perceber, mas isto não traz fatos novos à narrativa de Klepper.

Apesar de as diferenças entre os livros coincidirem com as apresentadas em *Barbarossa '41*, as exclusões acima acabam por obscurecer um pouco mais um lado de Klepper que ficaria evidente na segunda parte do livro: sua relação com a esposa.[399]

Ao contrário do que acontece na primeira parte do livro, o texto de Klepper sofre grandes cortes na segunda parte. Longos textos recebem exclusões que podem superar três quartos do total, e, muitas vezes, acabam por serem reduzidos a breves citações. Entre as várias exclusões, dois assuntos principais podem ser identificados: a depressão de Klepper e a ligação que ele ainda tinha com seus camaradas.

O estado de tristeza e falta de esperança no qual Klepper se encontra acaba por influenciar sua habilidade como escritor, fato que é mencionado em dois diferentes momentos do mês de dezembro, sendo um deles o dia 14 de dezembro:

> Ich habe Hanne und mir wieder alle Advents- und Weihnachtslieder durchgespielt, mich mit allen Liedern dieser Festzeit befaßt. Dieses harte Faktum steht fest: Lieder vermag ich nicht mehr zu schreiben, es sei denn das Klagelied des großen Sabbats. Liebe, Lob, Dank tragen also das Lied nicht: es ist nicht möglich ohne das Vertrauen.[400] (KLEPPER, 1956: 1000)

[397] "Eu me alegrei muito quando ouvi ontem que o Sargento Ninas disse para o *Adjutant* que, desde que o Klepper está aqui, as noites são mais belas, e não se fica mais apenas enchendo a cara e contando piadas sujas."
[398] "Correspondência. Duas cartas de Hanni depois da pausa. Entre elas, a especialmente esperada carta do dia da declaração de guerra russa."
[399] Note-se que, mesmo no caso de Klepper, que é uma vítima, os relatos familiares são omitidos enquanto ele está em campanha, como ocorre com Türk e Kreuter.
[400] "Toquei novamente todas as canções de Natal e de advento para Hanni e para mim, ocupei-me com as canções desse tempo de festas. Esse duro fato consta: eu não consigo mais escrever canções, a não ser a

Klepper está constantemente triste. Sua criatividade está sendo afetada por esse estado de ânimo, e ele se sente tão desesperado com o que ainda pode acontecer com sua família que chega a consultar uma vidente sobre o que deveria fazer. Da consulta, Klepper traz apenas a sensação de que a vidente não deve ser uma pessoa a se confiar. As duas menções que ele faz ao caso no mês de dezembro foram excluídas do livro. A vidente o aconselha a declarar que Renate é sua filha, o que poderia impedir sua deportação, mas ele não considera essa a atitude certa a ser tomada e escreve: "Aberglaube, Meineid, Selbstmord – welche Gedanken!"[401] (*ibidem*: 1004) Esse estava sendo um momento extremamente difícil para os judeus, mas Klepper tem reações de tristeza e desespero muito maiores do que sua esposa e enteada, que são judias de fato. A esposa costuma ser descrita como uma pessoa com pensamento positivo, e sua enteada reage melhor do que ele quando recebe a negativa sobre sua mudança para a Suécia: "Renerle nahm den Meschkeschen Brief sehr ruhig auf; sie sagt, seit dem Eintritt Amerikas in den Krieg habe sie keine Hoffnung mehr gehabt. Manchmal ist einem bange vor der eigenen Ruhe."[402] (*ibidem*: 1001)

Uma série de explicações sobre a condição de sua família também acabou por ser excluída. Klepper sempre chama a enteada de "filha", de modo que, caso o leitor não tenha conhecimento de quem ele foi, *Barbarossa '41* não oferece meios que informem que ela é, na verdade, sua enteada. Foram feitas duas exclusões sobre o assunto, uma comentada acima, quando ele recebe o conselho de declará-la sua filha, e outra quando ele comenta feliz que ele crê que Renate o considera como um pai tanto quanto ele a considera sua filha. Outro corte diz respeito à união com sua esposa. No dia 18 de dezembro, ele afirma, "Heute ist der dritte Jahrestag von Hannis Taufe und unsere kirchlichen Trauung."[403] (*ibidem*: 1001) Comenta-se que Klepper nunca fez pressão para que sua mulher se convertesse ou para que fosse tão religiosa quanto ele, e que ele ainda teria frequentado a igreja sozinho por muitos anos mesmo após ter se casado. Sua união com Hanni data de 1931, mas aqui obtém-se a informação de que ela apenas foi batizada em 1938, quando a perseguição aos judeus já alcançava um momento mais crítico e era sabido que a conversão não traria nenhuma vantagem. Seu batismo deve-se apenas ao laço com Klepper e à devoção que este homem tinha pelo

---

lamentação do grande sabbat. Portanto, amor, louvor e agradecimento não carregam a canção: isso não é possível sem confiança."

[401] "Superstição, falso testemunho, suicídio – que pensamentos!"

[402] "A Renatinha aceitou muito tranquilamente a carta de Meschke; ela diz que desde a entrada da América na guerra ela não tinha mais esperanças. Às vezes, teme-se a própria tranquilidade."

[403] "Hoje é o terceiro aniversário do batismo de Hanni e de nosso casamento religioso."

Cristianismo. Contudo, todo esse raciocínio não seria possível tendo em mãos apenas *Barbarossa '41*, uma vez que não há qualquer tipo de menção à data da união civil do casal.

Enquanto a imagem da família esteve um pouco apagada em suas anotações feitas em campanha, o exército ainda continua presente nas anotações de dezembro de 1941, até mesmo porque a volta ao lar é recente.[404] Klepper ainda sonhava com sua vida como soldado: "Ich träume manchmal, ich sei wieder Soldat, und träume es ohne die Beziehung zu der Entlassung. […] Ich träume von Verfolgung und Flucht, und das Erwachen bestätigt; wie nahe alles dies ist."[405] (*ibidem*: 998 – 999) Seus sonhos não refletem os temores que se desenvolveram nele devido à experiência na guerra, mas sua preocupação constante com a perseguição aos judeus. Em todos os outros momentos, é evidente que Klepper ainda nutre uma forte amizade com seus antigos camaradas, como quando ele comenta as correspondências que recebe deles: "Aus den Kameradenbriefen spricht eine große Wärme, sie sind eine Bestätigung für mein Leben unter den Männern, die ich nicht missen möchte."[406] (*ibidem*: 1002) Klepper tem um grande apreço por seus colegas e, mesmo que os acontecimentos da guerra possam ter sido difíceis – ele também escreve sobre a falta que lhe fez não poder ir aos cultos enquanto estava em campanha –, ele deseja carregar esse laço para sempre. Contudo, Kempowski manteve apenas a citação que se referia ao desligamento que ele estava fazendo da vida militar na virada do ano. Essas exclusões tornam o abismo entre os relatos da primeira e da segunda metade do livro ainda maior, como se não se tratasse apenas de dois momentos diferentes na vida de um homem, mas de duas vidas diferentes.

II.2.2.5.2. Victor Klemperer

Victor Klemperer era o oitavo e mais novo filho do rabino Wilhelm Klemperer e sua esposa Henriette. Apesar da ocupação de seu pai, Klemperer nunca se considerou "judeu", e, em suas memórias, declarou considerar-se um alemão como qualquer outro, até mesmo porque não carregava mais nenhum vínculo com as tradições judaicas. Em 1906, casou-se com a compositora e pianista "ariana" Eva Schlemmer, e, em 1912, converteu-se ao Protestantismo. Klemperer deve sua sobrevivência, em grande parte, a esse casamento, que garantiu que ele não fosse deportado. Ele e sua esposa passaram os anos da guerra reclusos nas chamadas "Judenhaus" (casas de judeus). Durante a Segunda Guerra, Klemperer manteve um projeto de

[404] Ele foi dispensado do serviço militar em outubro e em dezembro há menções a cartas que ele recebeu de camaradas e da própria esposa, escritas durante o período no qual ele já estava viajando de volta.
[405] "Às vezes, eu sonho que eu sou um soldado de novo, sonho isso sem relacionamento com a dispensa. [...] eu sonho sobre perseguição e fuga, e o despertar confirma; como tudo isso está próximo."
[406] "As cartas dos camaradas são muito calorosas, elas são uma confirmação da minha vida entre os homens, da qual eu não gostaria de prescindir."

análise da linguagem utilizada pelos nazistas, a qual ele denominou de *lingua tertii imperii* ou LTI. Anotações sobre a linguagem, o cotidiano de judeus e comentários sobre as notícias e as ideias nacional socialistas foram feitos em seus diários e, posteriormente, publicados no livro *LTI* de 1947. Como o filólogo Klemperer desejava apenas tratar a questão da língua e manter questões pessoais fora do foco, apenas uma seleção de suas anotações foi publicada. Seus diários seriam publicados apenas postumamente, em 1996, por sua segunda esposa, Hadwig Kirchner, e, em 1999, foram inspiração para uma série televisiva intitulada *Klemperer – Ein Leben in Deutschland* (Klemperer – Uma Vida na Alemanha).

Todas as citações de Klemperer estão localizadas na segunda metade do livro. Seus textos superam a própria perspectiva dos acontecimentos e atuam como metalinguagem, analisando e criticando o discurso nazista. As anotações de Klemperer são especiais porque ele demonstra ser um homem lúcido que percebeu o tempo todo a gravidade do momento histórico no qual estava inserido e que foi capaz de analisá-lo com clareza, sabendo que ainda haveria um momento apropriado para expor suas conclusões – mesmo que ele talvez não conseguisse sobreviver ao regime. A análise da linguagem jornalística utilizada pelo partido faz com que Klemperer consiga enxergar claramente o desenvolvimento da guerra e tantos outros fatos que pareciam novos para a maioria da população quando a guerra foi encerrada e a verdade veio à tona. Uma sugestão do amigo Paul Kreidl ilustra bem esse trabalho: "LTI. Paul Kreidl sagt mit Recht: Wenn im Bericht 'Held', 'heldenhaft', 'heldenmutig' auftauchen, so 'klingt das immer wie Nachruf' ('Heldenmutiger Widerstand in Afrika')."[407] (KEMPOWSKI, 2002: 615) É interessante notar que as estratégias de discurso analisadas por Klemperer não são utilizadas exclusivamente pelo Nacional Socialismo e podem servir para uma leitura mais atenta até mesmo de notícias e propagandas políticas de ditaduras posteriores ao Nazismo.

O filólogo também chama a atenção para o fato de que já havia sido declarado mais de uma vez que a Rússia teria sido derrotada, e agora, em dezembro de 1941, eles afirmavam que a guerra só seria vencida na primavera. Ele lembra ainda que a Primeira Guerra era denominada por eles de "a pequena guerra", pois o Nacional Socialismo buscava sempre comprovar que tudo o que faziam era sempre incomparavelmente maior, até mesmo as guerras.

Narrando algumas situações de contato entre "arianos" e judeus nas ruas, Klemperer também comprova que não é todo o povo alemão que está contra os judeus:

[407] "LTI. Kreidl disse com razão: Quando as expressões 'herói', 'heroico', 'heroísmo' surgem nos relatos, 'sempre soa como obituário' ('Resistência heroica na África')."

> Ich ging neben Frau Ida Kreidl die Caspar-David-Friedrich-Straße entlang; uns überholte ein alter Postbeamter in Uniform, einen Weihnachtsbaum unter dem Arm. Er rief ihr zu, laut auf offener Straße, harmlos: "Wann kaufen wir wieder bei Ihnen? Ich und meine Kameraden, alte Sportler, wir haben soviel bei Ihnen gekauft. Und so gute Sachen. Ich weiß es doch als Postbote, ich habe Ihnen soviel Pakete gebracht. Die gute Ware!" Kreidls hatten ein Geschäft für Berufskleidung und Sportsachen in der Galeriestraße. Es wurde arisiert. – Vox populi?[408] (*ibidem*: 501)

Com essa breve passagem, questiona-se até que ponto toda a população alemã era a favor das medidas que estavam sendo tomadas contra os judeus. O carteiro deveria considerar toda a discriminação tão descabida que não compreende que seu comportamento, ao dirigir-se tão abertamente à mulher judia na rua, ainda mais expressando saudade de sua loja, não era adequado. Além disso, ele afirma não ser o único que sente falta do estabelecimento, o que aponta para o fato de que outros "arianos" deveriam comentar a saudade de bons comércios outrora conduzidos por judeus. A contradição entre o desejo expresso por outros alemães e a arianização da loja provoca a questão "*Vox Populi?*". Até que ponto os alemães desejavam de fato que aquela loja fosse arianizada? Até que ponto o velho carteiro representa a voz do povo?

Os olhos de Klemperer também estão abertos para outras contradições, como o fortalecimento do sionismo devido à atuação de Hitler:

> Am Sonnabend sprach der junge Kreidl, getauft, durchaus europäisch und deutsch gerichtet, vom "Volk der Juden". Es erschütterte mich. Hitler ist der bedeutendste Förderer des Zionismus, Hitler hat buchstäblich das "Volk der Juden", das "Weltjudentum", *den* Juden geschaffen.[409] (*ibidem*: 501; itálico do original)

A análise não poderia ter sido mais acertada. Com o fortalecimento do Sionismo e a crescente fuga de judeus para a Palestina, o Estado de Israel acaba por ser fundado em 1948, três anos após a queda de Hitler.

Os relatos de Klemperer também dão conta da intensificação da perseguição aos judeus, não apenas pelo discurso antissemita cada vez mais agressivo, mas também por fatos mais concretos como as proibições noticiadas em uma circular:

> Gestern Verfügungen – Paul Kreidl bringt sie herauf, Rundschreiben der Gemeinde, Unterschrift nötig: I) *Verbot, von öffentlichen Fernsprechstellen zu telefonieren.* (Privates Telefon ist uns längst genommen.) 2) *Ausgehverbot* für alle Juden am Morgen des 24.

[408] "Andei pela rua Caspar-David-Friedrich junto a Sra Ida Kreidl, um velho carteiro nos ultrapassou em uniforme, uma árvore de Natal sob o braço. Ele falou com ela alto, em plena rua, e inofensivo: 'Quando vamos comprar de novo com vocês? Eu e meus camaradas, velhos esportistas, nós compramos tanto com vocês. E coisas tão boas. Como carteiro, eu sei, eu lhe trouxe tantos pacotes. Os bons produtos!' Os Kreidls tinham uma loja de roupas profissionais e produtos desportivos na *Galeriestraße*. Ela foi arianizada. *Vox populi*?"

[409] "No sábado, o jovem Kreidl, batizado, de orientação completamente europeia e alemã, falou sobre o 'povo judeu'. Isso me abalou. Hitler é o mais significativo patrocinador do sionismo, Hitler literalmente criou o 'povo judeu', o 'judaísmo mundial', *o* judeu."

> Dezember bis zum 1. Januar, "da ein herausforderndes Verhalten eines Juden in der Öffentlichkeit Empörung hervorgerufen hat." Freigegeben ist nur die Einkaufsstunde drei bis vier (Sonnanbend zwölf bis eins); vier von den acht Tagen (Die Weihnachtstage, Neujahr und Sonntag) sind also vollkommene Hafttage.[410] (*ibidem*: 568; itálico do original)

Além de não poder sair na rua durante o período natalino, Klemperer perde, na mesma época, uma importante fonte de renda, o dinheiro que recebia da conta de seu irmão residente nos EUA, Georg Klemperer. Em 1941, os judeus que não moravam mais na Alemanha foram expatriados, e, por conta disso, seus bens foram confiscados. Esse conjunto de acontecimentos acabou distanciando Klemperer e sua esposa em um certo grau, já que seus direitos tornavam-se cada vez mais desiguais:

> Weihnacht uns Hausarrest, und das erstemal in 38 Jahren kein Geschenk für Eva. [...] Eva hatte ein Bäumchen besorgt: zweite Weihnacht im Judenhaus, armseliger und zuversichtlicher als die erste. Wir feierten mit Kätchen Sara zusammen, sie stiftete eine Flasche Weißwein. Ich bekam von Eva gefütterte Handschuhe und hatte *nichts* für sie. Sie soll heute und morgen mittag im Restaurant Karpfen essen, wenn es noch welchen gibt.[411] (*ibidem*: 615; itálico do original)

Klemperer não pode acompanhar Eva em seus passeios e sua condição financeira não permite sequer que ele compre alguma lembrancinha para a esposa no Natal. Eva não é afetada por todas as privações que os judeus sofrem, mas muito se reflete em sua vida. Neste momento, a "ariana" Eva já residia havia dois anos em uma "casa de judeus" por causa da "etnia" de seu marido.

Devido à visão crítica de Klemperer e seus amigos, a notícia sobre a deposição de Brauchitsch é recebida como uma vitória. Klemperer tem certeza de que o Nacional Socialismo não será vitorioso, mas sua situação como judeu piora rapidamente e lhe resta apenas uma pergunta: "Gewißheit: *Er* fällt. Ungewißheit: 1) Wann? 2) Vor uns?"[412] (*ibidem*: 579; itálico do original)

[410] "Ontem, decretos – Paul Kreidl trouxe-os aqui para cima; circular da comunidade, assinatura é necessária: 1) *Proibição de fazer ligações de telefones públicos*. (Os telefones privados já foram tirados de nós há tempos.) 2) *Proibição de sair* para todos os judeus da manhã de 24 de dezembro até o primeiro de janeiro, 'já que o comportamento provocador de um judeu em público causou indignação.' Apenas as horas de compras estão livres, das três às quatro (sábados das doze à uma); quatro dos oito dias (os dias de Natal, o Ano Novo e o domingo) são, portanto, dias de prisão completa."

[411] "Natal e prisão domiciliar, e, pela primeira vez em 38 anos, nenhum presente para Eva. [...] Eva arrumou uma arvorezinha: segundo Natal na casa de judeus, mais miserável e mais confiante do que o primeiro. Nós celebramos com Kätchen Sara, ela doou uma garrafa de vinho branco. Eu recebi luvas forradas de Eva e não tinha *nada* para ela. Hoje e amanhã, ela deve almoçar no restaurante Karpfen, se ele ainda existir."

[412] "Certeza: *Ele* vai cair. Incerteza: 1) Quando? 2) Antes de nós?"

Na publicação dos diários de Klemperer,[413] há três entradas referentes ao período equivalente à primeira metade de *Barbarossa '41*. O primeiro texto dá conta do dia 22 de junho, na qual ele comenta o ataque à Rússia e faz um apanhado dos comentários que ouviu no dia, entre eles, um conhecido que já havia sido prisioneiro na Sibéria afirma que a guerra deveria durar pouco. Em seguida, em outro dia, Klemperer anuncia que escreverá um texto que procura relatar a semana terrível na qual ficou preso. E, por fim, ele faz um relato sobre os exatos oito dias, de 23 de junho a primeiro de julho, que passou preso na cela 89. Sua narrativa começa cerca de um semestre antes do acontecimento em si, quando ele conta detalhadamente as razões de seu aprisionamento: ele e a esposa se descuidaram e deixaram que a luminosidade escapasse por uma das janelas. Como sua intenção é sempre fazer uma análise da situação política da época, ele faz toda uma enumeração das injustiças nessa sentença. Aqueles que não escurecessem suas janelas deveriam pagar uma multa. A multa de 50 marcos foi definida, mas ainda seria possível que Klemperer, como judeu, tivesse que pagar mais caro. Até junho, ele não teve notícias sobre qual seria sua punição, e então é definido que ele seria preso por uma semana. O texto demonstra o ponto de vista pessoal de Klemperer e comenta a questão judaica naquele momento. Ele seria uma boa contribuição para o livro, mas é demasiadamente extenso e não seria viável fazer um recorte do texto deixando de fora as razões dessa pena, que remetem a fevereiro de 1941.

Dos três textos de junho e julho, apenas o primeiro seria apropriado para os propósitos de *Das Echolot*. É provável que Kempowski tenha se decidido por deixar a contribuição de Klemperer de fora da primeira metade do livro, para que ela se apresentasse apenas de forma mais contínua no mês de dezembro.

Uma grande parte dos textos de Klemperer publicados em *Barbarossa '41* não sofreu qualquer tipo de corte. Cerca de metade das reticências que são encontradas nas citações se origina da própria publicação de seus diários. Duas das exclusões que Kempowski fez nos textos de Klemperer referem-se a temas que em pouco se relacionam com a guerra. Uma delas descreve longamente um homem que ele havia acabado de conhecer, um judeu russo, e a outra conta a história da "Sporthaus Kreidl", loja de esportes do amigo da "casa de judeus", Paul Kreidl – mencionada acima, na conversa com o carteiro. Um longo período que trata da LTI também foi excluído, provavelmente por encontrar-se em 25 de dezembro. No livro, foi deixado apenas o comentário sobre o uso da palavra "heroico", que é feito de forma concisa e

[413] Seus diários também se encontram disponíveis em tradução para o português: KLEMPERER, Victor. *Os diários de Victor Klemperer.* Trad.: Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

representativa. O relato de 27 de dezembro traz basicamente comentários sobre dias anteriores e foi completamente excluído.

Embora uma quantidade longa do diário de Klemperer tenha sido omitida, em especial devido ao relato dos dias que ele passou encarcerado, nenhuma das exclusões demonstrou ser significativa. Klemperer é bem representado em seu papel como filólogo e crítico do regime Nacional Socialista, e a relação com sua esposa, que foi seu pilar durante a guerra, se faz presente.

Encerro o comentário sobre Klemperer com uma homenagem que ele fez à mulher na introdução de seu livro *LTI*. Para comentar o uso da palavra "herói" pelo Nacional Socialismo, Klemperer apresenta um tipo de herói muito mais nobre do que aqueles que seriam honrados no final da guerra:

> Aber ich weiß von einem noch viel trostloseren, noch viel stilleren Heldentum, von einem Heroismus, dem jede Stütze der Gemeinsamkeit mit einem Heer, einer politischen Gruppe, dem jede Hoffnung auf künftigen Glanz durchaus abging, der ganz und gar auf sich allein gestellt war. Das waren die paar arischen Ehefrauen (allzu viele sind es nicht gewesen), die jedem Druck, sich von ihrem jüdischen Ehemännern zu trennen, standgehalten hatten. Wie hat der Alltag dieser Frauen ausgesehen! Welche Beschimpfungen, Drohungen, Schläge, Bespuckungen haben sie erlitten. […] Sie wußten, ihr Tod werde den Mann unweigerlich hinter sich herzerren, denn der jüdische Ehegatte wurde von der noch warmen Leiche der arischen Frau weg ins mörderische Exil transportiert. […] Und hier stark zu bleiben, so stark zu bleiben, wo man ganz auf sich allein angewiesen ist in gruppenloser Vereinzelung, denn das Judenhaus bildet keine Gruppe trotz seines gemeinsamen Feindes und Schicksals und trotz seiner Gruppensprache: das ist Heroismus über jeglichem Heldentum.[414] (KLEMPERER, 2007: 15-16)

II.2.2.5.3. Adam Czerniaków

Adam Czerniaków foi o líder do conselho judeu no gueto de Varsóvia e desempenhou um papel fundamental em *Barbarossa '41*: junto ao calendário de Auschwitz da historiadora Danuta Czech, seus relatos são um sinalizador de que o final do "dia" se aproxima e uma lembrança da perseguição dos judeus e do decorrente Holocausto.

[414] "Mas eu sei de um heroísmo ainda muito mais silencioso e sem consolo, de um heroísmo ao qual faltou absolutamente todo o apoio da solidariedade de um exército, de um grupo político, toda a esperança de um brilho futuro, e que estava completamente por si só. Foram algumas mulheres arianas (não foram muitas) que suportaram a pressão para se separarem de seus maridos judeus. Como era o dia a dia dessas mulheres! Que xingamentos, ameaças, pancadas e cusparadas elas sofreram [...] Elas sabiam que à sua morte obrigatoriamente sucederia a de seu marido, pois o esposo judeu seria afastado do cadáver ainda quente da mulher ariana e transportado para o exílio assassino. [...] E permanecer forte nessa situação, permanecer tão forte, onde se depende totalmente de si mesmo, em um isolamento desprovido de qualquer grupo, pois a casa de judeus não constitui um grupo apesar do inimigo e do destino em comum, e apesar de sua linguagem de grupo: isto é heroísmo acima de qualquer heroicidade."

As citações de suas anotações costumam ser breves e praticamente não tratam de assuntos pessoais,[415] elas descrevem reuniões, decisões e parte dos acontecimentos do gueto de Varsóvia. A grande maioria de seus textos começa da mesma maneira, "De manhã, comunidade", indicando como Czerniaków sempre iniciava seu dia. Na primeira citação do livro, contudo, não é a comunidade que ele visita, "Morgens Gestapo. [...] Der Ordnungs-dienst bekommt arische Rationen."[416] (KEMPOWSKI, 17) Essa informação breve resume todo o problema de Czerniaków. Ele era o judeu responsável pelas negociações com os nazistas, devia transitar entre eles e fazer decisões que não poderiam refletir sobre toda a comunidade judaica, mas privilegiavam poucos. Nesse dia, Czerniaków consegue garantir que o Serviço de Ordem receba "rações arianas", mas ele não tem nenhum poder de garantir que outros ou que todos da Comunidade Judaica possam ter uma alimentação mínima. Aqui, ele comenta apenas os resultados de suas negociações, não fala sobre a própria situação, também não comenta a humilhação pessoal que era ter que negociar com a Gestapo. O privilégio do dia da reunião com a Gestapo não é a regra, é um assunto que volta a ser discutido dias mais tarde, em 5 de julho. O próprio Czerniaków também não gozava de privilégios quanto a sua alimentação, pois ainda viria a afirmar que o governador havia pedido um relatório sobre os gastos com almoço, e que ele próprio tinha o hábito de tomar sopa na comunidade.

Em 22 de junho, a primeira reação que Czerniaków tem quando é informado sobre a guerra já não é mais sequer uma preocupação com o futuro ou o próprio bem-estar. Mesmo que pudesse estar sendo protegido por alguns privilégios de sua função, ele já vivia em uma situação-limite e não conseguiu se preocupar com mais do que a exaustão que poderia sobrevir com a guerra: "Ein Extrablatt über den Krieg mit den Sowjets. Man wird jetzt am Tag arbeiten müssen, und nachts werden sie einen vielleicht nicht schlafen lassen."[417] (*ibidem*: 49) No dia seguinte, 23 de junho, Varsóvia já estaria sofrendo o primeiro bombardeio.

No Conselho, são tratados problemas como a contenção do tifo e da inflação, petições dos moradores da comunidade e diversas decisões a serem tomadas sobre o abastecimento e divisão dos alimentos. Uma das questões que deve ser resolvida é a falta de voluntários para o trabalho.

[415] Ele apenas menciona que sua esposa Niunia está cansada, o seu 28º aniversário de casamento em 6 de junho, e a falta de luz e água em sua residência em dezembro.
[416] "De manhã, Gestapo. [...] O Serviço de Ordem recebe rações arianas."
[417] "Uma folha extra sobre a guerra com os soviéticos. Agora será necessário trabalhar durante o dia, e à noite talvez não nos deixarão dormir."

> Auf den Straßen werden Arbeiter gefaßt für die Arbeitsstätten, für die sich niemand meldet, weil man dort kein Essen gibt, sondern 2,80 Zl. Ich habe Kamlah ersucht, sie zu verpflegen. Vorläufig erfolglos. In Anbetracht der Unermeßlichkeit des Elends ist die Masse der Juden ruhig und besonnen. […] Man sagt, es gebe keine Inflation, aber eine Teuerung. Daß ein Arbeiter von 2,80 nicht leben kann, darauf geht man nicht ein.[418] (*ibidem*: 297-298)

A dificuldade em encontrar voluntários não se deve apenas ao salário injusto. Como ele próprio afirma, bastaria que se oferecesse comida como pagamento. A fome já assola a população judaica e Czerniaków se impressiona porque o povo aceita a miséria com tanta tranquilidade. Em 23 de dezembro, ele registra que sente que o perigo está se aproximando:

> Ich wies ihn darauf hin, daß im Getto Gerüchte über irgendwelche 8 Punkte für die Juden kursieren. Er fragte, welche? Ich entgegenete, daß ich mich bis auf einen – Eheschließungsverbot – nicht für die interessiert habe. Ich gewann den Eindruck, daß vielleicht doch irgend etwas im Anzug ist. Ich bemerkte, vielleicht sei es an der Zeit, die Einstellung gegenüber den Juden zu ändern.[419] (*ibidem*: 590)

Mesmo no caso de Czerniaków, que ocupa uma posição privilegiada, parte das informações representa na verdade boatos e permanece a impressão de que algo maior está para acontecer, mas não se sabe qual será o próximo golpe. A sensação de incerteza é generalizada entre os judeus.

Na segunda metade do livro – quando ocorre esse comentário –, alguns dos temas principais são a construção de um muro em volta do gueto e a doação obrigatória de peles para o exército alemão. O muro deveria evitar o contrabando, assunto que já havia sido comentado por Czerniaków com uma certa acidez: "Im 'Nowy Kurier Warszawski' ein Artikel über die Schieber. Und, o Wunder, kein Wort über die Juden. Sollte es etwa auch dort, wo keine Juden sind, Schieber geben?"[420] (*ibidem*: 89) E a construção causa transtornos:

> In der Chlodna-Str. werden die Mauern gebaut. Es gibt keine Zufahrt zur Elektoralna-Str. Und in der Zelazna-Str. ein Stau. Von Zeit zu Zeit läßt die Polizei Schwärme von Menschen passieren. Ich bemühe mich darum, daß für die Umzugszeit ein Stück der Mauer in der Elektoralna-Str. durchgestoßen wird, denn sonst können die Möbelwagen nicht hineinfahren.[421] (*ibidem*: 413)

[418] "Os trabalhadores são recolhidos na rua para as Oficinas de Trabalho, para as quais ninguém se apresenta porque lá não há comida, mas 2,80 zloty. Eu pedi a Kamlah para abastecê-los. Por enquanto, sem sucesso. Considerando-se a incomensurabilidade da miséria, a massa de judeus está tranquila e calma. [...] Dizem que não há inflação, mas um encarecimento. Que um trabalhador não pode viver de 2,80, nesse assunto ninguém toca."
[419] "Eu chamei a atenção dele para o fato de que no gueto correm boatos sobre 8 pontos para os judeus. Ele perguntou, quais? Eu repliquei que, fora um – proibição de casamento – eu não me interessei por nenhum. Eu tive a impressão de que algo se aproxima. Percebi que já está na hora de mudar o posicionamento diante dos judeus."
[420] "Em 'Nowy Kurier Warszawski', um artigo sobre os traficantes. E, oh que impressionante, nenhuma palavra sobre os judeus. Será que lá, onde não há judeus, também haveria traficantes?"
[421] "Os muros estão sendo construídos na rua Chlodna. Não há passagem para a rua Elektoralna. E há um congestionamento na rua Zelazna. De tempos em tempos, a polícia deixa um grupo de pessoas passarem. Eu me esforço para que um pedaço do muro na rua Elektoralna seja perfurado, pois, caso contrário, os carros com os móveis não poderão entrar."

As condições de vida estão piorando. A locomoção das pessoas fica limitada até mesmo dentro do gueto e o transporte de móveis tende a ser impossibilitado devido a medidas que se dizem contra o contrabando. O passo seguinte é a doação obrigatória de peles. Czerniaków observa que há discrepâncias entre as regras aplicadas a cada lugar e que há a possibilidade de que cada vez mais peças do vestiário tenham de ser "doadas":

> Ellenlange Schlange vor den 7 Pelzablieferungsstellen. Bis mittags um 12 wurden 8870 Quittungen ausgestellt. In Radom werden Obermaterial und Futter nicht abgegeben. Auch in Krakau nur die Pelze selbst. Darüber hinaus wurde die Ablieferungspflicht für neue, unbenutzte Wäsche, Schaft- und Zakopaner Stiefel bekanntgegeben. Juden wurde das Verlassen ihrer Wohnung verboten. In Lublin auch nur Pelze. Man sagt ein Ablieferungspflicht für Wollerzeugnisse voraus. Das Kontingent erstreckt sich auf jede Familie.[422] (*ibidem*: 648)

As informações oferecidas por Czerniaków têm um caráter mais preciso e factual, como as que são oferecidas por Danuta Czech, o que poderia justificar que ambos tenham sido escolhidos para serem os representantes da perseguição aos judeus. Uma razão para que Czech encerre os "dias" pode ser o fato de que os dados oferecidos por ela são mais precisos e verificados historicamente, enquanto Czerniaków a precederia atuando como uma figura de transição. Embora os dados apresentados por Czerników sejam mais focados nos fatos históricos e tenham um caráter menos íntimo, eles não são completamente impessoais, e dizem respeito à situação que ele próprio estava vivenciando. Czerniaków também se diferencia da historiadora por utilizar ironia em pontos esparsos, ou quando comenta as petições pelo absurdo que representam. Há dois casos desses. O de 24 de junho, no qual o absurdo consiste em, tendo-se certeza da morte, crer que morrer em casa é mais digno, mesmo que o dinheiro dos alimentos esteja sendo utilizado para pagar o aluguel: "Ein Petent bittet um eine Beihilfe zur Zahlung seiner Monatsmiete. Er fügt hinzu, er könne vor Hunger sterben, aber er wolle nicht auf der Straße sterben."[423] (*ibidem*: 89) E o outro de 26 de junho, quando uma mulher afirma que seu pai, morto, está sem ocupação.

O diário de Czerniaków é uma fonte importante para *Barbarossa '41*. Ele oferece informações diferenciadas sobre os acontecimentos, e também atua na estruturação dos

[422] "Filas enormes diante dos 7 locais de entrega de peles. Até o meio-dia, 8.870 recibos foram emitidos. Em Radom, tecidos externos e forragens de roupa não estão sendo entregues. Mesmo na Cracóvia só estão sendo entregues as próprias peles. Além disso, foi anunciada a obrigação de entrega de roupas, botas de cano longo e botas de Zakopane novas e não utilizadas. Foi proibido aos judeus que deixassem suas residências. Em Lublin, também apenas peles. Estão prevendo a obrigação de entrega de materiais de lã. O contingente se estende a todas as famílias."

[423] "Um peticionário pede ajuda para pagar seu aluguel mensal. Ele acresce que poderia morrer de fome, mas ele não quer morrer na rua."

"dias". Isso justifica que praticamente não tenham ocorrido exclusões em seu texto. Uma das poucas ocorre logo na primeira citação, no "dia" 21 de junho, que vem a ser um capítulo breve e introdutório. A citação completa[424] seria "In the morning at the Gestapo. Müller, whom I paid a visit with Szerynski, declared that Ganzwajch could live off the *Liegenschaften* [real estate]; he will no way be connected with the Community authority. The Order Service will receive the Aryan rations." (CZERNIAKÓW, 1999: 251) A frase central foi excluída. Considerando-se os outros "dias", nos quais praticamente não houve cortes, é de se presumir que a exclusão teve principalmente razões estéticas, para que o "dia" permanecesse breve e apenas com informações mais precisas. Além disso, o texto abreviado tornou-se mais lacônico.

As únicas outras exclusões dizem respeito aos dias 18, 19 e 20 de dezembro, nos quais Czerniaków anotou apenas "Current business", o dia 22 de dezembro, no qual ele menciona um carta que estaria em anexo, mas a mesma foi perdida, e uma tabela com o número de mortes e de novos casos de tifo nos meses de outubro, novembro e dezembro dos anos de 1938, 1940 e 1941, cuja exclusão pode ter sido ocasionada por se tratar de períodos que não estão representados pelo livro. Não posso deixar de notar que, nas citações de Czerniaków, foi detectado mais um descuido: no "dia" 30 de dezembro há reticências na citação, entretanto, não houve exclusões neste texto, pelo menos elas estão ausentes na versão americana do livro.

II.2.3. Considerações

A análise da seleção de citações feita pelo autor Walter Kempowski trouxe diversas conclusões sobre os procedimentos tomados para a montagem de *Barbarossa '41*. Os documentos tenderam a ser selecionados de acordo com a data na qual foram escritos, e alguns poucos com temática relevante foram inclusos em datas que não a de sua escritura. Apenas deslocamentos de mais de uma semana foram sinalizados pelo código estabelecido pelo autor – o nome da cidade de origem entre parênteses –, enquanto textos que não tenham sido deslocados em um período maior do que alguns poucos dias permaneceram sem identificação. Nem sempre a realocação das citações ocorreu devido ao fato de elas não fazerem parte da seleção de dias representados no livro. A apresentação estética do "dia", do ponto de vista de apresentação visual ou de conteúdo, também foi um fator relevante para algumas escolhas, como a preferência por textos breves e lacônicos no primeiro "dia" ou a realocação da citação de Rjabinkin de 24 de dezembro para o "dia" anterior, porque ela não tratava do Natal e

[424] Para as comparações, só tive acesso à tradução do diário para o inglês. Não foi possível encontrar a tradução para o alemão no arquivo de Kempowski.

poderia causar uma quebra na continuidade temática. Os documentos pertencentes ao arquivo de Kempowski, inclusive livros de tiragem limitada, sofreram uma quantidade maior de interferências do que citações de livros de grandes editoras protegidos por direitos autorais. A maioria das exclusões sofridas pelos textos do arquivo não foi sinalizada, o que também permitiu, além de algumas alterações no estilo, nem sempre de todo necessárias, que o autor omitisse trechos breves e aparentemente irrelevantes com maior frequência. As traduções do russo sofreram uma quantidade massiva de mudanças na redação, e podem ser identificadas como os textos mais modificados de todo o *corpus*, em especial porque não há nenhuma indicação de que as traduções tenham sido discutidas com o tradutor russo Anatoli Platitsyn.

Em *Barbarossa '41*, foram identificados muitos "descuidos": as citações de Hilde Wieschenberg que datam do ano de 1940, a provável razão para a exclusão de textos de Lindenbach que devem ter passado despercebidos em uma virada de páginas, uma frase de Türk que não foi copiada integralmente, reticências que foram esquecidas ou colocadas em lugar indevido. Que haja tais descuidos e que eles possam ser detectados está intimamente ligado ao fato de esta não se tratar de uma obra feita através de um processo puramente criativo. Os descuidos são decorrência da técnica de montagem, que comprova, mais uma vez, ser um processo similar à técnica de montagem industrial até porque não há meios para saber se as falhas foram causadas pelo trabalho do próprio autor ou por seu assistente na época.

No que diz respeito às exclusões, os seguinte critérios puderam ser levantados:

a. Relevância temática: Comentários e anotações que não pareciam ser relevantes foram, como esperado, excluídos. Parte deles tratava de acontecimentos passados, outros eram as saudações ou despedidas de cartas. Muitas vezes o que definiu a pouca relevância dos textos foi o tom mais descontraído – que não é a tônica do livro – ou uma repetição temática dentro dos textos de um mesmo autor, situação na qual apenas alguns excertos de maior impacto foram selecionados em detrimento de tantos outros. Cite-se como exemplo as reuniões de Moltke ou as lamentações de Dölker-Rehder sobre o filho. Mesmo que muitos desses trechos ainda tenham sido publicados, outros tantos foram excluídos.

b. Repetição de assuntos: Embora o livro apresente muitas variações de vivências semelhantes, a análise demonstra que assuntos repetidos tendem a ser excluídos. Um exemplo são os truques do pequeno Tolik, filho de Lidjia Ochapkina, para conseguir comer o alimento que se destinava a toda a família, os quais remetem às ações de Jura Rjabinkin. Ou a menção que Ochapkina faz a *Guerra e Paz*, livro que está sendo lido por Pjotr Samarin. A manutenção desses relatos poderia aumentar as possibilidades de diálogo entre os textos, mas também prolongaria ainda mais o livro, havendo o perigo de torná-lo cansativo devido à repetição. Em

alguns casos não é possível valorar qual texto teria maior impacto, como no caso do boato sobre as fontes envenenadas pelos russos, que já está presente em uma citação do livro e, por isso, foi omitido das anotações de Ernst-Günter Merten. Ambos são comentários breves sem maiores detalhamentos. Mas em casos como os anteriormente citados é evidente que esses temas são definidores das personagens Rjabinkin e Samarin, e podem ser deixados de lado ou amenizados sem causar grande impacto quando se trata dos acontecimentos ligados a Tolik[425] e Lidjia Ochapkina.

c. Caracterização de personagens: Como foi visto na análise de Grete Dölker-Rehder e Hermann Türk, parte das exclusões de seus relatos serviu para delimitar sua atuação no livro a um papel específico. As alegrias de Dölker-Rehder com seus outros filhos foram excluídas, tendo sido enfatizada sua função como a mãe do soldado desaparecido, e Türk, por sua vez, tem seu lado familiar apagado, destacando-se ainda mais seus traços militares. Por um lado, este critério está ligado à preocupação de evitar a repetição dos assuntos, pois parte dessas exclusões diz respeito a temáticas que facilmente podem ser encontradas em outros pontos do livro. Por outro, Kempowski afirmava que seu trabalho tinha como objetivo demonstrar a culpa dos alemães.[426] As exclusões feitas nos textos de Türk, Kreuter, Merten e até Klepper enfatizam sua atuação no meio militar e, em especial no caso de Merten, evitam o sentimento de empatia; o recorte feito ajuda a defini-los como "perpetradores", culpados pelo que aconteceu. Enquanto isso, os textos de Dölker-Rehder mesclam a dor da perda com entusiasmo pelo Nacional Socialismo; apesar de ela ser também uma vítima da guerra, dentro da constelação que se apresenta, pode-se encarar os fatos praticamente como "causa e consequência".

d. Frequência: Há uma preferência por apresentar as vozes em condições nas quais se tornem contínuas. Esse critério é o que explica as exclusões dos textos de Sperl e Klemperer na primeira metade do livro, na qual eles não tinham mais do que dois ou três "dias" a oferecer, sendo introduzidos apenas na segunda parte, quando têm condições de tornar-se uma presença constante. Isso pode auxiliar tanto na leitura horizontal do livro, na qual os textos de um mesmo autor encontram-se mais concentrados, como na vertical, na qual a recorrência auxilia o leitor a reconhecer a voz – em especial no caso de uma "desconhecida", como Sperl.

e. Desfechos: *Barbarossa '41* não oferece qualquer tipo de texto que dê a sensação de que uma história ou um ciclo se completa. Muitas vezes isso não é possível porque as

[425] Tolik ainda é uma criança. O seu desespero por comida e o momento no qual ele rouba o pão da irmã mais nova estão retratados em *Barbarossa '41*, mas a repetição desse tipo de atitude não é tão definidora quanto no caso de Rjabinkin que age premeditadamente e tem plena consciência de como seus atos influem na alimentação e no bem-estar de sua mãe e sua irmã.
[426] Vide MICHAELSEN, "Der Ärger muss raus".

"conclusões" das histórias pessoais apresentadas no livro ocorreram anos após o período representado, como é o caso das cartas que Hilde Wieschenberg recebe relatando a morte do marido, ou a carta de despedida e arrependimento de Helmut N. Outras vezes, o texto é intencionalmente excluído, como o retorno de Hermann Türk.[427] *Das Echolot* apresenta a guerra em movimento. No início de todos os "dias" há a notação no cabeçalho informando quantos dias se passaram e quantos a guerra ainda viria a durar, como uma lembrança de que nenhuma das histórias apresentadas ali começou naquele momento e de que também não estão próximas de terminar. O mais próximo de uma sensação de conclusão que se tem durante a leitura de *Barbarossa '41* é quando a morte se faz presente. Cito três casos específicos: A morte ronda todas as citações de Jura Rjabinkin e Pjotr Samarin, ela é uma presença constante através da fome que assola os narradores e dos cabeçalhos que informam que eles morreriam no iminente ano de 1942. Desses autores não se espera uma reviravolta, a morte se anuncia e se aproxima a passos largos. O leitor sabe que essas linhas são o prenúncio do fim. Uma sensação semelhante, mas de maior impacto, ocorre já no início do livro, no "dia" 22 de junho, com o texto do Suboficial Hans Schmitz, que é encerrado pelas seguintes palavras: "Um 15 Uhr haben wir den ersten Kampf mit Heckenschützen. Mein Bruder ist gerächt. / Leider sind liebe Kameraden gefallen. Ich habe riesiges Glück gehabt."[428] (KEMPOWSKI, 2002: 23) Nesse texto, chama a atenção o fato de que Schmitz morreu ainda no mesmo ano, o que pode levar o leitor a uma rápida consulta às minibiografias no final do livro. Schmitz morreu em 30 de junho de 1941,[429] menos de uma semana após ter escrito essas linhas. Não é improvável que esse tenha sido o último texto de Schmitz antes de uma morte abrupta. Um texto que celebra a vingança por um irmão provavelmente morto[430] e comemora a sorte por ter sobrevivido é o epitáfio (quase irônico) desse suboficial. E, por fim, o livro é concluído com o texto da leningradense Soja Reschetkina, que narra a morte sucessiva de seus familiares, o pai, o irmão e a mãe.

O único livro da série que apresenta essa ideia de "conclusão", até mesmo no nome, é o último, *Abgesang '45*. Ele é o encerramento de *Das Echolot* e narra o final da guerra. Esse término se faz presente através das fotos que apresentam o final que os mais altos políticos do

[427] A volta de Georg Kreuter para a Alemanha também foi excluída, mas ela não dá a mesma sensação de "conclusão" que as anotações de Türk. Ambos voltaram para fazer tratamentos em hospitais militares alemães, contudo, Türk enfatiza o encontro com a família e a volta para o lar, enquanto Kreuter escreve muito furtivamente sobre a família e deixa claro em seus textos que pretende voltar logo à batalha.
[428] "Às 15hs, tivemos nossa primeira batalha com franco-atiradores. Meu irmão está vingado. / Infelizmente, camaradas queridos caíram (em batalha). Eu tive uma sorte enorme."
[429] Essa é a única minibiografia que apresenta a data exata da morte do autor.
[430] Contudo, em uma guerra recém-iniciada faz pouco sentido que ele se vingue dos russos. Se o irmão caiu em batalha, ela foi travada contra outra nação.

Nazismo tiveram, as imagens deles mortos ou presos. Todavia, esse é um encerramento do momento político, da guerra instaurada pela Alemanha. As histórias pessoais dos civis não se concluem nesse momento histórico, eles ainda deverão passar pela reconstrução, pela RDA e muitos ainda iniciarão a fuga da região leste apenas após o final da guerra.

Durante a análise dos originais também foi verificado que escritos sobre os problemas de abastecimento na Alemanha foram excluídos. Estes foram encontrados nos textos originais de Moltke, Hassell e Dölker-Rehder. É provável que Kempowski tenha preferido omitir esses textos porque essas privações são mínimas em comparação com o que estaria por vir em Leningrado. Nessa decisão, devem ter sido levadas em consideração a falta de relevância do assunto, em vista da baixa gravidade em comparação com o que ocorreria em Leningrado, e a possibilidade de que a informação causasse algum tipo de empatia com os alemães. Também é importante notar que todos esses comentários, caso incluídos na obra, fariam parte da primeira metade do livro, antes que o cerco a Leningrado houvesse se estabelecido. A disparidade na situação do abastecimento durante o mês de dezembro fica a cargo do contraste entre a fome em Leningrado e as preocupações alemãs com a ceia de Natal.

A celebração do Natal é um tema constante nos textos alemães de dezembro. Na lembrança do Natal os soldados parecem procurar o conforto perdido na guerra. Eles rememoram as festas ao lado da família e o aconchego do lar, alguns até mesmo ocupam-se de pensamentos mais religiosos – sem que isso interfira na forma como eles agem contra o inimigo. Em dezembro, há uma diminuição na frequência com que os massacres de judeus são retratados, em especial devido à chegada do inverno intenso. Junto com a repetição constante da temática natalina poder-se-ia afirmar que a imagem apresentada dos alemães nesse momento é atenuada, contudo, o contraste com Leningrado mantém uma tensão constante. Enquanto os leningradenses comem seus animais de estimação, brigam com familiares por pedaços de pão e queimam seus móveis para se aquecer, os alemães ocupam-se das festividades, e até mesmo soldados da primeira frente de batalha – como Buff, que está entre os homens que garantem o cerco a Leningrado – recebem provisões extras para realizar a ceia. A lembrança constante do Natal pode ter um efeito de conforto para os soldados, mas não para o leitor. A certeza de que o pensamento cristão é completamente ausente quando os leningradenses estão em questão e a injustiça latente em relação à alimentação causam, pelo contrário, desconforto e uma certa perturbação.

Pela amostragem selecionada, verifica-se que nem sempre há uma grande diversidade de representantes para cada grupo, mas há determinados cuidados na escolha que garantem que a limitação do número de vozes não se transforme em uma limitação na apresentação da

guerra. No caso dos civis alemães, a escolha de mulheres de três gerações diferentes garantiu uma variedade nas perspectivas, enquanto, no caso da perseguição aos judeus, a seleção propiciou textos que relatavam os acontecimentos com um mínimo de distanciamento. Klemperer e Czerniaków estavam sendo diretamente afetados pelo rumo que a perseguição tomava, mas buscaram narrar os fatos enfatizando a maneira como atingiam todo o grupo. Apesar de haverem sido escritos durante a guerra, seus textos têm um forte caráter de testemunho. Klemperer fez a análise da linguagem que era empregada pela propaganda nazista, mas também usou a própria vivência e a de seus companheiros da "casa de judeus" para ilustrar como os acontecimentos afetavam a comunidade judaica. Czerniaków focou a narrativa de seu diário nas decisões tomadas sobre o gueto de Varsóvia e praticamente não incluiu sua própria vivência dos fatos no diário. Ao contrário de Klemperer, Czerniaków ocupava uma posição mais privilegiada na hierarquia de poderes do gueto e não poderia, tão facilmente, usar a própria história para ilustrar o cotidiano do gueto.

Durante a leitura de *Barbarossa '41*, até mesmo pela impossibilidade de identificar sempre quem são os autores de cada texto – a profusão de vozes permite que identifiquemos apenas alguns nomes, graças à temática repetida do texto, à simpatia por uma pessoa em especial ou à frequência com a qual ela aparece no livro, enquanto muitos outros acabam não sendo reconhecidos –, as diferentes pessoas e suas histórias acabam se misturando e formando uma imagem do que devem ter sido cada uma dessas personagens típicas na Segunda Guerra: o soldado, o familiar, o membro da resistência, o leningradense ou o judeu (para citar apenas os casos analisados).

Outra possibilidade de leitura é a que foi apontada no capítulo sobre gênero. Nesse caso, durante a leitura, as diversas vozes não se unem apenas formando coros que representam personagens típicas na Segunda Guerra, mas elas também são ouvidas individualmente e dialogam com outros relatos. Alguns desses diálogos podem ocorrer entre as escritas religiosas de Buff e Klepper, entre os comentários entusiastas sobre o Nacional Socialismo de Dölker-Rehder e Helmut N., entre as críticas ao regime nazista por Klemperer e Kuby (em especial quando Kuby procura retratar o que seria o típico alemão da época), ou, até mesmo, nas descobertas do mundo relatadas pelas jovens Sophie Scholl e Marianne Sperl. Estes são apenas alguns exemplos de conexões possíveis, as quais, contudo, vão depender de cada leitor, de seu conhecimento e entendimento do mundo, e da aproximação que se faz de cada citação, até mesmo porque muitos desses textos encontram-se consideravelmente distantes um do outro e é a memória que vai garantir que uma voz se mantenha presente e dialogue com outra que lhe seja afim. A lembrança do que foi lido, por sua vez, é influenciada pelo tipo de

recepção que se fez do texto, se ele foi tocante, ou se foi considerado especialmente bom ou ruim, diferenciando-se do restante. No possível diálogo entre essas vozes, Kempowski só influencia através dos recortes. O diálogo entre os textos não pode ser tão facilmente controlado, pois diz respeito a todo o livro e depende muito mais da memória e de outras características do leitor que não podem ser previstas. Mas um outro diálogo acontece sob uma influência maior do autor, aquele devido à estruturação de cada "dia", a ser analisado no próximo capítulo.

II.3. Orquestração – Análise dos "dias" 21 de junho e 7 de dezembro

Em *Das Echolot*, Kempowski procurou selecionar um grande grupo de relatos e testemunhos que representasse vários pontos de vista sobre a Segunda Guerra. O trabalho de Kempowski pode ser dividido em várias etapas. Primeiro, houve a aquisição de uma abrangente coleção de cartas, diários, testemunhos e fotos para o seu arquivo de biografias não publicadas. Em seguida, foi definido o formato no qual o material seria apresentado; em vez de um calendário,[431] optou-se por um livro. A relação entre a datação dos documentos e sua ordenação foi mantida, uma vez que o livro seria estruturado como um diário. Inicialmente toda a Segunda Guerra e alguns anos do pós-guerra seriam tratados, mas o trabalho não seria possível em tal dimensão, o que fez com que o autor se decidisse por períodos breves que dariam enfoque apenas aos momentos cruciais. O recorte temático e temporal foi decisivo para a seleção de fragmentos a serem apresentados, foi ele que definiu quais textos do arquivo seriam utilizados e quais outros ainda deveriam ser buscados. Encontradas as vozes, Kempowski escolheu os trechos que seriam publicados ou omitidos. Mas seu trabalho não terminou aqui. Ainda era necessário que essas diferentes vozes se apresentassem como uma unidade, o que Kempowski obteve através da estruturação, como ele mesmo afirmou em seu diário: "Das Amorphe sei durch Strukturierung konsumierbar zu machen".[432] (KEMPOWSKI, 2005: 142) Esse trabalho pode ser comparado a uma orquestração. Dentro da obra de Kempowski, as vozes encontram uma cadência que as torna parte de um grupo maior. As consonâncias e os antagonismos dentro dessa toada servem para reforçar cada um dos sentimentos e relatos singulares, concedendo às vozes um contorno novo que pode tanto possibilitar a releitura de alguns textos, quanto chamar a atenção para tantas outras vozes perdidas até então.

Muitas das histórias narradas em *Das Echolot* assemelham-se. Nele é apresentado um grande grupo de pessoas que foram carregadas por um mesmo destino, embora na grande maioria dos casos nunca tenham se encontrado. Quando um conhecido de Kempowski afirmou que essas semelhanças seriam "repetições", o autor reagiu da seguinte maneira:

> Das erste, was Ebel sagte: "Viele Wiederholungen?" / Wiederholungen? Keine einzige. Eine Wiederholung im musikalischen Sinne :|| gibt's nicht im 'Echolot'. Wer hier Wiederholungen findet, dem fehlt das rechte Organ für die so wichtigen Abweichungen, die erst Wirklichkeit erfaßbar machen. / Variationen gibt es. So wie der Schütze erst rechts vorbei, dann links vor-

[431] Vide *II.1.1.Fase pré-redacional*.
[432] "O amorfo deve ser tornado em consumível através da estruturação."

> bei und dann trifft. Das Treffen ergibt sich von selber. Das "Eingabeln", wie die Artilleristen sagen.[433] (*ibidem:* 346)

Não é apenas a sensibilidade do leitor que tem um papel importante na maneira como essas variações são lidas, já que o encadeamento proporcionado pelo "maestro" Kempowski também influi na recepção dos textos. Parte das similaridades é omitida para que o texto não fique maçante, e algumas das que foram mantidas são encadeadas como uma narrativa linear, enquanto muitas outras são apresentadas com uma certa distância uma da outra, para que os textos não tenham um efeito de repetição, mas ecoem nas lembranças do leitor para que ele vá relacionando os fragmentos. Durante a leitura, as narrativas se encadeiam e formam uma unidade maior, uma música, como o próprio autor descreve (cf. KEMPOWSKI, 2005: 279).

Para analisar como essa orquestração foi executada dois "dias" exemplares foram escolhidos: 21 de junho e 7 de dezembro. Cada um deles abre uma das metades do livro. Ambos têm a função de preparar o leitor para o tipo de assunto e atmosfera que será predominante nos "dias" que se seguirão. Enquanto 21 de junho é a véspera do ataque à URSS, 7 de dezembro é o própria data do ataque a Pearl Harbor. Contudo, os dois se apresentam como espécie de "prévia". A URSS só seria invadida em 22 de junho, mas alguns alemães estavam se preparando para a ação, e uma atmosfera mais pesada pairava sobre o dia 21 de junho. Já 7 de dezembro é o dia do bombardeamento a Pearl Harbor, mas, devido ao fuso horário, a notícia só chegaria à Europa à noite, e poucos comentários foram tecidos ainda no mesmo dia. Assim, o primeiro "dia" do segundo bloco atém-se às primeiras impressões do inverno e do Natal, enquanto os comentários massivos sobre Pearl Harbor só ocorreriam em 8 de dezembro.

Um dos "dias" mais importantes do livro é o 22 de junho. Ele é o mais longo e contém quase que apenas comentários relativos ao ataque à URSS. Porém, a análise da orquestração das vozes poderia ser menos profícua. Em "dias" como 22 de junho ou 24 de dezembro, há uma certa garantia de unidade temática e o acúmulo de fragmentos que tratam do mesmo assunto pode nublar as intenções contidas na ordenação dos textos. Por isso, foram selecionados "dias" de importância histórica, mas que funcionam apenas como prenúncio, o que garante uma certa diversidade.

II.3.1. 21 de junho

[433] "A primeira coisa primeiro que Ebel disse: 'Muitas repetições?' / Repetições? Nem sequer uma. Não há uma repetição no sentido musical :|| [símbolo musical para repetição] em 'Echolot'. A sensibilidade para as tão importantes variações através das quais a realidade se faz primeiramente compreensível falta àquele que encontrar repetições aqui. / O que há são variações. Assim como o atirador primeiramente erra pela direita, depois erra pela esquerda e então acerta. O acerto ocorre por si só. 'Emoldurar', como dizem os artilheiros."

21 de junho é o primeiro "dia" de *Barbarossa '41* e serve como uma espécie de introdução tanto ao livro, quanto à guerra. Ele é um dos capítulos mais breves e não contém nenhum texto demasiadamente longo. A estruturação que pode ser identificada na maior parte dos "dias" ocorre aqui pela primeira vez, começando com os intelectuais e pessoas fora das zonas de conflito, seguidos pelo grupo de vozes que representa o ataque – o qual começa com os textos de civis e termina com textos do *front* –, e sendo concluída pelos relatos que representam o Holocausto.

Embora Kempowski tenha pouca influência na seleção dos textos bíblicos que abrem os "dias", uma vez que eles foram retirados de um calendário, o fragmento de 21 de junho tem um forte efeito sobre a leitura do livro: "Die brüderliche Liebe untereinander sei herzlich. Einer komme dem andern mit Ehrerbietung zuvor. Seid nicht träge in dem, was ihr tun sollt. Seid brünstig im Geiste. Schicket euch in die Zeit".[434] (KEMPOWSKI, 2002: 9) Primeiramente, é mencionado o amor ao próximo, preceito que será constantemente ferido nas ações narradas no livro. Em seguida há o apelo para que se cumpra o dever, todavia, nesse momento histórico, muitos homens consideravam apenas o seu dever para com o Estado, e ao cumprir esse "dever" fervorosamente muitos alemães passaram por cima da moral e da ética e não tiveram qualquer tipo de consideração pelos outros. Em uma escala de valores, o "dever" ficou muito à frente de qualquer outro, e os citados amor e reverência foram esquecidos. A constelação que se formou era desarmoniosa, pois, enquanto uns mantiveram-se dignos, outros cometeram crimes brutais crendo estar apenas cumprindo um "dever". Um destino com uma grande dose de sofrimento foi compartilhado por culpados e vítimas. Desde o início, o leitor sabe como essa história termina, ela já foi traçada e trilhada. E àqueles que estão apresentados no livro resta apenas aceitar seus destinos.

Após o fragmento bíblico, o "diário coletivo" prossegue com um comentário de André Gide sobre o lindo dia de verão de 21 de junho.[435]

> Die kürzeste Nacht des Jahres. Diese letzten vier Tage waren schöner, als man sagen kann: schöner, als ich es ertragen konnte. Eine Art Aufruf zum Glück, bei dem die ganze Natur sich zu einer wunderbaren Verzückung verschwor und einen Gipfel der Liebe und Freude erreichte, wo dem Menschenwesen nur noch der Tod zu wünschen bleibt. In einer solchen Nacht möchte man die Blumen küssen, die Rinde der Bäume streicheln; irgendeinen jungen glühenden Körper umarmen oder bis zur Morgendämmerung auf der Suche nach ihm umherstreifen.

[434] "Amai-vos uns aos outros com amor fraternal. Antecipai-vos ao outro com reverência. Não relaxeis naquilo que deveis fazer. Sede fervorosos em espírito. Aceitai vosso destino."

[435] Apesar de a informação sobre a localidade onde o fragmento foi escrito estar entre parênteses, o que deveria ser a indicação de que o texto não foi escrito na data citada, isso foi mais um dos descuidos do livro. A leitura do diário original confirma que o texto foi, de fato, escrito em 21 de junho de 1941.

> Allein schlafenzugehen, wozu ich mich gleichwohl entschließen muß, erscheint gottlos.[436] (*ibidem*: 9)

O "dia" 21 de junho é iniciado por um dos textos mais belos do livro, no qual não há qualquer sombra de preocupação com a situação atual da Europa ou ponderações sobre problemas que estejam por vir. É um texto sobre a alegria e o amor que resultam das condições climáticas do verão. Em um dia como esse, o autor sente-se em consonância com a natureza e gostaria de poder dar vazão a esse sentimento através de uma comunhão amorosa com a natureza e com outro corpo humano. Os textos de Gide tendem a fazer poucas menções aos acontecimentos políticos da época, mas essas observações não são completamente ausentes. No texto publicado no "dia" 5 de julho, Gide escreve sobre a decepção que tem sentido em relação à França nos últimos meses, porque considera que as virtudes desapareceram de sua nação. Gide não é completamente neutro no que diz respeito à guerra, mas ele escreve um diário literário, no qual a tônica permanece sendo poética. A tranquilidade e a harmonia logo serão destruídas, mas elas ecoam a cada menção que outros fazem sobre o bom tempo, como será observado adiante.

O próximo fragmento foi retirado dos cadernos de Paul Valéry. Ele não comenta sequer a guerra ou o momento atual, trata-se de uma crítica ao trabalho de historiadores e pode oferecer pistas de como Kempowski deseja que sua obra seja lida.

> Die Physiker lassen, was man gestern *wußte*, nicht in Ruhe und fügen hinzu oder verbinden damit, was sie heute morgen *gesehen* haben. Die Historiker machen nicht so viele Umstände – und während jene damit ringen, Prinzipien, Definitionen, Geometrie und… Verstehen umzuformen, scheren sich diese darum wenig. Sie liefern die Erzählung, und eine Erzählung absorbiert alles – es ist die Form des Formlosen – und die Verfälschung der Beobachtungen, die sie mit sich bringt oder erzwingt, ist unmerklich. Sie können sich nicht vorstellen, daß die Neuheit (die nicht nur Neuheit der Ereignisse ist – sondern ebensosehr Neuheit der Modi ihrer Aufzeichnung) einen anderen "historischen" Geist verlangen könnte, andere Ausdrücke – andere Vorsichtsmaßnahmen.[437] (*ibidem*: 9; itálicos do original)

O texto de Paul Valéry faz uma crítica à historiografia semelhante à que é feita por Hayden White. Ambos creem que a narrativa construída por historiadores falsifica os fatos.

[436] "A noite mais curta do ano. Os últimos quatro dias foram mais belos do que se pode dizer: mais belos do que eu podia suportar. Uma espécie de apelo à felicidade, no qual toda a natureza conspirou em um maravilhoso êxtase e alcançou um pico de amor e alegria, onde o ser humano só pode desejar a morte. Em uma noite como essa, gostar-se-ia de beijar as flores, acariciar a casca das árvores; abraçar algum corpo jovem em brasas ou passar toda a alvorada procurando por ele. Ir dormir sozinho, ao que eu todavia me decido, parece algo ímpio."

[437] "Os físicos não deixam em paz o que se *sabia* ontem e acrescentam ou unem a isso o que *viram* hoje de manhã. Os historiadores não fazem tantas circunstâncias – e enquanto os primeiros lutam para transformar princípios, definições, geometria e ... compreensão, estes preocupam-se pouco com isso. Eles fornecem a narrativa, e uma narrativa absorve tudo – é a forma do amorfo – e a falsificação das observações que ela traz consigo, ou à qual ela obriga, é imperceptível. Eles não podem imaginar que a novidade (que não é apenas uma novidade dos acontecimentos – mas também uma novidade no modo de registro) poderia exigir um outro espírito 'histórico', outras expressões – outras medidas de precaução."

Valéry afirma até mesmo que os historiadores não aceitam novidades. Kempowski, como os historiadores comentados por Valéry, procura dar forma a uma matéria amorfa, mas ele não se utiliza da narratividade para obter o resultado desejado. O autor faz uso apenas da estruturação. Os acontecimentos são apresentados de forma mais solta, e assim não há a necessidade da desconstrução das relações de sentido que costumam ser formadas pelos historiadores. Contudo, a "criação de sentido" que os pós-modernos atribuem aos historiadores não é completamente evitada, mas ela ocorre de forma mais maleável, podendo variar de leitor para leitor. Além disso, cada um dos fragmentos apresentados no livro é uma mininarrativa que também não deve ser aceita como verdade absoluta. No artigo "Paul Valéry in Walter Kempowskis *Echolot*", Moritz Baßler analisa as citações do autor francês em *Echolot '43*, e apresenta o seguinte fragmento:

> Die Memoiren aus dieser Zeit, die ich gekannt habe und die von Dingen und von Leuten handeln, die ich gekannt habe […] sind im allgemeinen derart falsch, bisweilen geradezu phantastisch, dass ich mich durch jede dieser Lektüren bestärkt fühle in meiner Geringschätzung der Geschichte.[438] (*apud* BASSLER, 2010: 24)

Dessa citação, Baßler conclui que a crítica exercida não apenas por Valéry, mas também por Kempowski, não se limita à historiografia, mas se estende a lembranças particulares:

> Kempowski übt keine Quellenkritik – es geht nirgends darum, ob, was hier geschrieben steht, wahr oder falsch ist, es werden keine Authentizitätsdebatten geführt. Die Wahrheit besteht allein darin, *dass* es geschrieben steht, sie ist ein schriftabhängiger Wert, und die Überprüfung findet im Vergleich mit den anderen Stimmen statt. Und keinesfalls soll hier Privaterinnerungen der Vorzug vor öffentlicher Geschichte gegeben werden.[439] (*ibidem*: 23-24; itálico do original)

Embora o supracitado texto de Paul Valéry não faça parte de *Barbarossa '41*, a observação vale para esse livro e o procedimento de Kempowski em geral: o questionamento sobre a veracidade dos textos é mantido através da contradição latente entre alguns textos de 21 de junho e de outros "dias".

As citações dos intelectuais, representados por André Gide e Paul Valéry, são encerradas simbolicamente por um asterisco. O próximo texto é de Grete Dölker-Rehder:

---

[438] "As memórias dessa época que eu conheci e que tratam de coisas e pessoas que eu conheci […] são, de forma geral, falsas de tal maneira, às vezes, literalmente fantásticas que, através de cada uma dessas leituras, eu me sinto fortalecido na minha baixa estima pela História."

[439] "Kempowski não exerce crítica de fontes – em nenhum lugar se trata da questão se o que foi escrito aqui é verdadeiro ou falso, nenhum debate sobre autenticidade é conduzido. A verdade consiste somente no fato de *que* está escrito, ela é um valor dependente da escrita, e a verificação ocorre na comparação com as outras vozes. E, de forma alguma, a lembrança privada deve ser preterida em favor da História pública."

> Sonnenwende. Aber wir sind so verstrickt in Menschendinge und aus dem Zusammenhang mit der Natur geraten, daß man der Sonnenwende kaum gedenkt. / Gestern hab ich ein Gedicht gemacht, "An den Vermißten". Ich bin über mich selbst erschrocken. Wie kann man darüber ein Gedicht machen? Ich weiß es auch nicht, es floß aus mir, wie die Tränen fließen.[440] (KEMPOWSKI, 2002: 10)

Essa citação introduz o leitor ao ânimo dos civis alemães naquela época e a uma das personagens mais presentes no decorrer do livro. O comentário que ela faz sobre a importância do solstício é, como foi observado na análise de seus textos, de fundo esotérico, mas o solstício também marca a virada para o verão, comentado por Gide. A maior parte das pessoas nas próximas páginas estará tão envolvida com a guerra que pouco desfrutará do verão, em especial, muito pouco dessa energia positiva sobre a qual Gide escreve. O bom tempo será utilizado para o avanço da guerra. Note-se que no uso empolado do verbo "gedenken" com o genitivo é criado um contraste estilístico com os textos muito bem escritos dos dois autores precedentes, e a ambição literária mal lograda e o *páthos* forçado da escritora alemã são evidenciados.

A seguir, Dölker-Rehder escreve sobre seu poema dedicado ao soldado desaparecido. O leitor ainda não sabe que o filho de Dölker-Rehder, Sigfrid, desapareceu no naufrágio do Bismarck, mas essas linhas já têm a função de demonstrar que, embora o ataque contra a URSS ainda não tenha sido iniciado, os alemães já estão em guerra desde 1939 e algumas marcas já foram deixadas mesmo sobre a população civil.

Nessa escalada de angústias e preocupações, chega o texto de Moltke anunciando mudanças e grandes preocupações: "Ich komme mir vor, als sei heute der 31. Dezember; es ist also, als begänne morgen ein neues Jahr. Morgen wird alles anders aussehen und viele Dinge werden uns bestürmen, gegen die wir uns wappnen müssen".[441] (*ibidem*: 10) A guerra vai sendo introduzida paulatinamente, o que pode gerar uma certa sensação de ansiedade. Moltke não é claro em seu texto, e, apesar de o leitor saber do que se trata, as afirmações vagas mantêm um certo ar de suspense.

Em seguida, está o texto escrito na Romênia por Jochen Klepper. Ele também comenta as condições meteorológicas do dia, e afirma "Es wird ein schöner, schöner Tag".[442] (*ibidem*: 10) Nessa frase ressoa mais uma vez o texto de Gide, mas o leitor sabe que Klepper está em campanha, ele não tem condições de aproveitar tão bem do tempo que se oferece, pois deve

[440] "Solstício. Mas estamos tão envolvidos nas coisas humanas e tão distanciados do contexto da natureza, que mal se recorda do solstício. / Ontem, escrevi uma poesia, 'Ao desaparecido'. Estou chocada comigo mesma. Como posso fazer uma poesia sobre isso? Também não sei, fluiu de mim, como as lágrimas fluem."
[441] "Para mim é como se hoje fosse dia 31 de dezembro; é como se amanhã começasse um novo ano. Amanhã tudo vai parecer diferente e muitas coisas vão nos importunar, contra as quais temos que nos armar."
[442] "Será um belo, belo dia."

dormir e banhar-se em condições que não são das mais favoráveis: "Ödes Dorf, aber an einem – wenn auch verschilften und sumpfigen – See und Graben, in denen man zur Not baden kann. [...] Wir kampieren im Autobus".[443] (*ibidem*: 10) Nesse contexto a ênfase da repetição "belo, belo" confere um ar bem melancólico ao trecho. Se o autor francês, devido à sua idade, não pode "aproveitar" da beleza da natureza, mas ainda sabe perceber e descrevê-la de forma extática, o autor alemão está consciente de que as circunstâncias (que abrangem coisas mais sérias que o lago pantanoso) não lhe permitem nem sequer uma observação mais poética que o lamentoso "belo, belo".

Finalmente, a confirmação dos preparativos para a invasão da URSS ocorre por uma sequência de três textos, escritos pelo Tenente Médico Dr. Hermann Türk, pelo Tenente Heinz Döll e por Ernst-Günter Merten.

Türk está em uma das primeiras frentes de combate às margens do rio Bug e inicia seu relato com a seguinte afirmação "Die Spannung wächst auf den Höhepunkt"[444] (*ibidem*: 10). A tensão é sentida pelos militares que aguardam o início da guerra, mas também pelo leitor que aguarda os textos que retratam essa ação. É de Türk a primeira citação explícita sobre o ataque à URSS: "Der Wald hier wimmelt von Panzern, Artillerie und Pferden. […] / Abends kommt der I B der Division. Um 3.15 Uhr soll der erste Schuß fallen. Brest-Litowsk soll mit Brandöl, mit 330.000 kg beschossen werden. Da können unsere Nebelwerfer ihren ersten Einsatz zeigen"[445] (*ibidem*: 10). A tensão cresce com o texto de Döll, quando soldados russos encontram equipamentos alemães que estavam sendo utilizados em uma missão de reconhecimento do Bug:

> Das jedoch wollte ich lieber mit äußerster Vorsicht bewerkstelligen. Ich holte mir einige Kanoniere vom 2 cm-Flakzug, vor allem den Entfernungsmesser samt Gerät. Wir verkleideten uns mit Strohhüten, Bauernkitteln und Heugabeln. Dann durchstreiften wir die Wiesen am Bug, dem Grenzfluß zwischen Deutschland und Rußland. Es war zunächst die Frage zu klären, ob das schwere Geschütz an das Ufer bugsiert werden konnte für einen eventuell vorgesehenen Fährübergang. Außerdem haben wir die Entfernung gemessen zu einem Bunker auf russischer Seite, der mir als mögliches Ziel angegeben worden war. / Aber so unauffällig wie wir wollten, gelang die Vermessung nicht. Aus einem Gebüsch drüben trat plötzlich eine russische Patrouille mit drei Soldaten in das hohe Gras und ging zum Bug-Ufer, als sie plötzlich stutzten. In ihren Gesichtern konnten wir ihre Überraschung ablesen. Sie hatten unser Entfernungsmeßgerät von der Seite entdeckt, als wir hinter einem Gebüsch Messungen durchführten und nur nach vorne getarnt waren. Mit Gesten der Überraschung machten die Russen

[443] "Vilarejo monótono, mas junto a um lago – mesmo que cheio de juncos e pantanoso – e canal, nos quais se pode tomar um banho, no pior dos casos. […] Nós acampamos no ônibus."
[444] "A tensão chega a seu ponto máximo."
[445] "A floresta aqui está fervilhando de tanques, artilharia e cavalos. [...] / À noite, chega o 1º Batalhão da Divisão. Às 3:15, deve ser dado o primeiro tiro. Brest deve ser atingida com óleo incendiário, com 330.000 kg. Então nossos lança-foguetes múltiplos poderão mostrar-se em ação pela primeira vez."

> kehrt und entschwanden schnell unseren Blicken hinter Buschwerk und Bäumen. (da war wohl drüben eine Meldung fällig).[446] (*ibidem*: 11)

O confronto começa a se desenhar. Há uma grande tensão quando os russos encontram o equipamento alemão, pois não se sabe qual seria a reação desses soldados. Um embate ainda não acontece, até mesmo porque os soldados russos estão despreparados e não sabem o que mais pode estar à espreita. Todavia, aqui já se nota que as tropas não podem ter passado completamente despercebidas durante todo o período de preparo que antecedeu a invasão.

No próximo texto, Merten, que até então não estava ciente dos planos alemães, declara "Wir stehn zum Marsch gegen Rußland".[447] (*ibidem*: 11) No dia, ele havia saído para buscar abastecimentos para a tropa de rádio e é surpreendido pela grande movimentação com os acampamentos sendo desfeitos e tudo sendo preparado para a marcha.

Os fragmentos dos perpetradores alemães não foram dispostos de acordo com a proximidade do conflito ou com o nível de consciência que o autor tinha do que estava sendo preparado, se assim fosse, os textos que se referem às ações à margem do rio Bug não precederiam o relato de Merten, que escreve na Galícia. O que há é um movimento crescente no que se refere à ação. Klepper não tem consciência do que está prestes a acontecer e apenas comenta o vilarejo no qual ele acaba de se instalar. Em seguida, Türk dá detalhes sobre quais serão os procedimentos da invasão, mas ainda não tem nenhuma participação – o que até mesmo o decepciona, como é percebido quando ele lamenta que a comitiva que está partindo naquela noite não seja a sua. Já Döll ocupa-se das medições no Bug e o encontro acidental com os russos o coloca em uma situação complicada. Por fim, Merten tem menos informações do que os anteriores, mas em seu relato já há a ação. As barracas estão sendo desmontadas, a marcha começa.

Os relatos russos são iniciados por pessoas do alto comando: o Chefe do Serviço Secreto Soviético Lavrentiy Beria e o General Gueorgui Jukov. Em uma carta endereçada a

[446] "Mas eu preferia executar essa tarefa com extremada cautela. Busquei alguns canhoneiros da comitiva de canhão antiaéreo de 2 cm, particularmente o medidor de distância junto com a aparelhagem. Nós nos disfarçamos com chapéus de palha, macacão de fazendeiro e ancinho. Fizemos o reconhecimento dos campos às margens do Bug, o rio que faz a fronteira entre a Alemanha e a Rússia. O próximo passo era esclarecer a questão de se a artilharia pesada poderia ser rebocada até a margem para uma travessia de balsa eventualmente prevista. Além disso, medimos a distância até um bunker do lado russo, que me havia sido apontado como um possível alvo. / Mas a medição não foi tão discreta como desejávamos. De repente, da outra margem, uma patrulha russa com três soldados saiu da moita para o mato e se direcionou à margem do Bug quando eles pararam perplexos. Podíamos ver a surpresa em seus rostos. Eles haviam encontrado nosso equipamento de medição do lado, enquanto nós realizávamos medições atrás de uma moita e estávamos camuflados apenas à frente. Com gestos de surpresa, os russos fizeram viravolta e desapareceram rapidamente de nossas vistas atrás de arbustos e árvores. (Certamente, ali do outro lado tiveram que fazer um comunicado sobre isso.)"

[447] "Começamos a marcha contra a Rússia."

Stalin, Beria confirma que o serviço secreto recebeu uma quantidade considerável de informações sobre as ações do exército alemão:

> In der letzten Zeit lassen sich viele Mitarbeiter von gemeinen Provokationen beeinflussen und geraten in Panikstimmung. Die geheimen Mitarbeiter […] müssen wegen der systematischen Desinformation als Handlager der internationalen Provokateure, die uns gegen Deutschland aufhetzen wollen, zu Lagerstaub zerrieben werden. […] Der Leiter der Aufklärungshauptverwaltung beschwert sich über seinen Oberstleutnant Nowobranetz, der auch die Lüge verbreitet, daß Hitler an unserer Westgrenze 170 Divisionen gegen uns aufmarschieren lassen habe. […] aber ich und die mir unterstellten Mitarbeiter, Jossif Wissarionowitsch, denken immer an die weise Vorhersage, nach der Hitler uns im Jahre 1941 nicht überfallen wird.[448] (*ibidem*: 12) [reticências do original]

A carta expressa uma grande injustiça. Nela misturam-se estupidez e violência. Citando nomes, Beria deseja que aqueles que trazem as más novas sejam "triturados até virarem pó", metáfora que não pode ser compreendida apenas como um mero desabafo. Em nenhum momento a possibilidade de verificar os fatos é mencionada, uma vez que estes contradizem as avaliações do próprio líder. Beria prefere acreditar nas "previsões" de seu chefe e agir com brutalidade contra aqueles que lhe pareçam incômodos, mesmo que sejam pessoas que também trabalham a favor da União Soviética. A citação expõe a mistura de bajulação e cinismo que caracteriza a pessoa responsável pela segunda fase do terror stalinista.

Na citação de Jukov, é descrito como ele recebeu a informação de que um segundo sargento havia desertado e informado os russos de que as tropas alemãs estavam se pondo em posição para o ataque. Após ser informado, Stalin convocou uma reunião no *Kremlin*:

> Der Volkskommissar, Generalleutnant Watutin und ich fuhren mit dem Entwurf einer Direktive an die Truppen in den Kreml. Unterwegs verabredeten wir, um jeden Preis den Beschluß durchzusetzen, die Truppen in Gefechtsbereitschaft zu versetzen. / Stalin empfing uns allein. Er war sichtlich besorgt. / "Ob uns die deutschen Generale diesen Überläufer nicht untergeschoben haben, um einen Konflikt zu provozieren?" fragte er. / "Nein", antwortet Timoschenko. "Wir meinen, daß der Überläufer die Wahrheit ist sagt." […] / "Was werden wir tun?" fragte Stalin. / Niemand antwortete. / "Man muß unverzüglich die Direktive erteilen alle Truppen der Grenzmilitärbezirke in höchste Gefechtsbereitschaft zu versetzen", sagte Timoschenko. / "Lesen Sie", erwiderte Stalin. / Ich las unseren Entwurf vor. Stalin bemerkt: "Eine solche Weisung ist jetzt verfrüht, vielleicht läßt sich die Sache noch friedlich regeln. Wir müssen eine kurze Weisung erteilen, die besagt, daß ein Angriff mit provokatorischen Handlungen deutscher Truppenteile beginnen kann. Die Truppen der Grenzmilitärbezirke

[448] "Nos últimos tempos, muitos colegas têm se deixado influenciar por provocações maldosas e entram em pânico. Devido à desinformação sistemática, os informantes secretos [...] devem ser triturados até virarem pó dos campos [do Gulag] como cúmplices dos provocadores internacionais, que nos querem incitar contra a Alemanha. [...] O diretor da administração central de espionagem queixa-se de seu Tenente-Coronel Novobranets, que também espalha a mentira de que Hitler teria ordenado que 170 divisões marchassem contra nós em nossas fronteiras ao leste. [...] Mas eu e os colegas a mim subordinados, Ióssif Vissariónovitch, consideramos sempre a sábia previsão segundo a qual Hitler não irá nos atacar no ano de 1941."

> dürfen sich nicht provozieren lassen, um keine Komplikationen hervorzurufen." […] / Timoschenko und ich verließen Stalin mit gemischten Gefühlen.[449] (*ibidem*: 12-13)

Esse relato registra a recusa em aceitar que a Alemanha estivesse se preparando para invadir a Rússia. A carta de Beria indica que Stalin já deveria haver recebido mais de um aviso sobre os avanços da Alemanha, mas preferia acreditar que, não respondendo às incitações, ele conseguiria evitar a guerra. Entretanto, ele se abstém até mesmo de uma ação preventiva. Durante essa conversa não foi questionado se Hitler desejava a guerra, mas se algum movimento em falso não permitiria que ele tomasse a iniciativa. Toda essa cautela, porém, foi em vão. O ataque alemão seria, de qualquer forma, justificado com mentiras, como o ataque à Polônia fora anteriormente.

A seguir são apresentados dois testemunhos de militares soviéticos. O Primeiro Tenente Iwan Kowaljow, que, na data, estava às margens do rio Prut, comenta a falta de informação do exército russo sobre a guerra que se aproximava. Ele afirma que apenas a mais alta liderança político-militar fazia ideia dos preparativos alemães e que "Unsere Armee und unser Volk hatten ein grenzenloses Vertrauen zur 'Genialität' Stalins und ließen sich noch eine Woche vor dem Kriegsausbruch von einer TASS-Erklärung einwickeln, nach der Deutschland unter keinen Umständen den Nichtsangriffspakt verletzen und unser Land angreifen würde".[450] (*ibidem*: 13) Muitos dos homens estavam de férias no momento do ataque, o que demonstrava o completo despreparo das Forças Armadas. Em seu testemunho, Kowaljow lamenta as inúmeras mortes e culpa seus governantes pela irresponsabilidade de não haverem informado o exército sobre o que estava prestes a ocorrer.

> Das Versagen Moskaus liegt auf der Hand. Es war die Schuld der politischen Führung, daß ein nicht abzuwehrender, schrecklicher und überraschender Schlag die Rote Armee traf, mit allen Folgen. Sogar heute ist niemand von den unmittelbar Schuldigen dieses Verbrechens verurteilt oder verwünscht worden. Der Krieg stand ja gut zwei Jahre an der Schwelle unseres Hauses, und keiner der Führer war beunruhigt: mit wieviel Menschenleben werden wir unsere

[449] "O Comissário do Povo, Tenente-General Vatutin, e eu fomos ao Kremlin com o esboço de uma diretiva às tropas. No caminho, fizemos um acordo de conseguir a qualquer custo a decisão de pôr as tropas em estado de alerta. / Stalin recebeu-nos a sós. Ele estava visivelmente preocupado. / 'Será que os generais alemães não nos enviaram esse desertor para criar um conflito?', perguntou ele. / 'Não', respondeu Timoshenko. 'Nós achamos que o desertor diz a verdade.' / Enquanto isso, os membros do Politburo entraram na sala de Stalin. Stalin informou-lhes brevemente sobre o problema. / 'O que vamos fazer?', perguntou Stalin. / Ninguém respondeu. / 'Devemos ordenar imediatamente que coloquem todas as tropas dos distritos militares de fronteira na mais alta prontidão para batalha', disse Timoshenko. / 'Leia!' retrucou Stalin. / Eu li nosso esboço. Stalin observou: 'Uma diretriz como esta é precipitada agora, talvez a coisa ainda se resolva pacificamente. Nós temos que divulgar uma breve diretriz que afirma que um ataque com ações provocativas das tropas alemãs pode começar. As tropas dos distritos militares de fronteira não devem se deixar provocar para não causar complicações.' [...] / Timoshenko e eu deixamos Stalin com sentimentos mistos."

[450] "Nosso exército e nosso povo tinham uma confiança sem limites na 'genialidade' de Stalin e se deixaram enganar por uma declaração da TASS [agência de notícias soviética], segundo a qual a Alemanha não quebraria o pacto de não agressão e não atacaria nosso país sob quaisquer circunstâncias."

> Nachlässigkeit bezahlen müssen. Ich schäme mich auch heute für unsere Staatsmänner mit dem "Führer aller Völker" an der Spitze.[451] (*ibidem*: 15)

Segundo Kowaljow, o Nacional Socialismo não foi o único culpado por tantas mortes e destruição. A estupidez de pessoas como Beria e Stalin também teria sido responsável, por eles não haverem preparado seu exército e protegido seu povo como eles supostamente deveriam ter feito. Este fragmento vem como uma confirmação de um sentimento negativo que começa a se esboçar durante a leitura das citações de Beria e Jukov. Como Kowaljow afirma, Stalin e outros, como Beria, são culpados pelas mortes de tantos inocentes, por não terem se precavido antes que fosse tarde demais.

Mas nem todos os textos entram em consonância. Do ponto de vista do Oficial de Finanças Feodossij Awdejewskij, a guerra pode não ter sido formalmente declarada, mas seria demais afirmar que os soviéticos foram encontrados despreparados.

> Anfang Juni 1941 kam ich von einer Dienstreise aus Berditschew, wo ich eine unserer Armee unterstellte Division inspiziert hatte, nach Lwow zurück. […] Als ich zurückkam, fand ich eine veränderte Lage auch beim Stab unserer Armee in Lwow. Im Stabsgebäude waren alle Fenster verdunkelt. Als ich beim diensthabenden Offizier des Stabes am 8. Juni 1941 etwa gegen 23 Uhr meine Ankunft melden wollte, überraschten mich merkwürdige Veränderungen. An der Eingangstür stand ein bewaffneter Posten im Kampfanzug mit Stahlhelm, der Eingang selbst war mit einem Vorhang verhängt, damit kein Licht nach draußen dringen konnte. In den Gängen des Gebäudes wimmelte es von Stabsoffizieren, die mit ihren Aktentaschen hin und her liefen. Alle waren an ihren Arbeitsplätzen. All das am Sonntag um diese Zeit zu beobachten, war für mich ganz ungewöhnlich. Nach der Meldung begab ich mich zu meiner Abteilung, wo auch alle Offiziere schon an ihren Arbeitsplätzen saßen. Sämtliche Aktenordner mit wichtigen Finanzakten waren schnell zu Archivabgabe vorzubereiten, klappbare Feldmöbel waren aufgeladen, unsere Feldbank hatte die durch den Mobilmachungsplan bestimmten Geldvorräte bekommen. Ich mußte schnell nach Hause laufen, mich dort umziehen und meinen Feldkoffer mit den für Kampfeinsatz notwendigen Dingen holen. / Diese intensive und nervöse Vorbereitung dauerte bis zum Sonnabend, dem 21. Juni. Alles war aufgeladen, die LKWs standen marschbereit auf dem Hof des Stabes, und wir vergingen vor Ungewißheit. Mit meinen Äußerungen möchte ich nur betonen, daß die Behauptung, unsere Truppe sei unvorbereitet in den Krieg geraten, mindestens unkorrekt ist. / Um 18 Uhr am 21. Juni 1941 ging es endlich los. Unsere Marschkolonne des Armeestabes schob sich zum Gefechtsstand im Raum von Lipki […][452] (*ibidem*: 15-16)

[451] "O fracasso de Moscou é evidente. Foi culpa da liderança política que um golpe terrível e surpreendente contra o qual não era possível se defender tenha atingido o Exército Vermelho com todas as consequências. Até mesmo hoje, nenhum dos imediatamente responsáveis por este crime foi julgado ou amaldiçoado. A guerra já estava bem há dois anos na soleira de nossa casa, e nenhum dos líderes estava inquieto: com quantas vidas humanas nós deveremos pagar por nosso descuido. Ainda hoje, eu me envergonho por nossos homens de Estado com o 'Líder dos Povos' no topo, por aquela vergonha."

[452] "No início do junho de 1941, eu voltei para Lviv de uma viagem a trabalho em Berdychiv, onde eu havia inspecionado uma divisão subordinada a nosso exército. Já em Berdychiv, eu constatei, para minha surpresa, que os quartéis estavam vazios, a tropa já havia sido transferida para suas zonas de concentração diretamente ao lado da fronteira do Oeste. Quando eu voltei, eu também encontrei uma situação modificada no Estado-Maior de nosso exército em Lviv. Todas as janelas do prédio do Estado-Maior estavam escurecidas. Quando eu quis anunciar minha chegada ao Oficial em serviço do Estado-Maior no dia 8 de junho, por volta das 23 horas, mudanças peculiares me surpreenderam. Na porta de entrada, estava um guarda armado em roupa de combate, com capacete de ferro, a própria entrada estava encoberta com uma cortina para que nenhuma luz pudesse escapar.

Awdejewskij não comenta apenas um ou outro procedimento simples. Ele afirma haver presenciado uma operação cuidadosa semanas antes que a invasão fosse iniciada. Seu texto dá a impressão de que havia bons informantes, razão pela qual eles aparentam até mesmo saber a data exata do ataque. Esse relato não contradiz apenas as informações dadas por historiadores sobre o despreparo na URSS, mas também os textos publicados no próprio *Barbarossa '41*.[453] A apresentação desse texto põe em questão o conceito de "verdade" ao mesmo tempo em que explicita o quanto os acontecimentos são fragmentados.

A leitura desse texto praticamente obriga a uma tomada de posição, ou, ao menos, a uma tentativa. Como se trata de uma lembrança, pode ser que Awdejewskij esteja confundindo fatos passados e tenha criado uma nova versão do que realmente aconteceu, embaralhando a ordem dos eventos. Também é possível considerar que as lembranças são corretas, que os encarregados do Estado-Maior na Ucrânia, sabendo da ameaça iminente, de fato decidiram precaver-se de forma independente, apesar do perigo que o desacato, se descoberto, representaria. Porém, mesmo que essas possibilidades sejam consideradas, uma dúvida paira sobre a veracidade do conjunto de textos. Não é possível definir onde há exageros ou omissões em cada um deles. O efeito, resultado da reunião de quatro fragmentos que se contradizem, é ainda mais impactante do que as palavras de Valéry citadas em *Echolot '43*, sobre a incongruência dos testemunhos que ele leu com fatos que ele próprio vivenciou. Aqui, é o próprio leitor que é exposto a informações conflitantes entre si e com aquilo que, até então, lhe foi apresentado como história. A partir dessa leitura, ele deve passar a questionar não apenas os fragmentos em si, mas a própria historiografia e os relatos de *Das Echolot*.

Nos corredores do prédio, fervilhava de oficiais do Estado-Maior que corriam para lá e para cá com suas pastas. Todos estavam em seus locais de trabalho. Observar tudo isso em um domingo nesse horário foi muito incomum para mim. Depois de ter me anunciado, eu fui para minha repartição, onde todos os oficiais também já estavam sentados em seus lugares. Todos os fichários com importantes arquivos de finanças deveriam ser preparados rapidamente para a entrega no arquivo, móveis de campanha estavam nos caminhões, as provisões financeiras determinadas pelo plano de mobilização tinham sido obtidas no banco de campanha. Eu tinha que correr rápido para casa, trocar-me lá e buscar minha mala de campanha com as coisas necessárias para a missão de combate. / Esses preparativos intensivos e tensos duraram até o sábado, 21 de junho. Tudo foi carregado, os caminhões estavam no pátio do Estado-Maior prontos para partir, e nós estávamos extremamente tensos por incerteza. Com minhas declarações, eu apenas gostaria de salientar que a afirmação de que nossa tropa teria sido pega de surpresa pela guerra é no mínimo incorreta. / Às 18 horas de 21 de junho de 1941, finalmente começou. Nossa coluna de marcha do exército do Estado-Maior avançava em direção ao posto de comando na área de Lipki [...]."

[453] O teor dos textos de Beria, Jukov e Kowaljow corresponde às afirmações de Rolf-Dieter Müller (2005: 89 e 101). Apesar de Stalin dispor de informações excelentes sobre os preparativos alemães e até sobre o dia exato do ataque planejado, o ditador não acreditava nessas fontes e impediu que seus generais, que estavam mais alarmados, tomassem medidas de defesa. Nesse pano de fundo, o relato de Awdejewskij poderia ser explicado (além de uma "falsa memória") como uma ação isolada do comando em Lviv, que dispunha das mesmas informações secretas que Moscou, mas decidiu tirar consequências mesmo contra as ordens que, pouco depois, se revelaram de fato um erro gravíssimo.

O grupo central, que representa o movimento do ataque, é encerrado com uma carta do Suboficial Kurt Krämer para sua família:

> Meine liebe Leni, Klaus und Elke! / Da die Zeit knapp wird, sende ich Dir in ganz großer Eile recht recht herzliche Grüße. Verzage nicht, denn ich werde Dich und unsere Kinder bestimmt wiedersehen. Danken wir unserem Führer und denken wir an die Größe unserer Zukunft. Unsere Kinder werden dereinst diese Zeit bewundern. / Es lebe der Führer / Dein Kurt[454] (*ibidem*: 17)

O documento não traz notícias ou informações novas sobre a guerra. Krämer não mencionou o ataque diretamente, apenas pediu que sua esposa não se desesperasse. Quando a carta chegasse, ela já teria recebido a notícia pelo rádio e pelos jornais. A carta dirigida à esposa e aos filhos forma uma espécie de círculo, remetendo mais uma vez às famílias que foram deixadas na Alemanha, com as quais o grupo foi iniciado através do diário de Dölker-Rehder. Embora Krämer deseje transmitir tranquilidade, essa não é a sensação que o texto passa. Krämer afirma que voltará a ver a mulher e as crianças. É 1941 e é provável que ele ainda haja reencontrado a família algumas vezes, mas o suboficial não sobreviveria à guerra. Ele morreria em 1945. Além disso, ele está convencido de que está fazendo o melhor por seus filhos, que eles ainda sentiriam orgulho dele. Essa declaração coloca em evidência para o leitor que foi tudo em vão. Não apenas os sonhos de Hitler não se concretizariam, mas a geração dos filhos de Krämer seria marcada pela rejeição aos atos de seus pais durante o regime nazista. O grupo é encerrado por um asterisco.

A seguir estão os textos de Adam Czerniaków e Danuta Czech, representando as ações relacionadas ao Holocausto neste dia. A citação de Czerniaków, como foi comentado no capítulo anterior, é lacônica, mas resume sua principal função em poucas palavras: negociar com os nazistas e decidir sobre assuntos como a ração recebida por diferentes grupos de judeus, o que, em muitas situações, equivalia a decidir sobre quem sobreviveria, ou não. Em seguida, Czech relata os acontecimentos do dia em Auschwitz:

> Von der Gestapo in Kattowitz wird der Häftling Boleslaw Buczek (Nr. 7479) nach erneuter Vernehmung eingeliefert. Um 23 Uhr wird von der SS-Lagerstreife ein Zivilist mit Pferdewagen festgenommen. Der Zivilist wird in den Bunker gesperrt und das Pferd mit dem Wagen in den Lagerpferdestall gebracht.[455] (*ibidem*: 17)

[454] "Minha querida Leni, Klaus e Elke! / Já que o tempo é curto, eu lhe envio na maior pressa saudações do fundo, do fundo do meu coração. Não se desespere, pois eu certamente voltarei a ver você e nossos filhos. Sejamos gratos a nosso *Führer* e pensemos na grandeza de nosso futuro. Um dia, nossos filhos admirarão esta época. / Viva o *Führer*. / Seu Kurt"

[455] "O prisioneiro Bolesław Buczek (Nr. 7479) é entregue pela Gestapo em Katowice depois de mais um interrogatório. Às 23 horas, um civil com uma carroça é preso pela patrulha local da SS. O civil é trancafiado no bunker e o cavalo com a carroça é levado para o estábulo do campo."

Não houve ocorrências de elevada gravidade em 21 de junho. No máximo, o número do preso pode chamar a atenção, causando uma ponderação sobre quantas pessoas já estariam encarceradas em Auschwitz naquele momento. Contudo, a simples consciência do que estava por acontecer em Auschwitz e a expectativa de atos brutais criam uma tensão constante, equivalente à tensão que é criada pelos relatos da véspera do ataque à URSS.

Após mais um asterisco, o "dia" é encerrado com a canção *Bel Ami*: "Du hast Glück bei den Frau'n, Bel ami / So viel Glück bei den Frau'n, Bel ami! / Bist nicht schön, doch charmant, / bist nicht klug doch sehr galant, / bist kein Held, nur ein Mann, der gefällt".[456] (*ibidem*: 17) A música é procedente do filme homônimo de 1939, produzido pela UFA. A letra descontraída e bem-humorada causa um grande choque quando é lida depois que a violência crescente do "dia" chegou a seu auge com Auschwitz, mas ela também pertence àquela época e reproduz o mundo onírico daqueles que eram responsáveis por tamanha violência, o âmbito no qual relaxavam e procuravam esquecer de tudo o mais que estava acontecendo.

II.3.2. 7 de dezembro

O "dia" é aberto por uma citação bíblica sobre o juízo final: "Er selbst, der Herr, wird mit einem Feldgeschrei und der Stimme des Erzengels und mit der Posaune Gottes herniederkommen vom Himmel, und die Toten in Christus werden auferstehen zuerst".[457] (KEMPOWSKI, 2002: 319) A imagem que se faz também é a de uma batalha, nela, porém, será feita a justiça, mesmo os mortos terão de prestar contas por seus atos passados. O fragmento indicaria que todos aqueles que estiveram envolvidos nas mortes e destruições da guerra ainda teriam de passar pelo julgamento divino ou, segundo um entendimento mais secular, seriam responsabilizados em algum momento. Mesmo um leitor que não acredita no juízo final percebe que o trecho bíblico estabelece um nível superior de compreensão que fica velado para a maioria das vozes de *Barbarossa '41*. A segunda parte trata justamente da virada na campanha contra a Rússia e do início da catástrofe dos soldados alemães.

A sequência de citações começa com uma ruptura do padrão previamente estabelecido na estruturação dos "dias". Os intelectuais não estão no início. Além disso, o primeiro texto é de Jochen Klepper, que, durante toda a primeira metade do livro, atuou entre os perpetradores, mas agora escreve da sua casa, em Berlim. A citação breve, de apenas duas frases, dá início

[456] "Você tem sorte com as mulheres, Bel ami / Tanta sorte com as mulheres, Bel ami! / Não é bonito, mas charmoso, / não é inteligente, mas muito galante, / não é um herói, apenas um homem que agrada."
[457] "Ele próprio, o Senhor, descerá do céu com um grito de batalha e a voz do arcanjo, e com a trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro."

ao processo de transportar o leitor do mês de julho para dezembro de 1941. Klepper escreve sobre o Advento. Em seguida, como discutido no capítulo anterior, o texto que Marianne Sperl comenta a ironia feita com a da celebração do natal durante a guerra. A crítica à mobilização de toda a sociedade é feita através de uma piada, segundo a qual o Natal estaria impossibilitado porque José haveria sido convocado, Maria estaria cuidando dos feridos russos e o menino Jesus haveria sido evacuado. Estas citações não tratam dos mais recentes desenvolvimentos da guerra, elas apenas cuidam de fazer o salto temporal entre a primeira metade do livro e a segunda.

O próximo texto, escrito pelo Médico Dr. Fritz Lehmann, começa com a comemoração do segundo Advento, o que dá uma certa continuidade aos fragmentos anteriores. Em seguida, ele comenta que foi questionado por amigos sobre a saúde psíquica de Adolf Hitler e faz anotações sobre quais são as impressões que ele tem do ditador.

> Ohne Zweifel gehört dieser Mann zu den außergewöhnlichen Naturen, den Exzentrischen. Darüber hinaus muß man ihn einer bestimmten Gruppe von Menschen abnormer Geistesverfassung zurechnen, und zwar lautet die ärztliche Diagnose, soweit sie auf die Entfernung zu stellen ist: schizoider Psychopath vom Typ des starren Fanatikers.[458] (*ibidem*: 320)

Após identificar Hitler como "psicopata esquizoide do tipo fanático inflexível", Lehmann prossegue descrevendo o ditador como um caso especial, porque ele não é um "maluco ordinário" como os inimigos gostariam de acreditar, uma vez que ele desempenhou feitos consideráveis, provavelmente, por não medir as consequências de seus atos. O médico prossegue escrevendo sobre o fascínio que o *Führer* exerce sobre o povo:

> Wodurch ist Hitler in der Lage gewesen, Millionen von Menschen in seinen Bann zu ziehen? […] / Der Erfolg dieses Mannes liegt nur zum Teil an der Magie seiner Persönlichkeit mindestens ebenso stark hat dazu beigetragen der Wunsch der Masse nach dem Wunderbaren, dem Übersinnlichen, dem Märchen. Immer wieder bilden sich Gemeinden um ordinäre Zauberkünstler und Pfuscher.[459] (*ibidem*: 321)

O fragmento de Lehmann está localizado logo no início do "dia", antes que se inicie a representação da guerra, de forma que o leitor tenha tempo para uma reflexão, não apenas sobre a loucura de Hitler, mas sobre o fato de que, apesar de ela já ser evidente em sua época, tantas pessoas tenham se deixado seduzir por suas ideias, por sua megalomania. Nesse comentário destaca-se também a alusão à culpa coletiva, como será notado posteriormente.

[458] "Sem dúvida, esse homem pertence às naturezas excepcionais, às excêntricas. Além disso, deve-se incluí-lo em um grupo específico de pessoas de estado de espírito abnormal, e, com efeito, o diagnóstico médico é, tanto quanto ele possa ser definido à distância: psicopata esquizoide do tipo fanático inflexível."

[459] "Como Hitler foi capaz de enfeitiçar milhões de pessoas? [...] / O sucesso desse homem deve-se apenas em parte à magia de sua personalidade; o desejo da massa pelo maravilhoso, pelo sobrenatural e pelo conto de fadas contribuiu pelo menos com a mesma intensidade. Volta e meia, comunidades formam-se em torno de mágicos ordinários e charlatões."

A seguir, encontram-se duas cartas escritas por Hans Scholl. Na primeira, a temática do Natal é retomada e expandida. Scholl não escreve apenas sobre o advento, ele celebra finalmente estar vivenciando esse momento em plena fé cristã. Ele afirma haver encontrado "den einzig möglichen und dauernden Wert".[460] (*ibidem*: 321) Na segunda carta, Hans Scholl escreve para sua mãe sobre o quanto o serviço militar está tirando suas forças, até mesmo para os estudos. Se, por um lado, a fé cristã dá novas forças ao jovem, por outro, a guerra o enfraquece cada vez mais, e foi essa combinação de religiosidade e insatisfação com o que foi presenciado no serviço militar que acabou levando ele e seus amigos a unirem-se na "Rosa Branca". Mesmo nos textos de Scholl, há um pouco do movimento do ataque. O texto mais brando fica no início, mais próximo de outros textos com a mesma temática, vindo a seguir as queixas sobre o serviço militar, precedendo uma das citações de Dölker-Rehder. A mãe de Sigfrid não escreve sobre o advento, sua preocupação continua sendo levantar hipóteses que justifiquem a certeza de que o filho não está morto. Desta vez, a nova pista seria o fato de que todos os sobreviventes são solteiros, o que não é interpretado como acaso, mas como malícia dos ingleses, que estariam escondendo os casados apenas para causar dor às esposas alemãs.

O livro prossegue com relatos que foram escritos na Alemanha, mas o grupo de vozes mudou; agora as vítimas devem ser ouvidas. O primeiro é Victor Klemperer, que, entre outros temas, comenta um decreto que estabelece o que pode ou não ser levado nas evacuações e a situação dos prisioneiros russos: "Annemarie erzählte, russische Gefangene suchten Müll-tonnen nach Eßwaren ab".[461] (*ibidem*: 322) A seguir, a temática dos prisioneiros é mantida com o texto escrito por Maurice Legros em um campo de prisioneiros nas proximidades de Cottbus, "Wir sahen die ersten Kolonnen von gefangenen sowjetischen Soldaten ankommen. Niemals werde ich diesen tiefbetrüblichen, verletzend peinlichen Anblick vergessen. Nur ein krankes Hirn kann sich diese abnorme Szenerie vorstellen".[462] (*ibidem*: 323) As palavras-chave "cérebro doente" e "abnormal" remetem ao texto de Lehmann, localizado cerca de duas páginas antes, como uma comprovação médica das suspeitas de Legros. Uma pessoa normal não poderia tratar outros seres humanos daquela maneira.

> Wir waren alle aus der Fassung gebracht und tief erschüttert zu sehen, wie Menschen behandelt wurden. Wir hatten gesehen, wie sie, flach mit dem Bauch auf dem Boden liegend,

[460] "[...] o único valor possível e durável."
[461] "Annemarie contou que prisioneiros russos estavam vasculhando os latões de lixo em busca de comida."
[462] "Vimos as primeiras colunas de prisioneiros soviéticos chegarem. Nunca vou me esquecer desse aspecto desolador, dolorosamente desconcertante. Apenas um cérebro doente pode imaginar um cenário abnormal como esse."

> Wasser aus dem Rinnstein und aus der Gosse tranken, völlig unempfindlich gegen die Gewehrkolbenschläge ihrer Bewacher.[463] (*ibidem*: 323)

O tratamento é desumano e a condição na qual esses homens se encontram é assustadora. Em seu texto, Legros descreve-os como "espectros" e afirma que sua situação era tão grave que apenas era possível reconhecer algum sinal de vida através de seus olhos.

O próximo relato é do judeu Hans Baermann, que descreve a evacuação de judeus de Colônia, situação na qual objetos de valor foram buscados em sua bagagem e ele foi obrigado a passar vinte e quatro horas deitado no chão molhado junto com outros judeus.

Estes três fragmentos constituem um dos vários subgrupos dentro do núcleo do dia, e, como ocorre na maior parte desses casos, aqui também se desenha um certo movimento resultante das temáticas expostas. A primeira voz é a de Klemperer, cuja situação real é representada também por seu posicionamento no livro. Ele está numa posição intermediária entre os civis alemães, estando casado com a "ariana" Eva Schlemmer, e a condição de judeu, temendo a possibilidade de ser evacuado para um campo de concentração. A temática da evacuação já se faz presente e vai ganhando força com os próximos textos: Legros está em um campo que não tem a finalidade de extermínio, mas é testemunha de cenas tão brutais quanto as que ainda ocorriam nesses lugares, e Baermann descreve as primeiras humilhações da evacuação. É notável que as informações sobre as vítimas russas sejam apresentadas por pessoas que, elas mesmas, também estão na condição de vítimas. Alemães não ameaçados, confiantes na vitória, apresentam-se assim com muito menos empatia humana do que os outros.

Werner Vogel inaugura o grupo de vozes do *front*. Ele afirma que 6 de dezembro, o dia em que os russos formaram uma linha de ataque diante de Moscou, foi o momento da virada, o "dia negro" para os militares alemães. Em 7 de dezembro há, além desta, mais de uma citação que se refere aos dias precedentes. Não é possível definir qual foi de fato o dia da virada, mas textos que provêm de alguns poucos dias antes são encaixados em 7 de dezembro para representar o novo período, no qual se está entrando. Os relatos militares guardam uma certa semelhança entre si, todavia, em sua organização pode-se identificar, como nos outros casos, um certo movimento resultante da crescente gravidade do que é narrado, a qual chega a um ponto alto e decresce antes que cheguem as vozes de Leningrado.

Após Vogel, o General Franz Halder afirma que o retrocesso é necessário e que ele se envergonha do Alto Comando. Ambos demonstram a consciência alemã da gravidade do

[463] "Nós todos ficamos desconcertados e profundamente abalados ao ver como seres humanos eram tratados. Havíamos visto como eles, deitados com a barriga grudada no chão, bebiam água da sarjeta e da valeta, totalmente insensíveis aos golpes que seus guardas desferiam neles com a coronha de seus rifles."

caso. Os textos que seguem essas citações exemplificam o que eles estão falando. O Suboficial Fritz Hübner escreve sobre a imobilidade que um frio de 40 a 50 graus negativos causou em sua tropa.

> Das Thermometer war auf 40 bis 50 Grad unter null. Es war eine Situation, mit der keiner gerechnet hatte. Ein längerer Aufenthalt im Freien war unmöglich, also drängte alles in die wenigen Häuser hinein, die hoffnungslos überfüllt waren. […] Wir waren nicht nur physisch gelähmt, sondern der militärische Apparat funktioniert nicht mehr gut, denn unsere Fahrzeuge, Flugzeuge und Waffen waren dieser Kälte nicht gewachsen. Die Motoren der Flugzeuge auf den freien Feldflughäfen sprangen nicht an, also fiel die Unterstützung aus der Luft aus. Mit den Panzermotoren war es genau so, die Panzer waren bewegungslos und somit wertlos geworden. Die Verschlüsse der Geschütze waren eingefroren und ließen sich nicht mehr öffnen, somit war von der Artillerie auch keine Unterstützung mehr zu erwarten. Die Maschinengewehre streikten ebenfalls, es war ein großes Desaster. Wir mußten weichen, trotz aller Durchhalteparolen und der entsprechenden Befehle von oben löste sich unsere Front auf, und es begann ein fast regelloser Rückzug.[464] (*ibidem*: 325)

Apesar da relutância do Alto Comando em retroceder, o inverno russo deixou o exército em uma posição tal que não era possível agir de outra forma. O frio não paralisou apenas os homens, mas definitivamente destruiu o armamento alemão. Como muito do que deixou de funcionar naquela noite não pôde ser levado embora, Hübner relata que tudo teve que ser destruído. Uma única noite de frio extremado fez muito mais estragos do que o exército russo havia conseguido em meses. Nesses trechos o leitor recebe numerosas informações concretas sobre o estado real da campanha, as quais destacam o tamanho dos erros do comando alemão e a catástrofe iminente.

Em todo o livro, os relatos alemães costumam ser entrecortados pelos russos, o que concede um certo movimento à leitura. Após Hübner, encontra-se o texto do jovem Weniamin Gubarew.

> Wahrscheinlich erlaubte auch die eisige Kälte dem Deutschen nicht, die Stadt einzunehmen. Mitte November 1941 sah ich die ersten deutschen Kriegsgefangenen aus dem Infanterieregiment "Großdeutschland" in der Stadt. Sie hatten sich an der Straße nach Tula, wo sie gefangengenommen worden waren, starke Erfrierungen zugezogen. Ihr Anblick war schrecklich. Ich glaube, sie wollen keinen Lebensraum mehr. So armselig sahen die Kerle aus. Ich

[464] "O termômetro havia caído para 40 a 50 graus abaixo de zero. Foi uma situação com a qual ninguém havia contado. Uma permanência um pouco mais longa ao ar livre era impossível, portanto, todos se enfiavam nas poucas casas, que estavam irremediavelmente superlotadas. [...] Não estávamos apenas fisicamente paralisados, mas o aparato militar também já não funcionava bem, porque nossos automóveis, aviões e armas não eram páreo para esse frio. Os motores dos aviões nos aeroportos a céu aberto não pegavam, portanto faltou o apoio aéreo. Com os motores dos tanques foi a mesma coisa, os tanques não podiam movimentar-se e, com isso, tornaram-se inúteis. Os fechos dos canhões estavam congelados e não se deixavam mais abrir, e com isso também não se deveria mais esperar suporte da artilharia. As metralhadoras também se recusaram, foi um grande desastre. Tivemos que nos retirar; apesar de todos os lemas de perseverança e dos respectivos comandos de cima, nosso *front* se desfez e iniciou uma retirada quase que desregrada."

> habe Mitleid mit ihnen empfunden und brachte ihnen sogar ein paar frischgebackene Fladen von zu Hause. Und der Konvoir hatte nichts dagegen.[465] (*ibidem*: 326)

O início do texto de Gubarew dá continuidade ao que está sendo relatado por alemães, a impossibilidade de avançar devido ao frio. Mas quando ele prossegue, comentando os prisioneiros de guerra alemães, lembra-se automaticamente da descrição que foi feita por Legros. Tanto o jovem russo, quanto o prisioneiro francês se compadecem do que veem. A situação dos prisioneiros é grave em ambos os casos, mas é a atitude dos responsáveis pelos presos que marca os textos. Enquanto alemães batiam nos prisioneiros russos que bebiam a água do chão, o *konvoir* permitiu que um garoto do lugar oferecesse comida aos alemães. As condições de vida que esses prisioneiros tiveram após chegar aos campos ou os meios de subsistência que foram ou não oferecidos não são o enfoque central. O que chama a atenção é que os miltares alemães agiram com violência gratuita, enquanto os russos apresentam um comportamento minimamente humano, apesar de serem eles o povo que está sofrendo o ataque. Os fragmentos não estão localizados um após o outro, duas páginas os separam. Como no caso de Legros e Lehmann, a distância entre os textos impede que se torne explícita a argumentação que se faz através deles, ao mesmo tempo em que é a medida certa para que o material lido não seja esquecido e ecoe na memória do leitor. Note-se que não foi a simples datação dos textos que definiu que eles estariam no mesmo "dia". O texto de Lehmann é o único que foi, de fato, escrito em 7 de dezembro, no segundo Advento, enquanto as citações de Legros são memórias e não podem ter uma datação exata, e Gubarew menciona o mês de novembro, o que seria razão suficiente para não incluir o texto no livro.

Os relatos militares continuam com o Soldado Josef Eberz, que escreve sobre as dificuldades do exército devido à falta de vestimentas apropriadas para o frio, situação na qual o costureiro da companhia teve que fazer protetores para a cabeça com cobertores. Na sequência, Josef Kraus comenta um ataque malsucedido a Moscou em 2 de dezembro. Os próximos dois textos já apresentam os militares alemães doentes ou feridos. Alexander Stahlberg estava em Tikhvin quando seu grupo finalmente recebeu uma ordem de retirada, sobre a qual ele escreve "Viel zu spät kam er zwar, aber wenigstens kam er, bevor die Russen über uns herfallen würden".[466] (*ibidem*: 327) Stahlberg viajou febril e semiconsciente por dias em um trator movido a correntes. Atrás dele, iam sendo empilhados os camaradas mortos para

[465] "Provavelmente, o frio congelante também não permitiu aos alemães que tomassem a cidade. No meio de novembro de 1941, vi na cidade os primeiros prisioneiros de guerra alemães do regimento de infantaria 'Grande Alemanha'. Na estrada para Tula, onde foram capturados, eles haviam adquirido ulcerações profundas devido ao frio. Sua aparência era horrível. Eu acho que eles não queriam mais nenhum *Lebensraum* [espaço vital]. Eles tinham uma aparência tão miserável. Senti pena deles e até lhes trouxe alguns pães planos de casa. E o *konvoir* não tinha nada contra."

[466] "É verdade que ela chegou tarde demais, mas ao menos ela veio antes que os russos caíssem sobre nós."

que não fossem deixados no meio do caminho. O soldado acredita que deve sua vida a eles, cujos corpos serviram como escudo contra os tiros do exército russo. Em seguida, Helmut Fuchs narra a espera de mais de dez dias, junto com tantos outros feridos, até que uma locomotiva pudesse levá-los. Por fim, após a descrição que dois "feridos" fizeram do caminho em direção a um hospital militar apropriado, o Paramédico Wilhelm Hebestreit conta que comemorou o segundo Advento com seus pacientes.

Os relatos da guerra prosseguem com o Sargento Arthur Binz, que estava em uma região da Crimeia que foi bombardeada durante a noite. Em seguida, o Primeiro Tenente Médico Dr. Willi Lindenbach comenta brevemente o Advento e os dois guerrilheiros enforcados que ele viu em Volokolamsk. Na citação que se encontra adiante, o Tenente Georg Kreuter lamenta que eles estejam sendo removidos de um alojamento que lhe parecia agradável. A sequência dos relatos proporciona uma impressão de desconsolo.

A perspectiva soviética da guerra é reintroduzida pela voz de David Ortenberg.

> Nie werde ich meine Frontreise mit dem Prawda-Redakteur P. Pospelow, dem Iswestija-Redakteur L. Rowinskij und dem Schriftsteller W. Stawskji in das befreite Wolokolamsk vergessen. […] Ein schreckliches Bild auf dem Platz im Stadtzentrum erschütterte uns: acht unserer Soldaten, die vom Feind bestialisch gefoltert worden waren, hingen am Galgen. Ein Schauder überlief uns beim Betrachten dieser Untat der blutigen faschistischen Unmenschen. An diesem Galgen stehend haben wir, Redakteure der Zentralzeitungen, den Beschluß getroffen, die ganze Welt über diese Barbarei der nazistischen Kannibalen in Kenntnis zu setzen. Schon am nächsten Tag erschienen die Zeitungen mit Bildern und Artikeln, die vom Haß gegen die faschistischen Verbrecher erfüllt waren.[467] (*ibidem*: 331)

O que chama a atenção nesse relato é que o fato se dá na cidade de Volokolamsk, que é a mesma cidade onde Lindenbach afirmou haver visto os guerrilheiros enforcados. É muito provável que não se trate das mesmas pessoas. Lindenbach escreveu sobre dois guerrilheiros, enquanto Ortenberg referia-se a oito soldados. O fato de haverem sido torturados horrorizou Ortenberg e seus colegas e é improvável que Lindenbach não se expressasse sobre isso caso houvesse visto as mesmas pessoas. Além disso, o texto de Ortenberg apresenta memórias e não oferece uma datação precisa. O que está sendo exposto aqui é a quantidade de crimes brutais cometidos por alemães em uma mesma cidade e a reação soviética a eles. Também é importante notar que, mais uma vez, os textos não são justapostos, mas a pausa que há entre um e outro é muito reduzida. Apenas um relato se encontra entre os dois. É possível que

[467] "Nunca esquecerei minha viagem de campanha na liberta Volokolamsk com o redator do *Pravda*, P. Pospelow, o redator do *Isvestiya*, L. Rowinskij, e o escritor W. Stawskij. [...] / Uma imagem horrível na praça do centro da cidade chocou-nos: oito de nossos soldados, que haviam sido bestialmente torturados, estavam enforcados. Um arrepio passou por nós quando observamos essa atrocidade dos monstros sanguinários fascistas. De pé, ao lado dessa forca, nós, redatores dos principais jornais, decidimos tornar essa barbárie dos canibais nazistas conhecida no mundo inteiro. Já no dia seguinte, apareceram os jornais com fotos e artigos impregnados do ódio aos criminosos fascistas."

Kempowski tenha considerado mais apropriado fazer uma pausa curta porque, entre tantos relatos de lugares diversos, é provável que o nome da cidade fosse rapidamente esquecido.

Em seguida, o Cabo Reinhold Pabel também comenta os problemas com o frio, mas de uma maneira mais bem-humorada, quando descreve os camaradas caindo duros durante a marcha porque, na falta de luvas, eles se recusam a tirar as mãos dos bolsos. Ainda no mesmo texto, ele comenta sua relação com os locais. Embora o texto descreva a população do campo de forma pejorativa, a narrativa de Pabel é muito mais suave do que os textos que descrevem a batalha. Aqui é iniciada como que uma pausa, na qual o leitor poderá descansar da violência constante que se desenvolveu nos textos anteriores.

Depois disso, leem-se as cartas do casal Hilde e Franz Wieschenberg. A atmosfera volta a ficar amena, como no início dos "dias", com uma carta amorosa da esposa que espera pelo retorno do marido. Como em uma resposta, Franz Wieschenberg aparece pela primeira vez em *Barbarossa '41*. Apesar de uma carta não ser de fato a resposta à outra, a relação entre os dois é real e suas cartas estão juntas, embora a carta de Wieschenberg não tenha sido escrita em 7 de dezembro.

O tom ameno é mantido na carta de Franz Wieschenberg. Ele não retrata batalhas, apenas conta que foi à sauna com seus camaradas e comenta a possibilidade de um "reserva" – ao que tudo indica, sua esposa havia lhe inquirido sobre suas próximas férias. Contudo, um assunto muito mais sério começa a ser introduzido através de Wieschenberg: ele e os autores dos próximos dois textos estão atuando no cerco a Leningrado. O Suboficial Wolfgang Buff, também diante de Leningrado, escreve para a família pedindo roupas quentes e contando sobre a vida em um bunker. Depois dele, um oficial descreve seu alojamento e comenta que o inverno russo é monótono, sendo possível depreender que ele ainda não foi atingido pelo frio descrito pelos outros militares. Seu texto é muito brando, mesmo se comparado com o que é descrito por Buff, sempre tão grato a Deus, mesmo nas piores circunstâncias. A pausa na tensão dos relatos garante que as vozes de Leningrado possam causar um impacto maior sobre o leitor.

Os relatos de Leningrado são abertos por Pjotr Samarin. É o primeiro momento em que o leitor é exposto à situação em Leningrado depois de o cerco haver se formado:

> Die ganze Nacht über und auch am Morgen schoß die Artillerie. Trotzdem schliefen wir zu Hause. Es gab kein elektrisches Licht in der Wohnung, man mußte eine Kerze anzünden. Liducha beklagte sich wegen des Kerzenverbrauchs. Man mußte anstehen, um Papirossi zu kaufen. Draußen war strenger Frost, -25 Grad. Ich war lange auf der Suche nach Brot und Papirossi. Völlig durchgefroren kam ich zu meiner Dienststelle am Moskauer Bahnhof und mußte mich anderthalb Stunden aufwärmen. Der Werkabteilungsleiter Jurtschenko, mein Amtskollege, wärmte sich neben mir. Er wollte auf dem Markt einen Viertelliter Schnaps und

> einen halben Liter Petroleum gegen Ölkuchen tauschen. Ich bekam 125 Gramm Brot. Meine Frau und ich bekamen die Brotration der Angestellten.[468] (*ibidem*: 336-337)

Já no primeiro parágrafo, lê-se sobre o fogo da artilharia que pode ser ouvido da cidade – o que já não move mais os moradores a deixarem suas casas –, a falta de energia em parte das residências, o frio intenso e o racionamento rígido dos alimentos. Mais adiante, ele comenta a dificuldade em obter notícias de Moscou: "Die Post arbeitet schlecht, bis heute noch keine Moskauer Zeitung vom Dezember bekommen".[469] (*ibidem*: 337) Esse comentário também pontua sua perspectiva dos acontecimentos. Samarin escreve em Leningrado, as informações não chegam tão facilmente à cidade cercada, e, mesmo se chegassem, Samarin só poderia reproduzir aquilo que ele lê nos jornais, uma informação indireta sobre os fatos. Seu ponto de vista da guerra é, como os outros apresentados no livro, fragmentado. Samarin, este homem que está sempre se atualizando sobre o desenvolvimento dos fatos políticos e da guerra, é também o primeiro dentro da estrutura do "dia" que virá a mencionar, ainda que de forma truncada, os recentes conflitos com os EUA: "Im Abendprogram im Radio wurde die Nachricht vom Eintritt der USA in den Krieg gegen Deutschland, Ungarn und Rumänien gebracht".[470] (*ibidem*: 337) A notícia recebida por Samarin, entretanto, é falsa. Embora fosse presumível que o ataque aos EUA poderia resultar em uma declaração de guerra também à Alemanha, isso não ocorreu de maneira imediata – e a guerra aos EUA foi declarada pela Alemanha, e não o contrário. Aparentemente, os veículos de informação russos careciam de notícias que levantassem os ânimos do povo e decidiram antecipar uma notícia que, na verdade, não passava de especulação.

A seguir, mais uma vez um texto alemão, escrito pelo Oficial Leo Tilgner, que também estava diante de Leningrado. Em uma carta para a esposa, Tilgner dá instruções sobre como ela deve proceder com o conteúdo do pacote que ele está enviando.

> Meine liebe Lydia, es ging zwar heute schon ein Brief ab, aber da ich ein Packerl machte, teile ich Dir noch mit, daß ich Dir ein paar Scherben schicke. Die chinesische Zeichnung gefiel mir so gut. Ich ließ die Scherben sammeln, aber leider fehlen noch einige Stücke an der Marmortafel. Das sind so Trümmer aus der Zarenzeit. In einem 2ten Paket befindet sich eine Holz-

[468] "Fogo da artilharia por toda a madrugada e também de manhã. Apesar disso, dormimos em casa. Não havia luz elétrica no apartamento, devia-se acender uma vela. Liducha queixou-se por causa do desperdício de vela. Era necessário ficar na fila para se comprar Papirossi [tipo de cigarro russo]. Lá fora está um frio rígido, - 25 graus. Procurei pão e Papirossi por um bom tempo. Cheguei completamente congelado a meu local de trabalho na estação de trem moscovita e tive que me aquecer por uma hora e meia. O diretor do departamento da fábrica Jurtchenko, meu colega de trabalho, esquentou-se a meu lado. Ele queria trocar um quarto de litro de aguardente e meio litro de querosene por bolo de azeite no mercado. Eu recebi 125 gramas de pão. Minha mulher e eu recebemos a ração de pão dos funcionários."

[469] "O correio está trabalhando mal, até hoje não recebi nenhum jornal moscovita de dezembro."

[470] "No programa de rádio noturno foi trazida a notícia sobre a entrada dos EUA na guerra contra a Alemanha, Hungria e Romênia."

> schale, die mir jemand überließ. Die Scherben lassen sich evtl. verleimen. So bekommt man ein besseres Bild. Das verleimte Bild könnte man auf einer Sperrholzplatte befestigen und dann aufhängen. Ich habe noch ein zweites Scherbenstück, von dem alle Teile noch vorhanden sind.[471] (*ibidem*: 337-338)

Tilgner está entre os poucos militares apresentados em *Barbarossa '41* que apreciam, de alguma maneira, a arte russa, mas seu texto não reflete respeito, e sim a ação destruidora de alemães. Tilgner pôde recuperar apenas cacos de objetos que eram tão belos que ele considerava adequados para enfeitar sua casa, mesmo que estivessem estilhaçados ou incompletos. Se, por um lado, o fato de não haver sobrado nenhum desses valiosos objetos intactos demonstra o estrago que foi produzido pelo ataque alemão, a atitude de Tilgner de enviar os cacos para casa espelha, por outro lado, a pilhagem que foi cometida pelos homens do exército. Tudo foi destruído, e o pouco que restou de belo ou útil foi roubado e levado pelos militares, a exemplo de Tilgner. Além disso, o texto faz parte da composição de uma curva de tensão ascendente, que coloca no início da situação no Leste o desespero do militar alemão, que depois é relativizado por textos como este de Tilgner, para culminar na miséria absoluta registrada pelas vozes russas.

O oficial prossegue sua carta comentando o tempo, que está um pouco mais brando, e, em seguida, escreve sobre seu alojamento: "Wir können froh darüber sein, ein so nettes Heim zu haben, dazu Radio und Licht. Was das heißt, kein Licht zu haben, wie das in einigen Orten der Fall ist, kann man sich schwer vorstellen. Die Helligkeit des Tages dauert nur 6 Stunden".[472] (*ibidem*: 338) Tilgner afirma não ser capaz de imaginar como seria a situação em uma das regiões que estão sem luz. Evidentemente, ele escreve sobre seus camaradas, mas o referencial mais próximo que o leitor tem é Pjotr Samarin, leningradense que passa por severas privações devido às atividades de Tilgner e seus homens. Essa ordenação de textos permite que o leitor obtenha informações sobre a situação em Leningrado e as compare com os textos dos oficiais, e, no caso de a comparação não ter ocorrido automaticamente, alemães são reintroduzidos no texto, desta vez com palavras que refletem, mesmo que indiretamente, sua culpa na destruição ocorrida na região, o que deve levar à reflexão sobre a ação de todos os homens que estavam diante de Leningrado.

[471] "Minha querida Lydia, uma carta já foi enviada hoje, mas como eu fiz um pacotinho, informo-lhe que estou enviando alguns cacos para você. O desenho chinês agradou-me tanto. Mandei recolherem os cacos, mas infelizmente ainda faltam algumas peças da mesa de mármore. São escombros do tempo dos tsares. No segundo pacote, encontra-se uma travessa de madeira que alguém deixou para mim. Os cacos podem, eventualmente, ser grudados. Assim, se obtém uma imagem melhor. Poder-se-ia colar a imagem grudada em um quadro de madeira compensada e então pendurar. Ainda tenho um segundo conjunto de cacos, do qual eu tenho todos os pedaços."
[472] "Podemos nos alegrar por ter um lar tão simpático, com rádio e luz. Mal se pode imaginar o que quer dizer não ter luz, como é o caso em alguns lugares. A claridade do dia dura apenas 6 horas."

Os próximos dois textos sobre Leningrado foram escritos por médicas. No primeiro, Galina Samowarowa descreve a gravidade da fome na cidade:

> Sämtliche Katzen und Hunde in der Stadt waren gegessen worden. Die Männer starben eher als die Frauen, weil sie muskulös waren und weniger Fettansatz hatten. Die Frauen, sogar die kleinen, hatten viel mehr davon. Doch sie starben auch, obwohl sie wiederstandfähiger waren. Die Menschen verwandelten sich in Greise, weil der Fettansatz völlig verzehrt wurde, und sämtliche Muskeln und Blutgefäße traten am Köper deutlich hervor.[473] (*ibidem*: 338)

Samowarowa transmite de forma clara e praticamente imagética a fome sofrida durante o período do cerco. O fato de que os animais de estimação estavam sendo consumidos resume o desespero da fome, a qual é, por sua vez, enfatizada através do dado sobre a morte dos homens, que precedia a das mulheres, informação que se reflete nas personagens leningradenses apresentadas no livro: enquanto os homens, Samarin e Rjabinkin, morreram em 1942, os relatos femininos costumam ser trechos de testemunhos posteriores. As mulheres apresentadas no livro são sobreviventes. Por fim, Samowarowa descreve qual era o efeito visual de tanta fome: homens e mulheres envelheciam rapidamente. A seguir, em um tom que beira o literário, a médica Anna Kondratjewa descreve o rosto destas pessoas atormentadas pela fome: "Diese furchtbaren Gesichter, diese erstarrten Augen, die nur mit der Haut überzogen Nasenknochen, diese Gesichter ohne jegliche Mimik".[474] (*ibidem*: 338) Não há nenhuma foto que apresente os leningradenses nesse estado avançado de fome, mas a descrição que elas fazem é suficiente para que se produza uma forte imagem.

Uma vez que o leitor tem uma descrição mais impactante sobre os males que a fome estava produzindo, o jovem Jura Rjabinkin volta a figurar no livro. Ao contrário do que ocorria na primeira metade do livro, Rjabinkin não escreve mais sobre seu trabalho considerando-o como forma de ajudar a nação, ele não acredita mais que será um grande herói. Aqui ele comenta a ração adquirida pela família e já dá traços da covardia que vai caracterizá-lo pelos próximos "dias". Primeiro ele escreve, "Diese Dekade ist für unser Schicksal entscheidend. Die Hauptaufgabe besteht darin, daß wir entscheiden, mit wem und wie wir fahren. […] Mutter ist wieder krank".[475] (*ibidem*: 339). E, em seguida, ele afirma estar guardando dinheiro escondido da família para tentar ir para a Sibéria. Rjabinkin não tem a intenção de utilizar esse dinheiro seja para auxiliar a família na viagem, seja para cuidar da

[473] "Todos os gatos e cachorros da cidade haviam sido comidos. Os homens morriam antes das mulheres porque eles eram musculosos e tinham menos gordura. As mulheres, mesmo as pequenas, tinham muito mais. Mas elas também morriam, apesar de serem mais resistentes. As pessoas transformavam-se em anciões porque a gordura era completamente consumida e todos os músculos e veias se sobressaíam nos corpos."
[474] "Esses rostos horríveis, esses olhos arregalados, os ossos do nariz cobertos apenas pela pele, esses rostos sem qualquer expressão."
[475] "Estes dez dias serão decisivos para o nosso futuro. A principal tarefa é escolher com quem e como viajaremos. [...] A mãe está doente de novo."

doença da mãe. Todavia, a introdução que se faz ao texto de Rjabinkin justifica, em parte, sua atitude. O rapaz está, sim, sendo mesquinho, entretanto isso não ocorre simplesmente por um desvio de caráter, mas especialmente devido à fome. Essa estruturação não visa defender Rjabinkin, mas conservar o valor de seu texto enquanto testemunho do que a fome fez com a vida dessas pessoas. O que deve ser observado e questionado não são as atitudes do indivíduo, mas o quanto o severo racionamento de alimentos alterou e minou as bases familiares e sociais em Leningrado. Aqui, acabam os relatos da fome e se iniciam as descrições de como se deu a fuga daqueles que a arriscaram.

Há dois textos sobre a evacuação de Leningrado. No primeiro, Jurij Gorjunow conta que teve sua viagem interrompida devido a um bombardeio que atingiu o grupo que estava à sua frente:

> Anfang Dezember 1941. Durchdringende Kälte auf den Bahnsteig im Bahnhof Finnljandskii. Ein Personenzug des Nahverkehrs, dessen Wagen durch die Kanonenöfen, die aus Tonnen gebastelt sind, erwärmt wurden. Bis zum Ort, wo heute die Station Ladoga-See liegt, sind wir fast Tag und Nacht gefahren. Alles ging glücklich vor sich, ausgenommen [sic] der Beschädigung unserer Dampflok bei einem Artilleriebeschuß unterwegs. / Am Abhang Waganowskij stiegen wir in die LKWs um. Einige von diesen LKWs waren mit Planen abgedeckt. Die Plane schützte uns ein wenig vor dem Wind, der vom Ladoga-See herweht, doch es gab keinen Schutz vor der Kälte bis 30 Grad unter Null. Ich erinnere mich, daß wir lange standen. Erst später wurde bekannt, daß die Autokolonne vor uns von den deutschen Flugzeugen angegriffen worden war. Die Eisstraße war zerstört, und wir mußten warten bis eine Umleitung fertig war. Über das Schicksal unserer Vorgänger sprach man nicht, ihr Geschick war für alle klar.[476] (*ibidem*: 340)

A evacuação dos leningradenses não ocorre sem maiores problemas. Além de uma falha técnica e da falta de proteção contra o frio cortante de dezembro, os caminhões ficaram parados por um bom tempo devido a um ataque feito por aviões alemães, o que há de ter tornado a viagem dessas pessoas ainda mais difícil, com a lembrança de que a morte pairava sobre elas mesmo no momento em que acreditavam estar caminhando em direção à salvação. A viagem prossegue com a certeza de que seus predecessores estão mortos.

Em seguida, Ludmila Komrakowa, que era uma criança de dez anos na época, relembra a evacuação também em dezembro de 1941. Na época, ela e seu irmão moravam com a tia. Sua mãe havia morrido e seu pai estava no *front*. Como a tia não possuía

[476] "Início de dezembro de 1941. Frio penetrante nas plataformas da estação de trem Finnljandskii. Um trem urbano cujos vagões eram aquecidos por fornos cilíndricos feitos de tonéis. Viajamos quase dia e noite até o local onde hoje fica a estação lago Ladoga. Tudo correu bem, exceto a avaria de nossa locomotiva a vapor por um tiro de artilharia durante o trajeto. / No declive de Vaganovskii, baldeamos para os caminhões. Alguns desses caminhões estavam cobertos com lonas. A lona protegia-nos um pouco do vento que vinha do Ladoga, mas não havia qualquer tipo de proteção do frio de trinta graus negativos. Lembro-me que ficamos um bom tempo parados. Apenas mais tarde ficamos sabendo que a coluna de carros a nossa frente havia sido atacada por aviões alemães. O caminho de gelo estava destruído e tínhamos que esperar até que um desvio ficasse pronto. Sobre o destino de nossos predecessores não se falava, sua sorte estava clara para todos nós."

documentos que comprovassem a guarda das crianças, mas havia prometido que cuidaria delas para a irmã, eles deveriam deixar a cidade o quanto antes para evitar que as crianças fossem tiradas dela. A bagagem que poderia ser levada era extremamente limitada, e não havia espaço para a boneca de Komrakowa:

> Es war sehr kalt im Dezember 1941, als wir uns für die weite Reise bereit machten, man mußte vor allem warme Sachen mitnehmen, und das Gepäck war nach Umfang und Gewicht streng begrenzt. / Die Tante hat alles in einen kleinen Sack geworfen und für meine liebe Puppe Mascha, mit der ich jede Nacht eingeschlafen war, gab es keinen Platz. Und Mascha hatte so schöne blaue Augen mit langen seidigen Wimpern und lange Haare, sie war aus Porzellan konnte zwinkern und hatte ein herrliches dunkelrotes Kleid an. / Ich begann zu heulen. / "Lieber bleibe ich hier, ohne Mascha fahre ich nirgendwohin. Ich kann sie nicht im Stich lassen", – sagte ich so entschlossen, daß die Tante den Sack wieder auszupacken anfing. Sie verzichtete auf die Mitnahme von einigen Sachen und hat für meine Mascha Platz geschaffen.[477] (*ibidem*: 341)

Em um período no qual a família parecia estar desmanchando rapidamente – seu pai havia partido para a guerra, sua mãe havia falecido e ela estava prestes a abandonar a cidade onde vivia – Komrakowa apegou-se à boneca como se fosse da família. Mascha não morreria como os adultos, ela não abandonaria sua dona e Komrakowa também não podia agir assim com ela. A menina já estava tão fragilizada que sua tia prefere deixar roupas quentes para trás e ter certeza de que a sobrinha viajaria com eles de bom grado, na companhia da boneca. Mas, infelizmente, a boneca era frágil, de porcelana:

> Bis zum Ladogasee sind wir mit einem Zug von dem Finnljandskij-Bahnhof gefahren, und als unser Zug am Bahnhof Waganowo eingetroffen war, waren die deutschen Sturzkampfbomber angeflogen, und wir mußten alle in einem unvorstellbaren Durcheinander hektisch aussteigen und unsere Sachen mitnehmen. Es war eine richtige Hölle. Alles umher hat gedonnert, ist in die Luft gegangen und hat gebrannt, die Kinderschreie und die wahnsinnigen Rufe ihrer Mütter haben sich zu einer Kakophonie vermischt. Und in diesem Wirrwarr hörte ich, als ob es totenstill gewesen wäre, wie unser Sack zu Boden fiel und etwas in ihm verräterisch geknirscht hatte. / Mir wurde sofort klar, daß meine Mascha kaputtgegangen war, ich fing an zu heulen, ich habe so lange Zeit geschluchzt. Die Tante hat uns beide in einen noch rauchenden Bombentrichter hinuntersteigen lassen, wo wir dann bis zum Ende des Angriffs saßen. Und meine Puppe blieb irgendwo oben, mein Herz wollte mir vor Kummer zerspringen. Als wir dann wieder hinausgeklettert waren, haben wir unseren Sack nicht mehr gefunden. Die Marodeure reisten immer mit. Meine Puppe Mascha war also vermißt. Nicht gefallen, nicht verwundet, sondern vermißt.[478] (*ibidem*: 341-342)

[477] "Estava muito frio em dezembro de 1941, quando nos preparávamos para a longa viagem, devia-se levar acima de tudo coisas quentes e a bagagem era severamente limitada no tamanho e no peso. / A tia havia jogado tudo em um pequeno saco e para a minha boneca Mascha, com a qual eu adormecia todas as noites, não havia espaço. E a Mascha tinha olhos azuis tão bonitos, com sedosos e longos cílios e cabelos longos, ela era de porcelana, podia piscar e vestia um maravilhoso vestido vermelho-escuro. / Eu comecei a chorar sofregamente. / 'Prefiro ficar aqui, eu não vou para lugar nenhum sem a Mascha. Eu não posso abandoná-la' – falei eu, tão decidida que minha tia começou a tirar as coisas da sacola de novo. Ela renunciou a levar algumas coisas e arrumou espaço para a minha Mascha."

[478] "Viajamos com um trem da estação Finnljandskij até o lago Ladoga, e quando nosso trem havia chegado à estação Vaganovo, os bombardeiros de mergulho alemães haviam chegado, e nós tivemos que desembarcar

A criança já estava tão inserida no cotidiano da guerra que se expressava sobre a boneca como se fosse um soldado. Para ela, sua boneca também era uma espécie de vítima da guerra, e era preferível designá-la como "desaparecida" a aceitar que ela provavelmente havia ficado levemente quebrada ou tinha sido completamente destruída durante a confusão. Essa lembrança é carregada por Komrakowa até a vida adulta, provavelmente porque, enquanto tudo desmoronava a seu redor, ela ainda podia confiar na companhia da boneca, cuja existência acabou por provar-se tão frágil quanto a de seus familiares que a haviam deixado sozinha.

Dois fatores podem justificar o posicionamento desse fragmento no ponto onde se encontra. Um é o impacto da frase final, que forma a "imagem" de uma menina órfã perdendo a boneca favorita e afirmando que ela estava "desaparecida", o que marca o quanto a violência estava presente em sua vida. A citação é a última do grupo (comumente) central e antecede o asterisco que anuncia o próximo grupo. Esse é um ponto onde o leitor pode fazer uma pausa para refletir sobre o que foi lido até então, e mais tempo pode ser despendido com uma ponderação sobre esse texto. O outro fator é a proximidade com o texto de Gorjunow. Ambos fizeram praticamente o mesmo trajeto, que deveria ser o de todos os fugitivos. Gorjunow escreve que houve um ataque ao grupo que estava diante dele naquele dia e que todos os seus companheiros de viagem calaram-se sobre a questão do que aconteceu com essas pessoas justamente porque sabiam o que havia ocorrido com elas. A menina Komrakowa, seu irmão e sua tia foram vítimas de um bombardeio, entretanto, tudo o que se perdeu foram seus pertences e a boneca de porcelana. Se houvesse uma distância entre os textos ou se a ordem fosse inversa, não se obteria o mesmo efeito que se tem aqui. A leitura do texto de Komrakowa logo após as afirmações pessimistas de Gorjunow oferece uma certa esperança. Não foram todos que morreram, muitos se salvaram e ainda estariam vivos anos depois para relatar o que aconteceu. Há uma nítida sensação de que Komrakowa estava no grupo que antecedia Gorjunow, contudo, não há como confirmar isso. Ambas as viagens foram realizadas em dezembro, mas não se sabe qual foi o dia exato, e é certo que alemães atacaram muitos grupos de fugitivos para manter o cerco. Mesmo assim a sensação de

---

rapidamente em uma confusão inimaginável e levar nossas coisas. Foi um verdadeiro inferno. Tudo em volta estrondeava e queimava, os gritos das crianças e os chamados ensandecidos de suas mães misturaram-se em uma cacofonia. E nessa confusão, eu ouvi como se estivesse silencioso quando nosso saco caiu no chão e algo dentro dele rangeu traiçoeiramente. / Para mim, ficou imediatamente claro que a minha Mascha havia quebrado, comecei a chorar sofregamente, fiquei soluçando por muito tempo. A tia nos havia feito descer em uma cratera de explosão ainda fumegante, onde ficamos até o final do ataque. E minha boneca ficou em algum lugar lá em cima, meu coração queria explodir de preocupação. Quando nós escalamos para fora, não achamos mais nossa sacola. Os ladrões de campanha sempre viajavam junto. Minha boneca Mascha, portanto, estava desaparecida. Não havia caído em batalha, não estava ferida, mas desaparecida."

esperança permanece, Komrakowa é uma prova de que nem todos morriam em uma situação como essa.

Os intelectuais e pessoas de fora da zona da guerra foram realocados para depois do grupo que representa o ataque. Isto não foi planejado desde o início; nos manuscritos de *Barbarossa '41*, suas vozes ainda estão localizadas no início do "dia". Contudo, nenhuma das outras personagens faz qualquer menção a Pearl Harbor, mesmo Samarin só comenta uma notícia falsa sobre a participação dos E.U.A. na guerra, sem dar maiores detalhes. Para evitar a falta de continuidade na sequência apresentada no livro, esse grupo de vozes é deslocado para mais perto do final do "dia", onde estaria próximo das citações que também comentam o caso no "dia" seguinte. O ataque é anunciado laconicamente pelo escritor Werner Vordtriede: "Eben berichtet man überm Radio, daß Japan die amerikanische Flotte in Hawaii und den Philippinen bombardiert habe. Die Kriegserklärung wird ja nun wohl folgen. Es ist also vorbei".[479] (*ibidem*: 342) Vivendo em exílio nos E.U.A., Vordtriede vê esse ataque de maneira negativa e compreende o rumo que as coisas devem tomar a partir desse momento, o que ele pontua através da declaração "agora acabou". De fato, esse é o momento que marcaria o início do fim da Segunda Guerra.

Em seguida, Thomas Mann comenta o ataque:

> Im Kriege mit Japan. Erregte Radio-Berichte. Bombardements der Philippinen und Honolulus. Im Lande Zorn und Eintracht. Kundgebungen pazifistischer u. isolationistischer Senatoren für die Regierung und die Verteidigung. Wie gut vorbereitet die Gelben sein mögen und wie schlecht U.S.A. – ist nicht bekannt. Die Niederwerfung Japans könnte die Ereignisse sehr beschleunigen. Kriegserklärung Canada's. Die englische wird folgen.[480] (*ibidem*: 342)

Seu texto oferece mais detalhes. Aqui também são mencionados as Filipinas e Honolulu, a divisão de opiniões após os ataques e a declaração de guerra por parte do Canadá. Mann também expressa que não é sabido se os japoneses estão mesmo mais bem preparados do que os E.U.A., mas o faz de forma pejorativa, chamando os japoneses de "amarelos", o que indica um sério distanciamento da cultura asiática, podendo até mesmo haver um certo preconceito.

O grupo de vozes é encerrado pelo diplomata Harold Nicolson:

[479] "Acabaram de anunciar pelo rádio que o Japão bombardeou a frota americana no Havaí e nas Filipinas. Agora certamente seguirá a declaração de guerra. Portanto, agora acabou."

[480] "Em guerra com o Japão. Notícias de rádio agitadas. Bombardeios nas Filipinas e Honolulu. No país, ira e harmonia. Manifestações de senadores pacifistas e isolacionistas para o governo e a defesa. Quão bem preparados os amarelos podem estar e quão mal preparados os EUA – não é sabido. A derrota do Japão poderia acelerar os acontecimentos. Declaração de guerra do Canadá. A inglesa virá em seguida. / Continuei escrevendo um pouco da 'Thamar'. À tarde, no passeio. Verão indiano, muito quente."

> Nach dem Abendessen hören wir um 9 Uhr die Nachrichten. Die Japaner haben Pearl Harbor bombardiert. Das glaube ich nicht. Dann drehen wir die deutschen und französischen Nachrichten an und hören Genaueres. Roosevelt hat die Mobilmachung der amerikanischen Streitkräfte befohlen und die Flotte angewiesen, ihre geheimen Befehle auszuführen. / Ich bin wie betäubt von diesen Nachrichten. Immerhin verhandelte Roosevelt noch mit Kurusu und hatte ein persönliches Schreiben an den Mikado gerichtet. Während diese Verhandlung noch im Gange sind, führen die Japaner 7.000 Meilen von Japan entfernt einen schweren Luftangriff durch. Das ganze Unternehmen wirkt so verrückt wie Hitlers Angriff auf Rußland. Ich bin verblüfft.[481] (*ibidem*: 342)

Após um anúncio breve e pontual e um comentário feito por um escritor, que também não tinha informações privilegiadas, Nicolson comenta o fato do ponto de vista de um diplomata que sabia que estava havendo negociação com o Japão naquele momento. Dentro desse contexto, o bombardeio de Pearl Harbor lhe parece tão improvável que ele procura outras fontes de notícias para verificar a informação. Uma vez que ela é confirmada, Nicolson pode apenas ficar estupefato. Não há mais o que fazer nesse momento, o envolvimento dos E.U.A. é inevitável.

A ordenação de vozes nesse grupo também garante uma certa gradação, mas não de violência, e sim de informação. Enquanto a primeira apenas introduz o tema, a segunda o desenvolve, mas ainda de um ponto de vista "leigo", e a terceira dá informações sobre contatos políticos que estavam sendo desenvolvidos naquele momento. Também é importante que Nicolson tenha sido escolhido para encerrar o grupo, porque seu comentário é mais neutro do que o de Thomas Mann e não tem traços de preconceito. A discrepância entre o nível de informação do qual Nicolson dispõe e sua reação à notícia expõe, para o leitor, a irracionalidade das ações japonesas e relaciona esse trecho com o diagnóstico do Médico Lehmann no início do "dia". Mais um asterisco encerra esse grupo de vozes e introduz as citações finais que representam o Holocausto.

Em 7 de dezembro, Adam Czerniaków ocupa-se de assuntos ligados à saúde: "Morgens Gemeinde. Um 12 eröffnete ich den Pharmazeutenlehrgang. Um 1 hielt ich eine Ansprache bei einer Veranstaltung der 'Winterhilfe'".[482] (*ibidem*: 343) A seguir, em contraposição, as mortes em Auschwitz continuam acontecendo, já com sinais de que o extermínio sistemático está começando:

[481] "Depois do almoço, ouvimos as notícias às 9 horas. Os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Eu não creio nisso. Então sintonizamos nas notícias alemãs e francesas e ouvimos detalhes. Roosevelt ordenou a mobilização das forças militares americanas e instruiu as frotas a cumprir suas ordens secretas. / Estou como que anestesiado por essas notícias. Contudo, Roosevelt estava negociando com Kurusu e havia enviado um escrito pessoal ao *mikado*. Enquanto essas negociações ainda estão em andamento, os japoneses conduzem um pesado ataque aéreo a 7.000 milhas de distância. Todo o empreendimento me parece tão louco quanto o ataque de Hitler à Rússia. Estou estupefato."

[482] "De manhã, comunidade. Às 12 horas, inaugurei o curso de farmacêuticos. À 1, eu fiz um pequeno discurso no evento de 'Socorros no Inverno'."

> In die Leichenhalle werden die Leichen von 21 Häftlingen eingeliefert. Aus den im Leichenhallenbuch gemachten Eintragungen ergibt sich, daß fünf Häftlinge, die mit den Nummern 23616, 15653, 19374, 21057 und 20254 gekennzeichnet waren, mit Phenolspritzen im Block 19 getötet worden sind.[483] (*ibidem*: 343)

Mais um asterisco e uma outra canção da UFA encerra o "dia":

> Heimat, deine Sterne, sie strahlen mir auch am fernen Ort. / Was sie sagen, deute ich ja so gerne / als der Liebe zärtliches Losungswort. / Schöne Abendstunde, der Himmel ist wie ein Diamant. / Tausend Sterne stehen in weiter Runde, / von der Liebsten freundlichen mir zugesandt. / In der Ferne träum' ich vom Heimatland.[484] (*ibidem*: 343)

Heimat, deine Sterne é uma das músicas do filme *Quaz, der Bruchpilot*, lançado em dezembro de 1941. Essa comédia exerce uma função claramente propagandística, enaltecendo a obediência e a disciplina, as quais seriam capazes de transformar mesmo um homem medroso em um grande herói alemão. A canção não remete apenas ao sentimento nostálgico dos soldados, que recordam o lar, mas principalmente ao filme e à incisiva propaganda nazista conduzida por Goebbels, que anestesiava o povo, tornando-o incapaz de perceber os horrores da guerra, o tranquilizava e ainda enaltecia a obediência que se esperava dele.

Por outro lado, a música também se relaciona com os textos finais de Leningrado, que retratam as pessoas que tiveram de deixar suas casas porque a situação havia se tornado insustentável. As canções aludem principalmente ao entretenimento e à propaganda da época, mas, quando possível, se relacionam com os textos do "dia" e avivam alguns deles na memória do leitor, operando assim em dois planos diferentes.

II.3.3. Considerações

A seleção de textos para um mesmo "dia" é basicamente guiada por sua datação, mas, quando esta é desconhecida, a afinidade entre os fragmentos é o que define sua localização, facilitando o diálogo entre as partes, e até mesmo influenciando a leitura dos textos.

A argumentação que Kempowski executa em *Das Echolot* pode ser identificada tanto na escolha das vozes quanto na ordenação das partes. A importância da escolha das vozes fica acentuada no primeiro "dia" do livro, 21 de junho. Aqui ocorre a apresentação de um texto de Paul Valéry que, embora tenha sido escrito no período da Segunda Guerra, em nada se refere

[483] "No necrotério são entregues os cadáveres de 21 presos. Dos registros feitos no livro do necrotério obtém-se a informação de que cinco prisioneiros que eram designados pelos números 23 616, 15 653, 19 374, 21 057 e 20 254 foram mortos no bloco 19 com injeções de fenol."

[484] "Terra natal, suas estrelas, elas brilham para mim também em um lugar distante. / O que elas dizem, eu interpreto com tanto prazer / Como a senha afetuosa do amor. / Belos momentos da noite, o céu é como um diamante. / Mil estrelas continuam a ronda, / Carinhosamente enviadas para mim pela amada. / No lonjura, eu sonho com a terra natal."

a ela. Valéry indica apenas a necessidade de não compreender a história como um acontecimento encerrado dentro dos padrões que nos foram apresentados até agora. Os textos a seguir devem servir para reflexão e, até mesmo, para (re)modular a visão que se faz desses primeiros movimentos que culminariam no fracasso alemão na Segunda Guerra Mundial. Em seguida, Kempowski apresenta citações contraditórias no que diz respeito ao ponto de vista soviético sobre os ataques. O autor poderia, facilmente, ter excluído o texto conflitante, para manter a coerência, mas ele se decide por deixá-lo, apresentando a "realidade" de forma tão fragmentária como o próprio livro, e levantando o questionamento sobre a veracidade de cada um dos textos ali expostos.

Já a importância da ordenação das partes fica mais clara na análise de 7 de dezembro. Além de serem separadas em grupos, as vozes costumam ser ordenadas em pequenas células de três a cinco fragmentos que apresentam uma tensão crescente dentro de um determinado assunto. Essa ordenação serve para garantir a continuidade durante a leitura do livro. Mas a ordenação de fragmentos que deveriam dialogar apenas em razão de certas afinidades temáticas – costumeiramente sem comprovação de que foram escritos no mesmo dia – é muitas vezes camuflada, e, em alguns poucos casos, é explicitada. Aparentemente, uma distância de duas páginas é considerada ideal para que o leitor mantenha a temática na memória e faça a ligação "espontaneamente", sem notar a mão do autor. Em poucos casos, como o do casal Wieschenberg ou da evacuação de Leningrado, os textos são apresentados sequencialmente, o que equivale a uma interferência mais contundente na leitura. Nesses momentos, a mão do autor pode ser vista "a olho nu".

II.4. Conclusão

Após uma extensa análise conduzida com uma amostra do material que compõe *Barbarossa '41*, verificou-se que o papel de Kempowski como autor e "argumentador" dentro do livro é maior do que parece em um primeiro momento. A apresentação da obra pode causar a impressão de que Kempowski atuou apenas na criação e organização da estrutura formal do livro, o que também foi parte de seu trabalho e certamente é um fator importante de sua composição, mas não é o elemento principal através do qual a representação dos acontecimentos da Segunda Guerra é inserida em uma estrutura argumentativa e interpretativa "subterrânea".

Nessa primeira etapa da composição formal do livro, foi definido o recorte temporal de *Das Echolot* e as vozes representativas para essa fase histórica. A temática selecionada foi o ataque à União Soviética. Ao contrário de todos os outros volumes de *Das Echolot*, *Barbarossa '41* não trata de um momento avançado da guerra, mas do início da invasão que seria o ato decisivo para a derrota da Alemanha nazista. Kempowski selecionou dois momentos decisivos dessa fase, que constituem as duas partes de *Barbarossa '41*: o verão e o inverno de 1941. Nos meses de junho e julho de 1941, a Alemanha tinha uma situação favorável e os traços de um sofrimento que também se abatia sobre a população e os militares alemães eram poucos. Esses meses deveriam contar o "início" da história, mas não eram suficientes para que causa e consequência da catástrofe estivessem presentes no mesmo livro. Para que a apresentação desse primeiro momento fosse completa, era necessário que outros fatores, como a fome extrema causada pelo cerco de Leningrado e o início do fracasso alemão devido ao inverno russo, também fossem retratados, o que só seria possível apresentando a guerra em um momento um pouco mais avançado. Portanto, o mês de dezembro acabou por ser selecionado como material complementar devido ao ataque a Pearl Harbor e à deposição de Brauchitsch, considerados comumente como peripécias decisivas para o percurso da guerra.

Uma vez que o recorte temporal e temático estava definido, era o momento de escolher as vozes que representariam esse momento. Algumas vozes, como as de Valéry e Himmler, são conhecidas do leitor já dos primeiros tomos, de modo que se cria um elo com os outros volumes da obra. Outras vozes são de pessoas como os irmãos Scholl, que também aparecem nos volumes anteriores de *Das Echolot*, adquirindo só nessa fase posterior da guerra maior importância. Sua presença em *Barbarossa 41* ajuda a manter em vista a guerra como um todo, mesmo que a resistência ainda não houvesse demonstrado seu valor nesse momento. Mas há dois grupos que se destacam porque tiveram de ser designados especificamente

devido ao recorte histórico de *Barbarossa '41*: os leningradenses e os militares alemães que estavam envolvidos com os primeiros assassinatos em massa ocorridos nos vilarejos invadidos. Nenhum desses dois coros se fazia claramente presente no material que Kempowski tinha à disposição. Embora alguns dos documentos disponíveis em seu arquivo de biografias não publicadas tratassem dos assassinatos em massa, Kempowski teve de recorrer ao livro *Schöne Zeiten*, dedicado à perspectiva dos próprios perpetradores sobre os assassinatos de judeus, para obter um coro representativo desse viés da guerra. Já os textos russos só puderam ser obtidos com o auxílio de Anatoli Platitsyn, a quem o livro foi dedicado. Ele não apenas fez a pesquisa em sua terra natal, mas também traduziu o material coletado, já guiado pelo recorte de dias predeterminado.

As vozes foram posicionadas no livro buscando causar no leitor o efeito do ataque. Assim, cada "dia" é aberto com vozes que estão fora do movimento da guerra, em especial intelectuais em exílio, mas também outras pessoas que estão fora da zona de conflito. Em seguida, delimitado por um asterisco, vem o grupo central que representa o ataque. Ele é iniciado com os civis alemães e, em seguida, ocorre um movimento crescente de violência nos relatos da guerra, que tendem a começar em um ponto distante e aproximar-se cada vez mais da primeira frente de batalha. Nessa representação da guerra, ocorre um "diálogo" constante entre os militares alemães e soviéticos, até a chegada das vozes dos soldados que foram efetivos no cerco a Leningrado e, por fim, os relatos de fome de suas vítimas. Esse grupo costuma ser encerrado com mais um asterisco antes da chegada das vozes que representam o Holocausto. O "dia" termina com os relatos que comentavam os assassinatos em massa, a vida nos guetos judaicos ou em Auschwitz, como a culminância da escalada da violência.

A argumentação executada por Kempowski encontra-se principalmente na modelagem dos tipos individuais e na estrutura implícita do livro. A modelagem das "personagens" do livro ocorre através da escolha do material a ser publicado. Ela tende a respeitar características apresentadas no material original, mas se concentra apenas em um lado da pessoa tratada. Essa técnica foi utilizada especialmente, mas não só, com os perpetradores, para os quais foram enfatizadas as narrativas de fundo militar, no que a relação familiar foi ocultada. No caso da mãe Dölker-Rehder, para que fosse acentuada a dor pela perda do filho, a alegria trazida pelos outros filhos foi omitida. De modo semelhante, o trecho em que Sophie Scholl comenta que fuma cigarros para expressar a sua rebeldia contra o serviço obrigatório foi excluído, para dar um ar mais maduro à personagem. Esses recortes e omissões parecem indicar a direção na qual se deseja que a leitura seja feita, mas eles também têm a função de "enxugar" o texto, evitando repetições claras de assuntos que não sejam tão interessantes para

uma representação mais profunda da guerra. Afinal de contas, embora o livro apresente inúmeras histórias individuais, a personagem principal é a Segunda Guerra.

Já na estrutura implícita dos "dias", Kempowski ordenou pequenos grupos temáticos, de forma a providenciar uma certa continuidade durante a leitura. A ordenação por similaridade de assuntos é facilmente identificada, mas ainda aparenta ser casual, já que os textos haveriam sido escolhidos apenas de acordo com o dia no qual foram produzidos. Contudo, há uma quantidade considerável de fragmentos que não podem ser datados com exatidão. Eles são maleáveis e podem ser escolhidos de forma a ficarem próximos de outras citações com as quais eles possam "comunicar-se". Quando o "diálogo" desejado pelo autor supera a semelhança temática e trabalha com comparações que induzem a conclusões direta ou indiretamente exteriores ao texto, os fragmentos não costumam vir justapostos, mas separados por até duas páginas. Da proximidade desses textos pode-se intuir tanto relações de causa e consequência, quanto de culpa – como, por exemplo, no caso das vozes dos soldados alemães do cerco e das dos civis em Leningrado. A simples localização dos elementos serve para que a argumentação seja efetuada, como foi observado em mais de um caso presente no "dia" 7 de dezembro, mas ela é apenas induzida, o que dá a impressão de que o leitor está chegando a conclusões "próprias".

O livro é iniciado pelo fragmento de Paul Valéry que faz uma crítica ao trabalho de historiadores e, em seguida, as próximas citações da obra fazem a exposição de materiais com perspectivas conflitantes, o que deve fortalecer, no leitor, um questionamento de toda a narrativa histórica, inclusive do material apresentado em *Barbarossa '41*, sobre o qual não foi feito qualquer tipo de verificação. Essa introdução, ao lado da ausência de uma narrativa que sirva como fio condutor entre os diferentes fragmentos, pode, erroneamente, transmitir para o leitor a ideia de uma exposição da história independente da voz unificadora de um historiador, mas isso seria uma leitura ingênua da obra. A argumentação é executada em planos não narrativos, a dizer, no nível da seleção e do recorte das citações, equivalente a uma estrutura argumentativa. Essa estrutura e a disposição específica do material podem causar, com os contrastes produzidos, variados efeitos emocionais que diferem daqueles que a leitura do material original surtiria e derivam claramente da mão invisível do autor. Assim, embora a obra de montagem composta exclusivamente de citações fique aberta para muitas interpretações individuais que procuram cobrir as lacunas entre um fragmento e outro, ela ainda encontra suas formas de conduzir o leitor.

Anexos

Wie Walter Kempowskis *Echolot* entstand

Ein Gespräch mit Simone Neteler

Sie haben Walter Kempowski 1984, also vor 26 Jahren kennengelernt und waren mehr oder weniger von dem Moment an seine Mitarbeiterin. Sie waren damals erst 17 Jahre alt, wie sind Sie so jung auf den Autor gekommen und in kurzer Zeit Schriftstellerassistentin geworden?

Es stimmt, als wir uns kennenlernten, ging ich noch zur Schule. Erst ein Jahr später machte ich Abitur. Im Bücherschrank meines Vaters hatte ich einige Kempowskis entdeckt und mit Begeisterung gelesen. Ich wusste, dass Kempowski nur anderthalb Stunden von uns entfernt in Nartum wohnte, und da ich mich schon immer mal mit einem richtigen Schriftsteller hatte unterhalten wollen, habe ich ihm einen Brief geschrieben und ihn zu mir nach Hause eingeladen.

Das war mutig…

Na ja, richtig mutig musste ich erst sein, als Kempowski mich anrief und mit mir ein Treffen vereinbarte. Und dann natürlich bei seinem Besuch selbst. Ich war bestimmt sehr nervös – ich erinnere mich noch daran, dass ich mir zur Sicherheit einige Mitschüler und zwei Deutschlehrer eingeladen hatte. Nur für den Fall, dass dem Autor und mir der Gesprächsstoff ausgeht! Die beiden Deutschlehrer haben dann den ganzen Nachmittag kein einziges Wort gesagt; sie saßen in meinem Jugendzimmer auf dem Bett und sackten allmählich immer mehr in sich zusammen…

Hat Kempowski der Besuch gefallen?

Na, aber – davon bin ich überzeugt. Später hat er mir mal gesagt, dass er nur deshalb gekommen ist, weil er es so verrückt fand, in dieser direkten Form eingeladen worden zu sein. Und dass ihm so etwas nie wieder passiert ist. Jedenfalls hat er mich noch an dem Nachmittag zu seinem Sommerclub eingeladen. Und diese Einladung habe ich selbstverständlich angenommen.

Was muss man sich unter dem Sommerclub vorstellen?

Da trafen sich seit 1984 regelmäßig in den Sommerferien Jugendliche im Haus Kreienhoop in Nartum. Hildegard Kempowski machte zu der Zeit meistens ihren Sommerurlaub und der Hausherr lud sich junge Leute ein. Wir mussten das Haus in Ordnung und den Küchenbetrieb in Gang halten. Ansonsten konnten wir uns überall frei bewegen, die Bibliothek nutzen, im Archiv stöbern. Es war eine sehr intensive Zeit. Damals entstanden viele Freundschaften, noch heute habe ich eine sehr gute Freundin in Düsseldorf, die ich damals in Kreienhoop kennengelernt habe. Kempowski arbeitete den Tag über, abends unterhielt er sich dann mit uns, spielte eins seiner Hörspiele vor oder inspirierte uns, die *Galgenlieder* von Morgenstern zu lesen. Bei einem Sommerclub war es auch, dass ich erste Arbeiten im Archiv übernahm. Weil Kempowski und ich uns von Anfang an gut verstanden haben, lud er mich auch zu Literatur-Seminaren ein, dort assistierte ich dann, habe geholfen, wo es gerade nötig war. Unser erstes gemeinsames Projekt war die Morgenstern-Anthologie, die 1989 im Piper-Verlag erschien: *Ein Knie geht einsam um die Welt*. Ich übernahm die Redaktion und kümmerte mich auch um den Kontakt zu den einzelnen Autorinnen und Autoren. Damals studierte ich schon in Münster. Kurze Zeit später fragte Kempowski mich, ob ich nicht ernsthafter bei ihm in seiner Dichterwerkstatt einsteigen wollte. Und ich habe gleich "Ja" gesagt. Erst fuhr ich dann von Zeit zu Zeit für ein Wochenende nach Nartum und arbeitete dort, schon bald aber bekam ich einen klapprigen grauen Computer mit nach Hause, dazu eine Tüte mit Büchern und Texten, und die habe ich dann nach bestimmten Vorgaben in den Rechner eingegeben. So in etwa, also eigentlich recht unspektakulär, begann für mich das, was mich dann für viele Jahre begleiten sollte: die Arbeit am *Echolot*.

Im Januar 1990 stellte Kempowski Sie dann fest ein.

Genau. Deshalb zog ich auch von Münster nach Hamburg. Und war dann jeden Tag auf der Autobahn unterwegs. Morgens hin nach Nartum, abends wieder zurück. Später, also in den Hochphasen des *Echolot*, übernachtete ich auch öfter im Dichterhaus. So konnte ich abends länger am Manuskript arbeiten und morgens früher wieder beginnen.

Wie würden Sie Ihre Mitarbeit am Echolot *grundsätzlich beschreiben?*

Ich denke, ganz entscheidend ist erst einmal die Tatsache, dass der Mitarbeiterstab beim ersten *Echolot* noch gar nicht gefunden war, also eigentlich noch gar nicht existierte. Natürlich gab es irgendwann ein paar sogenannte "Hilfskräfte", die Übersetzungen anfertigten oder auch mal einige Texte in den Computer eingaben. Aber im Grunde haben Kempowski und ich die ersten vier Bände des *Echolot* im Alleingang, also nur zu zweit bewältigt, die gesamte Feinarbeit am Manuskript haben wir beide allein erledigt. In unserer damaligen Zusammenarbeit entwickelte sich die Form des Ganzen, es wurde experimentiert und verworfen. Welche Ordnungsprinzipien, welche Quellen? Die Idee der Zwischentexte, der Umgang mit den Fotos usw. All das, was wir damals für die Monate Januar/Februar 1943 zu zweit mühsam kreierten, wurde Basis für alle Folgebände. Es heißt nicht umsonst: Aller Anfang ist schwer. Oder andersrum, ist der Anfang gemacht, findet sich das Weitere.

Welche Arbeiten haben Sie im Detail übernommen?

Zuerst einmal habe ich die Einsender des *Kempowski-Archivs für unpublizierte Auto-biographien* betreut. Das war neben der allgemeinen Post, neben der Planung von Lesereisen, neben den koordinierenden Absprachen mit dem Verlag ein wesentlicher Arbeitsbereich. Die Einsendungen mussten beantwortet werden. Natürlich mussten sie auch gelesen, verzettelt, also verschlagwortet werden, kurz: sie mussten in den Archivbestand aufgenommen werden. Diese Aufgabe wurde von immer größerer Bedeutung auch für die direkte Arbeit am *Echolot*. Denn per Inserat forderten wir die Menschen auf, uns Tagebücher, Briefe und Fotos aus den *Echolot*-Zeiträumen zu schicken; am Anfang also ganz gezielt Material aus den Monaten Januar/Februar 1943. Und die Leute schickten regelmäßig und viel, der Briefkorb war eigentlich immer randgefüllt. Die Einsendungen mussten entsprechend nicht nur in den Archivbestand aufgenommen, sondern auch für das *Echolot* ausgewertet werden. Das war eine Arbeit, die ich immer gerne und mit viel Neugier übernommen habe. Sie können sich nicht vorstellen, wie groß die Freude über manchen Fund gewesen ist.

Wie war der Kontakt mit den Einsendern?

Man schrieb sich hin und her, manche wollten einen auch kennenlernen. Andere wollten ihre Materialien nicht so einfach aus der Hand geben, sondern bestanden darauf, dass man alles abholte. Einmal bin ich z. B. nach Bonn gefahren und habe eine ältere Dame getroffen, die mir dann bei Kaffee und Kuchen ihre Lebensgeschichte erzählt hat. Ihr Mann und sie hatten

sich im Krieg regelmäßig geschrieben, Liebesbriefe. Die Frau hatte alle Briefe aufbewahrt, mit einem roten Bändchen zusammengebunden und mir dann mitgegeben. Ihr Mann war dann in den 60er-Jahren bei einem Autounfall ums Leben gekommen. Sie beschrieb mir den Abend immer noch mit Tränen in den Augen, als sie am gedeckten Tisch auf ihn gewartet hatte und dann die Nachricht erhielt. Den Zweiten Weltkrieg überlebt und dann bei einem Unfall auf der Autobahn zu Tode gekommen. Solche Schicksale kann man nicht vergessen, die begleiten einen ein Leben lang.

Das hört sich nach einer speziellen Form von Betreuungsarbeit an…

Ja, wenn Sie so wollen. Jedenfalls war der Kontakt in manchen Fällen äußerst intensiv. Aber Kempowski und auch ich haben die Nöte der Einsender gut verstanden. Einerseits vertrauten sie dem bekannten Autor, andererseits wussten sie, dass eine Publikation geplant ist. Sie wollten natürlich wissen, was mit ihren Erinnerungsschätzen geschieht. Sie wollten mitbestimmen. Manche Texte wurden gekürzt, das wollten sie absegnen; es gab andere Personen in den Aufzeichnungen, die allerdings nicht namentlich genannt werden sollten. Usw. Einige Einsender riefen auch öfter an und erkundigten sich nach dem Stand der Dinge. Da musste man manchmal schon sehr sensibel sein und Fingerspitzengefühl zeigen. Das alles hat viel Zeit gekostet. Doch es war wichtig, denn jeder Einsender hatte uns etwas für ihn äußerst Wertvolles anvertraut: seine Erinnerungen, die Briefe der Liebsten etc. Alle sollten ein gutes Gefühl haben, jeder sollte wissen, dass wir sorgfältig und anständig mit den Materialien umgehen. Doch es gab natürlich auch die andere Fraktion. Leute, die es ganz cool nahmen. Die schrieben nur: "Alles zur freien Verwendung! Ich brauche nichts zurück."

Haben Sie auch an der Textmontage mitgearbeitet?

Das bleibt nicht aus, wenn man so nah am Manuskript, an den Texten, den Einsendern und so nah am Autor ist. Allerdings hat die endgültige Feincollage selbstverständlich Kempowski gemacht. Bei *Fuga Furiosa* wurde mir allerdings die gesamte bereits fein gesponnene Vorsortierung übertragen. Das Ordnungsprinzip hier war geografischer Natur, dabei sollten auch die Fluchtbewegungen dargestellt werden. Ich erhielt eine Einweisung durch den Autor und dann ging es los. In mein Arbeitszimmer zu Hause hängte ich mir riesige Karten, von Europa, von den deutschen Ostgebieten usw., ich besorgte mir alte Atlanten und Nachschlagewerke. So ließen sich die Orte der einzelnen Beiträge lokalisieren und die Texte in das Sortierraster

einordnen. Das war ziemlich mühsam, denn die Menschen schrieben nicht nur in Berlin, Paris und Moskau Tagebuch, sondern lebten auch auf kleinen Dörfern in Ostpreußen, Hinterpommern, Ober- oder Unterschlesien. Seit dieser Arbeit weiß ich, wo genau Methgethen liegt oder das damalige Dörfchen Rauschen.

Eine recht altertümliche Arbeitsweise, wenn man heutzutage an das Internet denkt…

Das ist wohl wahr! Aber damals gab es kein Internet. Und auch keine Computer, die mit denen von heute vergleichbar wären. Man konnte nicht einfach kurz googeln und hatte ein überzeugendes Suchergebnis. Nein, die Arbeit am *Echolot* war wirklich Handarbeit, und damit auch langwierige Recherche und mühsame Rekonstruktion.

Wie entschied man, welche Autoren berücksichtigt werden und welche nicht?

Es gab Autorinnen und Autoren, auf die man keinesfalls hätte verzichten können. Aber dann gab es auch die, bei denen man anfing zu diskutieren. Man hatte seine Lieblinge und die, die man weniger wichtig fand. Ich erinnere mich gut, dass ich mich während der Arbeit am Januar/Februar-1943-Manuskript regelrecht freute, wenn ich wieder auf einen Text eines meiner "Freunde" stieß, während einige andere Verfasser mich gar nicht inspiriert haben, ja, ich habe in wenigen Fällen sogar eine regelrechte Antipathie entwickelte. Wie es gerade zu solchen Antipathien kommt, ist schwer zu erklären. Ich habe damals wie heute keine wirklich überzeugende Begründung dafür.

Waren Sympathien und Antipathien bei Kempowski und Ihnen ähnlich verteilt?

Nein. Das Interessante war: Die, die dem einen weniger wichtig waren, sah der andere gerade als bedeutsam an. Das war wirklich häufig so. So fand quasi ein Ausgleich statt. Man machte sich natürlich für "seine Favoriten" stark! Was zur Folge hatte, dass sie letztendlich eigentlich alle in den kollektiven Chor aufgenommen worden sind. Im Nachhinein haben sich diese Entscheidungen auch als richtig erwiesen. Das merkte man ganz deutlich, wenn man einzelne "Tage" des *Echolot* zu einem späteren Zeitpunkt erneut in die Korrektur bekam und dann auch die Stimmen derer deutlich und bereichernd im Chor hörte, die man vorher als nicht so wichtig eingestuft oder als nicht so sympathisch empfunden hatte.

Wie findet man für so ein Projekt die Fülle an Texten?

Einerseits gab es die Standardliteratur, auf die wir zurückgegriffen haben – die NS-Größen, die Politiker anderer Länder, bekannte Tagebücher von Künstlern, Literaten, Musikern etc. Andererseits hatten wir die Einsendungen aus dem Kempowski-Archiv.
Grundsätzlich stellt sich bei so einem Projekt aber immer die Frage: Was ist Vollständigkeit? – Wer Vollständigkeit so definiert, dass jede Stimme, die es gibt oder geben könnte, recherchiert und gefunden werden muss, der wird die Arbeit nie fertigstellen. Man kennt und findet schließlich nicht jede Stimme und hat auch nicht auf jede Quelle Zugriff.
Beim *Echolot* haben wir versucht, Vollständigkeit dadurch herzustellen, einzelne Themenkreise durch bestimmte Autoren abzudecken: Politiker, Künstler, Soldaten aller Nationen, Widerstandskämpfer usw. Aber auch Quellen aus anderen europäischen Ländern – aus Norwegen, aus England, Frankreich, Italien, sogar Nordafrika… Jede Quelle, die man fand, machte aber gleichzeitig eine neue Lücke deutlich. So stellte man dann fest: Es fehlen Zeugnisse von russischen Soldaten. Oder es fehlen die Stimmen von Literaten. Der nächste Schritt war dann eigentlich immer gleich, nämlich herauszufinden, wo man Dokumente solcher Verfasser bekommen kann. Das wurde auch Teil meiner Arbeit – mir zu überlegen, welches Archiv, welche weiterführende Literatur, welche Ansprechpartner gab es, um in der Recherche weiterzukommen.

Haben Sie auch bei der Recherche in Fremdarchiven, Museen usw. mitgewirkt?

Ja, ich fuhr auch in Archive; so war ich beispielsweise mehrere Tage im Literaturarchiv Marbach und auch im Konrad-Adenauer-Haus in Bonn. Manches passierte auch durch Zufall. So erinnere ich mich, dass ich nach Berlin fuhr, um in einem bestimmten Archiv zu recherchieren – was sich allerdings im Hinblick auf das *Echolot* schnell als ungeeignet herausstellte. An diesem Tag aber lernte ich zufällig jemanden kennen, der mir von der Karl-Bonhoeffer-Nervenklinik erzählte. Dort waren bei Umbauarbeiten im Keller Patientenakten aus der Zeit des Zweiten Weltkrieges entdeckt worden. Ich fuhr sofort dorthin und konnte dann tagelang in den dunklen Kellergewölben der Klinik recherchieren. Das war alles höchst interessant! Ich glaube mich zu erinnern, dass Auszüge einer Akte auch im *Echolot* aufgenommen wurden. Jedenfalls nahm ich alles in Kopie mit, und die Unterlagen waren auch für das Kempowski-Archiv bedeutsam.

Welchen Anteil hatten die bereits publizierten Quellen?

Unter den publizierten Quellen waren vornehmlich Menschen, die in der Öffentlichkeit standen, also Künstler, Politiker etc. Seltener unbekannte Personen. Zuerst war die Frage, ob die berühmten Tagebuch- und Briefeschreiber wie Thomas Mann und Bertolt Brecht Aufnahme im *Echolot* finden sollten. Kempowski experimentierte in dieser Hinsicht lange. Genauso übrigens, wie er auch ausprobierte, seine eigene Familiengeschichte im *Echolot* unterzubringen, was aber dann später doch nicht geschehen ist. Nur ein Foto von den Kempowskis ist in das Manuskript eingegangen…
Aber noch einmal zurück zum Umgang mit den Prominenten… Dass die prominenten Autoren schließlich in das *Echolot* aufgenommen wurden, ist auch einem Gespräch zwischen Kempowski und Christoph Stölzl zu danken. Der war damals Leiter des Deutschen Historischen Museums und riet dazu, auf diese Stimmen nicht zu verzichten, sondern sie mit den Stimmen des Volkes zu mischen. Diese Entscheidung war eine der ganz zentralen. Stellen Sie sich vor, wir hätten auf die Prominenten verzichtet. Das wäre ein unglaublicher Verlust für die Dichte und die Perspektivenvielfalt gewesen. Natürlich zog die Entscheidung auch ein Mehr an Arbeit nach sich, nicht nur, was die Recherche betrifft, sondern auch im Hinblick auf die gesamte Organisation und Korrespondenz. Denn alle entsprechenden Verlage mussten kontaktiert, die Publikationsrechte mussten eingeholt werden. Dazu die Kosten, schließlich stellten nicht alle Verlage die Abdruckgenehmigung umsonst zur Verfügung. Doch wie auch immer, die Promi-Stimmen waren unverzichtbar.

Haben Sie nach einzelnen Stimmen gesucht oder auch verstärkt nach Themen?

Wie schon gesagt, jeder Text tat eine neue Lücke auf. Und die konnte selbstverständlich auch thematischer Natur sein. Außerdem steht jede Stimme auch für ein Thema.
Die zentralen Themenkreise der Bände Januar/Februar 1943 kristallisierten sich schnell heraus: Stalingrad, die Weiße Rose, Casablanca, außerdem Goebbels und seine Rede zum "Totalen Krieg". Diese Begriffe spiegeln das Geschehen dieser Monate sehr deutlich und waren auch für den gesamten Kriegsverlauf von großer Bedeutung. So war Stalingrad extrem wichtig, weil es zum Inbegriff für die militärische Wende an der Ostfront geworden ist. Dann die Weiße Rose, das Thema Widerstand, die Geschwister Scholl. Außerdem die Casablanca-Konferenz, auf der die westlichen Alliierten die weitere Kriegsführung berieten und den Beschluss fassten, bis zur bedingungslosen Kapitulation der deutschen Streitkräfte weiter-

zukämpfen. Und Goebbels rief quasi als Antwort darauf im Berliner Sportpalast: “Wollt ihr den totalen Krieg?” Und das Publikum applaudierte.
Diese Themenschwerpunkte haben auf der anderen Seite auch geholfen, das *Echolot* zu realisieren. Denn eigentlich war es in seiner Struktur ja zu Anfang ein bisschen anders angelegt gewesen. Es sollte erst Tag für Tag, Monat für Monat, Jahr für Jahr bis zum Kriegsende zusammengestellt werden. Ob wir dieses Mammutunternehmen hätten stemmen können, sei einmal dahingestellt, aber einen Verlag hätten wir dafür ganz sicher nicht gefunden. So entstand die Idee, sich für bestimmte Phasen des Zweiten Weltkrieges zu entscheiden, Phasen, die das Geschehen wie im Zeitraffer abbilden. Schon aus diesem Blickwinkel betrachtet, waren wir recht themenorientiert, mussten es sein, weil die Struktur des Werkes es verlangte.

Gestaltete sich die Recherche zu bestimmten Themen schwierig?

Es war bei der Recherche für die Bände Januar/Februar 1943 schwierig, unveröffentlichte ausländische, besonders russische Stimmen zu bekommen. Das war beispielsweise bei der *Fuga Furiosa* etwas einfacher, denn da bestand mit Anatoli Philippowitsch Platitsyn ein enger Kontakt nach Russland. Platitsyn recherchierte im Auftrag von Kempowski vor Ort. Er war Muttersprachler, er kannte viele Menschen, die im Krieg gewesen waren. Das war ein Glücksfall. Die Aufzeichnungen, die auf diese Weise in das *Echolot* gekommen sind, hätten wir ohne diesen Kontakt wohl nicht erhalten.
Doch davon ganz abgesehen, reiste Kempowski zu einer Lesung ins Ausland oder machten seine Mitarbeiter Urlaub irgendwo in Europa, dann verstand es sich von selbst, dass man die Buchhandlungen, Antiquariate und Archive nach *Echolot*-Material durchforschte.

Gab es Material, das gänzlich vermieden werden sollte?

Das ist mir nicht bekannt. Im Gegenteil, wir waren immer froh über neue Ideen und Inspirationen. Und die kamen vor allem dem Autor manchmal stündlich. Ich erinnere mich noch gut an den Moment, als wir uns über seine Lieblingsfilme als 13-Jähriger unterhielten. Meine Verwunderung darüber, dass es damals überhaupt noch ein Kinoprogramm gab, führte zur nächsten Recherche: Wo findet man das Kinoprogramm für die Monate Januar/Februar 1943? Es war nicht leicht, das aufzutreiben, aber im Archiv des Axel Springer Verlags in Hamburg wurde ich fündig. Im *Hamburger Fremdenblatt* entdeckte ich nicht nur das stattliche Kino-

programm von damals, sondern auch Varietéveranstaltungen und, und, und. In diesem Zusammenhang fallen mir auch immer gleich die 43er-Zugpläne der Deutschen Reichsbahn ein, die Zugverbindungen von Berlin nach Paris, von Königsberg nach Berlin usw.; dass das alles noch funktioniert hat…
Aber wenn wir manchmal eine Stimme nicht verwendet haben, dann nicht deshalb, weil sie uns nicht genehm war, sondern höchstens deshalb, weil der Inhalt in gleicher oder ähnlicher Weise schon sehr oft vertreten war. Eine Stimme aus dem Manuskript zu streichen, das geschah jedes Mal schweren Herzens. Doch wir mussten uns begrenzen, der Lesbarkeit und, ja, überhaupt der Machbarkeit des Ganzen wegen.

Es scheint, als wären manche Personen, die beispielsweise Tagebuch geführt haben, mit ihren Eintragungen weniger repräsentiert als andere Tagebuchschreiber.

Dieser Eindruck mag entstehen. Aber bedenken Sie, dass nicht jeder Mensch jeden Tag Tagebuch schreibt. Manche Autoren hatten für den zugrunde gelegten Zeitraum vielleicht nur zwei Eintragungen gemacht, eine im Januar und eine Anfang Februar ’43. Die nächste Notiz folgte dann möglicherweise erst Mitte März und war deshalb für unser Projekt nicht mehr relevant. Welche Autoren wie oft vertreten sind, hängt also von vielen Faktoren ab, es ist keinesfalls nur der Tatsache geschuldet, dass eine Auswahl getroffen wurde.

Was muss man sich unter dem vertikalen und horizontalen Erzählen vorstellen, das Kempowski öfter erwähnt hat?

Das vertikale Prinzip entsteht dadurch, dass alle einzelnen Stimmen scheinbar miteinander kommunizieren. Dabei sprechen auch die mit, die nicht jeden Tag mit ihren Beobachtungen vorkommen. Es ist wie ein langes Gespräch, das mit jeder Datumsangabe aufs Neue beginnt. Ein scheinbarer Dialog von Menschen, die zur gleichen Zeit an verschiedensten Orten unterschiedlichste Dinge erleben. Das ist der Reiz des Simultanen. Durch dieses Dialogische entsteht eine eigene Tiefe des Geschilderten – ein Miteinander, eine besondere Vielschichtigkeit.
Das horizontale Erzählen dagegen ist vor allem chronologisch. Das heißt im Hinblick auf das *Echolot*, dass *day by day* berichtet wird und dabei einzelne Autorinnen und Autoren regelmäßig auftauchen. So kann der Leser gut verfolgen, was im Leben des jeweiligen

Schreibers geschieht. Besteht die Studentin die Prüfung? Trifft der Soldat die Schauspielerin wieder, in die er sich verliebt hat? Das will der Leser wissen und liest weiter.
Das Zusammenspiel von horizontalem und vertikalem Erzählen erzeugt eine eigene Form von Wahrhaftigkeit; es bietet die Chance, Realität in ihren verschiedenen Facetten einzufangen. Oder anders ausgedrückt: das große Ganze zu verfolgen und trotzdem Einzelschicksale nicht aus dem Blick zu verlieren.

In dem Buch Culpa *sind neben Auszügen aus den Tagebüchern Kempowskis zur Entstehung des* Echolot *auch Ihre Tagebucheintragungen nachzulesen. Wie haben Sie Kempowskis Bitte, Ihre Aufzeichungen zu seinem Tagebuch beizusteuern, aufgenommen?*

Mich hat es zuerst ein wenig gewundert, dass Kempowski auch meine Erinnerungen an unsere gemeinsame Arbeit mit in das Buch aufnehmen wollte. Ich schildere ihn ja nicht immer nur zu seinem Vorteil… Aber als ich dann kurz darüber nachdachte, war mir klar, dass das wieder ein Beispiel für einen seiner wichtigsten Wesenszüge ist: Humor zu haben, auch über sich selbst lachen zu können und sich jedenfalls nicht immer ganz so wichtig zu nehmen.

Sie waren nicht immer einer Meinung…

Wir waren oft einer Meinung.

In Culpa *ist zu lesen, dass Sie dagegen waren, sich von der Datierung der Texte zu lösen. Sie haben sich darüber mit Kempowski gestritten.*

Nun, gestritten ist vielleicht ein bisschen viel gesagt. Sie meinen das Transponieren, oder? Die Idee dahinter war, dass Texte, die nicht aus dem Januar oder Februar 1943 stammten, sondern beispielsweise erst aus dem Mai 1943, trotzdem in dem Manuskript Verwendung finden sollten. Wenn sie inhaltlich im Grunde zeitunabhängig waren. Mir behagte das sogenannte Transponieren nicht. Schließlich steht jeder "Tag" des *Echolot* für genaue Datierbarkeit und damit auch dafür, dass alle Texte, die unter dem einzelnen Datum auftauchen, auch von diesem Tag sind. Kempowski ging es um die Lesbarkeit des Ganzen, doch die hätte meiner Meinung nach auch ohne das Transponieren nicht gelitten.

Allerdings sind einzelne Beiträge, die aus Biografien herausgelöst wurden, auch nicht immer auf den Tag genau datierbar…

Das ist richtig, für mich aber eine andere Thematik. Denn aus dem Umfeld der einzelnen Beschreibung ließ sich in der Regel das Datum doch ziemlich genau lokalisieren und bestimmen. Vielleicht nicht so exakt, dass man sagen konnte, das ist ganz klar der 1. oder 2. Februar 1943, aber doch so genau, dass klar war, ob die entsprechende Passage Anfang Februar oder erst Ende März spielte. Jede Erinnerung ist in Fakten eingebettet. Doch dass wir beispielsweise Aufzeichnungen aus Norwegen verwendeten, die eigentlich in einem späteren Zeitraum datiert waren, widersprach meinem Verständnis von Authentizität. Natürlich brauchten wir Aufzeichnungen aus Norwegen, aber ich hätte lieber weitergesucht, um Aufzeichnungen zu finden, die tatsächlich aus dem Januar/Februar 1943 stammten. Weniger eng habe ich das im Hinblick auf die eben schon erwähnten Beileidsbriefe gesehen. Ich hatte im Lauf der Arbeit wohl Hunderte von solchen Kondolenzschreiben gesichtet und dabei festgestellt, dass sie inhaltlich in der Regel nicht von einem Datum abhängen. Sie unterschieden sich eher in punkto Ausführlichkeit, waren verschieden im Hinblick auf Gottesfürchtigkeit, Führerglaube oder direkte bzw. versteckte Kriegskritik. Da war das Datum fast immer eher zweitrangig. Diese Briefe waren quasi als eigene Ebene in die Collage eingefügt. Waren ein Element, das den Schrecken des Krieges spiegelte.
Es gab aber noch einen anderen Grund, weshalb ich mich gegen das Transponieren stellte. Und der war rein arbeitstechnischer Natur. Meine Sorge war, dass wir nie fertig werden, wenn wir uns bei der Recherche der Texte vom Datum lösen. Mir schien die Gefahr, ins Uferlose abzudriften, sehr groß.
Aber wie man nun auch immer über das Transponieren denken mag, wir haben daraus kein Geheimnis gemacht. Was mich auch versöhnlich stimmte, war die Tatsache, dass letztlich in der gesamten Masse von Texten kaum eine Handvoll Beiträge sind, die tatsächlich transponiert worden sind.

Was hat es in Barbarossa ’41 *und in der* Fuga Furiosa *mit den Sternchen zwischen den Texten auf sich?*

Die Sternchen dienen der Orientierung. Sie markieren ein Abschnittsende, häufig den Wechsel von einem geografischen Bereich zum anderen oder auch einen Themenwechsel.

Haben Sie auch an der Fotoebene mitgewirkt?

Ja, auch da wurde viel ausprobiert. Zu Anfang war die Idee, jedem einzelnen Autor ein eigenes Porträtfoto zuzuordnen. Auf diese Weise sollte man den Verfasser beim Lesen gleich wiedererkennen. Das Problem jedoch war, dass wir nicht zu jedem Autor ein solches Foto hatten. Deshalb experimentierten wir mit Fremdfotos, die wir einzelnen Autoren zuordneten. Wir fertigten Musterseiten an, alles in Handarbeit. Schnitten also Texte aus und klebten Fotos daneben, um zu sehen, ob der gewünschte Effekt eintrat. Ganze "Tage" des *Echolot*-Manuskripts haben wir so per Hand bearbeitet; eine wirklich mühsame Arbeit, die aber auch Spaß gemacht hat. Dann aber kam seitens des Verlages im Hinblick auf die Fotos ein Veto: keine Fotos auf jeder Seite, es ist zu teuer. Nur einzelne Fotoseiten waren möglich. Und die hielten dann entweder Impressionen aus der Zeit fest, zeigten wohl auch mal einen der Autoren oder waren inszeniert als Zeitsprung, also: So war das vorher, jetzt aber ist Krieg. Viele Fotos spiegeln auch die Familie, die Heimat, aber die Väter und Söhne sind nicht zu Hause, die sind im Krieg, was auf der Textebene nachzulesen ist.
Jedenfalls hat Kempowski auf der Fotoebene sehr viel getüftelt, um eine gute Gewichtung bzw. manchmal auch ein passendes Gegengewicht zu den Texten herzustellen. Mir scheint die gefundene auch die beste Lösung zu sein, nämlich die Fotos nicht eindeutig auf den Text abzustimmen. So bleiben Fotos und Text einerseits selbstständig, andererseits jedoch kommentieren sie sich auf unterschwellige Weise gegenseitig.

Sie haben immer versucht, auch die Lebensdaten und weitere biografische Fakten über die einzelnen Verfasser herauszubekommen. Warum?

Es war wichtig für die Archivarbeit, aber auch für das *Echolot*. Denn als Leser möchte man doch wissen, wie alt der Tagebuchschreiber im Moment des Schreibens ist, wann er gestorben ist. Vielleicht auch, ob er dreimal verheiratet war oder ob die Liebesbriefe die einzigen waren, die er je in seinem Leben geschrieben hat. Neben dem historischen Interesse und der literarischen Begeisterung gehört zu so einer Arbeit immer auch die Neugier. Eine Neugier am Menschen und an dem, was den Menschen treibt, was ihm widerfährt bzw. widerfahren kann. Diese Neugier am Schicksal des Menschen braucht man auf jeden Fall, wenn man solch eine Arbeit bestreiten will.

Como se originou *Das Echolot* de Walter Kempowski

Uma conversa com Simone Neteler

Você conheceu Walter Kempowski em 1984, ou seja, há 26 anos. E, praticamente desde então, foi uma colaboradora dele. Você só tinha 17 anos de idade, como chegou ao autor ainda tão jovem e logo se tornou sua assistente?

É verdade, quando nós nos conhecemos, eu ainda frequentava a escola. Só um ano depois eu fiz o *Abitur*.[485] Eu havia descoberto alguns livros do Kempowski na prateleira do meu pai e os tinha lido com entusiasmo. Sabia que Kempowski morava em Nartum, a apenas uma hora e meia da minha casa, e, como eu sempre quis conversar com um escritor de verdade, escrevi-lhe uma carta e convidei-o para vir até a minha casa.

Isso foi corajoso...

Bem, eu só tive que ser corajosa mesmo quando Walter Kempowski me ligou e marcou uma conversa comigo. E, claro, quando ele me visitou de fato. Eu estava realmente muito nervosa – ainda me lembro que, por precaução, eu convidei alguns colegas da escola e dois professores de alemão. Só para o caso do assunto entre eu e o autor acabar! Os dois professores de alemão não disseram palavra alguma durante toda a tarde; eles ficaram sentados na cama do meu quarto e estavam cada vez mais ensimesmados.

E Walter Kempowski gostou da visita?

Bem, disso eu estou certa. Mais tarde ele me disse que só veio porque achou muito louco ser convidado dessa forma direta. E que isso nunca mais aconteceu com ele. De qualquer forma, ele me convidou, ainda naquela tarde, para tomar parte em seu clube de verão. E é claro que eu aceitei.

O que era o clube de verão?

[485] Prova de conclusão de curso que se faz no final do ensino médio.

Desde 1984, jovens se encontravam com regularidade durante as férias de verão na casa Kreienhoop[486] em Nartum. Hildegard Kempowski costumava fazer suas viagens de verão nesse período, e o dono da casa convidava os jovens para vir até ele. Nós tínhamos que manter a casa em ordem e a cozinha funcionando. Fora isso, podíamos nos movimentar livremente por toda a parte, fazer uso da biblioteca ou fuçar no arquivo. Foi uma época muito intensa. Naquele tempo, começaram muitas amizades, até hoje tenho uma ótima amiga em Düsseldorf que conheci em Kreienhoop. Kempowski trabalhava durante o dia; à noite, ele conversava conosco, tocava seus audiodramas ou inspirava-nos a ler *Galgenlieder* de Morgenstern.[487] Foi também em um clube de verão que eu iniciei o meu primeiro trabalho com o arquivo. Como eu e Kempowski nos entendemos bem desde o princípio, ele também me convidou para um seminário de literatura, e lá eu ajudava no que fosse necessário. Nosso primeiro projeto conjunto foi a antologia de Morgenstern, que foi publicada em 1989 pela editora Piper: *Um joelho anda sozinho pelo mundo*. Eu era responsável pela redação e pelo contato com autores e autoras específicos. Naquela época, eu já frequentava a faculdade em Münster. Pouco tempo depois, Kempowski me perguntou se eu não gostaria de unir-me mais seriamente a ele em sua oficina. Eu logo respondi que "sim". No início, eu viajava de tempos em tempos para Nartum e trabalhava lá durante o final de semana. Logo recebi um computador cinza decrépito para levar para casa, junto com uma sacola de livros e textos – os quais eu digitava no computador de acordo com determinadas demandas. Assim, ou seja, de uma forma nada espetacular, comecei aquilo que deveria me acompanhar por mais muitos anos: o trabalho com *Das Echolot*.

Em janeiro de 1990, Kempowski contratou você.

Exatamente. Por isso, mudei-me de Münster para Hamburgo. E estava todo dia em trânsito na autoestrada. De manhã, em direção a Nartum, e à noite de volta. Mais tarde, ou seja, na fase "alta" de *Das Echolot*, eu frequentemente pernoitava na casa do escritor. Assim podia trabalhar no manuscrito por mais tempo à noite e começar mais cedo de manhã.

Basicamente, como você descreveria esse trabalho com Das Echolot?

[486] Kreienhoop é o nome que Kempowski deu a sua casa, local onde, além de manter uma grande biblioteca e suas coleções, ele procurou abrir espaço para palestras e encontros. Sua mulher, Hildegard Kempowski, procura manter parte desses encontros até a atualidade.
[487] Christian Morgenstern, escritor alemão que viveu entre os anos de 1871 e 1914. *Galgenlieder* é um livro de poesias cômico-grotescas.

Primeiramente, eu acho que o fato de que o *staff* de colaboradores ainda não havia sido encontrado no primeiro *Das Echolot*, aliás, ele nem existia, foi decisivo. Claro que havia alguns, digamos, "assistentes" que faziam as traduções ou também digitavam alguns textos no computador. Mas eu e Kempowski fizemos os primeiros quatro volumes de *Das Echolot* basicamente sozinhos, ou seja, demos conta de tudo apenas em dois, resolvemos todo o trabalho fino no manuscrito sozinhos. Naquela época, desenvolveu-se, de nosso trabalho conjunto, a forma do todo, muito foi experimentado e descartado. Quais princípios de ordenação, quais fontes? A ideia dos "entretextos", o trato com as fotos etc. Tudo aquilo que nós criamos então com muito trabalho foi a base para os volumes subsequentes. Não é à toa que se diz: todo começo é difícil. Ou, inversamente, uma vez que o trabalho está começado, todo o resto encontra seu caminho.

Por qual parte do trabalho você foi responsável mais especificamente?

Primeiro, eu acompanhei os remetentes do "Arquivo Kempowski de autobiografias não publicadas". Essa era uma parte crucial, junto com a correspondência em geral, o planejamento de viagens para eventos de leitura de seus livros e os acordos com a editora que coordenavam o trabalho. As remessas deviam ser respondidas. Claro que elas também deveriam ser lidas, organizadas em fichas, ou seja, identificadas. Resumindo: elas deveriam ser assimiladas pelo arquivo. Essa tarefa se tornou cada vez mais significativa, também para o trabalho direto com *Das Echolot*. Pois nós pedíamos pelos classificados que as pessoas nos enviassem diários, cartas e fotos do período de *Das Echolot*; no início, bem especificamente material dos meses de janeiro e fevereiro de 1943. E as pessoas enviavam coisas regularmente, e muito, na verdade, a caixa de correio estava sempre cheia até a boca. Os envios não deveriam ser apenas integrados no acervo do arquivo, mas também deveriam ser avaliados para *Das Echolot*. Era um trabalho que eu sempre fiz com prazer e com muita curiosidade. Você não pode imaginar quão grande era a alegria com certos achados.

Como era o contato com os remetentes?

Cá e lá alguém escrevia. Alguns queriam conhecer alguém. Outros não queriam liberar seu material tão facilmente, pelo contrário, insistiam que alguém buscasse tudo. Uma vez, por exemplo, eu viajei para Bonn e encontrei uma senhora de idade que me contou a história de sua vida acompanhada de café e bolo. Seu marido e ela escreviam constantemente um para o

outro durante a guerra, cartas de amor. A senhora havia guardado todas as cartas, amarradas com uma fitinha vermelha, e entregou-as para mim. Seu marido havia morrido em um acidente de carro nos anos 60. Ela descreveu para mim, ainda com lágrimas nos olhos, a noite na qual ela esperava por ele, com a mesa posta, quando recebeu a notícia. Sobreviveu à Segunda Guerra, e morreu em um acidente na autoestrada. Esses destinos não se pode esquecer, eles acompanham uma pessoa por toda a vida.

Isso parece um tipo de acompanhamento especial...

Sim, se assim você quiser. De qualquer forma, em alguns casos o contato era extremamente intensivo. Mas Kempowski, e eu também, compreendemos bem as necessidades dos remetentes. Por um lado, eles confiavam no autor conhecido, por outro, eles sabiam que uma publicação estava sendo planejada. É evidente que eles queriam saber o que estava acontecendo com os tesouros de suas lembranças. Eles queriam participar. Alguns textos foram encurtados, e eles desejavam aprovar isso; havia outras pessoas no registro que não deveriam ser chamadas pelo nome. E assim por diante. Alguns remetentes telefonavam com frequência e se informavam sobre o andamento das coisas. Algumas vezes era necessário ser muito sensível e demonstrar tato. Tudo isso tomou muito tempo. Mas era importante, porque cada remetente havia nos confiado algo que era para ele extremamente valioso: suas memórias, as cartas dos amados etc. Todos deveriam ter um sentimento bom, deveriam saber que estávamos tratando do material com cuidado e dignidade. Mas é claro que também havia o outro grupo. Pessoas que levaram tudo de forma bem tranquila. Que escreveram apenas: "Tudo para uso livre! Eu não preciso de nada de volta."

Você também trabalhou na montagem dos textos?

Não se está muito longe disso quando se está tão próximo do manuscrito, dos textos, dos remetentes e tão perto do autor. Contudo, Kempowski evidentemente fez a colagem fina definitiva. Em *Fuga Furiosa*, entretanto, a pré-seleção geral já finamente tecida foi confiada a mim. O princípio de ordenação era de natureza geográfica, nele os movimentos de fuga deveriam ser representados. Eu recebi uma instrução do autor e então as coisas tiveram início. No meu escritório em casa, eu pendurei mapas enormes, da Europa, das regiões orientais da Alemanha etc., arranjei atlas antigos e obras de referência. Assim, os locais de cada contribuição se deixavam localizar e os textos eram ordenados no quadro para a seleção. Foi muito

trabalhoso, porque as pessoas não escreviam diários só em Berlim, Paris e Moscou, mas também viviam em pequenos vilarejos na Prússia Oriental, na Pomerânia Central, Alta e Baixa Silésia. Desde que fiz esse trabalho, eu sei exatamente onde fica Methgethen ou o então vilarejo de Rauschen.

Um trabalho realmente antiquado, quando se pensa na internet hoje em dia...

Isso é bem verdade! Mas naquela época não havia internet. E também não havia computadores que fossem comparáveis com os de hoje em dia. Não se podia simplesmente fazer uma breve busca no Google e ter um resultado convincente. Não, o trabalho em *Das Echolot* foi realmente manual, e com isso também as intermináveis pesquisas e as trabalhosas reconstruções.

Como se decide que autores serão considerados e quais não?

Havia autoras e autores aos quais não se poderia renunciar de maneira alguma. Mas também havia aqueles sobre os quais se começava a discutir. Havia os favoritos e os considerados menos importantes. Eu me lembro bem que, durante o trabalho nos manuscritos de janeiro / fevereiro de 1943, eu me alegrava regularmente quando trombava novamente com um texto de um dos meus "amigos", enquanto alguns outros autores não me inspiravam em nada, sim, em alguns casos eu até mesmo desenvolvi uma verdadeira antipatia. Como se chega a essa antipatia é difícil de explicar. Hoje, como naquela época, não tenho nenhuma justificativa convincente para isso.

As simpatias e antipatias eram compartilhadas por você e Kempowski?

Não. O interessante era: aqueles que um achava menos importante, o outro achava que eram textos significativos. De fato, era frequentemente assim. Desta forma, praticamente houve um equilíbrio. Evidentemente, nos impúnhamos por "nossos favoritos"! O que teve como consequência que, no final, todos foram admitidos no coro coletivo. Mais tarde, essas decisões também demonstraram ser corretas. Isso podia ser notado claramente quando recebíamos de volta "dias" isolados de *Das Echolot* para a correção e então ouvíamos as vozes que anteriormente haviam sido consideradas como não tão importantes ou não tão simpáticas, claras e enriquecedoras no coro.

Como se encontra a completude de textos em um projeto como esse?

Por um lado, havia a literatura exemplar, à qual nós recorremos – os líderes do Nacional Socialismo, os políticos de outros países, diários conhecidos de artistas, literatos, músicos etc. Por outro lado, tínhamos as colaborações enviadas para o arquivo de Kempowski. Em um projeto como este, basicamente, sempre se faz a pergunta: O que é completude? – Quem definir que completude implica que cada voz que há ou possa haver deve ser pesquisada e encontrada nunca vai conseguir terminar um trabalho como esse. Afinal de contas, não é possível conhecer e encontrar todas as vozes, e também não se tem acesso a todas as fontes. Em *Das Echolot*, procuramos chegar à completude tomada no sentido de que cada círculo temático deveria ser coberto por determinados autores: políticos, artistas, soldados de todas as nações, protagonistas da resistência etc. Mas também fontes de outros países europeus – da Noruega, da Inglaterra, França, Itália, até mesmo do Norte da África... Mas cada nova fonte encontrada deixava mais uma lacuna evidente. Assim concluía-se: faltam testemunhos de soldados russos. Ou faltam vozes de literatos. O passo seguinte, na verdade, era sempre o mesmo, a dizer, descobrir onde seria possível conseguir documentos desses autores. Isso também foi parte de meu trabalho – refletir sobre qual arquivo, qual literatura adicional, quais contatos havia para que a pesquisa pudesse prosseguir.

Você também trabalhou na pesquisa em outros arquivos que não o de Kempowski, museus etc.?

Sim, também viajei até arquivos; por exemplo, eu estive por vários dias no Arquivo Literário de Marbach e também na Casa Konrad-Adenauer em Bonn. Algumas coisas aconteceram por coincidência. Lembro-me de que eu viajei para Berlim para pesquisar um determinado arquivo, que, contudo, naquele momento logo se mostrou inadequado para *Das Echolot*. Nesse dia, eu conheci por acaso alguém que falou sobre o Sanatório Karl-Bonhoeffer. Durante a reforma do prédio, tinham sido encontrados no porão os arquivos de pacientes do tempo da Segunda Guerra Mundial. Eu fui imediatamente para lá e pude passar dias pesquisando nas câmaras escuras do porão da clínica. Era tudo muito interessante! Pelo que eu me lembro, alguns trechos de um arquivo foram utilizados em *Das Echolot*. De qualquer forma, eu trouxe cópias de tudo comigo e os documentos também foram significativos para o Arquivo Kempowski.

Que participação tiveram as fontes anteriormente publicadas?

Entre as fontes publicadas estavam especialmente pessoas públicas, ou seja, artistas, políticos etc. Raramente pessoas desconhecidas. Primeiramente, havia a questão de se os diários e cartas famosos de pessoas como Thomas Mann e Bertolt Brecht deveriam ser utilizados em *Das Echolot*. Kempowski fez muitas experimentações nesse sentido. Da mesma forma que ele experimentou incluir a história da própria família em *Das Echolot*, o que, mais tarde, acabou não acontecendo. Apenas uma foto dos Kempowski entrou no manuscrito...
Mas voltando ao trato com os proeminentes... Que os autores famosos tenham, por fim, sido incluídos em *Das Echolot* se deve a uma conversa entre Kempowski e Christoph Stölzl. Naquela época, ele era diretor do Museu da História Alemã e aconselhou que essas vozes não fossem renunciadas, mas que se misturassem às vozes do povo. Esta foi uma das decisões centrais. Imagine se tivéssemos renunciado aos proeminentes. Teria sido uma perda inacreditável para a densidade do texto e a variedade de perspectivas. É claro que a decisão também trouxe consigo um tanto a mais de trabalho, não apenas no que diz respeito à pesquisa, mas também tendo em vista toda a organização e a correspondência. Pois todas as respectivas editoras tiveram de ser contatadas, tivemos que pedir os direitos autorais. Além dos custos, porque nem todas concediam gratuitamente o direito de reprodução. Mas, de qualquer forma, as vozes dos proeminentes eram indispensáveis.

Vocês procuraram por vozes particulares ou principalmente por temas?

Como já foi dito, cada texto abriu uma nova lacuna. E ela evidentemente poderia ser de natureza temática. Além disso, cada voz também representava um tema.
Os círculos temáticos centrais dos volumes de janeiro e fevereiro de 1943 logo se cristalizaram da seguinte forma: Stalingrado, a Rosa Branca, Casablanca, além de Goebbels e seu discurso sobre a "Guerra Total". Esses conceitos refletem os eventos desses meses muito claramente e foram de um grande significado para todo o decorrer da guerra. Stalingrado foi extremamente importante porque se tornou a síntese da virada militar na frente oriental. Então, havia a Rosa Branca com o tema da resistência, os irmãos Scholl. Além disso, a Conferência de Casablanca, na qual os aliados do Ocidente discutiram como a guerra deveria ser levada adiante, tendo decidido continuar lutando até a capitulação incondicional das forças

alemãs. E Goebbels bradou praticamente em resposta no *Berliner Sportpalast* [Palácio dos Esportes de Berlim]: "Vocês querem a guerra total?" E o público aplaudia.

Por outro lado, esses focos temáticos auxiliariam a realizar *Das Echolot*. Pois, na verdade, sua estrutura estava definida de uma forma um pouco diferente no início. Deveria ser compilado dia a dia, mês a mês, ano a ano até o final da guerra. Se nós teríamos conseguido realizar esse empreendimento monumental fica em aberto, mas certamente não teríamos encontrado uma editora para isso. Então surgiu a ideia de selecionar determinadas fases da Segunda Guerra Mundial que representassem os acontecimentos como em um *quick-motion*. Observando desse ponto de vista, nós já éramos bem orientados pela temática. Tínhamos que ser, porque a estrutura da obra exigia.

As pesquisas sobre determinados temas demonstraram ser difíceis?

Na pesquisa dos volumes de janeiro/fevereiro de 1943 foi difícil conseguir vozes não publicadas estrangeiras, em especial as russas. Isso, por exemplo, foi um pouco mais fácil em *Fuga Furiosa*, porque aí havia, através de Anatoli Philippowitsch Platitsyn, um contato estreito com a Rússia. A pedido de Kempowski, Platitsyn pesquisava *in loco*. Ele era falante nativo e conhecia muitas pessoas que tinham estado na guerra. Isso foi um golpe de sorte. Os registros que chegaram a *Das Echolot* dessa forma, nós não teríamos conseguido sem esse contato. Mas, fora isso, se Kempowski viajava para fazer leituras de sua obra no exterior ou se seus colaboradores viajavam de férias para algum lugar na Europa, então era subentendido que seriam feitas buscas por material para *Das Echolot* em livrarias, sebos e arquivos.

Havia material que deveria ser totalmente evitado?

Não que eu saiba. Pelo contrário, sempre ficávamos felizes com novas ideias e inspirações. E elas vinham sobretudo do autor, às vezes de hora em hora. Ainda me lembro bem do momento no qual nós falávamos de seu filme favorito quando ele tinha 13 anos. Minha admiração com o fato de que naquela época ainda havia programação no cinema levou à pesquisa seguinte: Onde se encontram programações de cinema para os meses de janeiro e fevereiro de 1943? Não foi fácil, mas consegui encontrá-las no arquivo da editora Axel Springer em Hamburgo. Não encontrei apenas a considerável programação de cinema daquela época no *Hamburger Fremdenblatt*, mas também eventos de variedades e muito mais. Nesse contexto, eu sempre me lembro logo das tabelas de horários de trem da Ferrovia do Reich de

43, as conexões de trem de Berlim para Paris, de Königsberg para Berlim etc. Que tudo isso ainda tenha funcionado...
Mas quando nós, por vezes, não utilizamos uma voz, isso não ocorreu porque ela não nos era conveniente, mas, no máximo, porque o conteúdo já estava representado de maneira igual ou semelhante. Sempre que uma voz era cortada, o fazíamos de coração pesado. Mas nós tínhamos que nos limitar para que o trabalho como um todo pudesse ser legível e para que fosse possível realizá-lo em absoluto.

Parece que algumas pessoas que, por exemplo, escreveram diários estão sub-representadas, quando comparadas com outras.

Essa impressão pode mesmo surgir. Mas considere que nem toda pessoa escreve todo dia em seu diário. Alguns autores só haviam feito apenas uma ou duas entradas em seus diários para o período tomado como base, uma em janeiro e outra no início de fevereiro de 43. A anotação seguinte ocorria então provavelmente apenas no início de março e, portanto, não era mais relevante para o nosso projeto. Quais autores são representados e com que frequência é algo que depende de muitos fatores, de forma alguma se deve apenas ao fato de que uma escolha foi feita.

O que se deve entender por narrativa vertical e horizontal as quais Kempowski frequentemente citou?

O princípio vertical ocorre quando todas as vozes aparentemente se comunicam umas com as outras. Nele, também falam as vozes que não aparecem todos os dias com suas observações. É um longo diálogo que se reinicia com cada dado novo. Um diálogo aparente entre pessoas que viveram ao mesmo tempo as coisas mais diversas em diferentes lugares. Esse é o atrativo da simultaneidade. Através desse diálogo surge uma profundidade própria do retratado – um "um com o outro", uma complexidade especial.
A narrativa horizontal, por outro lado, é, acima de tudo, cronológica. Quer dizer, *Das Echolot* é narrado dia a dia, e nele autoras e autores específicos aparecem regularmente. Assim o leitor pode seguir bem o que acontece na vida do respectivo autor. A estudante vai passar na prova? O soldado volta a encontrar a atriz pela qual se apaixonou?
O leitor tem interesse em saber e continua lendo.

O jogo entre a narrativa horizontal e a vertical cria uma nova forma de veracidade; ele oferece a chance de captar a realidade em suas diferentes facetas. Ou, melhor dizendo, de perseguir o todo, mas não perder de vista os destinos individuais.

No livro Culpa*, junto aos trechos dos diários de Kempowski sobre a origem de* Das Echolot*, pode-se ler anotações do seu diário. Como você recebeu o pedido de Kempowski de utilizar as suas anotações no diário dele?*

Primeiro, me admirei um pouco de que Kempowski também quisesse utilizar minhas lembranças sobre nosso trabalho conjunto no livro. Nem sempre o descrevi favoravelmente... Mas, depois de pouco tempo pensando sobre o assunto, ficou claro para mim que esse era mais um exemplo de alguns de seus mais importantes traços: ter senso de humor, poder rir até de si mesmo e não se levar sempre tão a sério.

Vocês não eram sempre da mesma opinião...

Nós frequentemente éramos da mesma opinião.

Em Culpa*, pode-se ler que você era contra a ideia de se desprender da datação dos textos. Você brigou com Kempowski por causa desse assunto.*

Bem, brigou é um pouco demais. Você quer dizer a transposição, ou...? A ideia por trás disso era que textos que não fossem de janeiro ou fevereiro de 1943, mas, por exemplo, de maio de 1943 poderiam, apesar disso, ser utilizados no manuscrito. Se eles tivessem um conteúdo que, no fundo, fosse independente do tempo. A assim chamada transposição não me agradava. Afinal de contas, cada "dia" de *Das Echolot* representa uma determinada datação e, com isso, todos os textos que aparecem em uma determinada data também devem ser desse dia. Para Kempowski, tratava-se da legibilidade do todo, mas, na minha opinião, ela também não teria sofrido sem a transposição.

Aliás, algumas contribuições que foram tiradas de biografias também não podem sempre ser datadas com exatidão...

Correto, mas para mim isso é uma outra temática. Porque, de costume, a data podia ser determinada com precisão a partir do contexto de algumas descrições. Talvez não tão exatamente que se pudesse dizer: isso é evidentemente do dia 1 ou 2 de fevereiro de 1943, mas com exatidão suficiente para que fosse claro se a referida passagem havia ocorrido no início de fevereiro ou apenas no final de março. Toda lembrança está assentada em fatos. Mas que nós utilizássemos, por exemplo, anotações da Noruega que na verdade foram escritas em uma outra época contradizia a minha compreensão de autenticidade. É claro que nós precisávamos de registros da Noruega, mas eu teria preferido continuar procurando até encontrar registros que realmente fossem de janeiro/fevereiro de 1943. Mas eu tinha um ponto de vista menos estreito quando se tratava das já citadas cartas de condolência. No decorrer do trabalho, eu havia visto evidentemente centenas desses escritos de condolência e verifiquei que, geralmente, o seu conteúdo não dependia da data. Elas se diferenciavam mais na elaboração, e no que dizia respeito ao temor a Deus, à crença no *Führer*, a críticas diretas ou ocultas à guerra. Nesse caso, a data era praticamente sempre de importância secundária. Essas cartas foram inseridas na colagem em um plano praticamente próprio. Eram um elemento que refletia os horrores da guerra.

Havia mais uma razão pela qual eu me posicionei contra a transposição. E ela se referia simplesmente à natureza da técnica do trabalho. Minha preocupação é que nós nunca mais terminaríamos o trabalho se nos desprendêssemos da data durante a pesquisa dos textos. O perigo de ficar à deriva em uma imensidão sem margens me pareceu muito grande.

Mas, independentemente do que se pense sobre a transposição, não fizemos nenhum segredo disso. O que me reconciliou foi o fato de que, no final, na grande massa de textos, não há mais que um punhado de contribuições que sofreram transposição de fato.

O que querem dizer os asteriscos em Barbarossa ’41 *e* Fuga Furiosa?

Os asteriscos servem para orientação. Eles marcam o final de recortes, frequentemente a mudança de uma esfera geográfica para outra ou também uma mudança temática.

Você também trabalhou com as fotos?

Sim, também aí muito foi experimentado. No início, havia a ideia de colocar um retrato próprio junto a cada autor. Dessa maneira, o autor logo deveria ser reconhecido durante a leitura. Mas o problema era que não tínhamos as tais fotos de cada autor. Por isso, experimen-

tamos com fotos de estranhos que eram dedicadas a cada autor específico. Produzimos páginas de teste, tudo manualmente. Recortávamos os textos e colávamos as fotos ao lado para ver se ocorria o efeito desejado. Trabalhamos "dias" inteiros do manuscrito de *Das Echolot* manualmente; um trabalho cansativo, mas também muito divertido. Mas então veio um veto da editora no que dizia respeito às fotos: não pode haver fotos em todas as páginas, é muito caro. Apenas algumas páginas com fotos seriam possíveis. E então essas páginas tinham impressões da época ou, por vezes, também apresentavam algum dos autores, ou eram inspiradas no salto temporal, ou seja: Assim era antes, mas agora é guerra. Muitas fotos também representam a família, o lar, mas os pais e os filhos não estão em casa, eles estão na guerra, o que pode ser lido no plano textual.
De qualquer forma, Kempowski trabalhou meticulosamente no plano das fotos, para alcançar uma boa ênfase ou, por vezes, um bom contraponto para os textos. Para mim, a solução encontrada também pareceu ser a melhor, a dizer, que as fotos não sejam claramente correspondentes aos textos. Assim, por um lado, fotos e texto permanecem independentes, mas, por outro, eles se comentam mutuamente de uma maneira subliminar.

Vocês sempre procuraram conseguir também datas de nascimento e morte e outros dados biográficos sobre cada um dos autores. Por quê?

Era importante para o trabalho com o arquivo, mas também para *Das Echolot*. Porque, como leitores, as pessoas gostariam de saber quantos anos tinha o autor do diário no momento em que escrevia, quando ele morreu. Talvez também se ele casou três vezes ou se as cartas de amor foram as únicas que ele escreveu na vida. Além do interesse histórico e do entusiasmo literário, a curiosidade também faz parte desse trabalho. Uma curiosidade sobre as pessoas e sobre o que move as pessoas e o que lhes acontece ou pode acontecer. Essa curiosidade sobre o destino das pessoas é totalmente necessária quando se deseja executar um trabalho como este.

Sábado, 21 de junho de 1941

Amai-vos uns aos outros com amor fraternal. Antecipai-vos ao outro com reverência. Não relaxeis naquilo que deveis fazer. Sede fervorosos em espírito. Aceitai vosso destino.
Herrnhut Romanos, 12, 10-11[488]

André Gide 1869-1951 ***(Sul da França)***

A noite mais curta do ano. Os últimos quatro dias foram mais belos do que se pode dizer: mais belos do que eu podia suportar. Uma espécie de apelo à felicidade, no qual toda a natureza conspirou em um maravilhoso êxtase e alcançou um pico de amor e alegria, onde o ser humano só pode desejar a morte. Em uma noite como essa, gostar-se-ia de beijar as flores, acariciar a casca das árvores; abraçar algum corpo em brasas ou passar toda a alvorada procurando por ele. Ir dormir sozinho, ao que eu logo me decidirei, parece algo ímpio.

Paul Valéry 1871-1945 **Paris**

Os físicos não deixam em paz o que se *sabia* ontem e acrescentam ou unem a isso o que *viram* hoje de manhã. Os historiadores não fazem tantas circunstâncias – e enquanto os primeiros lutam para transformar princípios, definições, geometria e... compreensão, estes preocupam-se pouco com isso. Eles fornecem a narrativa, e uma narrativa absorve tudo – é a forma do amorfo – e a falsificação das observações que ela traz consigo, ou à qual ela obriga, é imperceptível. Eles não podem imaginar que a novidade (que não é apenas uma novidade dos acontecimentos – mas também uma novidade no modo de registro) poderia exigir um outro espírito "histórico", outras expressões – outras medidas de precaução.

*

[488] As citações bíblicas foram traduzidas do original alemão de *Das Echolot*. Isso demonstrou ser importante já neste primeiro caso, porque a tradução alemã é de Martinho Lutero, cuja interpretação do texto bíblico modificou visivelmente o significado que este poderia ter como inspiração para o dia.

Grete Dölker-Rehder 1892-1946 **Stuttgart**

Solstício. Mas estamos tão envolvidos nas coisas humanas e tão distanciados do contexto da natureza, que mal se pensa no solstício.

Ontem, escrevi uma poesia, "Ao desaparecido". Estou chocada comigo mesma. Como posso fazer uma poesia sobre isso? Também não sei, fluiu de mim, como as lágrimas fluem.

Helmuth James von Moltke 1907-1945 **Berlim**

A sua esposa

Para mim é como se hoje fosse dia 31 de dezembro; é como se amanhã começasse um novo ano. Amanhã tudo vai parecer diferente e muitas coisas vão nos importunar, contra as quais temos que nos armar.

Jochen Klepper 1903-1942 **Stauceni / Romênia**

Ventania na alvorada, nuvens, então um nascer do sol maravilhoso, dourado fosco. 8 horas, partida dos carros. A viagem pelas florestas cheias de colinas, muito bonita. Às 12 horas, chegada dos carros a Stauceni. Vilarejo monótono, mas junto a um lago – mesmo que cheio de juncos e pantanoso – e canal, nos quais se pode tomar um banho, no pior dos casos. Será um belo, belo dia. Sol e vento. Nós acampamos no ônibus. Duas cartas de Hanni.

Tenente-Médico Dr. Hermann Türk 1909-1976 **às margens do rio Bug**

A tensão chega a seu ponto máximo. No rádio, nada ainda. Nessa noite deve começar! O clima está ótimo. Clima de Hitler, nós dizemos. Amanhã, virá o Primeiro-Tenente Knütel. Ele está estacionado bem próximo de nós com sua companhia.

A floresta aqui está fervilhando de tanques, artilharia e cavalos. Ao nosso corpo é subordinada também a 1ª Divisão de Cavalaria.

À noite, chega o 1º Batalhão da Divisão. Às 3:15, deve ser dado o primeiro tiro. Brest deve ser atingida com óleo incendiário, com 330.000 kg. Então nossos lança-foguetes múltiplos poderão mostrar-se em ação pela primeira vez.

Uma pequena comitiva de nossa companhia será mandada adiante. Ela deve preparar uma área de primeiros socorros do outro lado do Bug. O Sargento-Médico Doringer parte orgulhoso com a sua comitiva. – Eu logo devo explodir, porque ficar quieto mais uma vez. Mas o chefe me tranquiliza e me diz que a comitiva muito provavelmente não deverá entrar em ação.

Tenente Heinz Döll *1919 às margens do rio Bug

Dia 21 de junho de manhã, recebi a incumbência de tomar um posto às margens do Bug para poder combater os alvos do lado russo – como medida de precaução, dizia-se ainda.

Mas eu preferia executar essa tarefa com extremada cautela. Busquei alguns canhoneiros da comitiva de canhão antiaéreo de 2 cm, particularmente o medidor de distância, junto com a aparelhagem. Nós nos disfarçamos com chapéus de palha, macacão de fazendeiro e ancinho. Fizemos o reconhecimento dos campos às margens do Bug, o rio que faz a fronteira entre a Alemanha e a Rússia. O próximo passo era esclarecer se a artilharia pesada poderia ser rebocada até a margem para uma travessia de balsa eventualmente prevista. Além disso, medimos a distância até um *bunker* do lado russo, que me havia sido apontado como um possível alvo.

Mas a medição não foi tão discreta como desejávamos. De repente, da outra margem, uma patrulha russa com três soldados saiu da moita para o mato e se dirigiu para a margem do Bug, onde eles pararam perplexos. Podíamos ver a surpresa em seus rostos. Eles haviam encontrado nosso equipamento de medição do lado, quando nós realizávamos medições atrás de uma moita e estávamos camuflados apenas à frente. Com gestos de surpresa, os russos fizeram viravolta e desapareceram rapidamente de nossas vistas atrás de arbustos e árvores. (Certamente, ali do outro lado tiveram que fazer um comunicado sobre isso.)

No anoitecer deste dia quente, de 21 de junho de 1941, a bateria recebeu ordens de se dirigir aos automóveis. Os sapos ainda deram seu concerto sonoro nos pacíficos prados do Bug. Estávamos, então, sentados sobre os caminhões de tração na floresta, quando nos foi lido um apelo do *Führer*: "Soldados do *front* do Leste!" Fomos atingidos como que por um raio – apesar de todos os sinais que nos rodeavam. Então era mesmo. As palavras do general ainda ressoavam em meus ouvidos.

Ernst-Günter Merten 1921-1942 Galícia

Começamos a marcha contra a Rússia! Ainda hoje à tarde, eu ia com Karstedt para a Companhia de Abastecimento para buscar os acessórios que faltavam para a tropa de rádio. Lá todos já estavam fazendo as malas fervorosamente. Quando passamos um pouco mais tarde pelo acampamento do 2º Batalhão, eles já estavam retirando as lonas dos telhados. "Preste atenção", disse eu, "no nosso acampamento já estão fazendo isso também." – "Ah quê! Os nossos ainda não chegaram a isso."

Mas eles realmente haviam chegado. E agora acontece tudo rapidinho: fazer as malas, carregar os veículos; Tenente Schulze lê o chamado do *Führer* para o exército do Leste. Vamos, sim, contra a Rússia! Às 22:00 horas estamos prontos para a marcha.

Lavrentiy Beria 1899-1953 ***Moscou***

Para Stalin

Nos últimos tempos, muitos colegas têm se deixado influenciar por provocações maldosas e entram em pânico. Devido à desinformação sistemática, os informantes secretos [...] devem ser triturados até virarem pó dos campos [do Gulag, V.S.P.] como cúmplices dos provocadores internacionais, que nos querem incitar contra a Alemanha. [...] O diretor da administração central de espionagem queixa-se de seu Tenente-Coronel Novobranets, que também espalha a mentira de que Hitler teria ordenado que 170 divisões marchassem contra nós em nossas fronteiras ao leste. [...] Mas eu e os colegas a mim subordinados, Ióssif Vissariónovitch, consideramos sempre a sábia previsão segundo a qual Hitler não irá nos atacar no ano de 1941.

General Gueorgui Jukov 1896-1974 ***Moscou***

Na noite de 21 de junho, o Chefe de Estado-Maior do distrito militar de Kiev, Tenente-General Purkaiev, telefonou-me e informou que teria desertado um Segundo-Sargento alemão, o qual afirmava que as tropas alemãs estavam se pondo em posição para o ataque que começaria no dia 22 durante a manhã. Relatei isso imediatamente para o Comissário do Povo e para Stalin. Stalin disse: "Venha com o Comissário do Povo ao *Kremlin*".

O Comissário do Povo, Tenente-General Vatutin, e eu fomos ao *Kremlin* com o esboço de uma diretiva às tropas. No caminho, fizemos um acordo de conseguir a qualquer custo a decisão de pôr as tropas em estado de alerta.

Stalin recebeu-nos a sós. Ele estava visivelmente preocupado.

"Será que os generais alemães não nos enviaram esse desertor para criar um conflito?", perguntou ele.

"Não", respondeu Timoshenko. "Nós achamos que o desertor diz a verdade."

Enquanto isso, os membros do Politburo entraram na sala de Stalin. Stalin informou-lhes brevemente sobre o problema.

"O que vamos fazer?", perguntou Stalin.

Ninguém respondeu.

“Devemos ordenar imediatamente que coloquem todas as tropas dos distritos militares de fronteira na mais alta prontidão para a batalha”, disse Timoshenko.

“Leia!” retrucou Stalin.

Eu li nosso esboço. Stalin observou: “Uma diretriz como esta é precipitada agora, talvez a coisa ainda se resolva pacificamente. Nós temos que divulgar uma breve diretriz afirmando que um ataque com ações provocativas das tropas alemãs pode começar. As tropas dos distritos militares de fronteira não devem se deixar provocar para não causar complicações”.

Para não perder tempo, Vatutin e eu fomos logo à sala ao lado e esboçamos rapidamente uma diretiva do Comissário do Povo.

Então pedimos permissão para ler o esboço.

Stalin ouviu, leu-o mais uma vez, corrigiu algumas coisas e o entregou ao Comissário do Povo para que ele assinasse.

Com esta diretiva, Vatutin foi imediatamente ao Estado-Maior para logo transmiti-la aos distritos militares. A transmissão terminou em 22 de junho de 1941 às 0:30 horas. O Comissário do Povo da frota marinha recebeu uma cópia.

Timoshenko e eu deixamos Stalin com sentimentos mistos.

Primeiro-Tenente Iwan Kowaljow * 1916 ***às margens do rio Prut***

Sábado. Em toda parte no país, exceto na fronteira do Oeste, que já estava inquieta no decorrer do ano, reinava a agitação habitual antes do dia de descanso. O pensamento da maioria das pessoas certamente estava distante da ideia de que em dez horas a terrível palavra “guerra” soaria. Apenas a mais alta liderança político-militar do país tinha uma ideia da preparação da Alemanha para o ataque à União Soviética muito antes daquele trágico dia.

Nosso exército e nosso povo tinham uma confiança sem limites na “genialidade” de Stalin e deixaram-se enganar por uma declaração da TASS [agência de notícias soviética; V.S.P.], segundo a qual a Alemanha não quebraria o pacto de não agressão e não atacaria nosso país sob quaisquer circunstâncias. Até mesmo profissionais militares experientes não duvidaram da validade da propaganda oficial. Não por acaso, e também em nossa divisão, muitos dos oficiais, entre eles o Comandante do Regimento de Infantaria 256, Safonov, receberam férias e deixaram seus quartéis-generais na Moldávia.

Sim, todos confiavam sem limites em nossa liderança, apesar de 5,5 milhões de soldados alemães e seus aliados já haverem marchado até nossas fronteiras. O que poderíamos opor ao inimigo? Apenas 2,7 milhões de soldados na fronteira do Oeste, 170 divisões que só tinham 50% de seus homens e que estavam dando um tempo nos campos de batalha. Este era o

aspecto da nossa primeira linha estratégica de 400 km a 50 km de distância da fronteira. Nossos soldados estavam armados com fuzis antigos. Nós tínhamos quase que o dobro de tanques e aviões, éramos superiores ao inimigo em número de artilharia, mas o material já havia envelhecido há muito. Essas distâncias da tropa da fronteira foram destinadas para o ataque, tal concentração não poderia servir em absoluto para a defesa. Assim também era nossa doutrina: Desferir um golpe aniquilador no inimigo e prosseguir com as ações de batalha em seu solo.

O fracasso de Moscou é evidente. Foi culpa da liderança política que um golpe terrível e surpreendente contra o qual não se podia defender tenha atingido o Exército Vermelho com todas as consequências. Até mesmo hoje, nenhum dos imediatamente responsáveis por este crime foi julgado ou amaldiçoado. A guerra já estava bem há dois anos na soleira de nossa casa, e nenhum dos líderes estava inquieto: com quantas vidas humanas nós deveremos pagar por nosso descuido. Ainda hoje, eu me envergonho por nossos homens de Estado com o "Líder do Povo" no topo, por aquela vergonha.

Oficial de Finanças Feodossij Awdejewskij * 1906 ***Lviv***

Em nossa literatura e nas fontes oficiais, sempre é salientado que a Alemanha hitlerista atacou a União Soviética traiçoeiramente e de forma completamente inesperada em junho de 1941. Está certo que foi um ataque sem a declaração de guerra habitual. Mas não posso afirmar que fomos surpreendidos pelo inimigo e que não sabíamos nada de seus preparativos. Com base em minhas próprias experiências, eu posso contradizer essas afirmações.

No início de junho de 1941, eu voltei para Lviv de uma viagem a trabalho em Berdychiv, onde eu havia inspecionado uma divisão subordinada a nosso exército. Já em Berdychiv, eu constatei, para minha surpresa, que os quartéis estavam vazios, a tropa já havia sido transferida para suas zonas de concentração diretamente ao lado da fronteira do Oeste. Quando eu voltei, eu também encontrei uma situação modificada no Estado-Maior de nosso exército em Lviv. Todas as janelas do prédio do Estado-Maior estavam escurecidas. Quando eu quis anunciar minha chegada ao oficial em serviço do Estado-Maior no dia 8 de junho, por volta das 23 horas, mudanças peculiares me surpreenderam. Na porta de entrada, estava um guarda armado em roupa de combate, com capacete de ferro, a própria entrada estava encoberta com uma cortina para que nenhuma luz pudesse escapar. Os corredores do prédio fervilhavam de oficiais do Estado-Maior que corriam para lá e para cá com suas pastas. Todos estavam em seus locais de trabalho. Observar tudo isso em um domingo nesse horário foi muito incomum para mim. Depois de ter me anunciado, eu fui para minha repartição, onde todos os oficiais

também já estavam sentados em seus lugares. Todos os fichários com importantes arquivos de finanças deveriam ser preparados rapidamente para a entrega no arquivo, móveis de campanha estavam nos caminhões, as provisões financeiras determinadas pelo plano de mobilização estavam acomodadas no banco de campanha. Eu tinha que correr rápido para casa, trocar-me lá e buscar minha mala de campanha com as coisas necessárias para a missão de combate.

Esses preparativos intensivos e tensos duraram até o sábado de 21 de junho. Tudo foi carregado, os caminhões estavam no pátio do Estado-Maior prontos para partir, e nós estávamos extremamente tensos por causa da incerteza. Com minhas declarações, eu apenas gostaria de salientar que a afirmação de que nossa tropa teria sido pega de surpresa pela guerra é no mínimo incorreta.

Às 18 horas de 21 de junho de 1941, finalmente começou. Nossa coluna de marcha do exército do Estado-Maior avançava em direção ao posto de comando na área de Lipki, cerca de 40 quilômetros a oeste de Lviv. Passamos a última noite pacífica nas casas de verão, as quais serviam como *datchas* para os habitantes de Lviv. As casas já haviam sido abandonadas por seus moradores. À noite, ninguém podia dormir, todos se questionavam apenas uma coisa: como vai continuar?

Nas proximidades, ressoava um pequeno riacho. Fui até lá, para afastar a sonolência antes do raiar do dia lavando o rosto. De repente, alguns aviões deram rasantes por ali, atirando furiosamente com seus armamentos. Na escuridão, não se podia reconhecer de quem eram os caças e por que eles nos atacavam. Bombardeiros voavam alto no céu em ondas espessas, em direção a Lviv. Logo, ouvimos não apenas o constante rugido dessa armada, mas também explosões ferozes na fronteira e no território de Lviv. Não podíamos entender nada, já que perdemos de uma vez a ligação com o posto de comando avançado, onde estava o chefe do Estado-Maior. Somente quando a aurora começou, vimos os bombardeiros alto no céu com as cruzes alemãs nas asas, os quais voavam agora de volta para o Oeste. E da fronteira para cá ressoavam os canhões da artilharia. Soubemos do ataque dos alemães já com os primeiros raios de sol. Na rua, alguns caminhões passavam por nós. Mulheres e crianças de nossos soldados de fronteira estavam sentadas nos caminhões, alguns deles ainda de pijamas, descabelados e sem ter se banhado, as crianças bêbadas de sono choravam rios.

A visão dos familiares de nossos soldados de fronteira em fuga nos convenceu da seriedade da situação, e nos juntamos rapidamente a essa recova para que ao menos nosso caixa cheio não caísse nas mãos do inimigo. Ou seja, bem rápido de volta para Lviv...

Suboficial Kurt Krämer 1912-1945 **no Leste**

Minha querida Leni, Klaus e Elke!

Já que o tempo é curto, eu lhe envio na maior pressa saudações do fundo, do fundo do meu coração. Não se desespere, pois eu certamente voltarei a ver você e nossos filhos. Sejamos gratos a nosso *Führer* e pensemos na grandeza de nosso futuro. Um dia, nossos filhos admirarão esta época.

Viva o *Führer*.

Seu Kurt

*

Adam Czerniaków 1880-1942 **Gueto de Varsóvia**

De manhã, Gestapo. [...] O Serviço de Ordem [*Ordnungsdienst*] recebeu rações arianas.

Danuta Czech **(Campo de Concentração Auschwitz-Birkenau)**

O prisioneiro Bolesław Buczek (Nr. 7479) é entregue pela Gestapo em Katowice depois de mais um interrogatório. Às 23 horas, um civil com uma carroça é preso pela patrulha local da SS. O civil é trancafiado no *bunker* e o cavalo com a carroça é levado para o estábulo do campo.

*

Você tem sorte com as mulheres, Bel ami
Tanta sorte com as mulheres, Bel ami!
Não é bonito, mas charmoso,
não é inteligente, mas muito galante,
não é um herói, apenas um homem que agrada. [489]

[489] Du hast Glück bei den Frau'n, Bel ami / So viel Glück bei den Frau'n, Bel ami! / Bist nicht schön, doch charmant, / bist nicht klug doch sehr galant, / bist kein Held, nur ein Mann, der gefällt.

Domingo, 7 de dezembro de 1941

Ele próprio, o Senhor, descerá do céu com um grito de batalha e a voz do arcanjo, e com a trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.
Herrnhut 1 Tessalonicenses, 4,16

Jochen Klepper 1903-1942 **Berlim**

Um domingo pré-natalino em todo seu silêncio e grandiosidade, de um suave acolhimento. – Minhas canções estão na comunidade.

Marianne Sperl *1924 **Bayreuth**

Recentemente, jogaram um bilhete na caixa de correio para a gente, no qual estava escrito que hoje em dia não se pode comemorar o Natal. José foi convocado para a companhia de construção, Maria, uma virgem muito virtuosa, para tratar dos russos, e o menino Jesus foi evacuado devido ao perigo de ataques aéreos.

O médico Dr. Fritz Lehmann **Königsberg**

Hoje, comemoramos o Segundo Advento. Nós o comemoramos de fato como era habitual em minha família, apesar de toda a luta e inquietação ao redor de nós. Com uma guirlanda de Advento, com belas e antigas canções e com contos de Natal que eu próprio procuro na semana anterior e leio para os outros. Neste ano, também chamamos convidados, porque queríamos representar uma cantata de Natal de Walther Hensel segundo as palavras de Matthias Claudius.

Está quente, tranquilo e aconchegante em nossa morada, tão belo quanto poderia estar em qualquer lugar do mundo, se as pessoas estivessem inspiradas de uma vontade melhor, se elas, acima de tudo, estivessem preparadas para ouvir homens prudentes e mulheres generosas, e não alguns idiotas que querem provocá-las.

Há pouco tempo, fui perguntado em um círculo de amigos sobre a minha opinião médica sobre a questão de considerar Adolf Hitler como normal ou como louco. A resposta não é uma decisão clara entre essas duas possibilidades. Sem dúvida, esse homem pertence às naturezas excepcionais, às excêntricas. Além disso, deve-se incluí-lo em um grupo específico de pessoas de estado de espírito abnormal, e, com efeito, o diagnóstico médico é, tanto quanto ele possa ser definido à distância: psicopata esquizoide do tipo fanático inflexível. A orientação esquizoide de seu caráter corresponde à oscilação entre inibição e excitação que volta e meia pode ser observada nele, sua egomania pronunciada, o sentimento de predestinação, assim como a tendência à sistemática e a determinados complexos de convicções mantidos incondicionalmente. Mas Hitler não é um maluco ordinário como seus inimigos no território nacional e no exterior gostariam de apresentá-lo. Isso seria simplificar demais as coisas. Pois esse *outsider* emocional realizou feitos pessoais consideráveis, quando se deixa o perigo desses feitos para a totalidade fora de observação. Nesse contexto, a questão de como Hitler trabalha é interessante. Se obedeceu, nos mínimos detalhes, a um grande plano, se ele realmente premeditou tudo, como afirmam seus rapazes, ou se cada decisão, caso a caso, nasce das inspirações do momento, apesar da fundamental rigidez de pensamento. Não duvido que a segunda alternativa seja o caso. O cauteloso observador dos acontecimentos pode sempre concluir novamente que ele muitas vezes se deixa levar totalmente passivo por um longo tempo pelo mar do destino até que, de repente, crê avistar terra firme e então navega em direção a ela com força total. Um comportamento desse tipo tem suas vantagens. Pessoas criativas de todas as épocas trabalharam de forma semelhante. O decisivo é apenas se esse lado intuitivo é equilibrado pela crítica da razão ou se ele é fundamentado por um conhecimento especializado exaustivo.

A habilidade técnica e a cabeça crítica, esses são os principais antagonistas da fantasia artística. Sem esses oponentes, a alma se perde, ela segue a esmo e, no final, termina no conto de fadas. Isso vale para a minha profissão, a de médico, assim como para todas as outras atividades criativas, em especial para o trabalho de estadista.

Ambos, a habilidade técnica assim como, acima de tudo, o senso crítico, estão faltando a esse homem que usurpou a liderança alemã. Assim se explica que ele não tenha realizado nenhuma obra madura, mas, para continuar nesse campo metafórico, apenas esboços planejados em grandes dimensões, entretanto voláteis, como Noruega, Creta, África e agora, ao que parece, ainda mais a Rússia.

Como Hitler foi capaz de enfeitiçar milhões de pessoas? Já toquei nessa questão várias vezes, mas, devido a seu significado decisivo, considero necessário sempre iluminá-la novamente e de outras perspectivas.

O sucesso desse homem deve-se apenas em parte à magia de sua personalidade, o desejo da massa pelo maravilhoso, pelo sobrenatural e pelo conto de fadas contribuiu pelo menos com a mesma intensidade. Volta e meia, comunidades se formam em torno de mágicos ordinários e charlatões. O psiquiatra Lange-Eichbaum interpretou essas correlações em sua obra: "Gênio, Loucura e Fama", como no livro menor e acessível também ao leitor que não é treinado em assuntos médicos: "O problema do Gênio"; ele expôs como o conceito do gênio e da fama são valores complexos, agregados ao talento, à excentricidade, à temporariedade e, acima de tudo, ao desejo da comunidade pelo maravilhoso. De maneira semelhante, se esclarece o sucesso e a fama de nosso assim chamado *Führer*.

Hans Scholl 1918-1943 **Munique**

Para Rose Nägele

No Segundo Advento que eu pela primeira vez vivencio de coração completamente cristão, ainda quero pensar em você. Talvez, esta carta ainda siga em tempo certo a carta anterior, na qual você pode ler muitas coisas que não estavam resolvidas. No fundo, muita coisa mudou, quer dizer, algo se sedimentou, o que me serviu de apoio neste tempo que tanto procura por valores. Encontrei um, o único valor possível e durável. O lugar no travesseiro que nunca fica quente e frio, como diz Cocteau. São coisas que certamente não se pode esgotar com o pensamento racional, incompreensíveis para o exterior, mas sim compreendidas no interior. Quero ir para longe, tão longe quanto for possível, nos trilhos da razão; mas compreendo como eu sou uma criatura da natureza *e* da graça, uma graça que, entretanto, pressupõe a natureza.

Mais tarde, poderia descrever-lhe melhor meus desenvolvimentos mais internos. Agora, eu ainda estou muito envolvido neles. Agora, eu não gostaria de desviar do essencial de forma alguma.

Se eu me demorasse um pouco mais perto de você, você deveria ficar feliz por mim, ou não?

Nestas semanas que precedem o Natal, desejo-lhe horas de verdadeiro encontro com seu interior, horas de paz! Seu Hans

Hans Scholl 1918-1943 **Munique**

Para sua mãe

Amanhã cedo, às 7:00, será mais uma vez esse apelo sem sentido. Então eu terei minha primeira aula de russo. Para que nós não nos sintamos apenas um pouco satisfeitos com nosso destino um dia sequer, já foram tomadas medidas rígidas para o aquartelamento. No último controle faltaram 80 estudantes, entre eles eu também, é claro. Eu simplesmente não penso em mudar de alojamento noturno.

Agora, eu já tenho suportado o serviço militar, mais ou menos indiferente, há 4 anos, tendo em vista seu final vindouro. Mas, atualmente, estou em uma situação que me deixa doente. Qualquer coisinha tira muito da minha energia. Estou perdendo toda a alegria nos estudos universitários.

Grete Dölker-Rehder 1892-1946 **Stuttgart**

Manthey levou-me de novo a uma pista. Agora, ele foi convidado muitas vezes para visitar parentes em Kiel, e lá ele já ouviu dizer várias vezes que é notório que aqueles que foram salvos na Inglaterra são todos descasados. Ou seja, outras pessoas também levantam suspeitas! Não estou sozinha! Eles acham que os ingleses estão suprimindo os nomes dos casados para fazer os parentes sofrerem ainda mais. Neste contexto, não me preocupa que Sigfrid não seja casado. Se ainda houver, em absoluto, alguns destes, ele pode estar entre eles. Além disso, acho que é possível que ele tenha se anunciado como casado por causa de Hanna e da criança.

Victor Klemperer 1881-1960 **Dresden**

Eva esteve na casa de Annemarie anteontem. – Annemarie contou que prisioneiros russos estavam vasculhando os latões de lixo em busca de comida. Paul Kreidl ouviu exatamente o mesmo em seu trabalho.

Esse novo decreto congela nossos recursos – nele, afirma-se, entre outras coisas, que o que *não* é preciso declarar à Gestapo é o que se pode levar nas evacuações! –, além disso, as revistas nas casas para descobrir mantimentos causam muita intranquilidade. A Kätchen está colando etiquetas de “Surol” [conhecida marca de vinagre; V.S.P.] e vinagre sobre as garrafas de vinho. Foi anunciado pelo rádio que “arianos” que guardassem as propriedades de judeus iriam para a penitenciária. Por causa disso, a Sra. Pl... foi tomada por um medo histérico, com o qual ela contaminou Kätchen Sara. Para onde com as persianas? – O quadro de igreja é um empréstimo do cunhado, que o herdou do beato falecido. – Hoje, vi um cartão postal com o carimbo: “Gueto de Litzmannstadt” [Lodz; V.S.P.]. Nele, “o ancião dos judeus” [o conselheiro dos judeus; V.S.P.] comunicava que doações em dinheiro àqueles que lá estavam

evacuados eram permitidas. O cartão tinha mais um carimbo: "Litzmannstadt, a maior cidade industrial do Leste". [...]
O diário está sendo guardado em um "*enveloppe"* com notas sobre o [século] XVIII.

Maurice Legros Campo de prisioneiros de guerra nas redondezas de Cottbus

Vimos as primeiras colunas de prisioneiros soviéticos chegarem. Nunca vou me esquecer desse aspecto desolador, dolorosamente desconcertante. Apenas um cérebro doente pode imaginar um cenário abnormal como esse.
De longe, já os havíamos percebido: longas colunas de espectros, semelhantes a fantasmas que pareciam vir de um outro mundo. De perto a impressão era ainda muito pior: terrivelmente sujos e emagrecidos a ponto de causar medo. Eles vestiam longos casacos com capuzes. Haviam marchado por centenas de quilômetros sem poder alimentar-se, impelidos para a frente como uma manada de bois.
Nós todos ficamos desconcertados e profundamente abalados em ver como seres humanos eram tratados. Havíamos visto como eles, deitados com a barriga grudada no chão, bebiam água da sarjeta e da valeta, totalmente insensíveis aos golpes que seus guardas desferiam neles com a coronha de seus rifles. Eles pareciam não sentir mais dor alguma. Demonstravam uma indiferença desdenhosa em relação aos tormentos físicos. Para nós franceses, esse comportamento pareceu incomum e característico da mentalidade eslava, que aceitava tanto o bem quanto o pior indiferentemente. Realmente, uma raça única em seu comportamento fora da nossa capacidade de compreensão.
Nos dias seguintes, detive-me nos quartos do hospital e pude observar esses infelizes recém-chegados em um quarto especialmente destinado para eles. A visão causava horror, seus corpos estavam cobertos com feridas e vermes. Apenas as pupilas nos olhos revelavam ainda alguma vida nessas pessoas.

Hans Baermann Colônia

A evacuação [de nós judeus] foi-nos comunicada com três semanas de antecedência pela Gestapo de Colônia. Ao mesmo tempo, foi decretada a imposição de desistir da venda de qualquer objeto; entretanto, tudo, fora móveis, deveria ser empacotado. Ao mesmo tempo, todas as famílias afetadas pela evacuação deveriam deixar pronta uma cuba cheia de mantimentos. Com seis malas, três mochilas, bolsas de mão e pastas, minha família chegou ao campo de exposições de Colônia no horário estipulado. O transporte compreendia 1.000 pessoas. Nossa bagagem foi examinada em busca de objetos de valor, joias, relógios e alian-

ças, assim como todos os documentos de identidade foram tirados de nós. Depois de mais uma revista corporal, cada pessoa foi simplesmente deixada com dez marcos. Nos levaram então a um grande salão do pavilhão de exposições, em volta do qual um arame farpado estava estendido, e deixaram-nos deitados por vinte e quatro horas sobre as aparas molhadas.

Werner Vogel *1880 (Bleicherode)

Em 6 de dezembro de 1941, os russos haviam se alinhado diante de Moscou para o ataque. Apesar de todos os eufemismos do relatório oficial do exército podia-se reconhecer que eles tiveram sucesso, que, de qualquer forma, o avanço alemão havia sido contido e os russos, que até então podiam passar por exaustos, de repente, puderam surgir com forças materiais e pessoais cuja existência evidentemente não havia sido prevista pelo Comando do Exército alemão. Para mim, o dia do ataque dos russos antes do Natal foi o *dies ater* [dia negro; V.S.P.] da Segunda Guerra Mundial. A partir de então, a coisa conosco seguiu ladeira abaixo.

O General

Franz Halder 1884-1972 Quartel-general do *Führer*

As experiências desse dia são, mais uma vez, devastadoras e vergonhosas. O Alto Comando do Exército mal chega a ser mais do que um entregador de cartas. O *Führer* comunica-se através dele com os comandantes em chefe dos grupos do exército. Mas o mais terrível é que a mais alta liderança não compreende a situação de nossas tropas e conduz pequenos remendos onde apenas grandes decisões poderiam ajudar. Uma dessas deveria ser o retrocesso do Grupo de Exército Central para a linha Rusa-Ostashkov.

O Suboficial Fritz Hübner 1912-1983 diante de Moscou

Nunca esquecerei do irrompimento do frio, foi na noite de 4 para 5 de dezembro de 1941. Nós chegamos a um vilarejo maior por volta do meio-dia e havíamos nos acomodado para a noite. Regiam as temperaturas normais, cerca de 10 a 15 graus negativos. Aproximadamente à meia-noite, fomos alertados e tivemos que avançar para apoiar a infantaria. Estávamos tão chocados com o frio que mal podíamos respirar. O termômetro havia caído para 40 a 50 graus abaixo de zero. Foi uma situação com a qual ninguém havia contado. Uma permanência um pouco mais longa ao ar livre era impossível, portanto, todos se enfiavam nas poucas casas, que estavam irremediavelmente superlotadas. Já estávamos bem próximos de Moscou, a saber, no canal Volga-Moskva, os russos haviam se estabelecido lá, e neste lugar também começou a grande virada da guerra. Nós estávamos nas casas dos russos, e agora os russos tinham virado o jogo

e partiam para o ataque. Estávamos como que paralisados, porque até então estávamos acostumados ao sucesso, com exceção de pequenos reveses, e agora essa mudança repentina de ataque para defesa. Não estávamos apenas fisicamente paralisados, mas o aparato militar também já não funcionava bem, porque nossos automóveis, aviões e armas não eram páreo para esse frio. Os motores dos aviões nos aeroportos a céu aberto não pegavam, portanto, faltou o apoio aéreo. Com os motores dos tanques foi a mesma coisa, os tanques não podiam movimentar-se e, com isso, se tornaram inúteis. Os fechos dos canhões estavam congelados e não se deixavam mais abrir, e com isso também não se deveria mais esperar suporte da artilharia. As metralhadoras também se recusaram, foi um grande desastre. Tivemos que nos retirar; apesar de todos os lemas de perseverança e dos respectivos comandos de cima, nosso *front* se desfez e iniciou uma retirada quase que desregrada. Nós, como engenheiros militares, fomos atingidos de maneira especialmente dura, porque sempre éramos empregados como retaguarda e com o comando de destruir todos os canhões e automóveis que fossem abandonados por nossos soldados na pressa extremada.

É inimaginável tudo o que destruímos. Os armamentos foram inutilizados assim que tiramos o pino de uma granada de mão e a introduzimos no cano, os tanques receberam carga acumulada de 3 quilos através da portinhola, de forma que todos os equipamentos internos fossem destruídos, e nos caminhões e carros colamos uma granada de mão ou um explosivo no motor para deixá-lo inutilizável. Era um trabalho perigoso e muito deprimente. Além disso, veio o frio implacável, contra o qual não tínhamos nada além da vestimenta do equipamento normal. Em nosso grupo houve as primeiras ulcerações devido ao frio de fato, enquanto a tropa siberiana estava equipada de tal forma que podia pernoitar a céu aberto, sem congelar. Eles tinham uniformes costurados e acolchoados, além de peles, gorros de pele, luvas de pele e botas de feltro, coisas com as quais nós só poderíamos sonhar.

Weniamin Gubarew *1924 ***Tula***

Provavelmente, o frio congelante também não permitiu aos alemães que tomassem a cidade. No meio de novembro de 1941, vi na cidade os primeiros prisioneiros de guerra alemães do regimento de infantaria "Grande Alemanha". Na estrada para Tula, onde foram capturados, eles haviam adquirido ulcerações profundas devido ao frio. Sua aparência era horrível. Eu acho que eles não queriam mais nenhum *Lebensraum* [espaço vital; V.S.P.]. Eles tinham uma aparência bem miserável. Senti pena deles e até lhes trouxe alguns pães planos de casa. E o *konvoir* não tinha nada contra.

O Soldado Josef Eberz *1921 Carcóvia

Como não possuíamos roupas de inverno, recebemos a missão de arrumar luvas em todas as patrulhas pelas cidades. Ocorria da seguinte maneira. Quando passávamos por um civil que estivesse usando luvas, nós devíamos tirá-las dele e oferecer 50 *Pfennig* [centavos; V.S.P.] por elas. Se ele se recusasse, as luvas eram arrancadas dele com violência.

O costureiro da companhia recebeu instruções para fazer protetores para a cabeça com os cobertores. Ele cortava pequenas tripas dos cobertores, amplas o suficiente para que cobrissem as orelhas. Uma fita estreita passava então sobre as orelhas e em cima da cabeça. Ou seja, bem primitivo. Por sorte, pouco antes da saída das tropas na Carcóvia, em 5 de dezembro de 1941, protetores de cabeça de verdade foram entregues.

Como não éramos uma unidade motorizada, mas uma unidade atrelada a cavalos, as carroças de combate deveriam ser atreladas com correntes a patins de neve que nós próprios arranjamos. Assim, deslizamos o primeiro dia na direção sul, cerca de 25 km até Mireva, a cidade que havíamos tomado em 20 de outubro. Ainda me lembro que em um dos primeiros dias pernoitamos em um alojamento. Nessa casa, havia uma jovem menina que ainda frequentava a escola. Ela anotou o nome de todos os soldados que pernoitaram na casa deles. Ela também já sabia falar um pouco de alemão. Aliás, frequentemente dormimos em escolas russas, nas quais encontramos livros escolares alemães.

Josef Kraus *1909 diante de Moscou

Um exército extenuado começou, em 2 de dezembro de 1941, um último ataque contra Moscou. O Chefe da Companhia explicou que nós ainda avançaríamos até Moscou e provavelmente nos alojaríamos no norte de Moscou durante o Natal. Há semanas, nevava sem parar, a temperatura estava abaixo de 40 graus Celsius negativos. Caminhões nos levavam para a linha mais avançada. No vilarejo de Khotkovo – em alemão isso quer dizer “pronto” – nos apresentamos ao Comandante do batalhão de lá, entregamos, de acordo com as regras, nossas provisões para a marcha, e então fomos divididos em diferentes casas russas. Não havia uma linha de batalha principal. De tempos em tempos, as patrulhas eram enviadas. Quando nós, recém-chegados, fomos de manhã cedo para o posto de comando do batalhão, o batalhão da noite anterior havia se retirado, e com ele nossas provisões para a marcha. Um outro havia chegado sem registrar-nos para a alimentação. A cozinha de campanha chegou à frente apenas às 3 horas da tarde, nesse horário a noite lá já era escura como um breu. E

justamente nesse horário, o Ivan [os russos; V.S.P.] estava começando com seu arremessador de granadas, em especial com o "órgão de Stalin" [Katyusha – lançador de foguetes múltiplo russo; V.S.P.]. Mas, antes que o som dos disparos cessasse – foram salvas completas –, já ocorriam as primeiras detonações. O melhor era jogar-se no chão, no lugar imediato onde se estava.

Nesses dias, um jovem tenente havia chegado com uma divisão reserva. Na hora de receber a comida, ele bradava com seus homens no estilo da caserna, então o "órgão de Stalin" começou a borbulhar e as explosões ocorreram a uma distância mínima de nós. O tenente calou-se, e eu não o vi mais nos dias seguintes.

Alexander Stahlberg 1912-1995 **União Soviética**

Já mal acreditávamos em uma ordem de retirada. Nunca havíamos retrocedido nessa guerra. Assim, Tikhvin provavelmente seria nosso fim. E então, um dia, chegou a ordem: em 6 ou 7 de dezembro, não sei mais a data ao certo. É verdade que ela chegou tarde demais, mas ao menos ela veio antes que os russos caíssem sobre nós.

Mal consigo lembrar-me da retirada. Apenas alguns breves momentos ainda são presentes. De repente, tive uma febre alta. Mas não fiquei sabendo nem naquela época, nem depois, que doença havia me arrebatado. Lembro-me apenas que fui envolto em cobertores e que eu sentei ou deitei em um trator movido a correntes – por dias. Às vezes se viajava, às vezes havia pausas. Eu tinha perdido toda a noção de tempo. Lembro-me que se atirava muito. Eu ouvia ordens, gritos de dor, eu ouvia que se chamava por paramédicos. No caminho para lá, eu estava meio dormindo, meio acordado sob meus cobertores. Já não me interessava por nada.

Em algum momento – disso me lembro com clareza horrível – afastei para o lado o cobertor sobre a minha cabeça. Então, vi à minha volta corpos sobre corpos, feridos, doentes. Eles estavam sentados, deitados, agachados; e sobre a parte traseira de nosso trator havia mortos deitados. Não – eles não estavam deitados, estavam empilhados, atados com cordas. Nossos soldados não deixavam um camarada para trás na neve. Enquanto ainda fosse possível de alguma forma, eles o carregavam. A pilha atrás de nós ficava a cada dia mais alta. Provavelmente, a pilha foi decisiva para que eu ainda estivesse vivo, porque, quando os russos atrás de nós atiravam, nossos mortos eram um para-balas, um escudo protetor.

Helmut Fuchs *1920 **União Soviética**

Em dezembro de 1941, a ferrovia até Rzhev estava convertida ao trilho estreito alemão. Mas, no frio de inverno naquelas dimensões inesperadas, o sistema de transporte havia em grande

parte entrado em colapso, as locomotivas ficavam avariadas uma depois da outra. Assim, esperamos por mais de dez dias pela continuidade do transporte em um ponto de concentração de doentes em Rzhev, e tínhamos que nos apertar uns contra os outros cada vez mais e mais porque o influxo de feridos não parava, pelo contrário, ele se intensificava ainda mais. Agora, também as ulcerações devido ao frio se amontoavam. Três dias e noites, fiquei deitado ao lado de um homem da infantaria cujos pés estavam congelados em terceiro grau. Era difícil suportar o cheiro. O camarada também não podia pisar com os pés excessivamente enfaixados, ele tinha que ser apoiado e carregado pelos outros.

Depois de mais de dez dias, finalmente chegou o trem de transporte com vagões livres alemães. Quem conseguisse se movimentar sozinho tinha que ir a pé para a estação de trem, os outros foram levados por ambulâncias. Eram vagões de carga alemães.

Dentro de cada vagão, havia um pequeno forninho, em volta do forninho havia palha espalhada pelo chão para os que se deitassem. Na extremidade esquerda e direita do vagão, havia respectivamente três pequenos bancos de madeira sem encosto para os feridos e doentes que conseguissem se sentar. No vagão escuro e frio (o forninho logo se apagou, e apenas raramente conseguíamos arranjar um pouco de madeira e alguns carvões), sentei-me ao lado de outros camaradas em um desses pequenos e duros bancos de madeira, sem pausa, por três dias e três noites, a cabeça apoiada na caixa da máscara de gás. As paredes do vagão eram frias como gelo, e, às vezes, o trem de transporte ficava horas parado no mesmo lugar.

O Paramédico Wilhelm Hebestreit 1903-1983 **União Soviética**

Há pouco, comemorei o Advento de forma humilde com meus feridos. Para isso, as velas dos pacotes de vocês foram muito oportunas. É verdade que canhões lá fora se intrometeram um pouco, mas entre nós tudo ocorreu bem silenciosamente, tão silenciosamente que o resto da casa não notou absolutamente nada do que aconteceu nos meus dois quartos.

No meio-tempo, o departamento dos gravemente feridos foi transferido para mim...

Um sargento foi trazido para cá. Um tiro na medula deixou-o completamente paralisado. Ele não podia falar, fazer qualquer sinal, fazer-se entender de qualquer maneira. Ajoelhei-me ao lado dele, tentei tudo que se possa imaginar, mas ambos os pares de olhos se encontraram no mesmo desamparo. Eu não podia fazer nada por ele. Terei diante de meus olhos a imagem dessa pessoa desamparada deitada na minha frente por quanto tempo eu viver.

O Sargento Arthur Binz **Kutschuk Sjuren / Crimeia**

Os aviões russos ficaram vadiando em volta de nosso bairro quase a noite toda, e cá e lá jogaram seus cartões de visitas. Eles importunaram especialmente os canhões antiaéreos que estavam postos nas alturas do Bjuk Sjuren sobre a nossa I Esquadrilha. Então aconteceu algo estranho. Um de nossos mísseis de defesa deve ter atingido um dos aviões no dispositivo que continha seu suprimento de mísseis. Por causa disso, todas as bombas restantes caíram de uma vez, sem destino, em um estrondo ensurdecedor. Eu não gostaria de ter estado embaixo dessa caleira. Mesmo uma robusta cabeça bávara teria fracassado nessa situação, acho eu.

O Primeiro Tenente-Médico Dr. Willi Lindenbach † 1974 **Petrovskoie**

Domingo, 07 de dezembro de 1941 – Segundo Advento. A festa de Natal aproxima-se a passos largos. Eu realmente não teria acreditado que não teríamos férias algumas. Mas fazer o quê? – Estive hoje em Volokolamsk, aqui podia-se observar alguns guerrilheiros enforcados – como exemplo intimidador.

O Tenente Georg Kreuter 1913-1974 **Kosinki**

Hoje, devemos ser removidos! – 10:30 chega a Bateria. Partimos. Pena, era um alojamento bem legal. Havia até mesmo uma mulher de Moscou, jovem e limpa, com seu menino pequeno lá dentro. Podia-se conversar relativamente bem com ela. – Eu vou à frente com o carro da Companhia. Pego um atalho e chego a um local não ocupado. É Krutaja, onde os 5 homens foram assassinados. – A companhia mal foi submetida à 2ª Companhia, e já chega a nova ordem de que amanhã devemos continuar a viagem para assegurar uma nova localidade.

David Ortenberg ***Volokolamsk***

Nunca esquecerei minha viagem de campanha na liberta Volokolamsk com o redator do *Pravda*, P. Pospelow, o redator do Isvestiya, L. Rowinskij, e o escritor W. Stawskij.

Com um carro SIS-101, que tinha vários lugares, alcançamos a cidade em uma gelada manhã de dezembro de 1941. A metade oriental já havia sido tomada pela tropa; do outro lado do rio, na parte ocidental, ainda se lutava.

Uma imagem horrível na praça do centro da cidade chocou-nos: oito de nossos soldados, que haviam sido bestialmente torturados, estavam enforcados. Um arrepio passou por nós quando observamos essa atrocidade dos monstros sanguinários fascistas. De pé, ao lado dessa forca, nós, redatores dos principais jornais, decidimos tornar essa barbárie dos canibais nazistas

conhecida no mundo inteiro. Já no dia seguinte, apareceram os jornais com fotos e artigos impregnados do ódio aos criminosos fascistas.

O Cabo Reinhold Pabel *1915 **no Leste**

Ontem foi um dia amargo! Nunca antes havia ficado tão frio. Quando chegamos de manhã com a mochila no lombo (ainda isso!), o sol matinal brilhava dourado como num conto de fadas sobre os telhados de palha de nossas cabanas, o ar estava cristalino, o vento aparentemente frio. A neve range cantarolando sob as botas dos soldados. Os dedos doem sob a pressão das botas duras. Mal saímos do abrigo contra o vento oferecido pelas casas protetoras, temos ainda que esperar sobre um outeiro no meio do campo livre. Ficamos lá e congelamos miseravelmente. Não se tem nem mesmo luvas. A cada momento, vê-se como as extremidades do rosto embranquecem, os primeiros sinais de congelamento. Que bom que, quando continuamos a marchar, temos o vento às nossas costas ou no nosso flanco. Contudo, ainda restou um grande tormento, especialmente para nossos veículos velhos e desgastados pela luta quando devem ir colina abaixo e colina acima. Até Tomarovska ainda deu, mas de lá em diante o "caminho" foi um único declive acidentado. E o objetivo ainda não queria surgir atrás das colinas. Frequentemente, os caras tombavam duros, porque as mãos estavam enterradas nos bolsos, o que é doloroso, pois não ocorre aos camaradas serem prestativos ao homem caído, porque eles mesmos estão felizes por ainda estar de pé. Há muito, a escuridão já havia rastejado até nós quando as partes divididas da companhia nos reencontraram na rua de nossa acomodação. Completamente exaustos, com as extremidades congeladas, todos se deixam cair em algum canto da sala da acomodação. Apenas tarde da noite e da madrugada chegam nossos veículos. Foi um dia cruel!

E, por isso, hoje dia de descanso. Nossa acomodação é relativamente limpa e arrumada. Eles têm até carvão para aquecer. E no oratório de ícones (uma pequena lamparina queima diante dele), há um antigo evangeliário com um rico enfeite de metal sobre a capa. A velha me perguntou se eu sabia russo, então eu deveria ler um pouco dele para ela e ela gostaria de se sentar e ouvir. Ela havia guardado o livro quando os bolcheviques profanaram a igreja. Um feixe de flores de papel pende na frente do oratório e, como adorno, um cordão de papel trançado retirado de um caderno de matemática, no qual se veem equações com várias incógnitas. As pessoas têm boa vontade, mas são impotentes. Lá do outro lado, no acampamento dos motoristas, vi novamente imagens características. O muquifo inteiro, uma nuvem de mau cheiro. Os moradores: a mãe, uma filha meio crescida com uma cara idiota e

feições muito velhas, duas crianças pequenas. Uma, com uma deformação física horrível no abdômen, lava-se enchendo a boca de água e cuspindo a mesma nas mãos depois de bochechá-la bem, em seguida deixando que ela escorra pelo rosto. Isso foi ainda mais primitivo do que os outros métodos comuns de deixar a água de uma caneca correr pelas mãos com o auxílio de outra pessoa. Lá estão essas miseráveis pessoas que sonham acordadas, cozinham beterrabas ou batatas para si, dormem muito e longamente. Assim é o correr do dia. A dádiva de espírito brilha muito raramente nesses rostos, comumente vê-se apenas indiferença apática ou sorrisos planos em suas feições, como aquelas que, como fotos, enfeitam tantas paredes e representam a tia Katharina, ou o irmão ou o marido como sendo do Exército Vermelho. Não, desse povo não se deve esperar a contrarrevolução.

Hilde Wieschenberg 1910-1984 **Benrath**

Ao seu marido diante de Leningrado

Hoje, domingo, quando os pequenos flocos brancos cobrem a terra mais uma vez, sento-me em minha pequena sala de estar.

Querido, gostaria de escrever-lhe uma carta de Natal e espero que estas linhas cheguem até você no Natal. Como presente de Natal, eu tenho um livro para você, "Você, minha alma, meu coração". É um romance de Robert Schumann, no qual a vida se torna música e a música se torna vida, "A magia secreta de sua música, cheia de estremecedoras nuances da nostalgia e da melancolia, sorri através das partituras".

Acho que isso é a coisa certa para sua alma que recebe tão faminta todos os dias. Você conhece a melodia de sua canção "Você minha alma, meu coração, meu regozijo, oh, você minha dor". Já se ouviu esta música na caixinha de joias da emissora do *Reich* de Colônia. Posso usar as palavras também para mim?

Todo dia, sinto novamente o milagre de pertencermos um ao outro, como duas correntes cristalinas que fluem uma na outra.

Você, minha alma! Eu não gostaria de dizer estas palavras apenas silenciosa e contidamente, não, eu gostaria de pronunciá-las alto, em júbilo, pois, ao dar meu amor, também sou presenteada com uma riqueza imensurável. Você, meu coração. Querido, tudo mais que eu gostaria de dizer, não posso expressar em palavras. Você deve sentir isso, quando eu sentar a seu lado e puder ver seus bons olhos...

Franz Wieschenberg **(diante de Leningrado)**

À sua esposa

Hoje de manhã, nós, um suboficial e 4 homens, todos juntos, visitamos uma sauna russa. Trombei com a cabana ontem. Logo limpei-a e carreguei neve para lá. Hoje de manhã, o primeiro trabalho foi aquecê-la. Como suamos!! Nossa, isso dá um calor! Só posso contar-lhe como tudo está indo.

Quero responder da maneira mais sucinta sua pergunta sobre a "reserva". O mesmo batalhão não pode ser sempre o dianteiro no ataque, há um revezamento. Um sempre está na reserva. Segue, é claro, desleixadamente junto com os outros, algumas centenas de metros atrás deles.

Desde a semana passada, os piolhos me atormentam. Hoje, troquei a roupa e sinto-me muito melhor. Algumas vezes, voltando à noite da vigia, fiz a busca em minha camisa sob a lamparina de querosene e esmaguei algumas vítimas. Assim, dorme-se melhor.

Ontem tivemos uma nevasca aqui, o programa inteiro. Já é hora de finalmente montarmos o alojamento de inverno.

O Suboficial Wolfgang Buff 1914-1942 diante de Leningrado

Finalmente, depois de oito dias, alguma correspondência. Não posso escrever muito. Dor nos olhos. Lá fora está um frio cortante. Agora estamos em meio ao inverno russo. Que o Senhor esteja conosco. Ontem, chegou a carta querida e detalhada de minha mãe. Como a quota para a operação de olho do pai está demorando, escrevi hoje para o banco para que transferissem mensalmente a quantia de 40 marcos para a conta do pai. O meu desejo é que esse dinheiro sirva, em primeiro lugar, para o financiamento dos custos do lar e para ajudar a mãe nos negócios. Se houver mais alguma necessidade, simplesmente me escrevam. Não tenho a intenção de juntar grandes fortunas no banco.

Hoje à noite, há uma iluminação festiva aqui no *bunker*. Porque, além das duas lamparinas a gasolina que fiz com granadas de mão no Primeiro Advento, também está acesa uma das velas que vocês me mandaram. Pois hoje chegaram três pacotes grandes e um pacotinho. Ah, se eu pudesse apenas escrever sobre a alegria que eles me deram. Todas as coisas boas e o magnífico pedaço de toucinho! Mil vezes obrigado por tudo.

Mas eu ainda gostaria de pedir algo: há pouco escrevi sobre polainas de lã. Façam-nas bem quentes e bem compridas, como uma espécie de meião. Minhas calças de equitação são tão curtas e tão justas que não se pode abotoá-las. Façam algo semelhante para pulso e antebraço. Fora isso, também peço fósforos, eu preferiria um bom isqueiro, já que não se pode enviar fósforos. Mas o que se pode fazer se os reforços também deixam faltar isso, além de outras coisas. Mas ainda dá, ainda temos ficado saciados. Vou descrever-lhes minha situação abertamente, para que não tenham preocupações desnecessárias. A situação de perigo

diminuiu bastante nos últimos tempos. Há semanas – além dos cavalos, dos quais perdemos 60 – não temos mais perdas. O inverno também paralisou as lutas.

Agora estamos há oito semanas em nossa morada subterrânea, e o aperto, a escuridão e o frio estão nos dando trabalho e estão consumindo nosso corpo e alma. Às vezes, quando minha cabeça falha, sinto-me irritado e nervoso com tudo; isso acontece certamente devido à luz ruim, ao ar, à fuligem e à fumaça no *bunker*. Mas devemos estar felizes e sermos gratos por ter um abrigo como esse. E é meu consolo que também esse período tenha sido determinado por Deus, como os três dias de Jonas na baleia, e ele há de ter uma duração determinada.

Um Oficial **(diante de Leningrado)**

Acabei de ter (sic)[490] vários tiroteios muito cansativos, porque foram difíceis, e certamente estava no ânimo de ler, mas não de escrever. Por isso, peguei "O Reich" [periódico; V.S.P.] e, como sempre no "Reich", a parte cultural, e adiei a resposta da carta do Senhor para ontem. E, apesar de ser um domingo, novamente não deu certo. Depois de termos sido o alvo russo por tempo suficiente, pudemos, uma vez, responder com tudo e sem preocupações com a própria munição. Não há escassez nos objetivos recompensadores, quando se mantém um posicionamento B já na 11ª semana. E assim foi ocupado o restante do dia, sem que restasse tempo para necessidades privadas.

O inverno russo é monótono. Nós já notamos isso apesar de ainda não tê-lo conhecido na guerra móvel. Se a guerra aqui diante de Petersburgo continuar assim, eu, de qualquer forma, vou passar por ela de maneira ainda mais agradável do que o inverno anterior no canal. Ainda estou na mesma casa firme que já se ofereceu como posicionamento B em setembro, aqui tenho uma escrivaninha junto a uma poltrona para o dia e um sofá de couro como acomodação para dormir à noite. A sala de estar e o quarto de dormir são aquecíveis. E as vidraças que, inicialmente, tiveram o fim de todos os mortais cada vez que recebemos tiros foram substituídas agora por grandes chapas de madeira compensada com pequenos quebra-ventos de carro para entrar luz. Agora, elas já aguentaram mais de dez tiros certeiros com granadas de artilharia de 15 cm que aterrissaram em nosso barraco, além de um número igual de bombas que caíram muito próximas. Agora, a sala de estar e o quarto são aquecíveis. Assim eu consigo aguentar melhor do que era de se esperar na Rússia, de qualquer maneira. O tempo corre agradavelmente rápido. Uma vez que agora podem ser enviados pequenos pacotes, eu pedi para virem alguns livros que me ponham teologicamente um pouco em marcha ou que

[490] A carta deve ter sido escrita dois dias depois da cena descrita. [V.S.P.]

me interessem. Com isso também passa o tempo. Mas geralmente o russo se ocupa de que o tempo não se prolongue muito.

Pjotr Samarin 1888-1942 ***Leningrado***

Fogo da artilharia por toda a madrugada e também de manhã. Apesar disso, dormimos em casa. Não havia luz elétrica no apartamento, devia-se acender uma vela. Liducha queixou-se do desperdício de vela. Era necessário ficar na fila para comprar Papirossi [tipo de cigarro russo; V.S.P.]. Lá fora está um frio rígido, - 25 graus. Procurei pão e Papirossi por um bom tempo. Cheguei completamente congelado a meu local de trabalho na estação de trem moscovita e tive que me aquecer por uma hora e meia. O diretor do departamento da fábrica Jurtchenko, meu colega de trabalho, esquentou-se a meu lado. Ele queria trocar um quarto de litro de aguardente e meio litro de querosene por bolo de azeite no mercado. Eu recebi 125 gramas de pão. Minha mulher e eu recebemos a ração de pão dos funcionários.

Na lanchonete da fábrica, eu recebi algo de almoço. Uma sopa, pela qual me cobraram marcos de 25 gramas de grãos, então um pedaço de linguiça por 50 gramas de carne e 5 gramas de manteiga.

Misturamos tudo e cozinhamos à noite. Cada um recebeu um prato e meio de sopa. O pão é escasso. Durante o jantar, ocorreu uma briga feia devido ao açúcar e às balas. Então tivemos que dividir o total para os dez dias e nos contentar com o que estava disponível. Liducha se irrita com tudo e não consegue compreender a situação. Ela me considera avarento e mesquinho, mas não se trata de bons modos e postura nobre, mas da divisão correta de alimentos para a autopreservação.

A vizinha comunicou que recebeu uma ordem do comando militar para se apresentar, com a proposta de abandonar Leningrado. Fala-se em toda a parte da evacuação através da estrada sobre o gelo do lago Ladoga. À noite, li os jornais, isso é difícil sem luz. Tantas novidades, na verdade é pena que a gente não consiga se dar com tudo isso. No programa de rádio noturno foi trazida a notícia sobre a entrada dos EUA na guerra contra a Alemanha, Hungria e Romênia.

O correio está trabalhando mal, até hoje ainda não recebi nenhum jornal moscovita de dezembro. Li algumas páginas de “Guerra e Paz” de Liev Tolstói. É quase impossível sem luz. Por causa das dificuldades com o material para aquecimento, o comitê executivo de

Leningrado decidiu abastecer a população com água quente. As escolas estão organizadas em casas individuais no bairro dos estudantes.

O Oficial Leo Tilgner 1892-1971 **diante de Leningrado**

Para sua esposa

Minha querida Lydia, uma carta já foi enviada hoje, mas, como eu fiz um pacotinho, informo-lhe que estou enviando alguns cacos para você. O desenho chinês agradou-me muito. Mandei recolherem os cacos, mas infelizmente ainda faltam algumas peças da mesa de mármore. São escombros do tempo dos tsares. No segundo pacote, encontra-se uma travessa de madeira que alguém deixou para mim. Os cacos podem, eventualmente, ser grudados. Assim, se obtém uma imagem melhor. Poder-se-ia colar a imagem grudada em um quadro de madeira compensada e então pendurar. Ainda tenho um segundo conjunto de cacos, do qual eu tenho todos os pedaços. Mando mais tarde, quando eu receber uma caixa de papelão maior. A peça poderia ser colocada em uma moldura de madeira depois de colada. Mas a moldura deveria ser o mais estreita possível e poderia ser colada diretamente na peça. Só se deve tomar cuidado agora para que nenhum caco se perca. O clima está mais suave. Em compensação, neva ainda muito mais forte. Com a estagnação dos suprimentos que é de se esperar, não se pode pensar em férias. Alguém do batalhão viajou 8 dias inteiros de Riga até aqui. – Meu sabonete está acabando. Se você ainda tiver um de Riga, também pode ser sabonete de guerra, por favor, envie-o para mim. – Podemos nos alegrar por ter um lar tão simpático, com rádio e luz. Mal se pode imaginar o que quer dizer não ter luz, como é o caso em alguns lugares. A claridade do dia dura apenas 6 horas. Nós providenciamos velas a tempo para o caso de alguma vez faltar luz. Segundo o *Wehrmachtbericht* [informe diário do exército alemão; V.S.P.] de hoje, o inverno russo começou, o que quer dizer que estamos isolados pela neve. Mas eu espero que a correspondência ainda consiga chegar a tempo.

A médica Galina Samowarowa ***Leningrado***

Todos os gatos e cachorros da cidade haviam sido comidos. Os homens morriam antes das mulheres porque eles eram musculosos e tinham menos gordura. As mulheres, mesmo as pequenas, tinham muito mais. Mas elas também morriam, apesar de serem mais resistentes.

As pessoas transformavam-se em anciões porque a gordura era completamente consumida e todos os músculos e veias sobressaíam nos corpos.

A médica Anna Kondratjewa ***Leningrado***

Esses rostos horríveis, esses olhos arregalados, os ossos do nariz cobertos apenas pela pele, esses rostos sem qualquer expressão.

Jura Rjabinkin 1925-1942 ***Leningrado***

Ontem, ocorreram alguns acontecimentos interessantes. A mãe combinou secretamente com Gromow que ela pegaria o cartão de empregado de Sucharew para si, porque ele já foi cortado da lista do comitê nacional. Ontem, compramos 350 gramas de balas e 125 gramas de pão com esse cartão.

Comemos imediatamente tudo, fora o macarrão. Além disso a mãe recebeu um bilhete para o presidente do Comitê Regional, segundo o qual ele deveria receber o bolo de azeite. Isso certamente não vai dar em nada. A Sra. Turanosowa prometeu hoje dar botas de feltro velhas para a mãe, mas eu não pude buscá-las de manhã porque estava gelado demais. Ontem, a Sra. Buschujewa ainda esteve em nossa casa. Mas a mãe não estava em casa. A Sra. Buschujewa quer deixar Leningrado a pé, amanhã. Hoje à noite, por volta das 6 horas, ela quer dar mais uma passadinha.

Estes dez dias serão decisivos para o nosso futuro. A principal tarefa é escolher com quem e como viajaremos. Se eu tivesse ao menos comido até ficar satisfeito duas vezes, uma depois da outra! De onde devo tirar as forças para todas as dificuldades que estão diante de mim... A mãe está doente de novo. Hoje, ela só dormiu três horas, das três às seis da manhã. Na verdade, eu deveria ir até a Sra. Turanosowa para buscar as roupas quentes. Mas lá fora impera um tempo fortemente gelado, estou tão cansado que eu temo ir para fora.

Comecei a escrever meu diário no início do verão e agora já é inverno. Eu não tinha previsto que meu diário se tornaria algo como isso.

Estou economizando dinheiro. Agora eu já tenho 56 rublos em dinheiro vivo, dos quais só eu sei. O forno foi desligado e a cozinha está começando a ficar fria. É preciso vestir o casaco para não congelar. E eu quero ir para a Sibéria! Mas eu sinto que, se me dessem algo para comer, a melancolia e o abatimento se dissipariam, o cansaço acabaria, a língua se soltaria e eu seria um ser humano e não somente algo semelhante a isso.

Toda noite, o Igor vem até nós, o irmão de Anfisa Nikolajewna. Anfisa Nikolajewna o engorda e alimenta com suas reservas de pão seco. Se ela for embora agora, não nos restará

nada. Talvez ela ainda nos deixe o vale com o qual recebemos diariamente meio litro de leite na Clínica de Tuberculose no mercado Klinskij. O mercado está sob fogo de artilharia, ele não fica apenas longe demais, mas também é perigoso ir para lá.

Eu emagreci cerca de 10 a 15 quilos, não mais. Talvez menos, mas isso se deve à enorme quantidade de água que se bebe. Outrora, bastava um copo e meio de chá durante a manhã, e hoje seis copos de chá não são suficientes.

Juriji Gorjunow ***Leningrado***

Início de dezembro de 1941. Frio penetrante nas plataformas da estação de trem Finnljandskii. Um trem urbano cujos vagões eram aquecidos por fornos cilíndricos feitos de tonéis. Viajamos quase dia e noite até o local onde hoje fica a estação Lago Ladoga. Tudo correu bem, exceto a avaria de nossa locomotiva a vapor por um tiro de artilharia durante o trajeto.

No declive de Vaganovskii, baldeamos para os caminhões. Alguns desses caminhões estavam cobertos com lonas. A lona protegia-nos um pouco do vento que vinha do Ladoga, mas não havia qualquer tipo de proteção contra o frio de trinta graus negativos. Lembro-me que ficamos um bom tempo parados. Apenas mais tarde ficamos sabendo que a coluna de carros à nossa frente havia sido atacada por aviões alemães. O caminho de gelo estava destruído e tínhamos que esperar até que um desvio ficasse pronto. Sobre o destino de nossos predecessores não se falava, sua sorte estava clara para todos nós.

Finalmente, nos colocamos em movimento. Como efeito do balançar para lá e para cá ficou um pouco mais quente. As crianças e mulheres estavam sentadas em baixo da lona. Através da fenda da lona que balançava e era costurada sem justeza não se podia ver muito. Apenas a amplitude sem fim do Ladoga e os carros que seguiam atrás de nós. Na caçamba aberta de um carro, onde também foram acomodados os equipamentos, estavam o meu pai e mais alguém. Eu não conseguia entender como eles podiam não ter congelamento algum em um frio daqueles e com um vento tão penetrante.

De vez em quanto, podia-se ver nossos aviões de caça que voavam baixo sobre a estrada. E em toda a parte, soldados, soldados, soldados... Eles estavam ao longo de toda a estrada com suas pás e suas camuflagens brancas que se misturavam com a neve.

Na outra margem do Ladoga, os alemães haviam sido expulsos, nós passamos por vilarejos incendiados, onde apenas as chaminés elevavam-se ao céu. A estação de trem intacta em Voibokalo. E as pessoas sem teto. Um mulher com sua menina pequena cozinha uma sopa rala em um forno de ladrilho.

Ludmila Komrakowa *1931 ***Leningrado***

Esta é a minha lembrança mais oculta. Muitas décadas se passaram, mas acontece frequentemente que eu ainda hoje ouça claramente o terrível som da minha boneca Mascha quebrando. Mas deixe-me contar na ordem dos acontecimentos...

Quando estávamos com nossa tia preparando-nos para a evacuação, tínhamos apenas um dia à disposição para procurar e juntar as coisas mais indispensáveis, caso contrário, queriam tirar minha irmã e eu da tia, porque ela não tinha papéis para nossa guarda e nós duas éramos reconhecidas como órfãs (a mãe havia morrido e o pai lutava no *front*). Mas antes de sua morte, a mãe havia implorado para a tia que não nos entregasse para ninguém, e a tia havia dado sua palavra de honra.

Estava muito frio em dezembro de 1941; quando nos preparávamos para a longa viagem, devia-se levar acima de tudo coisas quentes e a bagagem era severamente limitada no tamanho e no peso.

A tia havia jogado tudo em um pequeno saco e para a minha boneca Mascha, com a qual eu adormecia todas as noites, não havia espaço. E a Mascha tinha olhos azuis tão bonitos, com sedosos e longos cílios e cabelos longos, ela era de porcelana, podia piscar e vestia um maravilhos vestido vermelho-escuro.

Eu comecei a chorar sofregamente.

"Prefiro ficar aqui, eu não vou para lugar nenhum sem a Mascha. Eu não posso deixá-la na mão", – falei eu, tão decidida que minha tia começou a tirar as coisas da sacola de novo. Ela renunciou a levar algumas coisas e arrumou espaço para a minha Mascha.

Viajamos com um trem da estação Finnljandskij até o lago Ladoga e, quando nosso trem havia chegado à estação Vaganovo, os bombardeiros de mergulho alemães lá estavam, e nós tivemos que desembarcar rapidamente em uma confusão inimaginável e levar nossas coisas. Foi um verdadeiro inferno. Tudo em volta estrondeava e queimava, os gritos das crianças e os chamados ensandecidos de suas mães se misturaram em uma cacofonia. E nessa confusão, eu ouvi como se estivesse silencioso quando nosso saco caiu no chão e algo dentro dele rangeu traiçoeiramente.

Para mim, ficou imediatamente claro que a minha Mascha havia quebrado, comecei a chorar sofregamente, fiquei soluçando por muito tempo. A tia havia nos feito descer em uma cratera de explosão ainda fumegante, onde ficamos até o final do ataque. E minha boneca ficou em algum lugar lá em cima, meu coração queria explodir de preocupação. Quando nós escalamos para fora, não achamos mais nossa sacola. Os ladrões de campanha sempre viajavam junto.

Minha boneca Mascha, portanto, estava desaparecida. Não havia caído em batalha, não estava ferida, mas desaparecida.

*

Werner Vordtriede 1915-1985 ***Evaston***

Acabaram de anunciar pelo rádio que o Japão bombardeou a frota americana no Havaí e nas Filipinas. Agora certamente seguirá a declaração de guerra. Portanto, agora acabou.

Thomas Mann 1875-1955 ***Pacific Palisades***

Em guerra com o Japão. Notícias de rádio agitadas. Bombardeios nas Filipinas e Honolulu. No país, ira e harmonia. Manifestações de senadores pacifistas e isolacionistas para o governo e a defesa. Quão bem preparados os amarelos podem estar e quão mal preparados os EUA – não é sabido. A derrota do Japão poderia acelerar os acontecimentos. Declaração de guerra do Canadá. A inglesa virá em seguida.

Continuei escrevendo um pouco da "Thamar". À tarde, no passeio. Verão indiano, muito quente.

Harold Nicolson 1886-1968 ***Londres***

Depois do almoço, ouvimos as notícias às 9 horas. Os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Eu não creio nisso. Então sintonizamos nas notícias alemãs e francesas e ouvimos detalhes. Roosevelt ordenou a mobilização das forças militares americanas e instruiu as frotas a cumprir suas ordens secretas.

Estou como que anestesiado por essas notícias. Contudo, Roosevelt estava negociando com Kurusu e havia enviado um escrito pessoal ao *mikado*. Enquanto essas negociações ainda estão em andamento, os japoneses conduzem um pesado ataque aéreo a 7.000 milhas de distância. Todo o empreendimento me parece tão louco quanto o ataque de Hitler à Rússia. Estou estupefato.

*

Adam Czerniaków 1880-1942 **Gueto de Varsóvia**

De manhã, comunidade. Às 12 horas, inaugurei o curso de farmacêuticos. À 1, eu fiz um pequeno discurso no evento de "socorros no inverno".

Danuta Czech **(Campo de Concentração Auschwitz-Birkenau)**

No necrotério são entregues os cadáveres de 21 presos. Dos registros feitos no livro do necrotério obtém-se a informação de que cinco prisioneiros que eram designados pelos números 23 616, 15 653, 19 374, 21 057 e 20 254 foram mortos no bloco 19 com injeções de fenol.

*

Terra natal, suas estrelas, elas brilham para mim também em um lugar distante.
O que elas dizem, eu interpreto com tanto prazer
Como a senha afetuosa do amor.
Belos momentos da noite, o céu é como um diamante.
Mil estrelas continuam a ronda,
Carinhosamente enviadas para mim pela amada.
Na lonjura, eu sonho com a terra natal.[491]

[491] Heimat, deine Sterne, sie strahlen mir auch am fernen Ort. / Was sie sagen, deute ich ja so gerne / als der Liebe zärtliches Losungswort. / Schöne Abendstunde, der Himmel ist wie ein Diamant. / Tausend Sterne stehen in weiter Runde, / von der Liebsten freundlich mir zugesandt. / In der Ferne träum' ich vom Heimatland.

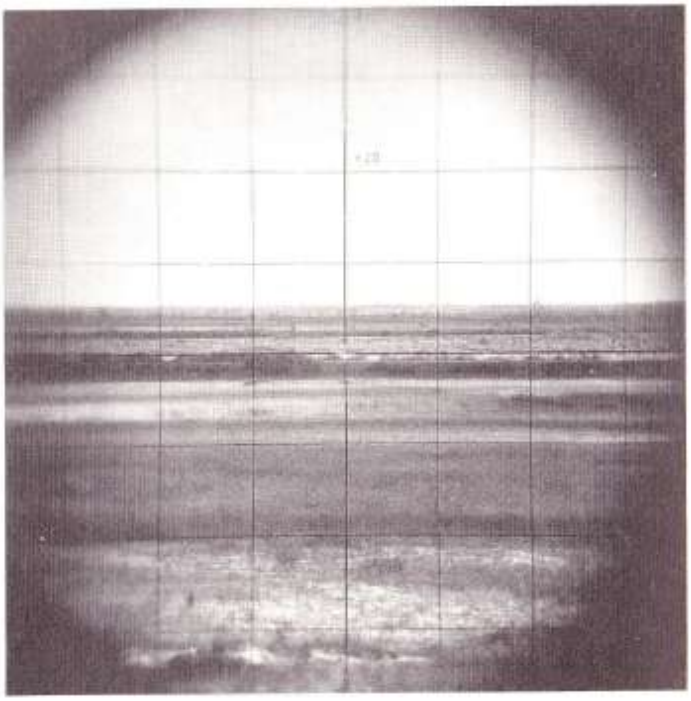
Figuras

Ladoga-See, Dezember 1941

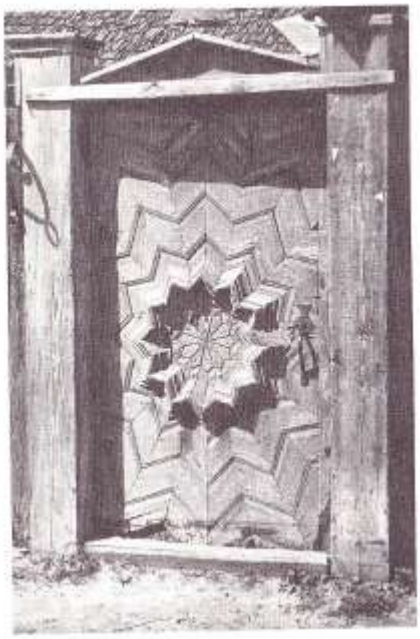
[Fig. 1]

Ladoga-See, Dezember 1941. «Das Wetter: 43 Grad unter Null.»

[Fig. 2]



[Fig. 3]



[Fig. 4]

Iwan Belonossow vor der Einberufung am 27. Juni 1941, mit seiner Mutter Marija

[Fig. 5]

[Fig. 6]

Dezember 1941

[Fig. 7]

Grenzsoldat Iwan Taranetz, 1916–1941, mit seinem Wachhund Vulkan

[Fig. 8]

Smolensk 1941

[Fig. 9]

[Fig. 10]

Alexej Repnikow
vor der Einberufung
im Juni 1941,
mit seiner Frau

[Fig. 11]

Moskauer Hauptbahnhof, Abschied von der Tochter, die später bei einem deutschen Bombenangriff ums Leben kam.

[Fig. 12]

«Transport und Bewachung russischer Gefangener, das war unsere Hauptaufgabe.»

«Russische Gefangene in Minsk»

«Nach den großen Kesselschlachten 1941 kamen die gefangenen Russen zu Hunderttausenden.»

[Fig. 13]

«Täglich krachten die Salven unseres Ehrensaluts an den Gräbern unserer Kameraden, unüberhörbar für die anderen, die in unmittelbarer Nachbarschaft in einem großen, gemeinsamen Lazarettraum in ihren Betten lagen und selbstverständlich merkten, wenn wieder einer von ihnen hinausgetragen wurde.»

[Fig. 14]

Leningrad, Sagorodnyi Prospekt, 20. 12. 1941

[Fig. 15]

Leningrad, Dezember 1941

[Fig. 16]

Leningrad, Opfer eines Volltreffers

[Fig. 17]

Bibliografia

Fontes

KEMPOWSKI, Walter. *Alkor. Tagebuch 1989.* München: Albrecht Kanus Verlag, 2001.

_____. *Alles umsonst.* München: Albert Knaus Verlag, 2006.

_____. *Bloomsday '97.* München: Albert Knaus Verlag, 1997.

_____. *Culpa. Notizen zum "Echolot"*. München: Albert Knaus Verlag, 2005.

_____. *Das Echolot. Abgesang '45. Ein kollektives Tagebuch*. 4 vol. München: Albert Knaus Verlag, 2004.

_____. *Das Echolot. Barbarossa '41. Ein kollektives Tagebuch*. München: Albert Knaus Verlag, 2002.

_____. *Das Echolot. Ein kollektives Tagebuch*. 4 vol. München: Albert Knaus Verlag, 1993.

_____. *Das Echolot. Fuga Furiosa. Ein kollektives Tagebuch*. 4 vol. München: Albert Knaus Verlag, 1999a.

_____. *Haben Sie davon gewußt? – Deutsche Antworten.* München: Albrecht Knaus Verlag, 1999b.

_____. *Haben Sie Hitler gesehen? – Deutsche Antworten.* München: Albrecht Knaus Verlag, 1999c.

_____. *Hamit. Tagebuch 1990.* München: Albrecht Knaus Verlag, 2006.

_____. *Sirius. Eine Art Tagebuch. Mit 245 Abbildungen.* München: Albrecht Knaus Verlag, 1990.

_____. *Somnia. Tagebuch 1991*. München: Albrecht Knaus Verlag, 2008.

Bibliografia de apoio

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad.: Iraci de Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Trad.: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. *Remnants of Auschwitz. The Witness and the Archive*. Trad.: Daniel Heller-Roazen. New York: Zone Books, 2002.

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I.* Trad.: Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. *Teoria Estética.* Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s.d.

ALBRECHT, Richard. *Exil-Forschung. Studien zu deutschsprachigen Emigration nach 1933.* Frankfurt am Main, Bern: Peter Lang, 1988.

ALTMAN, Janet Gurkin. *Epistolarity. Approaches to a Form.* Columbus: Ohio State University Press, 1982.

ALY, Götz. *Hitlers Volksstaat.* Frankfurt am Main: Fischer, 2005.

ANKERSIMT, Frank R. "Historismus, Postmoderne und Historiographie." In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst. *Geschichtsdiskurs. Band I. Grundlagen und Methoden der Historiographiegeschichte.* (1a edição 1993) Frankfurt am Main: Humanities Online, 2003. p. 65-84.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. Trad.: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARNTZEN, Helmut. *Satirische Redemimesis in der* Deutschen Chronik *von Walter Kempowski.* In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 1-13.

ASSMANN, Aleida. *Erinnerungsräume*. München: C.H. Beck, 1999.

_____. *Der lange Schatten der Vergangenheit.* München: C.H. Beck, 2006.

_____. *Von individuellen zu kollektiven Konstruktionen von Vergangenheit*. Disponível em: <http://www.univie.ac.at/zeitgeschichte/veranstaltungen/a-05-06-3.rtf > Acesso em: 27/04/2005.

_____. "Zur Mediengeschichte des kulturellen Gedächtnisses." In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. *Medien des kollektiven Gedächtnis.* Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

ASSMANN, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis*. 3a. Ed. München: Beck, 2000.

BAKER, Nicholson. *Menschenrauch.*Trad.: Sabine Hedinger, Christiane Bergfeld. Hamburg: Rowohlt Verlag, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. "Epos e Romance." In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética.* Trad.: Aurora Formoni Bernadini *et alii*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993. p. 397-429

BARTHES, Roland. *A câmara clara.* Trad.: Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASSLER, Moritz. "Geschichte: naivster Form der LITERATUR? Paul Valéry in Walter Kempowskis *Echolot*." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 16-26.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Einführung in die Textlinguistik.* Tübingen: Max niemeyer Verlag, 1981.

BECKER, Heinz. "Die Briefausgabe als Dokumenten-Biographie." In: FRÜHWALD, Wolfgang. (org.) *Probleme der Brief-Edition.* Bonn: DFG, 1977. p. 11-26

BECKER, Sabina. "'Weg ohne Rückkehr' – Zur Akkulturation deutschsprachiger Autoren im Exil." In: HAEFS, Wilhelm. *Nationalsozialismus und Exil 1933-1945.* München, Wien: Carl Hanser Verlag, 2009. p. 245-265

BECKER-CANTARINO, Barbara. "Gegenwartsbewältigung. Ingeborg Drewitz und Walter Kempowski." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 28-45

BENJAMIN, Walter. *Das Passagen-Werk.* Baden-Baden: Suhrkamp Verlag, 1991.

_____. *Obras escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BITTEL, Karl Heinz. "Beschreibung eines Kampfes. Über die Entstehung von Walter Kempowskis *Echolot*" In: DAMIANO, Carla; DREWS, Jörg, PLÖSCHBERGER, Doris. (org.) *„Was das nun wieder soll?" Von* Im Block *bis* Letzte Grüße. *Zu Werk und Leben Walter Kempowskis.* Göttingen: Wallstein Verlag, 2005. p. 137-149

BRANDES, Ute. *Zitat und Montage in der neueren DDR-Prosa.* Frankfurt am Main: Verlag Peter Lang: 1984.

BRAUDEL, Ferdinand. *Escritos sobre a História*. Trad.: J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRIEGLEB, Klaus. "Der Editor als Autor. Fünf Thesen und Auswahlphilologie." In: MARTENS, Gunter; ZELLER, Hans (hrg.) *Texte und Varianten.* München: Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1971. p. 91-116

BROWNING, Christopher R. *Ganz normale Männer*. 5 ed. Hamburg: Rowohlt, 2002.

_____. *Die Entfesselung der "Endlösung"*. Trad.: Klaus-Dieter Schmidt. Berlin: Ullstein Buchverlage, 2006.

BUFF, Wolfgang. *Vor Leningrad*. Kassel: Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge, 2000.

BÜRGER, Peter. *Teoría de la Vanguarda.* Barcelona: Ediciones Península sa, 1974.

CANDIDO, Antonio *et alii. A Personagem de Ficção.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CARONE, Modesto. *Metáfora e Montagem.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

CARP, Stefanie. "Schlachtbeschreibung." In HERR, Hannes; NAUMAN, Klaus (hrsg.) *Vernichtungskrieg: Verbrechen der Wehrmacht 1941-1944.* Hamburg: Hamburger Ed., 1995. p. 664-679

CLEARFIELD, Andrew M. *These Fragments I have shored. Collage and Montage in Early Modernist Poetry.* Harvard: UMI Research Press, 1984.

CYTRYNOWICZ, Roney. "O Silêncio do Sobrevivente: Diálogo e Rupturas entre Memória e História do Holocausto." In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.) *História Memória, Literatura.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 123-138

CZERNIAKOW, Adam. *The Warsaw Diary of Adam Czerniakow.* Trad.: Stanislaw Staron. Chicago: Ivan R. Dee, 1999.

DAMIANO, Carla A. *Walter Kempowski's "Das Echolot"*. Heidelberg: Winter, 2005a.

_____. "Walter Kempowski: Lehrer und Schrifsteller." In: DAMIANO, Carla; DREWS, Jörg, PLÖSCHBERGER, Doris. (org.) *„Was das nun wieder soll?" Von* Im Block *bis* Letzte Grüße. *Zu Werk und Leben Walter Kempowskis.* Göttingen: Wallstein Verlag, 2005b. p. 171-187.

DINER, Dan. "Ereignis und Erinnerung. Über die Variationen historischen Gedächtnisses." In: BERG, Nicolas. (org.) *Shoah – Formen der Erinnerung.* München: Fink, 1996. p. 13-31

DREWS, Jörg. *Nachruf auf Walter Kempowski – Eigenbrötler, Chorleiter, Clown*. Disponível em: <www. walter-kemposki.de/nachruf_drews.pdf> Acesso em: 01/05/2008.

_____. *Zäh, heiter und weise*. Disponível em: <http://www.titel-forum.de/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=2335> Acesso em: 03/05/2008.

DRONSKE, Kerstin (org.) *"Nun muß sich alles, alles wenden" – Walter Kempowskis "Echolot" Kriegsende in Kiel.* Wachholtz Verlag: Neumünster, 2005.

DURZAK, Manfred. "Zitat und Montage im deutschen Roman der Gegenwart." In: *Die deutsche Literatur der Gegenwart.* Stuttgart: Reclam, 1976. p. 216-234

ECO, Humberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EISENSTEIN, Sergei. *A Forma do Filme.* Trad.: Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002a.

_____. *O Sentido do Filme.* Trad.: Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002b.

_____. *Reflexões de um Cineasta.* Trad.: Gustavo A. Doria. Zahar Editores, 1969.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad.: Álvara Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

EMONS, Hans. *Montage – Collage – Musik.* Berlin: Frank & Timme: 2009.

ERLL, Astrid; GYMNICH, Marion; NÜNNING, Ansgar. "Einleitung: Literatur als Medium der Repräsentation und Konstruktion von Erinnerung und Identität." In: ERLL, Astrid; GYMNICH,

Marion; NÜNNING, Ansgar (org.) *Literatur – Erinnerung – Identität*. Trier: WVT Wissenschaft Verlag Trier, 2003. p. iii-ix

ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. "Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft. Ein Überblick" In: In: ERLL, Astrid; GYMNICH, Marion; NÜNNING, Ansgar (org.) *Literatur – Erinnerung – Identität*. Trier: WVT Wissenschaft Verlag Trier, 2003. p. 3-28

ERLL, Astrid. *Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen.* Weimar: Verlag J.B. Metzler Stuttgart, 2005a.

_____."Literatur als Medium des kollektiven Gedächtnisses." In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. *Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft.* Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2005b. p. 249-276

ESPOSITO, Esposito. *Soziales Vergessen.* Trad.: Alessandra Corti. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2002.

FÄHNDERS, Walter. "Dokumentarliteratur." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 383-385

FEUCHERT, Sascha. "Vermischte Nachrichten und der intertextuelle Pakt." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 139-

FISCHER, Ernst. *Soziales Vergessen.* Trad.: Alessandra Corti. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2002.

FRANCO, Renato. "Literatura e Catástrofe no Brasil: Anos 70". In: SELIGMAN-SILVA, Márcio (org.) *História Memória, Literatura.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 351-370

FRANK, Gustav. "Literaturtheorie und Visuelle Kultur." In: SACHS-HOMBACH, Klaus. (hrg) *Bildtheorien.* Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009.

FRICKE, Harald; STUCK, Elizabeth. "Textsorte." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 612-615

FRITZSCHE, Peter. "Walter Kempowski's collection." In: *Central European History.* Vol. 35 Nr. 2. Cambridge University Press, 2002. p. 257-267

FULDA, Daniel. "Abschied von der Zentralperspektive. Der nicht nur literarische Geschichtsdiskurs im Nachwende-Deutschland als Dispositiv für Jörg Friedrichs *Brand*." In: WILMS, Wilfred; RASCH, William. (org.) *Bombs Away! Representing the Air War over Europe and Japan.* Amsterdam, New York: Rodopi, 2006. p. 45-64.

GABLER, Hans Walter. "Genetic Texts – Genetic Editions – Genetic Criticism." In: JANSOHN, Christa (hrg.) *Problems of Editing.* Tübingen: Niemeyer, 1999. p. 59-78

GADAMER, Hans-Georg. *Hermeneutik im Vollzug.* Tübingen: Mohr, 1993.

GALLE, Helmut. "La representación literaia de la guerra: de la ficción al archivo de testemonios. La obra *Ecosonda* de Walter Kempowski." In: Reescrituras de la memoria

social. II Congreso Internacional de Filosofia de la Historia. 11 a 13 de outubro de 2006. Universidade de Buenos Aires. (CD-Rom) ISBN: 978-987-1450-14-5. (sem paginação)

GEYER, Michael. "The Place of the Second War in German Memory and History." Trad.: Michael Lathan. In: *New German Critique, No 71, Memories of Germany*, Spring/Summer, 1997. p. 5-40

GILFILAN, Daniel. "Erinnerung zwischen Fotografie und Television. Ein intermedialer Ansatz zu Kempowskis *Bloomsday '97*." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.153-163.

GOLZ, Jochen. "Brief." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 251-255

GÖRNER, Rüdiger. "Tagebuch." In: LAMPING, Dieter *et alii. Handbuch der lieterarischen Gattungen.* Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 2009. p.703-710

GRÉSSILLON, Almuth. "Bemerkungen zur französischen 'édition génétique'." In: ZELLER, Hans; MARTENS, Gunter (hrg.) *Textgenetische Edition.* Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 52-64

_____. *Literarische Handschriften. Einführung in die "critique génétique".* Trad.: Frauke Rother, Wolfgang Günther, Almuth Grésillon. Berlin, Frankfurt am Main, Wien: Peter Lang Verlag, 1999.

HAGE, Volker. *Collagen in der deutschen Literatur.* Frankfurt am Main; Bern; New York; Nancy: Peter Lang, 1984.

_____.*"Das alte Europa wurde zerstört."* Entrevista com Walter Kempowski. Disponível em: <https://www.spiegel.de/kultur/gesellschaft/0,1518,258211,00.html> Acesso em: 23/06/2003

_____. *Walter Kempowski – Bücher und Begegnungen.* München: Albrecht Knaus Verlag, 2009.

_____. *Zeugen der Zerstörung. Die Literaten und der Luftkrieg.* Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2003.

HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *On collective memory*. Trad.: Lewis A. Coser. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

HANUSCHEK, Sven. "Dokumentardrama." In: LAMPING, Dieter *et alii. Handbuch der lieterarischen Gattungen.* Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 2009. p. 137-143

HASSELL, Ulrich von. *Die Hassell-Tagebücher.* Berlin: Siedler Verlag, 1988.

HAY, Louis. “Drei Randglossen zur Problematik textgenetischer Editionen. Wünsche des Lesers.” In: ZELLER, Hans; MARTENS, Gunter (hrg.) *Textgenetische Edition.* Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 65-80

HELBIG, Holger. “Kompilator Kempowski. Das *Echolot* als Museum.” In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 203-220.

HEMPEL, Dirk. “Autor, Erzähler und Collage im Walter Kempowskis Gesamtwerk.” In: DAMIANO, Carla; DREWS, Jörg, PLÖSCHBERGER, Doris. (org.) *„Was das nun wieder soll?“ Von* Im Block *bis* Letzte Grüße. *Zu Werk und Leben Walter Kempowskis.* Göttingen: Wallstein Verlag, 2005. p: 21-33.

HEMPEL, Dirk. *Walter Kempowski. Eine bürgerliche Biographie.* Müchen: btb Verlag, 2007.

HENNING, Falko. *Zum Kaffee bei todkrankem Dichter.* Disponível em: <http://www.welt.de/kultur/article966480/Zum_Kaffee_beim_todkranken_Dichter.html> Acesso em: 22/06/2007.

HENSCHEL, Gerhard. *Da mal nachhaken: Näheres über Walter Kempowski.* München: Deutscher Taschenbuchverlag, 2009.

_____. *Das Echolot der Deutschen*. Disponível em: <http://www.taz.de/index.php?id=digi-artikel&ressort=sw&dig=2007/10/06/a0188> Acesso em: 06/10/2007

HILBERG, Raul. *Täter, Opfer, Zuschauer*. Trad.: Hans Günter Holl. Frankfurt am Main: Fischer, 1992.

HILMES, Carola. “Auf verlorenen Posten: Die autobiographische Literatur.” In: HAEFS, Wilhelm. *Nationalsozialismus und Exil 1933-1945.* München, Wien: Carl Hanser Verlag, 2009. p. 417-445

HINTERMEIER, Hannes. *“Der Mensch muss uns doch für verrückt halten!”* Entrevista com Walter Kempowski. Disponível em: <http://www.faz.net/s/Rub1DA1FB848C1E44858CB87A0FE6AD1B68/Doc~E4E4688087C594AD3BCB7BB948E016598~ATpl~Ecommon~Scontent.html> Acesso em: 22/07/2006

MICHAELSEN, Sven. *“Der Ärger muss raus.”* Entrevista com Walter Kempowski. Disponível em: <http://www.stern.de/kultur/buecher/walter-kempowski-der-aerger-muss-raus-148204.html> Acesso em: 05/10/2007

HOFFMANN, Dieter. *Arbeitsbuch Deutschsprachige Prosa seit 1945.* Bd 1. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag, 2006.

HURLEBUSCH, Klaus. “Den Autor besser verstehen: aus seiner Arbeitsweise.” In: ZELLER, Hans; MARTENS, Gunter (hrg.) *Textgenetische Edition.* Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 7-52

IGGERS, Georg G. “Das Programm einer Strukturgeschichte des historischen Denkens. Anmerkungen zu H. W. Blanke.” In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst.

Geschichtsdiskurs. Band I. Grundlagen und Methoden der Historiographiegeschichte. (1a edição 1993) Frankfurt am Main: Humanities Online, 2003. p. 331-335.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético. Vol. 1.* Trad.: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético. Vol. 2.* Trad.: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JACOBS, Peter. *Victor Klemperer. Im Kern ein deutsches Gewächs.* Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 2000.

JAEGER, Klaus. "'Wo steckt der witz in Kempowski-Büchern?'" In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 221-244.

JAHN, Peter; DAMEROW, Ingrid. *Erinnerung an einen Krieg. Museum Berlin-Karlshorst.* Berlin: jovis Verlagsbüro, 1997.

JAHN, Peter. (org.) *Blockade Leningrads. Dossier 1941-1944.* Germany: Museum Berlin-Karlshorst e.v.e staatliches Museum der Geschichte St. Peterburgs Christoph Links, 2004

JARAUSCH, Konrad H.; SABROW, Martin. *Verletztes Gedächtnis.* Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2002.

JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage*. 2 ed. München: R. Piper, 1996.

JENS, Inge (hrg.) *Hans Scholl und Sophie Scholl. Briefe und Aufzeichnungen.* (9. Auflage) Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuchverlag, 2005.

JESKE, Wolfgang. "Briefroman." In: KNÖRRICH, Otto. (org.) Stuttgart: Kröner, 1981. p. 49-57.

KINDT, Tom. "'Ich bin traurig und pfeife vor mich hin.' Zur Komik bei Kempowski am Beispiel des Tagebuchs *Alkor*." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 276-292.

KLEE, Ernst; DREßEN, Willi; RIEß, Volker. *"Schöne Zeiten." Judenmord aus der Sicht der Täter und Gaffer.* Frankfurt am Main: S.Fischer, 1988.

KLEMPERER, Victor. *Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten. Tagebücher 1933-1941.* (11. Neu durchgesehene Auflage) Berlin: Aufbau-Verlag, 1999.

_____. *LTI.* (1a ed. 1957) Stuttgart: Reclam, 2007.

KLEPPER, Jochen. *Überwindung. Taschenbücher und Aufzeichnungen aus dem Kriege 1941.* Stuttgart: Deutsch Verlags-Anstalt, 1958.

_____. *Unter dem Schatten deiner Flügel.* Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1956.

KLOTZ, Volker. *Geschlossene und offene Form im Drama*. München: Carl Hanser Verlag, 1969.

_____. "Zitat und Montage in avantgardistischer Literatur und Kunst". In: *Sprache im technischen Zeitalter* 57-60 (1976) p. 259-293

KÖHLER, Klaus. "Chronik der Apologie. Walter Kempowski und die Welthöllen der Menschheit." In: ARNOLD, Heinz Ludwig. *Text + Kritik. Heft 169. Walter Kempowski.* München: Richard Boorberg Verlag, 2006. p. 72-81

KÖRTE, Mona. "Der Krieg der Wörter. Der autobiographische Text als künstliches Gedächtnis." In: BERG, Nicolas. (org.) *Shoah – Formen der Erinnerung.* München: Fink, 1996. p. 201-214

KRAUS, Esther. "Autobiographie." In: LAMPING, Dieter *et alii. Handbuch der lieterarischen Gattungen.* Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 2009. p. 22-30

KUCZYNSKI, Jürgen. *Probleme der Autobiographie.* Berlin, Weimar: Aufbau-Verlag, 1983.

KUBY, Erich. *Mein Krieg.* Berlin: Aufbau Taschenbuch Verlag, 2000.

_____. *Mein Ärgerliches Vaterland.* Berlin: Aufbau-Verlag, 2010.

KYORA, Sabine. "Weltgeschichte in der Nähe. Zur Rolle von Subjekt und Geschichte(n) in Walter Kempowskis *Echolot*" In: DAMIANO, Carla; DREWS, Jörg, PLÖSCHBERGER, Doris. (org.) *„Was das nun wieder soll?" Von* Im Block *bis* Letzte Grüße. *Zu Werk und Leben Walter Kempowskis.* Göttingen: Wallstein Verlag, 2005. p. 151-169.

LAMPART, Fabian. "Historischer Roman." In: LAMPING, Dieter *et alii. Handbuch der lieterarischen Gattungen.* Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 2009. p. 360-369

LAMPERT, Andreas. *Montagetechnik als Möglichkeit Geschichte objektiv zu bezeugen?* Disponível em: <http://parapluie.de/archiv/zeugenschaft/montage> Acesso em: 30/04/2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad.: Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEHMANN, Jürgen. *Bekennen – Erzählen – Berichten. Studien zu Theorie und Geschichte der Autobiographie.* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988.

_____. "Autobiographie." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p.169-173

LETHEN, Helmut. "Das Echolot des Geschichtszeichens Stalingrad." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 319-331.

LUBRICH, Oliver (Hrg). *Reisen ins Reich. 1933 bis 1945. – Ausländische Autoren berichten aus Deutschland.* Frankfurt am Main: Eichborn Verlag, 2004.

LÜSENBRINK, Hans-Jürgen. “Tropologie, Narrativik, Diskurssemantik. Hayden White aus literaturwissenschaftlicher Sicht.” In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst. *Geschichtsdiskurs. Band I. Grundlagen und Methoden der Historiographiegeschichte.* (1a edição 1993) Frankfurt am Main: Humanities Online, 2003. p. 355-361

MARTENS, Lorna. *The diary novel.* New York: Cambridge University Press, 1985.

MEIERHENRICH, Jens. “A question of guilty.” In: *Ratio Juris.* Vol. 19, No. 3, September 2006. p. 314-342

MATTENKLOTT, Gert. “Briefroman.” In: *Literaturlexikon. Bd. 13. Begriffe, Realien, Methoden.* Ed. Volker Meid. Gütersloh. München: Bertelsmann, 1992.

MÖBIUS, Hanno. *Montage und Collage. Literatur, bildende Künste, Film, Fotografie, Musik, Theater bis 1933.* München: Fink, 2000.

MOELLER, Robert G. “Germans as Victims?” In: *History & Memory.* Volume 17, Number 1/2, Spring/Summer 2005. p. 147-194

MÖHLER, Hans. “Jochen Klepper – Ein Leben auf der Grenze.” Bielefeld: Luther-Verlag, 2003.

MOLTKE, Helmuth James von. *Briefe an Freya. 1939-1945.* München: Beck, 1988.

MON, Franz. “Collagetexte und Sprachcollagen”. In: *Texte über Texte*. Neuwied, Berlin: Luchterhand, 1970. p. 116-136.

_____. “Collage in der Literatur”. In: *Prinzip Collage.* Neuwied, Berlin: Luchterhand, 1968. p. 50-62

MOSEBACH, Martin. *Wir alle stecken im Jammekleid unserer Zeitgenossenschaft*. In: F.A.Z, 21/05/2007, Nr. 166, p. 39.

MÜLLER, Rolf-Dieter. *Der letzte deutsche Krieg 1939-1945.* Stuttgart: Klett-Cotta, 2005.

MÜLLER, Wolfgang G. “Brief.” In: LAMPING, Dieter *et alii. Handbuch der lieterarischen Gattungen.* Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 2009. p. 75-83

N., Helmut. *Briefe des Soldaten Helmut N.* 193-1945. Berlin, Weimar: Aufbau-Verlag, 1988.

NEUHAUS, Volker. *Typen Multiperspektivischen Erzählens.* Köln, Wien: Böhlau, 1971.

NEUMANN, Birgit. “Literatur als Medium (der Inszenierung) kollektiver Erinnerungen und Identitäten.” In: In: ERLL, Astrid; GYMNICH, Marion; NÜNNING, Ansgar (org.) *Literatur – Erinnerung – Identität*. Trier: WVT Wissenschaft Verlag Trier, 2003. p. 49-77

NIETHAMMER, Lutz. “Die postmoderne Herausforderung. Geschichte als Gedächtnis im Zeitalter der Wissenschaft.” In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst. *Geschichtsdiskurs. Band I. Grundlagen und Methoden der Historiographiegeschichte.* (1a edição 1993) Frankfurt am Main: Humanities Online, 2003. p. 31-49

NOLCKEN, Isa Freiin von. "'[...] und werden nur diese Stunden, wo Deine Briefe kommen, stets glückliche Stunden' Analyse einer Feldpostsammlung aus dem Zweiten Weltkrieg zur Darstellung der Komplexität der Quellenart." In: *Krieg und Literatur / War and Literature Vol. XVI*. Osnabruck: V&R unipress. Erich-Maria-Remarque Archiv / Forschungsstellu Krieg und Literatur, 2010. p. 7-36.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História. A problemática dos lugares." Trad.: Tara Ann Khony. In: *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de história da PUC –SP*. São Paulo, n.10, Dezembro 1993, p. 7 – 28.

PETERSEN, Jürgen H. "Der Montageroman" In: *Der deutsche Roman der Moderne.* Stuttgart: Metzler, 1991.

RADISCH, Iris. *Phrasen, die keiner mehr kennt*. Disponível em: <http://www.zeit.de/2005/09/L-Kempowski?page=all> Acesso em: 24/02/2005.

REHFELDT, Martin. "Archiv und Inszenierung." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 369-390.

REICHEL, Peter. *Der schöne Schein des Dritten Reiches.* Hamburg: Ellert & Richter Zeitgeschichte, 2006.

RESKE, Helmuth. "In seinem Wort mein Glück." Germany: Aussat Verlag, 2008.

RÜSEN, Jörn. *Zerbrechende Zeit.* Köln, Weimar, Wien: Böhlau Verlag, 2001.

_____. "'Moderne' und 'Postmoderne' als Geschichtspunkte einer Geschichte der modernen Geschichtswissenschaft. " In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst. *Geschichtsdiskurs. Band I. Grundlagen und Methoden der Historiographiegeschichte.* (1a edição 1993) Frankfurt am Main: Humanities Online, 2003. p. 17-30

SALLES, Cecília Almeida. "Crítica Genética." São Paulo: Educ, 2008.

SAUDER, Gerhard. "Briefroman." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 257-259.

SAUPE, Achim. *Der Historiker als Detektiv – der Detektiv als Historiker. Historik, Kriminalistik und der Nationalsozialismus als Kriminalroman.* Bielefeld: transcript Verlag, 2009.

SCHEIBE, Siegfried. "Zu einigen Grundprinzipien einer historisch-kritischen Ausgabe." In: MARTENS, Gunter; ZELLER, Hans (hrg.) *Texte und Varianten.* München: Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1971. p. 1-45

SCHLEGEL, Hans-Joachim. "Zum Streit um die Montage". In: *kürbiskern* 2 (1974), p. 82-86.

SCHMID, Irmtraut. "Was ist ein Brief? Zur Begriffsbestimmung des Terminus "Brief" als Bezeichnung einer quellenkundlichen Gattung." In: *Editio.* Bd 2 (1988). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988. p. 1-7

SCHNEIDER, Peter-Paul. "Montage-Zeit". In: *Literatur im Industriezeitalter.* Bd. 2. Marbach: Deutsche Schillegesellschaft, 1987. p. 731-758

SCHNEIDER, Wolfgang. *Im gurgelnden Chaos.* In: F.A.Z. 04/01/2006, p. L8.

SCHÖLLGEN, Gregor. *Ulrich von Hassel. 1881-1944. Ein Konservativer in der Opposition.* München: Beck, 1990.

SCHÖNBORN, Sibylle. "Tagebuch." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 574-577

SCHWITALLA, Johannes. "Gebrauchstexte." In: MÜLLER, Jan-Dirk (hrg) *Reallexikon der deutschen Lietaturwissenschaft.* Bd. III. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 664-666

SEBALD, Winfred G. *Luftkrieg und Literatur.* Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2002.

SEESLEN, Gregor.*Tanz den Adolf Hitler. Faschismus in der populären Kultur.* Berlin: Edition Tiamat, 1994.

SEIBEL, Wolfgang. *Die Formenwelt der fertigteile. – Künstlerische Monatgetechnik und ihre Anwendung im Drama.* Würzburg: Königshausen & Neumann: 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: A Escritura da Memória." In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, Memória, Literatura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 387-414

SILVA, Bárbara Cristina de Carvalho Martingil da; CARVALHO, Rosalice Maria Marinho de. "A Crítica Genética e a Crítica Textual: Dois Métodos para a Análise de Textos." In: *Scripta, Philologica, n.2,* 2006. (sem paginação)

SONTAG, Susan. *Diante da Dor dos Outros*. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Claire Parot de. *Böll e Kempowski: Representação da Segunda Guerra Mundial em um Romance (*Wo warst du Adam?*) e em um "diário coletivo" (*Das Echolot*).* São Paulo: USP, 2010. (dissertação)

STACKELBERG, Jürgen von. "Briefroman." In: LAMPING, Dieter *et alii. Handbuch der lieterarischen Gattungen.* Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 2009. p. 84-95

STEFAHN, Harald. *Die weiße Rose.* Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1992.

STEINBACH, Peter; TUCHEL, Johannes. *Gedenkstätte Deutscher Widerstand. Austellung: Widerstand gegen den Nationalsozialismus.* Berlin: Gedenkstätte Deutscher Widerstand, 2008.

_____. (org.) *Lexikon des Widerstandes 1933-1945.* München: Beck, 1998.

STEPANOVA, Elena. *Den Krieg beschreiben. Der Vernichtungskrieg im Osten in deutscher und russischer Gegenwartsprosa.* Bielefeld: Transcript, 2009.

STRUCK, Wolfgang. "Nachtflug. Materialität und Figuralität im *Echolot*." In: HAGESTEDT, Lutz. (Hrg.) *Walter Kempowski. Bürgerliche Repräsentanz – Erinnerungskultur – Gegenwartsbewältigung.* Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 444-457.

STUCKRAD-BARRE, Benjamin von. *Ich sterbe doch gerne.* Disponível em: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-51449058.html> Acesso em: 07/05/2007

SUDHOF, Siegfried. "Brief und Gegenbrief als Problem der Brief-Edition." In: FRÜHWALD, Wolfgang. (org.) *Probleme der Brief-Edition.* Bonn: DFG, 1977. p. 27-40.

SZONDI, Peter. *Theorie des modernen Dramas.* Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1963

TEUWSEN, Peer. *"Reiches, Schönes, Grauenhaftes."* Entrevista com Walter Kempowski. Disponível em: <http://www.weltwoche.ch/artikel/?AssetID=16974> Acesso em: 15/12/2007.

ULLRICH, Volker. *Der Kreisauer Kreis.* Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2008

VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema: Logística da percepção.* Trad.: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Boitempo, 2005.

VATER, Heinz. *Einführung in die Textlinguistik.* München: Wilhelm Fink Verlag, 1992.

VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema: Logística da percepção.* Trad.: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Boitempo, 2005.

VOSS, Ernst Theodor. *Erzählprobleme des Briefromans dargestellt na vier Beispielen des 18. Jahrhunderts.*(Tese) Bonn Universität: 1960.

WAGNER, Irmgard. "Geschichte als Text. Zur Tropologie Hayden Whites." In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst. *Geschichtsdiskurs. Band I. Grundlagen und Methoden der Historiographiegeschichte.* (1a edição 1993) Frankfurt am Main: Humanities Online, 2003. p. 212-232

WALDMANN, Günter. *Autobiographisches als literarisches Schreiben.* Germany: Schneider Verlag, 2000.

WARNER, Ansgar. *"Sie sollen mich für dumm halten"*. Entrevista com Walter Kempowski. Disponível em: <http://www.taz.de/index.php?id=archivseite&dig=2002/05/18/a0184> Acesso em: 18/05/2002.

WEIDERMANN, Volker. *Das Fortleben der Briefschreiber*. In: F.A.Z., 04/03/2005, Nr. 53, p. 38.

_____. *Nicholson Baker: "Menschenrauch" – War Churchill schuld?* In: F.A.Z, 02/03/2009. Disponível em: <http://www.faz.net/s/Rub48A3E114E72543C4938ADBB2DCEE2108/Doc~E4F5FA6C4101F4BE49713404ABD367623~ATpl~Ecommon~Scontent.html > Acesso em: 15/04/2010.

WEILAND, Severin. *Der bürgerliche Seismograf*. Disponível em: <http://www.spiegel.de/kultur/literatur/0,1518,509629,00.html> Acesso em: 05/07/2007

WELZER, Harald; MOLLER, Sabine; TSCHUGGNALL, Karoline. *"Opa war kein Nazi" – Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2002.

WELZER, Harald (org.) *Der Krieg der Erinnerung. Holocaust, Kollaboration und Widerstand im europäischen Gedächtnis*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2002.

WETSCH, James V. "The Narrative Organization of Collective Memory." In: *Ethos*. Volume 36, Issue 1, 2008. p. 120-135

ZELLER, Hans. "Befund und Deutung, Interpretation und Dokumentation als Ziel und Methode der Edition." In: MARTENS, Gunter; ZELLER, Hans (hrg.) *Texte und Varianten.* München: Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1971. p. 45-90

ZIPFEL, Gaby. "Wie führen Frauen Krieg?" In HERR, Hannes; NAUMAN, Klaus (hrsg.) *Vernichtungskrieg: Verbrechen der Wehrmacht 1941-1944.* Hamburg: Hamburger Ed., 1995. p. 460-474

ZMEGAC, Viktor. "Montage / Collage". In: ZMEGAC, Viktor; BORCHMEYER, Dieter. (Hrsg) *Moderne Literatur in Grundbegriffen.* 2., neu bearb. Aufl. – Tübingen: Niemeyer, 1994. p. 286 – 291.